



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

ANETE REGIS CASTRO DE ARAUJO

**ESPAÇO PRIVADO MODERNO E RELAÇÕES SOCIAIS
DE GÊNERO EM SALVADOR : 1930 – 1949**

SALVADOR

2004

ANETE REGIS CASTRO DE ARAUJO

**ESPAÇO PRIVADO MODERNO E RELAÇÕES SOCIAIS
DE GÊNERO EM SALVADOR : 1930 – 1949**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia,
como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor.

Área de Concentração: Restauração

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Fernandes

SALVADOR

2004

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
Faculdade de Arquitetura
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

ANETE REGIS CASTRO DE ARAUJO

ESPAÇO PRIVADO MODERNO E RELAÇÕES SOCIAIS
DE GÊNERO EM SALVADOR: 1930 – 1949

Tese para obtenção do grau de Doutor em Arquitetura e Urbanismo

Salvador, 05 de abril de 2004

Banca Examinadora:

Ana Fernandes _____
Doutorado em Gerenciamento e Ambiente
Université de Paris XII

Ana Alice Costa _____
Doutorado em Sociologia Política
Universidad Nacional Autonoma de Mexico

Lígia Bellini _____
Doutorado em História
Essex University - Grã Bretanha

Naia Álban Suárez _____
Doutorado em Arquitetura
Universidad Politécnica de Madrid

Maria Marta Camisassa
Doutorado em História e Teoria da Arte
Essex University - Grã Bretanha _____

A Paeta, meu companheiro

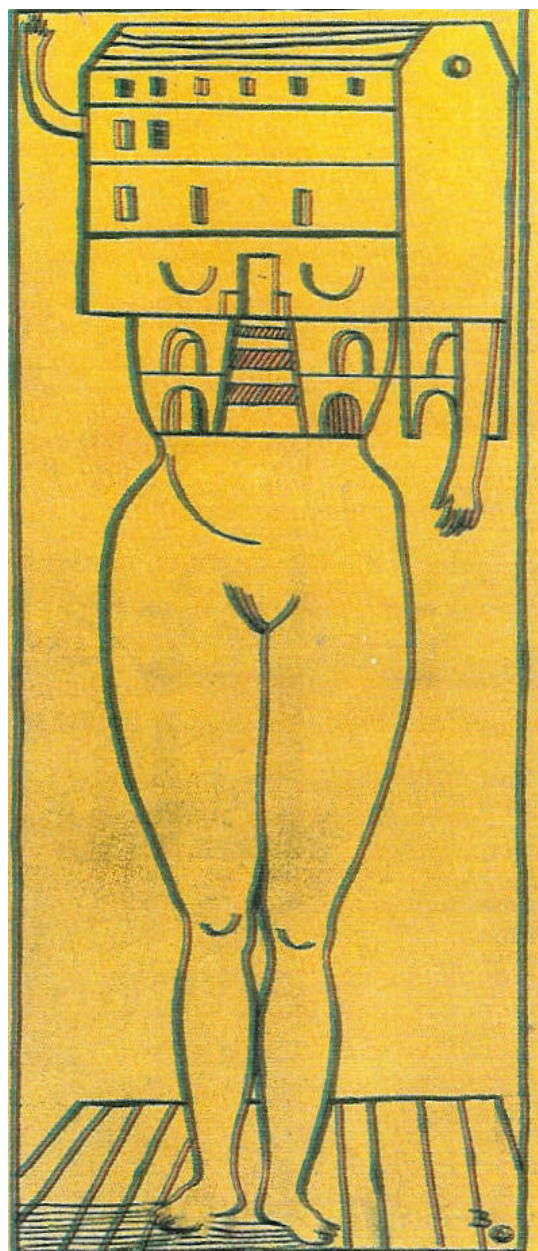
AGRADECIMENTOS

Na noite em que retornou do Chile, há quatro anos, a Prof^a Ana Fernandes me telefonou e disse: “Li seu artigo publicado na RUA, no avião, achei bárbaro. Agora você se inscreve no doutorado aqui da Faculdade!”. Foi quase uma ordem; uma das que acolhi pela vida afora, como dedicar-me a esta Tese foi um dos meus maiores prazeres. Por isso e por sua orientação agradeço-lhe sinceramente.

Meus agradecimentos às professoras integrantes da minha Banca Examinadora, cujas sugestões bibliográficas e de conteúdo indicadas no Exame de Qualificação foram muito valiosas no resultado final deste trabalho.

Agradeço aos amigos (as) da Faculdade de Arquitetura, especialmente a Naia Álban e Anna Beatriz, que deixaram a meu dispôr muitos dos livros aqui consultados. Agradeço aos amigos (as) que, por compartilharem muitas das minhas idéias, me estimularam.

Agradeço aos meus familiares, homens e mulheres amados, pelo apoio recebido, em especial a Claudio, pois sem sua revisão e editoração, este trabalho não teria se concretizado.



Louise Bourgeois
Femme Maison - 1947

O edifício não se move de lugar onde o puzeram
e assim deve ser a mulher:
tão amiga de estar em casa
como se
a casa e a mulher
foram uma mesma coisa.

Berilo Neves, 1930.

RESUMO

Esta Tese trata da interação mútua entre a construção do espaço moderno e as relações sociais de gênero na arquitetura residencial modernista produzida nas décadas de 30 e 40 do século XX na cidade de Salvador, Bahia. Seu objetivo principal é compreender, através de uma pesquisa em fontes primárias e secundárias, como uma fórmula arquitetônica: a divisão do espaço doméstico em três zonas - social, íntima e de serviço - foi repetida no tempo e como as instituições estabelecidas levaram o arquiteto, nas suas decisões projetuais, a reforçar as ideologias ali embutidas. Para entender como se deram as relações entre espaço arquitetônico e práticas sociais e entre arquitetura e ideologia foi necessário investigar a genealogia dessas relações, desde o regime patriarcal - que dominou as relações sociais de família extensiva, nos primeiros séculos da colonização - até a passagem do século XIX para o XX, quando então se institucionalizou a família nuclear. Por esta razão, o trabalho investiga, em paralelo à análise das residências modernistas - cujos princípios estéticos são influenciados pelo modernismo europeu do período entre guerras - a reflexão teórico-crítica das práticas e representações incluídas nessas habitações, apontando a manutenção da dualidade de gêneros em nossa sociedade. As casas analisadas não podem ser vistas apenas como estruturas utilitárias, mas como um projeto de vida a ser consumado, mergulhado em um mundo simbólico cujo conteúdo - ao menos em alguns aspectos - esperamos rever e transformar.

Palavras-chave: arquitetura residencial, espaço privado, gênero, mulher, Salvador, educação, ideologia, práticas sociais, representações.

ABSTRACT

This work deals with the mutual interaction between modern private space and gender relations in Salvador, State of Bahia - Brazil, in the thirties and forties, of the 20th century. Its principal aims are to understand, through an investigation in primary and secondary sources, how an architectural model - the domestic space division into social, intimate and service areas - has been invariably repeated in time and also knowing how Institutions lead architects, through their design, reinforce ideologies linked to practices in domestic life.

In order to grasp how the relations between domestic architectural space and ideology took place, it was necessary to investigate the origin of these relations and its transformations during patriarchal times. Patriarchal power has dominated social relations in the Brazilians "extensive" family from the first centuries of Portuguese colonization until the turn of the 19th to the 20th century, when the nuclear family was firmly established. For this reason the work investigates, in parallel to the analysis of the modernist houses, (whose aesthetic principles came from European modernism between wars) a theoretical critical approach regarding practices and representations inside the houses, pointing the maintenance of gender duality in our society, whose inequality we hope, at least in some aspects, to review and transform.

Keywords: residential architecture, private space, gender, race, woman, Salvador, education, ideology, social practices.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA	17
1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	34
2 A INSERÇÃO DA HABITAÇÃO NO ESPAÇO URBANO EM SALVADOR.....	37
2.1 PEQUENO HISTÓRICO	37
2.2 AS PRIMEIRAS TENTATIVAS DE MODERNIZAR SALVADOR: AS INTERVENÇÕES NA CIDADE	41
2.2.1 <i>Higiene, habitação e relações sociais.....</i>	<i>43</i>
2.2.2 <i>Transporte.....</i>	<i>46</i>
2.2.3 <i>Questões estéticas.....</i>	<i>48</i>
2.2.4 <i>Educação.....</i>	<i>49</i>
2.3 O DISCURSO HIGIENISTA CONTINUA	51
2.4 O GOVERNO DE J.J. SEABRA.....	54
2.5 AS VILAS OPERÁRIAS.....	57
2.6 ARQUITETURA E URBANISMO: NOVOS PENSAMENTOS E AÇÕES SOBRE A CIDADE	58
3 ARQUITETURA RESIDENCIAL EM SALVADOR	61
3.1 O ESPAÇO PRIVADO NOS SÉCULOS XVII, XVIII E XIX EM SALVADOR	61
3.1.1 <i>Introdução.....</i>	<i>61</i>
3.1.2 <i>Espaço privado e relações domésticas.....</i>	<i>66</i>
3.1.3 <i>A rua e as casas.....</i>	<i>67</i>
3.1.4 <i>Indústria caseira: sociabilidade no trabalho.....</i>	<i>69</i>
3.1.5 <i>As casas e a rua.....</i>	<i>72</i>
3.1.6 <i>Intimidade, privacidade e sociabilidade.....</i>	<i>76</i>
3.2 O ESPAÇO DOMÉSTICO POLIVALENTE DOS SÉCULOS XVII E XVIII	79
3.3 O ESPAÇO SEGREGADOR DO SÉCULO XIX: PRIMEIRA METADE.....	89
3.3.1 <i>A introdução dos corredores.....</i>	<i>90</i>
3.3.2 <i>Os novos padrões de sociabilidade.....</i>	<i>93</i>
3.4 SÉCULO XIX - SEGUNDA METADE: A IDEOLOGIA DO LAR	97
3.4.1 <i>Contextualização histórica: imigração, composição familiar e o papel da mulher.....</i>	<i>97</i>
3.4.2 <i>A nova implantação da casa no lote.....</i>	<i>100</i>
3.4.3 <i>A instituição da “sala de visitas”</i>	<i>102</i>
3.4.4 <i>Discurso médico e espaço privado: o modelo tri - partite e a família nuclear.....</i>	<i>105</i>
3.4.5 <i>O papel do profissional (arquiteto, engenheiro ou projetista).....</i>	<i>108</i>
3.4.6 <i>As novas tipologias residenciais.....</i>	<i>110</i>
3.5 A PASSAGEM DO SÉCULO XIX PARA O SÉCULO XX.....	114
3.5.1 <i>Intervenções urbanas e vida social no espaço público: a mulher na cidade.....</i>	<i>115</i>
3.5.2 <i>Tipologias residenciais.....</i>	<i>134</i>
3.5.3 <i>Legislação urbana e das edificações.....</i>	<i>140</i>
4 ARQUITETURA RESIDENCIAL MODERNISTA NA EUROPA.....	143
4.1 ANTECEDENTES: O ESPAÇO PRIVADO EM QUESTÃO NOS ESTADOS UNIDOS E NA EUROPA.....	143
4.2 A GRANDE REVOLUÇÃO DOMÉSTICA NOS ESTADOS UNIDOS.....	144
4.2.1 <i>A ideologia anti-feminista.....</i>	<i>150</i>
4.3 A EXPERÊNCIA EUROPÉIA: TEORIA RACIONAL E FUNCIONALISMO COMO PRINCÍPIO	152
4.3.1 <i>Para além do racionalismo.....</i>	<i>154</i>
4.3.2 <i>Idéias de funcionalismo.....</i>	<i>155</i>
4.3.3 <i>Dois registros da discussão modernista: classe e gênero</i>	<i>157</i>
4.3.4 <i>Os CIAMs.....</i>	<i>167</i>
4.4 ARQUITETURA RESIDENCIAL: CLIENTES ESPECIAIS E ARQUITETOS CONSAGRADOS	171
4.4.1 <i>Semelhanças nas diferenças.....</i>	<i>183</i>

5	MODERNISMO EM SALVADOR: GÊNESE E DESDOBRAMENTOS	189
5.1	ANTECEDENTES NO BRASIL: CONTEXTO POLÍTICO E SOCIAL	189
5.2	O PODER DO DISCURSO URBANÍSTICO	190
5.3	A PRODUÇÃO DA CIDADE	192
5.4	O EPUCS -ESCRITÓRIO DE PLANEJAMENTO E URBANISMO DA CIDADE DE SALVADOR	200
5.5	O <i>BOOM</i> DA CONSTRUÇÃO	206
5.6	AS PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES MODERNISTAS NO BRASIL	208
5.7	ARQUITETURA RESIDENCIAL MODERNISTA EM SALVADOR	210
6	ARQUITETURA MODERNISTA E ESPAÇO PRIVADO EM SALVADOR	221
6.1	A DÉCADA DE 30: O INÍCIO DA ABSORÇÃO DA ESTÉTICA MODERNISTA	221
6.2	A HABITAÇÃO VERTICAL EM SALVADOR: DÉCADA DE TRINTA	243
6.2.1	<i>Introdução</i>	243
6.2.2	<i>Edifícios de apartamentos: um empreendimento particular</i>	249
6.3	A ESTÉTICA MODERNISTA NOS ANOS 40 E O TREINAMENTO DOS PROFISSIONAIS	253
6.4	EDIFÍCIOS PLURI-DOMICILIARES NA DÉCADA DE 40.....	266
6.5	ESPAÇO PRIVADO: CASAS UNI-DOMICILIARES A PARTIR DE 1945	272
6.5.1	<i>O Parque Cruz Aguiar</i>	279
6.5.2	<i>A expressão modernista</i>	284
6.6	O PAPEL E A EDUCAÇÃO DA MULHER A PARTIR DE 1945	296
6.7	DESFAZENDO “NATURALISMOS”	304
7	CONCLUSÃO	309
	REFERÊNCIAS.....	315

INTRODUÇÃO

Entre os espaços arquitetônicos que mais interferem na vida das pessoas, ocupa lugar privilegiado o espaço privado das residências, até mesmo pelas transformações que os indivíduos, as famílias e a sociedade atravessaram e vêm atravessando desde as primeiras décadas do século passado. No entanto, raramente são questionadas as proposições e condições que informam o programa da casa, seja na prática projetual ou nas reflexões teóricas e históricas relacionadas ao espaço privado.

A permanência do modelo de zoneamento tri-partite (áreas social, íntima e de serviço), consolidado no final do século XIX e inerente ao programa da habitação na execução de projetos de arquitetura residencial, tem resistido no tempo, denunciando, de forma expressiva, a carência de reflexão, principalmente acadêmica, sobre os temas da habitação e do habitar.

O reconhecimento de que o espaço arquitetônico é sexuado - e que reforça a ideologia burguesa, cuja linguagem e história intelectual são construídas pela dualidade de gêneros - nunca é problematizado no exercício da arquitetura.

A dualidade masculino / feminino é uma formação discursiva, uma construção social cuja inserção na arquitetura - outra formação discursiva¹ - tem sido pouco aprofundada, principalmente quando se trata da arquitetura na qual essa dualidade é mais marcada e demarcada: a arquitetura residencial. Assim, se o objeto é o espaço doméstico, tentar compreender como as relações de gênero são processadas no seu interior, problematizando-as, torna-se essencial para deslindar seu funcionamento e objetivo no seio da sociedade. Este é o principal ponto que pretendemos desenvolver na nossa abordagem sobre o espaço privado moderno em Salvador, cuja historicização se faz necessária.

O espaço doméstico dos séculos XVII e XVIII - próprio da arquitetura vernacular, que acolheu a vivência dos indivíduos no decorrer dos séculos da colonização portuguesa no Brasil - apresentou transformações muito lentas, em consonância com o ritmo das mudanças na sociedade patriarcal. A principal característica desta sociedade foi manter o controle das famílias detentoras de propriedades e dos ricos comerciantes sobre a cidade e do patriarca sobre seus membros - notadamente as mulheres. Esse controle tinha o respaldo e o reforço da cultura religiosa, única dimensão intelectual da colônia. Códigos sociais de comportamento permearam a ocupação potencial dos espaços pela abertura ou restrição dos acessos e pela

¹ No sentido foucaultiano. A idéia de que o edifício é um objeto ou uma entidade não discursiva ao redor do qual flutuam as palavras do discurso é desafiada por Michel Foucault. Para ele, uma formação discursiva refuta a distinção entre um tijolo e uma palavra; ambos podem assim ser um elemento de um discurso. HIRST (1993) p. 52 a 60.

determinação de barreiras físicas entre os mesmos, embora ações transgressoras fossem freqüentemente observadas.²

As transformações econômicas, políticas, sociais, culturais e psicológicas do século XIX aceleraram as mudanças que, com a emergência de novas técnicas e novos saberes, veicularam novas ideologias na construção de um modo de vida burguês que pouco a pouco foi se consolidando - para a satisfação de seus representantes. Fascinados pelas influências teóricas oriundas do pensamento europeu - da área onde a revolução burguesa havia subvertido os padrões culturais e forjado um novo conteúdo ideológico -, substituem a transplantação da cultura de características feudais, adaptável ao Brasil escravocrata, por uma outra em que se alastram agora relações capitalistas.³

A constituição de valores e ideais fundamentais - os quais incidiram diretamente sobre a casa burguesa e foram elaborados no mesmo período da reestruturação da cidade - contou com os saberes ligados à medicina e ao direito. Com a entrada da figura de um arquiteto / autor, a repetição do ideal burguês de moradia - com suas zonas, social, íntima e de serviço atendendo a propósitos e convenções específicas - vai resultar em um modelo almejando outras classes, pois a burguesia, como assinala Foucault, trabalhou a si mesma, desenvolveu seu próprio tipo de indivíduo: para que certo tipo de liberalismo burguês se tornasse possível ao nível das instituições, foi necessário realizar, ao nível do que ele denominou micro-poderes, um investimento muito mais rigoroso, cuidadoso, nos corpos e comportamentos.⁴ A preocupação maior foi então com a ordem dentro da rede de relacionamentos na família, para que fosse possível manter a ordem na sociedade.

No caso da arquitetura doméstica, o programa então institucionalizado e consolidado na arquitetura modernista do século XX - ao qual o arquiteto vai conferir inteira e indiscutível legitimidade - pode representar uma forma ou um mecanismo de ação, entre tantos outros, de um desses micro-poderes. Pois aqui o interesse é mostrar como a produção arquitetônica está apoiada em um saber autoritário, também institucionalizado, presente na literatura especializada, e que precisa ser averiguado na sua repetição.⁵

Por outro lado, a escolha do espaço privado moderno é devida tanto ao interesse na investigação sobre a produção da arquitetura moderna, a qual vem se destacando no meio

² Para informações detalhadas sobre essas transgressões, v. ARAÚJO (1993), VAINFAS (1997), DEL PRIORE (1993) e LIMA (1987). Uma investigação específica sobre esta questão e sua ligação com o espaço doméstico nesse período parece ainda estar por ser feita.

³ WERNECK (1999) p. 39

⁴ FOUCAULT (1985)

⁵ Em relação à crítica inglesa, existem estudos sobre essa repetição nas leituras e recomendações de MUTHESIUS (1979), conforme descritas no seu clássico *The English House*. Outra investigação cobrindo a habitação européia, de meados do século XIX até as primeiras décadas do século XX, encontra-se em TEYSSOT (1991).

acadêmico, como à ausência de informações da produção de arquitetura residencial modernista em Salvador. Assim, concentramos nossa pesquisa - utilizando fontes primárias - a partir dos primeiros exemplares daquela arquitetura na cidade, isto é, entre 1930 e 1949.

A abordagem escolhida se relaciona a duas problemáticas diferentes que se articulam separadamente: de um lado, a própria consideração do que conceitualmente significa arquitetura modernista e, do outro, a reflexão teórica sobre as relações de gênero que, inevitavelmente, ganha contornos específicos quando o tema é a habitação.

Se definir arquitetura é uma questão complexa, parece que conceituar arte moderna ou arquitetura moderna e/ou modernismo é ainda mais problemático, embora no material pesquisado, no recorte escolhido, “arquitetura moderna” e “modernismo” sejam utilizados livremente.

Tratando das variadas denominações da arte moderna, Argan argumenta que houve um período em que se pensou que a arte, para ser arte, deveria ser moderna - ou seja, refletir as características e as exigências de uma cultura preocupada com o progresso, e que a arte deste período é também conhecida como modernista, - programaticamente moderna.⁶

Muitos autores, diante da conceituação complexa de modernismo, utilizam as definições de modernidade e modernização para então conceituar o modernismo. É em torno destes três conceitos que tem girado a reflexão sobre o mundo moderno e sua cultura. Como aponta Harrison⁷, na definição dos dois primeiros conceitos, as discordâncias são raras. **Modernização** refere-se “a uma série de processos tecnológicos, econômicos e políticos, associados à Revolução Industrial e suas conseqüências e **modernidade** refere-se às condições sociais e experiências que são vistas como efeitos desses processos”.⁸

Modernismo, para o autor, corresponderia a uma “certa posição ou atitude que se caracterizaria como uma forma de resposta tanto à modernização como à modernidade”. Porém, quando a palavra é aplicada à arte, alguns problemas surgem. O mais grave seria a tendência de utilizar o termo de uma forma genérica, para cobrir as manifestações artísticas de

⁶ ARGAN (1987). Por outro lado, o uso do termo arquitetura moderna, em um sentido mais abrangente ou diante da preocupação com a sua gênese, varia de autor para autor. TAFURI (1979), por exemplo, defende que a arquitetura moderna nasceu na região da Toscana, norte da Itália, no ato da inserção da cúpula de Santa Maria das Flores, em Florença, criação renascentista primeira, do arquiteto Brunelleschi. Por outro lado, quando especula sobre o “eclipse da história”, significando a ruptura da arquitetura moderna com o historicismo, TAFURI (1982) atribui esta desvinculação “moderna” às vanguardas “modernistas”. Já FRAMPTON (1996) toma a obra de J. Sufflot, a Igreja de Santa Genoveva (hoje Panteão), em Paris, enquanto inovação estrutural e espacial e os projetos dos arquitetos do Iluminismo como expressões da gestação da arquitetura moderna. O século XX então corresponderia ao período de sua expansão.

⁷ HARRISON (2000).

⁸ Idem, p.6.

tudo o período moderno. Para Harrison, “o modernismo trata antes de uma forma de ‘valor’ em geral associada a algumas obras que serviria para diferenciá-las das outras”.⁹

Embora este conceito apresente dificuldades,¹⁰ parece-nos que pode ser aplicado ao nosso caso, uma vez que temos como horizonte de preocupação identificar residências que, em Salvador, apresentem um valor vinculado à linguagem modernista européia (produzida no período entre guerras), semelhante àquelas já estudadas em outras cidades do país.¹¹

Desse modo, também seguimos a terminologia adotada por Weimer¹², que identificou o mesmo tipo de casas em Porto Alegre, e denomina-as “modernistas” - em um recorte temporal que coincide com o da nossa pesquisa. Esclarecendo que estamos longe de uma unanimidade sobre o conceito, e considerando as diferentes modalidades existentes de modernismo, Weimer lembra que a modernidade não é unívoca, “sendo capaz de assimilar contrastes e matizes deste complexo século XX”. Esta diversidade é, para o autor, uma das grandes dificuldades conceituais e operacionais do DOCOMOMO, identificada, inclusive, nos diversos seminários nacionais e internacionais já promovidos por este órgão.

Igualmente, se o DOCOMOMO, por motivo até mesmo simbólico, continua, em sua sigla, a se referir ao Movimento Moderno - quando sua “invenção” já é ponto pacífico para todos, em termos de construção historiográfica - é evidente que, nas suas publicações, a utilização do termo **modernismo** aplica-se às diferentes manifestações arquitetônicas encontradas nos países que compõem aquela organização.

O uso do termo **modernismo**, no presente trabalho, está igualmente associado ao fato de que, nas publicações nacionais e locais consultadas - incluindo jornais e revistas, contemporâneas ao período em estudo, também se encontra a utilização dos dois termos “modernismo” e “arquitetura moderna”.¹³ Da mesma forma, na literatura anglo-saxônica - cujo conteúdo é insumo constante neste trabalho - é freqüente o uso do termo **modernismo**.¹⁴

Vale acrescentar que, tratando a presente pesquisa de questões ligadas sobretudo ao espaço e não à forma, a discussão e o aprofundamento dessas conceituações não são de fundamental importância, razão pela qual outra postura aqui adotada é evitar dar nomes às manifestações plurais da arquitetura moderna em Salvador - como é comum nas histórias

⁹ Idem, Ibidem.

¹⁰ O próprio Harrison aponta problemas na seleção dessas obras, uma vez que muitas tendem a não se relacionar seja com o processo de modernização seja com a experiência da modernidade.

¹¹ Caso de São Paulo (DAHER, 1982), Maceió (SILVA, 1991) e Porto Alegre (WEIMER, 1998) entre outros.

¹² Documentation and Conservation of buildings, sites and neighbourhoods of the Modern Movement

¹³ Muito embora as conceituações não estejam claras nas referidas publicações.

¹⁴ Variações no uso do termo existem na Espanha, onde *modernismo* significa *art nouveau* e na França, onde o termo tem conotação pejorativa. No Brasil parece que esta conotação também existe quando a referência é feita à arquitetura que está sintonizada com os principais princípios do “Movimento Moderno” (na sua vertente hegemônica, corbusiana). O termo mais adequado seria então arquitetura moderna.

oficiais da arquitetura brasileira, ainda presas às questões de estilo. Desse modo, não serão consideradas diferenciações sobre o que constituem, por exemplo, o proto-modernismo ou o *art déco*, citando-os apenas quando pertinente e esclarecendo nas notas.

Tendo explicitado em termos gerais o tema principal do trabalho e sua dupla problemática, passaremos a descrever o percurso seguido nos capítulos, uma vez que a Tese, na sua elaboração, constou de idas e vindas: da pesquisa histórica a uma reflexão teórica e crítica, da descoberta de novos dados à tentativa de expor com alguma precisão a relação complexa entre espaço privado e público, da interferência do espaço doméstico nas relações sociais e destas sobre o espaço e, finalmente, pelos corredores dos arquivos onde - aliás - o trabalho árduo de ir e vir se concentrou.

Tendo em vista o fato de que o estudo das relações entre arquitetura e gênero é pouco desenvolvido no país e diante da complexidade das teorias, percepções e reflexões sobre a questão da habitação e do habitar, foi necessário - no Capítulo 1 - esclarecer o percurso teórico que, partindo da diferenciação das conotações tão variadas que o espaço privado comporta, se estendeu da crítica ao projeto arquitetônico para o papel do arquiteto ou projetista, e daí para a reflexão epistemológica da própria disciplina arquitetura.

A Tese consta de mais cinco capítulos e uma Conclusão. Os Capítulos 2 e 3 consistem em uma retrospectiva histórica. O primeiro se concentra nas transformações urbanas da Cidade de Salvador, privilegiando o tema da inserção - física, social e econômica - da habitação na mesma, desde o início da colonização portuguesa até as primeiras décadas do século XX.

O Capítulo 3 se detém, com um respaldo teórico-histórico mais geral, em termos de bibliografia, em descrições de práticas sociais no espaço privado, para daí percorrer algumas habitações soteropolitanas, tentando ler seus espaços à luz das mentalidades e práticas domésticas, das relações inter-pessoais, das fronteiras entre o privado e o público - nos séculos XVII, XVIII e XIX, em Salvador - e a transformação dessas experiências no tempo. Essa retrospectiva é necessária para entender as condições que possibilitaram a produção da arquitetura modernista e a influência que esta recebeu da cultura arquitetônica européia.

Para isso, o Capítulo 4 se concentra, por um lado, em uma revisão histórica dos princípios que embasaram o modernismo europeu nos anos 20 e 30 do século XX, os quais exerceram influência sobre os métodos de projeção no Brasil nos anos subsequentes. Por outro lado, o referido capítulo informa como se deu a emergência e a frustração das primeiras tentativas de abordar a questão de arquitetura e gênero pelos movimentos feministas, a partir de meados do século XIX, nos Estados Unidos, e depois, já no século XX, na Europa.

O capítulo termina com a análise descritiva de algumas residências americanas e européias que podem exemplificar certa transgressão do zoneamento da habitação acima referido.

No Capítulo 5, voltamos para o Brasil e para Salvador, desvendando fatos e experiências que podem explicar a gênese e os desdobramentos da absorção, ou não, do pensamento urbanístico moderno entre profissionais e políticos da cidade. A adoção da estética modernista nas residências baianas, suas prováveis fontes e os principais protagonistas de sua difusão também são contemplados nesse capítulo.

O Capítulo 6, cerne da pesquisa, analisa os espaços domésticos dos projetos encontrados nos arquivos e tenta, para compreender as relações sociais de gênero dentro daqueles espaços, perguntar em paralelo: quem são essas mulheres - as donas dessas casas? Qual a sua formação, seu processo de aprendizagem, onde e como as mesmas adquiriram conhecimento para tocarem suas vidas no mundo público e privado?

Essa abordagem histórico-crítica não só conduz à compreensão da força com que um modelo de habitação se estabeleceu, como torna possível o entendimento de como diversas instituições - entre elas a família, a educação e a arquitetura - são responsáveis para que as coisas sejam como são.

Pois é historicizando e questionando nossas instituições que nós revelamos sua construção artificial, portanto alterável. Brecht, cujo trabalho revelou o caráter mutável daquilo que se apresenta como familiar e imutável, já notava a dificuldade de romper o ciclo repetitivo de ações na sociedade, vinculado que está a controles específicos.¹⁵ As convenções, como representações do que há muito não foi alterado, são bloqueios para a tomada de consciência e para uma mudança potencial.

¹⁵ BRECHT, Bertold, "Pequeno Organon para o Teatro" (1948), citado por PEIXOTO (1979). Notas reunidas nos escritos sobre teatro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979 p. 337. Diz Brecht: *...porque parece impossível alterar o que nunca foi alterado. Nós estamos sempre diante de coisas tão óbvias para nos aborrecermos em compreendê-las. O que os homens experienciam entre eles é pensado como "a" experiência humana. A criança, convivendo em um mundo de adultos, aprende como as coisas funcionam lá... Mesmo se ela descobrir que aquilo que foi determinado pela 'Providência' foi, na verdade, promovido pela sociedade, ela tende a vê-la como aquele grupo de seres como ela, como um todo que é maior do que a soma das partes e, portanto, não podendo ser, de modo nenhum, influenciado. Além do mais, ela estaria acostumada a coisas que não poderiam ser influenciadas; e quem desconfia do que elas estão acostumadas?* PEIXOTO (1979) p. 342.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Os estudos e pesquisas sobre as habitações em geral - sejam em termos de produção nacional ou estrangeira - durante o século XX, resultaram, na maioria das vezes, em uma historiografia que privilegia os aspectos formais e estilísticos em detrimento dos espaciais e, uma vez se detendo na análise espacial, dificilmente questionam a distribuição e disposição dos cômodos no espaço doméstico, seus usos e o que representa em termos de construção social, abordagem principal deste trabalho.

Desde o século XIX, a atenção dada à distribuição e disposição do espaço doméstico foi importante e decisiva no que tange ao estabelecimento de normas e diretrizes para o projeto. A difusão desses arranjos espaciais, no entanto, não se limitou a publicações dirigidas para um público de especialistas, mas igualmente - e talvez principalmente - para o público leigo. Isso não foi gratuito. É no desenrolar desse século que se deu a grande transformação da casa, principalmente do seu espaço interno, no sentido de valorizar a privacidade e de estabelecer um zoneamento espacial que divide a moradia em três setores: social, íntimo e de serviço. A partir de então, o programa da casa institucionalizou-se e só recentemente alguns autores têm problematizado as razões dessa institucionalização e do papel do arquiteto ou projetista, dos historiadores e dos teóricos, nesse processo.

Começaremos analisando a produção desses historiadores e teóricos, no sentido de entender as razões pelas quais o tratamento do espaço privado - à exceção da abordagem teórica feminista mais recente, no exterior - parte sempre de esquemas funcionais a serem investigados, perpetuando assim o programa que certamente esconde os principais questionamentos que se podem fazer sobre o mesmo no projeto de habitação.

Podemos dividir a produção bibliográfica sobre a casa em dois grandes blocos que norteará a nossa avaliação, no sentido de adotar uma nova base teórica que se ajuste ao nosso objetivo. O primeiro, mais descritivo, desenvolve abordagens vinculadas ora aos aspectos formais, ora aos espaciais da habitação. Para reduzirmos o elenco dessa produção, sua concentração será nas obras do século XX, o que significa dizer que trata-se do contexto da produção da arquitetura moderna - tema do nosso objeto de estudo - e da literatura arquitetônica a ela relacionada. O segundo bloco se deterá, particularmente, nas abordagens teóricas que vão além da questão específica da casa - inserindo-a em uma teia interdisciplinar que inclui as ciências humanas e a filosofia - com o intuito de questionar sua construção epistemológica.

Todas as obras clássicas da história da arquitetura trazem, de uma forma mais ou menos extensa, considerações sobre a casa ou determinadas casas, pois a maioria delas se

concentra nas obras de arquitetos consagrados¹⁶ - identificando transformações estilísticas, buscando a origem e as causas dessas transformações e descrevendo as diferentes concepções volumétricas, plásticas e espaciais que resultaram da criação daqueles arquitetos. Além disso, é notória a ênfase dada à habitação ao ser feita qualquer referência à arquitetura moderna. Em termos de uma bibliografia mais ampla, a produção é enorme - incluindo a nacional e a estrangeira - cobrindo estudos tanto de vilas ou mansões das classes mais abastadas e de casas para a classe média quanto, e principalmente, daquelas destinadas à habitação popular, particularmente dos conjuntos residenciais. Porém, em todos os casos, um fato está sempre presente: a representação recorrente do programa, sendo mais simples ou mais complexo, mais reduzido ou mais amplo, termina por conter, invariavelmente, a concepção tri-partite da casa: áreas social, íntima e de serviço. O espaço privado está preso a esta condição e a razão, ou melhor, as razões do seu aprisionamento precisam ser investigadas.

Talvez o ponto de partida da presente investigação seja averiguar o pensamento, a base histórico-teórica, que subjaz sob esse aprisionamento, uma vez que identificar outras razões - construídas historicamente, nas dimensões cultural e sócio-econômica, no caso aplicado ao Brasil e a Salvador - é um dos objetivos do presente trabalho como um todo. Para tanto, um caminho eficaz pode ser uma incursão sobre os fundamentos teóricos e as abordagens metodológicas dos autores que discorrem sobre o tema, ou que inserem na sua produção alguma descrição ou reflexão sobre ele.¹⁷ E aí, parece que a primeira coisa a ser observada é o consenso sobre a casa ou abrigo como sendo a própria origem da arquitetura, isto é, o lar do primeiro homem. Nesse retorno às origens, a arquitetura conformaria todas as outras atividades humanas através da condição de abrigo primitivo. Uma revisão sobre as várias concepções desse abrigo nas formulações teóricas sobre a arquitetura e seu embasamento em estudos antropológicos, psicológicos, filosóficos ou poéticos é desnecessária. Muitos já o fizeram.¹⁸ É necessário, porém, ressaltar que a recorrência ao tema do abrigo primitivo está vinculada à crença de que nele se instituiu o espaço desde sempre habitável, humanizado, enquanto essência da arquitetura. Entre os textos que mais reforçaram essa crença, na segunda década do século XX, está o “Construir, Habitar, Pensar”, de Martin Heidegger, que se tornou, no dizer de Arantes, uma referência fundante, sem a qual os arquitetos não sabem

¹⁶ Naturalmente existem as exceções ligadas particularmente aos estudos da arquitetura vernacular ou que incorporam questões de antropologia social e cultural à compreensão do habitat humano.

¹⁷ SCHULZ (1975), RIKWERT (1999), ROSSI (1995), FRAMPTON (1996).

¹⁸ A exemplo de RAPOPORT (1972), BACHELARD (1996), OLIVER (1972), LLEÓ (1998). Os mais recentes, no Brasil, foram trabalhos divulgados em rede, na revista virtual Vitruvius, em 2003. Um, do arquiteto mexicano Affonso R. PONCE (<http://vitruvius.com.br/arquitextos/arq024/arq024/02.asp>) apresentado no II Seminário Nacional de Arquitetura, intitulado *Pensar e Habitar* e outro de Jorge Marão Carnielo Miguel, intitulado *Casa e Lar. A essência da arquitetura* (<http://vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp156.asp>).

mais refletir sobre a sua disciplina.¹⁹ Pois é em uma cabana na floresta - uma versão, reprodução ou repetição do abrigo primitivo - onde Heidegger realiza o seu “ser do construir”. Que esse texto seja um texto filosófico e não de arquitetura, como argumenta Arantes, não discutiremos aqui. Apontamos, contudo, que o mesmo - uma vez apropriado pelos arquitetos - afastou-se da vida concreta das pessoas nos seus espaços de vida cotidiana e de toda a problemática, social, psicológica e existencial aí embutida. Essa afirmação, no entanto, não impediu a transformação da vida cotidiana em poesia ou expressão poética²⁰ - prova disso é que já inspirou criações teóricas ou literárias e citações poéticas das mais belas - resultados das vivências carregadas de nostalgia que todos nós sentimos sobre a casa.

No que diz respeito à casa e aos seus espaços interiores, o posicionamento acrítico dos arquitetos levou a uma idealização ou romantização da mesma, tomada apenas como o lugar do abrigo, da proteção, do aconchego, do íntimo, da convivência feliz com os familiares e amigos, ou seja, somente atributos de natureza positiva, afastando a possibilidade de reconhecimento daqueles outros - angustiantes, temíveis, opressores e repressores que também habitam a casa.²¹ Inclusive aquela de Heidegger. Pois se a casa de “Construir, Habitar, Pensar” não acolheu o que não é familiar, conhecido; reprimindo as conotações do estranho, do temível, em “Ser e Tempo” - sua obra mais importante - o filósofo deixa o “ser do temer” habitar a casa.²² E mais, aproxima-se do conceito de “estranho” em Freud²³ (retomado adiante nesse trabalho) quando diz que o temor se transforma em pavor e que “o referente do pavor é, de início, algo conhecido e familiar” - e que, uma vez deixando de sê-lo (familiar), o temor transforma-se em horror.²⁴

Assim, a escolha unilateral de um texto mais recente de Heidegger (“Construir, Habitar, Pensar”), em um momento em que existe um desejo de lealdade aos conceitos específicos da arquitetura enquanto disciplina que se quer autônoma, reforça o discurso da gênese da arquitetura e da formação do conhecimento que lhe é próprio.²⁵ Mas o que lhe é próprio? O conhecimento do que é próprio da arquitetura não é apenas uma questão de técnica - que um artesão ou construtor, sem dúvida, entendia - mas também de epistemologia, isto é, a forma sistematizada de adquirir conhecimento sobre arquitetura. Essa epistemologia foi

¹⁹ ARANTES,(1993).

²⁰ Na poética de Rira Eng (1960) e de Virginia Woolf (1927) ou da escritora mineira, Adélia Prado, por exemplo.

²¹ Naturalmente que esses atributos negativos ou positivos ligados à casa variam, uma vez que não existe “a casa”, mas casas que se diferenciam quanto à sua pertença a diferentes classes sociais e diversidades culturais, no tempo e no espaço.

²² Agradeço a Liane Castro de Araujo a observação sobre o acolhimento desta idéia em Heidegger.

²³ Os conceitos *Heimlich* e *Unheimlich* (familiar / conhecido e não familiar / estranho) embora pareçam opostos, vão se transformar um no outro: “*Heimlich é Unheimlich*”, segundo Freud. FREUD (1967)

²⁴ HEIDEGGER (1995) p.197.

²⁵ Esta gênese, no pensamento clássico, é formulada no século XVIII pelo Abade Laugier, como veremos adiante.

formulada e reformulada em tratados tão antigos como o de Vitrúvio e constitui uma das principais (se não a principal) fontes de recorrência e repetição nos discursos de arquitetura.²⁶

Em “Os Dez Livros da Arquitetura”, Vitrúvio elenca uma série de conhecimentos que o arquiteto deve ter, como música, filosofia e história - além dos mais óbvios para o exercício do ofício de arquiteto - os quais acrescentam, para além do saber técnico, questões de significado, contexto e referências apropriadas e que resultam na valorização da autoridade para construir, sobre o conhecimento para tal.

De fato, essa autoridade remonta ao *De Architectura Libri Decem*, segundo Ingraham, e são nas histórias narradas por Vitrúvio naquele primeiro discurso sobre arquitetura - para auxiliá-lo em sua argumentação - que podemos precisar as questões da propriedade.

Podemos destacar duas dessas histórias: as explicações sobre as cariátides²⁷ e sobre a vitória dos lacedemônios sobre os persas²⁸, pois mostram como as mesmas retratam os princípios aprovados da construção (autoritária) gerados exatamente dessas narrativas de “propriedade” cultural e política. E elas são muitas, segundo o próprio Vitrúvio: “Igualmente, existem outras histórias do mesmo gênero das quais é necessário que os arquitetos tenham conhecimento”.²⁹

Sabemos que as disciplinas, de um modo geral, protegem-se de saber aquilo que elas não são, porque, assim fazendo, habilitam-se a construir uma genealogia, um ponto de partida para si próprias, um fator de identidade.³⁰

Pode-se especular nesse sentido sobre a preocupação teórica recorrente, referida anteriormente, em relação à “construção” da origem da arquitetura a partir da “cabana primitiva”, que tem na obra *Essay sur l’Architecture*, do Abade Laugier, datado de 1763, a sua versão mais clássica (nos dois sentidos).³¹ Antes dele e depois dele, expressões e

²⁶ INGRAHAM (1988): 7 -13.

²⁷ VITRÚVIO (1999). Cária, cidade do Peloponeso, aliou-se aos inimigos persas contra a Grécia, razão pela qual os gregos lhe declaram guerra. Os últimos, vitoriosos, destroem a cidade, matam os homens e escravizam as mulheres. Essa escravidão se torna então perpétua, através da imagem que os arquitetos passam a representar nos edifícios públicos: as mulheres cariátidas suportando seu peso, para que sua pena, sofrida no lugar das penas da cidade, fosse transmitida aos pósteros. Segundo Vitrúvio, “os arquitetos devem conhecer a fundo essa e outras histórias para que, quando perguntados, saibam contá-las”. Primeiro Livro, p. 50.

²⁸ Na batalha de Platéia, diz Vitrúvio, os lacedemônios, vencendo os persas, muito mais numerosos, celebraram “com glória o triunfo do butim e dos prisioneiros, erigiram o pórtico persa com despojos como monumento aos pósteros pela vitória; testemunho do mérito e do valor dos cidadãos no qual, suportando a cobertura, instalaram estátuas dos cativos em trajes bárbaros, representando-os punidos por seus agravos e orgulho para que os inimigos se intimidassem com receio dos efeitos de sua coragem e que os cidadãos, em vista de tal exemplo de virtude e eretos de glória, estivessem dispostos a defender a liberdade. Desde então, muitos erigiram estátuas representando persas a sustentar entablamentos e guarnições de seus edifícios, e a partir disso enriqueceram-se as obras com uma excelente variedade. Idem, p. 51.

²⁹ Idem Ibidem

³⁰ O ponto de partida (a origem) e a identidade são dois dos inúmeros conceitos questionados pelo pós-estruturalismo na sua contraposição ao pensamento metafísico ocidental no qual a construção de conceitos logicamente parametrados requisita, claramente, a procura de um posto de segurança para o pensar. In CRITELLI (1996).

³¹ Como Waisman sugere, a cabana primitiva de Laugier é a legitimação abstrato-formal da concepção clássica grego-romana favorecendo-a enquanto essência da arquitetura e universalidade do modelo. WAISMAN (198?)

representações as mais diversas, no espaço e no tempo, funcionam como a mais legítima validade do significado original - e portanto, essencial - das edificações destinadas ao homem, entre as quais a casa, sempre associada com o lar seguro, protetor, lugar de descanso e paz. No século XIX, John Ruskin, por exemplo, recoloca e reforça essa associação do lar como o lugar de refúgio separado daquele da indústria e do comércio:

“Esta é a verdadeira natureza da casa - é o lugar da paz - do abrigo, não só de todo dano, mas de todo o terror, dúvida e divisão. Na medida em que não for isto, não é uma casa; na medida em que as ansiedades da vida exterior penetram nela, que a inconsistência, o desconhecido, o desamor e a sociedade hostil do mundo exterior forem permitidos, seja pelo marido ou pela esposa, a atravessar a sua fronteira, ela cessa de ser uma casa”.³²

Já no século XX, Gaston Bachelard, ligando a casa com a memória e a imaginação dos que a habitam, vai relacionar o espaço habitado com a essência da idéia de casa:

“Na ordem dos valores, ambas (memória e imaginação) constituem uma união da lembrança com a imagem. Assim, a casa não vive somente no dia-a-dia, no curso de uma história, na narrativa de nossa história. Pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos. Quando na nova casa, retornam as lembranças das antigas moradas, transportamo-nos ao país da Infância Imóvel, imóvel como o Imemorial (...) Pretendemos mostrar que a casa é uma das maiores forças de integração para o pensamento, as lembranças e os sonhos do homem.(...) Sem ela o homem seria um ser disperso.”³³

Se acrescentarmos a ilustração heideggeriana do significado simbólico da casa como o sítio de todos os eventos significativos da vida, do nascimento à morte, exemplificado na casa-cabana da Floresta Negra³⁴, à expressão lírica de associações da casa com o paraíso, lugar de segurança, de paz, de depósito de memórias, certamente o que encontramos é sempre um reforço da casa como a gênese da arquitetura, idéia recorrente, como argumentamos, entre muitos teóricos contemporâneos.³⁵

³² Citado em HALL (1992), p.61.

³³ BACHELARD (1996). p. 25 e 26. Porém, como a casa é experienciada no dia a dia (como afirma o próprio autor) ela é também “outra”, lugar de alianças e conflitos, exploração, trabalho concentrado para as mulheres. MCDOWELL (2002). Esta autora trata exatamente dessa dupla existência da casa como uma edificação e um paraíso e do lar como um lugar de trabalho, enquanto aborda também a nação como *homeland* (p.815 a 822).

³⁴ Arantes atribui o exemplo encontrado por Heidegger, a casa isolada na floresta, a uma característica dos filósofos alemães, isto é, seu desprezo pela cidade, enquanto indivíduos anti-urbanos que são.

³⁵ Podemos citar o próprio RIKWERT (1999). Um dos mais destacados teóricos contemporâneos da arquitetura, Rikwert, a partir de crença na essencialidade da cabana primitiva e acompanhando com preciosa erudição a relevância da mesma para os arquitetos e teóricos de todos os tempos (ele cobre inúmeros desde Vitruvius a Le Corbusier, seja em citações textuais ou gravuras), recorre ao *waning*, objeto sagrado dos aborígenes australianos, um povo sem edifícios, para postular sua casa para Adão no Paraíso. O *waning*, para o autor, evoca, na sua fatura geométrica e sua carga simbólica, um nexo similar de noções primárias presentes nos exemplos por ele analisados (p.232 a 237).

Para Ingraham, este momento de gênese, que é institucional, filosófico e lingüístico, é recuperado como “um ato poético e trágico - como um mito” que passa a pertencer a uma formação específica - a formação da arquitetura”.³⁶

Foi assim, importando o saber produzido por outras áreas do conhecimento, que a arquitetura abriu-se para o jogo das metáforas, onde é tão rica e, simultaneamente, se auto-formulou como uma disciplina, estabelecendo suas fronteiras e sua terminologia no sentido de conferir-lhe identidade.

É a afirmação desta identidade que o posicionamento de teóricos e arquitetos contemporâneos busca reforçar nas suas abordagens para legitimar a autonomia da arquitetura, a exemplo de Rossi, Eisenman, Vidler³⁷, e tantos outros.

No texto “A Terceira Tipologia”, Vidler, defendendo o conceito de tipo em arquitetura, advogou que - depois de usar os paradigmas da cabana/natureza (analogia orgânica)³⁸ e da arquitetura / máquina (analogia industrial) ambas como legitimações externas à disciplina - a arquitetura corretamente adotou a terceira tipologia dos neo-racionalistas italianos os quais buscam sua inspiração e suas formas internamente, nos padrões físicos da cidade sincrônica.

Assim, o ato de auto-formulação da arquitetura como disciplina e o seu reforço, paradoxalmente, fecha, na contemporaneidade, as fronteiras para a apropriação, pela arquitetura, de temas e conceitos de fora, que de início lhe foram úteis. Para Ingraham, a necessidade de ser um objeto formal e autônomo, construído segundo os termos e as condições de uma dada era ou *ethos*, e ainda mais, parecendo transcendê-los, protege - como consequência - a arquitetura de determinados tipos de investigação teórico-crítica.

Aplicado ao nosso objeto específico - a organização espacial da casa e as implicações de relações sociais de gênero nela presentes - não é a necessidade e o desejo do abrigo, mas de um tipo específico de abrigo - abrigo adequado, concebido e construído de acordo com princípios que podem ser articulados para responder a funções e aspirações próprias e apropriadas, que interessa. E se o sujeito (universal), na sua postura clássica, iluminista, não habita uma edificação mas a idéia de uma edificação, a proposta aqui é tentar investigar o que, finalmente, está por traz dessa idéia.

³⁶ INGRAHAM (1988) p.7. Mito aqui é entendido como entidade arcaica e regressiva repotencializado no seu valor em dado momento. SEVCENKO (1998) p.311.

³⁷ VIDLER (1976), ROSSI (1995), EISENMAN (1984) p.155-172.

³⁸ Vidler, no texto, localiza a fundação da tipologia no ideal da natureza (durante o Iluminismo), na ordem industrial da produção (durante o modernismo) e na cidade (durante o advento do pós modernismo). Para ele neste texto o tipo está ligado à origem da arquitetura.

A posição de proteção que a arquitetura, como disciplina, se coloca, diante de uma investigação teórica sobre a casa, por exemplo, parece que envolve questões vinculadas a aspectos de “propriedade” - facilmente observável enquanto termo indispensável recorrente em arquitetura - e que, segundo Ingraham, diz respeito ao que é “próprio”, tanto no sentido de “adequado”, como de “posse”.³⁹ Por outro lado, a formulação do que é próprio na arquitetura é também a formulação de seu ser lingüístico e metafórico que foi simultaneamente “convocado e escondido” quando a disciplina foi concebida.

Segundo Ingraham, adotar a abertura para uma crítica que não só escrutinize a história e o significado da arquitetura, mas também que admita que o arquiteto é o recontador do que é próprio, sociológica, política e ideologicamente dessa mesma arquitetura (daí a importância que a historiografia e o papel do arquiteto têm para o nosso tema) é que ela pode, de fato, construir para si novas possibilidades.

Para esse fim, talvez um primeiro caminho seja duvidar de que, como entendido tradicionalmente, o poder e as propriedades da arquitetura derivem apenas de outras esferas culturais, de que o lugar arquitetural seja entendido como sendo relações de propriedade já colocadas econômica e culturalmente. É certo que as idéias científicas que governam a produção da arquitetura, como gravidade, forças e cargas dependem de uma atitude cartesiana em relação ao material e ao espaço e que idéias morfológicas e tipológicas que governam esse espaço e a forma arquitetônica - estabelecendo tipologias formais e funcionais - são dominadas por sistemas pré-existentes de propriedade, formulados social e culturalmente. Esses sistemas subsistem sob alegações irrefutáveis do que seja **propriamente** uma casa, por exemplo, como deve parecer seu espaço, materiais, ordem, disposição e distribuição de cômodos e assim por diante.⁴⁰

O modelo tri-partite sacramentado para o espaço privado, dominante nas sociedades ocidentais por quase dois séculos, cujo entendimento constitui o maior desafio desse trabalho, poderia ser assim compreendido e explicado. Sua construção certamente envolve campos variados do conhecimento e de práticas políticas, econômicas, sociais e culturais. Mas, ao

³⁹ Em inglês existem dois termos para designar esses significados: *propriety* (no sentido de adequado, apropriado) e *property* (no sentido de posse/ser dono). Interpretando o sentido como Laugier caracterizou o momento de transição de um frouxo grupo de galhos de árvores em “abrigo primitivo”, Ingraham observa que, seguindo o mito, nos movemos ou somos movidos de um estado passivo, pastoral, natural para um estado cultural, ativo; de um “estado de natureza” para um “estado de arquitetura”; de um abrigo acidental para um imóvel, propriedade de alguém ou de alguns. INGRAHAM (1988) p. 9. A autora utiliza a obra de Shakespeare, *King Lear*, sobre a partilha de suas terras e bens entre suas herdeiras, para discutir os termos *property* e *propriety*. Também para SIMÓ (1989), o aparecimento do sentimento do privado enquanto valor fundamental que incidiu sobre a casa burguesa foi um salto que incluiu o individual e o intransferível e mantém relação direta com a propriedade econômica.

⁴⁰ Essas alegações estão, de certa forma, sendo questionadas pelo pensamento que introduz os conceitos contemporâneos de multiplicidade, fragmentação, caos, labirinto, rizoma, em contraposição aos conceitos clássicos de análise espacial ou cultural do pensamento metafísico, aplicados na arquitetura.

mesmo tempo, poderíamos dizer que, recorrendo a Foucault, uma inversão é possível, econômica e culturalmente, em relação ao ato arquitetônico e ao objeto resultante - os quais não seriam explicados apenas em termos de cultura mas de uma “instância espacial da cultura”. É o que o filósofo / historiador afirma quando reivindica o tema do espaço, a análise arquitetural, espacial, e não temporal da cultura, confiando, na sua investigação sobre a história do conhecimento, nas demarcações espaciais, além das temporais.⁴¹

Segundo Ingraham - para quem Foucault teria deixado as implicações espaciais de seu trabalho “amorfas e metafóricas” - nomear essas demarcações, parece, contudo, tornar a arquitetura um campo privilegiado de operações afastado das formas de dominação, embora relacionado às mesmas, e que, partir delas (demarcações) e do controle que podem exercer é o que, no fundo, interessaram ao historiador filósofo. Desse modo, essas demarcações parecem mais arquiteturais do que geopolíticas, por exemplo, - já que elas dependem de uma tensão entre o projeto e o ato de habitar. A força política do panóptico⁴², diz Ingraham, está na impossibilidade de separar seu ‘projeto’ político de suas funções e utilização. As metáforas espaciais que Foucault usa freqüentemente são eficazes em seu discurso porque elas já assumiram a estrutura (no projeto) da tipologia arquitetônica e a propriedade que designa as formas adequadas de habitar o espaço.⁴³

O importante nesse raciocínio é que, subsistindo sob a demarcação espacial do domínio, terreno, região, território, deslocamento, lugar, arquipélago - metáforas espaciais utilizadas por Foucault - estão, para Ingraham, as propriedades da cidade, sítio, contexto, escritório e casa. Essas propriedades estão emaranhadas com sistemas morais e políticos que emanam de algum lugar, mas a verdadeira noção de propriedade, a própria palavra, está ligada à posse da propriedade, à própria instância onde aquela propriedade habita, e assim, em um círculo, à arquitetura.

Porém, o tema da casa, sua propriedade e propriedades, não encontram, no mesmo Foucault, uma acolhida própria. Ou melhor, nenhuma acolhida. É o que McLeod habilmente coloca em *Everyday and Other Spaces*.⁴⁴ O título já traz, embutida, a crítica. Em *On Other Spaces*, Foucault introduz o conceito de heterotopia - que ele distingue de espaços imaginários - as utopias. Em um texto mais poético que rigoroso, o autor sugere que os

⁴¹ FOUCAULT (1980), p.68 e FOUCAULT (1986) p.22-27.

⁴² Numa outra direção, analisando a força do panóptico ou de outras expressões para ordenar coisas e pessoas, Michel de Certeau, argumenta que “procedimentos” igualmente micros de transgressão são diluídos no dia-a-dia, onde o homem comum inventa o cotidiano, usando táticas de resistência, reapropriando-se dos espaços e do seu uso a seu jeito. DE CERTEAU (1996).

⁴³ INGRAHAM (1992) p. 27.

⁴⁴ MCLEOD (1996) p. 15 - 28.

ambientes ou espaços qualificados como heterotopias (o teatro, o museu, o asilo, a prisão, o cemitério, a igreja, o bordel, a colônia), rompendo com as banalidades da vida cotidiana e garantindo *insights* da nossa condição, são privilegiados e carregados politicamente, suspendendo, neutralizando ou invertendo as relações que eles designam. Para McLeod, o que Foucault explicitamente omite é o lugar de trabalho, a rua, o *play ground*, o *shopping center*, os lugares de lazer diário (parques, cafés, restaurantes) e a casa. Considerando pertinente a concepção de “outro” em Foucault - pois ele sugere lugares e tempos reais e insiste em abordar as instituições e práticas, em termos políticos e sociais - McLeod estranha que o conceito, com sua ênfase na ruptura, exclui os lugares tradicionais das crianças e das mulheres (estas entram como objetos sexuais no bordel e no motel) dois grupos que mais mereceriam o rótulo de “outro”. E com um agravante, que deve ser ainda mais duro para as mulheres que executam o trabalho doméstico, em suas próprias casas: na exclusão da casa como uma heterotopia, a justificativa do filósofo é de que a casa “é um lugar de descanso”. Esta observação de McLeod, que vincula o espaço doméstico ao trabalho da mulher e a naturalização desse vínculo, estará na base das interpretações que serão desenvolvidas no decorrer deste trabalho.

Com base em todas essas colocações, parece que algumas diretrizes podem ser consideradas na aproximação ao nosso objeto e universo de estudo. A primeira é considerar a casa como um objeto concreto, constituído de espaços de vivências, individuais e coletivas, de construção de representações e de papéis sociais que variam no tempo e no espaço, de experiências agradáveis e angustiantes, de alianças e de luta, de descanso e de trabalho, afastando-se, portanto, de uma visão mais idealizada da casa. A segunda é buscar uma abordagem metodológica que seja apropriada a esta escolha e ao próprio objeto, isto é, a associação da construção do espaço interno das residências de linguagem modernista, em Salvador, com as questões de gênero, durante as décadas de 30 e 40, do século XX.

A escolha metodológica que adotamos - tanto do ponto de vista do objeto, a casa, lugar historicamente entendido como “o lugar da mulher”, quanto do ponto de vista do universo, no seu pertencimento a uma sociedade de base fundamentalmente patriarcal - está vinculada à teoria crítica feminista no seu aspecto principal, que é a discussão das relações sociais de gênero, no caso, aplicada ao espaço doméstico.

Por esta razão, vimos levantando aspectos sobre a problemática da construção epistemológica da casa, no sentido de subverter as abordagens teóricas e metodológicas da maior parte do conhecimento produzido sobre esse tema. No Brasil, em contraste com outros países, a maioria dos estudos sobre a casa, particularmente na concepção do espaço privado

em si e sua relação com o espaço urbano, ainda não focaliza a problemática de gênero, essencial para a compreensão do habitat doméstico.⁴⁵

A evidência de que são poucas as pesquisas, no país, que buscam identificar e analisar questões ligadas às relações sociais de gênero na arquitetura, como também no urbanismo, seja no campo da história da arquitetura e da cidade, da teoria ou do processo projetual, foi a principal razão que nos estimulou a desenvolver esta abordagem. A outra razão é a compreensão de que, na contemporaneidade, não existe mais lugar para analisar o espaço doméstico sem considerá-lo também na sua concretude,⁴⁶ ou seja, como suporte físico para o exercício daquelas relações e sua implicação na construção dos sujeitos, seus papéis, aspirações e realizações.

É importante observar que, fora do Brasil, a reflexão sobre o meio urbano, sua constituição e história não se apegou apenas aos paradigmas já estabelecidos como norteadores de posições teóricas e práticas (tais como a produção do espaço e a dinâmica da força de trabalho), mas desenvolveu um outro aporte teórico (como a questão ou problemática das categorias de gênero e raça, em paralelo à de classe), ou seja, à construção epistemológica de novas categorias de análise para a compreensão, questionamento e transformação da realidade sócio-espacial.⁴⁷

Nos campos disciplinares voltados para a problemática urbana ou para a análise da construção dos espaços público e privado, como também na investigação histórica desses mesmos espaços, os “atores sociais” passaram a ser valorizados também naquelas práticas sociais e espaciais baseadas nas diferenças sexuais, étnicas, culturais e religiosas. Um aspecto importante nesse sentido foi a contribuição das histórias social e cultural que, de um modo geral, tornou visível o papel das mulheres em todos os momentos da vida sócio-cultural e influenciou, diretamente, os estudiosos da construção do espaço urbano e arquitetônico, incluindo aí as investigações sobre o espaço doméstico vinculado à questão de gênero.⁴⁸

O termo gênero foi incluído nessas investigações como base para teorizar a diferença sexual e, embora os usos sociológicos do termo possam incorporar tônicas funcionalistas ou

⁴⁵ Referimo-nos aqui a parte dos países europeus, aos Estados Unidos, ao Canadá e à Argentina, que são aqueles dos quais temos notícias de pesquisas sobre o tema em questão.

⁴⁶ Exceto, certamente, enquanto exemplo nas reflexões da filosofia da poesia e fenomenologia da imaginação, como faz Bachelard.

⁴⁷ VALÉRY (2000) p.24. Valery observa que as categorias “domicílio”, “usuário”, “beneficiário”, “chefe da família” nas ações públicas de planejamento habitacional e urbano, mascaram a complexidade do meio social, homogeneizando sexo, geração, origem racial e cultural.

⁴⁸ Esses trabalhos representam a maior parte da bibliografia utilizada na presente tese e, no caso, principalmente, de origem anglo-saxônica.

essencialistas, as feministas escolheram enfatizar as conotações sociais de gênero em contraste com as conotações físicas do termo sexo.⁴⁹

Hoje, as abordagens feministas comportam uma grande heterogeneidade de aportes teóricos mas concordam em privilegiar esse aspecto essencial das relações humanas, ou seja, a relação entre os gêneros, tais como existiram e existem na sociedade. Concordam que essa relação é caracterizada por relações de poder definidoras de papéis que homens e mulheres desempenham em cada sociedade e as representações que cada gênero tem de si e do outro.⁵⁰

Ainda fora do Brasil, em relação à arquitetura e ao urbanismo, as teorias feministas representam um movimento de reflexão crítica e política com o objetivo de provocar uma mudança tanto no processo projetual - no sentido de uma redefinição desses papéis e representações - como no processo da prática historiográfica inaugurando uma reflexão teórico-crítica na abordagem da construção dos espaços público e privado.⁵¹ Essas abordagens baseiam-se na certeza de que a construção social de gênero é uma produção histórica que reconstrói permanentemente papéis e representações não podendo ser, portanto, considerada como verdadeira e definitiva.⁵²

Grande parte das investigações sobre gênero e espaço doméstico discute e aponta a existência de espaços sexuais e esta é a base teórica principal que é adotada nesta tese, tanto na revisão histórico-crítica da produção do espaço privado do século XVII ao século XIX, desenvolvida no Capítulo 3, quanto na emergência da arquitetura modernista na Cidade de Salvador, entre os anos 1930 e 1949, recorte temporal da pesquisa.

⁴⁹ SCOTT (1992) p. 63 a 95. A autora esclarece que nos Estados Unidos, “o termo é extraído tanto da gramática, com suas implicações sobre convenções ou regras (feitas pelo homem) do uso da lingüística, quanto dos estudos de sociologia e papéis sociais designados às mulheres e aos homens” (p.86).

⁵⁰ Na verdade, as correntes teóricas feministas são diversas - uma vez que a observação da categoria gênero, usada primeiramente para analisar diferenças entre os sexos, foi estendida à questão das diferenças dentro da diferença (gênero feminino): mulheres de cor, mulheres judias, mulheres trabalhadoras pobres, mulheres lésbicas, mães solteiras, todas desafiando a hegemonia heterossexual da classe média branca do termo “mulheres” - argumentado que as diferenças fundamentais da experiência tornaram impossível reivindicar uma identidade isolada. Para detalhes ver Scott, Joan (1992). Dentro da diversidade de tendências, nos Estados Unidos, uma classificação (aparentemente) mais simples pode ser a apresentada por Charlotte Bunch. Seriam três: a socialista feminista, a política reformista e a separatista cultural e espiritual. O “aparentemente” fica por conta de que a autora, denominando essas tendências como “alinhadas”, vai argumentar em favor de uma posição “não alinhada” que, a depender da problemática política a ser enfrentada, usa criticamente argumentações das demais e de outras posturas independentes. Para detalhes ver: Bunch, Charlotte, *Passionate Politics: Feminist Theory in Action* New York: St. Martin's Press, 1987.

⁵¹ Entre inúmeras contribuições podem ser destacadas, no que diz respeito às novas abordagens projetuais, os trabalhos de Diana Agrest, Elizabeth Gross, Elizabeth Wilson. Quanto às abordagens históricas podemos destacar SPAIN (1991), HAYDEN (1981), COLOMINA (1996), SIMÓ (1989), MC LEOD (1996), WIGLEY (1992).

⁵² VALÈRY (2000). A autora traça, no artigo citado, o percurso desenvolvido na França, a partir de 1970, dos estudos sobre mulher e o espaço urbano. O objetivo dos mesmos foi incorporar a crítica feminista, tirando as mulheres da invisibilidade através da apreensão do conceito de gênero. São duas as correntes que Valéry identifica, baseadas nesse pressuposto. A “essencialista” que postula a existência de uma figura essencial (“a mulher”, “a mãe”) - e que é desvendada ao estudar as diferentes formulações históricas e sociais - e a “humanista”, onde não existe “a mulher” mas sim mulheres e homens, seres diferentes biologicamente, mas idênticos nos seus direitos, cujas relações resultam de um processo de dominação e subjugação variáveis no tempo e no espaço. (p. 24).

Assim, entendemos que a definição de papéis e atribuições específicas dos homens e das mulheres tem um impacto profundo sobre a estruturação do espaço urbano e residencial e que, portanto, a necessidade da desconstrução da dicotomia - espaço privado (doméstico) e espaço público - está na base da argumentação desenvolvida neste trabalho.⁵³

É importante ressaltar que, embora os estudos sobre questões de gênero - na história da arquitetura e do urbanismo, nos Estados Unidos⁵⁴ e na Europa - tenham se desenvolvido apenas nas três últimas décadas, a perspectiva dessa possibilidade foi aberta desde os “novos problemas”, “novas abordagens” e “novos objetos”, característicos da metodologia de *La nouvelle histoire*, como colocados por Jacques le Goff e Paul Veyne, e que remonta à criação da *Écoles des Annales* de Marc Bloch e Fernand Braudel, desde os anos 1930. É a partir dela que entre os novos objetos da história estão incluídos: a vida privada (como os trabalhos que compõem a coleção organizada inicialmente por Philippe Ariès e Georges Duby, “História da Vida Privada” e, posteriormente, a “História da Vida Privada no Brasil”), a história das mulheres, a história da família e da infância todas elas distanciadas de uma narrativa linear, e que vão abrir inúmeras perspectivas, abordagens e áreas de estudo, entre as últimas a da relação entre gênero, arquitetura e urbanismo.⁵⁵

Os estudos de gênero ou sobre a mulher no Brasil estão sendo desenvolvidos em uma abordagem interdisciplinar, com envolvimento de pesquisadoras(es) de áreas tão diversas quanto história, política, ciências sociais, educação, saúde, geografia e direito. A participação das áreas de arquitetura e urbanismo parece ser uma das mais deficientes. Entre as pesquisas apresentadas nos dois últimos seminários nacionais de História do Urbanismo e da Cidade, realizados em Natal e Salvador, por exemplo, apenas dois trabalhos, de um total de mais de trezentos, contemplaram uma abordagem que privilegiou questões ligadas à inserção da mulher no espaço urbano. No que diz respeito à arquitetura residencial, mesmo nos livros recentemente publicados - é bem verdade que escritos por homens - a importante relação entre

⁵³ A definição do espaço público como tradicionalmente masculino (o espaço do homem é a rua, a cidade) e do espaço privado como tradicionalmente feminino (o espaço da mulher é a casa e o entorno, o jardim), para grande parte dos autores consultados, leva a uma dicotomização que os classifica como antagônicos.

⁵⁴ A produção acadêmica americana teve influência direta, naquele país, dos movimentos das minorias da década de 1960, nos quais a luta política feminista - que teve alcance mundial - foi essencial para a abertura da polêmica sobre gênero. Sem um conteúdo específico sobre gênero e urbanismo, Jane Jacobs - cujo livro *The Death and Life of Great American Cities* (1961) teve êxito internacional - entre outros posicionamentos, rejeita os conjuntos suburbanos que isolam as mulheres (e as crianças), se contrapondo ao *zoning* e, - na sua apologia à vida urbana, dinâmica, das metrópoles (reforçando continuamente a mistura das funções na cidade) aclama as condições que geram a convivência dos diferentes indivíduos, todos experienciando a vida pública. JACOBS (1961).

⁵⁵ Estudos nesse campo em Salvador são inexistentes. O grupo de pesquisadoras pertencentes ao Núcleo de Estudo Interdisciplinar sobre a Mulher (NEIM), da Universidade Federal da Bahia, que produz trabalhos interdisciplinares, orienta teses e trabalhos acadêmicos em contato com as várias Unidades interessadas e organizam seminários locais e regionais, lamentam a ausência da FAUFBA nesse trabalho.

espaço e vida social no espaço doméstico, vinculada a aspectos ligados ao gênero, não é discutida, embora seja tratada, porém ligada a fatos históricos “naturalizados”⁵⁶.

É importante lembrar que a arquitetura é aqui entendida tanto como objeto material resultante de um projeto, quanto como uma disciplina, que tem como domínio o conhecimento da arquitetura e como sujeito desse conhecimento o professor/ pesquisador e/ou o profissional arquiteto que vai projetar o espaço em questão. Esse espaço, como formulado anteriormente, será abordado não como uma entidade física neutra, mas como protagonista das práticas sociais e simbólicas dos sujeitos, ou seja, o local onde os mesmos são constituídos.

Por sua natureza histórica, é necessário esclarecer o conceito de história e o tipo de investigação teórica que consideramos adequados para o tema. Começamos pela negação de que objetos históricos, quaisquer que sejam, sejam objetos naturais, em que apenas variariam as modalidades históricas de existência. Como observa Veyne, não existem objetos históricos fora das práticas, móveis que os constituem, não havendo, portanto, zonas de discurso ou de realidade definidas de uma vez por todas, delimitadas de maneira fixa, e detectáveis em cada situação histórica: “as coisas não são mais do que as objetivações de práticas determinadas, cujas determinações é necessário trazer à luz do dia”.⁵⁷

Trazer à luz do dia as determinações, o conhecimento e a interpretação do espaço privado e sua relação com as práticas sociais nele vividas, dentro de uma dada cultura, implica, entre outras, a abordagem metodológica indicada, mesmo ciente de que as correlações entre níveis sociais, indicadores culturais e representações não são estabelecidas facilmente.

Essa dificuldade, inclusive, é que justifica a escolha metodológica desenvolvida pela teoria crítica feminista, a qual se insere no que vem sendo designada como História Cultural, pois trata-se de uma perspectiva de investigação histórica mais centrada nas práticas do que nas distribuições e mais nas representações do que nas repartições dos objetos.⁵⁸

⁵⁶ O livro de VERÍSSIMO e BITTAR (1999) e o mais recente de LEMOS (1999) são dois exemplos. A observação “é bem verdade que por homens” não deve ser generalizada pois autores homens vêm absorvendo a problemática de gênero no exterior e, mais timidamente, no Brasil.

⁵⁷ VEYNE (1982).

⁵⁸ CHARTIER (1990). A análise cultural pode esclarecer as mudanças de conceitos como família, gênero, privacidade, relações domésticas entre pais, filhos, criados, agregados, como também desses com o mundo exterior. Os métodos de análise cultural de Michel Foucault e Peter Berger também são úteis para esclarecer essas mudanças. Em ambos, o conceito de “formação discursiva” é central, pois se trata de discursos. As reconstruções históricas de Foucault confiam em fontes diversas (biografias, cartas, romances, poesia) e na linguagem como chave para entender o desenvolvimento do pensamento e da sociedade ocidental. A fenomenologia de Berger valoriza os significados subjetivos da vida social, os acordos sobre os quais a interação social é baseada e defende uma pesquisa descritiva de percepções comuns e intenções das pessoas na vida cotidiana. A linguagem é também, para ele, o sistema mais importante da sociedade.

Por outro lado, uma dificuldade adicional da investigação proposta é que não existem muitas referências sobre a habitação dos séculos XVII e XVIII, em Salvador, cujo levantamento é importante para compreender como a vida doméstica foi modificada nos séculos subsequentes. Exceto por algumas descrições de casas e sobrados em estudos elaborados pelos órgãos oficiais de preservação do patrimônio edificado⁵⁹ e estudos gerais de cultura material da vida doméstica, muito pouco é conhecido. Gravuras e livros daquele período sobre o tema em questão também são escassos. Referências sobre o espaço e a vida privada, no século XIX, contudo, estão presentes principalmente em desenhos e textos de viajantes estrangeiros⁶⁰ e nas interpretações dos mesmos por diversos autores nas décadas recentes. Informações em fontes primárias (a exemplo de projetos aprovados pela municipalidade⁶¹, testamentos e inventários) e secundárias, além da ficção literária, também são fontes importantes.⁶²

Um texto clássico sobre a descrição das casas coloniais brasileiras é “Casas de Residência no Brasil”, de Louis Vauthier, de onde outros autores têm retirado informações ao mesmo tempo em que enriquecem seu trabalho com outras descrições, usualmente tomando como referência os relatos dos viajantes ou investigando algumas fontes primárias e vários remanescentes ainda encontrados nas cidades mais antigas do país. Entre eles destacamos os livros “Quadro da Arquitetura no Brasil” de Nestor Goulart Reis Filho e “História da Casa Brasileira”, “Cozinhas etc.” e “A República ensina a morar (melhor)”, os dois últimos dedicados à produção paulista, todos de Carlos A. C. Lemos.

Sobre as casas baianas, especificamente, muito pouco é conhecido. Contudo, o livro de Anna Amélia Nascimento, “Dez Freguesias em Salvador”, e a tese de mestrado de Maria do Carmo Almeida, “A Renascença Bahiana” (Distrito da Victoria) são referências no que diz respeito ao século XIX e à Primeira República, respectivamente. Os livros de Hildegardes Vianna, “A Bahia já foi assim” e “Antigamente era assim” trazem também informações preciosas sobre a casa e a vida doméstica em Salvador. No que diz respeito às casas dos segmentos de baixa renda a tese de mestrado de Luis Antonio Cardoso, “Entre Vilas e

⁵⁹ Destaca-se aí, o trabalho pioneiro *do Inventário de Proteção ao Acervo Cultural - IPAC-SIC*, (1975) coordenado pelo arquiteto e professor Paulo Ormino Azevedo. Contudo, sendo baseado em cadastros na época dos levantamentos, muitos exemplos já haviam sofrido alterações. Certamente uma consulta a fontes primárias nos arquivos municipais poderia fornecer algumas plantas e/ou outros materiais valiosos, contudo concentramos esta consulta nas primeiras décadas do século XX.

⁶⁰ Alguns dos relatos de viajantes, nos séculos XVII e XVIII, são dados relevantes sobre o espaço e a vida privada no período.

⁶¹ Alguns desses exemplos, que, levantados pela pesquisadora Maria do Carmo Almeida, serão utilizados no Capítulo 3.

⁶² Como o recorte temporal proposto se concentra nas décadas de 1930 e 1940, as pesquisas iconográficas em fontes primárias se restringiram a este período.

Avenidas. Habitação Proletária em Salvador” cobre o tema da habitação operária no período da Primeira República.

Além do livro de Nascimento acima referido, de onde podem ser extraídas informações sobre as formas de sociabilidade no espaço público e privado, a construção da intimidade na família e as relações entre os diferentes grupos étnicos dentro da casa, o trabalho clássico do sociólogo Gilberto Freyre, “Sobrados e Mocambos”, é referência importante (embora já bastante questionada) para a construção dos modos de morar nas cidades brasileiras nos tempos coloniais.

Trabalhos de pesquisa mais recentes sobre o tema da vida privada - ligados à intimidade, à sociabilidade, aos ritos e costumes e ao trabalho, incluindo-se aí a produção de bens para uso próprio ou dirigido ao mercado - vêm sendo desenvolvidos por historiadores sociais e culturais. Destacam-se aí aqueles constantes da coleção, já referida, “História da Vida Privada no Brasil”, dirigida por Fernando A. Novaes e organizado por Laura de Mello e Souza. Partindo da utilização exaustiva de fontes primárias e abrangendo o país como um todo, trazem informações valiosas sobre Salvador, sem, contudo, deter-se no espaço físico das habitações.⁶³

Também recentes são os diversos trabalhos desenvolvidos em Recife, em Porto Alegre, em Natal e em Brasília sobre a configuração do espaço privado no Brasil colonial, republicano e moderno, utilizando o procedimento metodológico denominado Sintaxe Espacial, elaborado por William Hillier e Juliette Hanson⁶⁴ e capaz de descrever objetivamente a estrutura espacial dos setores domésticos. Embora diferente, esta abordagem pode, em alguns casos a serem aqui analisados, trazer contribuições no cruzamento de interpretações.

Finalmente, e certamente já subentendido no que foi até agora colocado, outro aspecto importante não pode ser omitido na análise dos espaços públicos e privados. Trata-se do fato de que os mesmos são permeados por ideologias que, embora mudem no tempo, apontam aspectos reveladores da sua força.

Tratando do tema arquitetura e ideologia, Porphyrios⁶⁵ observa que a arquitetura como uma prática discursiva deve sua autoridade e coerência a um sistema de mitificação. Sendo uma forma de representação, o discurso da arquitetura naturaliza certos significados,

⁶³ O método utilizado pelos autores da coleção, como referido acima, foi desenvolvido inicialmente pelos *Annales*, sob a influência de Fernand Braudel. Embora bastante esclarecedor em relação à investigação histórica (regras e técnicas) parece que certa neutralidade na base do método, afasta a possibilidade de um debate teórico crítico mais aprofundado.

⁶⁴ Duas obras desses autores se destacam, HILLIER and HANSON (1994) e (1998).

⁶⁵ PORPHYRIOS (1985). O posicionamento crítico do autor, em relação à ideologia é semelhante ao de INGRAHAM (1988) e INGRAHAM (1992).

perpetuando práticas - no interesse de um poder hegemônico ⁶⁶ - entre as quais, podemos incluir a repetição do modelo tri-partite nos projetos residenciais. O autor também argumenta que o *status* da arquitetura como ideologia “deriva do fato de que ela reflete a maneira na qual os agentes de uma cultura arquitetônica vivem as relações entre arquitetura como produção e arquitetura como instituição”.⁶⁷ É essa consciência que certamente muitos dos arquitetos e projetistas - enquanto agentes da cultura arquitetônica - não possuem, ou melhor, são essas implicações teóricas da prática de arquitetura que eles desconhecem. Produzir esse conhecimento através da investigação de como, no tempo, esse saber “incompleto” foi constituído é o que Porphyrios denomina História Crítica, na qual está também embutida uma dimensão política. A razão de ser da história crítica é exatamente a constituição da arquitetura como discurso e “no processo de tal constituição - o desmascaramento de um processo de mitificação seja quando e seja onde ele tenha lugar”.⁶⁸

Um aspecto, que consideramos básico na elaboração da nossa primeira hipótese, antes de iniciar a pesquisa, foi exatamente desvendar as razões da permanência do modelo tri-partite do espaço privado em Salvador que, consolidado no século XIX, terminou por ser reforçado na arquitetura modernista produzida entre 1930 e 1949, quando o discurso da “nova forma de morar” já fora desencadeado.⁶⁹

A razão dessa permanência corresponde certamente a um programa institucional (porque espaços projetados funcionam como espaços institucionais) estabelecido precisamente a serviço de uma ideologia que, segundo Foucault, pode ser entendida se o espaço privado for lido a partir das mentalidades e práticas domésticas, abordagem essencial para nosso tema.⁷⁰ Assim, para uma investigação crítica do espaço em questão, é indispensável conhecer e entender o significado da permanência do modelo tri-partite, que

⁶⁶ Idem, p.16. O autor explica que os termos “poder” e “hegemonia” são usados no sentido dado por Poulantzas, isto é, “*poder significando a capacidade de um grupo realizar seus interesses objetivos específicos*” e hegemonia, indicando que o processo de realização de interesses não necessita “*ser reduzido à pura dominação pela força ou violência mas, ao contrário, compreende a função da liderança e da ideologia por meio da qual relações sociais são fundadas sobre consentimento ativo*”.

⁶⁷ Instituição aqui é definida como um sistema de normas ou regras que é socialmente sancionado (como a de que as residências devem obedecer a um zoneamento).

⁶⁸ PORPHYRIOS (1985) p.17.

⁶⁹ Uma exceção em Salvador foi o Conjunto Habitacional do IAPI com suas lavanderias coletivas, o qual será abordado no corpo da tese. Esta informação, no momento, não inclui o questionamento da intensidade maior, ou menor, de que esse discurso tenha se tornado uma realidade.

⁷⁰ De uma maneira mais geral, Foucault é interessado na avaliação da abordagem teórica da história e metodologia da crítica. Como um historiador das idéias, ele trata das estruturas subjacentes ao conhecimento em períodos culturais distintos que chama “episteme” e questiona na teoria da história as formas centradas no sujeito (rejeitando os principais conceitos da história das idéias, isto é, o autor, a obra, os livros, as influências) desenvolvendo sua análise do conhecimento através do conceito de “formação discursiva”, isto é, formas organizadas de enunciados produzidos por agentes de determinados saberes. No Capítulo 3 utilizaremos alguns autores brasileiros (Margareth Rago, Jurandir Freire Costa, entre outros) que se baseiam em Foucault para as suas formulações.

envolve questões de dominação, exclusão, segregação, constituição dos indivíduos e vivências corporais.⁷¹

Na Inglaterra, Robin Evans foi um dos historiadores que iniciou estudos sobre a relação entre a ideologia e o espaço privado através dos elementos arquitetônicos e sua disposição no espaço, da Renascença aos tempos modernos. Adotando o método instaurado pela *École des Annales* e desenvolvido por Foucault, utilizou plantas de residências, figuras humanas em pinturas e a literatura para descrever as relações humanas e entender seus modos de vida no espaço construído⁷².

A questão da ideologia nos estudos sobre o espaço privado é também a preocupação de Michael Hays⁷³, especialmente quando compara os interiores dos projetos dos arquitetos Adolf Loos e Hannes Meyer, os quais nos reportaremos no Capítulo 4. Beatriz Colomina, e Mary McLeod, com alguns títulos na presente tese, têm um vasto trabalho como precursoras do estudo das questões de gênero na arquitetura e a questão ideológica nelas embutidas, além de Trinidad Simó⁷⁴ que, utilizando-se de textos clássicos de Blondel e César Daly, destaca o poder da ideologia burguesa, analisando alguns projetos de residências no século XIX, de autoria de Viollet Le Duc, entre outros.

Finalmente, vale ressaltar que, sendo o tema do presente estudo ainda pouco explorado em nível nacional, muitas questões e conceitos aqui levantados podem estar sujeitos a revisões teóricas e metodológicas, o que estimula ainda mais a busca do conhecimento sobre arquitetura dentro de um enfoque interdisciplinar.

⁷¹ No que diz respeito às experiências corporais e à sexualidade, é importante o estudo de Foucault, em *A História da Sexualidade* (vol 1). Um dos aspectos analisados pelo autor são as mudanças operadas no período anterior ao século XVIII, onde havia uma familiaridade tolerante na sociedade quanto ao corpo - de vivências corporais exercidas com "naturalidade" - e que vão se deslocar até sua inexistência, no século XIX, ou seja, vão ser transformadas em "discurso". O casal unido pelo matrimônio se impõe então como o modelo legítimo enquanto sexo destinado à procriação, seu quarto sendo o único *locus* da sexualidade reconhecido no espaço social.

⁷² Evans (1978) p.267 a 279. Evans argumenta que a casa, a partir do XIX, foi considerada como um item da produção, isto é, que o aspecto social da arquitetura, dentro da teoria e da crítica, teve mais a ver com a fabricação de edificações do que com sua ocupação. Com isto ele reforçou o enunciado de John Turner: "*Habitação é uma atividade, não um lugar*", (e antes ainda, de Peter e Allison Smithson) como uma expressão relevante na abordagem dos estudos sobre o espaço privado das residências inglesas. Uma outra vertente bem anterior, nos anos 1960, na linha behaviorista (do campo da psicologia) questionou os programas residenciais devido a certas práticas institucionais e ideológicas por eles implicados. Nesse sentido, alguma literatura foi produzida por arquitetos. Sem uma base teórica forte e desenvolvendo com pouca profundidade a questão do sujeito, a abordagem desses autores resultou em uma solução ingênua para os problemas que colocaram. Contudo, pode-se considerar sua contribuição, pois, de alguma forma, eles levantaram questões relevantes sobre o tema. Ver MIKELIDES (1970).

⁷³ HAYS (1992).

⁷⁴ SIMÓ (1989).

1.1 Procedimentos Metodológicos

Definido o tema e o objeto de estudo, a primeira preocupação foi identificar tanto as fontes bibliográficas, gerais e específicas, e arquivísticas que pudessem fornecer material de base para o desenvolvimento do trabalho.

A pesquisa iconográfica nos arquivos da Prefeitura de Salvador foi desenvolvida na medida em que as demandas foram surgindo e que a vontade e a coragem foram permitindo, iniciante que somos em pesquisar em fontes primárias.

Em relação aos processos de solicitação de licença para construção foram dois os arquivos consultados: Arquivo Municipal da Fundação Gregório de Mattos (exemplares da década de 30) e da Superintendência de Construção Municipal - SUCOM (exemplares da década de 30 e 40). No arquivo da SUCOM, que abriga a grande maioria dos projetos consultados, foram vistos cerca de 10.200 processos. Esses processos variam de projetos com funções diversas (inclusive construção de garagens, galpões, muros, ampliações e reformas) a pedidos para reparos gerais, reforma de fachadas, inscrição de profissionais construtores na Prefeitura e solicitação de “habite-se”.

Vale a pena ressaltar que, entre os projetos encaminhados para a municipalidade visando a obtenção de licença para construção a maioria apresenta uniformidade na sua apresentação, seja em número de plantas ou escala. Embora a maior parte contenha as plantas baixas, cortes e fachadas (as lacunas podem estar ligadas a desvios posteriores, causados por transferência de arquivos), além da planta de situação, as escalas variam (o mais comum é que as plantas e cortes se apresentem na escala de 1:100 e as fachadas em 1:50). Por outro lado, a assinatura dos projetistas e/ou construtores, uma vez que só são identificados através das mesmas, dificultam sua leitura, sendo que, às vezes, não há referência ao nome do construtor.

A grande maioria dos processos (cerca de 80%) é de pedidos para construção de casas proletárias - obedecendo aos modelos elaborados pela PMS, desde 1931. Entre as residências da classe média e alta, as de linguagem modernista alcançam um número ínfimo, isto é, não deve ultrapassar 15%, em relação aos outros “estilos”, se considerarmos as duas décadas em estudo.⁷⁵ Projetos publicados na Técnica - Revista de Engenharia, também foram utilizados, principalmente por cobrirem os anos entre 1940 a 1944, período onde existe uma lacuna nos arquivos municipais, isto é não encontramos nos últimos, nem nas buscas em outros arquivos, exemplares daquele período.

⁷⁵ A preocupação em dar atenção aos quantitativos só surgiu quando a consulta já estava em andamento, assim o cálculo, para números mais confiáveis, precisa ser revisto.

Foram também consultados as seguintes bibliotecas e arquivos para obtenção de dados iconográficos e bibliográficos, aí incluindo jornais e periódicos, inclusive os especializados:

Arquivo Público Municipal

Instituto Geográfico e Histórico da Bahia

Fundação Clemente Mariani

Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia

Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia

Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia

Biblioteca Juracy Magalhães

Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB-BA)

2 A INSERÇÃO DA HABITAÇÃO NO ESPAÇO URBANO EM SALVADOR

2.1 Pequeno Histórico

O primeiro núcleo da Cidade do Salvador, fundado na Baía de Todos os Santos, na primeira metade do século XVI, se desenvolvia em dois níveis, o que constitui sua principal característica até os dias de hoje. O trecho de terra entre a Baía e a escarpa rochosa servia ao comércio e ao porto. O Governo, a Igreja e as residências estavam localizadas no topo da encosta. As residências de construção ainda muito precária, foram posteriormente substituídas por edificações mais sólidas a partir do século XVII (Fig. 1).

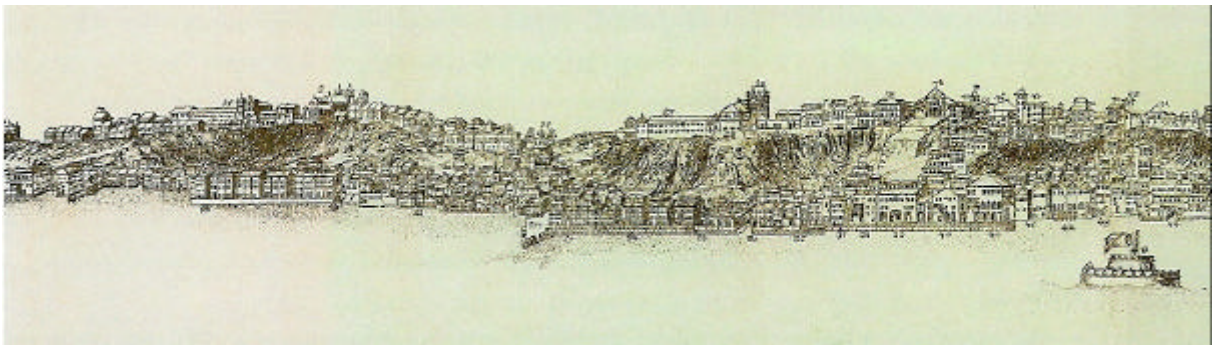


Fig. 1 - Parte do frontispício da Cidade do Salvador no século XVIII.
Fonte: Vilhena (1969).

Até então, o centro administrativo, econômico e cultural da cidade era composto de dois bairros: a Sé, na Cidade Alta e o Bairro da Praia. A despeito da irregularidade do sítio, o primeiro assentamento era regular, seguindo o padrão geométrico das cidades construídas em Portugal, no início do século XIV, principalmente no Alentejo⁷⁶. Logo depois, contudo, Salvador cresceu linear e paralelamente ao mar, e depois irregularmente, seguindo o sentimento e a prática do urbanismo português. (Fig. 2).⁷⁷

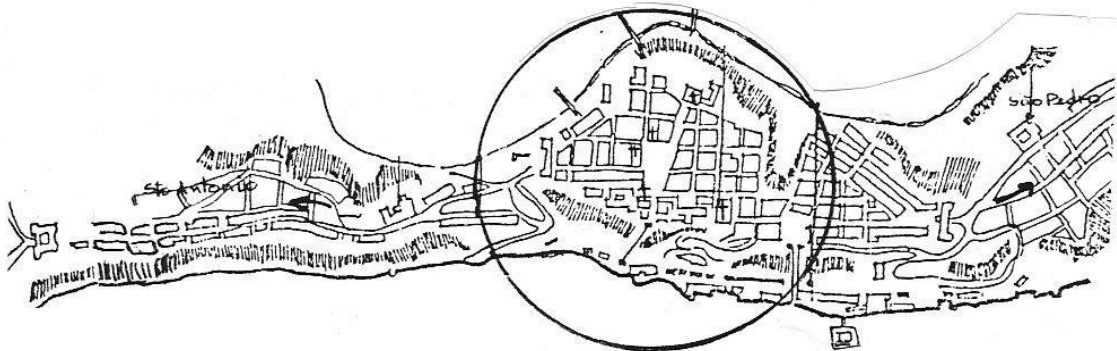


Fig. 2 - Planta do trecho central da Cidade de Salvador
Fonte: CEAB - Centro de Estudos da Arquitetura da Bahia - FAUFBa.

⁷⁶ TEIXEIRA (1990) p.27.

⁷⁷ SUÁREZ (1995).

No século XVIII, Salvador ocupava uma posição importante de sede regional. Era constituída pelo centro de cidade e seis bairros que haviam se expandido espontaneamente nas colinas e vales que caracterizam a topografia da cidade. Parte desta expansão compreendia os bairros da Segunda Cumeada (Saúde, Desterro e Palma), assim denominados porque, para alcançá-los a partir do Centro, era preciso atravessar o vale (Figs. 3 e 4).

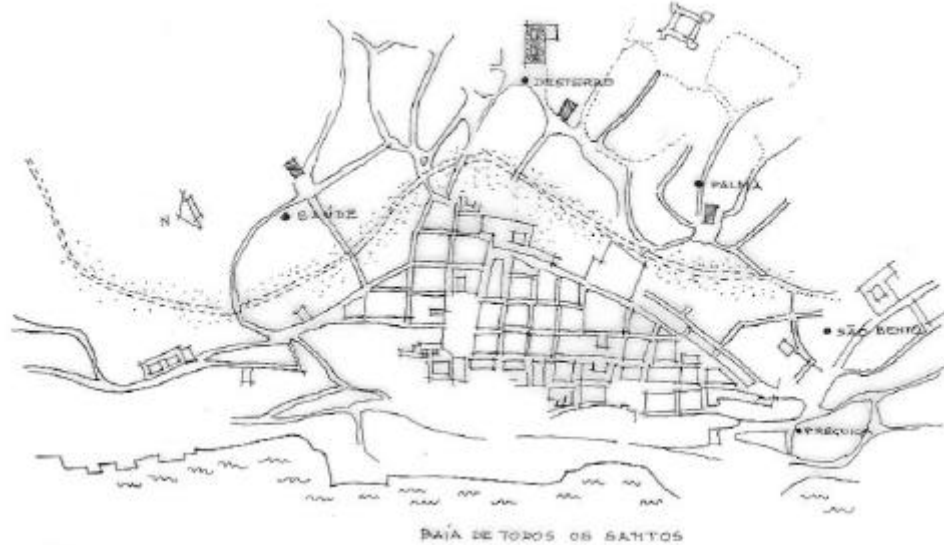


Fig. 3 - Planta de Salvador com indicação dos bairros acrescentados no século XVIII
Fonte: IPAC/SIC (1975).

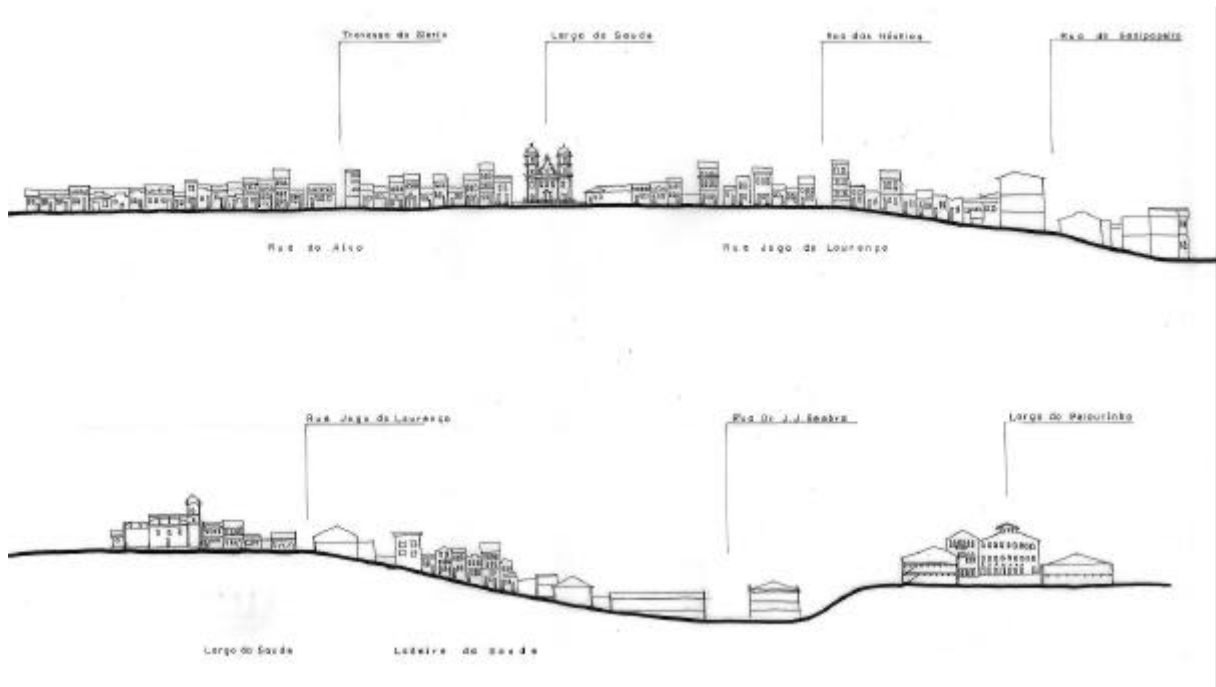


Fig. 4 - Perfis longitudinal e transversal do Bairro da Saúde e sua ligação com o Pelourinho.
Desenho: Anete Araujo.

Salvador desenvolveu uma economia agro-mercantil desde o período colonial até as primeiras décadas do século XX. Pertenceu ao mercado internacional durante o período denominado Ciclo da Cana de Açúcar (nos séculos XVI e XVII) integrada ao fluxo comercial do capitalismo europeu. Assim, a cidade - cuja fundação tinha como principais objetivos defender, proteger e administrar as Capitânicas Portuguesas no Brasil -, com a introdução da cultura da cana de açúcar, acrescentou a função portuária, tornando-se o principal entreposto comercial de importações e exportações do Brasil colonial.

As plantações e os engenhos encontravam-se concentrados principalmente no Recôncavo, a noroeste da Baía. Lá, os ricos proprietários de terras construíram o primeiro grande conjunto residencial da região, constituído pela Casa Grande, Capela e Senzala, o qual simbolizou o poder político da oligarquia rural baiana durante três séculos.

Muitos dos proprietários, contudo, construíram amplas casas ou sobrados em Salvador, para onde vinham a negócios ou onde viviam com suas famílias durante períodos especiais do ano. Essas edificações localizavam-se principalmente no centro da cidade, entremeadas com casas térreas de artesãos, pequenos comerciantes e pessoas pertencentes às camadas mais pobres da população urbana.

Com o desenvolvimento do comércio na cidade, a este estoque habitacional é acrescida a residência assobradada dos negociantes - cujas portas enfileiradas nos pavimentos térreos - onde a comercialização tinha lugar, conferiu um ritmo característico nas frontarias das construções. No século XVIII, Salvador já apresentava um conjunto homogêneo de construções, com funções mistas, todas localizadas nas testadas dos lotes, onde paredes “fronteiras” separavam o espaço público das ruas, largos e praças do espaço privado das residências (Fig. 5). Camadas sociais heterogêneas utilizavam esse espaço público onde atividades diversas tinham lugar, uma vez que ele abrigava a administração, o comércio e os serviços, inclusive os religiosos. Nele, as mulheres das camadas sociais média ou alta - certamente sempre acompanhadas, seja em suas liteiras ou a pé - eventualmente estavam também presentes no seu trajeto para a igreja ou para visitas locais.

Nas residências, em geral, eram domiciliados grupos sociais heterogêneos, os “fogos”, famílias extensivas compostas de pais, filhos, parentes, agregados e escravos. Vivia esse grupo familiar sob a autoridade do chefe patriarca - fosse ele proprietário, comerciante ou letrado - replicando na cidade o domínio do senhorio rural sobre seus membros. As diferenças entre eles são relativas à massa de poder político e econômico que detinham; internamente, porém, sua ordem, hierarquia e seu comportamento eram idênticos. Por outro lado, a autoridade das famílias rurais estendia-se sobre o governo das municipalidades, fazendo da

política uma extensão de seu ‘mandonismo’ e da cidade, na expressão de Freyre, o quintal de seu sobrado urbano.⁷⁸

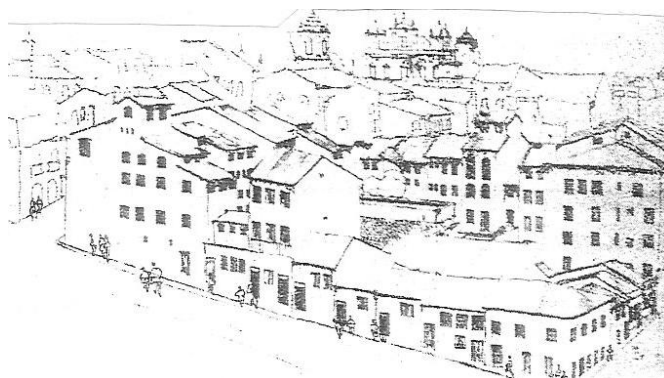


Fig. 5 - Desenho de trecho de um quarteirão no Pelourinho.
Fonte: Acervo do IPAC/SEC. Desenho: Valdinei Nascimento.

A partir do início do século XIX, as mais importantes casas comerciais então estabelecidas em Salvador passaram a diversificar atividades, abrindo bancos, financiando produtos agrícolas e estimulando novos empreendimentos, como manufaturas e fábricas, assim contribuindo para o desenvolvimento econômico da cidade.

Após o declínio dos principais cultivos, cana de açúcar e fumo⁷⁹, a partir de 1850, o cacau - amplamente produzido no sul do estado por ricos fazendeiros - tornou-se um produto altamente lucrativo para a exportação, acelerando ainda mais o desenvolvimento econômico da Província, com repercussão visível na quantidade e qualidade construtiva das habitações da capital. Muitas das casas térreas mais simples localizadas na área central vão ser substituídas por sobrados de dois ou mais pavimentos e outras casas, assobradadas ou não, vão ser erigidas nos bairros mais afastados do centro, entre os quais Brotas, Federação, Itapagipe, Bomfim e Ribeira.

Durante a segunda metade do século, mansões isoladas nos lotes vão constituir a principal tipologia no bairro da Vitória, área escolhida por estrangeiros e famílias mais abastadas, que abandonam seus sobrados, no centro da cidade, para usufruírem um novo estilo de vida, onde, aos poucos, a família extensiva é substituída pela família nuclear.

As tipologias estilísticas variavam, incorporando o ecletismo, inclusive no seu viés neo-clássico (Fig. 6), enquanto expressão de uma burguesia que não queria mais se identificar com uma sociedade colonial, agora atrasada.

⁷⁸ Para detalhes sobre esse poder privado que montou na cidade uma estrutura de dominação calcada no “mandonismo” ver FERRAZ (1994) p.98.

⁷⁹ A concorrência com a produção do açúcar nas Antilhas, as epidemias e a proibição do tráfico de escravos, em 1855, foram as principais razões para o declínio. Em 1855/1856, a cólera morbus matou 30.000 escravos no Recôncavo. In NASCIMENTO (1985).



Fig. 6 - Mansão na Vitória, datada de meados do século XIX.

Fonte: Acervo do CEAB: Centro de Estudos de Arquitetura da Bahia - FAUFBA.

Por outro lado, fábricas de têxteis e de manufatura de alimentos, aumentadas em número pela possibilidade de trabalho remunerado após a abolição dos escravos, vão dar início, a partir de 1890, a diversos complexos de habitação para trabalhadores em Salvador. Apresentando padrões diferenciados em relação às moradias já existentes na cidade eram denominados Vilas Operárias e erigidos pelos próprios proprietários das fábricas baianas.

Todas essas ações trouxeram uma mudança na configuração social e física de Salvador, o que veio a repercutir em novos padrões não só de habitação mas também, e principalmente, do habitar. Durante o período Colonial e Imperial, havia uma produção doméstica de todas as coisas, de transporte de carga e de pessoas, de artesanato e serviços gerais devido à presença do trabalho escravo⁸⁰. Agora, novas alternativas precisavam ser criadas, principalmente nos setores ligados à urbanização progressiva de Salvador. A implantação do sistema de transporte urbano resultou na possibilidade da expansão da cidade, permitindo o aparecimento de bairros residenciais mais ricos, em áreas anteriormente de baixa densidade, bordejando o mar. Novas aspirações passam a ampliar os horizontes de referências de uma burguesia nascente em relação a muitas áreas da existência, incluindo a habitação⁸¹. Vejamos como essas aspirações serão materializadas no espaço urbano.

2.2 As primeiras tentativas de modernizar Salvador: as intervenções na cidade

As transformações perseguidas pela burguesia brasileira, em geral, e pelos ricos comerciantes e fazendeiros baianos, em particular, estavam ligadas às representações que eles tinham de si próprios, de serem agentes do processo de construção do país - embora identificados com interesses do tipo colonial. Como tal, eles percebiam o estilo de vida da

⁸⁰ Vale a pena notar que os viajantes, durante a segunda metade do século XIX, registraram sua surpresa em relação ao transporte de pessoas nas cadeiras de arruar, carregadas por escravos. A maioria desses visitantes é européia (principalmente ingleses, franceses e alemães) e alguns americanos. Uns estão de passagem, outros moram durante um período que variava de semanas, meses e até anos. AUGEL (1980).

⁸¹ FERNANDES e GOMES (1992).

Corte Real, estabelecida no Rio de Janeiro a partir de 1808, e da própria Capital, como o foco de irradiação da civilização no país.⁸²

A organização política de base parlamentarista - durante o Império - estabelecida com a Independência em 1822, criou os mecanismos através dos quais a conciliação entre os interesses regionais e nacionais facilitou as ligações entre as províncias e a Corte. A participação no Parlamento institucionalizou a representação dos grandes fazendeiros proprietários de terras no poder político nacional, alguns dos quais adquiriam títulos de nobreza concedidos pelo próprio Imperador. Através desse contato direto com o poder central, os chamados barões do Império reconheceram-se como agentes da civilização na ex-colônia.⁸³

Era preciso transformar a cidade, modernizá-la, inserí-la – enfim - no mundo “civilizado”. A identificação com os interesses europeus implicou em uma rejeição das condições de existência na sociedade baiana, como também de sua história e de seu estilo de vida. Essa rejeição constituía um pólo da contradição na história baiana, entre repúdio e afirmação de sua herança cultural, o que será observado em eventos posteriores.⁸⁴

Porém, como a elite local da Bahia enfrentaria este sério obstáculo para a europeização de Salvador, transformando-a de uma cidade de 70% de pretos e mulatos em uma cidade branca? Como os diferentes tipos de “fogos” se ajustarão ao modelo da família nuclear? E como o reforço nos papéis e relações de gênero se adaptarão à heterogeneidade desses “fogos”?

De acordo com Fernandes e Gomes, a transformação de Salvador de uma cidade baseada na escravidão para uma cidade civilizada - que na verdade nunca chegou a se constituir - e o processo social ligado a ela não aconteceu em um pequeno período de tempo, no início do século XX, como amplamente aceito, mas durante um longo período a partir de quase um século antes, ou seja, desde o quadriênio 1810/1814, no governo do Conde dos Arcos. Essa transformação foi construída através de múltiplos interesses e ações, combinando várias esferas de intervenção e construindo na cidade uma nova heterogeneidade: uma que combina, lado a lado, o novo e o velho, interagindo e apoiando a superposição de diversas idealizações urbanas sobre a cidade.⁸⁵

Como visto acima, as novas condições econômicas e as experiências vividas pelo desenvolvimento comercial, após a Corte Portuguesa ter se estabelecido no Brasil, tornaram possível melhoramentos na área do Porto e nos bairros comerciais da Cidade Baixa: o apoio

⁸² REIS FILHO (1970) p.141.

⁸³ Idem Ibidem.

⁸⁴ SUÁREZ (1995).

⁸⁵ FERNANDES e GOMES (1992) p. 55.

para estabelecer a Escola de Cirurgia (depois Faculdade de Medicina); a criação da Biblioteca Pública e de um jornal diário⁸⁶; como também a construção de edificações monumentais a exemplo do Teatro São João, do Passeio Público e da Associação Comercial todos erigidos cenograficamente diante da baía; e finalmente a adoção de regulamentos para as construções, objetivando regularizar e realçar a cidade - o que vai incidir diretamente na concepção das residências tanto do ponto de vista espacial como estético.

Essas foram iniciativas que trouxeram novos elementos concretos na vida da cidade, cujo significado

“estava altamente ligado às relações internacionais e idealizações dentro delas: cidade mundial, cidade civilizada, cidade onde o europeu poderia perceber alguns de seus próprios elementos de referência. Mas a cidade real ancora-se ainda e no entanto numa cidade eminentemente colonial. Tímida em suas características físicas, acanhada em sua economia urbana, dominada pelo espaço privado, gerida por precária administração e dependente do braço escravo para seu funcionamento, ela é parte e condição da sociedade colonial e escravista”.⁸⁷

No entanto, a intensificação das ações para mudar a cidade, que - segundo os autores citados - era ligada às questões da salubridade, do fluxo do tráfego urbano e da estética, só foi realizada posteriormente, entre 1850 e 1890, em um segundo momento de modernização.

2.2.1 Higiene, habitação e relações sociais

A questão da salubridade vai estar ancorada em uma necessidade considerada imprescindível: higienizar a cidade para a sua almejada transformação.

As medidas de higiene foram primeiramente tomadas enquanto ação de emergência em 1855/1856, devido à epidemia de cólera que reduziu a população de Salvador em 16,8 % em menos de dez meses. Para enfrentar a epidemia foi montado um aparato político e médico para controlar a situação.⁸⁸ Nas décadas seguintes, o conhecimento especializado, aprendido pelos doutores da Faculdade da Medicina, ofereceria as bases para a ação do poder público na cidade em geral e nas habitações em particular. Esta ação foi então dirigida a todos os segmentos da sociedade, mesmo porque a estratégia seguida visava consolidar a universalização de novos padrões e valores, principalmente entre os que afirmavam ser o Estado mais importante que o grupo familiar.⁸⁹

⁸⁶ O primeiro jornal da Bahia foi “Idade de Ouro do Brasil” e, posteriormente, “O Constitucional”. MATTOSO (1978) p. 200.

⁸⁷ FERNANDES e GOMES (1992) p. 56.

⁸⁸ NASCIMENTO (1985).

⁸⁹ FERRAZ (1994).

Como aconteceu na Europa, esse conhecimento legitimou-se como o único a ser aplicado na cidade, onde a “civilização” apresentava uma relação direta com a higiene. Sendo a base de uma ampla estratégia de medicalização e normalização do espaço urbano, a medicina social higienista teria na família um de seus alvos mais diretos. Inspirado no ideal racionalista e humanista dos médicos franceses, a racionalidade médica brasileira alegava que a falta de informações higiênicas - responsável pelos altos índices de mortalidade infantil e a saúde precária dos adultos - era um atestado da incapacidade da família oitocentista de preservar a vida de seus membros.⁹⁰

A aglomeração e a mistura de pessoas e atividades, uma vez vistas com restrição, vão acelerar o processo de desdensificação do centro da cidade, razão pela qual Nascimento explica a migração das pessoas ricas para o subúrbio, isto é, para os novos bairros da Vitória, Canela, Barra, Graça e Garcia. Os riscos causados pela superposição de atividades e vários segmentos sociais vivendo juntos eram de contaminação... mas também de deflagrador de revoltas sociais. Os segmentos dominantes da sociedade sentiriam-se muito mais seguros longe da área central da cidade.⁹¹

Os logradouros que compunham esses novos bairros - e principalmente o Passeio Público, de onde se descortinava a bela vista da baía - vão assim possibilitar a utilização mais ampla do espaço público, inclusive pelas mulheres nos seus passeios à pé. Sendo mais caracterizados como espaços de lazer, vão se diferenciar daqueles do século anterior, onde pessoas e atividades diversificadas emprestavam um caráter mais heterogêneo à ambiência. A intenção de homogeneização entre os usuários que deveriam frequentar o Passeio Público é explicitada desde os primeiros anos da decisão de implantá-lo, no depoimento de J.R. de Brito, na Câmara: “seria conveniente auxiliar a comunicação das famílias, estabelecendo um passeio público com as comodidades competentes para atrair o concurso dos moradores a verem-se e falarem-se (sic)”.⁹²

Nos novos bairros, os *lay-outs* das casas também mudaram, materializando aspectos de privacidade em relação à rua e dentro das casas, como também reforçando os papéis a serem cumpridos em relação às diferenças de gênero, faixa etária e classe. Esses papéis tenderam a intensificar hierarquias de classe e gênero, reforçando o modelo de segregação que começara a se estabelecer, aspectos a serem analisados no próximo capítulo. Viver nessas

⁹⁰ Idem p.93.

⁹¹ NASCIMENTO (1985)

⁹² SEGAWA, (1996) p.121. A área onde se construiu o Passeio Público era anteriormente destinada ao Jardim Botânico da cidade, cuja idéia de implantação surgiu em 1803. Seu apogeu foi na metade do século XIX e sua apropriação pelo Palácio do Governo se deu em 1914.

novas habitações significava pertencer a esta nova burguesia “civilizada”. A influência dos estrangeiros, principalmente cônsules, cujas mansões eram concentradas na Vitória (Fig. 7) exerceu, daí em diante, um papel crucial na importância dada à localização da moradia em Salvador.

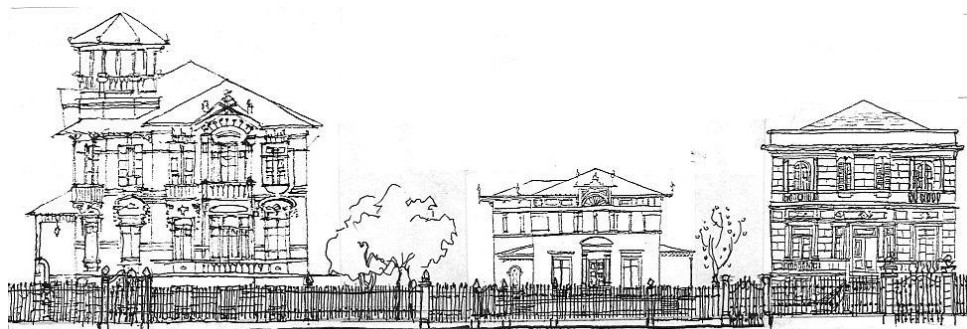


Fig. 7 - Trecho do Corredor da Vitória, no princípio do século XX.
Desenho: Anete Araujo (reconstituição livre).

A necessidade de separar tudo que poderia “contaminar” o corpo físico e social incluiu a construção de instituições especializadas distantes da cidade para abrigar os pobres, os loucos, os vagabundos. Existem em Salvador registros de muitas construções, reparos ou manutenção pública deste tipo, durante o século XIX.⁹³ Entre eles foram construídos abrigos para mulheres jovens, prisões, asilos para pobres e para loucos. O isolamento de mendigos em asilos, o primeiro sendo fundado em 1854, fez parte da “domesticação da natureza e desenvolvimento do gosto paisagístico”. Esta preocupação é percebida claramente no discurso do Presidente da Província, J. M. Wanderley, na inauguração do asilo, conforme citado e elogiado no texto de Nascimento. “Ele (o asilo) permitirá manter longe da nossa vista o triste quadro da mendicidade”.⁹⁴

O processo que valorizava a convivência da família nuclear burguesa na intimidade do lar, portanto, ocorreu paralelamente à criação destas instituições destinadas ao isolamento dos indivíduos que não se ajustavam aos padrões da nova sociedade. A disseminação das formas de controle disciplinar em instituições especializadas, cujas ações eram baseadas no conhecimento jurídico e médico é o foco dos estudos de Michel Foucault a respeito das ligações entre “saber” e “poder”.

Foucault argumenta, contra a visão negativa e centrada no exercício do poder soberano, durante o *Ancien Régime*, a visão produtiva do Iluminismo baseada no conhecimento, que é altamente implicada nas Instituições e em relações de poder definidas. As relações de poder são assim difusas e difundidas através de todo o corpo social

⁹³ FERRAZ (1994); NASCIMENTO (1985); COSTA (1979).

⁹⁴ NASCIMENTO (1985) p.78.

configurando complexas redes e diversas relações como as de família-Estado.⁹⁵ No caso do Brasil, o confisco e a punição - que caracterizavam a forma principal de exercício de poder no período colonial - foram substituídos, na sociedade oitocentista, por uma nova tecnologia de poder que será pensada e praticada pela medicina higienista do século XIX.⁹⁶

Um dos objetivos da medicina higienista, talvez sem consciência disso, segundo Ferraz, é a construção de um novo tipo de indivíduo e população capazes de dar sustentação, de um lado, à sociedade capitalista emergente e, de outro, às políticas de normalização do poder estatal. Afirmando-se como ciência do social, essa medicina tem como alvo central o exercício de poder na cidade, e dentro da cidade, a casa. A experiência baiana parece reforçar a teoria foucaultiana, mas a maneira como ela se desenvolveu será ainda objeto de análise posterior.

Uma outra especialização do conhecimento em Salvador foi representada pelos engenheiros da Municipalidade, que elaboraram os meios de adequar os espaços público e privado às regras higiênicas. Nas últimas duas décadas do século XIX, as instituições sanitárias aumentaram, o sistema de esgoto foi planejado (embora não executado), edificações insalubres foram desapropriadas. Os especuladores imobiliários, que antes atuavam livremente, deveriam obedecer normas para construir, a exemplo dos recuos das casas, embora a desobediência a essas regras fosse registrada com certa regularidade.

A aspiração de pertencer a uma cidade higiênica alcançou a esfera dos empregadores que implementaram os projetos das Vilas Operárias. Elas começaram a ser construídas em 1890 e eram consideradas exemplo nacional. Embora em uma outra escala quantitativa, algumas vilas tinham seus projetos baseados nos *Tenement House*, estabelecidos pelo Governo Britânico, os quais tinham adotado o modelo casa/jardim para a habitação dos trabalhadores.

2.2.2 Transporte

Embora as gôndolas, transporte de tração animal, tivessem substituído os precários “moxambombos” (Companhia de Omnibus) a partir de 1860 e cobrissem percursos nos dois níveis da cidade (da Cidade Alta até a Barra e das Pedreiras até o Bonfim)⁹⁷, melhoramentos

⁹⁵ FOUCAULT (1977).

⁹⁶ A cidade era então um caos incontrolável através do aparelho jurídico-policial, não tanto pela sua falta de autonomia, submisso que era às grandes famílias, mas pela própria ineficácia do mecanismo punitivo, onde a idéia de prevenção ainda não tinha sido colocada. É essa ineficácia do dispositivo jurídico policial que vai abrir espaço para a entrada em cena da racionalidade médica. Para detalhes ver FERRAZ (1994).

⁹⁷ A Tarde (30/10/1914). Entrevista com Manoel Quirino intitulada “A Bahia de Nossos Avós” onde ele informa que a primeira mulher a subir em uma Gôndola foi a Condessa de Barral, “introduzindo assim o costume europeu entre nós”.

nas vias e organização no Sistema de Transportes foram necessários, criando novos percursos, contribuindo na valorização do solo e incentivando a especulação.

A organização no Sistema de Transporte e fluxo de tráfego pretendia uma articulação melhor não somente entre a Cidade Alta, Cidade Baixa, o Centro e os bairros afastados, mas também entre a cidade e a região, incluindo a rede ferroviária.

Esse desenvolvimento, segundo Fernandes e Gomes⁹⁸, reforçou o segmento empresarial que estava investindo na cidade, mantendo a economia em funcionamento. Sua presença, portanto, é indispensável para entender este novo momento da modernização. Algumas empresas de sistema de transporte passaram a operar em 1870 e redes primárias e secundárias de transporte implicavam em aperfeiçoar e alargar as ruas como também demolir e erigir novas construções. Tudo isso, entretanto, não aconteceu sem conflitos. Desapropriações eram necessárias e os proprietários apresentavam resistência. Entre as Empresas de Transporte e os usuários – os quais reclamavam o valor das passagens cobradas e a baixa qualidade dos serviços, incluindo cumprimento dos horários - os conflitos eram constantes. Talvez essas tenham sido também as razões porque, até nos fins de 1880, as cadeiras de arruar estivessem ainda em uso.

O que importa é que o setor de transportes estava intimamente ligado com a formação do mercado especulativo, que combinava investimentos locais, nacionais e internacionais na formulação da dinâmica interna da cidade e suas relações regionais.⁹⁹ Esse setor vai estar ligado diretamente com a especulação no mercado do solo em Salvador, sendo crucial para entender o modo como as áreas residenciais foram distribuídas e valorizadas no espaço urbano. Além da Vitória, cuja ocupação se deu a partir de 1850, os bairros do Canela, Garcia, Barra e Graça e, posteriormente, os aprazíveis bairros balneários de Ondina e Rio Vermelho (o projeto da Praça Colombo, neste último, data da última década do século XIX) foram aqueles mais beneficiados pelos transportes e elementos de infra-estrutura e onde as residências dos segmentos médio e abastado da população baiana vão estar localizadas (Fig. 8).

⁹⁸ FERNANDES e GOMES (1992)

⁹⁹ FERNANDES e GOMES (1992) p.57



Fig. 8 - Trecho da Rua do Canela, fotografado em 1915.
Fonte: CEAB - Centro de Estudos de Arquitetura na Bahia FAUFBa.

2.2.3 Questões estéticas

A preocupação com o embelezamento da cidade era um aspecto importante no século XIX, quando novos códigos estéticos foram introduzidos, possivelmente devido à Abertura dos portos em 1916 e, posteriormente, à influência da Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro e à permanência de estrangeiros em Salvador desde o princípio do século. Essa preocupação podia ser observada pela presença no mercado de novos e suntuosos objetos e em sua exposição tanto nas residências mais ricas como no próprio espaço urbano, no sentido de forjar uma nova imagem da cidade. O discurso oficial que comemorou a celebração do contrato da iluminação a gás para Salvador “usando como modelo a iluminação das cidades de Londres, Paris e Rio de Janeiro”¹⁰⁰ foi enfático. Identificar-se com o Rio de Janeiro significava imitar os costumes da Corte e adotar o gosto artístico do poder central era uma postura que reforçava o poder local da burguesia soteropolitana. Desse modo, edifícios oficiais eram construídos no estilo neoclássico, e mais tarde, no estilo eclético, seguindo a linha conciliatória na polêmica dos estilos históricos, como o Rio de Janeiro já o fizera.¹⁰¹

Desde o governo do Conde dos Arcos (1810-1814), a questão do embelezamento da cidade era enfatizada através da criação da legislação das construções - como a proibição do uso de muxarabis nas janelas, os melhoramentos das praças da cidade e, mais tarde, a construção de novas ruas e praças nos bairros burgueses.

A arquitetura residencial desempenhou, então, um papel especial, empregando citações de exemplos históricos europeus naquelas ricas casas do distrito da Vitória, nos bairros da Vitória, Canela, Barra, Graça e Garcia. Legislações específicas aí aplicadas, na primeira década do século XX, enfatizavam essa preocupação estética quando o distrito é eleito para representar os novos tempos progressistas da cidade. Em 1895, o Monumento ao 2

¹⁰⁰ Falla do Presidente da província na abertura da Assembléia Legislativa da Bahia, por A. L. da Cunha. Bahia, 1867.

¹⁰¹ Os estilos neo (renascentista, gótico, barroco), o estilo oriental e outros - os quais constituíam variações do ecletismo - incomodavam os classicistas mais ortodoxos criando disputas.

de Julho, através de eleição popular, vai se instalar no Campo Grande, praça de irradiação das vias para aqueles bairros nobres e para o centro.¹⁰²

A paisagem dos jardins era também europeizada: árvores e plantas importadas; enquanto as nativas eram desprezadas. Como afirma Freyre:

“a segunda metade do século XIX significou, entre outras tendências a serem estudadas, o sentido de procurar ser, nas cidades, o mais parecido possível com os europeus, desprezando as árvores africanas e asiáticas, plantas e frutas que já estavam climatizadas, porque muitos brasileiros refinados tornaram-se envergonhados delas. Envergonhados da manga, do dendê, do fruta-pão, do côco, cujos sabores eram saboreados às escondidas”.¹⁰³

Essas eram, portanto, as respostas para os obstáculos postos para a concretização da cidade branca, devido à própria estrutura da sociedade e da população baiana - com seu passado colonial e escravista. A cidade tenderá a se setorizar através da materialização das novas aspirações, nos bairros burgueses - como a presença de árvores plantadas nos passeios e de mansões imitando, entre os jardins floridos, a renascença italiana e o classicismo francês.¹⁰⁴ Esse agenciamento paisagístico - na passagem do século XIX para o século XX - se tornaria modelo para os jardins das classes alta e média. Embora muito menores, representavam exemplo de bom gosto. Muitos do seus ocupantes não podiam mais aceitar as frutas tropicais ou qualquer vestígio de criação de animais, elementos comuns nos jardins de seus antepassados.

2.2.4 Educação

Para que se viabilizassem todos esses aspectos, dentro de uma perspectiva de compreensão da classe dominante ante à necessidade de adotar novos estilos de vida, era necessária a formação dos seus representantes, homens e mulheres. Os primeiros preparando-se para atuar como jornalistas, políticos, padres e médicos (envolvendo, portanto, a Igreja Católica e a Faculdade de Medicina) eram responsáveis pela formação das elites.¹⁰⁵ Nessas instituições a categoria de gênero, determinando os direitos e deveres dos homens e mulheres, guiava o processo de ensino e aprendizagem.¹⁰⁶ Para a educação feminina, a polidez, a

¹⁰² ALMEIDA (1997).

¹⁰³ FREYRE (1968) p.783.

¹⁰⁴ FERNANDES e GOMES (1992) p.64.

¹⁰⁵ REIS (1998). Os homens de elite, segundo Reis, eram identificados por critérios econômicos e prestígio social incluindo os funcionários administrativos, negociantes, proprietário de terras, pecuaristas, senhores de engenho. Essa diversidade resultava em formas diversas de absorção dos padrões de comportamento burgueses.

¹⁰⁶ Idem. A autora informa que entre os “catecismos” de conteúdo moral, político e religioso, dirigido à educação das mulheres, destacou-se pela história de vida de seu autor e pela erudição, a obra “Um Tratado sobre a educação de Cora” (daí o título da sua dissertação), publicado nos meados do século XIX pelo Dr. José Lino Coutinho, um liberal formado em Coimbra, que defendia a educação para a mulher. Reconhecia ele que a nova mulher de elite estava ligada ao novo homem, ilustrado e civilizado. Cora era sua filha com Ildefonsa Laura Cezar, primeira poetiza a publicar versos na Bahia.

ilustração e, principalmente, a maternidade, além de princípios higiênicos - eram base para os novos critérios de conduta social. Divulgar as normas e padrões de educação e comportamento influenciados pelo “Ideal das Luzes” através de periódicos, jornais e manuais diversos - no Brasil do Segundo Império - era uma forma de compensar, nos padrões de civilidade, a face constrangedora da escravidão.

Desse modo, a identidade feminina estava sendo construída através da imprensa, onde jornalistas e médicos assinavam artigos diversos (entre os vários periódicos publicados em Salvador, um único, o *Recreio das Senhoras*, era editado por mulheres, as quais usavam pseudônimos e abreviaturas), incluindo manuais de etiqueta - que estabeleciam novos critérios de diferenciação social, definidores das normas de conduta femininas no mundo público e privado: “O interior da casa atestava riqueza, revestido com papel da Inglaterra (...) Por entre móveis e cortinas, no segundo andar, via-se uma mulher especial, cuja imagem os jornais delineavam”.¹⁰⁷

As normas de conduta e as atividades de mãe e dona de casa que tornaram-se forma de distinção para a classe urbana abastada, funcionários públicos, comerciantes e proprietários urbanos, lembra Pedro, eram formuladas por homens que compunham o judiciário, chefiavam a polícia, o exército e a administração, e que decidiam sobre a educação, diziam sermões, votavam e eram votados: Prescreviam a forma de “ser” distinto e civilizado que incluía modelos idealizados para as mulheres, as quais deviam restringir-se aos papéis femininos.¹⁰⁸

Muitos conteúdos das teses elaboradas na Faculdade de Medicina da Bahia envolviam a “higiene na construção da mulher civilizada” onde tanto a mulher reclusa quanto a de “costumes civilizados” sofrem críticas, pois esses costumes civilizados eram, na verdade, muitas vezes, desprezados pelas mulheres.¹⁰⁹

Para Reis, por exemplo, no dia-a-dia das baianas, os modelos europeus da moda não dominavam. No interior da casa, praticava-se a “cultura do desalinho”, revelando as contradições do sistema patriarcal: as práticas de vestir não acompanhavam as noções de reclusão, os costumes se aproximavam mais dos das escravas do que das europeias. A casa, para a autora, representava um ambiente de “liberdade”, em contraposição ao gosto “barroco” pelo luxo - revelando diferenças nos códigos brasileiro e europeu, percebidas por Maria

¹⁰⁷ PEDRO (1994) p.38.

¹⁰⁸ Idem, p.45.

¹⁰⁹ O comportamento dos homens, contudo, não era diferente. Lindley, em sua “Narrativa de uma viagem ao Brasil,” (p.177) diz que eles despiam-se imediatamente de todos os atavios tão logo entravam na residência: “alguns envergam um gibão ou jaqueta fina, ao passo que outros ficam em ceroulas e camisa”. Citado em ARAÚJO (1997), p.120.

Graham em sua visita à Bahia na segunda década do século XIX.¹¹⁰ Podemos entretanto - recorrendo a Richard Sennet - lembrar que, nas sociedades francesa e inglesa do século XVIII, o uso de roupas simples e folgadas no espaço privado ganhava a preferência em todas as classes sociais. Para ele, surgiu aí “o primeiro dos termos de separação entre o domínio público e o domínio privado: como o privado era o mais natural, o corpo começa a surgir nele como em si mais expressivo”, e continua: Na rua, por contraste, eram usados trajes que marcavam de modo reconhecível o lugar de quem os vestia (...)”¹¹¹

Por outro lado, o discurso da libertação mariana e o investimento na caridade feminina pregado pela Igreja católica “construía” a mulher na representação católica. Dos dois mitos antagônicos para representar a mulher, Eva (o mal, o pecado e a traição) e Maria, (a maternidade, a virtude e o amor), ambos confirmavam, por parte da doutrina católica, o controle das mulheres pelo *pater-famílias*, obrigando-as a obedecer às ordens do pai ou do marido. A instrução das mulheres era principalmente ministrada nos educandários religiosos - particularmente nos conventos da Soledade e Mercês.¹¹² O controle e a construção dos papéis e práticas culturais da mulher, ou seja, o discurso do gênero vai encontrar reforço no discurso do espaço, como veremos no decorrer da defesa do argumento aqui pretendido.

2.3 O discurso higienista continua

O que mais nos interessa nesse longo processo de modernização, que tem seu terceiro período nas duas primeiras décadas do século XX - discutido adiante - são as implicações do projeto higienista, como Fernandes e Gomes colocam. Enquanto o projeto desenvolveu-se através de múltiplas ações das instituições públicas, sejam jurídicas, educacionais ou administrativas, ele alcançou três campos diferentes: o espaço público, o espaço privado e o estilo de vida. Perseguindo a normatização das moradias, invadiu a vida da família e tentou estruturar e levar à mesmice o comportamento individual e da coletividade, através dos usos dos espaços públicos e privados.¹¹³

De fato, mais do que quaisquer tipos de construções funcionais, foram as edificações residenciais aquelas mais intensamente atingidas, enquanto alvo de discursos e práticas

¹¹⁰ REIS (1998). A autora analisa as descrições dos viajantes, entre outras, o choque de Lindley diante do comportamento dos baianos à mesa (incluindo comer de mão) e as observações de Maria Graham: mulheres “indecentemente desalinhas”... “para ser fidalga em público é preciso que a mulher o seja na vida privada”, foram as expressões da inglesa, que visitou a Bahia em parte dos anos 1821, 1822 e 1823.

¹¹¹ SENNET (1998) p.91.

¹¹² MATTOSO (1978). Destacando a função social da mulher na educação dos próprios filhos e de filhos de parentes e agregados, Mattoso informa que ela ingressa no magistério como professora a partir de 1832. É, portanto, a própria mulher, afirma ela, que transmite às crianças aqueles valores que constroem a sua submissão (p.198).

¹¹³ FERNANDES e GOMES (1992).

normativas; os espaços domésticos sendo então (idealmente) submetidos a uma ordem estável, necessária às novas funções urbanas agora modernizadas.

Porém, enfatizam os autores, esse projeto de modernização nunca foi completamente realizado. Entre os muitos obstáculos para o seu sucesso, a rejeição ou a resistência das pessoas à alteração de seus costumes, o que alcançava até mesmo a classe dominante, como visto acima, também contribuiu. Assim, a despeito do esforço realizado pelo poder público, Salvador deixava uma péssima impressão aos seus visitantes. Na verdade, enquanto a cidade estava sendo modernizada, ela estava sendo segmentada espacialmente, mostrando claramente a diversidade de condições higiênicas entre as novas áreas e as antigas. Os ricos habitavam as primeiras, os pobres as últimas. Se, anteriormente, a prática de exclusão era principalmente relacionada com a raça, na cidade 'modernizada', o novo sistema de exclusão estabelecido era baseado na classe. Na prática, raça e classe eram preconceitos que se superpunham, alcançando a ambos, pobres e negros (ou mulatos) que, na sua grande maioria, eram atributos do mesmo indivíduo.

O zoneamento espacial na cidade se consolida assim nas últimas décadas do século XIX. Próximo ao Porto estavam localizadas as casas de importação e exportação e as sedes das instituições financeiras; na parte central da cidade alta, as instituições governamentais, os escritórios profissionais, o comércio varejista; para o sul e sudeste dessa zona mais densificada, a zona residencial das colinas do Garcia, Graça e Canela (a Vitória já estava ocupada); na orla marítima, reservada para as habitações da classe alta, localizavam-se de forma esparsa vilas de pescadores; e finalmente, para o norte e a nordeste do Centro, na área de Itapagipe, o subúrbio ferroviário estava destinado às fábricas e casas proletárias.¹¹⁴

Por sua vez, os bairros da Segunda Cumeada, Desterro, Palma e Saúde, eram predominantemente residenciais e ainda apresentavam uma população heterogênea, cujo poder aquisitivo - maior ou menor - se refletia tanto na variedade das tipologias habitacionais de implantação ainda colonial como nos ornatos exteriores das residências, alguns representativos de uma versão popular duradoura de gosto eclético (Fig. 9).

Essas casas - que no Censo de 1855 já representavam 72,11% em relação àquelas de dois ou mais pavimentos, conforme Cardoso, continuavam a ser construídas mais ou menos na mesma proporção, até as primeiras décadas do século XX. Embora erigidas em largos e ruas, primárias ou secundárias, com diferentes valores locativos e estilisticamente

¹¹⁴ CARDOSO (1991).

diversificadas, suas concepções espaciais eram semelhantes, como veremos no próximo capítulo.

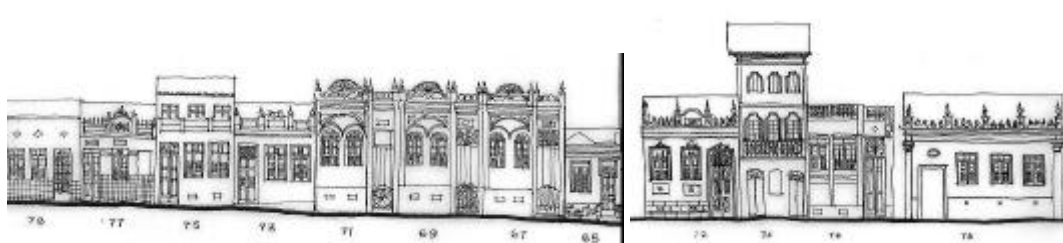


Fig. 9 - Trechos da Rua do Alvo, no Bairro da Saúde.
Fonte: Araujo (1987). Desenho: Anete Araujo

Vale ressaltar que no centro da cidade, que abrigava uma grande parte da população, o uso residencial continuava em paralelo a atividades de serviço e comércio. Com o passar dos anos, se o abandono do centro e das áreas próximas pelos moradores proprietários leva à sua desdensificação, elas vão paulatinamente abrigar a crescente classe trabalhadora, seja através da turgurização dos sobrados antigos ou da construção de “casinhas” em qualquer espaço disponível, usualmente construídas em *cul-de-sac* muito estreitos. Esse agenciamento espacial denominado de “avenidas” já tinha sido adotado anteriormente, quando o modelo era o das “ilhas” do urbanismo português, descrito por Teixeira.¹¹⁵ Os especuladores da construção, na mudança do século, construíam rapidamente essas “avenidas”, de forma barata e com pouquíssimo controle por parte do poder público.

Na verdade, Nascimento afirma que, desde o fim do tráfico de escravos, pequenos grupos de casas eram construídos para fins de locação. Muitas eram de construção bastante precária, pois somente após o estabelecimento das normas da Constituição Republicana, o discurso oficial preocupou-se com elas. Isto foi principalmente devido à abolição dos escravos, quando uma grande quantidade de força de trabalho tornou-se necessária, implicando em nova demanda de novas moradias.

As leis governamentais eram criadas concedendo isenção de taxas para aqueles que investissem em habitação para a população de baixa renda naqueles anos (1870 a 1930). A quantidade de casa proletárias construídas na cidade alcançou 50,17 % do total, incluindo as unidades das Vilas Operárias. Esse índice mostra que os investimentos em casas para trabalhadores continuavam sendo lucrativos, portanto aumentando em número, enquanto investimentos na produção de casas para segmentos de maior renda eram poucos, correspondendo a 3,8% no mesmo período.¹¹⁶ De acordo com Cardoso, o domínio do

¹¹⁵ TEIXEIRA (1990).

¹¹⁶ CARDOSO (1991), p.149.

mercado de casas mais simples era exercido por pequenos e médios investidores (75,28%), ao menos durante a Primeira República.¹¹⁷

2.4 O Governo de J.J. Seabra

Esse terceiro momento de modernização de Salvador, que teve lugar principalmente entre 1912 e 1916, no primeiro Governo Seabra, correspondeu a um período de recuperação da economia baiana, quando a Bahia era o maior estado produtor de cacau do país e quando os grupos industriais conseguiram se organizar de modo mais eficaz.

Para garantir o fluxo do comércio internacional, era necessário desenvolver os meios de comunicação, ampliar o aparato administrativo do estado, promover a interpenetração dos interesses local, nacional e internacional como também atentar para as demandas habitacionais decorrentes do aumento da população urbana, conjunto de preocupações que veio resultar em novas intervenções na cidade.¹¹⁸ Essas intervenções ocorreram em paralelo à mudanças, tanto na inserção das habitações no espaço urbano como no interior das mesmas. Novas relações familiares no espaço doméstico vão ser acompanhadas por novas práticas no espaço público, principalmente por parte das mulheres, que passam a usufruí-lo com mais frequência.

O modelo de intervenção urbana então implementado foi influenciado pelo projeto de renovação urbana do Rio de Janeiro, realizado por Pereira Passos, em 1902-1906. Entretanto, a reforma em Salvador esteve mais no âmbito das idéias e projetos do que em ações aplicadas efetivamente no urbano.¹¹⁹

No centro de Salvador, a malha não mudou e o que caracterizou a reforma foram os alargamentos das ruas existentes (possibilitados pelas demolições), embora o objetivo principal, conclui Pinheiro, coincidissem com aquele almejado tanto no Rio de Janeiro quanto

¹¹⁷ Idem p. 152.

¹¹⁸ FERNANDES e GOMES (1992).

¹¹⁹ PINHEIRO (2002). O engenheiro Francisco Pereira Passos, entre 1902 e 1906, realizou a renovação urbana do Rio de Janeiro. Foi diplomado na École des Ponts et Chaussées, no período em que Hausmann estava realizando sua grande intervenção em Paris, entre 1853 e 1860. Sua atuação no Rio foi considerada uma influência do “urbanismo demolidor” defendido pelo prefeito parisiense. Pinheiro faz uma análise aprofundada desse possível jogo de influências, ligado tanto ao método de ação quanto à forma final da intervenção. A autora comenta com detalhes os projetos desenhados para o Rio de Pereira Passos (e os de Seabra em Salvador), executados ou não, inspirados no urbanismo europeu. No que diz respeito à ação do prefeito de Paris alguns autores, incluindo Pinheiro, chamam a atenção de que a demolição dos velhos quarteirões, afastando os pobres para fora dos muros, tinha também como objetivo evitar o perigo que os mesmos apresentavam para a segurança do Estado. A retificação e a largura das novas vias respondiam a uma preocupação policial pois dificultava a construção de barricadas enquanto facilitava a ação da cavalaria. Outros autores, a exemplo de Sennet, levantam também razões comerciais, numa economia de desenvolvimento estatal real: as ruas tortuosas de Paris dificultavam o acesso dos consumidores quando as lojas de departamentos tinham que atrair os clientes da cidade para completar suas vendas. A criação dos *grands boulevards* hausmannianos facilitariam esse acesso, possibilitado pelo deslocamento muito mais rápido. Para detalhes, v. Sennet (1999) p.179 a 181.

na Paris de Hausmann: otimizar o deslocamento, ligar pontos da cidade, facilitar a introdução dos meios de transporte eletrificados.¹²⁰

Assim, a intervenção de Seabra envolveu a demolição de vários quarteirões e diversos monumentos, incluindo religiosos.¹²¹ Sua concentração correspondeu à área entre a Praça Municipal e o Campo Grande, para dar lugar à então larga Avenida Sete de Setembro. O Campo Grande era a maior praça da cidade de onde irradiavam as vias em direção aos bairros residenciais do Canela, Garcia, Vitória, Graça, Barra - os quais, juntamente com o Garcia, Mercês, Aflitos e Rio Vermelho, constituíam o Distrito da Vitória. A construção e melhoramentos dessas vias demandaram grandes investimentos e imenso número de operários e iam configurando as novas áreas nobres da cidade. Nessas áreas, como vimos, foram erigidas as residências mais representativas do projeto higienista e estético da cidade, recebendo um tratamento diferenciado na legislação para a aprovação de projetos.¹²² Tais projetos apresentavam uma preocupação com a privacidade no agenciamento dos espaços internos da casa e na sua implantação: distanciada da rua, diferentemente das construções coloniais.

Analisando essas transformações nas diversas cidades brasileiras, Marins chama a atenção que “a diferenciação entre as ruas e as casas, entre espaços ‘públicos’ e ‘privados’, deveria ser ainda acompanhada pela geografia de exclusão e de segregação social, que acabava separando em bairros distintos os diversos segmentos da sociedade”, e continua: “Privacidade, portanto, não poderia mais se confundir com domesticidade, com os simples limites da casa, mas escapava para uma dimensão que abarcava os convívios, os vizinhos - todos sujeitos a uma mesma gramática de comportamento”.¹²³

Estamos muito distantes da convivência de segmentos heterogêneos e comportamentos diferenciados no mesmo espaço público nas ruas, praças e largos dos tempos coloniais...

O resultado desse projeto de reforma urbana, inspirado em um modelo ideal de espacialização foi alimentado em um longo processo de modernização, que revelou sua nova face: “segmentado e polarizado ele domina e homogeneiza, mas não consegue atingir, em seu padrão de sincronia, todas os espaços e práticas sociais que estruturam a cidade”.¹²⁴

¹²⁰ Idem, p. 207. A eletrificação dos transportes públicos, em Salvador, iniciada em 1897, se estende pelas linhas dos bairros nobres e proletários nos anos subsequentes e, em 1920, todas as linhas já estão eletrificadas.

¹²¹ A proposta da demolição da Catedral da Sé, por ser a mais polêmica, resultou em um debate polarizado em duas posições, durante nada menos que seis anos: “preservar a Catedral” ou “modernizar a cidade”, destruindo o monumento, opção então vitoriosa. Para detalhes ver Fernando da Rocha Peres, *Memórias da Sé*. Salvador: Macunaíma, 1974.

¹²² Para detalhes, ver ALMEIDA (1997).

¹²³ MARINS (1998) p.136.

¹²⁴ FERNANDES e GOMES (1992) p.59.

De fato, o saber urbanístico utilizado reduzia os problemas da cidade ao âmbito da aplicação das técnicas e saberes supostamente neutros e divorciados de determinações políticas, ao mesmo tempo em que procurava assumir para si o papel de auxiliar na construção de uma nova ordem pública. Assim, o espaço urbano associava-se muito mais ao poder público que à vida pública - no sentido dado por Sennet, isto é, de contato entre diferentes; agora os diversos segmentos da população iam para as ruas ocupando espaços diferenciados - resultantes da segregação social que lhe serviu de fundamento.

Se atentarmos para o paralelismo entre essas intervenções urbanas e o início do desenvolvimento de um comércio mais elitizado - concentrado na Rua Chile e adjacências - podemos considerar as observações de Sennet sobre a diferença entre a sociabilidade nas ruas entre os séculos XVIII¹²⁵ e XIX¹²⁶ nas cidades européias. Se aqui, no oitocentos, a cidade se torna mais aberta às mulheres de elite - quando comparado aos séculos anteriores - a percepção do âmbito público também muda. Para Sennet, o investimento de sentimentos pessoais¹²⁷ e a observação passiva estavam se unindo: estar em público era ao mesmo tempo uma experiência pessoal e passiva.

Por outro lado, se no novo contexto urbano um número maior de estímulos incitava as mulheres a usufruir do espaço público, novas aspirações e frustrações emergiam quanto ao horizonte moral e social a elas reservado: o espaço da rua é repartido de forma desigual. Locais, horários circunscritos e acompanhantes regem a presença da mulher na cidade. Códigos morais rígidos espreitam sua conduta enquanto, para os homens o espaço público é familiar. Nele, se criam identidades coletivas e se estabelecem sociabilidades exclusivamente masculinas.¹²⁸

¹²⁵ O século XVIII é, para o autor, o paradigma de experiência mais intensa das pessoas no domínio público, centralizada em torno de uma burguesia em ascensão e de uma aristocracia em declínio, a cidade sendo um meio no qual estranhos podem se encontrar. SENNET (1998) p. 68.

¹²⁶ Em relação ao século XIX, Sennet coloca quatro questões a respeito da vida pública: i) o efeito das questões materiais (população e economia); ii) a introdução da categoria personalidade individual, possibilitando eventualmente abalos profundos no domínio público; III) a identidade 'silenciosa' do homem público (no XVIII a identidade é a do homem/ator, esforçando-se para dar cor ao relacionamento com os outros, dar forma aos intercâmbios sociais, criar um sentido convincente de platéia) e a quarta referente à ligação entre a personalidade em público e a regulamentação moderna da intimidade. As três primeiras tratam da herança adquirida do século XVIII e sua deformação e a última, de como o século XIX preparou terreno para a extinção moderna da *res publica*. SENNET (p. 160, 161). Voltaremos no próximo capítulo a esta quarta questão.

¹²⁷ O autor se refere aqui ao estímulo provocado, pelo comércio, ao consumo dos objetos no sentido de revesti-los de significações pessoais. No Capítulo 3, veremos como esse processo se deu em Salvador.

¹²⁸ SCHPUN (1997).

2.5 As Vilas Operárias

A defesa da cidade higiênica, contudo, continua reforçada não somente nas esferas governamental e administrativa, mas também através de estratégias patronais, na moldagem do novo trabalhador que viverá com sua família nas Vilas Operárias.

As altas inversões de capital na habitação das classes trabalhadoras em Salvador estavam ligadas principalmente à produção de têxteis, como parte de uma estratégia para aumentar a produtividade na indústria através de mecanismos que permitiam assegurar a fixação e reprodução da força de trabalho.

Variando em dimensões, número de unidades habitacionais e equipamentos de uso comunal, as Vilas Operárias foram construídas principalmente no período da Primeira República. Situadas em sua maior parte na península itapagipana, onde estava sediada a maioria das fábricas, as moradias, de uma modo geral, obedeciam a padrões semelhantes. Grupos de casas localizadas em vias públicas também foram erigidos para abrigar famílias operárias, conforme ilustração abaixo (Fig. 10), parte de um conjunto de oito unidades, localizado na Estrada da Fonte Nova.

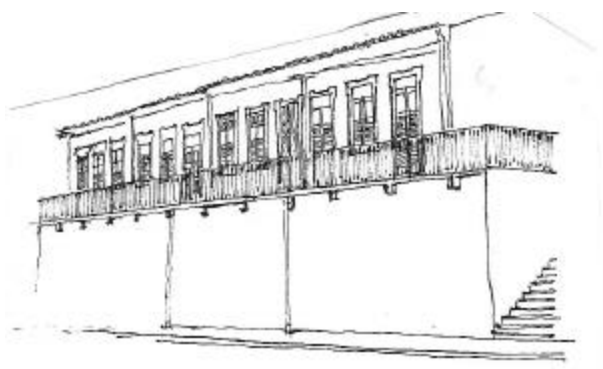


Fig.10 - Parte de um conjunto de oito casas para operários na Estrada da Fonte Nova, ainda existentes.
Desenho: Anete Araujo

As Vilas Operárias foram instrumentos eficientes de propagação das ideologias das classes dominantes, como aconteceu também na Inglaterra, no século XIX. As famílias eram controladas através das facilidades comunais dentro das próprias Vilas e ratificadas pela posição conservadora e moralista do patrão, refletida nos regulamentos estabelecidos pelo mesmo.¹²⁹ Mudanças no estilo de vida alcançaram a própria constituição da família. A variedade da composição familiar - encontrada no Censo de 1855¹³⁰ -, decresceria no tempo, desde que apenas a família nuclear - constituída por um chefe trabalhador assalariado e seus dependentes familiares - tinha acesso aos programas de habitação. Isto reforçou a

¹²⁹ CARDOSO (1991). Os regulamentos das Vilas Operárias variavam desde o controle em relação à entrada de pessoas que não moravam lá, até o horário de abrir a fechar os portões ou de desligar a luz elétrica durante a noite.

¹³⁰ No Censo de Salvador são oito os tipos de agrupamentos familiares classificados por Nascimento. Ver Capítulo 3.

noção de família nuclear como a ideal, além de legitimar os papéis: do homem - no trabalho, fora do âmbito doméstico, e o da mulher - dentro de casa, os quais repercutiam diretamente nas relações de gênero.

Facilmente conclui-se que os proprietários das fábricas tinham como aspiração não somente abrigar os trabalhadores e auferir lucros crescentes através do aumento da produção. Pretendia-se também assegurar os padrões de decência e moralidade, tão elogiados nos projetos de habitação dos ingleses cujos modelos estavam sendo copiados.

Marion Roberts argumenta que, na Inglaterra, a ênfase na moralidade é exemplificada no próprio enfrentamento ao problema de carência de habitação. Entre as preocupações de abastecimento, valor dos aluguéis, equipamentos urbanos, falta de conservação das moradias e super população, este último item foi considerado o prioritário pelo Primeiro Ato do Parlamento - que regulamentou a Habitação da Classe Trabalhadora (*Lodging Housing*) - revelando o medo da imoralidade e do incesto, presentes na mente dos reformadores. Daí o reforço na suburbanização baseada na noção de uma família ideal - constituída de um homem provedor com sua mulher e crianças dependentes -, para reformar os desobedientes, enquanto servia de exemplo para os outros. A ideologia da domesticidade, a organização familiar e o comportamento doméstico das classes dominantes eram assim transferidos para as pessoas da classe trabalhadora.¹³¹

A responsabilidade da mulher pelo trabalho doméstico, a criação das crianças e, posteriormente, o conceito de “salário família”, negociado entre os empregadores e os sindicalistas - sugeriram que a mulher não tinha direito a um trabalho remunerado, reforçando assim um dos princípios mais importantes do desenho arquitetônico, de que “o lugar da mulher é a casa”.

2.6 Arquitetura e urbanismo: novos pensamentos e ações sobre a cidade

No período que cobre a Primeira República e adentrando os anos trinta, a inserção da habitação no espaço urbano foi pontuada pela consolidação de formas de morar diferenciadas - devido à heterogeneidade do próprio corpo social, em cujos extremos encontravam-se a nova burguesia baiana (privilegiando cada vez mais os bairros nobres) e os aglomerados das casas pobres que começavam a se multiplicar na cidade.

Entre 1935 - ano em que se realizou a primeira Semana de Urbanismo - e a instalação do Escritório de Planejamento e Urbanismo da Cidade do Salvador (EPUCS), em 1943, a

¹³¹ ROBERTS (1991). No Brasil, em uma pequena brochura, Margareth Rago analisa justamente este aspecto da transferência de valores da classe alta para as demais e a consequência da mesma sobre os movimentos anarquista e feminista no Brasil. Para detalhes ver RAGO (1998).

cidade se tornou objeto de pensamentos e ações. As últimas - posteriormente voltadas apenas para melhoramentos urbanos, - não corresponderam, no entanto, às expectativas e aspirações resultantes das novas diretrizes urbanas traçadas pelo poder público e pelos urbanistas baianos.

Entretanto, este foi um período em que uma série de loteamentos para uso residencial (alguns em áreas de expansão da cidade, como a Pituba) foi implantada. Esses loteamentos obedeciam a configuração dos sítios, normalmente acidentados, e receberiam o novo estoque habitacional da cidade. Sua localização variava entre bairros nobres como Graça e Barra Avenida, passando por Nazaré e Barris, alcançando também bairros mais populares como Brotas, Mares e Penha, na cidade baixa.¹³²

Algumas empresas de construção trouxeram novas concepções estruturais e espaciais baseadas na versatilidade do concreto que vão permitir a verticalização das habitações em Salvador, possibilitando a absorção da nova arquitetura. Inicialmente aplicada em obras de exceção, o modernismo também vai alcançar residências uni familiares baianas, dispersas pelos bairros da cidade. A adoção de edifícios modernos, por outro lado, vai ser acelerada posteriormente, a partir do crescimento econômico e urbano, em consequência do descobrimento do petróleo no último ano da década de trinta.

¹³² PLANDURB, Órgão Central de Planejamento. Inventário de Loteamentos. Estudos Normativos, nº 2. Salvador: PMS, 1976/1977.

3 ARQUITETURA RESIDENCIAL EM SALVADOR

3.1 O Espaço Privado nos Séculos XVII, XVIII e XIX em Salvador

O urbanista de hoje está tão acostumado a pensar que a economia de uma área ‘combina’ com o nível de afluência de seus habitantes, que é difícil retratar o sistema de vizinhança anterior ao século XIX tal como realmente era, com sua mistura de diversas classes em prédios vizinhos, quando não na mesma casa, e com a mistura de diferentes espécies de comércio, lojas, e até pequenas feiras para servir a essas clientelas variadas.

Richard Sennet, 1999

3.1.1 Introdução

Grande parte dos estudos clássicos sobre a habitação, no que diz respeito à sua organização espacial, é fundamentada em aspectos relativos ao preenchimento, freqüentemente patente, das necessidades humanas como abrigo, privacidade, conforto e independência que a casa pode proporcionar. Essa postura ou afirmação, de alguma forma, esconde o fato de que a organização do espaço privado - como o entendemos na sociedade moderna - tem uma origem e um propósito. Assim, um olhar histórico embasado conceitualmente neste sentido é o único meio para reconhecer que mudanças ideológicas e sociais afetaram sua organização. É necessário, portanto, como aponta Rakatanski ¹³³, ler o espaço privado à luz das mentalidades e das práticas domésticas, incluindo relações entre gêneros, pais e filhos, patrões e criados, dentro e fora, privado e público, o que é suposto ser visto, tocado, cheirado, ouvido.

Dessa forma é indispensável entender como as pessoas experienciavam e pensavam suas vidas no espaço privado bem como sua relação com o espaço público, nos séculos XVII, XVIII e XIX, e a transformação dessas experiências no tempo. A preocupação com a distribuição e disposição do espaço doméstico, com a localização das envasaduras e a instalação de infra-estrutura em busca de conforto, independência e privacidade, através do agenciamento da arquitetura, se estabelece no século XVII na Europa, enquanto sua adoção em Salvador é bastante recente, isto é, não antes dos meados do século XIX.

Desse modo, comparando com a Europa, essa aspiração se estabeleceu aqui cerca de dois séculos depois. Autores europeus, como Robert Kerr, identificam o requisito da privacidade na Inglaterra mesmo antes, na planta da casa elizabetana do século XVI. Elogiando sua disposição, Kerr reforça sua “superioridade” porque “os cômodos de uma casa devem ser essencialmente privados e a área destinada aos empregados deve ser separada do

¹³³ RAKATANSKI (1992)

corpo principal da casa, de tal forma que o que se passa no interior de cada lado da fronteira seja invisível e inaudível para o outro”.¹³⁴

De fato, Evans, considerando a introdução dos corredores enquanto um instrumento agenciador da privacidade, data seu aparecimento na Inglaterra em 1597, época da popularidade da casa elizabetana. Citando Sir R. Pratt, sobre a criação de uma passagem para empregados, em uma casa de sua propriedade em Coleshill, Berkshire, ‘para impedi-los de atravessar o caminho dos cavalheiros e das damas’, Evans afirma: “Não há nada de novo nisto, a novidade era o emprego consciente da arquitetura para aquele fim - uma premonição daquilo que iria garantir uma vida doméstica tranqüila em épocas vindouras.”¹³⁵

Na verdade, a prescrição de privacidade no espaço doméstico já se evidencia, no século XV, no “*Da Re Aedificatória*”, de L.B.Alberti, onde se estabelecia um espaço masculino, do qual dependiam novos tipos de escrita, e acolhia o conhecimento imaterial enquanto à mulher era dado um quarto de vestir, espaço de máscaras materiais, fora do quarto de dormir. Aliás, Wigley atesta que, datado do século XV, o primeiro espaço privado foi mesmo o gabinete de estudos do homem, um pequeno espaço fechado, fora e ao lado do quarto, no qual ninguém poderia entrar, um espaço intelectual exterior àquele da sexualidade: “Ele passava de cômodo a cômodo até alcançar seu gabinete secreto onde ninguém tinha acesso exceto ele próprio.”¹³⁶

Esses cômodos emergiram no século XIV e gradualmente tornaram-se comuns no século seguinte. Eles foram o resultado da transformação de uma peça do mobiliário localizada no quarto - uma escrivaninha com fechadura - em um cômodo, denominado *closet* fechado à chave, fora do quarto.¹³⁷

Também na sua interpretação histórico-sociológica da evolução da sociedade da corte francesa, Norbert Elias observa que os séculos XVI e XVII viram o triunfo do individual na vida quotidiana (porém não como uma ideologia que só vem a se consolidar no século XIX). Para ele, a sociedade da corte indica a transição de um Estado fraco, característico do período medieval, para a poderosa monarquia administrativa que, usando recursos previamente

¹³⁴ KERR (1864) p. 68. Em um outro livro *How to plan English Residences*, de 1871, Kerr prescreve 27 cômodos necessários para uma casa (sem contar com os *halls* e as galerias), descrevendo o uso de cada um por sexo. In SPAIN (1991) p. 113. A autora faz uma ampla leitura crítica das obras (textos e projetos) de Kerr.

¹³⁵ EVANS (1978) p. 272

¹³⁶ WIGLEY (1992) p. 346. O autor refere-se a “Life of S. Kath”, 1430 (Roxb), citado em O.E.D. (Oxford: Clarendon Press, XIX33) vol. X p. IXVIII: “*He passed from chambre to chambre tyle he come yn to hir secret study where no creature used to come but hir self alone*”.

¹³⁷ Idem, p.347. O termo “*closet*”, explica Wigley, foi usado neste sentido nos séculos XVI e XVII. “*We doe call the most secret place in the house appropriate unto owne private studies a closet*” (“*Nós denominamos o lugar mais secreto da casa, apropriado para nosso estudo privado, um closet*”) Day, English Secretary (1586), citado em O.E.D. vol.II, p. 520.

monopolizados pelas famílias e corpos privados, começa a redefinir as fronteiras da vida privada, as quais se refletiram no arranjo do espaço doméstico do século XVI em diante.¹³⁸

Comentando Elias, Eleb-Vidal¹³⁹ observa que dormir só, banhar-se sem testemunhas, fazer isoladamente as necessidades naturais se tornam condições de dignidade pessoal, prescrições que passaram a fazer parte dos tratados do bem viver. No século XVII, os tratadistas e arquitetos trabalham para codificar de forma científica esse domínio do saber: a arte da distribuição dos espaços da habitação, da disposição dos cômodos, da adequação dos costumes - embora mantendo a ornamentação das fachadas como meio de representação social. Novas disposições espaciais, por exemplo, foram adotadas, sejam associadas com a necessidade de privacidade na vida amorosa ou para conversações políticas ou comerciais.

É interessante notar que a inserção de pessoas que não pertenciam ao universo familiar no espaço doméstico da casa, seja para tratar de temas vinculados à produção e comercialização de bens, seja para discussões políticas (os reis e altos funcionários também davam audiências em seus palácios e mansões) significava a presença do que era público no espaço privado. Essas práticas, de certa forma, faziam com que as casas fizessem parte da cidade, a casa acolhendo em sua privacidade a vida pública, caracterizando uma subordinação do individual à sociedade civil, evidenciando assim o conceito de cidade enquanto *locus* de interesse coletivo, muito diferente da atualidade onde a multiplicação de casas produz cidades por adição de indivíduos privados.

Eleb-Vidal concentra um dos aspectos de sua investigação na formação dos projetistas (neste período e posteriormente, no século XIX), para ela surpreendente pelo conteúdo não apenas social e psicológico, mas também, e principalmente, moralista. São invenções e rupturas, inovadoras, neste domínio do saber, cada período se jactando da “melhor arte de viver”. Compreender essa atitude e suas conseqüências - não como fato individual, mas como característica de uma profissão, dentro de um papel social sempre assumido - implica mergulhar na história da arquitetura doméstica, de descobrir suas raízes, suas primeiras elaborações teóricas e as doutrinas em que se desdobram as mesmas.

De fato, na segunda metade do século XIX, paralelamente ao discurso higienista, à literatura e à enorme produção de cultura popular, muitos livros sobre a arquitetura doméstica foram publicados na Europa, não só aqueles manuais mais populares, de autoria leiga, mas também de arquitetos, teóricos e historiadores reconhecidos, a exemplo de Viollet le Duc, Cézair Daly e Robert Kerr. Essas obras, diferentemente daqueles tratados de arquitetura que se

¹³⁸ CHARTIER (1990).

¹³⁹ ELEB-VIDAL; DEBARRE-BLANCHARD (1989).

preocupavam fundamentalmente com os princípios teóricos daquela arte - com categorias de beleza, harmonia e proporção -, concentravam-se principalmente no programa, distribuição, dimensões, funções e propriedade dos cômodos dentro das casas, tendo assim, como principal propósito, lançar as bases para a prática da arquitetura naquela área.

Através da análise desses textos não é difícil concluir que a leitura fácil dos mesmos, com diversas ilustrações esclarecedoras, poderia alcançar tanto arquitetos quanto um público mais amplo, isto é, aquele segmento da sociedade que necessitava consolidar a sua identidade. Como argumenta Bresciani, a burguesia do século XIX não é mais aquele monstro sem face e sem identidade do século XVIII, nem aristocrata nem pobre. Tendo superado essa dicotomia, ela tinha adquirido o hábito da leitura, sejam publicações ou romances, assim elaborando sua identidade a partir de novos valores, entre os quais a constituição da privacidade.¹⁴⁰

Entre as obras dos autores acima referidos, podemos destacar "*How to Build a House*" de Viollet le Duc, "*L'Architecture Privée au XIX Siècle sous Napoleon III*" de César Daly, ambos publicados na França¹⁴¹ e "*The English Gentleman's House*", já comentada, de Robert Kerr, na Inglaterra, pois elas ilustram bem o nosso propósito neste trabalho.¹⁴²

O livro de Viollet le Duc, o arquiteto francês mais influente do século XIX, combina uma animada narrativa de uma família aspirando construir uma casa ideal, através de seu principal personagem, Paul, com o seu aprendizado da 'arquitetura prática', guiado por um mestre arquiteto. O autor, através dos capítulos sucessivos vai desenvolvendo temas como distribuição, disposição e dimensão dos cômodos, assim como instruções técnicas, ilustradas com pranchas e diagramas. O público a ser atingido era claramente o arquiteto prático e o amador, que poderiam aprender como "responder às várias necessidades e condições de uma morada moderna".

O livro de César Daly foi publicado em Paris em 1864. Sua abordagem em relação à arquitetura residencial não apenas a pressupõe como um abrigo contra as manifestações da natureza, mas como um lugar onde um estilo de vida é imposto por uma sociedade sobre os seus membros. As divisões dentro da casa em zonas diferentes para propósitos sociais, íntimos e de trabalho doméstico devem, contudo, corresponder à renda dos moradores,

¹⁴⁰ BRESCIANI (1992) p. 20.

¹⁴¹ DALY (1864). As referências sobre Viollet le Duc estão na versão em inglês *How to Build a House* (1876).

¹⁴² A influência de obras deste tipo, pode ser identificada em obras anteriores, como o "*Précis des Leçons d'Architecture*", de J.N.L.Durant, no início do século XIX e o *Cours d'Architecture Civile ou Traité de la Decoration, Distribution et Construction des Batiments*, de autoria da J. F. Blondel, publicado em 1871. Além da ênfase no papel da estética (uso das ordens clássicas) como sinal de representação social nas casas abastadas, Blondel desenvolve uma teoria da disposição do espaço interno da casa de acordo com a posição social de seus ocupantes.

trazendo assim à discussão, mesmo que superficialmente, a questão das casas não burguesas e, conseqüentemente, as regras que deveriam ser aplicadas a elas.

Para Eleb-Vidal, esses e outros autores pretendiam hierarquizar o luxo, ir ao encontro do fausto aristocrático - que valorizava as fachadas em detrimento dos arranjos internos. Citando Rammé: ‘Habita-se uma casa no interior e não no exterior’; a autora argumenta que o gosto vai enfatizar o conforto. Embora o aparecimento do termo **conforto** no contexto do bem estar doméstico esteja documentado no século XVIII¹⁴³, na França do início do século XIX representava um signo de importação recente, como assinala Eleb-Vidal, e a expressão, que se escreve em itálico e em inglês ‘*comfort*’, significava e era reconhecida como uma das qualidades de boa casa.¹⁴⁴ Conforto, de fato, é aquela qualidade que Kerr valorizava e que, segundo ele, “um cavalheiro do presente destaca entre as demais: privacidade, conveniência, propriedade, salubridade e elegância”.¹⁴⁵

Segundo Rybczynski, a importância do conforto para Kerr devia-se ao seu significado, que era o de desfrute passivo da casa por seus proprietários, enquanto que a comodidade designava, para o inglês, o funcionamento correto da casa: dizendo respeito aos empregados, necessitava de pouca explicação.¹⁴⁶ Pelo pouco que foi observado, ficam claros dois aspectos, quanto à abordagem de Kerr em relação às questões de classe, gênero e faixa etária: a importância dada aos aspectos de propriedade (adequação) na distribuição e funcionalidade dos cômodos e, nos atributos da casa, uma concepção masculina, já muito clara no próprio título “A Casa do Cavalheiro Inglês”.¹⁴⁷

Resumindo, a arte da distribuição, baseada no conhecimento de funções e objetos úteis adequados e apropriados aos espaços domésticos, patrocina um discurso especificamente arquitetural, a partir do século XVIII.¹⁴⁸

Esse discurso, entretanto, faz parte de um processo mais amplo onde, segundo Sennet, o palco do mundo público teria sido usurpado pela cena psíquica privada em detrimento tanto

¹⁴³ RYBCZYNSKI (1993). Rybczynski investiga o termo “conforto” em seus diversos significados no tempo e remonta ao período da Idade Média, o aparecimento de uma palavra especial para designar um atributo particular do espaço doméstico, no sentido de compreender como o mesmo apareceu no século XVIII, (p. 32 a 35).

¹⁴⁴ ELED-VIDAL; BEBARRE BLANCHARD (1985).

¹⁴⁵ KERR (1864) p. 67.

¹⁴⁶ RYBCZYNSKI (1993) p.164.

¹⁴⁷ Entre os projetos da autoria de Kerr, analisados por Daphne Spain, na Vila Bearwood (“o *zenith do planejamento doméstico vitoriano*”) foram detectadas cinco escadas de um pavimento para outro, pois, além da segregação principal da casa - que era a separação entre a ala dos patrões da dos criados, com mensagens óbvias de inferioridade social - a mesma era também diferenciada por gênero, aí refletindo e perpetuando o *status* mais alto do homem, também entre os subalternos (a escada dos criados era separada da escada das criadas). SPAIN (1991) p. 109 a 140.

¹⁴⁸ Esse discurso inclui a distinção entre privado e público e implicou uma segregação sexual crescente, na qual a definição do espaço público tinha como chave o espaço político reservado aos homens. Nos *pubs* e *inns* (tavernas) inglesas, no final do século XVIII e início do XIX, os homens e mulheres estavam juntos (freqüentemente cantando, reivindicando, preparando manifestações, se operários). Aos poucos a presença das mulheres se torna marginal, inabitual e depois francamente excepcional. PERROT (1988) p.218.

do indivíduo como da sociedade. Argumentando que a dicotomia natureza / cultura começou a tomar forma no século XVIII - quando nossos antepassados buscaram imagens e experiências que pudessem exprimir esta oposição, de modo a atribuir uma forma social concreta à busca de felicidade -, seu desenvolvimento foi então construindo a distinção entre privado e público, identificando o natural com o privado e o cultural com o público.¹⁴⁹

Sintonizado com esse processo, é aquele discurso arquitetural como teoria que, se desenvolvendo no século XIX, vai enfatizar a privacidade e os outros atributos que a casa burguesa vai necessitar. Ele vai influenciar a concepção espacial das residências no Brasil e em Salvador, primeiramente utilizada nas casas do bairro da Vitória. Antes disso, a arquitetura doméstica baiana e brasileira ainda apresentava espaços com pouca ou nenhuma preocupação com a privacidade.¹⁵⁰

3.1.2 Espaço privado e relações domésticas

A análise da produção do espaço privado, no período do século XVII ao século XIX, em Salvador, pretende articular a disposição dos cômodos e sua utilização, como também as relações interpessoais e as práticas sócio-culturais no interior dos mesmos, não esquecendo aí as áreas livres dos lotes urbanos, representadas principalmente pelos quintais.¹⁵¹ Vale salientar que as dificuldades relativas ao estudo da arquitetura doméstica no Brasil, neste recorte temporal (séculos XVII e XVIII e parte do XIX) estão vinculadas particularmente às suas características vernaculares, isto é, à ausência da figura de um autor, a sua produção privada, e conseqüentemente, a ausência de desenhos ou textos explicativos sobre o tema.¹⁵² A abordagem nestes séculos não levantará, portanto, a questão do papel do arquiteto ou projetista - que constituirá variável importante na análise do espaço doméstico no final do século XIX e no modernismo das primeiras décadas do século XX. Contudo, a investigação pode ser acompanhada e esclarecida através de referências a exemplos europeus, nos quais nossas edificações foram freqüentemente baseadas.

Embora seja metodologicamente útil partir do esquema tradicional na historiografia, identificando funcionalmente as áreas social, íntima e de serviço da habitação, evitaremos esta abordagem pois ela pode levar a uma análise circular e inoperante, dividindo o espaço doméstico em zonas estanques, cuja existência é exatamente o que estamos tentando entender e questionar. Contudo, um estudo das tipologias habitacionais é necessário a par do exame da

¹⁴⁹ SENNET (1998) p. 91.

¹⁵⁰ VAINFAS (1997).

¹⁵¹ HOLTHE (2002).

¹⁵² Existem exceções, principalmente no XIX quando é possível identificar plantas e/ou projetos com autoria, alguns dos quais serão examinados adiante.

organização do espaço privado enquanto suporte físico facilitador ou inibidor das relações e práticas sociais dentro dele. Também necessário é ir além do espaço da casa e tentar desvendar sua relação com o espaço público da rua.

3.1.3 A rua e as casas

A configuração urbana da cidade do Salvador, desde a sua fundação até o século XIX, apresentava ruas de aspecto uniforme, isto é, era baseada em um tipo de lote com características muito bem definidas: estreitos e profundos, variando de cinco a dez metros de largura e vinte a trinta metros de frente a fundo. As casas térreas e os sobrados eram construídas em fileiras, isto é, as paredes laterais coincidiam com os limites dos lotes. Esta disposição seguiu as antigas tradições de Portugal e a presença de becos, que permitia ainda mais a concentração das casas é, talvez, um exemplo de alto gregarismo, herdado pelos colonizadores portugueses, de influência mourisca e mediterrânea.

Esta concentração de casas pode ser facilmente vista em uma gravura do século XVIII, reproduzida no livro *Cozinhas...etc.*, da autoria de Carlos Lemos,¹⁵³ na qual se vê um trecho da cidade de Salvador (Fig.1).¹⁵⁴ As chaminés nela representadas reportam ao clima frio europeu, constituindo uma influência da arquitetura portuguesa na colônia. Posteriormente, devido ao clima tropical do país, esses elementos finalmente desapareceram.¹⁵⁵



Fig. 1 - Gravura antiga, mostrando a concentração de casas em Salvador, no século XVIII.
Fonte: Lemos (1978)

As edificações também apresentavam certa uniformidade baseada na repetição das casas medievais portuguesas e, posteriormente, nas regulações do século XVII, as Cartas Reais, que desejavam assegurar aquela uniformidade. Segundo Teixeira, essas edificações

¹⁵³ LEMOS (1978).

¹⁵⁴ A mesma gravura, colorida, está representada em REIS FILHO (2000) e identificada como o “Morgado de Santa Bárbara” (p. 42). O original, segundo o autor está no Arquivo do Estado da Bahia, 1764-1785, p. 317.

¹⁵⁵ GLÜPPEL (2000). A autora esclarece que a chaminé cai em desuso no Brasil porque uma vez que o espaço para o cozimento dos alimentos vai se localizar no exterior da moradia, assimilando uma prática indígena, não era necessário afastar, do seu interior, o calor e a fumaça.

eram facilmente adaptadas às condições tropicais através de inovações locais: tetos altos, paredes que não alcançavam os tetos, janelas de venezianas e varandas.¹⁵⁶

Não existiam jardins,¹⁵⁷ apenas quintais, e o esquema geral observado no país, como mostra Reis Filho, envolvia a própria idéia na qual a rua era concebida: “Em uma época, em que as ruas não eram pavimentadas, era impossível pensar em uma rua sem edificações; ruas sem edificações, definidas por cercas, eram estradas, não ruas”.¹⁵⁸

Entremeados com as ruas estavam os largos e as praças, onde edificações religiosas dominavam a paisagem urbana. Igrejas e conventos, em particular a Companhia de Jesus - cuja associação com a empresa ultramarina incumbiu-se da catequese e da tarefa do ensino religioso no sentido de desenvolver os preceitos católicos - vai exercer muita influência na educação e no viver e conviver das pessoas, no espaço público e privado.¹⁵⁹

Por outro lado, o desenho urbano de Salvador não obedeceu a um projeto, exceto o do primeiro assentamento, trazido pelos primeiros colonizadores, no início do século XVI, o qual obedecia a uma malha regular. As ruas, atravessando o vale para alcançar a segunda cumeada, espontaneamente seguiam em direção ao topo das colinas, no final do século XVII. Sobre o assunto Nascimento comenta: “Examinando os documentos, parece que primeiro vieram as casas e depois as ruas”.¹⁶⁰

Reforçando este aspecto, para Murillo Marx, não existia uma regulação ou modulação rigorosa nas concessões de terras no Brasil. A questão sobre o que veio antes o arruamento ou a concessão do terreno fica, também para ele, sem resposta (incluindo aí a área e a forma das frações de solo, onde o beneficiado erigia sua moradia).¹⁶¹

E é, certamente, a preponderância da esfera privada sobre a pública que vai marcar indelevelmente a fisionomia da moradia, onde a família proprietária administrará a cidade colonial segundo seus interesses privados.¹⁶² Era em torno das casas

“que se arrumavam as ruas, necessariamente desalinhas. Quintais dos sobrados, as ruas abrigavam animais domésticos, serviam para o corte da lenha e o despejo dos dejetos dos moradores. Além disso, a própria arquitetura das casas usava a rua como um seu prolongamento: para ela abriam-se diretamente as janelas e portas, e nela as calhas jogavam a água de chuva”.¹⁶³

¹⁵⁶ TEIXEIRA (1990) p. 31.

¹⁵⁷ Leila Algranti observa a presença de jardins, alguns na frente das casas coloniais brasileiras (p. 91, 94, 97), porém, em Salvador, parece que não foram localizados registros dos mesmos antes do século XIX. ALGRANTI (1997).

¹⁵⁸ REIS FILHO (1970) p. 27

¹⁵⁹ Para as mulheres, por exemplo, a permissão para sair de casa era principalmente para fazer visitas e ir às missas, até mesmo diariamente.

¹⁶⁰ NASCIMENTO (1986) p. 30.

¹⁶¹ MARX (1991) p.77.

¹⁶² MURICI (1988).

¹⁶³ Idem, p.52.

Enlameadas nos dias chuvosos, e poeirentas no estio, as ruas não possuíam iluminação, restringindo seu uso praticamente ao período diurno.

No que diz respeito às tipologias das casas urbanas comuns, os vários autores que se dedicaram ao estudo da arquitetura colonial brasileira parecem concordar que, deixando de lado a diferença entre casas e sobrados¹⁶⁴, a única diferenciação era representada por aquelas localizadas nas esquinas dos logradouros. Em Salvador, essas edificações eram chamadas de “casas de oitão” e, como possuíam duas fachadas para a rua, sua disposição em planta variava mais de acordo com o uso (se comercial, residencial, serviço ou uso misto) em ambos os lados. Incluídos ou não nesta categoria também são construções especiais de Salvador os solares, nobres ou não, que por suas características e arranjos específicos merecem destaque na análise do espaço privado a que nos propomos.

As diferenças entre as casas térreas e os sobrados, segundo Reis Filho, eram baseadas na renda do morador, revelando a relação entre os tipos de casas e os segmentos sociais. O piso, nas casas térreas, era usualmente de barro batido, enquanto nos sobrados eram de pranchões de madeira. “Morar em um sobrado significava riqueza e morar em uma casa térrea significava pobreza”.¹⁶⁵ Reis Filho argumenta que esta diferença comportava também um significado simbólico, porquanto nos sobrados o pavimento térreo era utilizado por escravos e animais, sendo algumas vezes deixado vazio. Somente quando os proprietários eram comerciantes, os cômodos térreos eram mais valorizados pois eram utilizados para abrigar os estoques e a comercialização de bens, muitas vezes produzidos no próprio domicílio.

Também Mattoso reforça a desvalorização do pavimento térreo em Salvador onde “apenas famílias humildes aceitavam morar, confirmando que o primeiro indício da decadência de uma família era sua mudança para um alojamento térreo. Na ocorrência de tal infortúnio, a família tornava-se extremamente discreta, evitando todo convívio social.”¹⁶⁶

3.1.4 Indústria caseira: sociabilidade no trabalho

Sobrado ou casa térrea, a maioria das habitações, além de domicílio, era também uma unidade de produção e consumo, onde mulheres, jovens e crianças participavam da produção de artigos variados. Papel essencial nessa atividade tinham os quintais, pequenos ou grandes,

¹⁶⁴ O termo “sobrado” vem de “sobra”, designando o espaço sobrado ou ganho devido a um soalho suspenso e no século XVIII podia significar o próprio soalho. Para detalhes ver LEMOS (1996) p. 38.

¹⁶⁵ REIS FILHO (1970). Esta afirmação parece ser válida apenas durante um certo tempo, pelo menos na Bahia, já que Nascimento se refere à existência de ricas casa térreas, “*pavimentadas com tijolos ou cerâmicas coloridas. Muitas tinham forro de madeira no teto...e riqueza de acabamentos, dependendo da imaginação e fortuna do proprietário*”. NASCIMENTO (1986) p. 20.

¹⁶⁶ MATTOSO (1992) p.447.

totalmente integrados às construções. Versáteis e complementados, às vezes por acessos auxiliares, como becos e vielas.¹⁶⁷

A distância da Metrópole e o atraso das embarcações - na difícil travessia marítima que prejudicava o abastecimento - levaram os colonos dos primeiros tempos a desenvolver suas habilidades manuais e a aprender com os gentios da terra a fabricar utensílios e preparar os alimentos disponíveis.

Como responsáveis pela organização doméstica, cabia às mulheres o preparo da mandioca e do milho, salgar o peixe e a carne, modelar o barro, trançar cestos, esteiras e redes, fabricar vassouras e velas e utensílios diversos, além da limpeza e arrumação da casa. O comando dos escravos e dos índios domésticos também ficava sob sua responsabilidade. Nas casas mais ricas, as mulheres da família eram poupadas dos trabalhos mais pesados, mas a organização das atividades e a administração dos serviços eram apenas delas.¹⁶⁸ Para Algranti, não surpreende que nas denúncias sobre as práticas judaizantes, referentes aos costumes domésticos, feitas aos visitantes inquisitoriais na Bahia, as mulheres fossem os alvos preferidos das acusações.¹⁶⁹

A fiação do algodão e a tecelagem para a indústria caseira de fabricação de roupas, panos diversos e rendas para adornar as redes e tecidos completavam a atividade feminina dentro da casa neste setor; atividades que, antes que a manufatura industrial se estabelecesse na província, além de incorporar escravos ou servos, incluía jovens e até crianças. Em relação às crianças, o serviço doméstico se confundia com a aprendizagem, constituindo assim uma forma muito comum de educação. Como observa Ariès, analisando a questão da educação das crianças na Europa, meninos e meninas aprendiam na prática, absorvendo uma bagagem de conhecimentos através da experiência prática e o valor humano que pudessem possuir.¹⁷⁰

Muitos dos produtos eram fabricados nos telheiros, cobertos de telha ou palha, localizados nos quintais. Nesses, a criação de aves, de porcos e eventualmente de outros animais domésticos, e o plantio de frutíferas, vegetais e de flores¹⁷¹, seja para consumo dos

¹⁶⁷ HOLTHE (2002).

¹⁶⁸ ALGRANTI (1997). A valorização ou não do trabalho das mulheres varia de autor para autor. FREYRE (1968, p.109) embora detalhe o trabalho de supervisionar e administrar a casa pelas mulheres, menospreza-o, enfatizando que as mesmas “apenas” comandavam seus escravos, mucamas e moleques - e ARAÚJO (1997), por sua vez, enfatiza o ócio entre as mulheres de classe social alta “*as quais se prostravam molemente sobre esteiras...*”. Por falta de documentação mais específica utilizada pelo último autor optamos pela visão de Algranti, embora admitindo também a prática do ‘nada fazer’ entre as ‘senhoras’.

¹⁶⁹ Idem, p.120. Os próprios colonos, segundo Algranti, contavam aos visitantes o que “*sabiam ou ouviam sobre as práticas domésticas de seus vizinhos*”, tais como trocar água dos cântaros quando morria alguém na casa, trocar de roupa aos sábados e não trabalhar nesses dias (não cozer ou fiar) e até a forma de amortilhar o corpo de um ente querido. Muitas delas, cristãs novas, administravam a casa a partir de suas tradições sem se preocupar com os olhares do marido, dos de casa ou mesmo dos vizinhos (p.121).

¹⁷⁰ ARIÈS (1981) p.228.

¹⁷¹ HOLTHE (2002).

habitantes ou para comercializar, reforçava o domicílio como uma unidade de produção e consumo. Aos homens cabia, dentro do universo doméstico, o fabrico de redes de pesca, a curtição do couro e a fundição, além da própria construção e melhoramentos das moradias ou a administração destas tarefas entre as famílias de classe mais alta.¹⁷² Seja como for, trabalho e lazer se confundiam no dia a dia dos colonos e, de um modo geral, as ocupações domésticas eram vistas como um “não trabalho”, seja de homens ou mulheres e podiam ser feitos a qualquer hora.¹⁷³

Porém, a permanência da mulher no interior da casa - a maioria das vezes atribuída à exigência de sua reclusão em uma sociedade patriarcal - estava principalmente vinculada à sua função econômica. Para Costa “a mulher era o capitão do mato, o gerente e o caixeiro do marido, a que estava habilitada a zelar pelo patrimônio doméstico do marido”. Dependente deste, moral, afetiva, econômica, religiosa e juridicamente prestava-se docilmente a organizar a produção econômica da casa. A auto-suficiência das residências contava, portanto, com essa mão de obra não remunerada, necessária ao despotismo senhorial sobre a cidade.¹⁷⁴

Seja o português que chega ou o nascido aqui, o proprietário de terras ou o empresário, o homem é um senhor, é um homem de comércio, faz contatos exteriores, seu trabalho é a esfera pública. Para Reis Filho, suas ambições são, ao mesmo tempo, senhorial e burguesa, mercantil e principesca.¹⁷⁵

Nessas famílias, a divisão de trabalho é rígida, o chefe da casa fora do domicílio, a mulher no seu interior ¹⁷⁶, até mesmo porque não havia necessidade de ausentar-se de casa para obter o que precisava, pois o que não era produzido no meio doméstico era oferecido nas portas das casas pelos mascates e, posteriormente, pelas vendedoras de quitutes, de bebidas, tecidos, bordados, geralmente escravas de ganho - que se tornariam em Salvador figuras típicas, com seus trajés variados e coloridos, carregando enormes tabuleiros. Assim as descreve Mattoso, em relação ao século XIX:

“Carregando enormes tabuleiros na cabeça, as ganhadeiras alegam a cidade com seus gritos e seu bom humor, enquanto bandos de crianças vão correndo atrás, seguindo as mães pelas ruas que serpenteiam nos flancos das colinas. A agitada Salvador de então é uma cidade colorida, onde a abundância de fontes cristalinas atenua a miséria dos mais pobres”.¹⁷⁷

¹⁷² ALGRANTI (1997), p.126.

¹⁷³ ARAÚJO (1993).

¹⁷⁴ COSTA (1979) p.102.

¹⁷⁵ Reis Filho, Nestor Goulart. *Evolução Urbana no Brasil* p. 149, 150, citado por COSTA (1979).

¹⁷⁶ O isolamento e os costumes da família no interior da casa é testemunhado por visitantes que aqui aportaram. AUGEL (1980)

¹⁷⁷ MATTOSO (1997), p.164. A maioria das mercadorias, segundo Mattoso, era preparada pelas próprias donas de casa e pelas escravas.

A legislação metropolitana protegia as mulheres, assegurando à mão de obra feminina a exclusividade na atividade de comércio ambulante de “toda sorte de comestíveis pelo miúdo, como também vinhos e aguardentes”¹⁷⁸ para com seu ganho honesto, exercido no espaço público, sustentar suas famílias - pois muitas delas constituíam grupos familiares estáveis.¹⁷⁹

Vale lembrar a diferenciação na percepção desse espaço público pelas mulheres, como coloca Castro, denunciando a heterogeneidade de experiências das mesmas no cotidiano. Pois, se para as sinhás, o público é o lugar do pecado e do perigo em contraposição à casa como lugar de proteção, do controle e do exercício da autoridade -, para as escravas ou criadas, a rua é o lugar tanto de trabalho como de liberdade, do exercício do lúdico e do erótico, isto é, espaço para a vida privada, longe dos padrões, enquanto a casa é lugar de trabalho, de disciplina mais rígida e muitas vezes de punição.¹⁸⁰

3.1.5 As casas e a rua

Voltada para o interior no seu burburinho cotidiano, no entra e sai dos escravos, no atendimento aos vendedores e na recepção dos vizinhos ou visitas casuais, a habitação urbana em Salvador, desde os primeiros séculos da colonização até o século XIX, tem outra característica: é seu contato direto com a rua. As casas térreas de porta e janela, ou janelas, pois o número delas dependia do tamanho da casa e, portanto, das posses da família, eram, no início da colonização, as mais comuns (Fig. 2). Os sobrados foram posteriormente sendo erigidos, muitas vezes substituindo casas térreas de estrutura construtiva precária.

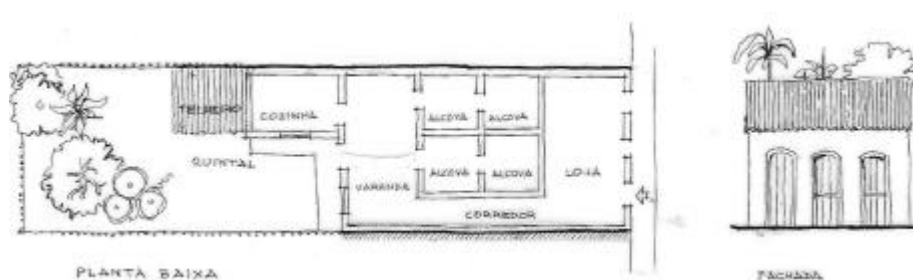


Fig. 2 - Protótipo da casa térrea colonial em Salvador.

Fontes: descrições e ilustrações em fontes diversas: Vauthier (1975), Reis Filho (1976) Rolnik (1985). Desenho: Anete Araujo

Nas casas térreas mais simples, a loja - primeiro cômodo na seqüência de setores do espaço doméstico, poderia ser usada para vender mercadorias, como oficina para o artesão ou,

¹⁷⁸ ARAÚJO (1997) p. 197.

¹⁷⁹ NASCIMENTO (1986).

¹⁸⁰ CASTRO (1992).

sendo ampla o suficiente, ser dividida em cômodos para aluguel.¹⁸¹ Essas funções variadas possibilitavam seu uso por adultos e crianças, proprietários e empregados, senhores e escravos. Os escravos também podiam dormir nas lojas, exceto quando a casa fosse construída em uma encosta e dispusesse de espaço suficiente no porão para abrigá-los ou quando houvessem construções erigidas para tal fim no quintal.¹⁸² Em casas bastante modestas era comum a existência de duas alcovas - ou apenas uma, entre o cômodo da frente e o posterior.

Atravessando este cômodo, um corredor levava a uma sala posterior¹⁸³ com largas janelas - a “varanda”, assim chamada por ser uma referência às varandas das casas mais simples construídas no século XVI. A varanda pode ter sido uma contribuição dos índios nativos que utilizavam espaços abertos, cobertos com palha - as mulheres para cozinhar, os homens para dormir, em redes que eles moviam no ar, quando o ar não se movia o bastante para refrescá-los. Outra referência sobre as varandas, nas nos oferece Carlos Lemos, quando diz que o colono português adotou para seu lugar de estar...“a varanda alpendrada, onde comia, conversava e fazia a sesta na rede bem ventilada, de malhas grandes. A varanda, lugar de refeições e estar, consagrou-se na habitação do brasileiro remediado”.¹⁸⁴

O espaço entre o cômodo da frente e a varanda era reservado usualmente para quartos que se comunicavam - as alcovas - que não apresentavam portas ou janelas que os conectassem com o exterior. Para esse isolamento das alcovas também poderia ter contribuído a exigüidade da largura do lote.

Entre os diversos cômodos da casa brasileira, a alcova é um dos mais polêmicos. O consenso sobre seu uso ou propósito só é mais preciso enquanto lugar do sono, do sexo e do recolhimento da mulher o qual, se voluntário ou não, já tende para o dissenso entre os historiadores.¹⁸⁵ Talvez resíduo da maneira reclusa como a mulher era tratada na cultura árabe, o fato é que a precariedade técnica da alcova (representada pela ausência de luz solar e

¹⁸¹ No século XIX, quando essa sala da frente passa a ser chamada “sala de visitas” as denominações de “fechada” ou “aberta” vão lhes ser acrescentadas. No primeiro caso, se ela dispõe de corredor - outro compartimento - com entrada independente da rua, e no segundo, quando a porta era voltada diretamente para a rua. HOLTHE (2002) p.121.

¹⁸² COSTA (1989) p.180 . A autora esclarece que esses aposentos podiam receber diversas denominações: senzalas, quartos para negros (ou para empregados) ou armazéns.

¹⁸³ Holthe observa que essas salas posteriores, chamadas de sala de jantar no século XIX, podiam conter também o fogão. Em alguns dos inventários que pesquisou existem referências de “*sala de jantar que serve de cozinha*” ou “*sala de jantar onde é a cozinha*”, lembrando que Vauthier - analisando as casas mais humildes de Recife também se refere a essa combinação de usos no mesmo cômodo. HOLTHE (2002) p.123. Essas observações reforçam a idéia da frequência de cômodos polifuncionais nas casas soteropolitanas, que será desenvolvida adiante neste Capítulo.

¹⁸⁴ LEMOS (1978) p.46.

¹⁸⁵ Para detalhes ver ALGRANTI (1997). A autora, alinhada entre aqueles estudiosos que não reforçam a idéia da alcova como lugar de reclusão da mulher, diz que tais alcovas, dispostas no centro das habitações, “*podiam ser aproveitadas tanto para quartos como para instalação de capela ou despensa*”; e Sylvio de Vasconcellos considera que o isolamento das alcovas seria mais resultado das imposições de laterais fechadas por contigüidade a construções vizinhas (citado em Algranti, p. 102)

ventilação), de qualquer forma, poderia facilitar a disposição ativa de proteção que o chefe da casa almejava para as mulheres de sua família.

Nos fundos, separada ou comunicando-se com a varanda e com o quintal, estava a cozinha, cuja localização - exterior ao corpo da casa - é atribuída à influência indígena: fumaça e calor poderiam assim ser evitados, diante do clima quente.¹⁸⁶ No quintal, eram lavadas louças, panelas, roupas e podia-se criar aves e/ou porcos e plantar vegetais para consumo dos habitantes ou para comercializar. Os quintais variavam quanto às dimensões, em função da renda dos habitantes ou da importância - funcional ou simbólica - que lhe conferiam. A justaposição de vários quintais constituía assim, na parte central do quarteirão, um espaço mais ou menos verde e era, com frequência, o “palco da vida íntima dos moradores que por eles se avizinhavam”.¹⁸⁷ Sua vegetação, por outro lado, “em contraste com as cores claras das edificações e a aridez das ruas e praças públicas, desempenhava papel importante na formação de um caráter paisagístico próprio para a cidade”.¹⁸⁸ Este caráter era reforçado nas casas limítrofes da cidade, onde os quintais desciam até chegar ao vale - e onde geralmente corria um riacho de água fresca. Segundo Suárez, “Para o costume europeu, no caso particular português, se constituía um verdadeiro oásis de prazeres tropicais. Intimidades espaciais de seus moradores escondidas por detrás das pesadas e grossas paredes das fachadas”.¹⁸⁹

Em resumo, exceto para as mulheres da casa que usualmente viviam entre as alcovas, a varanda, e o quintal, o cômodo da frente era lugar de contato entre as pessoas de diferentes etnias e idades. A varanda era utilizada por todos, como uma sala de estar, uma sala de refeições, para algum trabalho doméstico e para o lazer das crianças. Era o espaço onde as visitas eram recebidas e os escravos também aí tinham acesso. Descrições desses usos múltiplos, segundo os autores consultados, estão presentes de forma consensual nos relatos dos viajantes.¹⁹⁰

A partir da segunda metade do século XIX, a maioria das famílias da classe média vivia nesse tipo de casa, cujos cômodos já tinham denominações específicas: sala de visita,

¹⁸⁶ GLÜPPEL (2000).

¹⁸⁷ MATTOSO (1978) p.194

¹⁸⁸ HOLTHE (2002) p. 4.

¹⁸⁹ SUÁREZ (1995) p.82.

¹⁹⁰ MATTOSO (1978); NASCIMENTO (1985); ROLNIK (1985); ALGRANTI (1997); AUGEL (1980) baseiam suas descrições principalmente nesses relatos. Augel destaca a surpresa dos viajantes com o isolamento das famílias, gerando desconfianças, e o distanciamento com que seus membros os tratam, embora “*atenção e cortesia sejam características da nação*”. As mulheres são vistas ora como recatadas, ora como sedutoras, e as visões sobre os relacionamentos entre diferentes (em etnia, classe social ou gênero) também variam. A autora chama a atenção para o cuidado com o relativismo das informações (até mesmo por serem indispensáveis) exigindo sempre uma reflexão crítica devido tanto às questões ligadas ao etnocentrismo como à personalidade, necessidade e motivações pessoais das testemunhas. Preconceitos do observador, como também as experiências que ele tem oportunidade de vivenciar - na opinião da autora - dificultam estudar a vida privada.

quarto da sala, quarto do meio, quarto de dentro ou sala de jantar, sala de jantar, copa (quando havia), a cozinha ¹⁹¹ e o banheiro (a maioria das vezes ainda do lado de fora ou anexo à cozinha, em um puxado), os quais careciam de água encanada e esgoto. Para os banhos eram utilizados a bacia e um caneco. ¹⁹² O banheiro era utilizado apenas para o banho, as latrinas se localizando também no quintal, mas em cômodos separados. ¹⁹³ Denominados de “quarto de banho” ou “sala de banho”, os banheiros podiam também estar localizados nos pavimentos superiores dos sobrados. ¹⁹⁴

Os sobrados, embora variando em relação às dimensões ¹⁹⁵ e organização espacial, também possibilitavam encontros entre as pessoas, senhores e escravos, crianças e adultos, homens, mulheres, visitantes (Fig. 3). Isto não significava, como bem afirma Rolnik, que não existissem preconceitos. Os sobrados eram as residências das famílias mais ricas que, juntamente com os agregados (a maioria parentes ou pessoas mais pobres que faziam trabalhos domésticos em troca de abrigo e alimento) e os escravos constituíam uma comunidade na qual o chefe da família, paternalisticamente, comandava a vida de todos. Existiam regras não escritas, criadas pelo chefe, em relação ao comportamento dos escravos, agregados e membros da família - esta comunidade, de alguma forma, enclausurada - onde “cada-um-saber-qual-era-o-seu-lugar” era uma recomendação básica que não deveria ser esquecida. ¹⁹⁶

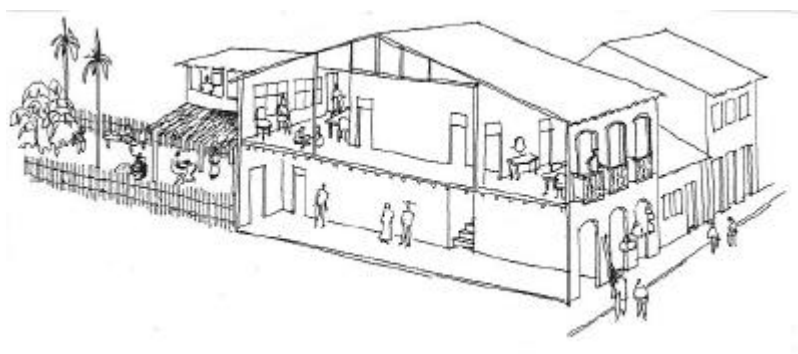


Fig. 3 - O sobrado, enquanto unidade de produção e consumo, facilitava a comunicação entre seus usuários.

Desenho: Anete Araujo. Fonte: textos e desenhos de autores diversos.

¹⁹¹ Holthe detalha cuidadosamente, no caso de Salvador, a cozinha externa, chamada “cozinha fora” ou “cozinha separada” que, localizada no quintal, afastava do corpo da casa, o calor excessivo, a fumaça, a sujeira e o barulho constantes, uma vez que o cozimento de alimentos, freqüentemente, não se limitava ao consumo da casa, mas era destinado à comercialização. HOLTHE (2002) p. 151 a p.155. Algranti também se refere a chamada “cozinha suja”, a do quintal, para contrapor à “cozinha limpa”, localizada, no caso das casas mais ricas, no corpo da casa. ALGRANTI (1997) p. 102.

¹⁹² MATTOSO (1978) p.194.

¹⁹³ HOLTHE (2002) O autor explica que, contudo, não foi possível, a partir das fontes utilizadas (testamentos, inventários, vistorias), a identificação das dimensões e das características construtivas desses banheiros e latrinas existentes nos quintais.

¹⁹⁴ Idem, p. 141.

¹⁹⁵ A largura dos sobrados variava, a testada dos seus lotes podendo ser tão reduzidos quanto às das casas térreas ou alcançar nove a dez metros, eventualmente mais.

¹⁹⁶ ROLNIK (1985).

A estratificação social do sobrado era vertical, isto é, a segregação espacial, exceto nas longas horas de desempenho do trabalho, isolava os escravos nos cômodos do térreo, nas lojas ou nos porões que, no caso de Salvador, devido ao relevo, eram muito comuns. Nos pavimentos superiores se localizavam os diversos cômodos para uso da família.

Nesses sobrados, o cômodo da frente (ou loja), no pavimento térreo, era utilizado para comércio, depósito ou alojamento de escravos - e eventualmente para cocheira e estábulos¹⁹⁷, não sendo utilizado pela família.¹⁹⁸ Os demais, tinham funções variadas. A cozinha, normalmente localizada em um puxado, como na casa térrea, comunicava-se com o quintal, seja no mesmo nível deste ou acima, seu acesso sendo por uma escada exterior. No primeiro andar, estavam localizados: o salão da frente, cômodo de maior representação social, e as alcovas, todos com portas voltadas para os cômodos adjacentes e variando em dimensão e número. A varanda do fundo poderia ser repetida nesse pavimento, e a sua utilização era diversificada da mesma forma que a das casas térreas.

Concluindo, o que caracterizava essas moradias eram as funções superpostas de seus cômodos: os da frente abrigavam diversas funções, a varanda era um lugar onde diferentes atividades aconteciam - as crianças não tinham uma área especial para brincar. A disposição espacial e sua múltipla funcionalidade permitiam a reunião das pessoas na vida diária enquanto os quartos intercomunicantes promoviam encontros casuais entre as pessoas dentro do espaço privado da casa, caracterizando uma “intimidade social” que não propiciava espaços para a vida privada individual, à exceção - talvez - das alcovas.

3.1.6 Intimidade, privacidade e sociabilidade

Como corretamente afirma Algrantí, na sociedade colonial brasileira o domicílio se sobrepõe à família. Tantas foram as formas que a família colonial assumiu e tão múltiplas e diferenciadas foram as uniões que características regionais devem ser avaliadas cuidadosamente.

Se o casamento foi importante para o projeto colonizador do Estado e da Igreja, ele foi, em Salvador, uma instituição de elite até mais ou menos a metade do século XIX, resultando em grupos familiares (os mais) variados, segundo a classificação feita por Nascimento¹⁹⁹ - a partir do Censo de 1855 - a qual será motivo de análise adiante.

¹⁹⁷ HOLTHE (2002) p. 133,134,135.

¹⁹⁸ Existem variações. Mattoso se refere à descrição clássica da casa do grande negociante: no térreo o armazém, depósito de mercadorias; no primeiro andar os aposentos da família; no segundo, abrigavam-se os caixeiros, no terceiro a escravatura, no quarto e quinto novamente as mercadorias. A autora também observa a pouca informação sobre o número de cômodos e sua distinção específica nos inventários *post mortem* do século XIX e a ausência de plantas que sejam contemporâneas das casas. MATTOSO (1978) p.175. Para outras variações consultar HOLTHE (2002).

¹⁹⁹ NASCIMENTO (1985).

Tomando como ponto de partida a organização da casa, os diferentes segmentos sociais aí domiciliados, a variedade de atividades aí sediadas e uma disposição espacial que promovia encontros constantes, indaga-se se interações sociais mais intensas - com características de intimidade, inclusive dos corpos e sentimentos - não se desenvolveu no espaço privado em Salvador, paralelamente àquela sociabilidade convencional desenvolvida na rua. Se, para Algranti, a sociabilidade no Brasil colonial ocorreu predominantemente fora de casa, onde os indivíduos se identificavam socialmente pelas suas vestes e pelos ofícios, poderíamos arriscar que, em Salvador, uma outra forma de sociabilidade acontecia dentro da casa, aquela que é característica das sociedades pré-modernas, tecnologicamente pouco desenvolvidas.

Petonnet, recorrendo à Leroy Gourhan, diz que os indivíduos nas sociedades pré-modernas, na falta de equipamentos especializados, utilizavam o corpo e as mãos em um conjunto de atividades enquanto comungavam as mesmas experiências corporais na vida quotidiana. Como o trabalho braçal ou artesanal leva a uma fadiga física, muscular, as funções corporais vão determinar relações sociais fisicamente mais próximas e o pudor - com significado social definido - é mais relaxado, comportando experiências e valores que contribuem para uma sociabilidade mais “íntima”.²⁰⁰ É possível que essa interpretação seja pertinente na interação dos grupos sociais em convívio nas moradias baianas.²⁰¹ Augel, tratando das opiniões dos viajantes estrangeiros sobre os diferentes hábitos domésticos e em público nota que havia “em casa, uma relativa promiscuidade, tanto entre sexos como entre as classes sociais.”²⁰² Com seu traço fortemente patriarcal, os “bons” hábitos da convivência privada também estavam ausentes, sejam regras civilizadas às refeições ou a negligência quanto ao vestuário caseiro e aos cuidados higiênicos, inclusive por parte das mulheres.²⁰³

Para Muricy, essa rusticidade dos costumes também pode ser explicada pelo tipo de dominação dos potentados rurais, fazendo com que no interior das residências ocorresse uma simplicidade niveladora, ao mesmo tempo em que se estabelecia não o espaço privado do

²⁰⁰ PETONNET (1974). O argumento de Gourhan é que existe uma correlação profunda entre os costumes ligados ao corpo e o desenvolvimento tecnológico, defendendo que na evolução histórico cultural da humanidade, uma mudança lenta se operou no homem por intermédio de seu corpo, introduzindo novos costumes, seja do corpo em relação à matéria ou em relação ao corpo do outro. Esse desenvolvimento subtraiu os antigos costumes, que passam a ser rejeitados ou esquecidos, entre os quais a inclusão na vida social das funções corporais (como dormir, lavar-se, cuspir) e a expressão menos contida da afetividade, da vida emocional, que também era social.

²⁰¹ Mesmo considerando a especificidade de uma sociedade escravista, ou talvez, devido a ela. A miscigenação que resultou nos variados tipos brasileiros (mulato, pardo, cafuzo etc) pode inclusive ter aí uma de suas explicações. Outros costumes instituídos no Brasil colonial como o banho no quarto, ajudado por escravo ou escrava e a instituição da ama de leite também podem ser citados. VAINFAS (1997) estudando as relações pluriétnicas da colonização lusitana no Brasil, embora atentando para a misoginía e o racismo que as caracterizavam (p.241) chama a atenção de que, até o século XVIII, se falava com mais franqueza sobre aspectos da vida instintiva e os impulsos eram expressos mais livremente, através de palavras e atos (p.269).

²⁰² AUGEL (1980) p.180.

²⁰³ DEL PRIORE (1993).

núcleo familiar mas um espaço familiar que era também o espaço dos afilhados, da parentela espiritual e política.²⁰⁴ Caracterizando a casa colonial não como o espaço da intimidade isolada da família, mas como o espaço da dispersão, da parentela, dos agregados e também dos escravos (cuja presença no espaço doméstico é assídua e numerosa) a autora argumenta que, ao lado dos primeiros - pela necessidade do reconhecimento de sua humanidade para efeitos de uma tática de dominação precisa - “os escravos também foram elementos de dispersão do sentimento de intimidade da família, pela negação de sua humanidade”.²⁰⁵ A interpretação de Muricy, contudo, não invalida a hipótese da existência de uma intimidade dos corpos e sentimentos nas interações entre os diversos grupos sociais, pois a dispersão aludida poderia estar inviabilizando as práticas de intimidade familiar, enquanto propiciando contatos freqüentes entre os membros dos diferentes grupos.²⁰⁶

Por outro lado, a disposição em fileira das fachadas das edificações - configurando ruas de formas e dimensões variadas e caracterizando uma vizinhança que misturava sobrados, ricos ou mais modestos, com casas térreas, grandes ou pequenas -, mostra que a localização das moradias não era importante na definição do *status* e que as pessoas de diferentes classes sociais compartilhavam o espaço público das ruas e aí se socializavam (Fig.4). Como bem lembra Rolnik - em uma observação que, dependendo das circunstâncias, pode ser contestada - seu encontro no espaço público não parecia perigoso ou ameaçador: a distância moral neutralizava a proximidade física; o rigor dos sinais, a hierarquia e as formas diferentes do vestuário regulava a familiaridade da vida coletiva.²⁰⁷



Fig. 4 - A utilização da rua promovia encontros de pessoas de diferentes classes sociais e etnias. Desenho: Anete Araujo. Fonte: textos e desenhos de autores diversos.

²⁰⁴ MURICI (1988) p.59.

²⁰⁵ Idem p.109.

²⁰⁶ Esses contatos entre diferentes podiam resultar em alianças ou conflitos. Algranti observa, por exemplo, que o vai e vem dos escravos responsáveis pelo abastecimento de água “propiciando encontros entre os cativos e os inevitáveis mexericos sobre o que se passava nos domicílios” era mais um fator que contribuía para devassar o cotidiano dos indivíduos. ALGRANTI (1997, p.103). E Vainfas - que trabalhou principalmente com os documentos das visitas diocesanas e inquisitoriais - mostra como esses mexericos “entre a população colonial, livre ou escrava, branca ou mestiça, rica ou desvalida, por medo do Poder ou dele cúmplice” se transformaram em denúncias, “favorecidas pela escassez de privacidade que caracterizava a vida íntima de cada um”. VAINFAS (1993) p.228.

²⁰⁷ ROLNIK (1985).

Uma contestação desta imagem pacífica do espaço público, por exemplo, pode ser representada pelos acontecimentos que anteciparam a insurreição dos malês, em meados do século XIX, em Salvador. Grupo religioso de negros nagôs islamizados, os malês eram letrados, liam o Alcorão e deixaram registros históricos, inclusive dos inquéritos policiais que apuraram a revolta. Embora representassem numericamente um pequeno contingente da população escravizada no Brasil, revelaram-se coesos e capazes de se sublevar, num exemplo de maior importância da capacidade de rebelião escrava no período imperial.²⁰⁸

Espacialmente, as ruas estreitas definidas pelas edificações repletas de aberturas promoviam a comunicação do espaço interior com o espaço exterior, tornando mais fácil a comunicação entre as pessoas. Quando elas não estavam “dentro” da casa ou nos quintais, só podiam estar “fora” (isto é, na rua) muito diferente daqueles que habitam uma casa isolada, com áreas frontais e laterais disponíveis. Uma vez que o espaço urbano abrigava também diferentes atividades, as ruas eram frequentemente usadas, sendo portanto um lugar de sociabilidade. Como comentou Marins, discordando da opinião de Gilberto Freyre, houve um certo exagero afirmar que os sobrados e as ruas eram inimigos, na generalidade das cidades brasileiras. Dos sobrados e das casas térreas das cidades, o que se deve observar de mais vibrante - para Marins - é o intenso entra e sai nas portas, uma diluição contínua dos espaços - até por necessidade de sobrevivência - no cotidiano, dos muitos pobres que habitavam as cidades brasileiras. O isolamento dos sobrados e as ilusões de reclusão e discrição foram representações vivenciadas pelas elites.²⁰⁹

3.2 O Espaço Doméstico Polivalente dos Séculos XVII e XVIII

No século XVII, a casa urbana em Salvador, além de ocupar os limites do lote, que era o arranjo comum dos tempos coloniais, tinha duas características: uma é a disposição seqüencial dos cômodos; a outra, notadamente no caso dos solares e das casas maiores, era a ausência de corredores como espaço de circulação conduzindo aos cômodos, exceto quando resultante da forma alongada do lote. A ausência de corredores e a existência de muitas portas em cada cômodo, permitindo o tráfego entre eles, são crucialmente importantes como evidência do *milieu* social que lhes cabia servir de suporte físico. De fato, mesmo nas casas mais ricas, não havia preocupação de contenção e isolamento de compartimentos individuais onde preservar o “eu” dos demais. Este fato traz à tona duas questões já apontadas: uma relacionada com uma sociabilidade mais fácil e fluida dentro da casa, a outra relacionada com o corpo e as práticas sociais ligadas ao mesmo.

²⁰⁸ REIS (1988).

²⁰⁹ MARINS (1998).

Este é, naturalmente, um entendimento bastante diferente do atual, em relação às características que o espaço privado deve ter. Nomeado por Kerr “*thoroughfare rooms*” (cômodos-rua) os quais “tornam impossível a domesticidade e o recolhimento” este era, contudo, o arranjo espacial das casas baianas mais ricas do século XVII até o início do século XIX.²¹⁰

Vejam os dois exemplos do século XVII, na Freguesia da Sé, ambos habitados por uma só família, cujos membros provavelmente compartilhavam seus espaços com os agregados e os escravos.²¹¹

O primeiro exemplo é o Solar Ferrão, moradia rica e verticalizada, apresentando dois pavimentos e entresolho voltados para a rua, e cinco pavimentos na fachada posterior, voltados para o quintal. No entanto ela apresenta as mesmas características dos solares e residências abastadas da mesma época, isto é, a inexistência de corredores, e cômodos que se comunicam através de várias portas.

Esse agenciamento em cômodos intercomunicantes é uma herança direta dos solares de nobres proprietários de terras em Portugal. Após abandonarem a adoção das casas-torre, preponderantes no período medieval, os portugueses passaram a construir suas residências - renascentistas ou barrocas -, nas formas mais variadas em planta (quadrada, em L, em U, em H) internamente, porém, seus cômodos eram sempre contíguos e ligados por portas que os conectavam diretamente, solução aliás comum nas residências européias. Exemplos de edificações portuguesas como a Casa de Mateus, em Vila Real, a Casa do Benfeito, em Barcelos e o Palácio do Freixo, em Ponte de Lima - os dois últimos ilustrados abaixo (Fig.5) - podem comprovar esta afirmação.²¹²

A maioria desses solares portugueses apresenta simetria nas fachadas - como também o Solar Ferrão (Figs. 6 e 7) - e comumente as fachadas são muito alongadas. Este aspecto foi também incorporado ao monumento baiano, após a sua ampliação no século XVIII.

²¹⁰ Esses “*thoroughfare rooms*” eram considerados por Kerr como “*a mais inaceitável forma de arranjo espacial*” e foi o corredor que, para ele, solucionou o problema ... “*costurando toda a disposição em seu conjunto, com um princípio ao mesmo tempo simples e perfeitamente eficaz*”. KERR (1864) p. 169.

²¹¹ Esses exemplos, como os demais utilizados neste capítulo (exceto quando indicado) foram retirados do *Inventário de Proteção do Acervo Cultural IPAC-SIC*. Salvador: Secretaria da Indústria e Comércio. Coordenação e Organização: Azevedo, Paulo Ormindo e Araujo, Viviane.

²¹² AZEVEDO (1969). Alguns dos solares portugueses analisados por Azevedo possuem pátios internos, solução não assimilada na Bahia. A ilustração da Casa do Benfeito está na página 83 e a do Palácio do Freixo na página 87. A Casa do Mateus possui um enorme pátio e uma capela independente, embora adjacente ao solar.

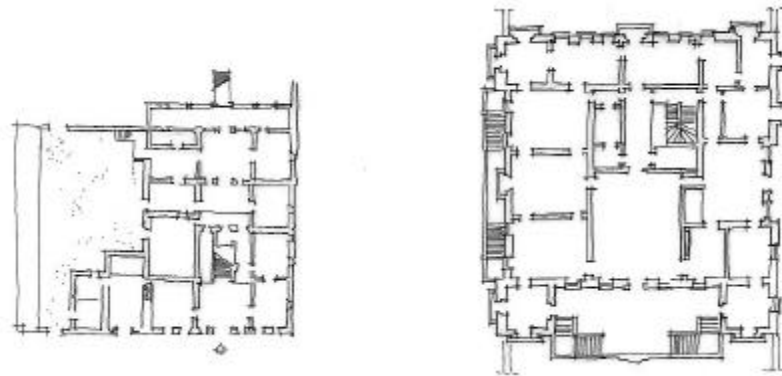


Fig. 5 - Casa do Benfeito e Palácio do Freixo , solares portugueses onde os corredores estão ausentes e os cômodos se comunicam diretamente através das inúmeras portas.

Fonte: Azevedo (1969). Desenho: Anete Araujo.

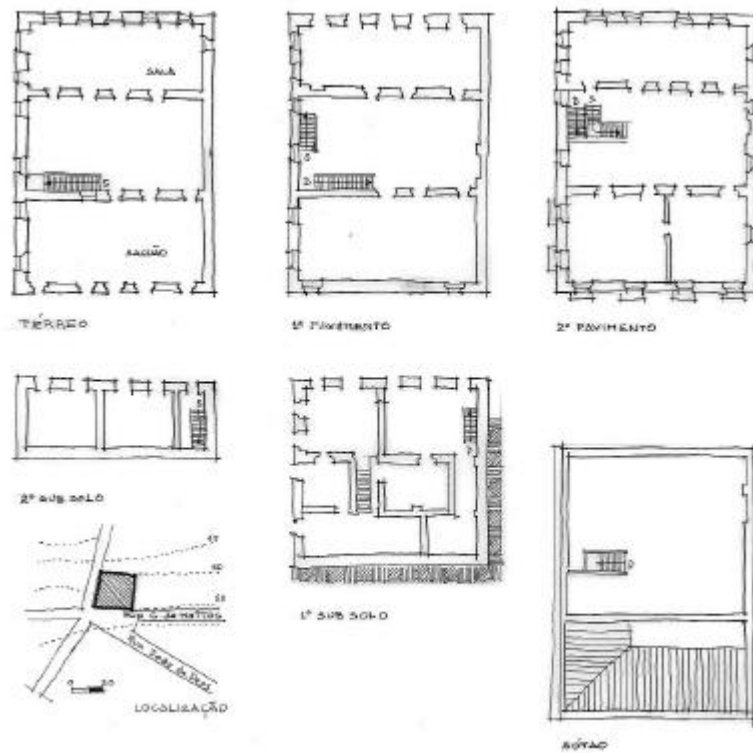


Fig. 6 - Plantas do Solar Ferrão, mostrando os cômodos intercomunicantes e a simetria frontal.

Fonte: Salvador: IPAC/SIC (1975). Desenho: Anete Araujo.

No Solar Ferrão, os salões principais do pavimento superior foram posteriormnete decorados e todos os cômodos apresentam grandes dimensões, inclusive o saguão de entrada, espaço característico das casas mais ricas. A entrada principal constitui um dos famosos exemplos de portada trabalhada em pedra na cidade.

Nos pavimentos inferiores, se localizavam a cozinha, uma sala que poderia ser designada como copa, a despensa e as acomodações para os escravos. Embora o solar apresente alguns cômodos com certa especificidade funcional, o esquema total não oferece

espaços para a reclusão privada, isto é, como muitos sobrados do seu tempo, os cômodos comunicavam-se uns com os outros, não existindo áreas independentes, sejam corredores ou passagens - para direcionar a circulação.²¹³ Entre os cômodos com função específica, seja em solares ou em sobrados e casas maiores, é comum aparecer uma capela para o estímulo das práticas religiosas, certamente uma estratégia para garantir a permanência da mulher em casa.



Fig. 7 - Fachadas frontal e lateral do Solar Ferrão.

Fonte: Boletim *O Monumento*. nº 3. Salvador. IPAC/SEC (1984).

Desenho: Anete Araujo.

O Solar Ferrão foi ampliado em meados do século XVIII²¹⁴ e restaurado na década de 1980 quando foram descobertas, através de pesquisa arqueológica, técnicas insuspeitadas, como um monta-carga para levar alimentos da cozinha no subsolo para os pavimentos superiores e tubulações feitas de telhas espanholas, dispostas de cima para baixo, do sótão para o porão, formando um sistema de esgotos, que - passando pelos dormitórios - se dirigiam ao porão para serem recolhidos nos “tigres”.²¹⁵ Os dormitórios também eram multifuncionais, utilizados como local para os banhos, tomados em tinas ou grandes bacias, com o auxílio de outras pessoas, principalmente escravos, até a chegada da água encanada, dois séculos mais tarde.²¹⁶

Como os demais solares em Salvador, a existência de várias janelas nas quatro fachadas se distancia da solução das alcovas escuras onde, supõe-se, as mulheres ficavam isoladas nos sobrados e casas menores, colocando a questão de se este costume mudava de acordo com a classe social ou se a ausência de janelas devia-se às restrições impostas pelo lote. Esta hipótese sendo comprovada, apenas mostra que, nas casas ricas isoladas seus construtores souberam como tirar partido da localização da casa abrindo janelas para otimizar a iluminação e a ventilação, tão necessárias no enfrentamento do clima quente da cidade.

²¹³ Passagens são pequenos vãos a partir dos quais se distribuem alguns cômodos. Nos projetos, do século XIX, encontrados nos arquivos, eles são assim denominados.

²¹⁴ Nessa ampliação, a fachada sul, que também era vazada com janelas, foi bloqueada por paredes divisórias com portas de acesso para os novos cômodos.

²¹⁵ As descobertas foram registradas durante a prospecção executada pelos técnicos do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia. IPAC-SEC, no início da década em questão: depoimento do arquiteto Carlos Alberto Vieira, responsável pelos trabalhos de restauro do Solar Ferrão, à autora.

²¹⁶ Ainda antes do uso de instalações hidráulicas foram utilizados banheiros em abóbadas de berço, onde os tanques eram enchidos com água transportada dentro de barris, em burros conduzidos por escravos. Ver HOLTHE (2002) nota 203, p.192.

Uma outra hipótese é de que a maioria dessas mansões baianas pertencendo aos proprietários dos engenhos de cana de açúcar, no Recôncavo, transplantavam para a cidade o modelo avarandado das suas casas grandes, o qual possuía janelas ao redor de toda a casa. Eles podiam assim transferir e simbolizar, na cidade, aquilo que Gilberto Freyre apontou, isto é, seu papel de “cabeça da família” na sociedade patriarcal de então. Entretanto, como alguns proprietários não eram fazendeiros e sim ricos comerciantes, essa questão deve ser investigada mais cuidadosamente.

De qualquer forma, a concepção e as características das moradias, ao que parece, são ainda vernaculares, mantendo a ausência da figura de um autor, e conseqüentemente, de desenhos ou outros documentos. Este fato dificulta sua análise, tendo em vista que os remanescentes dessas moradias, de uma maneira geral, já sofreram intervenções posteriores.

O outro exemplo (Fig. 8) mostra em sua fachada uma grande semelhança com a casa vizinha, sugerindo inclusive que seria apenas uma unidade habitacional. Contudo, características das pilastras na fachada e algumas diferenças no tratamento interno depõem esta hipótese. Repetições de elementos nas fachadas, observados em outros exemplos na cidade, sugerem a existência de regulamentos para as edificações, no sentido de conferir-lhes uma uniformidade exterior. Esses regulamentos eram comuns no urbanismo europeu no começo do século XVII, podendo ter exercido influência na sede da colônia portuguesa.²¹⁷

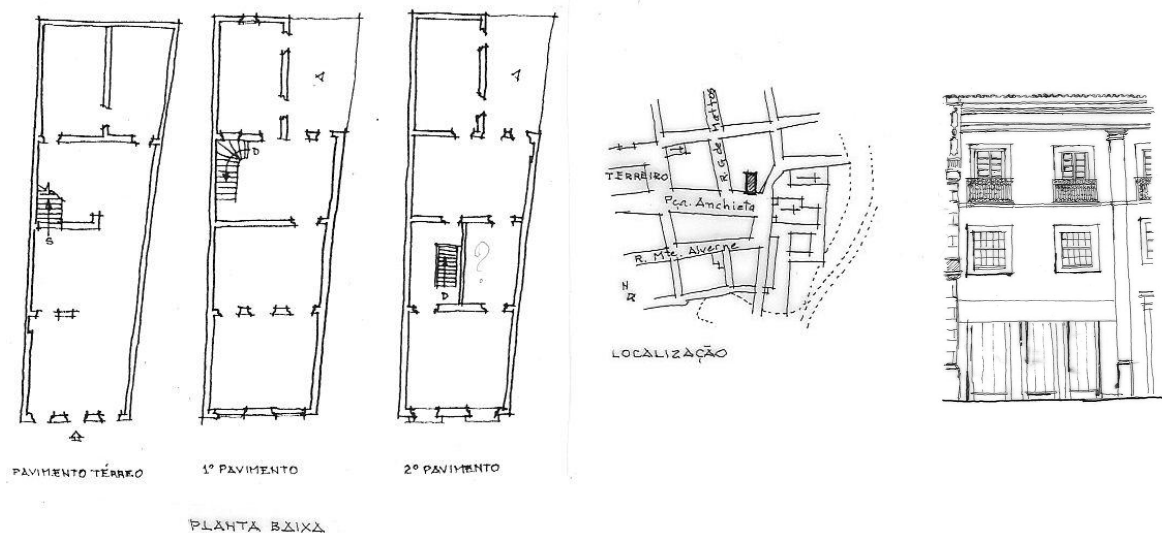


Fig. 8 - Sobrado de três pavimentos no distrito da Sé, datado do século XVII, cuja característica espacial são os cômodos intercomunicantes e a ausência de corredores.
Fonte: Salvador. IPAC/SIC (1975). Desenho: Anete Araújo

Quanto ao uso do espaço doméstico, o pavimento térreo, incluindo o saguão, e o primeiro pavimento eram provavelmente utilizados na vida quotidiana. O segundo andar -

²¹⁷ SALVADOR. IPAC/SIC (1975)

principalmente o grande salão - era reservado para eventos especiais e festas razão para exibir o tratamento nobre dos balcões nas fachadas e a decoração interior. O uso dos cômodos no térreo provavelmente variava, segundo descrição anterior, podendo ser oficinas, lojas, ou área de dormitório para escravos. Esses cômodos eram, portanto, poli- funcionais, o mobiliário e objetos sendo os sinais de sua função a cada período de tempo. O mobiliário era precário, resumindo-se ao indispensável: mesas, poucas cadeiras, bancos e baús. Embora os apetrechos de cozinha fossem variados - sua presença facilitada pela própria produção doméstica da cerâmica - os utensílios de mesa também eram precários, sendo raro o uso de talheres, tornando comum a prática de comer com as mãos ²¹⁸, o que reforça aquele aspecto de familiaridade com o corpo, sugerido por Gourhan.

Desse modo, existem poucas análises espaciais de residências do século XVII nos estudos da arquitetura no Bahia.²¹⁹ A maioria deles concentra-se nas influências da arquitetura doméstica européia, representada por construções medievais e pelos palácios do renascimento ou vilas palladianas, através de descrições formais ou espaciais sem vínculos com os estilos de vida dos seus habitantes. Parece, contudo, que não é falso concluir, destes e de outros exemplos ainda encontrados em Salvador, ²²⁰ que a matriz de cômodos que se comunicavam era apropriado para uma sociedade que não guardava restrições em relação à visão e ao contato corporal e na qual a vida gregária era habitual.

Por outro lado, se no interior das casas, os cômodos eram geralmente pouco definidos e as funções se sobrepunham, o mobiliário e os utensílios se restringiam ao indispensável (para o abrigo, o repouso, a alimentação e o trabalho) não sendo os mesmos, portanto, que distinguiam ricos e pobres, mas a fartura na mesa, o número de escravos, as jóias, o vestuário, as propriedades (inclusive de animais) e o *status* associado a cargos públicos).²²¹

No século XVIII, embora a organização espacial das casas térreas e dos sobrados seja um pouco mais complexa que a do século anterior, ainda guarda as mesmas características deste. Portanto, procurar variações em uma periodização dividida em séculos pode não ser a mais adequada para seu estudo. De fato, na bibliografia consultada, as transformações sofridas pelas residências setecentistas parecem estar mais vinculadas à dimensão das janelas (maiores) e à sua forma (ligeiramente abauladas na verga superior) e nos acabamentos das

²¹⁸ ALGRANTI (1997)

²¹⁹ Em Salvador a tese de doutoramento da Prof^a Odete Dourado é um dos poucos exemplos existentes: *Solar Bandeira*. Università degli Studi di Roma la Sapienza. Itália, novembro / 1987.

²²⁰ Podemos citar, entre outros, a casa natal de Gregório de Mattos, na Praça Anchieta, o Solar Bandeira, no Barbalho, a residência do Barão do Rio Real, em Nazaré e o Solar Berquó, na Rua Visconde de Itaparica, o qual apresenta um pequeno pátio interno que ilumina os cômodos adjacentes.

²²¹ ALGRANTI (1997) p. 153.

cornijas exteriores. Pode-se confirmar pelas plantas, conforme ilustração abaixo (Fig.9) a manutenção da matriz de cômodos comunicantes com várias portas e a ausência, na maior parte das casas, de corredores e passagens - o que ainda vai ser observado até a virada do século XVIII para o XIX.

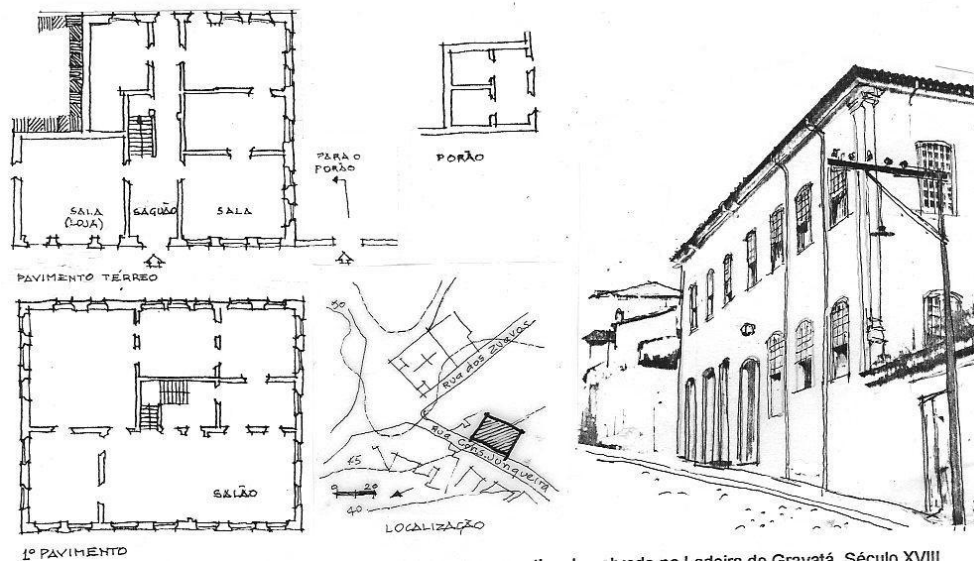


Fig. 9 - Situação, organização espacial interna e perspectiva do sobrado na Ladeira do Gravatá. Século XVIII.

Fonte: Salvador: IPAC/SIC (1975). Desenho: Anete Araujo.

O saguão ou vestíbulo de entrada, enquanto espaço de transição entre o espaço público e o privado, localizado entre a porta de entrada principal e a porta interior, passa a ser mais utilizado. Posteriormente, com dimensões variadas, essa peça de transição entre o público e o privado irá se tornar uma característica sempre presente na casa brasileira e baiana. Os exemplos mais populares, como observado anteriormente, prescindem do saguão e apresentam a disposição espacial anterior, com uma sala (loja) na frente unida por corredor à dos fundos, apresentando um ou dois quartos (alcovas) intercomunicantes no meio.

Em virtude da sua localização na segunda cumeada, área de ocupação menos densa que o centro da cidade, esta casa, que possivelmente pertenceu a uma família numerosa,²²² dispõe de um acesso lateral conduzindo a um porão com três cômodos, permitidos pela existência da encosta. Esse acesso poderia conduzir a uma cocheira e/ou estrebaria para abrigar animais utilizados como meio de transporte, construções presentes em algumas casas urbanas de Salvador.²²³

O ritmo simétrico observável na fachada não corresponde ao arranjo espacial interno do edifício, exceto no saguão, onde duas portas conduzem a dois cômodos, sendo um de cada

²²² Datada de início do século XVIII, a casa passou a pertencer ao Cônego José Lino da Silva, em 1788. IPAC-SIC (p.234)

²²³ HOLTHER (2002) p.134,135,159.

lado. Existem outros exemplos em Salvador, onde a simetria axial foi aplicada. A simetria, tanto no interior quanto na fachada, era valorizada nas residências européias como um símbolo de *status* e, certamente, seu uso emprestava-lhe um caráter erudito diferenciando-o da expressão vernacular. Provavelmente sua aplicação no Brasil foi resultado da influência européia.²²⁴

Internamente, neste caso, a simetria axial deu lugar a dois cômodos separados os quais não eram necessariamente atravessados pelas pessoas. O da esquerda, com portas voltadas para a rua podia abrigar uso comercial ou oficina. A outra sala, em sobrados de solução semelhante, era utilizada como gabinete pelo chefe da família para tratar de negócios, uma atividade que - nas casas térreas - continuava sendo exercida na varanda dos fundos. É possível que, aí, o chefe da casa também recebesse algumas visitas, excluindo-as do convívio das mulheres - costume comum entre as famílias ricas e remediadas desde os primeiros séculos da colonização até o século XIX.²²⁵

Esta mudança - como também o acesso através de um pequeno corredor conduzindo à escada e aos dois cômodos do fundo - talvez permita constatar que o uso multifuncional dos cômodos já estivesse sendo substituído pela segregação de funções, ao menos nas casas mais ricas. Da mesma maneira que no Solar Ferrão, a casa não dispõe de alcovas, apresentando janelas nas quatro fachadas em ambos os pavimentos.

No primeiro andar, os usos e atividades se desenvolviam do mesmo modo que no século anterior, pois aí estavam localizados tanto os quartos intercomunicantes como as salas de maior dotação espacial que abrigavam “alegres reuniões, onde moradores e convivas dançavam, jogavam cartas e conversavam entre comes e bebes”.²²⁶ Um pequeno *hall*, no alto da escada, se não for resultado de um acréscimo posterior, já filtra a entrada de um quarto, arranjo ainda inexistente no século anterior.

Assume-se, freqüentemente, que as casas urbanas e os sobrados brasileiros, sempre mantidos pelo trabalho escravo, apresentavam mais ou menos uma mesma distribuição.²²⁷ Os grandes sobrados e os solares eram os únicos exemplos a apresentar variações, além das edificações - chamadas de oitão, em Salvador, - apontados por Nascimento. Os esquemas comumente utilizados, contudo, não são tipicamente baianos ou brasileiros. Suas origens estão na arquitetura medieval e renascentista de Portugal. As condições locais selecionaram os

²²⁴ Talvez do gosto classicista francês no século XVII, ou mesmo a regularidade axial dos séculos anteriores, da renascença italiana ou, principalmente, das vilas palladianas.

²²⁵ MATTOSO (1988)

²²⁶ ALGRANTI (1997) p.117

²²⁷ VAUTHIER (1975), REIS FILHO (1970), NASCIMENTO (1986).

modelos importados e os adaptaram, acrescentando as largas varandas, aumentando a altura dos cômodos e construindo paredes mais baixas (meia-parede) que, embora ajudassem na ventilação, impediam o isolamento e um recolhimento maior. Sons e ruídos, movimentos e odores eram signos de comportamentos e ações facilmente identificáveis dentro do espaço privado doméstico ²²⁸, não trazendo, em relação às experiências corporais, os constrangimentos que outras convenções sociais poderiam impor.

Talvez cabe a sugestão de que essas ações domésticas, estando ligadas a costumes e práticas que ainda estavam em construção (pois seus autores, localizados em uma experiência ainda não vivenciada descobriam e se descobriam enquanto interagiam no cotidiano), fogem à possibilidade de uma interpretação conclusiva. O espaço doméstico - transplantado e adaptado - foi construído sem teorizações, portanto ainda carente de uma função reguladora explícita das relações sociais. ²²⁹ O que se pode inferir do agenciamento espacial é que ele se ajustava a um grupo familiar que não se modelava de modo a favorecer o aparecimento de comportamentos particularizados. Dessa indiferenciação dos interesses individuais dependia a estabilidade da família antiga. A vida doméstica fazia parte de uma cultura marcada pela heterogeneidade resultante dos três grupos humanos que concorreram para a chamada “colonização”, onde conflitos e acomodações tiveram lugar, mesmo considerando a hegemonia da cultura portuguesa (fosse na esfera social, religiosa, política ou doméstica) transportada para o Brasil. Desse modo, se o peso do regime patriarcal definiu as relações interpessoais e configurou os papéis dos indivíduos dentro do espaço doméstico (estabelecendo hierarquias e desigualdades racial e de gênero), as práticas cotidianas - facilitadas pela permissividade cultural do colonizador -, em seu conjunto, aproximaram as pessoas. Além disso a cultura material e imaterial produzida foram contaminadas pela influência dos segmentos subalternos.

Assim é que, no exame tanto dos pequenos ritos ligados ao trabalho, aos costumes alimentares e medicinais, à vida sexual e à sociabilidade doméstica, quanto nos grandes ritos - como nascimento, batismo, casamento e morte ²³⁰ - que seriam enriquecidos posteriormente - observa-se que vão permanecer mais ou menos modificados, alguns elementos dessa cultura

²²⁸ VAINFAS (1993) p. 226, 227. O autor argumenta que é preciso divorciar, no caso da América portuguesa, a idéia de privacidade da idéia de domesticidade, e pontua: “*As casas coloniais, fossem grandes ou pequenas, estavam abertas aos olhares e ouvidos alheios, e os assuntos particulares eram, ou podiam ser, com freqüência, assuntos de conhecimento geral*”.

²²⁹ Neste sentido é que não estamos de acordo com a eficácia do método da Sintaxe Espacial, no caso da casa colonial, pois que a partir das análises dos espaços e fronteiras consideram-nas como rigidamente programadas. (ver AMORIM (2000) p.14.

²³⁰ Para os pequenos ritos ver DEL PRIORE (1997). Sobre ritos ligados à morte ver REIS (1997) e REIS (1991).

plural, como também práticas religiosas e de divertimento, música e danças, costumes ligados ao corpo e à sensualidade.

A matriz de cômodos intercomunicantes, observada nas residências, é apropriada para um tipo de sociedade que se alimenta dessa sensualidade, que reconhece - no corpo - o indivíduo, e na qual o gregarismo é habitual. Este é um fator importante na explicação do “atraso” verificado no Brasil, em relação à Europa, onde tal disposição espacial, que privilegiava a aproximação dos corpos, é desafiada no século XVII e finalmente substituída, no século XIX, pela “planta corredor”. Na opinião de Evans, esta solução que segregava pessoas e evitava contatos certamente “era adequada para uma sociedade que considerava a sensualidade detestável, que via o corpo como um receptáculo para a mente e o espírito e na qual a privacidade era habitual.”²³¹

Como a intenção da presente análise é mostrar que, além dos aspectos mencionados, a organização espacial do espaço privado da casa estava direta e fortemente relacionada com o modo de vida que predominantemente tinha lugar aí, pode-se concluir que, se os arranjos espaciais interiores sofreram poucas modificações, eles apenas refletem o fato de que as práticas sociais de seus usuários também não mudaram. Para eles, todos os gestos e comportamentos que serão considerados nos códigos burgueses como pertencendo à esfera do íntimo, do secreto, do privado eram experienciados e manipulados com outros signos, os quais guiavam a ordem familiar e social: uma ordem onde apenas certas formalidades indicavam o lugar de cada um dentro da hierarquia nos costumes da casa.

Foi necessário que as grandes mudanças causadas pela Revolução Industrial, na Inglaterra e a Revolução Francesa repercutissem no Brasil, no século XIX, para que sinais de transformações começassem a aparecer. A duradoura escravatura no país, entretanto, fez com que essas mudanças sobreviessem muito lentamente.

Por outro lado, melhoramentos técnicos no processo construtivo e equipamentos em geral também só seriam introduzidos no Brasil posteriormente. A presença do trabalho escravo tornou o desenvolvimento dos sistemas de abastecimento de água e de esgotamento sanitário desnecessários. Eles apareceriam em Salvador apenas no meado do século XIX, pois antes, como sugere Lucio Costa:

“A máquina brasileira de morar, ao tempo da Colônia e do Império, dependia dessa mistura de coisa, de bicho e de gente que era o escravo. Se os casarões remanescentes do tempo antigo parecem inabitáveis devido ao desconforto, é porque o negro está ausente. Era ele que fazia a casa funcionar: havia negro para tudo - desde negrinhos sempre à mão para recados, até negra velha, babá. O negro era

²³¹ EVANS (1978) p.277.

esgoto, era água corrente no quarto, quente e fria; era interruptor de mão e botão de campainha; o negro tapava a goteira e subia vidraça pesada; era lavador automático, abanava que nem ventilador.”²³²

3.3 O Espaço Segregador do Século XIX: Primeira Metade

Embora a expansão física de Salvador na virada do século XVIII para o XIX já apresentasse ocupações rarefeitas em áreas mais distantes do centro, a ocupação da área adjacente ao centro continuava, como continuava a construção de novas e melhores moradias, substituindo parte das casas mais simples e precárias ainda existentes.

Enquanto os bairros mais distanciados do centro eram especificamente residenciais, o centro e as áreas próximas experienciaram a proliferação de diversas atividades que, misturadas com os diferentes segmentos sociais vivendo ali, constituíram, durante o século XIX, um espaço urbano e social bastante heterogêneo. Seus habitantes eram artesãos livres, alforriados, escravos, servidores civis, burgueses e nobres que viviam lado a lado, em um emaranhado de ruas, pequenas praças, largos e becos, que se espalhavam seguindo o relevo natural do terreno.²³³

A população mais pobre era composta de migrantes rurais procurando trabalho, ex-escravos e escravos de ganho, homens e mulheres. Reunidos em grupos nos seus ‘cantos’ os escravos de ganho, enquanto esperavam por fregueses, fabricavam produtos como esteiras, gaiolas, balaios, chapéus, que podiam ser comercializados.²³⁴ Os ricos eram principalmente os membros das famílias tradicionais de Salvador: fazendeiros ou comerciantes abastados e altos dignatários do governo. No meio, estava a população dedicada a atividades mais especializadas, principalmente os imigrantes - a partir de 1808 -, e os chamados remediados, constituindo a classe média local: homens e mulheres, artesãos e pequenos comerciantes, adultos e jovens os quais continuavam suas atividades artesanais, na casa e no quintal, produzindo bens indispensáveis para a subsistência e para o suprimento da vida cotidiana de todos, uma produção que ia se especializando gradativamente.

O comércio, nos moldes observados nos séculos anteriores, era a atividade que mais se desenvolvia, estabelecendo aquele segmento que Werneck denomina a pequena burguesia no

²³² COSTA (1962).

²³³ Em 1855, a população de Salvador era de cerca de 56.000 habitantes, a maioria vivendo nas áreas centrais. Dados coletados em um Censo nominativo, naquele ano, mostram que enquanto havia pessoas de todos os segmentos sociais compartilhando um mesmo espaço social na cidade, a população de elite estava decrescendo enquanto as classes de baixa renda estavam crescendo. As epidemias - que eram mais facilmente espalhadas nas áreas mais densas - seriam, de acordo com Nascimento, a principal razão da fuga das pessoas ricas para outros locais. NASCIMENTO (1986)

²³⁴ COSTA (1989)

Brasil.²³⁵ Ainda localizadas nos pavimentos térreos das residências, essas atividades reforçavam o modelo da edificação de uso misto, fosse aquele modelo pertencente a uma só família ou aquele que, desde a sua construção original, era ocupado por várias famílias. O último, segundo Nascimento, apresentava as unidades domiciliares distribuídas verticalmente, desde o pavimento térreo, onde as lojas estavam localizadas. Sabe-se que essas lojas não eram usadas necessariamente para comercializar. Eram moradas para as pessoas mais pobres, geralmente pretos ou mulatos que “mereciam” proteção por parte dos habitantes dos sobrados. Mas, principalmente, as lojas eram para alugar para moradia ou comércio. Esses sobrados usualmente apresentavam muitas portas de entrada sendo que a mais adornada conduzia aos pavimentos superiores, numa seqüência de escadas e patamares, constituindo uma variante tipológica das edificações habitacionais.²³⁶

3.3.1 A introdução dos corredores

A arquitetura doméstica brasileira, de acordo com os historiadores, não sofreu grandes mudanças na primeira metade do século XIX, desde que os meios de construção e os modos de morar ainda dependiam do trabalho escravo. Reis Filho afirma que um novo tipo de residência, a casa térrea com “porão alto”, apareceu como uma forma de transição entre os antigos sobrados e as casas térreas. Sendo o tipo de moradia mais comum para o segmento médio da população, a distribuição espacial dos cômodos seguia, mais ou menos, os mesmos padrões dos séculos anteriores. A construção em si foi aperfeiçoada, mas a implantação no lote era ainda tradicional.

Depois da integração do país no mercado internacional, em 1808, e da Independência, em 1822, a possibilidade de importar equipamentos e a presença de mão de obra especializada - representada pelos imigrantes europeus - contribuíram para a alteração da aparência das edificações ao longo da costa brasileira. Os novos elementos estilísticos desenvolveram-se em duas versões, a versão oficial neoclássica da Corte e a simplificada, feita pelos escravos, expressando nos pequenos detalhes as ligações que os proprietários das casas tinham com o poder central no Rio de Janeiro. Sua presença “espreitava nas fachadas através do uso de platibandas que substituíram os antigos beirais, por canos e pelo uso de vidros coloridos nas portas e janelas, de vasos cerâmicos e esculturas do Porto que enfeitavam as fachadas”.²³⁷

²³⁵ WERNECK (1999). Para Werneck, esta camada intermediária - a que a mineração e o desenvolvimento do comércio deram extraordinário impulso - e que ele denomina “pequena burguesia precoce” é uma das peculiaridades da nossa formação social, onde a cultura nativa, de certa forma, encontrou clima e se desenvolveu.

²³⁶ NASCIMENTO (1985)

²³⁷ REIS FILHO (1970) p. 135.

O que temos a acrescentar é que, obviamente, todas essas mudanças em aparência não revelavam a transformação principal que a casa de porão alto realmente trouxe em relação à organização do espaço doméstico e sua utilização. A análise de Reis Filho é pouco concentrada no espaço privado. Sua observação mais relevante é que o novo tipo, pela introdução de um lance de escadas no saguão, deixou a casa um pouco mais alta assim “protegendo a intimidade do interior da vista das pessoas fora dele”. Porém, mais que a proteção da visão dos estranhos pelo lado de fora, a proteção (da intimidade) dos de dentro da casa também estava assegurada pela introdução dos corredores como espaços mediadores. A influência da cultura européia que, desde dois séculos antes, vinha valorizando a privacidade dentro da casa, alcançou finalmente o Brasil, introduzindo os corredores que, paradoxalmente, enquanto facilitavam a comunicação entre os cômodos, reduziam os contatos entre as pessoas. Por outro lado, esta inovação representada pelos acessos independentes aos cômodos e possibilitada por espaços mediadores – fossem corredores ou passagens - não está ainda bem esclarecida. Certo que indicava uma nova sensibilidade em relação à exposição ou à companhia - seja de todos da casa ou de alguém - mas, de certa forma, parece que foi súbita e proposital e não o resultado de um longo, visível e evolucionário desenvolvimento de formas vernaculares.

Na Inglaterra, Evans afirma que essa mudança coincidiu com os anos em que os puritanos falavam em se proteger espiritualmente contra o mundo do mal e da perversão.²³⁸ Para ele, outro tipo de proteção - fora da alma e do corpo - isto é, os cômodos transformados em *closets*, refletia a dificuldade em separar a sensibilidade da moralidade. O fato é que a divisão da casa em dois domínios, um santuário protegido - alguns cômodos isolados - e uma circulação desocupada, funcionava da mesma maneira que outros signos, dificultando a entrada em qualquer cômodo onde não fosse necessário executar uma tarefa específica. Com isso, ainda para Evans, foi estabelecida uma definição moderna reconhecível como privacidade, não em resposta ao problema perene de conveniência mas, possivelmente, como uma forma de estimular uma ideologia nascente, na qual o ‘eu’ foi sentido, pela primeira vez, não como formado na presença de outros mas, de certa forma, desfigurado por esta presença.²³⁹

²³⁸ Sennet, cuja investigação é concentrada no domínio público, também se refere a essa proteção quando considera que o aumento da preocupação com as questões relativas ao “eu” diminuiu o interesse nos contatos sociais na vida pública. Nesta, passa a prevalecer o desejo de autenticar a si mesmo, suas motivações e sentimentos, expressando uma forma de puritanismo, que não concebe mais a vida pública como contato entre estranhos. SENNET (1998) p.24,25.

²³⁹ EVANS (1978). O estudo de Evans é fundamentado na literatura do século XVII, onde existe uma ideologia comum que compara a alma do homem com uma câmara privada. Contudo, segundo ele, é difícil afirmar o que se tornou privado primeiro: o cômodo doméstico ou a alma. Certamente “suas histórias estão interligadas, embora a lógica do confinamento não tenha sido perseguida com rigor no século XVIII pois, nesse período, conciliava-se acessos independentes com ligações

Para reforçar esse argumento, nos parece que a questão da propriedade (adequação), discutida no Capítulo 1 (e levantada por Kerr, como observamos na parte introdutória deste capítulo) vai resultar na consolidação desse novo modelo espacial, também “apropriado” para as relações interpessoais que estarão cada vez mais sujeitas a regras sociais de convivência e convenções de comportamento. É provável que, no Brasil, a chave fundamental para essa mudança esteja em uma interpretação mais abrangente das relações entre a família, a medicina e o Estado, no século XIX, nos moldes em que a coloca Jurandir Freire Costa. Para ele, até o fim do período colonial, as famílias exerciam seu poder sobre o meio urbano enquanto o governo demonstrava fragilidade diante dos interesses privados. Depois da chegada de D. João VI e sua Corte ao Brasil - e a Independência que lhe seguiu -, o equilíbrio de forças modificou-se: em conjunto, a aristocracia portuguesa e a burguesia européia detinham um poder incomparavelmente superior ao das famílias nativas e, portanto, a cidade não deveria permanecer obedecendo aos seus antigos donos, enquanto se abria para o ritmo econômico do capitalismo europeu, afinado com a doutrina liberal. O processo de europeização, - juntamente com a normalização médica da família brasileira -, vão então trabalhar no sentido de modificar o comportamento familiar, de erradicar seu apego aos costumes tradicionais e modificar “a inércia que banhava o mundo colonial”.²⁴⁰ Certamente que, entre os costumes tradicionais a serem atingidos, estariam aqueles resultantes da proximidade dos membros da família extensiva e seu modo de convivência no interior das casas. Modificar a casa²⁴¹ e a distribuição de seus espaços, introduzindo os corredores e os cômodos isolados, seria assim mais uma estratégia oficial de controle sobre os costumes tradicionais nocivos ao desenvolvimento - almejado nesse novo deslocamento de poder.

Em Salvador, a introdução dos cômodos isolados se dá na passagem da primeira para a segunda metade do século XIX e vai provocar mudanças importantes pois eles remodelavam o padrão da vida doméstica. O mobiliário passa a ser mais especificado e elaborado, suprimindo a carência anterior. Mattoso diz que nas famílias “medianamente remediadas” - tomando como referência o dono de uma ferraria que residia no Largo da Piedade - os móveis são mais numerosos e diversificados. Seu inventário lista duas mesas de jacarandá, um sofá, uma mesa redonda, vinte e quatro cadeiras, uma cama, outra cama de jacarandá, um guarda roupa e um

entre os cômodos”. Aproximando-se do século XIX é que se observa a sistematização dos acessos. (Evans investiga a produção projetual de John Nash e John Soane. Este último estaria na margem da modernidade a esse respeito).

²⁴⁰ COSTA (1979) p.52,53.

²⁴¹ A proibição das rótulas e das gelosias, sinais da cultura árabe na arquitetura portuguesa, são citadas por Costa como ilustração do mecanismo coercitivo utilizado pelo Estado português sediado no Brasil: por trás da ‘barbárie’ estética aludida (ou da captação fluxo de ar?) estavam questões de segurança como também de interesse econômico, diz ele, que propiciava a aquisição de grades de ferro e vidraças da indústria européia, em substituição as gelosias de madeira. p.54

aparador. E quanto às residências dos ricos a autora cita: móveis de jacarandá e de vinhático, lustres de louça, grandes espelhos e oratórios exibindo imagens aparelhadas de ouro e prata.²⁴² Os móveis e objetos diversos - desembarcados nos portos do Rio de Janeiro, Recife e Salvador²⁴³, conforme os registros - indicam que a vida íntima passou a requerer certos aparatos e maior atenção. Os tapetes grosseiros são substituídos por outros mais sofisticados ou por assoalhos. Os quadros não são apenas religiosos como anteriormente; somam-se a eles os temas de paisagens. A partir de listagens pesquisadas em inventários, Algranti cita cabides e reposteiros mais detalhados, cortinas e lustres mais ricos nas casas abastadas (que depois vão se generalizando) e uma infinidade de apetrechos de cama e mesa, roupas e papéis, guardados em baús e caixas de todos os tamanhos.²⁴⁴

3.3.2 Os novos padrões de sociabilidade

À possibilidade de recolhimento na zona íntima do ambiente doméstico juntam-se as transformações na vida social. Nos salões das casas mais ricas observa-se a mudança nos padrões de sociabilidade: as mulheres passam a conversar mais livremente com os homens ou entre si, em pequenas rodas, podendo desfrutar, enquanto mulheres de elite, uma vida mais plena, mas não mais livre, pois “eram criadas no meio familiar, conscientes das formalidades que implicavam respeito e subordinação e preparadas para exercer suas funções no casamento e na sociedade dentro de padrões rigidamente estabelecidos”.²⁴⁵

Freqüentando o teatro e a ópera, participando da vida social na esfera pública da cidade - sinais da modernidade importada pois são os costumes setecentistas de Portugal que finalmente chegam ao Brasil - preparam-se em contrapartida na arte de receber os convidados da família no espaço da casa. Os requintes da cortesia e da etiqueta social começam a interessar aos brasileiros que se aburguesam. A sociabilidade no espaço doméstico, seja no trabalho ou nos ritos cotidianos entre senhores e subalternos, antes menos formalizada, também é substituída por convenções sociais mais rígidas que vão exigir áreas mediadoras na divisão espacial. Entretanto, as restrições vão resultar, por sua vez, em novas formas de desobediência nas décadas subseqüentes, pois os mecanismos de controle pessoal e social serão sempre confrontados por aqueles que desconfiam do seu conteúdo “naturalizado”.

²⁴² MATTOSO (1978) p.195.

²⁴³ A regularidade das viagens teve lugar a partir de 1850 com a inauguração da Linha de Paquetes a Vapor de Liverpool, que mantinha pontualidade britânica nos vapores Brasileira, Luzitana, Olinda, e Bahiana. Para detalhes ver ALENCASTRO (1997), Luiz Fernando. “Vida Privada e Ordem Privada no Império” in *História da Vida Privada no Brasil*, vol. 2, São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

²⁴⁴ ALGRANTI (1997)

²⁴⁵ NEEDELL (1993) p.180.

Duas residências da primeira metade do século XIX, ainda existentes na cidade, embora com intervenções posteriores, sendo uma com porão alto lateral (Fig.10) e a outra um sobrado com dois pavimentos (Fig.11) exemplificam o novo agenciamento do espaço na arquitetura doméstica em Salvador. A característica marcante em ambas é, sem dúvida, o corredor central, cujo acesso se dá por alguns degraus exteriores - no primeiro caso - e por um lance de escada - no segundo - a partir da entrada principal.

A casa, localizada à margem de uma das ladeiras de acesso ao bairro do Barbalho, em um terreno de encosta, está isolada de outras pois se situa a certa distância do centro, e um pouco afastada do referido bairro. Apresenta um porão amplo, provavelmente utilizado como dormitório de escravos, lojas ou oficinas. Muitos chefes de família treinavam escravos em carpintaria, pintura, serralheria e outros ofícios para que trabalhassem para terceiros e daí auferir lucros. Esses homens eram chamados escravos de aluguel e, depois da abolição, como dominavam um ofício, eles puderam trabalhar enquanto libertos com salários um pouco mais altos.

O acesso principal à casa se dá por um jardim frontal onde se encontra uma fonte embrechada de conchas, denunciando uma preocupação paisagística nas casas localizadas longe do centro.²⁴⁶

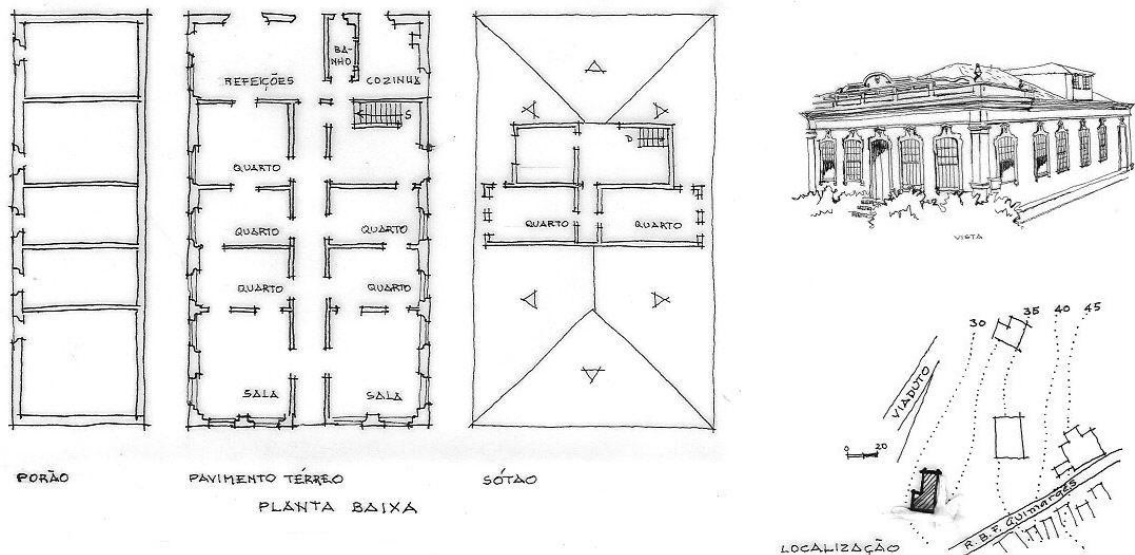


Fig. 10 - Casa no Barbalho (século XIX) tipologia em corredor central, com quartos intercomunicantes.
Fonte: IPAC/SIC (1975). Desenho: Anete Araujo.

Na parte posterior, a sala é grande, aberta e arejada, rasgada em esquadrias em toda sua extensão; todos os demais cômodos apresentam aberturas para o exterior, obedecendo às

²⁴⁶ SALVADOR: IPAC/ SIC (1975)

regras do higienismo que então se estabelecia (embora não devamos esquecer que exemplos do século anterior já apresentavam essas aberturas). O corredor, localizado central e paralelamente aos cômodos, inscreve uma divisão marcante entre os familiares e os escravos ou empregados.²⁴⁷ Mantendo a comunicação entre os primeiros, através das portas que permanecem nos cômodos enfileirados, afasta os escravos para o corredor, território adjacente aos quartos, mas não dentro deles: sempre ao dispor, mas nunca presentes - exceto quando solicitados. O problema de sua presença faz parte do seu serviço.

Uma escada no fim do corredor conduz ao sótão, inserido transversalmente ao eixo principal: aí estão localizados três quartos, distribuídos a partir de uma passagem ou pequeno cômodo, onde provavelmente eram alojados escravos ou criados.

O sobrado de esquina, no segundo exemplo, apresenta, no pavimento térreo, lojas voltadas para ambas as ruas, além de uma ampla sala com um acesso vertical para os cômodos logo acima, e uma sala posterior, também avarandada, provavelmente uma referência à antiga varanda dos tempos coloniais (Fig. 12). A porta de entrada principal dá acesso, através de escada e saguão, a duas salas gêmeas no andar nobre e ao corredor de distribuição para os quartos e, finalmente, para uma ampla sala sobre a varanda do pavimento térreo.

A dotação espacial mais generosa das salas, comum aos dois exemplos, mostra a exigência do novo padrão de sociabilidade que aspira abrir o espaço da casa para a convivência maior em jantares e festas, em companhia das famílias de sua classe e que exigirá da mulher um papel importante enquanto anfitriã da casa.

É importante notar que em Salvador, no período em que essas modificações vão sendo acrescentadas, caracterizando novas tipologias, ainda se observa a permanência dos modelos anteriores. Eles refletem, juntamente com as casas térreas mais simples e de dimensões variadas, uma complexidade maior em relação à mudança de sensibilidade e aos aspectos morais na sociedade brasileira, essencialmente patriarcal e escravista, se compararmos com a Europa. O fato é que a heterogeneidade de soluções espaciais, além das restrições de ordem econômica, devia se adaptar à variação dos grupos familiares e das conseqüentes práticas domésticas, mentalidades e representações dos seus membros.

²⁴⁷ Essa tipologia de corredor central, embora esteja referida como “*modelo freqüente em todo período colonial*” (ou como “*planta quadrada típica das construções mais ricas do século XVIII*”) no IPAC-SIC (1975, p.270), não se encontra em nenhum dos registros do próprio Inventário, durante o referido período (séculos XVII e XVIII)

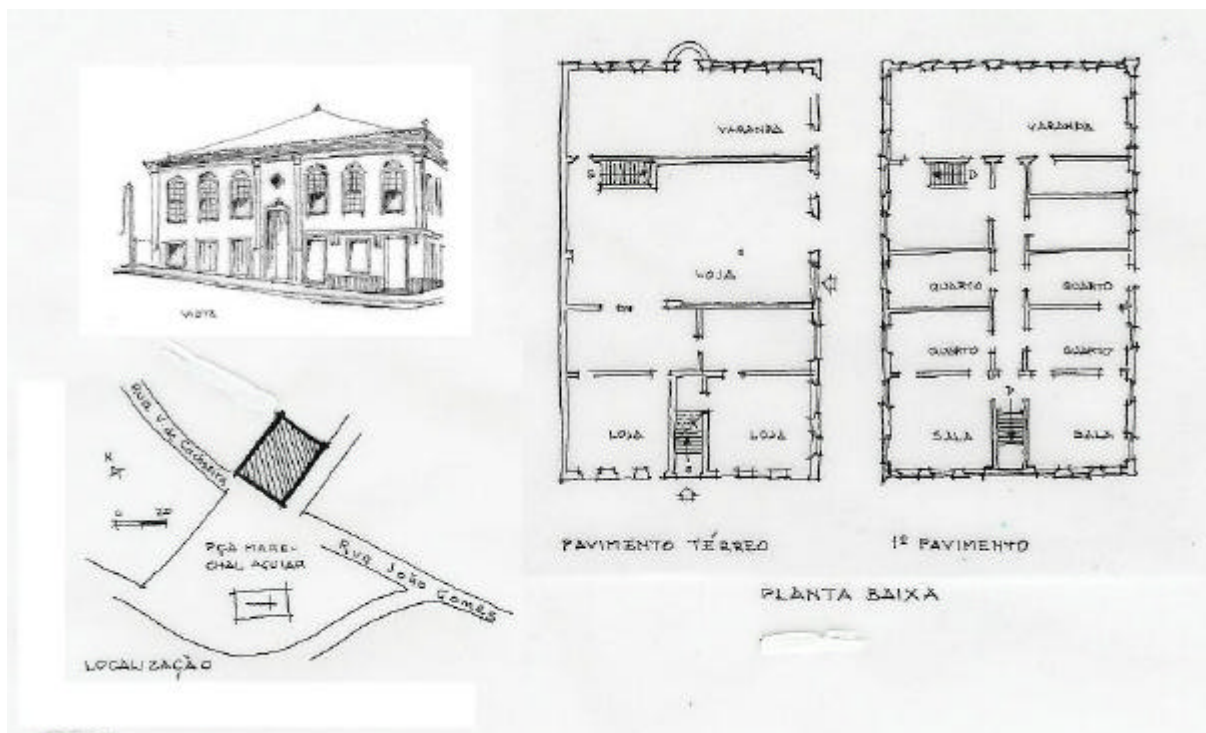


Fig. 11 - Sobrado no Rio Vermelho: corredor central e possibilidade de uso misto no andar térreo.
Fonte: Salvador: IPAC/SIC (1975). Desenho: Anete Araujo.

Um parêntese para ver como se estruturavam as famílias em meados do século XIX é interessante para, comparando e analisando, ver como ela mudou e se transmutou na família nuclear moderna que vai então demandar e elaborar novas necessidades espaciais, a partir da segunda metade do século.

No registro do Censo de 1855 foram oito os tipos de agrupamentos familiares registrados em Salvador. No subtítulo “Famílias e Grupos Familiares”, Nascimento, usando principalmente o termo fogos²⁴⁸, nomeia esses grupos como: família legítima, família ilegítima, viúvas, mães solteiras, remanescentes familiares (irmãos, irmãs, parentes), pessoas de mesma profissão, pessoas vivendo sozinhas (ou com agregados e /ou escravos) e pessoas da mesma raça (ex-escravos). Os dois primeiros incluíam agregados e escravos, cujo número variava dependendo da renda da família.²⁴⁹

A tendência na descrição de Nascimento é dar legitimidade apenas à família nuclear, oficialmente constituída, apesar de afirmar que “embora as famílias ilegítimas não fossem

²⁴⁸ Embora o significado do termo “fogo”, assimilado do seu uso em Portugal, seja considerado como sinônimo de “casa”, significando a lareira ou “lar”. LEMOS (1978). Na verdade, seu uso em outros países europeus se refere também ao grupo de pessoas que viviam juntas (simbolicamente “ao redor do fogo”, para se aquecerem). No Brasil o termo era então comum e utilizado nos registros censitários. É interessante notar que ainda existente em inglês (*household*) e em francês (*feux*) - termos que correspondem aos “fogos” - não exista mais o termo (nem um sinônimo do mesmo) em português.

²⁴⁹ O número de escravos variava de um a dezenove. Existiam famílias em que o número de escravos era maior do que o dos membros da mesma. NASCIMENTO (1985) p. 116.

abençoadas pela Igreja, constituíam um vínculo”. Mas outros tipos de fogos mencionados, segundo a autora,

“careciam dos componentes necessários para a existência de um núcleo em torno do qual uma família pudesse ser constituída. Entre os viúvos, o pai ou a mãe, entre as mães solteiras o chefe patriarca, que estava ausente ou semi-ausente. O resto era apenas aglomeração de pessoas sem qualquer sentido de família, exceto, talvez, os irmãos, irmãs e parentes”.²⁵⁰

Com certeza, ela sugere adiante, “eles tivessem alguma razão para estar juntos, talvez por serem ex-escravos, ou porque trabalhavam no mesmo ofício ou por serem, de algum modo, relacionados”. Certamente, uma razão havia, inclusive a de estarem juntos por escolha própria e que nascimentos poderiam ocorrer no interior desses grupos.²⁵¹ Por outro lado, as famílias legítimas e ilegítimas, na maioria das vezes, não viviam sozinhas, isto é, moravam com elas, além dos escravos, os agregados - parentes pobres, afilhados ou ex-escravos - constituindo assim a família extensiva da sociedade patriarcal.

É essa variação na composição familiar que vai sofrer um impacto maior no sentido de alterá-la, em um movimento que incluirá sua condenação pelo discurso médico e higienista o qual, dia a dia, trará um reforço à família nuclear legítima e à privacidade das suas práticas. O espaço doméstico na segunda metade do século corresponderá a essa aspiração.

3.4 Século XIX - Segunda Metade: A Ideologia do Lar

3.4.1 Contextualização histórica: imigração, composição familiar e o papel da mulher

A permanência da Corte Portuguesa no Brasil e a presença da Missão Cultural Francesa, no Rio de Janeiro, resultaram em mudanças na vida da colônia. Em relação ao projeto arquitetônico, essas mudanças, de início, aconteceram principalmente na então capital brasileira. As transformações, concordam os historiadores, foram principalmente em aspectos formais, devido à introdução do estilo neo-clássico e depois do ecletismo, os quais, um pouco mais tarde, alcançaram todo o país. A ênfase no estilo, entretanto, oculta as transformações que as habitações sofreram sob os auspícios de uma organização sócio-econômica que

²⁵⁰ Idem Ibidem.

²⁵¹ Nascimento descreve a importância da ligação da família nuclear em Salvador. Contudo, como a alta proporção de famílias não nucleares (51,2%), que ela denomina de “núcleo estático” não pode ser ignorada, a abordagem termina por ser depreciativa quando analisa a composição desta última ou daqueles grupos de pessoas que moram juntas, uma vez que “*impedem a evolução social e demográfica*”. Na ausência de documentos ela então sugere que, provavelmente, esses grupos eram os mais problemáticos, aqueles que, estando insatisfeitos, provocavam rebeliões, intolerâncias: “*Talvez neles estivessem concentrados todos os segmentos inferiores da sociedade, os descontentes com o status quo*”, conclui a autora, evitando analisar a variedade complexa das condições da população, social e etnicamente variada - que escolheu estudar - e dos elementos conflitantes nas relações sociais básicas dentro da cidade. Para detalhes mais neutros e quantitativos sobre a família baiana, sob aspectos diversos, ver MATTOSO (1992) e MATTOSO (1988).

mudava, e os novos saberes que se constituíam. A medicina social dirige-se à família citadina procurando transformar a conduta física, intelectual, social, moral e sexual dos seus membros, com vistas à sua adaptação ao sistema econômico e político.²⁵²

O crescimento econômico em geral, devido à exportação do café, tornou possível a importação de equipamentos para construção, facilitada pela modernização dos transportes, do sistema ferroviário e das linhas de navegação. Esse desenvolvimento alcançou principalmente o sudeste do país mas, dentro de suas possibilidades econômicas limitadas, Salvador também apresentou sinais de modernização, como descrito no capítulo anterior. Suas atividades comerciais se desenvolviam juntamente com os setores industrial e de construção representado principalmente pelos especuladores nesta área.

A composição heterogênea da população baiana era, conforme a descrição dos viajantes, a característica maior da cidade.²⁵³

“Era uma vida comercial muito agitada. Os homens brancos vestidos de calça e camisa, os pobres de pés descalços, os bem situados na vida usando sandálias e os ricos, sapatos de couro; e embora vestindo simples ternos eles ostentavam anéis de ouro nos dedos. Havia pessoas pobres de todos os tipos, escravos esperando nos seus ‘cantos’ e meninos correndo em torno”.²⁵⁴

Aos escravos era proibido o uso de sapatos²⁵⁵ e as roupas eram importantes não somente porque poderia se inferir a classe social de seu usuário, mas também para reconhecer, entre os negros, quem pertencia a qual tribo ou grupo e em que atividades eles trabalhavam.

Por outro lado, embora a abolição dos escravos só tenha acontecido em 1888, desde 1855 notava-se uma retração da força de trabalho devido à proibição do tráfico, fato que trouxe algumas mudanças na produção arquitetônica e mudanças ainda maiores no cotidiano doméstico. Daí em diante, imigrantes europeus especializados e a migração interna dos próprios escravos passaram a representar uma nova força de trabalho. Os europeus vindos principalmente da Itália, Portugal e Espanha, chegaram primeiramente em pequeno número depois da Independência do Brasil, em 1822, em grande número em meados do século, devido às guerras na Europa e, finalmente, aumentaram consideravelmente no final do século.

Nas casas das famílias ricas, a possibilidade da contratação de preceptoras, damas de companhia, *frauleins* e governantas estrangeiras vai contribuir para civilizar os brasileiros,

²⁵² COSTA (1979).

²⁵³ AUGEL (1980)

²⁵⁴ C. C. Wehrens citado em NOVAES (1977). “Cantos” eram trechos especiais das ruas, principalmente esquinas, onde os negros (inclusive os escravos de ganho) se agrupavam todos os dias esperando solicitação para executar trabalhos. Usualmente eram separados em grupos da mesma tribo ou crença, funcionando também como pontos de contato antes de rebeliões. Para detalhes ver COSTA (1989).

²⁵⁵ Pesquisas recentes, utilizando fontes iconográficas apontam o uso de sapatos pelos escravos e escravas em alguns casos.

educar seus filhos e europeizar suas casas.²⁵⁶ Essa prática vai levar, pouco a pouco, à dispensa dos escravos, tornando-se índice de bom tom e costume civilizado excluir os escravos do serviço doméstico.²⁵⁷ Costa argumenta que o novo saber médico engrossava o caudal da europeização, responsabilizando os negros pela perpetuação dos hábitos incultos e maneira rude dos senhores.²⁵⁸ As moradias vão incorporar, em geral, cômodos mais especializados, os espaços interiores tornam-se mais complexos, o tratamento decorativo mais exigente, o mobiliário, equipamentos e apetrechos mais variados e faustosos. Maximiliano da Áustria, em visita à Bahia, observa em suas recordações “um vasto salão oval, com soalhos forrados de esteirinhas, as belas e sólidas mobílias estofadas, os espelhos de moldura da moda, os ricos candelabros.”²⁵⁹

Nas casas abastadas, os espaços de representação social, comandados pelo salão de festas, vão exigir ainda mais das mulheres, que agora serão educadas para saberem receber bem os convidados da família nos saraus e comemorações. Aprimoram-se na arte de bordar, aprendem piano, violão e uma língua estrangeira²⁶⁰ e a leitura será incentivada - enquanto fonte de cultura geral mas também, e principalmente, será dirigida ao reforço de seu papel como esposa e mãe.²⁶¹

Pode-se dizer que as mudanças no espaço doméstico e a forma de organização do lar passam a ser, de agora em diante, o cenário da vivência - em qualquer classe social - da “mulher-mãe-dona-de-casa”, na expressão de Rago.²⁶² A ideologia do lar e da domesticidade está então consolidada.

As casas da classe média - agora representada por uma população principalmente composta de brancos e mulatos, dedicada a profissões tão variadas como alfaiates, chapeleiros, bombeiros, pintores, pedreiros, ferreiros, sapateiros, barbeiros, como também trabalhadores do comércio e da indústria - também vão sofrer modificações. Além da influência formal do ecletismo, as mudanças, como atesta Reis Filho, estavam ligadas principalmente à nova implantação da casa no lote, abandonando o duradouro modelo

²⁵⁶ LEITE (1997). A autora chama atenção de que o costume anterior da reclusão das mulheres de elite nos conventos de Salvador tende a desaparecer no decorrer do século XIX, pois as ordens religiosas tradicionais entram em processo de decadência. As idéias sobre instrução feminina passam a ser importadas da Europa. Essa preocupação com uma educação mais moderna leva à convivência de práticas e discursos oitocentistas com as formas mais conservadoras da educação conventual (p.47, 48).

²⁵⁷ COSTA (1979) p132.

²⁵⁸ Idem p.125.

²⁵⁹ Citado em VERGER (1981).

²⁶⁰ AUGEL (1980) p.237.

²⁶¹ Interessante comparar as publicações dirigidas às mulheres no princípio do século XIX com aquelas do final do século. No primeiro período a pluralidade no conteúdo das novelas, no que se refere à moral e ao comportamento das mulheres é notável, enquanto no segundo a censura é muito maior. Ver PRADO (1999).

²⁶² RAGO (1985).

colonial. O novo esquema era baseado em um recuo lateral em ambos os lados do lote (geralmente um maior que o outro) embora a fachada frontal ainda mantivesse o alinhamento da rua, sem contudo dialogar com a mesma - pelo menos com a intensidade dos séculos precedentes. A convivência no espaço público - nos bairros onde essas tipologias eram implantadas, certamente já não seguia aquela dinâmica - passível de ser ainda vivenciada no centro da cidade.

No entanto, nesse centro - e adjacências - embora a possibilidade do uso misto nos sobrados ainda constituísse uma opção de moradia para muitas famílias, uma moral mais exigente, se compararmos com os séculos anteriores, também se estabeleceu.

Segundo Vianna, as famílias que viviam em moradias sobre padarias ou açougues, eram tratadas com desdém, a menos que fossem proprietárias dos negócios. Em sendo parentes distantes - ou agregados - deveriam ser escolhidos com muito cuidado pelo proprietário. O comportamento deste último também era levado em consideração. Ele devia evitar pessoas desocupadas e/ou alcoolizadas nas proximidades da casa, tomar conta da sua família e guardar a moralidade na vizinhança. Lucrar, por meios escusos, poderia resultar no desprezo de sua família por parte dos vizinhos. Os membros da sua família não seriam convidados para festas e casar com suas filhas não era aconselhável.²⁶³ Parece que, em um momento que podemos considerar “de transição”, as regras de sociabilidade ainda eram espontaneamente assentadas, preconceitos mudando de grupo para grupo.

3.4.2 A nova implantação da casa no lote

Um recuo de dimensões variadas em relação ao limite lateral do terreno ou construção vizinhos, como vimos, vai constituir a nova implantação no lote das residências baianas.

De acordo com Reis Filho, esta solução foi adotada em todo o Brasil; sua grande inovação consistia na introdução de um novo elemento de paisagem na arquitetura residencial: o jardim lateral. No exemplo abaixo, no bairro da Saúde, destaca-se o largo portão de acesso à casa através desse jardim lateral (Fig. 12). Apesar do nome, ao menos em Salvador, vegetais e fruteiras ainda eram cultivados, nessa área, quando a dimensão do terreno permitia, e se criavam alguns animais domésticos - para consumo da família ou para o mercado - atividades femininas comuns nos quintais desde os séculos anteriores. Certamente, como observou Algranti, em relação a outras cidades do Brasil, os jardins também eram usados para o convívio doméstico nas horas de lazer devido ao clima quente, caracterizando-

²⁶³ VIANNA (1979).

se como espaço de intimidade. Nas casas abastadas podiam ser lugar de contemplação e recolhimento para as mulheres.

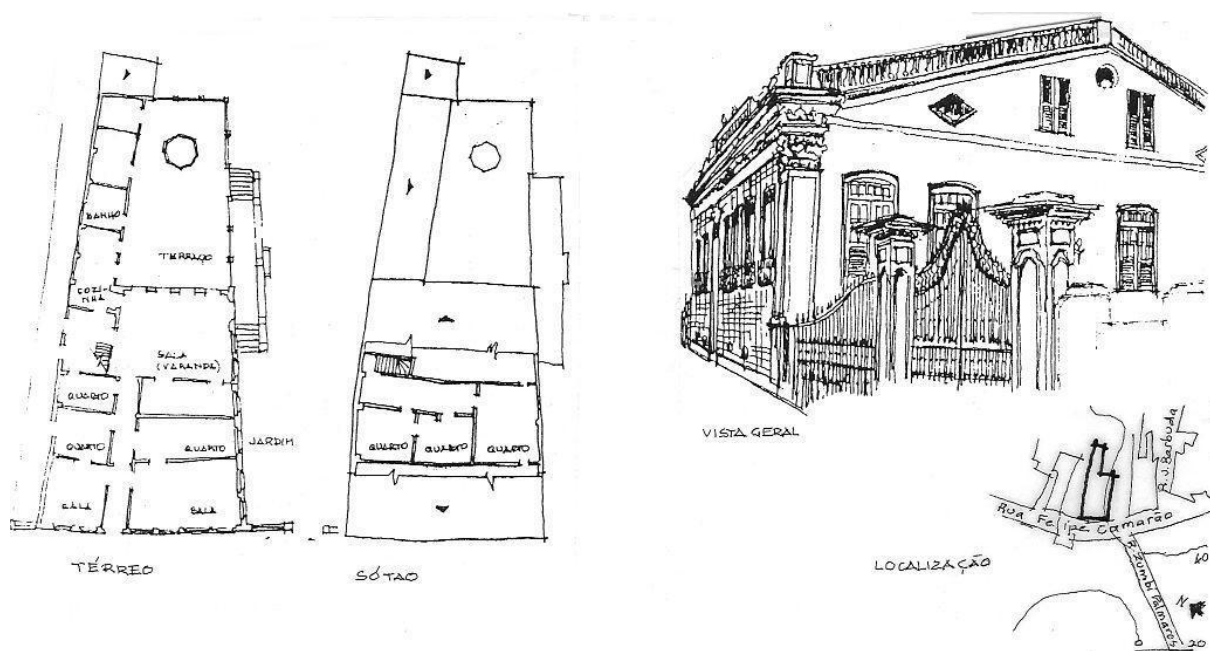


Fig. 12 - Casa com jardim lateral, no Bairro da Saúde. Segunda metade do Século XIX.
Fonte: Salvador: IPAC/SIC (1975). Desenho: Anete Araújo.

A casa apresenta um terraço - com entrada ampla, avarandada e independente pelo jardim lateral e contíguo à sala, os quais, juntos, conformam um espaço possivelmente de uso social, para festas ou eventos especiais. Limitado lateralmente por uma balaustrada e o tradicional puxado que abriga banheiro, quarto de criados e dependências de serviço, o terraço possui uma fonte poligonal na parte posterior que sugere uma sofisticação no seu tratamento. O acesso ao corpo da casa também se dá diretamente da rua, através de um vestíbulo, e daí para o corredor central que, como os exemplos da primeira metade do século, isola os cômodos adjacentes, salas e quartos, e termina na sala avarandada. À esquerda desta última, uma escada conduz aos quartos, localizados no primeiro pavimento. O acesso aos mesmos também se efetua através de corredor, caracterizando-os como cômodos isolados - agora consolidados pela nova aspiração de intimidade doméstica. A escada, enquanto filtro vertical para separar a área social da área íntima, vai se constituir como tipologia ideal nas residências do início do século XX. Os corredores, necessários a esta separação na casa térrea, poderão ser abolidos, sendo substituídos por *halls* - maiores ou menores - que conduzem aos dormitórios e banheiro.

Essas casas normalmente dispunham de porão alto. Tanto elas como os sobrados que mantinham o piso do pavimento térreo elevado do solo representavam, para além da maior

privacidade pretendida, uma conquista na otimização climática no interior da casa, uma vez que afastava a umidade ascendente e permitia a livre circulação do ar (Fig. 13).

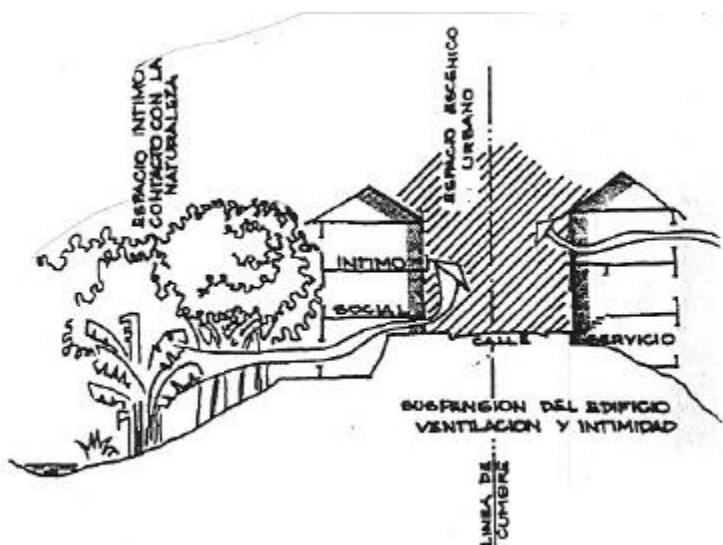


Fig. 13 - A adoção do porão alto: intimidade e ventilação.
Fonte: Suárez. Cuaderno Gráfico Adjunto (1995)

3.4.3 A instituição da “sala de visitas”

Entre as pessoas da classe média, a adoção da casa de porão alto foi a mais comum. A entrada da casa se dava pelo lado - depois de um pequeno lance de escada, e se estendia em uma varanda, através da qual os quartos, agora substituindo as alcovas enclausuradas, podiam ser iluminados e ventilados. O tamanho da casa e, conseqüentemente, o número de janelas frontais variava dependendo da renda do proprietário ou inquilino. Usualmente, as escadas e o parapeito da varanda, como também sua estrutura, eram executados e decorados com ferro fundido, o novo material adotado (Fig. 14).

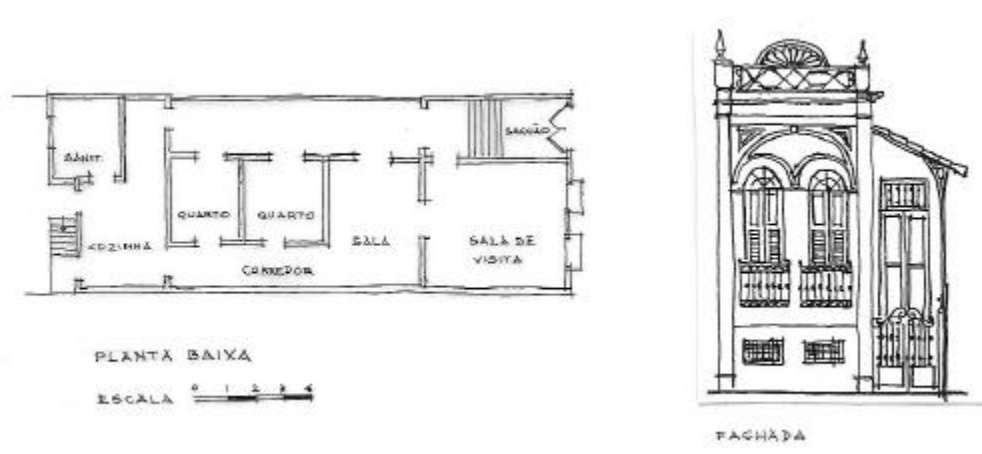


Fig. 14 - Casa de porão alto com entrada lateral, na Rua do Alvo. Bairro da Saúde.
Desenho: Anete Araujo. Fonte: Araujo (1986).

Internamente, a disposição dos cômodos não apresentou muitas mudanças, a grande alteração ocorrendo no uso da sala da frente. Denominada “sala de visitas” ela substituiu uma

das funções da varanda multifuncional posterior, quando o ritual de receber visitas, nas classes médias, havia mudado de uma prática mais informal para um encontro que, para ser bem-vindo, devia ser previamente combinado. Os membros da família poderiam assim vestir-se apropriadamente. Bolinhos e café eram então providenciados e vinho do Porto servido. Vianna sugere que o tema de conversação variava da moda à situação do país, de mexericos ao aumento de preço das mercadorias. Visitas inesperadas não eram muito bem-vindas, uma vez que prejudicavam o ritual e terminariam por se acomodar nos forros brancos que eram colocados sobre a mobília para protegê-la da poeira diária.²⁶⁴

Junto à sala de refeições, nas casas mais amplas, surgiu também um novo cômodo, uma copa, onde algumas refeições eram servidas e algumas atividades, como costura, tinham lugar, entremeadas com conversas sobre temas diversos ou um descanso em cadeiras de balanço, ou seja, o conjunto daquelas funções que, nos séculos anteriores, a varanda posterior abrigava.²⁶⁵ Como um espaço informal para uso da família e agregados, a copa abrigava todo tipo de mobiliário, alguns bem típicos da sociedade brasileira e baiana os quais eram provavelmente de influência árabe.²⁶⁶ Parece que a resistência em desistir da copa, quando a arquitetura moderna se tornou moda, estava ligada a costumes enraizados datados desta época.

Entre esses costumes, Vianna sugere o hábito de segregar pessoas nas refeições. Ela argumenta que algumas pessoas que comiam na copa não eram admitidas na sala de jantar. “Eles eram padrinhos, madrinhas ou afilhados de origem humilde ou filhos de criadas que tinham tido algum sucesso na vida (mas não tanto que merecesse comer na sala)”.²⁶⁷ Nas casas das famílias mais ricas, as crianças também faziam suas refeições na copa, supervisionadas por uma governanta que lhes ensinava como deveriam se comportar, do contrário elas não poderiam ir para a companhia dos adultos.

Como observado nos exemplos acima, os espaços destinados à vida social aumentavam em área e em número, uma mudança evidente de que, se a casa colonial, mais voltada para si própria, privilegiava os cômodos privados, agora, os espaços onde o público

²⁶⁴ VIANNA (1979) p.10, 11. Talvez a autora esteja se referindo a um tempo um pouco posterior mas, provavelmente, essas práticas se estabeleceram a partir do período em estudo.

²⁶⁵ Aceita-se que a copa teve a sua origem em casas abastadas na Europa. Era utilizada para lavar louça, preparar comidas especiais como a dos bebês e bolinhos sofisticados. No Brasil muitas funções foram então acrescentadas. LEMOS (1978).

²⁶⁶ Entre eles o quartinheiro, o “guarda-comida”, para guardar sobras das refeições, açucareiro, mantegueira, queijo e alguma bebida que não deviam estar expostos na cristaleira da sala de jantar, além de um consolo sobre o qual eram colocadas uma jarra de água e uma pequena bacia que, depois da chegada da instalação hidráulica, foram substituídas por um lavatório. Um espelho era acrescentado para o caso da dona da casa receber visitas sem combinação prévia. VIANNA (1979)

²⁶⁷ Idem, p. 29.

tem acesso serão mais valorizados.²⁶⁸ Nas mansões, acrescentavam-se, além de salões para festas, salas diversas para música e jogos, o *fumoir* e o gabinete, contíguo ou funcionando no mesmo cômodo destinado à biblioteca.

Algumas vezes, as casas ou sobrados, que ainda eram erigidos nos bairros mais antigos, podiam ter duas salas de jantar, sendo uma em cada andar. A sala do pavimento térreo era utilizada para as refeições diárias e mobiliada informalmente: os móveis sem uniformidade, as cadeiras de modelos diferentes, enquanto a do andar superior apresentava mobiliário de alta qualidade, poltronas, candelabros, espelhos e objetos decorativos. Sendo utilizada esporadicamente, esta sala foi nomeada, por Vianna, como “sala-museu”, um espaço para a exibição da riqueza de seus ocupantes.²⁶⁹

Assim, os cômodos que constituíam o espaço doméstico estavam mudando seu atributo anterior de funcionalidade múltipla para a segregação de atividades e funções em cômodos especializados, seja para propósitos utilitários ou simbólicos.

A cozinha, mesmo a “de dentro”, localizada na parte posterior da casa, variava de tamanho, mas continuava a ser um cômodo subvalorizado, embora Vianna, poeticamente, coloque que “havia sempre alguém que gostava da cozinha”. As meninas chegavam perto da cozinheira para recolher alimentos para o “cozinhado” que faziam no quintal e as jovens tinham que gostar, mesmo nas famílias mais ricas, pelo menos até aprender alguma coisa, pois “quem não sabe fazer não sabe mandar”: na verdade uma construção evidente no reforço do papel da mulher como uma boa dona de casa. Outras amavam a cozinha, pois usufruí-la ajudava a matar o tempo, para esquecer as frustrações do casamento, uma vez que muitos deles ocorriam apenas para agradar aos pais ou só para assegurar o sustento numa época em que a mulher era socialmente desprezada se trabalhasse fora de casa em troca de salário. Certamente as exigências familiares, conveniências econômicas e interesses de classe se sobrepunham ao amor que raramente atuava sozinho, relativizando a livre escolha dos cônjuges. “Mães educadoras” vigiavam filhas e filhos solteiros, pois a união era “para toda a vida”, independentemente dos arroubos sentimentais que se desvanecem com o tempo.²⁷⁰

O banheiro, numa época em que os escravos já estavam ficando escassos, foi aos poucos sendo incorporado à casa nas residências mais abastadas. Antes se localizava no puxado, junto à cozinha - indicando a separação da “área molhada” da “área seca” da casa -

²⁶⁸ A valorização do setor privado, não obstante, estava ligada a outro registro, ou seja, à possibilidade de reforçar o isolamento dos cômodos individuais através dos espaços de mediação (corredores, passagens e portas - que podiam estar abertas ou fechadas). Neste ponto discordamos de AMORIM (2000, p.12) que identifica o uso desses espaços mediadores como uma característica típica das casas modernas, isto é, das primeiras décadas do século XX.

²⁶⁹ VIANNA (1979) p. 23, 24.

²⁷⁰ MALUF e MOTT (1998).

seja em dois vãos separados (banho e latrina) ou completo (com várias peças). O cimento, na época um produto importado, era utilizado para a confecção dessas peças, assim, a disponibilidade dessa tecnologia contribuía também para a setorização. Ainda nesse sentido da dependência tecnológica, as primeiras instalações de água corrente, antes inexistentes, corroboraram também em mudanças nos hábitos higiênicos. Nas casas ricas, os banheiros eram equipados com peças sanitárias e torneiras importadas, de modelos variados.

3.4.4 Discurso médico e espaço privado: o modelo tri - partite e a família nuclear

A condenação médica à promiscuidade e aos hábitos tidos como anti-higiênicos vai ser particularmente importante no processo de reorganização da intimidade familiar na passagem do século XIX e no desenvolver do século XX. Segundo os autores das teses das Faculdades de Medicina, da Bahia e do Rio de Janeiro, esses costumes condenáveis, estando ligados à presença dos escravos tanto na cidade como no ambiente da casa - corrompendo moralmente o branco além de transmitir-lhe doenças e escandalizarem sua consciência liberal - precisavam ser erradicados. E todo o seu esforço, de agora em diante, será nesse sentido.²⁷¹

Essas teses estavam inseridas no paradigma científico hegemônico no contexto da Proclamação da República, onde o racismo de inspiração biologista (o darwinismo social que oferecia as bases para o positivismo e o evolucionismo) obrigava-os a esse constrangimento, pois, como formar uma nação que era também constituída de ex-escravos, ‘raças inferiores’?²⁷² Para Neder:

“ao mesmo tempo em que esse pensamento forjava novas crenças (agora ‘científicas’) sobre a superioridade dos brancos de origem européia, ‘reificava’ ou ‘reforçava’ velhos preconceitos sobre a barbárie e a inumanidade dos africanos, eivados no racismo tradicional (inspirado no pensamento cristão tomista presente na formação histórica ibérica, que justificou a dominação colonial escravista)”.²⁷³

Assim, o afastamento dos escravos e o encolhimento da família extensiva - acrescentado aos laços afetivos na vida familiar - vão reforçar a consolidação da família nuclear. Esses laços são representados pelo maior cuidado com as crianças, que passam a receber um tratamento adequado à sua educação e para quem vão ser pensados espaços de brincar e de dormir, separados por sexo, e pela preocupação na formação moral e profissional. Alimentando interesses distintos - de adultos e crianças, homens e mulheres, pais e filhos - os quais, na sociedade colonial, eram neutralizados na unificação daquele bloco único em torno

²⁷¹ COSTA (1979) p.124.

²⁷² NEDER (1994).

²⁷³ Idem p.26.

do poder paterno, o discurso médico desestimulava a manutenção da família extensiva.²⁷⁴ Por outro lado, o convívio interno das famílias, como registra Costa, “aproxima seus membros, reduzindo seus prolongamentos”, e completa: “vagarosa e seguramente, a família, conduzida pela mão benevolente do médico, fazia de seus laços a sua casa, aquele ambiente doce e encantador tão solicitado pela higiene”.²⁷⁵

No terceiro quartel do século, as casas, respondendo a essas novas demandas, passaram a ter também um recuo frontal rompendo o contato direto com a rua, isto é, ficam soltas no lote, que aumentou de dimensão. A entrada principal poderia estar localizada lateralmente ou na frente.

Nas casas mais abastadas, aparece uma outra entrada, conduzindo diretamente à área de serviço, embora, algumas vezes, mesmo exemplos mais simples e de arranjo tradicional apresentassem o duplo acesso, como atesta a ilustração abaixo de uma casa em Ondina.²⁷⁶

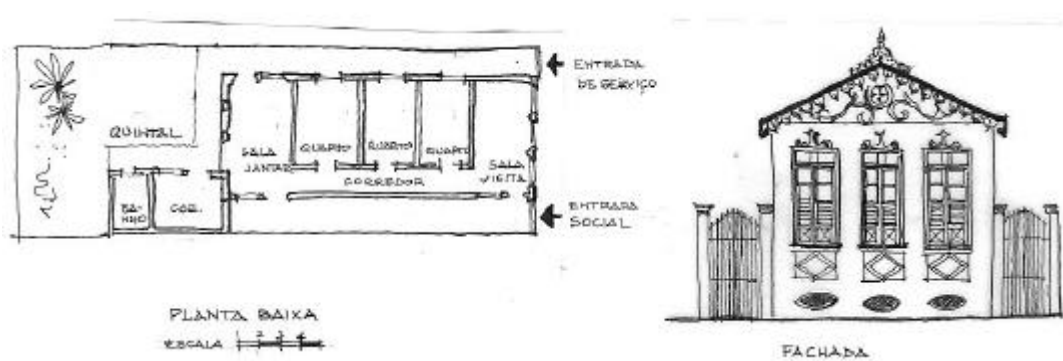


Fig. 15 - Casa de porão alto com as entradas, social e de serviço. Século XIX.
Fonte: Almeida (1997). Desenho: Anete Araujo

Essa disposição irá exercer um papel crucial na arquitetura moderna e reforçará a segregação social, pois a entrada de serviço jamais desapareceu na arquitetura residencial brasileira e baiana, sendo utilizada até o presente como um dos símbolos do *status* do proprietário.

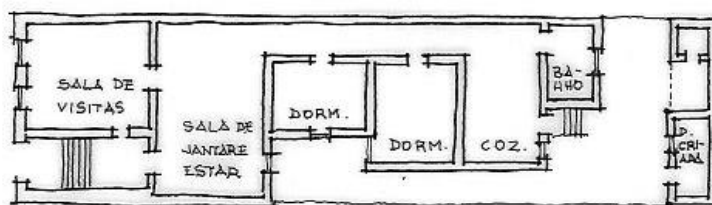
Por outro lado, a abolição dos escravos, no final do século, não mudou muito sua situação quando passaram a trabalhar como criados, nas décadas subseqüentes. Suas acomodações mudaram de posição, porém, especialmente, continuaram a pertencer à zona de

²⁷⁴ COSTA (1979) p.31. Para o autor a sujeição aos preceitos higiênicos tem como prêmio “a persistência da prole, o prolongamento da saúde, a felicidade do corpo”. A família não se contrapõe mais ao Estado, como anteriormente, ao contrário, vai ser sua aliada, convertida à estratégia médica montada.

²⁷⁵ Idem, p.140. Convém lembrar que, em muitos casos, mesmo depois dessa “tomada de consciência”, como ressaltou Roberto DaMatta, a higiene na casa não implicava no mesmo cuidado em relação à rua. O desrespeito às ordens de limpeza era freqüente, refletindo o desprezo pelos locais públicos, caso em que ‘casa’ e ‘rua’, enquanto categorias antropológicas antagônicas seriam características inerentes à cultura brasileira. DAMATTA (1985). Ainda sobre esse tema, Araújo, relatando como o hábito da sujeira lançada nas ruas atravessou os séculos, esclarece que essa prática condenável incluía toda a população. Para detalhes ver ARAÚJO (1997) p. 48 a p.53.

²⁷⁶ Os projetos pesquisados, na referida tese, apresentam plantas e fachadas escaneadas dos originais encontrados nos arquivos da Fundação Gregório de Mattos.

serviço, escondidas não só em relação à rua, como antes, mas também em relação aos outros cômodos da casa. Localizavam-se ou no fundo da casa ou separadas da mesma por um pátio - que poderia ser maior ou menor, dependendo das dimensões da casa ou do terreno - em uma edícula. O acesso às mesmas se dava também por uma entrada independente ou apenas pela cozinha, se o lote fosse estreito, como indica a figura 16, esboço utilizado por Reis Filho.



PLANTA BAIXA

Fig. 16 - A casa e sua edícula, ao fundo, onde estão localizadas as dependências de empregados
Fonte: Reis Filho (1970).

De acordo com Lemos, a edícula,²⁷⁷ uma característica típica da casa burguesa brasileira, esclarece e confirma uma situação de alguma forma indefinida e confusa desde a abolição dos escravos: “em favor do empregado (o ex-escravo) foi feito um acordo pelas duas partes: uma acomodação decente, provida de quarto e banheiro, com entrada independente da rua”. Se a nova acomodação foi decente é questionável e a independência provavelmente significou uma forma mais velada de exercício de poder e maior segregação, cujo reforço estava garantido pelo discurso médico higienista que, estimulando a nova intimidade familiar, enfatizava o distanciamento físico e de convivência entre empregados e patrões. No caso da patroa e da empregada, essa convivência aponta a diferenciação que o trabalho doméstico implica, para uma e para outra. Esta diferenciação é o mais das vezes omitida no discurso sobre o trabalho da dona de casa, o qual, sendo “um trabalho com amor” (pelo marido, pelos filhos) não o é para a mulher empregada doméstica, cuja atividade é remunerada e executada na privacidade da casa de outras mulheres. As últimas, no entanto, não se esquecem de cobrar, na maioria dos casos, se não amor, uma dedicação especial para si e para os membros de suas família.

Por outro lado, um dado importante nesta organização espacial, apresentada por Reis Filho, é que a sala de refeições se desloca de sua posição anterior, mais recuada, para se localizar junto à sala de visitas, constituindo ambas o setor social da casa.

²⁷⁷ Pequena edificação, próxima da edificação principal. Com a passagem do tempo outros cômodos foram acrescentados aí, tais como depósito, lavanderia (usualmente uma pequena varanda) gomado e a garagem. LEMOS (1978) p.142.

Posteriormente, nas primeiras décadas do século XX, quando a casa de dois pavimentos, atendendo ao mesmo programa adotado no exemplo anterior, se torna comum, a presença da edícula se mantém, inclusive nas casas modernistas das décadas de 30 e 40. E, igualmente, esse novo agenciamento que dispensa o corredor - pois se alcança a zona íntima, agora isolada no primeiro andar, através de uma circulação vertical - também será repetido à exaustão naquelas mesmas casas, cuja análise sócio-espacial é o tema principal deste trabalho.

3.4.5 O papel do profissional (arquiteto, engenheiro ou projetista)

As mudanças mais significativas no espaço doméstico, porém, vão acontecer nas residências das classes mais altas que, a partir da última década do século até 1930, período da Primeira República, vão refletir a absorção dos costumes e da ideologia burguesa que vai então se consolidando. O reforço a esses costumes, que emergem de mãos dadas com a ideologia de gênero, vai agora contar com o arquiteto ou autor do projeto, na obediência a uma legislação mais rigorosa na oficialização das licenças para construção.

Com a entrada da figura do arquiteto/autor, embora as opiniões não sejam consensuais quanto à existência ou não de variações significativas, observa-se que, entre os modelos adotados para as edificações residenciais, é possível discernir aspectos de hierarquia e graus de definição espaciais específicos. São ações projetuais que vão obedecer a um programa, então institucionalizado, o qual se torna uma espécie de máscara dissimuladora que o arquiteto veste a serviço da ideologia. A relutância em declarar seus códigos parece caracterizar a sociedade burguesa e no campo da prática arquitetônica, não é diferente.

O desejo de segregar os serviços, como observado anteriormente, vai localizar seus dormitórios e banheiros e as áreas de serviço fora do corpo da casa. A cozinha, por razões funcionais, vai estar próxima à sala de jantar, que já estava incorporada ao setor social, aumentando a sua dimensão, o que demonstra o interesse de abrir mais a casa para o público - selecionado, é verdade, se compararmos com o modelo colonial. Na zona íntima, os quartos vão ser especificados: do casal, das crianças e até dos meninos e das meninas, ficando próximos do banheiro. Dessa forma, os espaços da casa passam a ser especificados de acordo com os papéis dos membros da família e a abrigar os deveres e prazeres estabelecidos para cada um. É lá que as intrigas e desafetos diários serão julgados, as crianças socializadas no aprendizado dos valores burgueses, e a imagem de bondade e servidão da mulher perpetuada.

A ideologia da domesticidade enfatizava o trabalho da casa não como uma série de tarefas a serem desempenhadas, mas como um empreendimento moral, o valor moral da mulher sendo julgado pela forma como ela cuidava de sua casa e de sua família. A “nova

mãe”, segundo Rago, passa a desempenhar um papel fundamental na família nuclear moderna.

“Vigilante, atenta, soberana no seu espaço de atuação, ela se torna responsável pela saúde das crianças e do marido, pela felicidade da família e pela higiene do lar, num momento em que cresce a obsessão contra os micróbios, a poeira, o lixo e tudo que facilita a propagação das doenças contagiosas. A casa é considerada como o lugar privilegiado, onde se forma o caráter das crianças, onde se adquirem os traços que definirão a conduta da nova força de trabalho do país. Daí, a enorme responsabilidade da mulher para o engrandecimento da nação”.²⁷⁸

Assim, a família - a unidade da sociedade, considerada como uma gerenciadora dos interesses privados, a entidade boa e essencial para prover força para o Estado e o progresso da humanidade - vai cumprir um grande número de funções. Chave fundamental para a reprodução, assegura o funcionamento da economia e a transmissão da herança. Ciente da consciência nacional, ela retransmite os seus valores simbólicos e sua memória fundacional. A boa família é a fundação do Estado.²⁷⁹ Sobre este tema, Costa, se referindo aos regulamentos e normas criados pela ordem médica, é enfático: uma norma familiar capaz de formar cidadãos individualizados, domesticados e colocados à disposição da cidade, do Estado, da pátria”.²⁸⁰ E ainda nesse sentido, Ferraz complementa: “a medicina higienista desfechou seu discurso indiscriminadamente pelo espectro médio do social, pois a estratégia seguida era a de consolidar a universalização de novos padrões e valores, principalmente aqueles que afirmavam ser o Estado mais importante do que o grupo familiar”.²⁸¹

O discurso médico na construção desses novos valores burgueses, que guiaram as transformações do espaço doméstico, foi traduzido em um programa que o arquiteto passou a seguir à risca o qual, dirigido principalmente às elites, com o passar do tempo, foi transferido para toda família, independentemente de sua renda, cultura e origem étnica.²⁸² De fato, na prática, segundo Schapochnik, o processo que resultou no uso de diferentes estratégias empregadas na conformação da intimidade e personificação dos ambientes não se restringiu às formas de habitar da burguesia. O estímulo à individualização percorreu outros padrões, embora circunscrita à disponibilidade econômica e diferentes tradições culturais.²⁸³

Os espaços domésticos exemplificados a seguir refletem exatamente a força da ideologia burguesa em relação à propriedade e adequação desses espaços aos modos de vida que ela defende e exalta. Eles são o resultado de um programa funcional que veio para ficar,

²⁷⁸ RAGO (1985) p. 80.

²⁷⁹ SIMÓ (1989).

²⁸⁰ COSTA (1979) p.47.

²⁸¹ FERRAZ (1994) p.104.

²⁸² Daí uma legislação anacrônica que exigia dos segmentos mais pobres aquilo que eles jamais poderiam cumprir.

²⁸³ SCHAPOCHNIK (1998)

definindo implicações na construção de papéis sociais que envolvem aspectos de gênero, de classe e de etnia ²⁸⁴ e que representarão aquilo que já foi considerado um modelo acabado de moradia até uma “maldita prisão”: a divisão tri-partite da casa nas áreas social, íntima e de serviço.²⁸⁵ Este modelo será repetido invariavelmente pelos profissionais de arquitetura e engenharia os quais, em compensação, encontrarão na busca da variação estilística, a sua liberdade criativa propiciada pela doutrina mais geral do liberalismo, então valorizada, no seu campo de atuação.

3.4.6 As novas tipologias residenciais

Como vimos no primeiro capítulo, a expansão de Salvador em direção ao sul, área que pertencia ao chamado Distrito da Vitória, se concretiza dentro da aspiração de modernização da cidade - representada pela abertura de novas vias e execução de infra-estrutura pelo poder público e pela localização das mansões ecléticas, primeiramente no corredor da Vitória e, logo depois, nos bairros de Barra, Graça, Barra Avenida e Canela. Os sonhos de civilização emergiam na consolidação desses bairros e os regulamentos asseguravam a implantação de áreas residenciais homogêneas, refúgio cada vez mais acentuado de espaços privados, semelhantes no aburguesamento. Rodeadas por jardins frontais e laterais - inspirados nos jardins francês ou inglês - que asseguravam a sua intimidade, as mansões ainda eram protegidas por grades de ferro e enormes portões, os quais completavam a separação entre o espaço da privacidade e o domínio público.

A disposição dos cômodos variava de plantas mais simples para mais complexas, com grandes salões e salas de jantar, para receber um público selecionado, servindo a propósitos de representação social; cômodos privados de vários tipos para a reclusão dos membros da família; quartos e banheiros separados por sexo e cozinhas espaçosas; copas e outros espaços para trabalho doméstico, embora tudo que significasse domesticidade ou trabalho de casa estivesse escondido da visão. Os quartos e os banheiros para os criados eram, na maioria, localizados no quintal, separados do corpo da casa. Eles não constituíam a casa, sendo tratados apenas como anexos a ela.

Duas casas projetadas pelo engenheiro Hans Scheleir, uma em 1894, no Rio Vermelho e outra em 1895, na Rua da Graça, exemplificam esta variação. A primeira (Fig. 17), mais simples, em versão palladiana, apresenta certa simetria externa, quebrada por uma varanda em “L”. A área social, também distribuída simetricamente - a partir de um grande *hall* (sala

²⁸⁴ Implicações de classe - uma vez que os empregados, colocados no “seu lugar” vão ter seu espaço separado e suas ações controladas - e de etnia, devido à presença dos serviços negros, não mais escravos, porém sofrendo o preconceito e conseqüente segregação, diante do perigo que representavam para as famílias e de tudo que ele implica.

²⁸⁵ Rolnik (1985)

de espera) - beneficia com esquadrias amplas as salas de visita e de jantar. A circulação vertical central separa as zonas social e íntima, localizada no primeiro pavimento, certamente com banheiro e quartos distribuídos a partir de um *hall* central. O “anexo”, constituído de cozinha, copa e despensa, quebra a simetria na fachada posterior. A acomodação dos serviçais estava certamente fora do corpo da casa, não fazendo parte do projeto apresentado. As duas entradas, social e de serviço, estão presentes e distantes uma da outra.

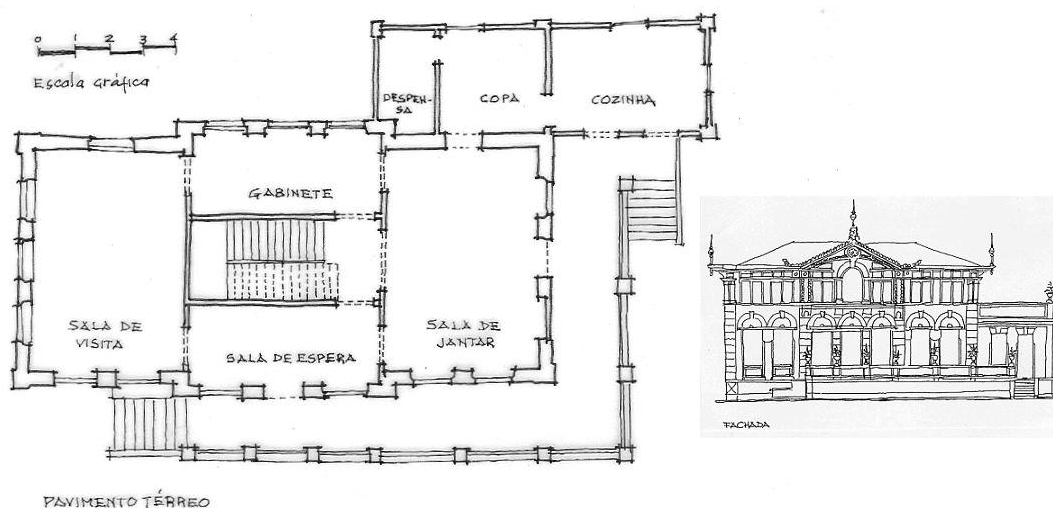


Fig. 17 - Mansão no Rio Vermelho (1894). Área social frontal, zona de serviço atrás e a íntima no 1º andar.

Fonte: Almeida (1997). Desenho: Anete Araujo.

É interessante notar que a solução espacial dessa casa, no pavimento térreo, assemelha-se à matriz de cômodos conectados dos séculos XVII e XVIII e tenderia a ser definida formalmente como peças de uma colcha de retalhos, mas a designação funcional dos cômodos, a localização de uma passagem no arranque da escada que funciona como espaço mediador (também em relação à zona íntima acima), e a distribuição dos cômodos limitam o que poderia ser um espaço de encontros casuais daquele modelo.

O desenho da casa na Rua da Graça, como consta no projeto (Fig. 18) já incorpora, no fundo, as dependências para os empregados. As diversas salas pertencem ao mesmo setor social que, na ocasião das festas, oferece maior espaço para receber os convidados e, apesar de não apresentar espaços mediadores - como no pavimento térreo do exemplo anterior - a divisão nas três zonas está presente.

A possibilidade de que o projeto seja uma ampliação, devido à espessura desigual das paredes nos cômodos da frente, está descartada pelo próprio pedido de licença para construção. Acima, na zona íntima, encontra-se, possivelmente, além dos dormitórios - distribuídos independentemente a partir do corredor - o banheiro que, como no exemplo anterior, já está incorporado a casa. Vale ressaltar que, entre os projetos analisados, este é o

primeiro onde aparece um “toilete” na zona social. Possivelmente esta designação não se refere a um banheiro, mas a um cômodo onde as pessoas podiam se arrumar ou ajeitar (a roupa, o cabelo) ²⁸⁶, ou mesmo, estando ao lado da entrada, um lugar para guardar os chapéus, guarda chuvas ou bolsas.

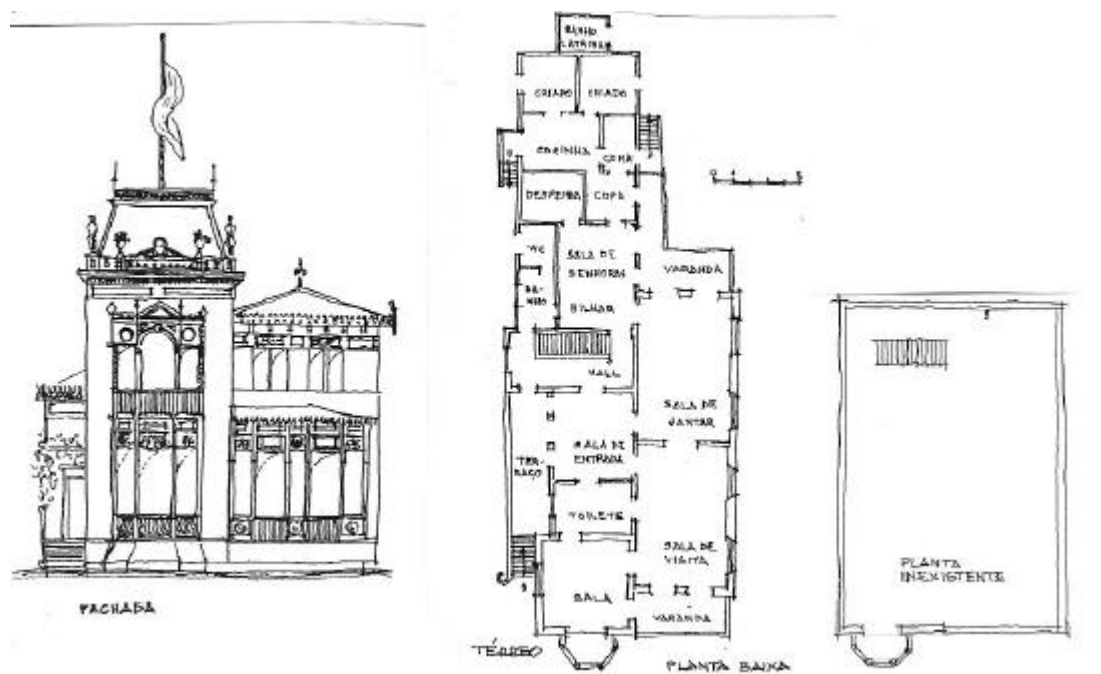


Fig. 18 - Projeto na Rua da Graça (1895) cujas salas, com diversas denominações funcionais, ocupam grande área no pavimento térreo.

Fonte: Almeida (1997). Desenho: Anete Araujo

O setor social da casa ocupa assim uma grande área no pavimento térreo, subdividida em várias salas. É interessante notar que a conjunção da sala de bilhar com a sala das senhoras, neste caso, é atípica, uma vez que na maioria dos outros projetos consultados é definitivamente marcada a separação dos espaços do homem (que são em número maior - gabinete, biblioteca, *fumoir*, sala de bilhar - privilegiando-os, portanto) das salas das mulheres. Entre as últimas, se destacou a saleta íntima, o *boudoir* que, europeu, chegou também ao Brasil, única peça que o homem não tinha acesso, exceto se requisitasse, constituindo uma conquista da mulher para isolar-se. Aclamado por Virgínia Woolf, cujos textos em *A room of one's own* são citados por muitos estudiosos pela sensibilidade com que a escritora relata a importância que o mesmo trouxe para a vida existencial da mulher e possibilitou uma produção intelectual feminina que, de outro modo, não existiria. ²⁸⁷ Outro cômodo acrescentado no exemplo em questão, além do quarto das crianças, é uma sala para

²⁸⁶ No *Larousse de Poche*, *toilette* significa a ação de se lavar, pentear-se, vestir-se, e no *Concise Oxford Dictionary* significa “process of washing, dressing, arranging the hair (make one's toilet).”

²⁸⁷ A tradução, em português, do livro de Virgínia Wolf intitula-se *Um teto todo seu*, e é editado pela Nova Fronteira, 1985 (2ª edição).

brincar, que, como vimos, resultou da nova preocupação com a infância e os cuidados para com ela, enquanto um “ser desamparado.”²⁸⁸ A manutenção desses cuidados, segundo Sennet, “acabou por ser considerada como função natural ‘da’ família”, atribuindo-lhe um destaque nas disposições sociais. Uma vez cristalizada essa função natural, solidificavam-se nela as idéias da expressão natural no seio da família: “essa expressão chamada ‘afinidade’ natural era diametralmente oposta aos termos da expressão que tornavam crível o aparecimento em público.”²⁸⁹

Assim, a especialização dos cômodos vai estabelecendo uma gramática rígida das atitudes e ações privadas da família. Cada aspecto da vida privada vai processar-se em seu espaço correto, apropriado. Representando protótipos das distinções espaciais (a cada cômodo corresponde uma função distinta) constituíam a “ordem” que, para Marins, na sua investigação sobre os palacetes paulistanos, as elites desejavam disseminar por toda a cidade:

“Sua escala progressiva pode ser traçada dos diferentes cômodos entre si ao contraste da habitação com o terreno ajardinado, passando pelos recuos com os vizinhos do bairro, chegando até ao zoneamento social dos próprios bairros. A normalização do privado acabava, pois, entrelaçando-se com a própria configuração dos espaços ‘públicos’”.²⁹⁰

O gabinete, espaço masculino privilegiado, cuja origem tem uma longa história, está, na maioria das vezes, localizado entre os cômodos frontais com entrada independente, reforçando, na disposição, sua proximidade com o mundo público e na função, o acesso do homem ao conhecimento. Enquanto isto, à mulher é reservada a esfera do íntimo, onde os quartos são nomeados “gabinete das moças”, lugar onde, diferentemente da experiência vivida e enfatizada por Woolf, se encontram “óleos e essências de formosura de todas as qualidades, pós vermelhos para as faces e lábios, ...escovas e escovinhas...”²⁹¹. Para o homem letrado, a mulher vaidosa.

Concluindo, embora na historiografia brasileira haja uma convergência de opiniões no sentido de aceitar a Revolução de 1930 como o início da ascensão da burguesia - e seus valores - à posição dominante na sociedade, parece que, no que diz respeito à organização do espaço privado, desde o final do século XIX, quando o trabalho social da produção de bens foi paulatinamente sendo retirado da casa, a ideologia burguesa na definição das formas de

²⁸⁸ É interessante chamar a atenção de que a limitação da vida pública aos adultos, na passagem do século XVII para o XVIII, na Europa, foi em parte proveniente das gradativas distinções entre as formas de jogos infantis e formas de jogos adultos. A infância passou a ser concebida como um estágio especial e vulnerável iniciando-se uma série de proibições relativas a uma cultura de lazer antes comum a adultos e crianças. Para detalhes ver SENNET (1999, p. 120 a 128) e Ariès (1981).

²⁸⁹ SENNET (1999) p. 125.

²⁹⁰ MARINS (1998). p. 178.

²⁹¹ Macedo, Joaquim Manuel de. “A Moreninha” p. 68, citado em VERÍSSIMO e BITTAR (1999). Presume-se que o gabinete das moças se refira exatamente ao “*boudoir*”.

morar, de definir papéis por sexo, idade, etnia e posição social no espaço doméstico já estava estabelecida.

Para Sennet, essas definições vão revelando a família, cada vez mais, como o centro de uma região particular, “um refúgio idealizado, um mundo exclusivo, com um valor moral mais elevado que o domínio público”. Assim, na medida que a família se protegia dos malefícios da sociedade, ela se tornava um padrão moral para medir a esfera pública das cidades mais importantes. Utilizando as relações familiares como parâmetro, a percepção do domínio público não se limitava então a um conjunto de relações sociais como nos séculos anteriores, mas definia a vida pública como moralmente inferior.²⁹² É provável que, em Salvador, o uso cada vez mais freqüente do espaço público pela família e pelas mulheres vai se dar sob esta dupla instância: da sua fruição e ao mesmo tempo da sua proteção contra ele, através de uma série de regras e cuidados a serem impostos.

Essa proteção se viabilizou principalmente com a inserção da categoria personalidade individual, na opinião de Sennet. Atentava-se, ao se observar alguém em público, para a personalidade, o sistema de expressão pública se tornando um sistema de representação pessoal²⁹³ e a superposição do privado sobre o público exercendo uma atração particularmente forte sobre as platéias burguesas, até porque facilitava ocorrer a dominação de classe por meio da assimilação dos cânones burgueses.²⁹⁴

3.5 A Passagem do Século XIX Para o Século XX

Em frente à propriedade de considerar que o século XX “começou” em 1914, ou melhor ainda, a partir de 1920, segundo ano após o fim de uma guerra que, entre outras conseqüências, resultou em transformações significativas em diversas áreas do conhecimento humano, nas relações entre os povos, na revolução nas artes e na posição da mulher na sociedade, resolvemos inserir, ainda neste capítulo, sob o título acima discriminado, as considerações relativas a uma espécie de continuidade de hábitos e costumes do século XIX que se acentuaram em Salvador nas três primeiras décadas do século XX, tanto em relação ao espaço privado quanto às práticas sociais no espaço público.²⁹⁵

²⁹² SENNET (1999) p. 35.

²⁹³ Essa é a quarta questão colocada por Sennet a respeito da vida pública (Ver Capítulo 2, nota 126). Entre nós a expressão em público: “Você sabe com quem está falando?” pode ser um exemplo.

²⁹⁴ Idem, p.42. As especulações do autor indicam que o passo seguinte foi então criar mecanismos de defesa contra sua própria crença no desvendamento involuntário da personalidade e contra a superposição do imaginário público e privado, isto é, as pessoas buscaram retrair seus próprios sentimentos, não ter sentimentos a exhibir, traço da sociedade vitoriana, cuja repressão não se explicaria apenas como esnobismo social e medo sexual.

²⁹⁵ O fato desse período histórico coincidir com a Primeira República (1890 a 1930), recorte temporal que baliza a maioria das pesquisas no país, reforça esta opção.

Pois, se nas três primeiras décadas do século XX, o padrão de habitação da classe média e das elites, em Salvador, segue aquele anteriormente descrito e, na relação entre os gêneros, o mundo privado continue a ser o lugar da mulher - uma vida social no espaço público, que se inicia ainda timidamente no século anterior²⁹⁶ vai, paulatinamente acolhendo a presença feminina. Assim, novas experiências e vivências, sociais e existenciais, foram possíveis para esse segmento da sociedade, enquanto Salvador passava por intervenções modernizantes propiciadoras de uma nova sociabilidade decorrente de projeções, interesses e ocupações dos habitantes da cidade.

3.5.1 Intervenções urbanas e vida social no espaço público: a mulher na cidade

Entre os muitos prejuízos da civilização moderna que tem comprometido a gravidade da gente de outro tempo, sobressae, por sem dúvida, o desembaraço com que as matronas e senhorinhas enchem as ruas, em passeios a pé, a bonde e, mais modernamente, a automóvel, quando não invadem as casas de armarinhos e de modistas.

Manuel Querino, 1916

As intervenções modernizadoras, materializadas no longo processo de “europeização” que alcançou ruas, praças e edificações na cidade, transformaram o espaço público que passa a ser cenário de novas práticas sociais. A frequência da população baiana - que representa a Salvador “branca” nos teatros, cinemas, casas de diversão, clubes sociais e esportivos - vai ser comentada na imprensa (jornais e revistas), e nela vai ter destaque a “nova mulher”, apresentada anteriormente.

Vale ressaltar que o termo “mulher” aqui designado, bastante abrangente, deve ser melhor especificado se quisermos entender sua presença no espaço urbano de Salvador. No início do século XX se dá uma espécie de adição do segmento feminino que, até o fim do século XIX, estava sempre presente na cidade em busca de sobrevivência, pelas mulheres dos segmentos médio ou abastado da população soteropolitana, isto é, das ganhadeiras, mulheres escravas, forras ou livres pobres pelas mulheres de elite. São essas últimas, antes reclusas no espaço privado das suas casas - sob o controle autoritário do patriarca - que vão usufruir do espaço público recém remodelado, inaugurando novas práticas sociais urbanas, quando a rua perde então aquele caráter de coisa proibida e de má fama, local de suspeita generalizada, de tensão com as regras estabelecidas. Não se trata, entretanto, de todas as ruas da cidade, mas,

²⁹⁶ O uso do espaço público no século XVIII e anteriores era bastante reduzido para o segmento feminino das elites. Além das idas e vindas para a Igreja, visitas a parentes e velórios, seu divertimento se limitava a apreciar as cavalhadas, como registram alguns autores.

particularmente, daquelas que foram beneficiadas com as modernizações, novos calçamentos, infra-estrutura e iluminação nos moldes europeus, seja no centro ou nas vias que conduzem aos bairros nobres e balneários, e que vão ser utilizados pela Salvador “branca”, isto é, pela elite cidadina. É importante acrescentar que, também ausentes estão as mulheres operárias que circulavam principalmente nas bordas deste centro em direção aos bairros da Cidade Baixa, onde estava localizada a maioria das fábricas.²⁹⁷ Assim, estamos tratando de um espaço urbano específico da cidade - o qual passou por intervenções que almejavam a modernização da cidade - e de um segmento também específico da população feminina soteropolitana.

Do material encontrado nos arquivos que fazem referência ao tema em questão - a relação entre espaço urbano e vida social em Salvador, com ênfase na participação da mulher - destacamos jornais e revistas, e entre as últimas, o periódico quinzenal *Renascença*²⁹⁸, não só pela oportunidade de voz que foi dada a algumas mulheres sobre temas variados, como também pela quantidade e qualidade do registro fotográfico utilizado²⁹⁹. Entre os jornais, destacam-se *A Tarde* e o *Diário de Notícias*, que serão principalmente usados como contraponto às representações que tinham os articulistas da *Renascença* em relação às mudanças do comportamento feminino.

No início do século XX, Salvador, como as principais cidades do país, estava empenhada na construção de uma imagem positiva de si própria, principalmente através de intervenções urbanas no sentido de modernizá-la, materializadas no longo processo de “europeização” - que alcançou ruas, praças e edificações na cidade.³⁰⁰ Na visão dos seus administradores, para enfrentar os problemas de insalubridade e má conservação do centro urbano era necessário definir ações estratégicas que estimulassem as novas aspirações de civilização absorvidas dos modelos europeus, entre as quais a frequência a cinemas, teatros e casas de diversão, práticas esportivas e de consumo, promovendo outro tipo de sociabilidade para os seus habitantes, fundado em idéias modernas, em novos comportamentos e práticas sociais.

²⁹⁷ Nos registros arquivísticos elas aparecem mais em eventos ligados a protestos de sua classe ou em *flashes* da própria fábrica - caso do Empório Industrial do Norte, no qual entre os 1.500 empregados, 1.000 eram mulheres. O Taboão era o ponto de passagem prático entre os bairros onde viviam a maioria dos trabalhadores (Liberdade, Retiro) e as fábricas. *A Tarde* 15/10/1914.

²⁹⁸ A *Renascença*. Revista Ilustrada. “Propriedade da Photo Lindemann & Gramacho, fundada por Diomedes Gramacho: acompanha de perto o jornalismo bahiano”. De tiragem quinzenal, tem formato tradicional de revista, com dimensão aproximada de 23x34 cm, apresenta temas variados na capa (artistas, estrelas de cinema, mulheres da sociedade, crianças) e não possui páginas numeradas. A revista foi publicada de 1916 a 1930, porém existe uma lacuna (de 1924 a 1928) que não foi preenchida em nenhum dos três arquivos consultados: Fundação Clemente Mariani, Instituto Histórico e Geográfico da Bahia e Biblioteca Central do Estado da Bahia.

²⁹⁹ São várias as revistas publicadas em Salvador até 1930, a maioria sem documentação fotográfica. Excetuando a *Renascença*, as de maior duração são *A Luva*, *A Fita*, *Revista da Bahia* e a *A Paladina do Lar*.

³⁰⁰ Por longo processo nos referimos ao período que inicia 1810, no governo do Conde dos Arcos, segundo relatado no capítulo I, até as primeiras décadas do século XX.

As três primeiras décadas do século significaram, então, um período de transformação espacial, quando quarteirões inteiros dos tempos coloniais foram destruídos ou semi-destruídos, incluindo edificações monumentais, religiosas e seculares, caracterizando um movimento de des-construção da cidade colonial. Sua maior concentração, deu-se em uma primeira etapa, - correspondente ao primeiro governo de J.J. Seabra (1912-1916) abrangendo a área entre a Praça Municipal e o Campo Grande para depois estender-se até a Barra, dando lugar à larga Avenida Sete de Setembro, conhecida então como Avenida do Governo. Em termos concretos, no entanto, o processo de execução das obras - que incluiu depois a Avenida Oceânica, vias na Cidade Baixa e outras áreas - adentrou os anos seguintes, alcançando a terceira década do século.

Assim, até 1916, transtornos eram causados aos habitantes durante o alargamento da Avenida Sete, como registram os jornais - aonde se viam “ruínas e lamaçais por toda parte” e se ouvia o grito dos mais exaltados: “Vésperas de Luto! a peste das inaugurações mandou derrubar as melhores casas da capital”³⁰¹. A imprensa não escondia o fato de que a cidade, enquanto *locus* de divertimento e de práticas culturais ainda não merecia registros elogiosos. Em 3 de julho de 1915, o Editorial do Diário de Notícias com o título “Foi Peor”, assim se expressa: “Um dia anunciou-se a boa nova da remodelação. Mas que remodelação! A cidade mal iluminada passou às escuras; de suja passou à imunda, de mau calçamento, passou a ruas esburacadas, de montões de barro, de lagoas pútridas!”. E, lamentando a retirada da estátua de Pedro Álvares Cabral da Praça Castro Alves, as demolições da Igreja de São Pedro e do Senado e a transformação do Passeio Público em cavaliariças, continua: “Em lugar dells ruínas, escombros, sujidade, desordem (...) E lá se foi incansável a remodelação. É verdade, daqui a cinco annos tudo estará nos eixos. Bom para os remodeladores, peor para o povo”.³⁰² Contudo, durante 1914 e 1915, além do Teatro São João - que também exhibia filmes regularmente³⁰³ - alguns cinemas, como o Ideal, o Caraboo, o Avenida, e o Jandaia “impulsionavam a industria cinematographica”, alguns exibindo películas que não eram “adaptações, mas escritas para o cinema”.³⁰⁴ No jornal A Tarde, de 18/11/1914, uma foto do Cinema Ideal anuncia a presença “das senhorinhas mais graciosas e as mais distintas da sociedade bahiana além dos cavalheiros da mais alta representação social, inclusive um

³⁰¹ Diário de Notícias 03/09/1915 p.2

³⁰² Diário de Notícias 03/07/1915 p.1.

³⁰³ Inicialmente foram os teatros que exibiram filmes em Salvador. O cinema estreou em 14 de dezembro de 1887- dois anos depois da *avant première* em Paris - no Theatro Polytheama, para 1.900 espectadores. A primeira sala destinada exclusivamente para exibição cinematográfica foi o Cinema Bahia, na Rua Chile, nº1. Para detalhes ver FONSECA (2002).

³⁰⁴ A Tarde 02/10/1914 e 18/11/1914.

representante do chefe de estado”. Sobre o Cinema Jandaia, imponente no seu interior *art-nouveau*, diz um jornalista: “lembra no fundo o ‘bar’ elegante de um transatlântico”.

Nas propagandas de lojas, veiculadas pelos jornais, fossem localizadas na Rua Chile ou na Avenida Sete, também era possível observar um comércio que se diversificava a cada dia - lojas de móveis, tecidos, calçados, louça, de chapéus, moda infantil, confecções para homens, armários, livrarias, farmácias. Nas mercadorias, com ênfase naquelas destinadas às mulheres, é visível a presença da moda e dos costumes franceses (embora a moda masculina também tenha sofrido influência européia): seja na La Renomé, loja de chapéus e moda para senhoras e moças, seja na *Maison Moderne*, no Portão da Piedade. Nesta última, Madame Barbière anuncia chapéus, *tailleurs*, *manteaux*, bolsas, grampos, fazendas, leques, perfumes, *lingeries*, *deshabillés*, que vão torná-la atraente”, um desafio àquela imagem da mulher recatada e passiva do passado... São termos em francês usados não somente para fazer referência às mercadorias, que assim se valorizavam, mas presentes também em comentários sobre modas e costumes, nas colunas sociais dos jornais e nas páginas das revistas. Leite chama a atenção para o exercício do “direito das mulheres de escolher elas mesmas os tecidos e os modelos de seus trajes ou adornos e objetos pessoais”³⁰⁵, quando nenhuma novidade do Rio e da Europa passava despercebida. Por outro lado, a maior divulgação sobre a moda feminina - diante de um certo silêncio em torno da vestimenta e do gosto masculino - serve para reforçar, na análise de Schpun sobre os anos vinte em São Paulo, a idéia de que a frivolidade e a dedicação à aparência são características naturalmente femininas, e que os homens têm coisas bem mais sérias com que se preocupar.³⁰⁶

Os transportes para o deslocamento são os bondes da *Light and Power*, “onde se acotovellam pobres e ricos, velhos e moços, a beata de capona, a menina ‘chic’ vestida pelo último figurino, que vai aos chás do Euterpe e ao ‘Pé de Anjo’, o operário e o colegial irrequieto”.³⁰⁷

Esta observação atesta que, se a segregação não atingia os bondes, na rua ela também não era radical, ocorrendo - de um modo ou de outro - a convivência de segmentos sociais heterogêneos, no espaço público. Os mais ricos dispunham de automóveis e de carruagens particulares ou alugadas a Empresa de Carruagens, pelo menos até 1914. Situada no Largo Dois de Julho, pertencia ao Sr. Eduardo Vaz, o qual suspende o seu serviço de animais, cocheiros e arreios em outubro daquele ano - devido a uma dívida do Estado de 50 contos de

³⁰⁵ LEITE (1997) p. 140.

³⁰⁶ SCHPUN (1997).

³⁰⁷ A Tarde 08/09/1916 p.1

réis para com ele.³⁰⁸ Aliás, as reclamações de dívidas do Estado para com diversos serviços a ele prestados e de salários atrasados dos operários e dos funcionários públicos, durante os anos da remodelação, são bastante freqüentes; falhas mais ou menos graves nos processos de administração das obras com comprovações diversas são veiculadas pela imprensa.

A facilidade de deslocamento e a expansão de um comércio mais “chic”, (a Casa Sloper e a Casa Royal Palace, ambas na Rua Chile, constituindo dois dos seus pontos altos); a instalação de restaurantes, escritórios e consultórios, casas de diversão, cinemas (em 1916, inaugura-se o Cinema Olympia, na J.J. Seabra, competindo com o Jandaia, na mesma rua e registrando fatos inéditos sobre os alemães e a conflagração européia); a esperada reabertura do Theatro Polyteama, apresentando a peça “Agulha no Palheiro”, pela Companhia de Revistas do Teatro da República do Rio de Janeiro³⁰⁹, também em 1916, vão estimular mais e mais a “vida mundana” no espaço público. Festas e banquetes, de caráter político, como aquele oferecido pelo Partido Republicano Democrata ao Dr. Antonio Moniz, no Theatro São João, mostra o requinte a que os baianos começam a se acostumar. Iluminado por nada menos que 3.600 focos de luz, o palco e a platéia foram nivelados por meio de um tablado, onde quatro longas mesas foram dispostas e as frisas e camarotes, onde ficavam as “famílias distintas”, decorados com guirlandas de flores naturais e escudos. O menu (francês) era acompanhado de vinhos e sobremesas finos.³¹⁰

É neste mesmo ano, 1916, que a *Renascença* também entra em cena. Percebe-se que o sentimento despertado pela revista, desde os primeiros números publicados, através dos textos e fotografias, é o de uma atmosfera de festa, como se Salvador tivesse realizado concretamente aquelas idealizações de cidade moderna e civilizada, depois de tantos dissabores e queixas sobre o caos em que a cidade se tornou no período mais intenso das obras, estando então e finalmente quase perfeita e acabada.

A *Renascença* vai então, em cada número, registrar a presença das senhoras e jovens baianas nas ruas da cidade que - flagradas pelos *flashes* da *Anschutz* do experiente fotógrafo Lindermann - vão e vêm, seja para as compras, as matinées, as sorveterias, ou as missas aos domingos.

³⁰⁸ A Tarde 09/10/1914 p.5

³⁰⁹ A Tarde 14/01/1916 p.5

³¹⁰ A Tarde 26/01/1916 p.1



Fig. 19 - “Ao sair da Missa na Piedade”
Fonte: *Renascença*, nº 17 (1917)



Fig. 20 - “No ponto chic da Av. Sete” e “Instantâneo na Av. Sete”
Fonte: *Renascença*, nº 20 (1917)

Através de artigos e notas, a *Renascença* reforça a importância da educação profissional feminina e a participação da mulher na vida cívica e cultural da cidade, divulgando eventos e novidades, além de incentivar sua colaboração em seções especiais da revista, publicando seus poemas e pequenos folhetins, patrocinando concursos musicais e literários enquanto promovia idéias mais ou menos progressistas em relação à moral vigente.³¹¹ E entre os profissionais trabalhando na revista, uma fotógrafa: “treinada desde 1916, praticou com o operador-chefe, revelando ‘vocação’ para o ‘mister’, e virá a ser preparadora de outras”.³¹² Ela foi iniciada na profissão desde 1918, quando a Photo Lindermann superou então sua dificuldade diante do envio dos seus técnicos para cobrir a guerra na Europa.

Assim é que também tomamos conhecimento que: compositoras, maestrinas, violinistas, pianistas e professoras de música, como Zulmira Silvany, Marietta de Souza, Georgina Mello e Emília Fransinesi, declamadoras e poetas, a exemplo de Laura Viterbo e Carolina do Lago, exerciam os seus talentos não só nos saraus dos seus lares, mas apresentavam-se em concertos e recitais na Associação dos Empregados do Commercio (onde

³¹¹ Na secção intitulada “Confissões Íntimas” em formato de entrevistas sobre o casamento, profissão e aspirações femininas, entre respostas bem comportadas, lê-se que o casamento “é o primeiro desvanecer das ilusões” (agosto/1918, nº 23) ou “uma ventura interminável ou um constante inferno” (outubro/1918, nº 25) ou ainda “Traz males incalculáveis ou benefícios imensos” (julho/1918, nº22). Em relação à profissão escolhida deve recair “na que merecer oferecer mais independência” (julho/1918, nº22) resposta que algumas das entrevistadas aludem à profissão do homem, e não delas próprias. Segundo o redator diante da “crescente e franca aceitação do inquérito” para as “Confissões Íntimas”, a recepção das colaborações seguiria a ordem de chegada. No “inquérito” consta o nome completo e a fotografia da entrevistada.

³¹² Idem, nº 24, de 25/09/1918

“o contraste dos casacos e *smockings* negros se mesclam com os vestidos das senhoras, muito elegantes”), no salão de música dos Clubes Caixerai e Euterpe, no Conservatório de Música e em “*garden parties*” no Campo Grande e no Passeio Público.³¹³ O Club Caixeiral, localizado na Avenida Sete, era um dos mais movimentados em termos de programações de eventos sociais, culturais e festivos, que aconteciam na sua sede ou em outros espaços, indicando a importância que os comerciantes e o segmento de trabalhadores no comércio exerceram na cidade, em um período que se estende ao menos até 1930. A União Caixeiral da Bahia foi subvencionada pelo governo federal a partir de 1919, segundo a Revista *A Luva* que, além de se referir aos eventos, destaca os esportes e os empreendimentos da “Imobiliária Caixeiral”, a qual vendia imóveis em um sistema de consórcio.³¹⁴ A revista publica, em um de seus números, a primeira casa que “esta instituição, com amparo dos poderes constituídos, entrega no Bairro de Brotas”.³¹⁵

A música instrumental e o canto lírico, cujos festivais na Associação dos Empregados do Comércio eram disputadíssimos, também foram difundidos no Salão de Concertos da Beneficência Caixeiral.³¹⁶



Fig. 21 - Instantâneo à Luz do Magnésio, no Baile
Fonte: *Renascença*, nº 57 (1920)



Fig. 22 - Casa (Imobiliária Caixeiral)
Fonte: *A Luva*, nº 102 (1929)

³¹³ Esses registros estão nos números 22 a 29 de 1918.

³¹⁴ *A Luva* - quinzenário ilustrado de Severo José dos Anjos. Direção literária: Lucio de Montalvão, números 95, de 30/07; 96, de 15/08 e 102, de 17/1, todos de 1929. *A Luva* abre algum espaço para eventos outros que não da elite baiana. Em 23 dos números consultados, três fazem referências a eventos sociais de grupos menos privilegiados economicamente como *soirées* dançantes no Centro Automobilístico da Bahia, homenagens a *chauffers* e distribuição de doces e confeitos para crianças pobres no Bomfim por aquela Instituição. *A Luva* n. 117 de 10/08 e n. 106 de 30/01 ambos de 1930m

³¹⁵ *A Luva*, nº 102, de 17/11/1929

³¹⁶ *A Luva*, nº 109, de 20/04/1930

Em 1920, o esforço da *Renascença* no sentido de estimular a mulher a participar da vida pública da cidade assim se expressa no Editorial intitulado “Mudanças e... esquivanças”: “Irrompe victoriosa a alegria da vida civilizada e as ‘vespertinas chics’ se vão afirmando como uma necessidade. Todavia o mundo elegante ainda se esquivava à nossa Anschutz. Receios? Mas de que? Não de figurar na *Renascença*”.³¹⁷

As “vespertinas chics” se referiam, na década de 20, às *matinéés* que, segundo Fonseca, aconteciam todas as quintas feiras no Cinema Ideal, então o melhor da Cidade, e que depois se estenderam ao Cinema Olympia e ao Polytheama, o qual oferecia entradas a preços populares. O autor chama atenção de que o cinema foi incorporado ao discurso civilizador como um instrumento capaz de educar e civilizar os soteropolitanos, contribuindo assim para o processo de desafricanização³¹⁸ da cidade em paralelo à sua europeização, tendo sido importados termos como *footing* e *flirt* e práticas que viraram moda. Examinando os discursos acerca do cinema nos jornais da época, Fonseca identificou de um lado este discurso civilizador³¹⁹ e de outro uma imprensa mais conservadora, que denunciava a sétima arte como responsável pelas mudanças na moda e criava constrangimentos para a senhoras.³²⁰



Fig. 23 - “À saída do Kursaal, após a matinéé”
Fonte: *Renascença*, nº 54 (1920).”



Fig. 24 - “À saída do Elevador”
Fonte: *Renascença*, nº 52 (1922)

³¹⁷ *Renascença*, nº 62, agosto, 1920.

³¹⁸ Para detalhes ver FONSECA (2002) p. 118.

³¹⁹ Idem, p.127. A postura da revista *Renascença*, afirma ele, era aproximar o cinema do soteropolitano, tentando atenuar a imagem negativa do cinema, vista por alguns como uma diversão lasciva, pecaminosa e imoral.

³²⁰ Idem, p. 181. As senhoras tradicionalistas criticavam os olhos lânguidos e o pó de arroz no rosto do astro mais popular entre as “moçoilas”, Rodolfo Valentino. Temia-se a influência do cinema tanto na feminização do homem como na masculinização da mulher.

O cinema era visto inclusive como “escola de crimes”, associando tragédias acontecidas na cidade à ação nefasta dos filmes e estimulando suicídios, adultérios e raptos romanescos exibidos nas fitas.³²¹

Além das festas anuais, de comemoração de aniversário dos clubes da cidade³²² ou de carnaval, diversos eventos festivos nos clubes estão registrados entre 1917 e 1923, como chás e *matinnés* ou *soirées* dançantes, eventos comentados com efusão no “Ponto Chic”, entre um café - ou aperitivo - e outro. Funcionando desde 1917, o Ponto Chic, um misto de pastelaria e bar-café com algum refinamento no serviço e na decoração e música ao vivo, estabeleceu o seu famoso Chá das Cinco em fevereiro de 1919, onde “moços e gentis senhorinhas acompanham a vida intelectual da cidade”.³²³ Confeitarias se estabeleceram na cidade desde a virada do século, quando a primeira delas foi inaugurada na Rua da Misericórdia, em 1900, com o nome de Confeitaria Fim do Século.³²⁴ O Ponto Chic era também um espaço onde parte da comunidade cultural da cidade, congregada principalmente em torno do “Grêmio Literário”, comandava e comentava a produção artística, literária e musical da cidade. Hermes Lima, Boulanger Uchoa, Mario Hora e Áureo Contreiras estão entre os belletristas baianos que escreviam para a *Renascença*.



Fig. 25 - Interior do “Ponto Chic” (festa noturna)
Fonte: *Renascença*, nº 39 (1919)

³²¹ Idem, p. 182, 183.

³²² São sempre citados a Associação Athletica, o Clube Bahiano de Tênis e o Iatch Club, locais de convívio social da elite e próximos aos bairros onde a mesma habita.

³²³ Registros inseridos no número 20, de outubro de 1917 e número 39, de fevereiro de 1919. Segundo Nelson Varón Cadena, responsável pela pesquisa e montagem da exposição “Rua Chile 100 anos” (Shopping Iguatemy e Câmara Municipal de Salvador, Abril/2002) pastelarias e confeitarias em Salvador, correspondiam aos Cafés de outras capitais do país. Com esta denominação só encontramos o Café Elite, localizado na Rua do Colégio, (citado em *A Tarde* de 11/02/1916). Um trabalho detalhado sobre esses locais de divertimento e cultura poderia explorar a possibilidade de diferenças entre os mesmos.

³²⁴ FONSECA (2000) p. 71.

As casas de diversões noturnas aumentam a partir dos anos 30 e a consciência de que se vivia um outro momento, distante do passado quanto aos costumes, fica evidente na notícia de inauguração do Cassino Bahiano, situado na Rua Carlos Gomes, de propriedade de uma sociedade anônima. Anunciando shows de *jazz* todas as noites, um anúncio convida o público para se divertir no centro “luxuoso e condigno” de que se ressentia a cidade, enterrada, como vivia, “na sua vida colonial, pachorrenta e retrógada”.³²⁵

Certamente que a frequência masculina era muito maior nesses espaços culturais e que o empenho da revista em relação a uma maior participação da mulher - diferentemente das outras de padrão mais conservador - era, na época, uma posição de vanguarda. Essa posição pode também ser inferida pela ausência de seções relativas a temas domésticos, culinária, decoração ou mesmo figurinos - de interesse apenas feminino, - o que também indica o desejo de atingir igualmente os dois sexos.

A frequência em que a *Renascença* noticiava a abertura de novos educandários - fosse na Cidade Alta ou na Cidade Baixa, - a reforma de outros, os eventos esportivos ou sociais em ginásios públicos ou privados, chamando a atenção para aqueles que são mistos e para os que não o são, os que oferecem regime de internato e semi-internato é um indicador de que era preocupação da revista tratar da educação formal dos baianos e baianas. A divulgação das diplomações nas faculdades, em áreas diversas - acompanhada de fotos dos formandos e formandas que, embora em pequeno número, vão conquistando espaços enquanto farmacêuticas, dentistas, advogadas - está também presente em diversos números, naturalmente inserida na ideologia burguesa de valorizar e celebrar o sucesso individual dos membros da sociedade. Em 1929, a atuação da farmacêutica Maria Fontes Lima merece destaque na direção da Pharmacia Maria, na rua Chile, a qual - com gabinete odontológico - é uma das mais requisitadas na cidade.³²⁶

Por outro lado, as mulheres vão também, aos poucos, passando do papel de público nos eventos esportivos para o de praticantes, a exemplo do *volley-ball*, do *basket-ball*,³²⁷ do *baseball* e do *lawn-tennis*, nos clubes ou em eventos especiais, como registrado no Primeiro Festival da Associação Bahiana de Chronistas Desportivos, no *Ground* do Rio Vermelho. Embora usando saias compridas e chapéus - os quais certamente prejudicavam seu

³²⁵ *A Luva*, nº 115, de 16/08/1930. A revista *A Luva*, como a *Renascença*, também é centrada na elite baiana. Porém, em 23 números consultados, faz, pelo menos, três referências a eventos sociais menos privilegiados como *soirées* dançantes no Centro Automobilístico da Bahia, homenagens aos *chauffers* e distribuição de confeitos e doces para crianças pobres no Bonfim por aquela instituição. *A Luva* nº 117 (10/08/1930) e nº 106 (30/01/1930).

³²⁶ *Renascença* nº 172 março/1929.

³²⁷ A prática desses esportes também acontece nas escolas, como atesta a “turma de mulheres do *basket-ball* da Escola Normal”. Em *A Luva* nº 96, de 15/08/1929.

desempenho - disputaram as esportistas do time da própria *Renascença* contra as de *A Fita*, outro periódico do período, indicando o estímulo que esse tipo de publicação promoveu em relação ao esporte entre as mulheres.



Fig. 26 - "Mulheres vencedoras no *lawn tennis*"
Fonte: *Renascença*, nº 56 (1920)



Fig. 27 - Campeonato de *lawn tennis*
Fonte: *Renascença*, nº 56 (1920)

Na segunda metade da década de vinte, as baianas aderiram à natação, participando de competições entre clubes locais e nacionais e, em 1929, possivelmente por estar na moda, temos notícias de torneios de patins - patrocinados pelos clubes e pela Empresa de Diversões Esportivas *Golf Ball* - "onde oito atraentes patinadoras bahianas se apresentam em domingos e feriados".³²⁸

Também enquanto torcida, nas competições esportivas masculinas, as baianas, embora em número muito menor que os homens, estão presentes, não somente nas disputas do turfe - esporte praticado pela classe abastada - nos hipódromos do Rio Vermelho e da Boa Viagem, como nos campeonatos de remo - no Clube de Regatas, em Itapagipe - e nas partidas de futebol.

Nos primeiros, como retratam os registros fotográficos, chapéus de abas largas, musselinas e complementos finos constituem o vestuário das senhoras e das jovens, enquanto nos segundos a preferência é por roupas mais esportivas. Esse vestuário mais simples também tem preferência nas festas vespertinas, comuns em certo período, à bordo de embarcações.

³²⁸ Idem nº 172, março/1929.

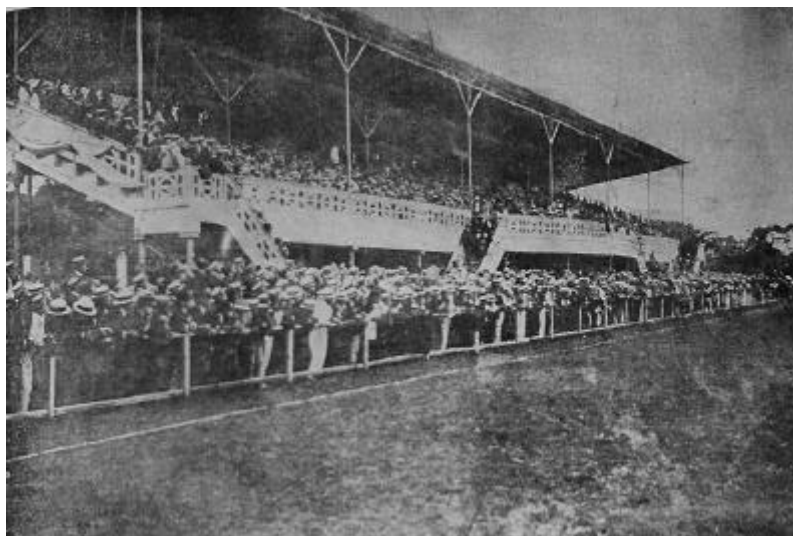


Fig. 28 - Campo da Graça, construído em 1922, substituindo o *Ground* do Rio Vermelho onde antes concentravam-se as competições esportivas, incluindo o futebol.



Fig. 29 - “Regatas no Tainheiros” e “Festa Náutica a bordo do Santa Cruz.”
Fonte: *Renascença*, nº 66 (1920).

Por outro lado, não podemos deixar de observar o papel do esporte na ordenação e disciplina das massas que, como assinalou Foucault, passa necessariamente pelo corpo. Definindo as normas de saúde e de virilidade, as atividades esportivas masculinas instauram a competição e a auto-realização, enquanto as mulheres apenas observam, apesar de não escaparem - como argumenta Schpun - do empreendimento disciplinar³²⁹: se mantêm no seu lugar de ornamento e de beleza, como induzem as legendas na maioria dos *flashes* fotográficos das revistas em geral inclusive da *Renascença*.

Fotografias de comemorações regulares das festas cívicas nas ruas e praças da Salvador, ou episódicas (a exemplo do apoio ao gesto patriótico à guarnição brasileira, que vai se juntar aos aliados na Primeira Guerra); de homenagens diversas - a exemplo das conferências em comemoração ao jubileu de Rui Barbosa, na Faculdade de Direito, no Club

³²⁹ SCHPUN (1999).

Caixeral e na Escola Normal; das recepções a diplomatas estrangeiros ou das boas vindas a políticos (como ao senador J.J. Seabra, “eminente patricio”, chegando do Rio, no porto de Salvador, em 1918) mostram que a presença feminina na vida pública da cidade vai paulatinamente aumentando.³³⁰

O interesse da *Renascença* em temas políticos é incipiente, mas comentários sobre eventos sociais vinculados a personalidades políticas - com participação feminina, - ocorrem em alguns números. Referências a J.J.Seabra - certamente um governante ao gosto dos diretores da revista, enquanto possíveis defensores da oligarquia baiana - são comuns. As mulheres, normalmente acompanhadas pelos maridos ou pela família, também comparecem no Porto o qual, depois da remodelação, será cenário de homenagens a políticos ou baianos ilustres que embarcam ou desembarcam indo ou vindo de outras cidades brasileiras ou do exterior.

Embora alvisareira, a presença de mulheres e homens - observada nas diversas fotografias publicadas, - em espetáculos esportivos e eventos cívicos e políticos, está longe de ser equilibrada ou igualitária. Apesar das transformações, o espaço privado continua sendo o lugar da mulher, pois certamente a grande maioria delas permanece em casa.



Fig. 30 - Despedida dos Expedicionários no Terreiro de Jesus, vendo-se os sobrados que foram demolidos para dar lugar à Praça da Sé.
Fonte: *Renascença*, nº 29 (1918).

Em relação à política mundial, algumas notícias sobre a situação europeia mostram a simpatia pelo nacionalismo alemão³³¹ ou por Benito Mussolini, como de resto outras publicações brasileiras e o governo o faziam. Passagem de navios estrangeiros pelo Porto de Salvador sempre rendiam comentários políticos (como a visita da *Royal Nave* britânica e do

³³⁰ Esses registros estão no número 23, de 25/08/1918 e no número 22 de 31/07/1918

³³¹ Idem, nº 59 de 30/06/1920

encouraçado italiano Roma), alguns efusivos, como aqueles sobre festas a bordo dos navios, onde também compareciam as “elegantes representantes da sociedade bahiana”.³³²

Por outro lado, se a presença feminina nesses eventos mostra certo interesse participativo das mulheres, enquanto cidadãs privilegiadas, e a frequência nas missas, também registrada pela *Renascença*, demonstra a religiosidade das baianas de elite neste período, a partir de 1920, o gosto pelas distrações seculares vai aumentando. A importância social e cultural dada pela *Renascença* à essas distrações, faz deslocar para a primeira página da revista a seção Theatros & Cinemas, que passa a trazer informações sobre a Sociedade Brasileira de Atores Teatrais, sobre dados biográficos de artistas dramáticos e coristas e a divulgar peças, filmes e novidades mais recentes no mundo dos astros e estrelas de cinema. Em 1929, por reivindicação das próprias leitoras, a “Secção Nova” passa divulgar os títulos e resumos dos filmes da *Metro Goldwin Meyer*, *Paramount*, *United Arts*, *Fox* e *First National Pictures*, em exibição na cidade. O peso da cultura cinematográfica de Hollywood vai contribuir enormemente para transformações de valores e modificações nos hábitos femininos nos anos posteriores.³³³

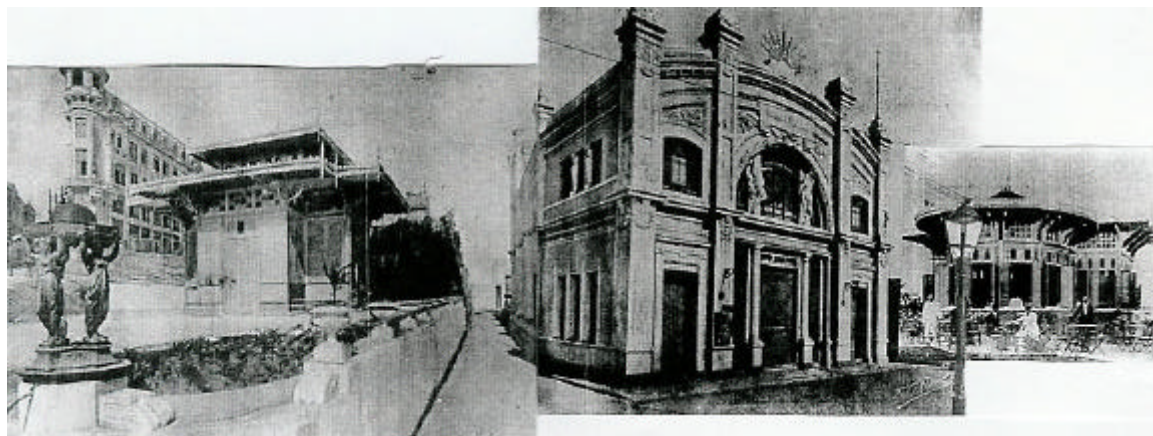


Fig. 31 - O Kursaal Bahiano (Cine-teatro Guarany) vendo-se à esquerda a sorveteria e à direita o bar-restaurant, os últimos, estilisticamente, uma versão local do *art nouveau*.

Fonte: *Renascença*, nº 50 (1920). Montagem: Anete Araujo

Entre essas casas de entretenimento, se destacam: o Cinema Ideal, situado na Ladeira de São Bento, (neste cinema foi exibido o primeiro filme baiano, em 1920, da Nelima Filme, produzido por Lindermann e intitulado “Rainha do Sul”)³³⁴; os Teatros São João e Polytheama (também chamado Cinema Polytheama Bahiano); e o Kursaal Bahiano - depois Theatro Guarany, na Praça Castro Alves – que, com “sua elegância, luxo e conforto”, promove espetáculos, cinema e variedades. A competição por audiência - principalmente a

³³² Idem, nº 60 de 14/07/1920

³³³ Ver SEVCENKO (1998).

³³⁴ *Renascença*, nº 66, de dezembro/1920.

feminina - entre os cinemas se acentua quando, já em abril de 1935, é anunciada a “Assombrosa inauguração do Cinema Exelsior, propriedade da Congregação Mariana, com poltronas de luxo e assentos automáticos”, período em que o Guarany passa a apresentar *matinéés* durante todos os dias e no Cinema Glória - “o mais elegante da cidade” - passam a ser distribuídos cupons para as senhoritas irem às *matinéés*.³³⁵ Como atesta a *Renascença* “pode-se ver onde se diverte a elite feminina bahiana”, “o mundo elegante da Bahia”, através dos instantâneos publicados no periódico.

Esse quadro não impede, contudo, que publicações extremamente conservadoras, de mulheres e homens, também se manifestem na *Renascença*. Carolina Freire afirma em um artigo intitulado “Os Negócios e o Amor” que:

“Hoje as mulheres trabalham e lutam por um futuro como o homem; freqüentam as aulas, estudam astronomia, physica e chimica, iniciam-se nos árduos caminhos profissionais e desaproveitam sua juventude e sua Belleza, muitas delas estranhas para sempre aos encantos dum lar próprio, aos encantos de um amor correspondido”³³⁶

e vai desvalorizar o trabalho da mulher fora do lar, exortando, finalmente, para que não “afasteis a mulher de seu caminho”. Também Mario Hora, em diversos artigos que tem como tema a natureza frágil da mulher e seu papel de boa esposa e mãe na sociedade, filosofa que:

“Minhas patrícias são, há um meio século, seguramente educadas para tudo, menos para esposas (...) se os pais e mães quiserem, de hoje a 50 anos não haverá mais adultério. Eduquem elles as suas filhas para esposas, ensinando-lhes o que a mulher deva saber e escondendo-lhes, como exemplo no próprio lar, o que ellas devem ignorar – e a família do futuro será como já o fôra, fundamentada em bases sólidas e indestrutíveis (...) Do lar a mulher deve sair consciente de sua missão na terra, por sua natureza, o alicerce da família”.³³⁷

Mesmo assim, não faltavam críticas veiculadas em outros periódicos sobre a divulgação que os segmentos progressistas da *Renascença* faziam da nova mulher - que freqüenta os clubes, que participa da vida cultural e de lazer da cidade, que vai se interessar em exercer uma profissão. Versão bem comportada da “*garçonne*” européia (cabelo curto, roupa leve e decotada, que sai sozinha, dirige e que fuma) a nova mulher se deixava conquistar pela vida pública, ameaçava o lar, esvaziando-o do seu conteúdo feminino. “Fato” lamentável para algumas revistas - a exemplo da *Paladina do Lar*,³³⁸ fundada para propagar

³³⁵ A Tarde 02/04/1935 p.4.

³³⁶ *Renascença*, nº 27, de novembro/1918.

³³⁷ *Idem*.

³³⁸ *A Paladina do Lar*. Bahia. Typoghrafia Beneditina, publicada a partir de fevereiro de 1911.

idéias moralistas e conhecimentos úteis para as mães de família - e, explicitamente, a partir de 1931, pela própria FBPF (Federação Bahiana pelo Progresso Feminino). Dirigida pela Sra. Edith Gama e Abreu - esposa do urbanista baiano que se destacaria na primeira Semana do Urbanismo na Bahia - a Federação apresentava um caráter fechado, autoritário e segregacionista, os membros de sua direção sendo mulheres de posição econômica elevada.³³⁹ Em um livro publicado no ano de 1930, Edith Gama e Abreu evidencia sua preocupação com a integração da mulher na vida urbana, temendo a destruição da família e o abandono do lar pelas “maravilhosas fascinações do mundanismo atual”.³⁴⁰ Na sua perspectiva, a necessária conciliação entre “vida íntima” e “vida social” não era observada sem medo, pois a mulher era vulnerável e podia “se deixar levar pelo interesse das ruas, das festas e das distrações”. A cidade, como apresentada pela revista *Renascença* - anunciando suas opções de lazer, comentando filmes e publicando fotografias das senhorinhas e senhoras no espaço urbano - não devia receber a aprovação das feministas baianas. Segundo Almeida, de par com o liberalismo burguês, religioso e de cunho conservador, elas “sacralizavam” o espaço doméstico, reforçando o mito de mãe e esposa, pouco se envolvendo com a condição da mulher em geral e adotando posições de moralidade nos costumes.³⁴¹

É interessante notar que, nas revistas baianas - como *A Fita* e *A Luva* - a *garçonne* só é retratada enquanto caricatura, desenho, *cartoon* ou mesmo piada. Já revistas cariocas, como a *Revista da Semana*, de aceitação nacional, aponta e discute seriamente a possibilidade de surgimento desse novo perfil feminino. *A Renascença*, contudo, não se pronuncia. Revista comprometida com alguns gestos progressistas, foi uma das revistas locais que facilmente sobreviveram no tempo, talvez dosando com sabedoria seus recuos e avanços, os quais, certamente contribuíram para a conquista, pela mulher de elite, de um lugar na vida social, cultural e artística da cidade. Entretanto, não se deve esquecer que a conjuntura histórica passava por mudanças profundas, determinadas pela aspiração a uma cidade moderna e civilizada, na qual o novo papel feminino era parte constitutiva, e a *Renascença* estava apenas inserida nesse processo.

³³⁹ A FBPF era um braço da matriz da Federação Brasileira, fundada no Rio de Janeiro em 1922, uma instituição mais politizada e progressista. Para detalhes ver Almeida (1985).

³⁴⁰ GAMA e ABREU (1930) p.101.

³⁴¹ ALMEIDA (1985).



Fig. 32 - A Nova Mulher e o cartoon
Fonte: Capa de *A Luva*, nº102 (1929)



Fig. 33 - A Nova Mulher e o desenho
Fonte: *A Revista da Semana*, nº6 (1930)

Em contraponto ao seu interesse pela vida mundana - e um indicador da preocupação da *Renascença* em valorizar a família burguesa e a religião, estão as diversas fotografias publicadas na revista, de bebês, crianças, adolescentes e casais, noticiando aniversários, batizados, primeira comunhão e casamentos dos filhos das “distintas famílias” baianas. Embora enfatizando e divulgando as novas práticas sociais das mulheres no espaço urbano, a revista afirma e confirma padrões de conduta feminina consoantes com os papéis de moça ou senhora “de família”, os quais, como aponta Ferreira Filho ³⁴², foram a base para uma forte estigmatização dos demais segmentos femininos da cidade: as mulheres operárias, as trabalhadoras em diversos ramos, as pardas e pretas, as mulheres públicas.

Pode-se observar, nas inúmeras tomadas fotográficas da *Renascença*, as peças do vestuário das “senhoras e senhorinhas”: saias compridas, meias, sapatos altos ou botinas, roupas sem decotes e com mangas, chapéus e luvas - registros que reforçam a consolidação do ideal de mulher pura e recatada. Ao exibir as mulheres no espaço urbano, a *Renascença* (como outros periódicos e jornais pesquisados por Ferreira Filho), faz questão de diferenciá-las, protegendo-as e legitimando suas ações, sua apropriação da cidade. É inútil procurar: não existem referências ou instantâneos das outras classes ou outras etnias, mulheres ou homens. Um “lanterninha” negro, na porta do Kursaal Bahiano, é uma exceção que confirma a regra. Mulheres de família reconheciam-se enquanto tais, na gramática das ruas, em oposição às

³⁴² FERREIRA FILHO (1994).

mulheres públicas.³⁴³ Como sugere Rago, “moça de família” e “mulher pública” seriam os extremos das identidades sociais femininas postas em circulação pelo mundo burguês.³⁴⁴



Fig. 34 -Folha de rosto da *Renascença*:
“Mundanismo e... esquivança”
Fonte: *Renascença*, nº 62 (1920)

Por outro lado, como também observa Ferreira Filho, os jornais da cidade - a exemplo de *A Tarde*, na sua coluna “Feminismo”, nos anos 20, - quando tratam da mulher de elite, também têm postura semelhante. As “senhorinhas” são elogiadas pela beleza e a meiguice; comemorações familiares são os temas mais veiculados nas colunas sociais. Também são elogiadas as ações moralizadoras das Associações de Caridade e das Ordens Religiosas, preocupadas em segregar em escolas e orfanatos as moças ‘pobres e honestas’, livrando-as, assim, da presença que as fazem vulneráveis nas ruas.³⁴⁵

A presença da mulher solteira e sozinha no espaço público, embora registrada algumas vezes na *Renascença*, era incômodo aos olhos da sociedade. Talvez por isso, a grande maioria dos flagrantes da revista sempre as surpreenda acompanhadas, embora, muitas vezes, acompanhadas de outras mulheres. O que talvez não mude muito, pois, mulheres juntas são sempre mulheres sozinhas. Existe uma indagação mais recorrente? – “O que estão vocês fazendo aqui sozinhas?”

³⁴³ RAGO (1985).

³⁴⁴ *Idem* p.41

³⁴⁵ FERREIRA FILHO (1994).

Um modelo de Civilização?

Tomar conhecimento da vida social urbana em Salvador nos possibilita pensar a respeito de alguns símbolos e idealizações (nesse caso através dos editores e jornalistas da *Renascença*) de como o teatro, o cinema, o esporte, as lojas, os restaurantes e cafés, as avenidas e as praças renovadas, eram percebidos como civilização. A idéia sobre o que era ser civilizado filiava-se aos modelos europeus e - através das novas ruas, avenidas e edificações de gosto eclético ou *art nouveau* e das novas sociabilidades nelas inscritas - os indivíduos julgariam a própria cidade. Efervecência cultural e social nos moldes da Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, o sorvete, o comentário sobre o último filme, a vitrine, o bonde, a música, a literatura, a iluminação a gás e o gás néon, em termos simbólicos, tudo remetia à Europa.³⁴⁶ Os destaques da moda são os exemplos mais óbvios: a feminina, com termos em francês para designar trajés ou acessórios até então desconhecidos entre as mulheres da Salvador provinciana, e a masculina, na freqüente publicidade das alfaiatarias em “como trajar-se como um Lord”, e os tecidos de lã, ternos e luvas, todos inadequados ao clima local. A transposição dos costumes e dos hábitos europeus de consumo era realizada através da divulgação pela imprensa falada ou escrita, ou diretamente dos centros urbanos brasileiros - principalmente do Rio de Janeiro ou mesmo do exterior, para onde os mais ricos viajavam. Os anúncios da loja *O Pelicano*, dispondo sua variedade de “Malas de Viagem de Mar e Caminho de Ferro”, vão, nas páginas das revistas e jornais, mostrando sua especialização cada vez maior em relação aos artigos para viagens. O contato direto com os centros mais desenvolvidos vai naturalmente estimular o desejo de consumir os produtos que simbolizam a inserção dos indivíduos nessa sociedade que, pensa-se, civiliza-se dia a dia, sendo a própria possibilidade de viajar um dos signos dessa civilização.

São, assim, os produtos da moda masculina e feminina e os objetos de uso ou decoração - como porcelanas, pratarias, luminárias, objetos de ouro e prata, além de instrumentos musicais e produtos alimentícios dispensáveis que foram denominados, por Kátia Mattoso, como suntuários - que as elites não podiam mais dispensar diante de suas aspirações à vida civilizada. Essa idéia de civilização, de caráter etnocêntrico, incorpora os valores e elementos próprios da cultura ocidental, dos quais se tem grande orgulho. Ela tem como parâmetro o nível da sua tecnologia, a natureza de suas maneiras, o desenvolvimento da sua cultura científica, intelectual, artística e literária.³⁴⁷ Na aproximação desses modelos

³⁴⁶ NEEDELL (1993).

³⁴⁷ LEITE (1998)

culturais europeus, parece que essa idéia de civilização - que incluía a presença da mulher na vida pública da cidade - foi prontamente internalizada por representantes de diversos segmentos das elites baianas entre eles os dos editores, jornalistas e colaboradores da *Renascença*, que tanto se empenharam em difundí-la.³⁴⁸ As idéias liberais veiculadas pela revista eram entendidas enquanto possibilidade de ficar em pé de igualdade com a Europa no que se refere ao cotidiano, à presença de instituições caracterizadas pelo acolhimento de atitudes moralizantes e cultas dos indivíduos que as dirigiam e às práticas sociais possibilitadas pelos novos espaços urbanos requalificados pelas intervenções modernizadoras.

Porém, as intervenções, segundo esse ideal elitista e burguês, diante da cidade real de características sócio-econômicas adversas, resultaram em uma maior segregação social do seu espaço. A valorização de práticas sociais cosmopolitas e mundanas e o deslocamento do segmento feminino para os espaços públicos, portanto, não passaram de uma construção ilusória de modernidade e de progresso. Como observa sobre nem o poder público nem o empreendimento privado erigindo edificações representativas desses atributos e promovendo práticas sociais “civilizadas” conseguiram ou se preocuparam em dotar a sua vida pública de uma faceta humana ou democrática., Não se buscou incorporar os vários padrões de sociabilidade existentes, que foram julgados como antagônicos à ideologia das elites letradas ou abastadas. Dessa forma, o ideal de progresso da elite soteropolitana, no campo da vida cotidiana, esteve inquestionavelmente ligado a um modelo de civilização e desenvolvimento restrito, lacunar e socialmente injusto.³⁴⁹

Transportando para a contemporaneidade, enquanto a permanência equivocada de muitos desses valores, ideais, modos de viver e de pensar - mesmo atualizados ou entendidos como globais, for mantida e o debate não voltar a ser centrado no modelo de civilização que incluía a participação de todos, respeite as diferenças e combata a injustiça, a discussão, como muito bem argumentou Milton Santos, será pobre, insuficiente e enganosa.³⁵⁰

3.5.2 Tipologias residenciais

Retornando para o tema central do presente trabalho, perguntamos, então, em que tipos de espaços domésticos vivem essas mulheres das camadas abastadas e médias da população baiana, as quais, depois de um período de tão grande enclausuramento, vão conseguindo o seu direito à cidade?

³⁴⁸ Cabe aqui lembrar a observação de Sennet: a burguesia cosmopolita tomou, e difundiu, desde o século passado, características de uma classe internacional, reconhecendo aquele que era ‘bem educado’, ou tendo ‘boas maneiras’, a despeito de quaisquer barreiras de linguagem, costumes nacionais ou idade. SENNET (1981) p. 175, 176.

³⁴⁹ LEITE (1997)

³⁵⁰ SANTOS (2000).

O arranjo espacial da residência das classes média e alta, em Salvador, nas primeiras décadas do século XX, vai acontecer sem alterações substanciais em relação às décadas passadas, com uma preferência visível pela casa de dois andares, onde a escada de acesso para os quartos isola a zona íntima e um corredor ou *hall* dá acesso aos quartos, que variam em número e dimensões, e ao banheiro.

O salão de festas vai continuar sendo aquele espaço onde o privado acolhe o público, e é interessante notar que a única referência que a revista *Renascença* traz sobre a casa é exatamente o salão de festas: “o palacete da distinta família Tapajós abre seus salões com suntuosidade e brilhantismo” na comemoração do micarême³⁵¹, juntamente com a nobre diretoria do Club Caixerai, “para com prazer e alegria receber amigos e convidados, em um cosmopolitismo ideal do mundo que marcha”.³⁵² Uma demonstração evidente de que os novos hábitos sociais também eram absorvidos como uma expressão de progresso.

Uma característica comum na maioria das residências dos anos dez e vinte - embora a expressão eclética apresente uma linguagem figurativa variável com o gosto do proprietário e a criatividade do projetista - é a simetria enquanto símbolo conferidor de *status* - o qual, remontando ao renascimento é incorporado ao gosto *beaux arts*, adotado pela maioria dos projetistas do período, alguns deles como bons alunos formados nas Academias de Belas Artes do país.

Por outro lado, nos projetos analisados, a disposição espacial interna vai se diferenciar um pouco, não apenas em número e dimensões dos cômodos, mas também na sua especialização funcional, embora as mesmas estejam sujeitas a uma certa homogeneização resultante da legislação de 1926, abaixo comentada.³⁵³

Um exemplo de 1924, na Barra, mostra como a simetria vai determinar soluções específicas na disposição em planta. Outro, na Gamboa (1928), de duas casas geminadas, vai resultar também - no conjunto - em uma simetria: um modelo que será adotado pelos investidores imobiliários nas décadas que virão.

O primeiro (Fig.35), elevado do solo (de forma a abrigar as dependências de empregados embaixo e sua entrada pelos fundos), apresenta acessos em lances de escadas diversos: o frontal, que conduz à entrada principal, e os laterais, na sábia solução de escadas simétricas que, aqui, além separar a entrada de serviço também dão acesso ao reino da mulher

³⁵¹ Festa que acontece fora do período carnavalesco oficial. LEITE (1997).

³⁵² A *Renascença* 25/04/1918.

³⁵³ A legislação controlava não só os aspectos de distribuição espacial, insolejamento e infraestrutura mas principalmente as fachadas, particularmente no Distrito da Vitória, devido à implementação do projeto estético para a cidade, como relatado no capítulo I.

(copa, cozinha e sala de costura), enquanto igualmente isolam - com uma entrada independente - o reino do homem: a biblioteca-gabinete. Na zona íntima, localizada no primeiro andar, estão os quartos independentes que também seguem, quase com rigor, a simetria dominante e um banheiro que se opõe espacialmente a outro cômodo não nomeado.

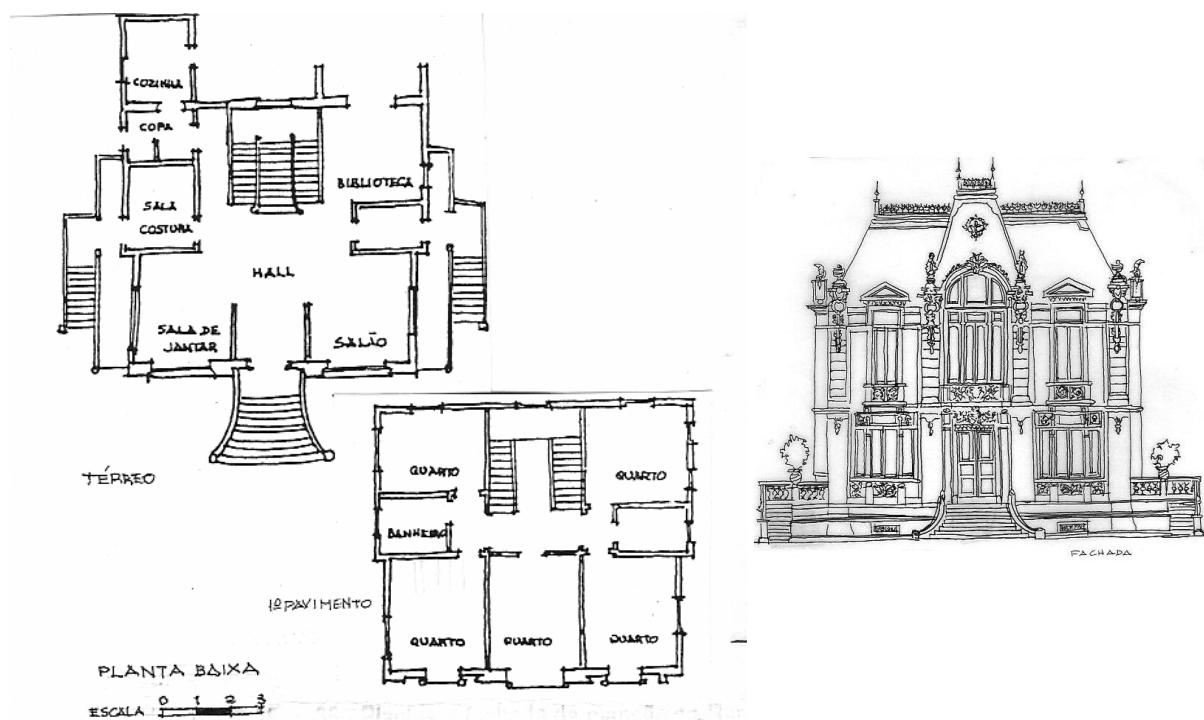


Fig. 35 - Plantas e fachada da mansão na Barra: simetria, valorização da área social e entradas separadas de acordo com o uso dos cômodos pelo gênero masculino (biblioteca) ou feminino (costura, copa, cozinha).

Fonte: Almeida (1997). Desenho: Anete Araujo.

À valorização espacial da área social, em termos de dimensões, normalmente agrega-se aquela da decoração, por meio da difusão dos papéis de parede e pinturas ornamentais de forros, paredes, folhas de portas e janelas, somados às tapeçarias e cortinas, além de um mobiliário atualizado que promovia conforto, ordenação formal e requinte até então desconhecidos. Aberta a novas formas de convivialidade, “a recepção deixava de ser circunscrita ao grupo de amigos da casa ou dos laços de consangüineidade, agregando indivíduos estranhos à vida doméstica, cujo mérito pessoal e domínio da etiqueta viabilizaram sua assimilação e circulação nos salões de elite.”³⁵⁴

Como observado em outros projetos analisados, as escadas, patamares e *halls*, exceto por funcionarem para o trajeto de um lugar para outro, são espaços que não abrigam nada e, no entanto, parecem ser os mais estudados. Espaços de representação social, conferidores de *status*, vão conter espelhos, estatuária e pinturas, muitas vezes retratando o chefe da casa e

³⁵⁴ SHAPOCHNIK (1992) p.440.

seus familiares. Para Schapochnik, a emancipação psicológica dos indivíduos celebrada nos espaços sociais e centrada na apropriação simbólica e eletiva de objetos decorativos tinha por correlato, aparentemente, sua emancipação econômica e política. “No entanto”, observa ele:

“esses indivíduos não estavam de todo livres das coações engendradas pela sociedade; dessa maneira, as recepções oferecidas nos salões dos palacetes urbanos permitem entrever uma tênue fronteira entre o privado e o público, em uma convivialidade eletiva, regrada pelos indivíduos e uma sociabilidade obrigatória, imposta pelos interesses associativos e conflitos restritivos dos grupos sociais”.³⁵⁵

Contudo, vale lembrar aqui o conceito de “má-fé”, elaborado por Sartre na sua defesa de que somos condenados à liberdade de escolha (todo ato humano é, a princípio, intencional), daí muitas coisas não nos são impostas: pertencer a uma classe social implica escolhas no sentido de uma maior ou menor disponibilidade em submeter-se às suas convenções, ou até de ignorá-las. Sendo uma escolha, poderia ser evitada, uma vez que não é obrigatória, mas, inevitavelmente, uma vez feita, suas conseqüências o são.³⁵⁶ Para Sartre, a experiência fundamental da realidade humana revela-se no fato de que o homem toma atitudes negativas em relação a si mesmo e a “má-fé” é um comportamento privilegiado caracterizador dessa auto-negação. Na convivialidade “obrigatória” do exemplo acima, na interpretação de Shapochnik, o indivíduo se predispõe a (escolhe) ser algo mas não aceita suas implicações: se representa uma função, não a é, permanece dela separado, como o objeto do sujeito. A “má-fé”, no sentido sartreano, não é adstrita ao plano moral, é mais uma ameaça a que a própria existência humana está sujeita.³⁵⁷

Analisando as casas ecléticas do mesmo período no Rio de Janeiro, Bittar e Veríssimo vão se referir “à insistência nesse modelo de casa” com dois pavimentos - um fluxo ou “filtro” vertical, conduzindo à área íntima, enquanto, no térreo, a cozinha se aproxima da sala de jantar, e o serviço encontra lugar no quintal onde se localiza também o alojamento dos empregados. “Seus espaços, então, estão bem resolvidos”, afirmam os autores, em um reforço ao modelo de zonas diferenciadas³⁵⁸ É a historiografia que, ontem e hoje, reforça os

³⁵⁵ Idem, p. 500. Esses interesses podiam ser políticos (cargos e candidaturas), econômicos, financeiros, incluindo aí os arranjos matrimoniais, constituindo aquilo que Habermas denominou de uma privacidade ligada ao público (“A família burguesa e a institucionalização de uma privacidade ligada ao público” in *Mudança estrutural da esfera pública*, p.60-68)

³⁵⁶ Um exemplo clássico da “má-fé” em Sartre é o caso do juiz, que não gosta de condenar, mas sua profissão o obriga. Mas a decisão de ser juiz foi dele, condenar faz parte de sua escolha.

³⁵⁷ BORNHEIM (1984).

³⁵⁸ VERÍSSIMO e BITTAR (1999). O livro, aliás, é estruturado exatamente a partir do zoneamento que estamos questionando.

modelos dominantes - tanto espaciais quanto sociais, na sua segregação de gênero, classe e etnia ³⁵⁹, uma vez que na maioria das vezes as empregadas(os) são pretas(os) ou mulatas (os).

Embora bel hooks, uma das pesquisadoras contemporâneas mais ativas, insista na concentração da luta feminista sobre a questão do gênero - em detrimento das questões de opressão raciais e da exploração de classe, pois, na sua experiência, foi a autoridade masculina que mais a ameaçou (veio de família negra, patriarcal, de classe trabalhadora) - é importante incluir a questão da segregação das pessoas de cor nas casas baianas, devido à incidência das mesmas trabalhando como domésticas e pelo racismo que dá poder às mulheres brancas para agir como exploradoras e opressoras - atitude, contudo, não generalizável.

No segundo projeto, de 1927, um exemplo de casas geminadas para a classe média, de responsabilidade da Empresa Emílio Odebrecht – apresenta, na fachada uma imitação da casa “*semi-detached*” inglesa, tão comum na era vitoriana (Fig 36). O projeto também indica como residências menores também passam a incorporar o ideal simétrico na fachada, embora, em planta, a disposição da área de serviço ainda siga o modelo do puxado colonial. Observa-se que, embora minúscula, a copa está presente, pois as mudanças que se operam e os preconceitos que se consolidam nas classes mais altas devem ser absorvidos pelos demais segmentos sociais, e os investidores em habitação sabem disso.

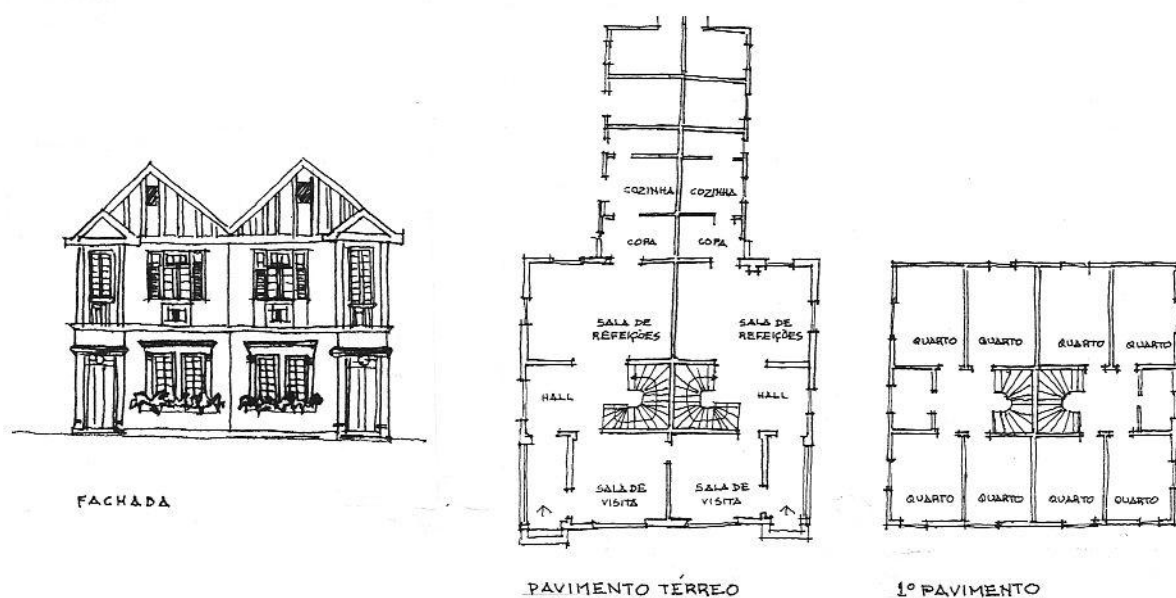


Fig. 36 - Casa geminada na Gamboa, apresentando reminiscência colonial: o serviço em um puxado
Fonte: Almeida (1997). Desenho: Anete Araujo.

³⁵⁹ Algumas feministas chamam a atenção para a superposição de sistemas de dominação - sexo, raça e classe. Outras, entretanto, reconhecendo a diversidade e complexidade da experiência feminina - principalmente no espaço doméstico - entendem que a luta pelo fim da dominação patriarcal é de importância primordial, enquanto fundação de todas as outras estruturas opressoras e também porque é a forma de dominação mais comum de ser encontrada na vida cotidiana, como defende bell hooks (1989). p. 21.

Geminadas ou isoladas, a influência da arquitetura doméstica europeia ou inglesa de tom romântico - presente na inclinação acentuada dos telhados, nas mansardas, nos canteiros de flores nas janelas e até nas chaminés - é evidente também nas propagandas dos periódicos locais, como a do engenheiro Adolpho E. F. Carvalho, em inúmeras publicações da revista *A Luva*, em anúncios de página inteira (Fig.37). Catálogos populares de casas apresentam projetos o mesmo estilo. Eles começam a ser publicados no Brasil, em versões de caráter eminentemente popular, com desenhos de maior ou menor qualidade artística.

“Projetos e Construções por
Empreitada e Administração”

“Trabalhos em Concreto Armado,
Estudos e Construções de
Estradas de rodagem”

Fig. 37 - Publicidade em página inteira de casa em modelo europeu.
Fonte: Revista *A Luva*, nº 95 (1929)



Quando, na segunda década do século, a recuperação da economia baiana e a consolidação de grupos financeiros e industriais, como mencionado anteriormente, possibilitaram as intervenções para modernizar a cidade, enquanto a população aumentava, cresciam os investimentos em habitação: para os investidores a vantagem estava em alugar casas tanto para a classe média quanto para a população de renda mais baixa.³⁶⁰ Para ambas, começam a aparecer, maiores ou menores, os *bungalows*, certamente de influência americana, que chegavam no Brasil através de catálogos. Spain data das primeiras décadas do século o gosto popular nos Estados Unidos pelos *bungalows* (casa térrea com um pórtico frontal e telhado em linha contínua na cumieira), quando a mulher passou a ter direito à propriedade e

³⁶⁰ Note-se que nos bairros mais antigos, principalmente aqueles da segunda metade (Desterro, Saúde, Palma) e nos mais populares como Federação, Garcia, Roma, Penha e Itapagipe são construídas casas (e até sobrados) de feição eclética ainda com implantação e agenciamento espacial tradicionais, muitas delas com elementos datados nas platibandas.

ao voto. Este tipo de habitação, conforme Spain, foi visto como mais igualitário se comparado com os modelos vitorianos então criticados e declarados como supérfluos com seus cômodos específicos para cada sexo.³⁶¹

Em Salvador, para a classe média, o modelo de casa semelhante ao das casas geminadas, indicado acima, mas com a edícula no fundo para os empregados, abdicando do puxado, se popularizou, como o exemplo da casa solta no lote, situada no Garcia (1928), da autoria de José Allioni (Fig.38). Exemplos mais simples, em lotes menores, por medida de economia, só apresentavam recuo frontal, embora utilizassem o mesmo partido. Esta solução da separação da área de serviço em uma edícula se perpetuará, em tempos futuros de renovação da estética modernista.

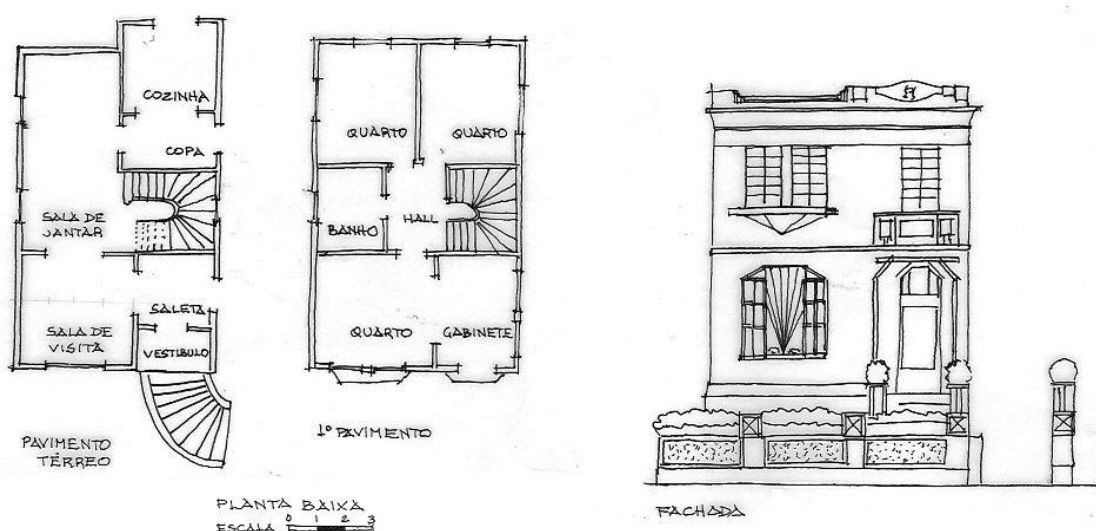


Fig. 38 - Casa no Garcia, datada de 1928, da autoria de José Allioni.

Fonte: Arquivo da Fundação Gregório de Mattos. Processo 928/?

Desenho: Anete Araujo.

3.5.3 Legislação urbana e das edificações

Não pode ser esquecido que a uniformidade de soluções para o espaço privado estava também vinculada à legislação edilícia que, mais branda e geral até o final do século XIX³⁶², vai se tornar explícita em pontos que nos interessam diretamente.

³⁶¹ SPAIN (1991). A autora analisa essa mudança no gosto a partir dos textos da mais popular revista feminina americana a *Lady's Home Journal* que difundia o *bungalow* como 'democrático' e renunciava às formalidades vitorianas. Seu interior "tornou-se um milagre de simplicidade e eficiência (...) reduzindo a segregação de gênero, onde os livros, por exemplo, ficavam em um cômodo compartilhado, o lay out refletindo a mutação do status da mulher" p.127.

³⁶² A legislação urbana, durante o século XIX, tratava do regulamento espacial de um modo muito flexível adaptando a estrutura urbana pré existente em vez de impor um modelo rígido e pré concebido, o qual seria adotado somente mais tarde com o zoneamento. A regulação do Conde dos Arcos (1810) proibindo as treliças nas janelas e exigindo melhoramentos na construção de praças para a cidade tinha como objetivo o embelezamento da mesma. Regularizar o tecido da cidade e realçar sua beleza eram os objetivos de legislações subsequentes.

Em 1920, a Lei n. 127/20 ³⁶³ da Municipalidade estabeleceu um Código de Posturas com novas restrições em relação ao regulamento das edificações, porém, é o Ato de Legislação 1.146 de 19/07/26; que é considerado o mais completo para legislar como um documento efetivo de ordenação do uso e ocupação do solo.

A lei é dividida em quatro títulos e sua estrutura é mais ou menos similar à das legislações atuais. As primeiras três seções reporta à divisão da cidade em quatro zonas (do Centro, Zona Urbana, Zona Suburbana e Zona Rural), aos alinhamentos das edificações e aos projetos e requerimentos para que os mesmos sejam aprovados; modificações, demolições, embargos e multas também estão aí contemplados.

O título que interessa aqui é o relativo às normas para o desenho arquitetônico. Ele é dividido em três seções: a primeira é sobre as normas gerais dos pavimentos; a segunda, é sobre as normas gerais para os cômodos e a terceira sobre normas específicas para os últimos. Dois aspectos, na primeira e na segunda seção, embora tratando do espaço privado, têm consequência direta na segregação urbana dentro da cidade. A primeira está relacionada com os porões. O artigo 96, seção I, proíbe habitar os mesmos (seu uso era restrito para adega e estocagem, exceto se possuíssem uma altura mínima de 2 metros). A lei criava um outro termo: “embasamento”, que podia ser habitado. Ele devia possuir janelas para receber a luz do sol, apresentar 2 metros de altura a partir do nível da rua até o teto e, obrigatoriamente, se comunicar internamente, através de uma escada, com o piso acima. Essas restrições atingiam apenas as pessoas mais pobres que tradicionalmente viviam em porões alugados, uma vez que não tinham condições econômicas para uma moradia melhor. A mesma estratégia para deslocar as pessoas que habitavam a área central, através da legislação, está clara no artigo 110 - Seção II, a qual trata da sub-divisão de cômodos dentro da casa: nenhum cômodo podia ser subdividido por painéis (fixos ou móveis) do contrário seriam considerados independentes e portanto submetidos à forma da lei. A alternativa para os pobres, uma vez que subdividir cômodos ficara proibido, era habitar nos subúrbios, onde a legislação encorajava a ocupação, permitindo construir casas de baixa qualidade, ou nos bairros já ocupados pela população de baixa renda. O Capítulo XIV, seção 16, artigo 304, permitia que

³⁶³ É nesta legislação que o Distrito da Vitória será alvo de distinções, no sentido da qualificá-lo dentro do “projeto estético” incorporado nas ações do poder público para modernizar a cidade: os recuos na Rua da Graça variam de 8,00 a 15,00 metros e na Vitória de 3,00 a 10,00 metros - para garantir um padrão alto de ocupação nessas áreas de domínio da burguesia. Em grande parte do distrito (como também do Distrito da Sé) fica vedada a reconstrução ou construção de prédios de um só pavimento e as construções de *chalets* passam a ser permitidas só nos arrabaldes. ALMEIDA (1997) p. 184, 185. Segundo Araújo, dimensões menores do que aquelas especificadas ou permissão para deixar os lotes sem muros eram possíveis apenas em áreas menos valorizadas, ou seja, aquelas direcionadas para as populações de baixa renda. Isto quer dizer que não havia uma segregação explícita, contudo restrições legais sugeriam este efeito desde que elas eram aplicadas diferentemente no espaço urbano. ARAÚJO (1992) p.177.

as “avenidas” fossem construídas mas apenas na Quarta Zona e nas encostas - exceto naquelas dentro da Primeira Zona, onde se concentravam os bairros nobres e da classe média. A lei não poderia ser mais eficaz em relação à segregação social dos indivíduos.

A Seção III, artigo 145A regulava o número de cômodos, dentro das casas, tamanho, altura, fenestração, materiais usados e acessos. Cada casa devia ter pelo menos um cômodo, uma cozinha e um banheiro. O artigo 116 impunha que o acesso para qualquer um dos cômodos (quartos e banheiros) fosse feito sem passar através de qualquer outro cômodo.

Aí está a legislação ratificando uma prática que, de certa forma, nas residências de ricos e remediados já era comum: a mudança de cômodos intercomunicantes para cômodos independentes que têm, finalmente, a sua legitimidade oficializada, desenvolvendo um processo de individualização de funções que impedirá a assimilação de alguns princípios do funcionalismo da arquitetura moderna.

Finalizando o capítulo, observamos que nas características espaciais dos projetos correspondentes à passagem do século XIX para o século XX, e às primeiras deste último - são reforçadas: a consolidação da mono-funcionalidade dos cômodos (mantendo-se apenas uma porta de acesso), a presença de *halls* ou corredores - que vão garantir seu isolamento - e a separação das zonas social, íntima e de serviço, a qual, na maioria das vezes, apresenta um acesso independente a partir da rua.

A ausência do contato corporal, a diminuição da sensualidade, a impossibilidade de uma interação maior com o diferente (em gênero, classe e etnia), à exceção daqueles momentos rituais ou necessários, vai sendo estimulada com o tempo. A eficácia do modelo irá depender do poder coercitivo da ideologia burguesa e da difusão das estruturas e mecanismos de controle dos quais ela se serve para impor seus valores - tanto à própria classe como aos demais segmentos da população, seja através de ações explícitas ou vagamente percebidas.

4 ARQUITETURA RESIDENCIAL MODERNISTA NA EUROPA

4.1 Antecedentes: O Espaço Privado em questão nos Estados Unidos e na Europa

Dados mais ou menos das três últimas décadas, são muito recentes os estudos e as pesquisas desenvolvidos nos Estados Unidos e na Europa, no que diz respeito a casa enquanto suporte espacial para a vida privada. Essa produção vem sendo elaborada nas Universidades e instituições de pesquisa, onde a história da mulher vem adquirindo relevância enquanto campo para repensar as desigualdades e papéis sociais ligados às questões de gênero. Por outro lado, a diversidade de abordagens desses estudos seja do ponto de vista teórico, metodológico ou dirigidas para ações concretas, reflete a diversificação dos grupos, principalmente feministas, que atuam na área.

Do ponto de vista historiográfico, o que se pode observar é que uma omissão desconcertante - durante mais de cem anos - ocorreu no tratamento dos problemas relativos à vida e ao trabalho doméstico, tendo em vista as idéias e os acontecimentos vivenciados desde as reformas sociais na Europa em meados do século XIX - os quais promoveram sugestões espaciais diversas e que necessitam ser resgatadas.³⁶⁴ Como assinalado no Capítulo 1, referente às questões teóricas e metodológicas, foi o advento da Nova História, seus desdobramentos e críticas que tornaram viável - a partir de uma historiografia que passou a se interessar por outros temas, em contraposição à história oficial - incluindo aí o interesse pela história das mulheres.³⁶⁵

Por outro lado, no período entre as duas guerras mundiais, novas formas de pensar a habitação trouxeram para o primeiro plano questões ligadas diretamente ao espaço e ao trabalho domésticos, propiciando projetos de reforma nesse campo e experiências concretas de produção arquitetônica, os quais, apenas recentemente, se tornaram objeto de preocupação.

³⁶⁴ Aqui a referência não diz respeito apenas à historiografia mais antiga do movimento moderno, mas também àquela produzida mais recentemente a exemplo de Benevolo, Frampton, Tafuri, Dal Co e Curtis.

³⁶⁵ A crítica à associação "natural" das mulheres com o lar e a domesticidade e a separação espacial da mulher em relação ao homem que habita o mundo público do trabalho e da política (e os desafios dessa associação) foram o foco central da segunda onda da produção intelectual feminista, de 1960 em diante. Parte da crítica atual insiste em que o ideal doméstico perseguido anteriormente era classista e racista. Enquanto as mulheres de classe média eram caracterizadas positivamente, como "anjos domésticos", as operárias e negras, que estavam presentes no espaço público e nos locais de trabalho, eram consideradas como uma ameaça, como ativas, sexualizadas e perigosas. Ou seja, da mesma maneira que a mulher da classe média nas sociedades industrializadas era considerada como inferior ao homem, através de comparações dicotômicas, a mulher operária, pobre ou de cor era a "outra", inferior. Um conjunto de categorias relacionais binárias - sexual/frígida, impura/pura, suja/limpa, animal/humana, imoral/ moral eram freqüentes para distinguir as mulheres entre si na Inglaterra vitoriana ou quem seguisse os princípios morais daquela sociedade, ou seja, a maior parte do mundo ocidental, incluindo o Brasil. Para detalhes ver MCDOWEL (2002)

Em um recorte temporal mais amplo, as referências à reforma doméstica de maior impacto e importância se deram, inicial e principalmente, nos Estados Unidos, entre os anos de 1840 e 1860, incluindo aí as ações no campo social.

4.2 A Grande Revolução Doméstica nos Estados Unidos

Livrem-se de suas bonecas
a fim de que não aprendam a ser mães
antes de aprenderem
a ser pessoas.

Oneida Phalanx

Foram diversas as experiências em torno da solução para a relação do trabalho “doméstico” e a arquitetura nos Estados Unidos da América. Dolores Hayden, em sua obra “*The Grand Domestic Revolution*”, destaca entre elas a produção teórica e prática do movimento denominado “*material feminist*” o qual, mesmo diante da sua importância em realizações arquitetônicas, nunca foi contemplado pela historiografia oficial.³⁶⁶

Diferentemente dos outros movimentos feministas que lutavam por mudanças sociais e políticas com argumentos filosóficos e morais, o movimento das feministas materiais concentrou-se em temas econômicos e espaciais como base para a vida material, identificando a habitação privada como um dos maiores obstáculos para melhorar a posição da mulher na civilização. Na opinião desse movimento, aperfeiçoar o projeto da moradia era tão essencial para os direitos da mulher quanto melhorar os projetos dos assentamentos o eram para mudar a vida dos trabalhadores industriais, a aspiração maior sendo a introdução de equipamentos coletivos nas habitações.

Os projetos dessas socialistas comunitárias tinham pelo menos dois tipos de organização social e econômica: os que mantinham famílias nucleares, guardando algum grau de privacidade na vida familiar e os que funcionavam como uma grande família engajada na vida comunitária.

O segundo tipo, ironicamente o mais conhecido até pelo seu sectarismo mais vulnerável à crítica, foi representado principalmente por grupos religiosos praticando comunismo econômico. Ligadas ao primeiro tipo foram trinta Associações Americanas, só

³⁶⁶ HAYDEN (1981). Desenvolvida nos EUA, entre a Guerra Civil e a Grande Depressão, a tradição “feminista material”, que cobriu três gerações de militantes, foi esquecida. Hayden tenta resgatá-la, através de um trabalho de pesquisa rigoroso e bem documentado, incluindo inúmeras ilustrações. A obra, em diversos capítulos, acompanha as principais figuras do movimento feminista americano, sua produção intelectual e prática e os diversos movimentos sociais dos quais participaram, a partir do meado do século XIX. Em 1840 surgem as primeiras traduções de Fourier nos Estados Unidos, quando as mulheres têm acesso aos projetos dos Falanstérios, cheios de invenções mecânicas, que são celebradas pelas feministas utópicas e socialistas nos sessenta anos seguintes.

entre 1840 e 1860, cujas idéias tornaram-se tópico de discussão popular, com suas casas inovadoras destinadas principalmente para centenas de trabalhadores nas indústrias de aço. Aspirando o trabalho doméstico socializado, esses grupos, na sua totalidade, produziram uma variedade de planos para a reforma doméstica e centenas de experiências.³⁶⁷

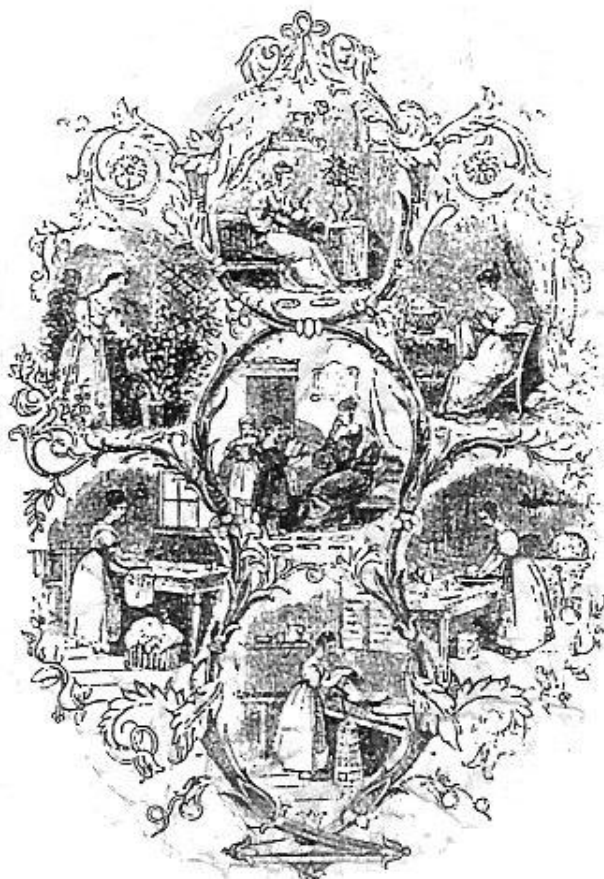


Fig. 1 - Frontispício da *The Housekeepers' Annual and Lady's Register* (1844) ilustrando várias tarefas da "esfera da mulher".
Fonte: Hayden (1981).

Para Hayden, embora seja difícil avaliar o efeito de tal arquitetura doméstica não ortodoxa, não se pode negar a evidência do desempenho eficiente do trabalho doméstico dentro das três áreas de iniciativa econômica (agricultura, indústria e o próprio trabalho doméstico) e suas conseqüências positivas para as mulheres. Combinando o empenho de muitos trabalhadores, homens e mulheres, as socialistas comunitárias propunham findar o isolamento do agricultor individual, do trabalhador industrial e da dona de casa, o trabalho doméstico tornando-se trabalho social.

³⁶⁷ Para detalhes ver HAYDEN (1981)

A socialização do trabalho doméstico foi então justificativa e empenho para melhorar o *design* da habitação e dos equipamentos.³⁶⁸ Recursos adicionais, possibilitados pela economia em equipamentos domésticos, foram investidos em invenções - muitas delas mais sofisticadas do que as existentes - e então industrializadas e comercializadas.³⁶⁹ Como as horas de trabalho eram limitadas, conclui Hayden, uma vez que não eram solicitadas, dia e noite, como mães e esposas, as mulheres tinham tempo para desenvolver outros interesses: ler, escrever, participar de performances musicais e teatrais, desenvolver amizades e relações amorosas, em um grau de liberdade então inimaginável na sociedade mais ampla.

Posteriormente, entre as feministas que defendiam a organização das mulheres visando sua independência econômica e criar condições de exercer os seus talentos estão Melusina Pierce (esposa de Charles Pierce por 13 anos) e Charlotte Perkins Gilman. Em 1870, na sua campanha contra a habitação e o trabalho doméstico tradicionais, a primeira introduz o termo “*co-op housekeeping*”, mais de quarenta anos antes de Hannes Meyer utilizá-lo, como veremos adiante, e com sentido mais abrangente nas implicações relativas à emancipação da mulher. Já Gilman, embora seu público / leitores fosse eclético, nas duas últimas décadas do século provocava, em suas palestras, - nos Estados Unidos e na Europa - os tradicionalistas que romantizavam o lar vitoriano, e sugeria lugares sociais e espaciais para a vida doméstica coletiva com propostas radicais baseadas nas premissas socialistas. Suas idéias eram uma síntese do pensamento das feministas materiais com as teorias populares de evolução social, defendendo o trabalho pago para as mulheres (e não transferir o trabalho doméstico também para os homens).

³⁶⁸ Contudo, melhorar o desenho da habitação, os equipamentos domésticos e a tecnologia ambiental (sistemas de calefação e ventilação) também foi preocupação de mulheres certamente mais conservadoras, “feministas domésticas” que reivindicavam o controle das mulheres sobre todos os aspectos da casa. Por cerca de dez anos Catherine Beecher, publicou livros sobre esses temas nos Estados Unidos, sendo o mais popular o *The American Woman's Home*, de 1869, em co-autoria com sua irmã Harriet. Para detalhes ver RYBCZYNSKI (1993) p.161 a 169.

³⁶⁹ Hayden oferece uma listagem imensa da contribuição dada a este setor da produção (como também nos equipamentos e espaços, interiores e exteriores, para cuidados e educação das crianças) tornando-se uma importante fonte de renda. Serviços diversos também eram oferecidos para grupos exteriores às comunidades. É importante notar que na historiografia da arquitetura os comentários sobre essas experiências, além de escassos, são minimizados (a história da mulher não interessava). Leonardo Benevolo, que ilustra em páginas inteiras os falanstérios, é muito breve, e sem citar as invenções (fala apenas do fracasso da *New Harmony*), assim termina seu comentário: ...“*fracassa como comunidade auto suficiente e torna-se um centro de serviço para todo o território circundante*”. BENEVOLO (1983)



Fig. 2 - Melusina Pierce, a direita e Charlotte Perkins Gilman, a esquerda.
Fonte: Hayden (1981)

Sugerindo a adoção de *apart-hotéis*³⁷⁰ com centros sociais, jardins para crianças e outros equipamentos comunitários, as propostas de Gilman foram difundidas e discutidas em alguns números da *Architectural Record*, em 1903. Em 1905, existiam 90 desses *apart-hotéis*, cujos projetos ela desenvolveu em trabalho conjunto com o arquiteto John Putmman. Não eram *coops*, segundo afirma Hayden, mas negócio rentável. Seus adeptos, denominados pela autora “economistas do lar”, consideravam-no “*the biggest bussiness*”. Em 1914, Gilman funda a “Aliança Feminista”, crítica pesada contra o lar isolado. Entre os que apoiavam ou tentaram aplicar praticamente suas idéias estavam as sufragistas, educadoras, teóricos sociais e também planejadores metropolitanos, com quem ela estabeleceu ligações.

Entre as diversas experiências projetuais, na virada do século, mais ou menos influenciadas pelas idéias de Gilman, estão os trabalhos de Ebenezer Howard, Raymond Unwin e Barry Parker. Howard pertencia ao Fabian, uma associação de intelectuais ingleses, onde Gilman proferira palestras que foram muito bem acolhidas, em 1896 e em 1898.³⁷¹ Dos dois últimos, um exemplo que se tornou modelo foi o projeto de habitações para trabalhadores em Yorkshire (Fig.3).

Ainda da autoria de Howard, podem ser citados o Meadon Way Green e o Homesgarth - para onde ele mudou-se com a esposa, em 1913, enquanto congratulava-se com a sua liberação - ambos construídos em Letchworth.

³⁷⁰ O termo em inglês, utilizado pela autora, é “*Apartment Hotel*” (p. 179) aqui designado por *apart hotel*.

³⁷¹ HAYDEN (1981) p. 231. Entre os entusiastas das idéias de Gilman estava o novelista H.G. Wells, também sócio do Fabian e amigo de Howard. Em sua obra *A Modern Utopia*, Wells escreveu sobre as moradias sem cozinhas, usando argumentos adotados por Gilman.

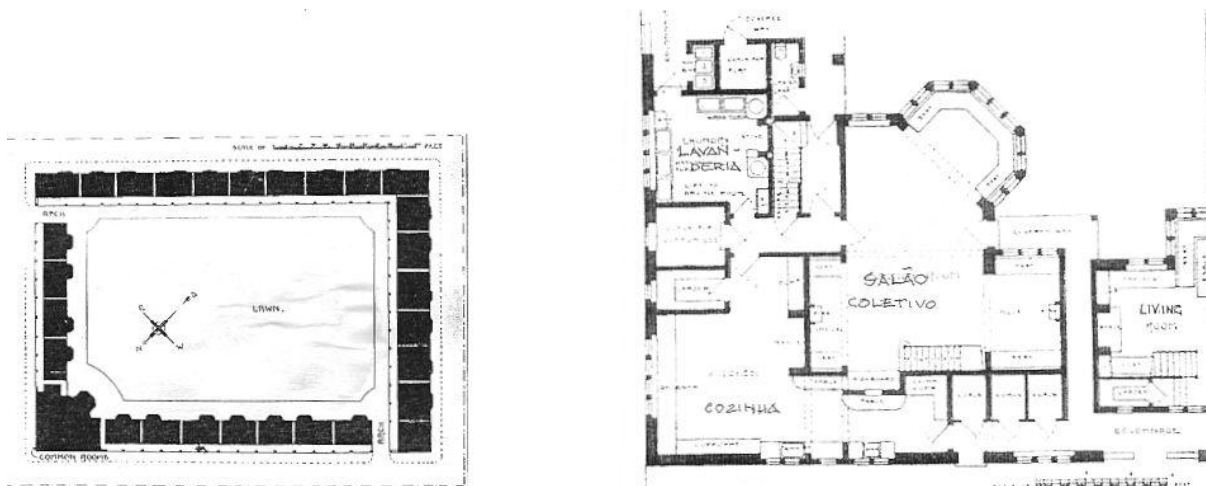


Fig. 3 - Projeto Habitacional de Unwin e Parker para trabalhadores de Yorkshire: esquema geral com cozinha, sala de refeições e lavanderia comuns no extremo norte do conjunto.
Fonte: Hayden (1981)

Foram modelos diversos de residências projetadas sem cozinhas e cidades sem trabalho doméstico. Entre eles, projetos *coop housekeeping*, com centenas de clientes, construídos entre os anos de 1901 e 1924 e os projetos da Competição do *Journal of American Institute of Architects*, para a solução de protótipos para habitação pós Primeira Guerra Mundial.³⁷²

Trabalhos de outras associações, como a RPAA (Associação de Planejadores Regionais na América) - da qual participavam ativamente: Lewis Mumford, o qual defendia a cozinha *coop*; Catherine Bauer (com textos publicados em revistas de arquitetura, inclusive nacionais, a exemplo da AU - Arquitetura e Urbanismo) e Edith Elmer Wood - são analisados por Hayden. Bauer e Wood batalhavam na ação social, lutando pelo financiamento do Estado na construção de casas para a baixa renda. Nas associações eram discutidos conflitos de classe e de gênero, os quais abundavam nessas experiências, discussões que foram posteriormente abandonadas e por longo tempo esquecidas.

Na opinião de Hayden, os arquitetos e planejadores, apesar de realizarem a transposição das idéias de Gilman para esquemas novos de habitação, não progrediram além de um feminismo superficial, não compreendendo a defesa das feministas quanto à justiça econômica para as mulheres. Por outro lado, argumenta a autora, eles não foram capazes, como um todo, de gerar uma discussão sobre os próprios projetos que elaboraram para, a partir dela, tentar novamente.³⁷³ Contudo, alguns deles, a exemplo de Rudolf Schindler, persistiram na elaboração de projetos, de alguma forma, inovadores, na sua carreira

³⁷² A maioria dos projetos é conhecida como *Cooperative Quadrangles*. Projetos de outros arquitetos, como A. Claphan e Baillie Scott, também são analisados por Hayden.

³⁷³ Idem, p.265.

profissional. Depois de construir a sua casa, em 1922, (Fig.4) ele continuou, nas décadas seguintes, a projetar casas para clientes que buscavam novas formas de convivência doméstica.³⁷⁴

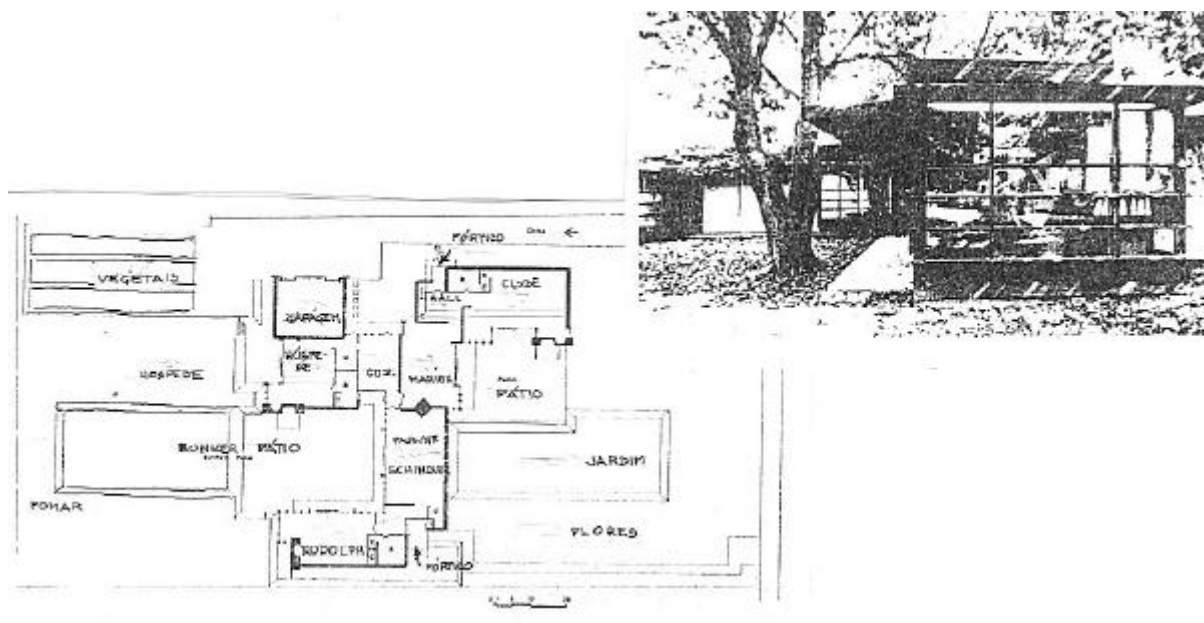


Fig. 4 - Casa de Schindler, exemplo de habitação *coop*, inovadora de espaço doméstico (1922).
Fonte: Hayden (1981).

Rudolph Schindler era um arquiteto imigrante de Viena, que nutria certo entusiasmo pelas idéias de Charlotte P. Gilman. Seu projeto é um exemplo de moradia *coop* compartilhada por ele, sua esposa, Pauline, um casal de amigos (Clyde e Marion) e aberta para um ou mais hóspedes. A casa, na opinião do grupo, seria um protótipo para a vida adulta moderna. Possuía diversos espaços de trabalho individual, alguns espaços para dormir e outros para o trabalho doméstico. Nossa casa, dizia o arquiteto, “perderá o aspecto de porta da frente e dos fundos. Deixará de ser um grupo de ‘tocas’, umas maiores para efeito social e outras menores (quartos) para agrupar os membros da família”.³⁷⁵

A idéia de Schindler de *cooperative dwelling*, segundo seu biógrafo David Gebhard, diz Hayden, era de que cada pessoa deveria ter um *studio* (para uso pessoal da forma que lhe aprouvesse), pátios cobertos, ou não (para substituir o *living*) e uma única cozinha, de maneira que as tarefas domésticas não seriam repetitivas para ninguém.

Contudo, o que se observa na planta da casa em questão é que os *studios* privados das mulheres - juntos à cozinha, que por sua vez se conecta aos *halls* de entrada - são os únicos espaços de circulação interna da casa. Certamente que Gilman não aprovaria essa inconsistência na organização espacial da casa. Embora as mulheres estivessem de acordo em

³⁷⁴ A Casa Van Patten, também da autoria de Schindler, será analisada neste mesmo capítulo.

³⁷⁵ HAYDEN (1981) p.248.

fazer as tarefas domésticas, seu espaço privado não poderia ser afetado por esta divisão sexual do trabalho. Por outro lado, os espaços destinados às mulheres tendo uma dotação espacial maior, podem ainda ser um indicador de que as mesmas teriam mais o que fazer em casa. Schindler, enquanto um arquiteto comprometido com as formas e os princípios da arquitetura moderna, interessado nas idéias de moradia coletiva, certamente falhou quanto ao entendimento dos problemas de cooperação doméstica na prática. Sua casa, entretanto, é louvada por Hayden enquanto uma afirmação estética e social.³⁷⁶

4.2.1 A ideologia anti-feminista

Em meados dos anos 20, surgiram nos Estados Unidos - como também na Europa, segundo veremos adiante - muitos esquemas de novas habitações e cidades, nos quais não foram considerados nem o apelo para a independência econômica das mulheres nem a contribuição das inúmeras experimentações dentro da tradição das feministas materiais em relação ao trabalho doméstico socializado.

A mudança de rumo ideológico e a repressão aos movimentos políticos, inclusive feministas, nos Estados Unidos, diante do que era considerada a ameaça do “perigo vermelho”, em 1919 e 1920 - ironicamente o tempo quando os conservadores finalmente enfatizaram a importância política das mulheres - abriram as portas para as ideólogas do anti-feminismo e do pró-consumo da casa suburbana. Christine Friederick, a mais influente delas, cujo abraço ao gerenciamento científico é exportado para a Europa, exercendo lá grande influência é, então, colocada por Hayden, em oposição a Alexandra Kollontai, líder feminista na Rússia, em um título sugestivo: “*Madame Kollontai X Mrs. Consumer*”. Apontando a coerência de pensamento e propostas de Kollontai, Hayden denuncia a corrupção da economia doméstica a que serve Friederick, cujos princípios não representavam mais os interesses feministas, mas negócios, manipulando as mulheres, seus lares e suas famílias.³⁷⁷

Como veremos, em paralelo ao que acontecia na Europa, a ideologia do capitalismo industrial e seu suporte humanista, enquanto doutrina da burguesia dominante, contaminou o discurso feminista e outros discursos nos Estados Unidos. No que diz respeito ao espaço e ao trabalho doméstico, a manutenção do conceito patriarcal e a consolidação da idéia “esfera da mulher” conduzem ao fracasso o ideário do feminismo material. A divisão do comportamento masculino e feminino em termos de vida pública e privada na passagem do século XIX para o século XX e o reforço da família como reino separado da economia, para Hayden,

³⁷⁶ Idem, p. 250

³⁷⁷ Idem p.285. A autora informa que, entre outras atitudes comerciais de Friederick está a publicação do livro *Selling Mrs. Consumer*, em 1928, onde a mesma desenvolve - para um público de executivos em publicidade - técnicas de propaganda dirigidas para o que chamou de *‘passividade sugestiva das mulheres e seus complexos de inferioridade’*.

aprisionaram as mulheres que lutaram contra o sistema. Para elas passou a ser muito difícil articular seus problemas domésticos com aspirações emancipatórias uma vez que os mesmos foram convenientemente divorciados do modo de produção, como parte da vida pública, política e econômica. E de todo o trabalho que era realizado dentro do espaço doméstico, afirma a autora “somente o que foi depois chamado de ‘trabalho doméstico’ ali permaneceu”. O capitalismo incorporou o lar patriarcal que o antecipou.

Parece que a complexidade que envolve essa discussão permanece nas interpretações e contra interpretações contemporâneas, como é possível detectar na Teoria da Ação Comunicativa de Jürgen Habermas e na posição de antagonismo a ela, por parte da teoria feminista.

Para Habermas a estrutura institucional das sociedades modernas é dualista, abarcando o que ele denomina de “sistema” e “mundo de vida”. De um lado ficam as ordens institucionais do moderno mundo de vida, onde se localizam os domínios integrados socialmente (ação comunicativa) especializados na reprodução simbólica, isto é, na socialização, formação da solidariedade e transmissão cultural: aí estão a esfera privada (família nuclear) e a esfera pública. Do outro lado estão os sistemas, os domínios integrados sistemicamente, especializados na produção material, ou seja a economia capitalista oficial (dinheiro) e o Estado administrativo moderno (poder).

Entretanto, Frazer e outras teóricas feministas argumentam que existem inconsistências nesse modelo.³⁷⁸ Contrastar família moderna e economia capitalista oficial tende a ofuscar ou exagerar as diferenças entre estas instituições e impede de analisar as famílias como sistema econômico, isto é, lugar de trabalho, troca exploradora, cálculo, distribuição, exploração. E se esse reconhecimento for inevitável, no modelo habermasiano ele é interpretado como uma intrusão de forças estranhas, colonização da família pela economia e pelo Estado.

Para a crítica feminista, o contraste entre esfera privada do mundo da vida e sistema econômico - ou seja, a separação das instituições família (local de trabalho doméstico) e economia oficial (trabalho remunerado) - é contrário ao que se observa na vida concreta das pessoas, à realidade social empírica. Desse modo, a caracterização do domínio socialmente integrado do mundo de vida como tendo relações extrínsecas com o dinheiro e poder, não identifica que as famílias estão permeadas dos mídia de dinheiro e poder enquanto lugares de cálculo (egocêntrico, estratégico, instrumental) e de trocas exploradoras (serviços, trabalho,

³⁷⁸ FRAZER (1987) p.38 a 65.

dinheiro, sexo e, muitas vezes, violência), em relação não só ao gênero, mas também à classe e à etnia.³⁷⁹

Assim, se concordarmos com Fraser, de que o modelo de Habermas apresenta algumas deficiências empíricas e não tem capacidade para focalizar algumas dimensões da dominância masculina nas sociedades modernas³⁸⁰, percebemos que não estamos muito afastados das interpretações de Hayden, quando denuncia os impedimentos, intrínsecos ao próprio modo de produção capitalista, que abortaram o esforço das feministas materiais em enfrentar essa dominância.

4.3 A EXPERÊNCIA EUROPÉIA: Teoria Racional e Funcionalismo como Princípio

A arquitetura moderna européia - e seu reflexo na arquitetura doméstica -, nas primeiras décadas do século XX, tem sua história ligada às transformações mais amplas na sociedade. Ela resultou de uma série de fatores como um intenso processo de urbanização, a introdução de novos materiais e novas técnicas na construção e uma revolução nas artes figurativas. Embora tenha incluído inovações importantes no que diz respeito ao espaço doméstico, principalmente as cozinhas e lavanderias coletivas, frustrou as expectativas dos movimentos feministas, como veremos adiante.

O processo de urbanização aumentou brutalmente nas maiores cidades no fim do século XIX. A super população nas cidades e a carência de habitação trazida pelos efeitos da Revolução Industrial e, mais tarde, pela Primeira Guerra Mundial (e a conseqüente necessidade de reconstruir a Europa) produziram novos esquemas de habitação, que eram desenvolvidos como parte da reorganização urbana.

A concepção projetual da habitação, no início dos anos 20 do século passado, embora contaminada pelo modelo do século anterior, o qual incorporava valores individualistas, passa a expressar a racionalidade e a eficiência técnica dos tempos modernos, além de uma estética própria para esta nova sociedade. A rejeição da cultura burguesa - do filistinismo que usava pretensiosamente o ornamento e o *kitsch*, os quais tomaram a forma de ecletismo -, levou à busca, dentro do Movimento Moderno, de outras qualidades como pureza e autenticidade.

³⁷⁹ Idem, p. 42

³⁸⁰ Ainda contra o argumento habermasiano, Frazer sugere que o próprio filósofo termina por oferecer um recurso conceitual para compreender outros aspectos dessa mesma dominância: a divisão (sugerida por ele) dos contextos socialmente integrados em duas sub-categorias, isto é, as ações “asseguradas normativamente” e aquelas “conseguidas comunicativamente”. As primeiras resultariam do consenso convencional, pré-reflexivo, evidente por si sobre valores e fins, originário da internalização pré-crítica da socialização e da tradição cultural e as segundas, conseguidas comunicativamente, que conduzem a um consenso reflexivamente obtido em debate livre, em condições de liberdade, igualdade e justiça. Para Frazer, nesta distinção, Habermas oferece alguns recursos críticos para analisar a família moderna restrita e de dominância masculina. Tais famílias podem ser compreendidas como asseguradas normativamente, contudo, o consenso é suspeito porque pré-reflexivo ou obtido através do diálogo viciado pela injustiça, coerção ou desigualdade. (p.45, 46).

Durante essa década esses termos adquiriram uma dimensão política distinta: a *Neues Bauen* se associou ao desejo de construir uma forma de sociedade equilibrada e igualitária na qual os ideais de direitos iguais e emancipação seriam realizados.³⁸¹

A nova “construção moderna”³⁸² também acrescentou ao modelo anterior o caráter de um cenário funcionalista, onde a eficiência nas tarefas domésticas era uma das principais preocupações. Essa eficiência deveria ser alcançada cientificamente, segundo o ideário de taylorização, que é então adotado e implementado, como já o fora nos Estados Unidos. Métodos racionais de projeção e construção, e teorias funcionalistas³⁸³ eram, portanto, o objetivo perseguido pelos arquitetos comprometidos com a nova arquitetura.

Antes de discutir o racionalismo e o funcionalismo como as principais características da arquitetura moderna na Europa - seja na manifestação coletiva da experiência alemã e em um dos seus teóricos, Sigfried Giedion, ou nas realizações individuais do considerado maior representante dos arquitetos modernos, Le Corbusier³⁸⁴, além de outros - um breve relato da gênese desses dois conceitos é necessário.

As primeiras idéias racionalistas no campo da arquitetura foram concebidas desde 1870. Embora desenvolvida dentro da Escola Clássica Racionalista, seus princípios gerais para a arquitetura clássica tinham como referência a economia e a virtuosidade medieval do sistema abobadado das igrejas góticas.

No século XIX, sejam os goticistas e classicistas franceses, sejam os ecléticos, todos concordavam que a arquitetura deveria ser ornamentada mas enquanto construção decorada, de maneira que a arquitetura sempre requeria uma justificação racional. Entre os racionalistas, as formas estruturais eram valorizadas com a integridade tectônica das edificações, conduzindo para o princípio que igualava a beleza e a verdade. A compatibilidade entre a arte e a ciência, que posteriormente seria o ponto central para os seguidores da estética

³⁸¹ HEYNEN (1999). Heynen esclarece que os termos usados para se referir à arquitetura moderna são vários em diferentes línguas e que essas diferenças também têm implicações em relação ao conceito: o holandês *Nieuwe Bouwen* e o alemão *Neues Bauen* (Nova Construção) evitam explicitamente o termo arquitetura (que existe em ambas as línguas). Essa opção por *Neues Bauen* sugere, portanto, uma aspiração explícita a uma arquitetura que não está limitada às edificações representativas, mas que engloba o domínio total da construção e da habitação social, conotação que está ausente da expressão francesa ‘*architecture moderne*’, do inglês ‘*modern architecture*’ e, entre nós do português “Nova Arquitetura” (adotado aqui por Lucio Costa e os demais defensores da arquitetura moderna). Assim, Heynen defende a manutenção do conceito *Neues Bauen*, que é mais abrangente.

³⁸² Apesar da observação feita por Heynen, que consideramos importante e procedente, optamos, para facilidade de comunicação, a utilizar o termo nova arquitetura, até mesmo porque não foi como crença em emancipação social e sim como estilo que a mesma foi adotada no Brasil. No momento adequado será utilizado “*Neues Bauen*”.

³⁸³ A discussão do funcionalismo na arquitetura modernista constitui um tema polêmico nos últimos anos. Enquanto seus críticos assumem sua importância, Stanford Anderson, por exemplo, usando a obra seminal de Henry-Russel Hitchcock e Phillip Johnson (*The International Style*, de 1932) afirma que é uma ficção o fato de a função significar uma linha de demarcação crucial dentro da arquitetura moderna. Ver ANDERSON (1987).

³⁸⁴ Esta idéia foi desenvolvida principalmente por historiadores de arquitetura como Sigfried Giedion, em *Space, Time and Architecture* (1944); Nikolaus Pevsner, em *The Pioneers of the Modern Movement from William Morris to Walter Gropius* (1936) e Henry Russel Hitchcock em *Modern Architecture* (1970).

modernista, já era assim discutida pelos teóricos franceses muito antes do advento do modernismo.³⁸⁵

A verdade também se tornou uma questão de moralidade a um ponto que os modernistas tenderam a rejeitar a decoração como um todo (indiscriminadamente), especialmente quando ela era percebida como um elemento acrescentado depois que o principal trabalho construtivo já tivesse sido executado. Partindo daí, diferentemente da arquitetura do século XIX, os estilos do passado eram estética, moral e também politicamente indesejáveis.

Desse modo, a nova arquitetura deveria acompanhar o progresso contemporâneo em relação aos novos *standards* de construção, adotar novos materiais, notadamente o aço, o concreto armado e o vidro, como também reconhecer as novas necessidades, do contrário ela não seria capaz de criar uma arquitetura em harmonia com a época.³⁸⁶ A valorização do critério de contemporaneidade estava embasada no espírito da época (*Zeitgeist*), categoria filosófica hegeliana que legitimava essa postura, a arquitetura sendo, na definição de Walter Gropius, o produto lógico inevitável da condição intelectual, social e técnica daquele tempo. Desse modo, essa conceituação exigia da nova arquitetura o compromisso não apenas em termos de função, estrutura e materiais, mas também em termos de um conteúdo mais intangível, o *Zeitgeist*.

4.3.1 Para além do racionalismo

Para Collin Rowe, esta foi uma idéia que elevou a arquitetura além de um mero racionalismo ou capricho, tornando-a um produto ‘inevitável’ da época - expresso em 1923, por Mies van der Roë, quando ele define a arquitetura como o “desejo da época traduzido no espaço”. Embora afirme que o *Zeitgeist* seja talvez uma realidade que dificilmente pode ser questionada, Collin Rowe (que assim também está preso nas malhas do *Zeitgeist*) chama a atenção para sua elasticidade conceitual, um fato que, para ele, não pode ser desprezado. Se o *Zeitgeist* é um espírito universal, irresistível, supra-racional, impessoal, perceptivo e sábio - de uma dada época da humanidade ou ‘de um povo’ - e o arquiteto se apresenta como um intérprete desse inconsciente coletivo, afirma Collin Rowe, ele torna-se então o profeta, o guru, considerando-se, portanto, como o agente neutro desse desejo da época.³⁸⁷

³⁸⁵ COLLINS (1965).

³⁸⁶ De certa forma, a defesa do “projeto moderno” por Jürgen Habermas, para ele inacabado, é baseada exatamente nessas premissas as quais ele entende enquanto desafios, colocados no século XIX, para a arquitetura, ou seja: i) a utilização racional dos novos materiais e novo sistema construtivo, ii) as demandas de novas tipologias funcionais, dentro de uma nova estética, e iii) a emancipação social. Enquanto o século XIX não respondeu a esses desafios, o modernismo o fez, embora atendendo apenas aos dois primeiros, pois o último não seria da alçada dos arquitetos que, ingenuamente, acreditavam o contrário. HABERMAS (1987).

³⁸⁷ ROWE (1976).

O distanciamento histórico e a assimilação da idéia contemporânea da impossibilidade da existência desse espírito ou desejo único, uma vez que diferentes ideologias permeavam as interpretações e ações, em um período de tantas transformações, permite-nos ver o equívoco na interpretação dessa neutralidade. Entusiasmados enquanto representantes do *Zeitgeist*, os arquitetos modernistas não se deram conta da inconsistência dessa neutralidade, como também do racionalismo que, reforçando essa certeza representativa, lhe servia de base.³⁸⁸

Construir racionalmente significava então responder a uma série de demandas onde, certamente, a tecnologia desempenhava um papel de destaque. Ela tinha que ser usada nas suas formas mais avançadas para facilitar a economia e sua viabilidade. Porque, além das demandas ligadas à racionalidade e à funcionalidade, o aspecto social da nova produção de habitação tinha que responder à questão da possibilidade financeira daqueles que necessitavam dela.

4.3.2 Idéias de funcionalismo

A idéia de funcionalismo, por sua vez, estava vinculada a dois conceitos diferentes, cujas abordagens no problema arquitetônico, porém, não se excluía. O primeiro dizia respeito à total utilização da tecnologia moderna e sua expressão no projeto - através da teoria que trouxe a analogia mecânica para a arquitetura - enquanto o segundo se referia à visão científica das necessidades e costumes humanos para programar, planejar e projetar.³⁸⁹

A idéia de ligar as realizações técnicas (progresso) à arquitetura também não era nova. Comparada com outras analogias registradas historicamente, como a biológica e a gastronômica³⁹⁰, a analogia mecânica é tida como precedente, especialmente se estendermos o seu significado na inclusão da tese mais geral de que a eficiência funcional é um tipo (uma forma) de beleza.³⁹¹

Ainda no século XIX, Anatole de Baudot, entre outros, teorizou sobre a natureza da arquitetura, afirmando que a mesma poderia tirar vantagens dos melhoramentos técnicos da época, como os construtores medievais tinham feito, seguindo, de alguma forma, a interpretação da arquitetura gótica por Viollet le Duc. As novas expressões da arquitetura deveriam, para Baudot, seguir os exemplos úteis e interessantes dos veículos terrestres e

³⁸⁸ A neutralidade supracitada é questionada por KOPP (1990), além de muitos outros autores contemporâneos.

³⁸⁹ GREENHALGH (1990).

³⁹⁰ A analogia biológica compara os objetos arquitetônicos com organismos vivos e confere uma ênfase particular na importância do ambiente, desde que todos os organismos dependem do meio ambiente para sua existência e constituem neles mesmos ambientes que influenciam os outros organismos próximos. A analogia gastronômica considera o significado cultural ligado ao termo "gosto". Originariamente significando uma sensação excitante em certos órgãos da boca, ela foi metaforicamente adotada nos séculos XVII e XVIII como um termo para o que hoje chamamos estética. COLLINS (1965) p.166.

³⁹¹ Idem, p.167.

marítimos da época. Como um defensor da analogia mecânica, ele usou, equivocadamente, exemplos da história da arquitetura sem compreender que seu raciocínio só seria válido quando estivessem envolvidos novos materiais e novas funções, pois os materiais e sistemas construtivos de seu tempo e a inexistência de novas demandas funcionais inviabilizavam suas aspirações.³⁹²

Através desta abordagem funcionalista, Corbusier pretendeu reconciliar a noção da arquitetura como uma arte e como uma ciência. Seus argumentos são, entretanto, de alguma forma, contraditórios.³⁹³ Enquanto ele afirma que a estética do engenheiro (o engenheiro, inspirado pelas leis da economia, alcança a harmonia) e a estética do arquiteto (que produz a verdadeira beleza) são duas coisas diferentes, enfatizando, em muitas passagens, a qualidade escultural da arte do arquiteto, ele também afirma que arquitetura pode ser encontrada tanto no Partenon quanto no telefone. Talvez a resposta seja filosófica. De fato, quando ele argumenta que o arquiteto, através do arranjo das formas, realiza uma ordem que é a mais pura criação do espírito e que o engenheiro, no seu processo de projetar uma máquina faz o mesmo - uma idéia que permeia sua literatura - Corbusier está ligado à tradição hegeliana das realizações humanas como objetificação do espírito absoluto, momento em que a reconciliação se estabelece.³⁹⁴

Em relação à arquitetura doméstica, o funcionamento coroado de sucesso da estética modernista foi estendido da casa para todos os produtos projetados. Nas palavras de Gropius:

“Na convicção de que os acabamentos e os objetos domésticos devem ser racionalmente relacionados, um com o outro, a Bauhaus está procurando, através de pesquisa sistemática, prática e teórica - nos campos formal, técnico e econômico - derivar o projeto de um objeto a partir de suas funções e relações naturais.”³⁹⁵

De modo semelhante, de acordo com Le Corbusier, todos os objetos devem ser projetados para que se trabalhe com eficácia e se as coisas forem planejadas dessa maneira elas naturalmente tendem a ser belas. Para muitos, este é o núcleo da idéia modernista, de que a forma deveria seguir a função, pois, assim procedendo, a beleza seria alcançada.

Por outro lado essa beleza deveria ser alcançada através de uma composição abstrata, uma linguagem estética que fortalecia a realização de um dos mais caros princípios da

³⁹² Idem p.165. Note-se que a referência aos meios de transporte terrestres e marítimos vai ser reapropriada por Le Corbusier e Mosei Ginzburg os quais vão adicionar os aviões em *Por uma Arquitetura* (1923) e *Estilo e Época* (1924) respectivamente.

³⁹³ O caráter polêmico dos escritos de Corbusier é conhecido, não somente quanto ao funcionalismo, como também ao racionalismo. A despeito de sua celebração da precisão racional e da claridade cartesiana, na prática ele confundia essas categorias, as quais ele próprio tentou com afincado estabelecer. In KOTTER (1980).

³⁹⁴ Para maiores informações ver ARAUJO (1997). Essa idéia está desenvolvida neste artigo.

³⁹⁵ GROPIUS (1970) p.36. Neste sentido Anatole Kopp diz que o *boom* econômico, entre 1926 e 1930, deu à Bauhaus a oportunidade de assumir um lugar importante para as indústrias interessadas no problema habitacional. KOPP (1990).

arquitetura moderna: a universalidade. A abstração geométrica foi adotada como contendo as imutáveis verdades da matemática e fontes antigas eram utilizadas para legitimar as escolhas formais.³⁹⁶ Nesta direção, Le Corbusier citava diversos exemplos da arquitetura clássica greco-romana em “Por uma Arquitetura”.

Para ter acesso ao contexto no qual esses discursos tiveram lugar e referenciá-lo ao nosso objeto neste capítulo, a produção sobre a arquitetura residencial modernista entre guerras na Europa, é necessário descrever suas principais fontes, os movimentos políticos, inclusive os feministas os quais incluíram a luta pelos direitos da mulher, entre a última década do século XIX e 1918, anos que antecederam a tomada de poder pela social-democracia na Alemanha.

4.3.3 Dois registros da discussão modernista: classe e gênero

Modernismo como causa: questão de classe

Foi na Alemanha, durante o período da República de Weimar - cuja constituição declarou a igualdade de homens e mulheres e garantiu o direito de voto para as últimas -, que a arquitetura modernista desenvolveu suas expressões mais fortes em realizações práticas e onde os resultados quantitativos foram também significantes.

Esses resultados, entretanto, se responderam, de alguma forma, às aspirações da classe operária, como veremos a seguir, significou um retraimento quanto aos ganhos em geral obtidos pelas feministas, mesmo considerando o papel de destaque que as mulheres desempenharam na construção da nova arquitetura.

Essa arquitetura, que pretendia apresentar soluções para problemas que tinham sido trazidos pela Revolução Industrial e depois pela Primeira Guerra Mundial, como dito anteriormente, foi denominada *Neues Bauen*. A *Neues Bauen* estava principalmente perseguindo a possibilidade de produzir industrialmente objetos de qualidade artística que pudessem atingir as massas.³⁹⁷ Segmentos de baixa renda da sociedade, assim, tornaram-se clientes desta nova arquitetura e, conseqüentemente, os arquitetos viram-se investidos com uma nova missão que poderia mudar completamente seu papel na sociedade.³⁹⁸

Hannes Meyer, sucessor de Walter Gropius na Bauhaus, como também Bruno Taut e o próprio Gropius, enfatizaram a importância do desenho da habitação na arquitetura, uma importância que não era considerada pelos arquitetos tradicionais, os quais estavam preocupados particularmente com o projeto de edifícios excepcionais.

³⁹⁶ LE CORBUSIER (1946) p 203.

³⁹⁷ KOPP (1990) p.26.

³⁹⁸ Idem p. 46, 47.

Na opinião de Kopp, cujo argumento principal é que o modernismo foi uma causa e não um estilo, a importância da *Neues Bauen* não foi apenas a questão de “para quem construir”, mas também “quem constrói”, isto é, os trabalhadores, as massas de trabalhadores que extraem as matérias primas, que as transformam dentro das fábricas, que criam os meios de transporte e que constroem os próprios edifícios. A arquitetura, por outro lado, não era mais a arte de construir, mas a ciência da construção, enquanto o arquiteto, neste contexto, era o organizador da ciência da construção. O objetivo desta ciência era o melhoramento das condições de vida das massas e, para alguns arquitetos, a transformação da sociedade.³⁹⁹

A introdução, por Meyer, do ensino das ciências sociais na Bauhaus - como também do desenvolvimento de um programa de pesquisa onde as necessidades dos usuários eram consideradas e a colaboração dos sindicatos e partidos políticos era estimulada - mostrou o compromisso que os arquitetos tinham com aqueles para os quais eles projetavam, no sentido de responder-lhes tanto no aspecto funcional-programático quanto no de proporcionar-lhes conforto e bem estar.⁴⁰⁰

As forças e elementos que permitiram esse quadro de possibilidades em direção a uma política nacional de habitação, têm também de ser explicitados. Os Movimentos Sociais na Alemanha, em contraste com os outros países europeus, eram mais politizados e, segundo Bauer, o papel histórico da Municipalidade fez, de cada um, um acionista na cidade, de forma que as condições eram favoráveis quando chegou o tempo de assumir responsabilidades. Desde os meados do século XIX, a distinção de classes tinha se acentuado e o partido dos trabalhadores era forte, alcançando um terço dos votos em 1912.⁴⁰¹

A influência sobre o desenvolvimento da habitação era respaldada por movimentos de cooperativas, sindicatos, setores profissionais e pela proteção do Estado. Em 1914, havia mil e quatrocentas cooperativas de habitação social na Alemanha, cuja intenção principal, ainda segundo Bauer, era transformar cada trabalhador em um proprietário inofensivo, ou seja, comprometido com a vida coletiva. Uma comparação entre os projetos *Co-ops* de Hannes Meyer, e a concepção de moradia burguesa, na acepção de Adolf Loos, desenvolvida mais adiante, pode explicar como, na arquitetura residencial, suas ideologias e interpretações da arquitetura moderna se chocavam.

³⁹⁹ Aqui Kopp se refere a Hannes Meyer, Ernst May, Mart Stam e Bruno Taut, os quais tiveram importância crucial nos Congressos do CIAM. Para detalhes ver ARAUJO (1997) p.70 a 78.

⁴⁰⁰ Idem p.50. É interessante notar que Hitchcock e Johnson, em *The International Style* (1932), enquanto resumem os princípios que subjazem na arquitetura moderna em i) volume (em lugar da massa); ii) regularidade (substituindo a simetria axial) e iii) ausência de ornamento, rejeitam a “ditadura” da função, considerando Meyer, o “*arquidemônio do funcionalismo*”, porque ele introduziu a construção do diagrama de circulação e luz do sol para mostrar os fatores que determinam a planta. In ANDERSON (1987).

⁴⁰¹ BAUER (1935).

O planejamento urbano também estava se desenvolvendo desde a virada do século e os planos de desenvolvimento e regulamentos se estabelecendo (tais como zoneamento, gabaritos e controle de uso do solo), embora revisados mais tarde. A habitação era, até então, localizada em altos conjuntos superlotados - os Conselhos pagavam a especialistas de forma que as cidades eram gerenciadas como negócios privados. Posteriormente esses conjuntos tornaram-se alvo de crítica ferrenha, particularmente quando os alemães - viajando pela Inglaterra - encontraram aquelas pessoas “vivendo em casas localizadas em ruas arborizadas, diante de cursos d’água, para o desfrute e o lazer”.⁴⁰²

A criação de um “Conselho de Intelectuais”, um ano depois da proclamação da República de Weimar, dirigiu as ações que deveriam ser levadas a cabo no domínio da literatura e da arte.

A arte deveria ser orientada para o povo e sua função direcionada para a transformação do mundo. Em março de 1919, Walter Gropius, em conjunto com outros arquitetos, - os quais viriam a ser os principais agentes da renovação da arquitetura alemã - assinaram um programa de “*Arbeitsrat für Kunst*” (Conselho de Trabalhadores da Arte), onde se comprometeram constituir espaços experimentais permanentes na Bauhaus para a realização dos novos conceitos arquitetônicos. Gropius defendeu então a unidade de todas as artes criativas sob a primazia da arquitetura e a reconsideração dos ofícios artesanais por parte dos artistas. Daí, os principais princípios da Bauhaus para o *design*, a arte e a arquitetura foram lançados e foi firmemente estabelecida a idéia de que a arquitetura tinha um papel enquanto instrumento para a emancipação social. A este respeito escreve Kopp:

“Não era como um ideal comunitário, prefigurando uma espécie de sociedade futura que a Bauhaus contribuiu para fazer do ‘moderno’ não um estilo, mas uma causa: foi o papel piloto na elaboração de uma nova arquitetura e especificamente com tudo que estivesse relacionado ao equipamento das habitações”.⁴⁰³

E ele continua listando os novos cursos promovidos pela Bauhaus, principalmente sob a direção de Meyer, como o de ciências humanas, particularmente valorizando o uso da metodologia sociológica, com seu trabalho de campo, pesquisando entre os usuários, seus estudos de cidades e bairros, seus contatos com os representantes dos sindicatos.⁴⁰⁴

⁴⁰² Idem p. 98, 99.

⁴⁰³ Na ênfase da relação entre as questões de arquitetura com tudo que estivesse relacionado ao equipamento das habitações Kopp não incluiu, como veremos, as reivindicações e expectativas dos movimentos feministas.

⁴⁰⁴ KOPP (1990), p. 65. H. Meyer foi demitido da Bauhaus devido à sua orientação política, de acordo com Kopp. Ele sugere que a ausência dos estudantes na Bauhaus facilitou a substituição de Meyer por Mies Van der Rohe, cujas preocupações não estavam ligadas aos problemas sociais e aos métodos que aproximaram o ensino aos problemas reais e sim concentrados em problemas formais e técnicos. Esta mudança nos princípios da Bauhaus e, mais tarde, a migração dos seus participantes para

Entre os espaços experimentais para a realização de conceitos arquitetônicos estavam aqueles desenvolvidos pelo próprio Meyer, nos projetos por ele designados de *CO-OPs*, compreendendo textos, as artes em geral e a arquitetura. A análise dos mesmos por Hays reforça o ideário que caracterizava a posição de Meyer e seu trabalho, onde a questão que mais sobressaía era o interesse pelo coletivo, isto é, a subordinação do que era privado pelo que era público. Nas diversas vitrines *Co-op*, por exemplo, Hays destaca a precisão com que Meyer expôs não só os produtos mas como - através da sua disposição - apresentou a própria produção, fortalecendo a idéia da produção em massa acessível para todos (Fig. 5).⁴⁰⁵

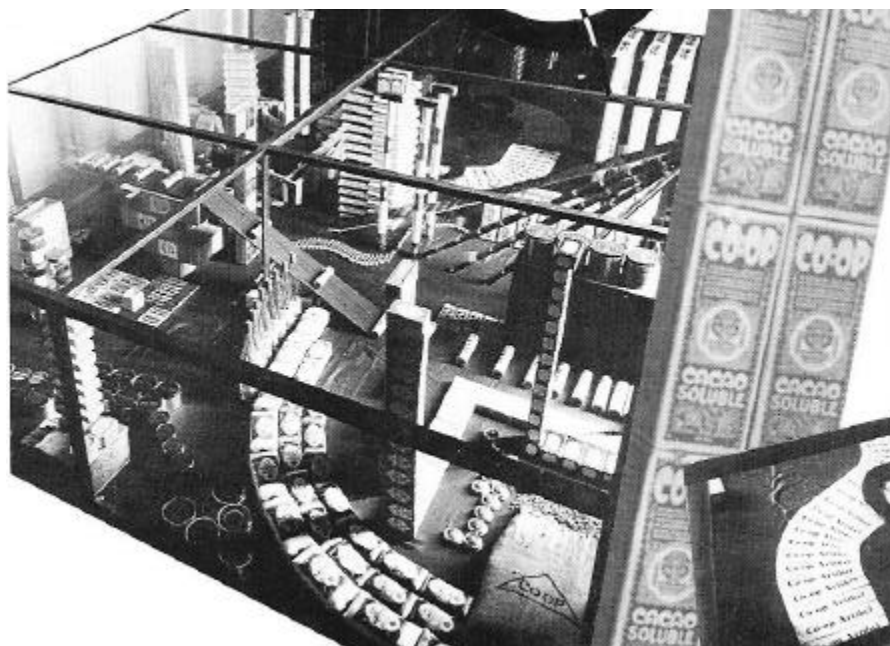


Fig. 5 - Uma das diversas vitrines *Co-op* da autoria de Hannes Meyer nos anos 20.
Fonte: Hays (1992).

Em relação à habitação, Hays vai contrapor o interior *Co-op* - com mobiliário simples, de linhas retas, e reduzido à sua função utilitária - ao interior burguês loosiano, identificando neste último aquela ênfase nos valores do individualismo e na sacração da vida privada. O ideário modernista de Adolf Loos estaria, assim, em completa contraposição ao abraço de Meyer às preocupações com o coletivo e o interesse nas soluções arquitetônicas para a habitação social.

A análise crítica de Hays é uma visão mais ampla da arquitetura moderna, enquanto produto da doutrina humanista de construção burguesa, desde o século XV, portanto representativa dos valores capitalistas que sempre sustentou e defendeu. Uma vez que entre esses valores, em relação à vida privada, está a defesa do espaço doméstico como esfera da

os Estados Unidos, ajudaram na transformação da arquitetura de uma causa em um estilo. Contudo, seria difícil, de qualquer forma, a manutenção da própria Escola, uma vez que não havia mais espaço para ela na Alemanha dos anos 30.

⁴⁰⁵ HAYS (1992).

mulher, sua abordagem abre novas perspectivas para o tratamento e revisão, não só das questões de classe, mas também de gênero.

A re-domesticação da mulher: questão de gênero

Se houve um grande êxito em relação à realização concreta de programas habitacionais para as classes trabalhadoras, não podemos dizer o mesmo quanto ao cumprimento dos novos direitos constitucionais obtidos, isto é, das vitórias legais alcançadas pelas mulheres. A ala das mulheres do Partido Social Democrata de Weimar, responsável por forçar a aplicação dos direitos de igualdade para homens e mulheres, se afastou do ativismo político presente nas décadas anteriores a 1918. Por outro lado, a introdução desses deveres e direitos igualitários em relação aos gêneros aconteceu em paralelo ao advento da chamada “Nova Mulher”, uma figura complexa e contraditória que, de certa forma, contribuiu para o desfecho que analisaremos aqui.⁴⁰⁶

Para Henderson foi uma combinação de fatores, representada primeiramente por uma misoginia velada - a ameaça da Nova Mulher, cuja imagem foi também moldada pelos filmes americanos,⁴⁰⁷ provocando mudanças que “destruiriam a família, e possibilitaria a ruína econômica e social da Alemanha” - e depois, pelo rápido crescimento no número de mulheres trabalhadoras, que resultou em uma política de Estado denominada ‘re-domesticação da mulher’. O acesso das mulheres nas universidades e o exercício de novas profissões ameaçavam a oferta de trabalho para os homens em uma época de desemprego. Assim, foi adotada uma política no Partido Social Democrata, sob pressão da direita, a qual mostrou-se relutante em relação aos compromissos assumidos, principalmente quando o número de empregadas domésticas decrescia, uma vez que as mesmas aspiravam disputar o mercado de trabalho com os homens.

A República de Weimar se tornou então não uma era em que as mulheres se juntaram ao mundo dos homens, mas o tempo da modernização na esfera do lar. A eliminação do árduo

⁴⁰⁶ HENDERSON (1996). Denominada *La Garçonne* (também revista francesa) desde 1922. Para Mary McLeod, em palestra na FAUFBA, a “nova mulher”, naquele momento, era então mais imagem do que fato (verdadeiros ícones: Sonia Delawe, Chanel, Josephine Baker, Kiri) não sendo, portanto, conhecidas do grande público.

⁴⁰⁷ *La Garçonne* é apresentada como bem educada, economicamente independente, vai a *boites*, fuma, tem opiniões sobre educação, casamento e maternidade o que hoje sendo natural, gerava então interesse e controvérsia. Se para as mulheres jovens era vista positivamente, para outros representava o medo profundo da masculinização da mulher e seu abandono do lar. Já para a russa, de origem burguesa, Alexandra Kollontai, pré-revolucionária no final do século XIX, e participante ativa da revolução de 1917, a nova mulher, “*que os escritores contemporâneos não enxergam, está aí, ela existe (...) varia de um país para outro, que o fato de pertencer a esta ou àquela camada social dá-lhes sinais particulares (...) distintas das mulheres do passado (...) têm suas próprias exigências diante da vida, um tipo que afirma sua personalidade, que protesta contra a múltipla submissão da mulher, diante do Estado, da família, da sociedade, que luta por seus direitos e representa seu sexo. De operárias à cientistas, de pesquisadoras nos laboratório à escritoras (...) essas figuras se parecem pouco com as heroínas do passado*”. Kollontai atribuía este perfil da nova mulher à mulher celibatária. In KOLLONTAI (1982) p. 56,57. Interessante que a tradução francesa, de 1977, de seu livro, observa que esta mulher, na literatura soviética de então, é quase sempre casada.

trabalho doméstico se tornou a solução estratégica e a promessa da “reforma doméstica” trazia as características de uma profissionalização.⁴⁰⁸ As imobiliárias e a ala liberal do movimento das mulheres forjaram então um ideal de casa: o lugar do trabalho profissional da mulher. Ela seria realizada através de desenho simplificado, da introdução de eletrodomésticos e da adoção do gerenciamento científico⁴⁰⁹, numa taylorização explícita que então se operava na indústria moderna. Os dogmas de eficiência se desdobraram em estudos dos movimentos físicos dentro da casa que confirmavam a eficácia do trabalho. As ilustrações abaixo - a primeira de Alexander Klein, arquiteto e planejador trabalhando em Berlim, mostra um dos diagramas especiais estudados por ele para o *German Reichsforschungsgesellschaft* (Sociedade de Pesquisa e Habitação Nacional), bastante divulgado, intitulado “Habitação Funcional para uma Vida sem Fricção”, onde podem ser comparados o bom e o mau exemplo (Fig. 6) - e a segunda, as capas dos livros de Christine Frederick (*The Thinking Housewife* - 1928) e Erna Meyer (*Das Neue Hausbalt*), imagens convincentes de que a modernização do lar, dizia respeito, definitivamente, à mulher e ao seu reino (Fig. 7). Projetistas e reformadores remoldavam, assim, o espaço privado: aumento na produtividade e o esforço economizado pela mulher resultariam em um lar estável, um marido gratificado e crianças saudáveis.

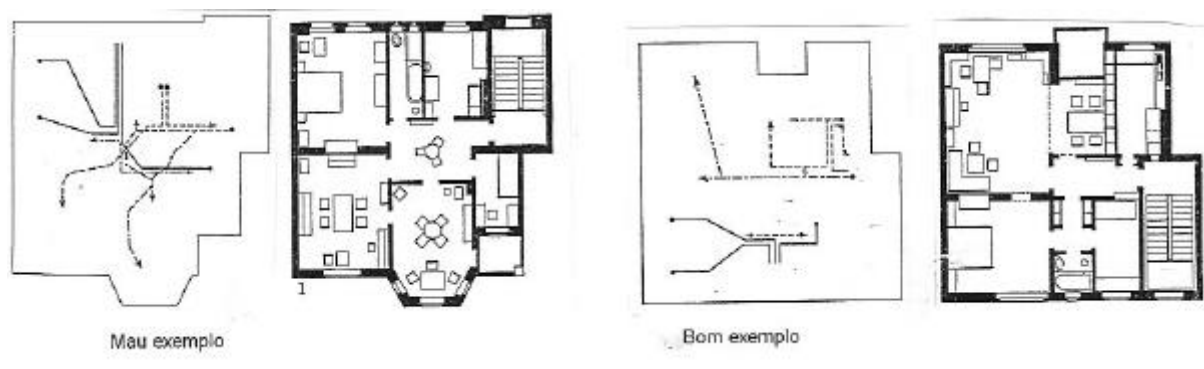


Fig. 6 - Diagramas de Alexander Klein divulgados em “Habitação Funcional para uma Vida sem Fricção”.

Fonte: Bauer (1935).

⁴⁰⁸ Um equivalente da profissão masculina, o trabalho doméstico era diferenciado do trabalho nas fábricas pois era ‘simplesmente trabalho’.

⁴⁰⁹ Em 1922 foi traduzido para o alemão o livro de Christine Frederick *Scientific Management in the Home*, publicado em 1915, apenas quatro anos depois de *The Principles of Scientific Management* de E. W. Taylor. Um grupo de projetistas industriais imediatamente transformou o livro de Frederick em um manifesto e vários trabalhos foram publicados sob sua influência, a exemplo de “*A Nova Casa: a mulher como criadora*”, autoria de Bruno Taut. O de Erna Meier (“*A Construção da Nova Casa*”), alcança 29 edições, verdadeiro *best-seller* (Informações dadas por Mary McLeod, em palestra na FAUFBA).



Fig. 7 - Capas das primeiras edições dos livros de Christine Friederick e Erna Meyer (1928)
Fonte: Henderson (1996).

A coalizão das organizações em que participavam as mulheres representantes da ideologia burguesa⁴¹⁰ cresceu exponencialmente, na onda do sentimento patriótico e da reação conservadora que se seguiu à Primeira Guerra Mundial. Por outro lado, a colaboração do Estado com a União Federal das Associações de Donas de Casa (RDH), resultou em uma nova política de educação federal: uma reforma curricular instituiu a economia doméstica como uma disciplina compulsória para as meninas, medida que depois foi exportada para outros países⁴¹¹, incluindo o Brasil. As possibilidades, para as mulheres, de seguirem profissões que não fossem ligadas ao serviço social foram, por outro lado, bastante reduzidas.

As atuações de Maria Elza Ludens (propagandista da aliança com o Estado e conselheira junto aos projetistas e aos industriais), e de Erna Meyer (especialista nos novos equipamentos e incentivadora da colaboração entre arquitetos e donas de casa em defesa de produtos de qualidade) ajudavam a redefinir e reforçar a idéia do espaço doméstico como o reino da mulher.

⁴¹⁰ O Clube de Mulheres da Alemanha (BDF) era constituído, nos anos 20, de cerca de seis mil grupos e mais de um milhão de membros. A BDF, enquanto a mais influente organização de mulheres, foi a associação que defendeu a bandeira de Christine Friederick em uma aliança com os profissionais da burocracia estatal. HENDERSON (1996).

⁴¹¹ Na França, a disciplina, também compulsória, merece uma atenção especial de Le Corbusier. Sob o título “Treinamento Doméstico na Escola Primária”, de 1933, o arquiteto defende que “*um conjunto de verdades elementares poderiam constituir uma base eficiente de treinamento doméstico; por exemplo: economia doméstica, as relações nas quais vários elementos da casa acontecem e sua harmonia, os princípios que estabelecem a função dos móveis; a base da limpeza e sua função moral...*” (LE CORBUSIER, 1967). O texto se refere a “clientes”, sem especificar o gênero, porém está implícito que ele se refere ao treinamento das mulheres o qual, para ele, deveria começar mais cedo (no curso primário) e não posteriormente como oficialmente acontecia.

“Suas atividades apoiavam a noção de que a transformação do espaço da mulher estava sendo forjada através de um processo participativo - que mulheres trabalhando junto com profissionais, o Estado e a indústria estavam, elas próprias, criando um mundo que lhes era adequado, tendo como base seu conhecimento experimental pessoal, e que esse processo era para as mulheres a realização do contrato social igualitário de Weimar”.⁴¹²

A realização dessas ações modernizadoras foi possível pelo advento da racionalização. Em 1920, nos prospectos das casas produzidas em massa, acima referidos, utensílios domésticos e mobiliário acenavam aos membros de um público masculino perplexo, diante da reconfiguração da cultura doméstica e da esfera da vida privada. Em 1924, Bruno Taut, em seu livro “A nova Habitação. A mulher como criadora”, sugere que a mulher deveria deixar todos os penduricalhos da casa e se dedicar a expressar seu gosto através do arranjo de móveis, têxteis e objetos.⁴¹³ Mas ‘jogando fora todos os penduricalhos’, diz Haselsteiner, não foi a mulher que se libertou e sim a casa. Para a mulher veio o trabalho da limpeza constante e sem fim, para garantir as formas claras e limpas da estética funcional.⁴¹⁴

Foi no culto da racionalização e da tecnologia que o modelo modernista assegurou o progresso em andamento. E na colaboração entre cientistas domésticas⁴¹⁵ e profissionais arquitetos estava a presunção de que o melhor propósito da especialização administrativa e técnica era apoiar o modelo existente da família e o papel da mulher dentro dele.⁴¹⁶

O resultado mais famoso desta colaboração foi a Cozinha de Frankfurt, desenhada por Grete Schutte-Lihotzky, a única arquiteta na equipe de Ernst May na Prefeitura de Frankfurt.

Lihotzky se responsabilizou pelo setor de Normas, Especificações e Racionalização do uso da casa, no setor de Habitação e dentro do ideário *Existenzminimum* criado por Ernst May, projetou a famosa cozinha. Por razões de economia, a opção não contemplou uma copa-cozinha com sala de estar separada, o modelo até então mais adotado, mas por uma cozinha dirigida só para o trabalho e uma sala para refeições ao lado (Fig. 8).

⁴¹² HENDERSON (1996) p.229

⁴¹³ HASELSTEINER (2001) p.132 a 139.

⁴¹⁴ Idem p.132

⁴¹⁵ Essas são denominadas “engenheiras do lar” por RYBCGYNSKI (1993). O autor desenvolve no capítulo 7, intitulado “La eficiência”, uma história das tecnologias domésticas e das transformações que a eletricidade trouxe para as mesmas, defendendo que a mecanização da casa, muito mais que possibilitar a economia de tempo - como normalmente se argumenta - poupou o esforço físico, permitindo que as tarefas domésticas se realizassem com mais comodidade. Embora o livro tenha, como um todo, o grande mérito de informar sobre conteúdos esquecidos pela historiografia, a abordagem - se ressentida da contribuição da literatura crítica feminista dos últimos vinte anos, considerando ser um livro recente.

⁴¹⁶ Colaborações entre o RDH (União Federal das Associações de Donas de Casa) e órgãos do governo como o setor de pesquisa do Estado “Organização de Pesquisa do Reich” (RfG) resultaram em uma publicação, em junho/1928, intitulada *A cozinha das casas das classes média e operária*, com projetos diversos, detalhando equipamentos inspirados no trabalho de Frederick e artigos apologeticos em relação à cozinha moderna e sua ligação com a moralidade cristã. HENDERSON (1996) p.228. Campanhas pró-natalidade, devido a diminuição de bebês, proíbe a contracepção e entre, 1920 e 1923, os médicos e mulheres recebem punições severas para casos de abortos, enquanto famílias numerosas - através de propaganda massiva - recebem prêmios. Informações dadas (ilustradas com cartazes da época) por MaryMcLeod, em palestra na FAUFBA..

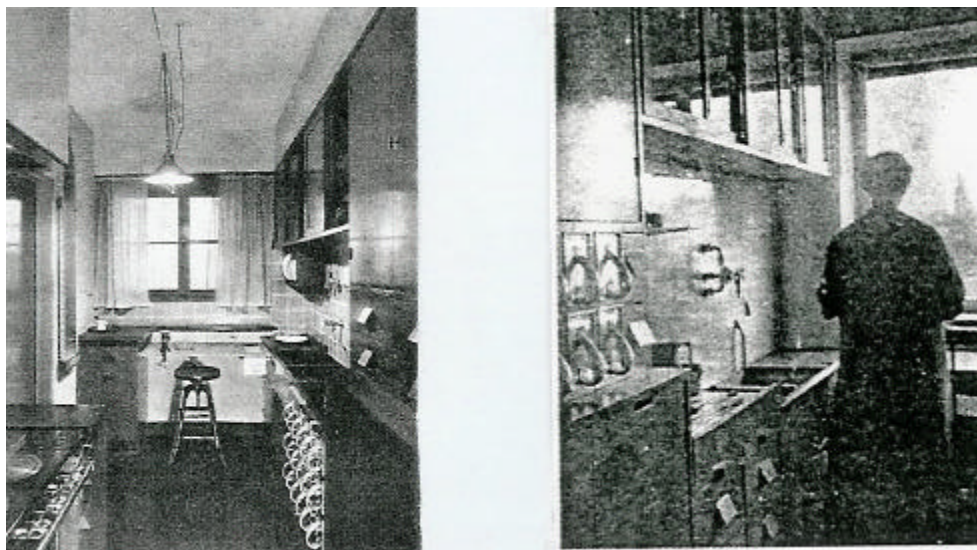


Fig. 8 - Duas vistas da cozinha de Frankfurt da autoria de Grete Schutte-Lihotzky.
Fonte: Frampton (1996) e Henderson (1996)

Projetada como um laboratório, com dispositivos engenhosos de armazenamento, que requeria um número menor de passos e um cronômetro que media o tempo das tarefas, todos os móveis e aparelhos foram construídos e embutidos, uma vez que os existentes não se adequavam ao espaço funcional. Entre 1926 e 1930 foram entregues 10.000 das cozinhas de Frankfurt para as unidades habitacionais construídas na cidade: um projeto, sem dúvida, vitorioso.⁴¹⁷ Contudo, para Haselsteiner, se a cozinha de Frankfurt representou um alívio para o trabalho doméstico e é até hoje a base para as cozinhas embutidas, ela também reforçou a tendência que isolou a mulher naquele espaço (lembrando que, na Europa, na ausência de empregadas, são as donas de casa que executam as tarefas domésticas).

Para Henderson, uma outra razão concorreu para o sucesso e poder do projeto de Lihotzky entre as demais propostas. Ele foi o único que transformou a cozinha em um produto de consumo: um módulo montado na fábrica que era levado para o sítio, suspenso por um guindaste e colocado no devido lugar.

Como resultado desta conceitualização, estabeleceu-se uma progressiva transformação de um item da cultura doméstica em mercadoria - expandindo o interesse do mercado no domínio privado. O projeto dependia da colaboração da indústria e da consulta a clientes: as mulheres da classe média, pertencentes às organizações de donas de casa.⁴¹⁸ May e Lihotzky,

⁴¹⁷ Foram 15.000 as unidades habitacionais construídas sob a direção de Ernst May em Frankfurt. Além das diferentes versões da cozinha de Lihotzky - incluindo duas maiores para casas de famílias de classe média, com uma ou duas empregadas domésticas - outros projetos, como os de Franz Shuster e Anton Brenner e da Cozinha de Weissenhoff (1927) de J.J. Oud e Erna Meyer, foram produzidas industrialmente.

⁴¹⁸ Clubes locais de mulheres desenvolveram com Lihotzky uma exposição didática, intitulada "A Casa Moderna" - acompanhada de palestras diversas - com projetos de casas enfatizando os móveis práticos e baratos e as vantagens do gás e da eletricidade para um lar limpo, higiênico e eficiente. Foi nesta exposição que a Cozinha de Frankfurt primeiramente obteve reconhecimento internacional. Em 1928, a França comprou 200.000 módulos para seu programa habitacional e no ano

ambos socialistas, consideravam esse um modelo ideal da relação de trabalho entre a estrutura corporativa e o estado de bem estar social. Porém o resultado desta relação, conforme Henderson, foi que o patriarcado privado - representado pela família - foi gradualmente cedido ao patriarcado público - dominado pela indústria e pelo governo. Em Frankfurt e Berlim, esclarece a autora com precisão, as linhas entre o privado e o público eram indistintas, e acrescenta: “Na verdade, a natureza heróica do modernismo dependia de tal abrangência, uma visão universal que anulava as diferenças sociais e de gênero”.⁴¹⁹

Os movimentos feministas da época não dispunham ainda de argumentos teórico-críticos que concentrassem força suficiente para demonstrar que a eleição de conceitos fora da realidade concreta, traço herdado da filosofia clássica - como “homem universal”, “usuário”, “classe social”, “beneficiário” - não dava conta daquela realidade, não sensibilizando assim uma cultura que, baseada na submissão da mulher ao seu papel no interior do lar, entendia esse papel como “natural”.

Assim, comparado com as expectativas dos movimentos feministas das primeiras décadas do século XX, o resultado da ação socialista no governo de Weimar muito deixou a desejar. Para Henderson, a própria Lihotzky via seu trabalho como parte de um empreendimento socialista mais amplo, independente de qualquer noção de militância política feminista. Sua preocupação era com a mulher que trabalhava fora de casa, e não com a dona de casa: ‘Eu própria nunca me preocupei em cozinhar em minha vida’, declarou ela. Sua pesquisa sobre a mulher que trabalhava fora de casa, não tendo nada com o movimento feminista, em suas próprias palavras, reflete como uma profissional agia em uma era de opções limitadas: ou enfrentar a cultura patriarcal como uma Nova Mulher - o caso da Lihotzky - ou aceitá-la, como uma ajudante, usufruindo daí algumas vantagens - como fizeram as mulheres do RDH. O ideal de Lihotzky foi a rejeição do confinamento da mulher no lar em favor da sua participação no mundo público do trabalho masculino mas, para a maioria das mulheres alemãs (e do mundo...), mesmo apoiadas pela eficiência doméstica, não havia tal escolha.

Por outro lado, parece que a equação “cortesã ou dona de casa” estava sendo desafiada. Embora a mulher trabalhadora dos anos 20 fosse criticada pelos conservadores, outro tipo de dona de casa - moderna - que usa saia curta, é econômica, cultiva esportes e

seguinte um versão sueca foi produzida, depois do sucesso da exposição de Weimar, em Estocolmo. Na Exposição Werkbund, de 1927, em Stuttgart, foi a vez de Erna Meyer atuar como responsável pela sessão “Assentamento e Habitação”, onde expôs duas cozinhas desenhadas por ela e frequentemente reproduzidas em Weimar - uma em colaboração com J.J. Oud, cujos créditos, o mais das vezes, omitem o nome de Erna. HENDERSON (1996).

⁴¹⁹ HENDERSON (1996). Esta é a idéia da existência de um “homem tipo”, o sujeito universal que o pensamento contemporâneo está questionando.

dirige carro, vai se distanciando do papel de “anjo do lar”. E o equilíbrio da sociedade vai depender desta revisão de valores, no sentido de diluir a dicotomia numa visão que pudesse unificar a mulher moderna e a mulher do lar. Para McLeod, este será o esforço, de Le Corbusier, que na sua trajetória sofre uma espécie de “americanização” - a partir de seu contato com as idéias de Christine Friederick e com o movimento de reforma doméstica em geral - desenvolvendo nos seus textos a defesa da produção de serviços coletivos e a independência da mulher.⁴²⁰

Entretanto, no tratamento de projetos residenciais para alguns clientes especiais, Le Corbusier e outros arquitetos vão ocupar um espaço importante na redefinição do papel da família e na idéia de domesticidade então em voga. Alguns desses projetos, cuja originalidade implica em programas inovadores, solicitados principalmente por mulheres e intelectuais amantes da arte, serão analisados em seguida. Mas, antes, algumas palavras sobre o CIAM (Congresso Internacional de Arquitetura Moderna).

4.3.4 Os CIAMs

A bibliografia mais recente sobre as contradições entre os participantes dos diversos movimentos modernos e particularmente sobre os CIAMs é ampla, porém, como observa Marques, se analisarmos a arquitetura como obra construída e não como debate de idéias, a produção moderna não se limitou a clientes abastados, sendo possível reconhecer inúmeras realizações no campo social, independentemente das ideologias pessoais de seus protagonistas.⁴²¹

Contudo, se na Alemanha a nova arquitetura era aplicada principalmente em programas amplos de habitação, particularmente na periferia das cidades maiores, na França ela significou um caminho para as pessoas mais ricas confirmarem sua originalidade.⁴²² Segundo Kopp, para alargar o pequeno círculo no qual a arquitetura moderna estava confinada na França, tornou-se necessária a procura de aliados, cuja experiência arquitetônica provara servir a alguma coisa mais do que agradar a snobs afortunados nas suas exigências.⁴²³

Como a conhecida Exposição em Weissenhof, Stuttgart, não funcionou, segundo as expectativas, isto é, em direção a uma tomada de posição consensual entre os arquitetos - defensores de uma arquitetura que respondesse aos desafios colocados pela

⁴²⁰ Para McLeod a visão utópica de Le Corbusier sobre o uso do lazer feminino vai se distanciar tanto da nova mulher, quanto da dona de casa tradicional. A independência da mulher, para Corbusier, é centrada na casa: moderna e do lar. Mas para a autora, dois itens, criança e classe, essenciais nas relações domésticas, nunca foram considerados nos textos, cartas (troçadas com suas clientes) nem na apresentação de seus projetos, ausências que complicam seu sonho. Observações feitas por McLeod em palestra na FAUFBA.

⁴²¹ MARQUES (1999).

⁴²² KOPP (1990).

⁴²³ Idem, p.47.

contemporaneidade -, uma nova aliança com os representantes dos “modernos” (cuja mensagem foi aceita nos círculos políticos e populares de seus respectivos países) foi planejada. Convocou-se então um encontro no Castelo de la Serraz, no Cantão de Vaux, na Suíça, para 26 a 28 de Junho de 1928. O CIAM foi assim criado, como um lugar onde os arquitetos participantes se comprometeriam a buscar uma nova arquitetura, cujos trabalhos “pudessem expressar o ‘espírito do tempo’, (...) cujo reconhecimento das profundas transformações da estrutura social trazidas pela mecanização implicavam na transformação do fato arquitetônico” e “(...) cujo objetivo era recolocar a arquitetura no seu verdadeiro lugar, isto é, no plano social e econômico”. Essas são partes da Declaração Final de La Serraz (1928), onde os participantes também se comprometeram no sentido de realizar, moral e materialmente, suas aspirações a nível internacional. A conclusão final desse encontro e de outros que lhe seguiram teve como principal produto a Carta de Atenas, redigida pelo arquiteto que se consagrou como principal líder do grupo a partir de 1933, Le Corbusier.⁴²⁴

A base teórica para essas aspirações certamente que contava com o pensamento progressista, se não radical, de alguns dos protagonistas desses eventos. Investigando sobre a sensibilidade aos preceitos da *avant-garde* demonstrado por Sigfrid Giedion, em sua obra *Bauen in Frankreich, Bauen in Esen, Bauen in Eisenbeton*, publicada em 1928⁴²⁵, por exemplo, Heynen⁴²⁶ defende uma diferenciação maior entre os significados de *avant-garde* e modernismo, diferenciação que pode elucidar algumas divergências importantes dentro do Movimento Moderno e, em especial, nas mudanças de rumo dentro dos próprios congressos do CIAM.⁴²⁷

Heynen argumenta que o termo chave utilizado por Giedion em *Frankreich...* para descrever as qualidades da nova arquitetura é “interpenetração” (*Durhdringung*).

⁴²⁴ O congresso de 1933, teria apresentado como principal característica - segundo a crítica historiográfica mais recente - a oposição de Le Corbusier, a principal figura dos CIAMs, aos esquerdistas alemães (particularmente Hannes Meyer, Ernst May, Mart Stan e Schmidt). Seu resultado porém foi uma visão achatada e equilibrada da experiência, destituída de contradições CIUCCI (1991) Uma bibliografia nacional, atualizada, sobre os CIAMs, particularmente sobre a Carta de Atenas e as dissidências dos CIAMs, incluem os livros de SAMPAIO (2002) e de BARONE (2002).

⁴²⁵ Traduzido para o inglês apenas em 1995 (*Building in France, building in iron, building in ferro-concreto*, 1995) e para o francês mais recentemente ainda, em 1998 (*Construire em France, construire em ferre, construire em beton*) esta obra tem permitido novas interpretações sobre a construção do movimento moderno e mais especificamente sobre a participação de Giedion na mesma, uma vez que ele é sempre julgado por sua obra mais conhecida *Espaço, Tempo e Arquitetura* a qual foi escrita muito mais tarde, em 1944.

⁴²⁶ HEYNEN (1999).

⁴²⁷ A *avant-garde* foi um fenômeno de ruptura mais radical que almejava uma total unificação entre arte e vida e que resistiu à divisão entre arte erudita e cultura de massa distinguindo-se teoricamente do modernismo o qual era um movimento mais calmo e menos revolucionário de renovação estética. Também para HUYSSSEN (1996), depois que a vanguarda histórica foi liquidada ou enviada para o exílio pelo fascismo e stalinismo e seus remanescentes absorvidos pela alta cultura, ‘modernismo’ e ‘vanguarda’ se tornaram sinônimos. Argumentando que a vanguarda queria desenvolver uma relação alternativa entre alta arte e cultura de massa (diferenciada do modernismo, portanto). Huyssen, que também insiste na distinção entre as duas (denominando-a Grande Divisor) considera-a da maior importância para uma compreensão teórica e histórica do modernismo e suas conseqüências se comparada com a suposta ruptura histórica que, para muitos críticos, separa o pós-modernismo do modernismo.

Interpenetração seria uma experiência espacial quase arquetípica resultante das sensações causadas, no século XIX, por construções como a Torre Eiffel e a Ponte de Transbordo de Marselha e que Giedion a utiliza em sentido metafórico: ela é válida para desfazer modelos hierárquicos e para enfraquecer fronteiras em todos os níveis – arquitetural como também social. Desta forma, uma relação mútua é criada entre o novo conceito de espaço e a realidade social. Ambos são considerados como sendo caracterizados pela interpenetração de várias maneiras. Dessa forma a *Neues Bauen* foi deliberadamente apresentada por Giedion como estando ligada ao desenvolvimento social, incluindo aí a mobilidade, a emancipação e a liberação. Desenvolvendo sua idéia de arquitetura, Giedion estende os limites da mesma - incluindo ferrovias, trens, estações, ruas, os quais são experienciados e definidos como padrões de movimento e elementos de interpenetração -, localizando-a então em um domínio mais amplo, no qual a arquitetura não é particularmente formada por objetos, mas por relações espaciais em proporções que são de importância central (Fig. 9). Essas relações também atingem, entre outros, o tema da habitação pois, para ele, um objetivo da arquitetura seria a ruptura com os limites impostos sobre ela (a habitação), tanto pela tradição, como “pelo seu funcionamento como uma instituição”.

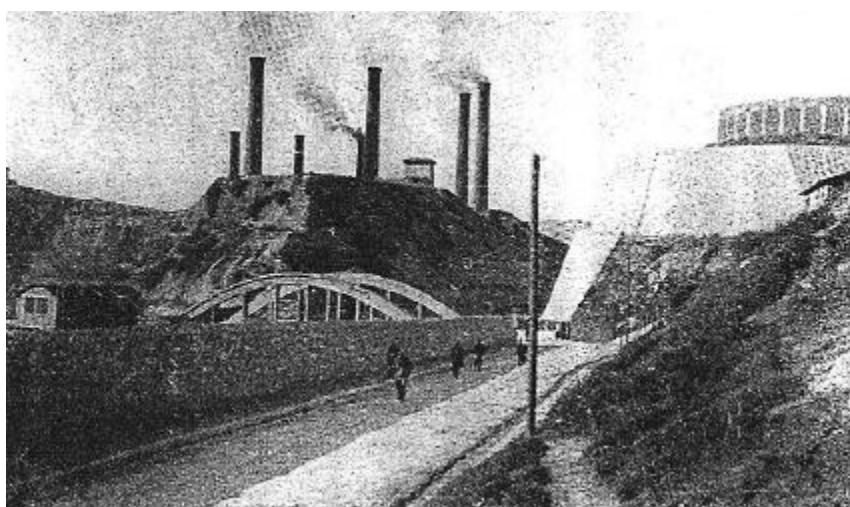


Fig. 9 - Ilustração divulgada na obra de Sigfried Giedion “*Construire em France, construire em ferre, construire em beton*” (1998).

Fonte: Heynen (1999)

Vemos aqui um Giedion que compartilha idéias mais radicais de mudança na sociedade - questionando as instituições estabelecidas, comungando idéias anti-burguesas mais associadas à Meyer - e que, de certa forma, antecipa as aspirações de uma sociedade mais aberta e dinâmica, incompatível com a vigilância e o controle que futuramente iriam ser criticados por Foucault.

Em relação à habitação, em um pequeno livro, também analisado por Heynen, Giedion se opõe, de maneira explícita, a idéias tradicionais, tal como a de que se deveria atribuir à casa um valor eterno. Ele argumenta: a casa é um valor de uso. Ela deve ser amortizada dentro de um tempo mensurável. De acordo com o teórico de arquitetura, esse objetivo é viável quando a produção for organizada em base industrial, de forma que os custos de construção e os aluguéis sejam reduzidos. A casa não deve, portanto, ser construída como uma fortaleza, mas permitir uma vida plena de luz, ser espaçosa e flexível. Deve ser aberta para refletir a mentalidade contemporânea que percebe todos os aspectos da vida como interpenetrantes. Em suas palavras:

“Hoje nós necessitamos de uma casa que corresponda em toda a sua estrutura ao nosso sentimento do corpo, uma vez que ele é influenciado e liberado através dos esportes, ginástica e um modo de vida sensual: iluminada, transparente, móvel. Conseqüentemente, essa casa aberta também significa o reflexo de nossa atual condição mental: não há mais nada separado, todos os domínios se interpenetram.”⁴²⁸

Heynen esclarece que a abertura, a iluminação e a flexibilidade estão, nesse pequeno livro, associados com outros slogans da *Neues Bauen*: racionalidade, funcionalidade, indústria, *Existenzminimum*. Para Giedion, observa Heynen, tudo isto conduz à liberação, não somente do peso da tradição, mas também dos altos aluguéis, enquanto propicia as vantagens que as mulheres terão na nova habitação, desde que as tarefas domésticas serão reduzidas ao mínimo: as mulheres serão capazes de se emancipar da sua atenção restrita a casa e à família.

Dois pontos são importantes nessas antigas idéias de Giedion que, pelo atraso na difusão, são apresentados como novos: um, é que a arquitetura não deve limitar suas preocupações com edificações de exceção, como soe acontecer freqüentemente na historiografia da arquitetura, mas desenvolver uma disciplina mais abrangente focalizada em todo o ambiente, misturada com a realidade social e com a própria vida, deixando-se contaminar com as praticidades e necessidades do cotidiano. O outro é sua atuação como teórico e crítico de arquitetura, influenciando seus contemporâneos, alguns compartilhando com suas idéias, a exemplo de Meyer, May, Gropius e Moholy-Nagy. Parece que todos estavam convencidos, naquele tempo, de que seus esforços eram orientados para a realidade social como um todo.

Dar uma atenção especial ao livro de Giedion justifica o consenso, hoje, de que ambos, o ataque e a defesa da arquitetura moderna e do seu fórum máximo, os CIAMs, operam freqüentemente na ausência de uma historiografia apropriada. Por outro lado, embora

⁴²⁸ Citado em HEYNEN (1999).

nas últimas décadas muitas críticas dirigidas à genealogia e ao desenvolvimento da arquitetura moderna questionem o que veio a ser sua manifestação hegemônica - a partir da “invenção” ou da “construção” do Modernismo⁴²⁹ - é importante observar que os trabalhos teórico-críticos omitem aspectos culturais e ideológicos importantes vinculados à própria habitação, ênfase principal do Movimento Moderno. E sobre as questões de gênero, onde esses aspectos são vitais, a contribuição dos CIAMs - como se é de esperar, diante do quadro anteriormente descrito - é muito limitada ou quase nula.⁴³⁰

4.4 ARQUITETURA RESIDENCIAL: clientes especiais e arquitetos consagrados

Um outro registro, menos por ter sido alterado, inventado ou construído pela historiografia mas por ela omitido, em um período quando as questões de gênero, como vimos anteriormente, embora aflorassem aqui e ali, não faziam parte das preocupações da cultura arquitetônica, é essencial para o nosso tema.

Aparentemente, quando se discute a mesmice das soluções espaciais do ambiente doméstico, mesmo dentro da valorização do indivíduo na cultura burguesa, assume-se a inevitabilidade da setorização espacial institucionalizada, isto é, a presença das áreas social, íntima e de serviço. Contudo, alguns arquitetos, na Europa e nos Estados Unidos, dentro do recorte temporal em que estamos trabalhando, desenvolveram projetos com soluções diferenciadas funcionalmente - a partir do questionamento de pressupostos culturais estabelecidos, e de convenções em arquitetura -, os quais apresentam qualidade formal e plástica indiscutível, até mesmo porque, alguns deles, constituem exemplos consagrados da arquitetura moderna.

Esses projetos tiveram como clientes principalmente mulheres, ligadas a profissões variadas e pertencentes a grupos familiares diferenciados, que procuraram novas soluções arquitetônicas para acomodar modos de vida não convencionais. Elas compartilhavam com alguns arquitetos modernos a convicção de que a essência da modernidade comportava uma alteração do lar - sua construção, materiais e espaços interiores.

Da mesma maneira que as feministas materiais, nos meados do século XIX, na sua preocupação em questionar o culto da domesticidade - o qual enfatizava a particular aptidão da mulher para seus deveres como esposa, mãe e administradora do lar, afastando-a de uma

⁴²⁹ Ver ANDERSON (1987), LANDAU (1991), CIUCCI (1981); SAMPAIO (1997), BARONE (2002), ARAUJO (1997), entre outros. Também entre nós, o esforço mais recente neste sentido é representado pelo trabalho, já citado, de SAMPAIO (2002).

⁴³⁰ Já no avançado período dos congressos, quando os arquitetos dissidentes do CIAM (Team X) iniciam sua contestação em relação ao urbanismo ortodoxo, podem ter surgido elementos de contribuição nesse sentido.

realização pessoal e profissional e defendendo projetos comunitários para o trabalho doméstico - algumas mulheres atentas para as teorias de reforma doméstica, quase sete décadas depois, tendo conquistado a possibilidade de sua emancipação, se interessaram em moldar conceitos que permitissem solicitar projetos de casas onde viveriam sua visão da nova vida. A redefinição da domesticidade como base dessa visão era fundamentalmente espacial e física.⁴³¹

A focalização na casa era baseada em uma experiência histórica e no reconhecimento de que, por bem ou por mal, o poder das mulheres residia lá. As novas atrações urbanas de lazer e consumo e o ativismo das mulheres, da última década do século XIX para as primeiras décadas do século XX, nos Estados Unidos e na Europa, moldaram um amplo movimento do qual as casas em questão são um produto. Esse movimento era representado tanto pela corrente que defendia o direito à educação superior, oportunidades de trabalho e participação política das mulheres, quanto na que se concentrava em valores e ações tradicionalmente associadas com o lar, como clube de mulheres, trabalhos de caridade, leituras e palestras em tópicos especializados que expandiam a amizade feminina. Feministas ou não, suas proprietárias carregavam dentro delas as categorias e contradições da sua cultura e esperavam da arquitetura moderna e dos arquitetos que projetavam seus espaços, oportunidades para viver novos papéis e relações: “elas sentiam que os arquitetos promoveriam para elas e seu grupo um lugar no mundo moderno.”⁴³²

Assim, a arquitetura moderna foi usada para alterar as convenções da vida doméstica de várias formas: expandindo a definição de lar para incluir vários tipos de trabalho e atividades de lazer, alterando o equilíbrio entre espaço público e espaço privado e modificando a composição do grupo familiar, acomodando seus membros em espaços e arranjos não tradicionais.

Vejamos, entre outras, os exemplos da Casa Schröder-Schröder, em Utrecht, de Gerrit Rietveld (1923/1924); a Villa Stein - de Monzie, em Garches, de Le Corbusier (1929), a Casa Van Patten, de Rudolph Schindler (1934), em Los Angeles; a casa de Eleonor Raymond, para si e sua família em Charles Street, 112, em Boston (1924); a casa Tempe à Pailla, na França, de Eileen Gray e a casa de Konstantin Melnikov e sua família, projetada pelo arquiteto, em Moscou (1929). Esta última, sendo a residência de uma família nuclear, onde o casal compartilhava idéias comuns, representa, ao nosso ver, uma das tentativas que a Rússia pós-revolucionária fez, no sentido de transformar a vida doméstica tradicional.

⁴³¹ FRIEDMAN (1998).

⁴³² FRIEDMAN (1998) p. 23. O conteúdo dessa seção tem este livro como principal referência.

Casa Schröder

Com idéias fortes sobre onde e como queria viver, Truus Schröder, cliente de Gerrit Rietveld neste projeto, opta por uma casa em dois pavimentos onde os espaços de vivência - sala comum para refeições e estar e quartos (com paredes em painéis móveis, possibilitando uma completa integração espacial com a sala) ficavam no primeiro pavimento, de onde se descortinava a paisagem natural, com vegetação variada (Fig. 10).⁴³³

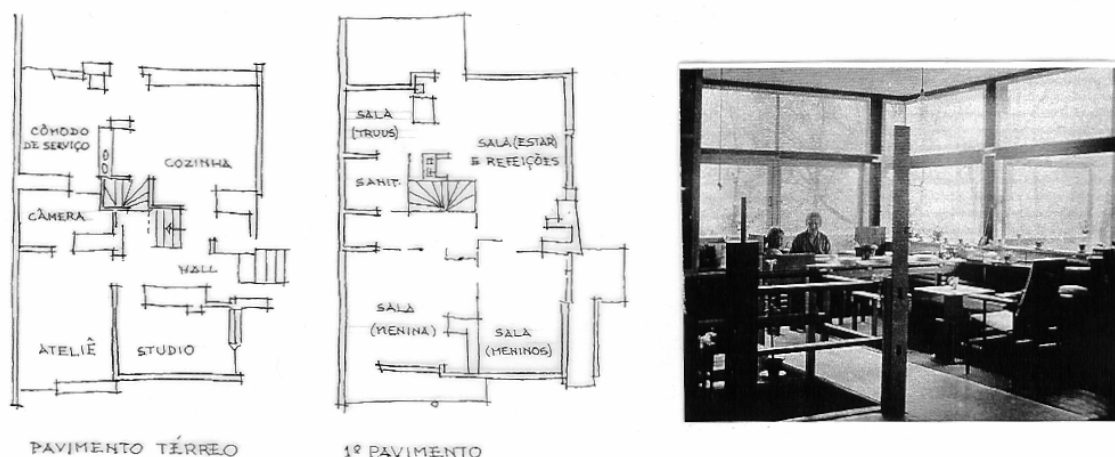


Fig. 10 - Plantas e vista da sala de estar/refeições da Casa Schröder, de Gerrit Rietveld.
Fonte: Friedman (1996). Desenho: Anete Araujo.

A idéia fundamental, por trás do conceito e do projeto, consistiu na abertura nas relações entre pais e filhos, almejada pela cliente, eliminando as hierarquias convencionais. Todos estariam juntos no espaço aberto, as conversações seriam amplas e diversificadas, mesmo as desagradáveis, todos tomando parte, trocando idéias. Como algum trabalho e atividades específicas, a exemplo dos deveres escolares das crianças, poderiam aí ter lugar, não estaríamos equivocados em considerá-lo um espaço poli funcional. As noções burguesas de respeitabilidade e propriedade - como a ênfase na disciplina, na hierarquia e na contenção de emoções - seriam eliminadas através do desenho arquitetônico, o qual ia de encontro a esses aspectos de um modo consciente e sistemático: um ambiente espacial que estimularia as pessoas a viverem e mesmo pensarem diferentemente.⁴³⁴ Assim, o processo projetual foi guiado por essas idéias e sobre considerações estéticas e arquitetônicas modernistas, sua linguagem artística encontrando expressão na criação de um ambiente total, onde interiores e móveis foram também projetados por Rietveld (Fig. 11). Ainda no primeiro pavimento está o

⁴³³ Na planta baixa a nomenclatura dos cômodos obedeceu à encontrada na fonte citada. *Girl's room*, *boy's room* e *Truus' room* certamente também eram espaços para dormir, razão pela qual outros autores indicam outra nomenclatura como *work-sleeping* nos cômodos das crianças e "dormitório" na Sala (Truus). Esse fato apenas reforça a liberdade de funções e atividades que caracterizam espaços polifuncionais, almejados pela cliente.

⁴³⁴ FRIEDMAN (1998).

“quarto” de Truus, de área reduzida, distanciado da idéia do proeminente e amplo quarto tradicional dos pais. No térreo estão localizados um estúdio com câmara escura ao lado, a biblioteca e a cozinha, com um monta carga para a ligação com a sala acima. Neste pavimento, as atividades de leitura e criação - que demandam mais concentração - estão em cômodos isolados, caracterizando a denominada “planta do silêncio”, diferentemente da “planta dos sons”, no primeiro pavimento: local de convivência e interações sociais, de sons das crianças, do cinematógrafo, das conversas com os amigos.⁴³⁵

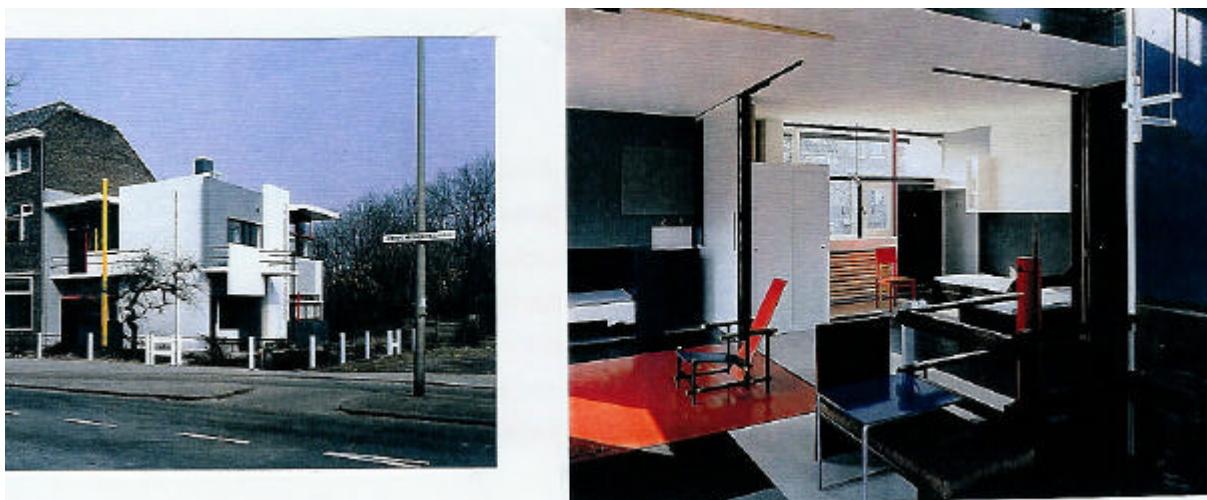


Fig. 11 - Exterior e interior (primeiro pavimento) da Casa Schröder (1923-1924).
Fonte: Friedman (1998).

Para Friedman, que pesquisou em cartas, bilhetes, projetos, textos, entrevistas, fotografias e trabalhos realizados, Truus e Rietveld, apaixonados pela arte e um pelo outro, criaram um ambiente moderno, livre de tradições e regras repressivas. Enquanto artistas e recebendo em sua casa muitos amigos, sempre informalmente, como o projeto deixa supor, Truus contou em entrevista, que o movimento de pessoas, principalmente nos fins de semana, pode ter prejudicado as crianças, mas o que as mesmas ganharam com esse convívio foi mais importante.

Villa Stein - de Monzie

A Villa Stein, uma das mais famosas casas projetadas por Le Corbusier, teve como moradores três adultos, o casal Sarah e Michael Stein e Gabrielle de Monzie, amiga dos dois, e a sua filha. A complexidade do grupo colocou em questão a estrutura familiar convencional e as relações de gênero, um desafio para os clientes e o arquiteto na concepção de um espaço doméstico em uma nova forma. Para Friedman, a história do projeto se debruça sobre os papéis chave desempenhados pelas mulheres e a história de *Les Terraces*, como é conhecida a casa, é mais entendida como um caso em que três adultos entraram em uma experiência como

⁴³⁵ FRIEDMAN (1996).

iguais e o modo como Le Corbusier interpretou esta relação em sua criação. Embora muitas coisas fossem compartilhadas entre eles, e sua atividade intelectual - enquanto escritores e palestrantes -, lhes garantisse muitas afinidades, a vida privada dos seus membros deveria permanecer separada. A estrutura especial do grupo - combinada com um compromisso pretendido com a arquitetura moderna, a arte e a religião ⁴³⁶ - criou um quadro no qual Le Corbusier desenvolveu uma nova abordagem para a arquitetura doméstica. O interesse do grupo pelo trabalho de Le Corbusier, enquanto um arquiteto dedicado à “vida sadia”, foi que levou-os a contratá-lo, além do entusiasmo dos três pela arte abstrata enquanto “uma imagem simplificada da beleza”. ⁴³⁷

A arquitetura também era discutida nos mesmos termos e foi a conexão entre os novos materiais, simplicidade, formas abstratas e o local escolhido no campo que, para Le Corbusier, *Les Terraces* se tornou ambos: máquina de morar, expressa na sua funcionalidade e um retiro.

É provável que a alta qualidade do projeto - consensualmente identificada, pela historiografia, na tensão entre a simetria e a irregularidade, em planta e elevação - também esteja expressa na articulação dos espaços privados e comuns - dirigida para uma nova forma de conviver e trabalhar (Figs. 12 e 13)

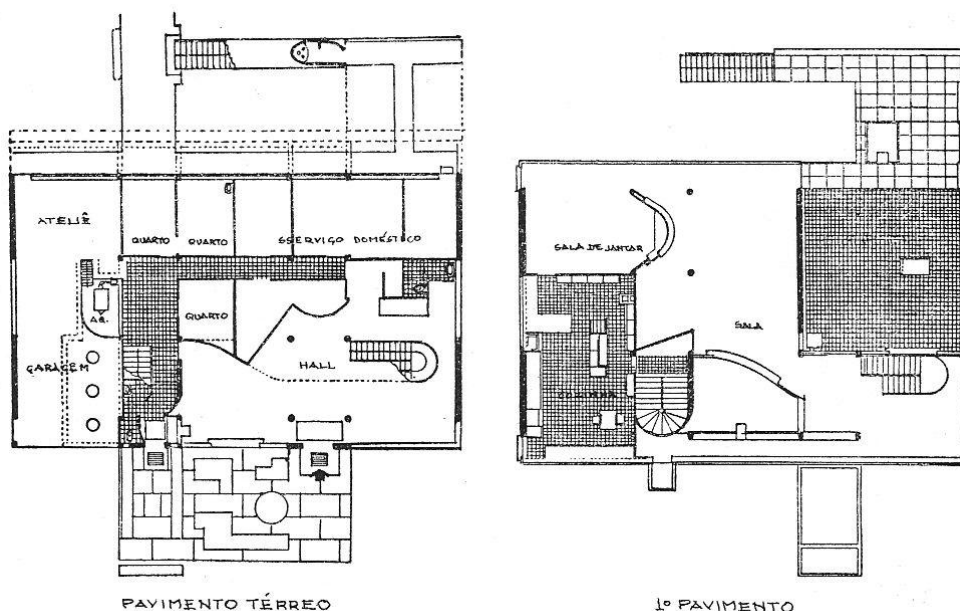


Fig.12a - Plantas da Villa Stein - de Monzie, em Garches, projeto de Le Corbusier (1929).
Fonte: Wittick (1955) vol. 3.

⁴³⁶ Sarah abraçou os ensinamentos do *Christian Science*, religião popular entre as mulheres educadas e progressistas, que estimulava programas de auto-ajuda, cura pela mente e vida sadia. O grupo tinha profunda simpatia pelas últimas teorias da saúde física, fazendo exercícios e dietas com entusiasmo. Estavam convencidos que uma auto-disciplina rigorosa livrava os indivíduos de depressões e ansiedades.

⁴³⁷ Usavam a pintura e a meditação para transcender a dor física e psíquica e compartilhavam com o arquiteto muitos temas em comum: esportes, carros, necessidade de instalações de água e equipamentos domésticos modernos.

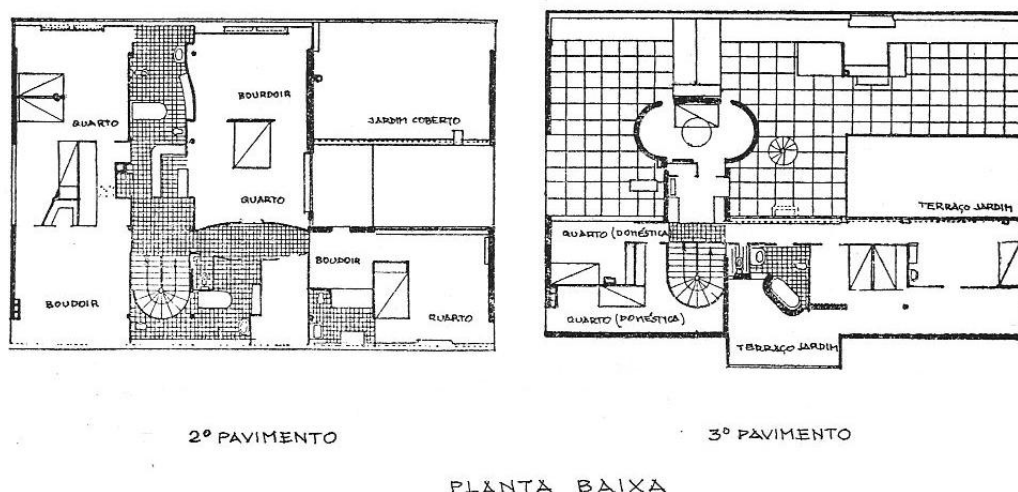


Fig.12b - Plantas da Villa Stein - de Monzie, em Garches: segundo e terceiro pavimentos.
Fonte: Wittick (1955) vol. 3.

Como na obra mais famosa de Le Corbusier, a Villa Savoie, na Villa Stein também é valorizado o terraço, o qual propicia a exposição ao sol e ao ar livre, a ginástica, o esporte, ou seja aqueles novos prazeres, definidos pelo novo modo de vida que seus clientes almejavam desfrutar.⁴³⁸



Fig. 13 - Fachada da Villa Stein -de Monzie, famosa pela aplicação dos traçados reguladores.
Fonte: Friedman (1998).

Do ponto de vista da concepção projetual, Collin Rowe, que faz uma comparação das villas corbusianas com as palladianas, chama a atenção de que enquanto Palladio focaliza a atenção em um eixo central, Corbusier, na Villa Garches⁴³⁹, faz com que o mesmo seja sempre quebrado, desintegrando a concentração a partir de qualquer ponto, fazendo dos

⁴³⁸ MONNIER (1999).

⁴³⁹ Como a Villa Stein-de Monzie é mais conhecida, pois se situa em Garches, na França.

fragmentos centrais dispersões periféricas, numa instalação serial de interesses em torno das extremidades do plano.⁴⁴⁰ Observamos também que as características diferenciadas que a casa apresenta (planos retos, curvos e circulares, terraço projetado na fachada, dimensões as mais variadas dos espaços) são possíveis graças à adoção da planta livre, da qual resulta também a completa variação planimétrica de cada piso.

Embora o contrato oficial com Le Corbusier para a realização do projeto tenha sido com De Monzie, foi Sarah que apresentou o programa para o arquiteto. O grupo compartilharia a cozinha, as salas de refeição e de estar, além do terraço e dos jardins. Duas suítes amplas, com *boudoir* (uma para o casal a outra para Gertrude e sua filha), em vez do arranjo tradicional de um quarto maior para o casal e quartos menores para as crianças (o neto do casal Stein foi posteriormente morar com o grupo) compõem a parte íntima da casa. Outras duas suítes para hóspedes, com sanitários menores (uma no nível do terraço-jardim) complementam o conjunto.

O projeto final não se distanciou muito da aspiração dos clientes, pois desde os primeiros esboços o arquiteto interpretou o programa literalmente, a partir de uma planta retangular em quatro pavimentos (Fig. 14). Por outro lado, cada elemento singular criativamente inserido durante o processo de projeção (como o portão de entrada, a entrada com uma *canopy*, o balcão em balanço no último andar, a parede curva que enclausura a sala de jantar ou a escada circular) é marcado por sua força plástica e ao mesmo tempo é integrado na composição como um todo.

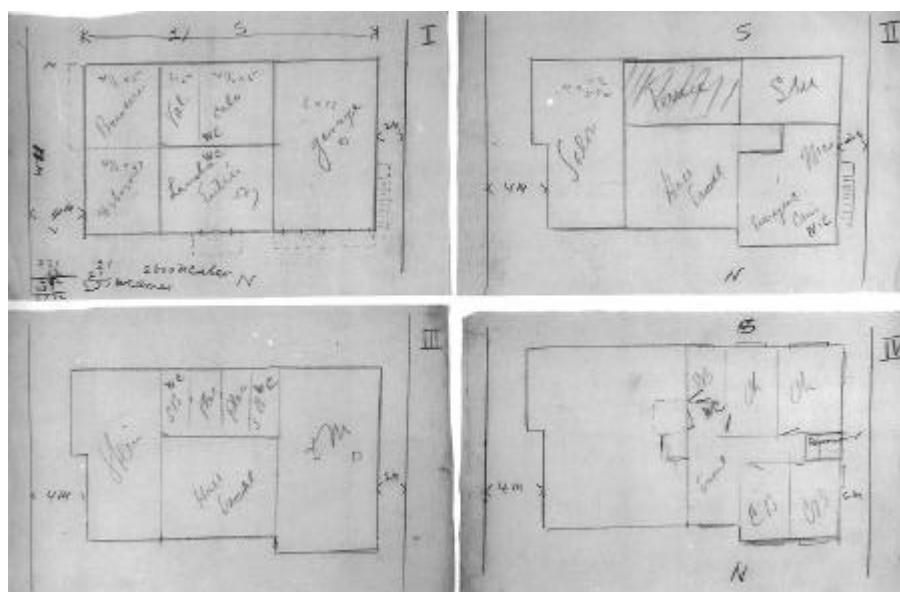


Fig. 14 - Primeiro esboço da Villa Stein, 1926.
Fonte: Friedman (1998).

⁴⁴⁰ ROWE (1976) p.12.

A cozinha, bastante ampla, no primeiro andar, se comunica diretamente com a sala de refeições e, através de um *hall*, com a sala de estar. Deste *hall* uma escada leva ao pavimento térreo, onde estão situados os cômodos de serviços, com quartos para criados, o ateliê de Sarah, a garagem, e o amplo vestíbulo de entrada, cujo trecho, em pé direito duplo, é visto do alto do parapeito curvo. Este último limita um dos lados da sala de estar (no outro, na parte posterior, uma *fenêtre à longuer*, se estende até a sala de refeições). A referida curva que limita a sala de refeições é o elemento onde a *promenade architecturale*, que começa desde a entrada principal no térreo, vai terminar, culminando com a vista que se descortina pela janela.

Do amplo terraço, um dos mais famosos da arquitetura moderna, onde o grupo praticava diariamente exercícios físicos, uma escada helicoidal leva ao mirante de planta elíptica no qual, por medo, Madame de Monzie nunca se aventurou a subir.⁴⁴¹ Cenário principal do final apoteótico de um dos três filmes realizados na Villa Garches⁴⁴², o mirante é protegido por um parapeito em tubulares de metal, elemento composicional dos vários guarda-corpos projetados para a Villa (esse elemento, como veremos no próximo capítulo, será reinterpretado na nossa arquitetura residencial por arquitetos brasileiros). No referido final ninguém menos que o próprio Le Corbusier parece estar alçando vôo na névoa que encobre a cena, completando um percurso que se inicia quando o arquiteto desce de um carro e se dirige à casa situada à distância, para daí percorrê-la com movimentos enérgicos.⁴⁴³

Entretanto, houve um ponto de discordância entre o arquiteto e os seus clientes: os móveis antigos, patromônio do grupo, dos quais eles não quiseram abrir mão. Os móveis, pesados e escuros, não foram banidos pelo arquiteto, porém em *Precisions*, comentando sobre o mobiliário em geral, ele escreveu: “Grandes peças de mobiliário são compreensíveis na época dos castelos e em casas de campo, mas são um desastre em habitações modernas”.⁴⁴⁴ Talvez por isto Le Corbusier preferiu sempre mostrar as fotos da casa sem móveis, vazia, sem objetos ou cortinas que impeçam a visão. Mas podem haver outras razões pois, ao contrário, na leitura de Colomina - não só das imagens da Villa Garches mas de outras (como da Ville

⁴⁴¹ FRIEDMAN (1998). p.116. Para a autora, os clientes de Le Corbusier já eram um pouco avançados na idade para absorverem algumas das idéias do arquiteto (como uma pista de corrida, de 82 metros, originalmente projetada e que foi eliminada).

⁴⁴² WARD (1985). O autor observa que os três filmes, rodados logo depois do término da casa, revelam a dramática variedade em que um trabalho de arquitetura da *avant garde* poderia ser percebida e apresentada. O primeiro, com duração de poucos minutos, é um filme doméstico feito por Julian Stein (primo de Michael) o qual captura a impressão dos dois sobre a vida em uma mansão purista. O segundo, “Le Fin du Monde”, o épico dirigido por Abel Gance, foi exibido na França como o primeiro filme sonoro, em 1931 e o último, “L’Architecture d’Aujourd’hui”, dirigido por Pierre Chenal, o qual, para James Ward, é pura propaganda para a causa da arquitetura moderna (talvez porque teve a colaboração de Corbusier na produção, além do arquiteto ser o próprio protagonista).

⁴⁴³ Para detalhes decorrentes da percepção dinâmica que os espaços da Villa Garches permitem, ver COLOMINA (1992)

⁴⁴⁴ Citado em FRIEDMAN (1998) p. 119.

Savoie, em Poissy, e do Immeuble Clarté, em Genebra) - o que acontece é que tudo está disposto de forma a conduzir o olhar do observador, continuamente, em direção à periferia da casa. Cada foto onde o arquiteto registra os interiores dos seus projetos o olhar é, deliberadamente, dirigido para o exterior de tal maneira que sugere que os mesmos devem ser lidos como molduras para a paisagem.⁴⁴⁵

A Villa Stein foi habitada por seus proprietários até 1935, quando o grupo inteiro mudou-se para os Estados Unidos diante de guerra que se avizinhava. Em carta e depoimentos, entretanto, sempre se referiam positivamente e com saudades dos tempos em que moraram na Villa, onde, entre outros, os anfitriões receberam Mondrian, El Lissitzky, Man Ray, Matisse, além de críticos e diversos colecionadores de arte.

Retornando aos outros projetos de casas, relacionados acima, observa-se que, embora de dimensões menores, concepções diferentes de espaço doméstico também foram desenvolvidas para mulheres independentes - sejam destinadas a casais homossexuais, a grupo de mulheres ou para morar sozinha.

Vamos exemplificar com as casas de duas arquitetas, Eleonor Raymond e Eleen Gray, projetadas para si próprias e a casa de Elizabeth Van Patten, da autoria de Rudolph Shindler.

Casa Raymond

A casa de Eleonor Raymond⁴⁴⁶ é, na verdade, um projeto de renovação de um prédio de quatro andares, destinado à morada de sua mãe, sua irmã, Rachel, e à sua própria com sua companheira, Ethel Powel (Fig. 15).

Com três suítes⁴⁴⁷, duas amplas áreas de estar e duas cozinhas, no segundo e terceiro andares, a casa possui, no térreo, segundo descrição de Friedman, áreas comuns, para receber amigos, e um jardim, também comum. Atividades de trabalho se desenvolviam nos amplos *livings*, onde o mobiliário era o definidor de cada função específica, seus espaços sendo portanto polifuncionais. A crítica da superposição de atividades no mesmo espaço, que teve origem na rejeição de uma convivência mais próxima e freqüente entre moradores de uma mesma casa, por parte da cultura burguesa no século XIX, não encontra guarida nessa

⁴⁴⁵ No artigo citado Colomina compara as envasaduras das casas de Adolf Loos com as de Le Corbusier. Nas primeiras as janelas sempre apresentam cortinas e sofás ou estantes que impedem o observador a ter visão do exterior, sua função sendo apenas a de deixar o ar e a luz penetrarem no interior. Para detalhes ver COLOMINA (1991) ou, no caso da interpretação dos interiores loosianos: ARAUJO (1999) p. 148-154.

⁴⁴⁶ Os trabalhos de Eleonor Raymond e sobre ela encontram-se na *Loeb Library*, na Escola de Pós Graduação da Universidade de Harvard.

⁴⁴⁷ Nas ilustrações de Friedman não constam as plantas do térreo e do último pavimento, ela apenas indica seus usos. A suíte do primeiro andar é a única registrada, as outras duas se localizam no último pavimento. Não encontramos outras referências da casa na bibliografia disponível.

proposta que adapta princípios modernos de flexibilidade de usos a uma edificação de origem tradicional.

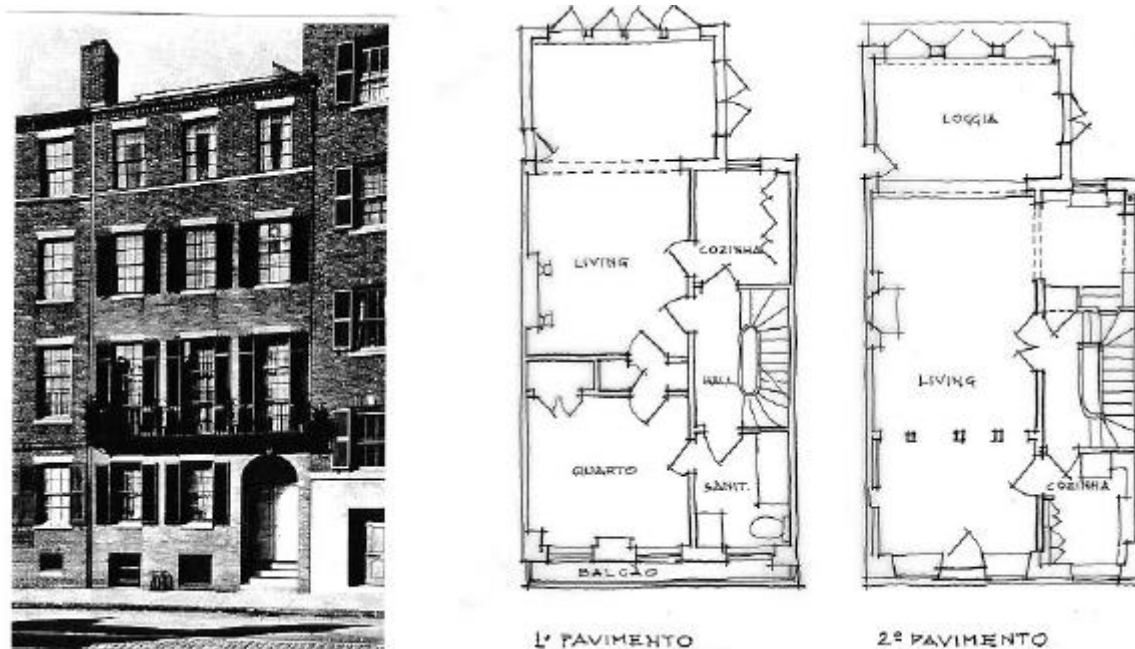


Fig. 15 - Fachada e plantas de dois dos pavimentos da casa de Eleonor Raymond (1924).
Fonte: Friedman (1998).

No primeiro andar, destinado à mãe de Eleonor, estão o quarto - localizado na frente, talvez por ser um cômodo de maior permanência da proprietária - onde um balcão corrido com três janelas dá diretamente para a rua, e o *living* que, localizado na parte central da casa, possui um prolongamento utilizado para trabalho e eventuais hóspedes. De um lado e do outro do *hall* da escada estão a cozinha e o banheiro, com duas portas, uma servindo ao quarto e outra dando para o *hall*, solução certamente prática para o funcionamento da casa, considerando a idade de sua ocupante. O segundo pavimento é um duplex onde se destaca a grande sala de uso comum - a parte da frente é destinada para as refeições ao lado de uma pequena cozinha. Uma área central maior para estar (*living*), um nicho mais isolado (uma sala denominada *book room*) e no fundo uma *loggia* para trabalho, também de uso comum, completam o espaço. No último andar estão as outras duas suítes.

Observa-se que, enquanto o apartamento da mãe é mais isolado, proporcionando mais independência ao tempo em que pode ser facilmente alcançado, a maioria dos espaços, utilizada pelas outras três moradoras, é comum, o recolhimento mais íntimo sendo possível apenas nos quartos.

Casa Van Patten

A concepção da Casa Van Patten, de 1934 - projetada por Rudolph Schindler para uma cliente solteira, Miss Elizabeth Van Patten - tem como principal característica formal um jogo de volumes movimentado, com fachadas envidraçadas nos dois pavimentos que se projetam do alto de uma colina. Em alguns aspectos apresenta semelhanças com a anterior na distribuição espacial, embora possua dimensões menores. A porta de entrada da casa, localizada na parte posterior do lote - transgressão moderna à idéia tradicional de que a porta da frente esteja na “fachada principal” - dá acesso direto seja ao pavimento onde estão o *living* e a suíte da proprietária, ambos dando para duas pequenas varandas (terraços), uma sala e uma cozinha - seja ao pavimento inferior, através de um lance de escada, onde se localizam duas suítes para hóspedes. Cada uma das suítes tem área suficiente para dormir, trabalhar e estar, com balcões (terraços) e saídas para uma área ajardinada comum (Fig. 16).

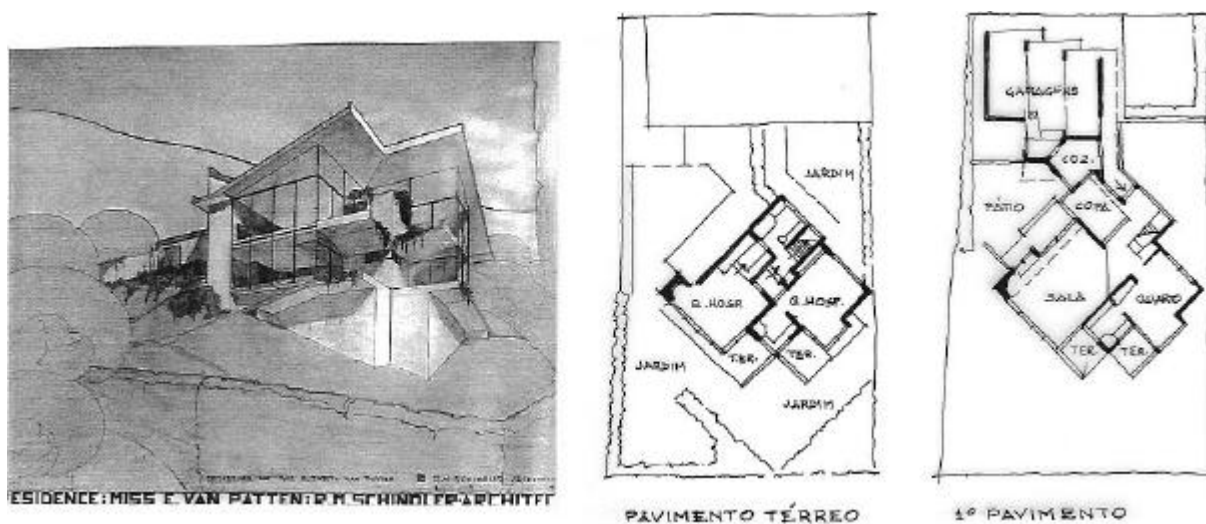


Fig. 16 - Casa Van Patten da autoria de Rudolph Schindler (1934).
Fonte: Friedman (1998).

A cozinha é compacta e eficiente e a sala comum para refeições é mínima. No andar principal, o *living room*, também comum, demonstra que a aspiração de sua proprietária era valorizar a convivência entre os usuários da casa. Com três garagens - o que nos leva a crer que os hóspedes de Elizabeth não eram tão eventuais nem sua estadia muito rápida - a casa é implantada diagonalmente no lote para beneficiar todos os espaços com a bela paisagem que se descortina abaixo.

A redução do programa para a casa de um só indivíduo (embora não signifique redução da sua área construída) é outro dado comum nas casas projetadas por arquitetos modernistas na Europa e nos Estados Unidos. Podemos citar as duas famosas casas de vidro a - Casa Farnsworth, de Mies van der Rohe, propriedade de Edith Farnsworth e a de Phillip

Johnson, para ele próprio -, e as casas Perkins (de Richard Neutra) e a conhecida como E.1027, da autoria de Eileen Gray, cuja história é contada por Beatriz Colomina.⁴⁴⁸ Para Colomina todas elas são “casas exibicionistas e exibidas”, mais públicas que privadas, pela fama em que foram investidas.⁴⁴⁹ A nossa escolha, no entanto, recaiu sobre uma casa mais simples “Tempe à Pailla”, projetada por Eileen Gray para si própria.

Tempe à Pailla

Friedman, no seu trabalho, como que para compensar o destaque iconográfico dado a casa, se comparado com as outras, não tece comentários sobre o projeto, contudo, plantas e fotografias permitem uma leitura dos seus espaços.

Eileen Gray localiza a casa no alto de um terreno arborizado, tirando proveito da vista nos cômodos de longa permanência, através de uma ampla janela fita que se estende por quase toda a fachada (Fig. 17).



Fig. 17 - Fachada do Tempe à Pailla, em Castellar, França. Eileen Gray, 1934.
Fonte: Friedman (1998)

A casa tem uma distribuição espacial muito simples e todos os cômodos, de dimensão média, recebem iluminação direta (Fig.18).

O acesso à casa se dá por um terraço o qual conduz, à esquerda, a uma área externa e, à direita, ao *living room*, em cuja área mais iluminada está localizado o estúdio da arquiteta. Do *living* passa-se para a sala de refeições, em nível mais elevado e daí para o quarto que, por sua vez, apresenta uma pequena passagem para o estúdio. A circulação, assim, fecha-se como em um círculo, um cômodo se comunicando com o outro, sem preocupação de separação entre área íntima e social. Em um canto da sala de refeições vemos um detalhe de parede curva que leva à área de serviço e daí à cozinha. Da sala e do quarto, através de uma pequena passagem, chega-se ao sanitário que é comum a um pequeno dormitório. Um pátio na extrema

⁴⁴⁸ COLOMINA (1996).

⁴⁴⁹ COLOMINA, no prefácio do livro de LLEÓ (1998).

esquerda, junto da cozinha, provavelmente seria destinado para refeições ao ar livre. O interior, ilustrado acima, data de 1950 e mostra o trecho do estúdio da arquiteta.

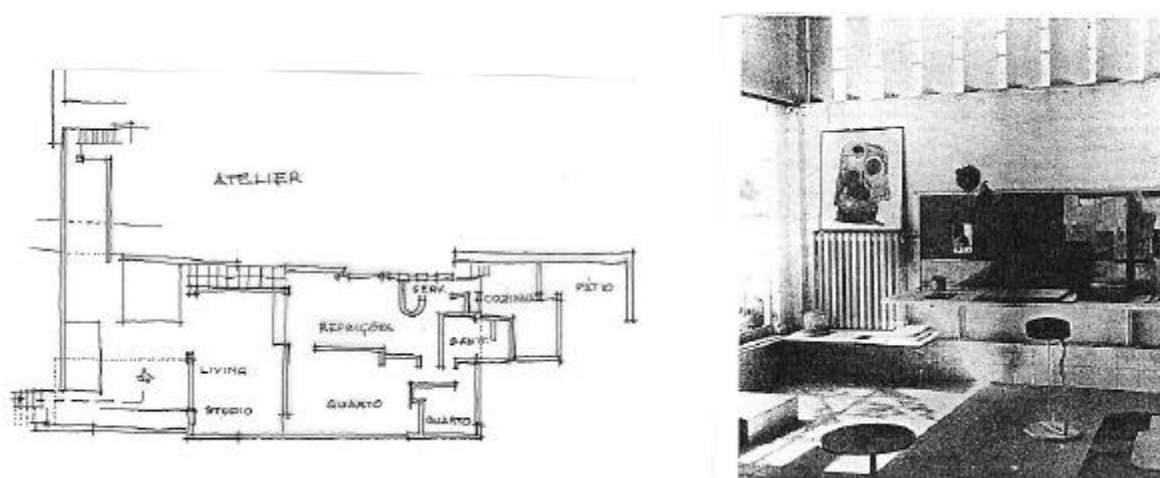


Fig. 18 - Planta do Tempe à Pailla e fotografia do interior (datada de 1950).
Fonte: Friedman (1998)

4.4.1 Semelhanças nas diferenças

Esses diversos projetos, aparentemente diferentes em suas escalas, implantação nos terrenos e concepções compositivas, têm em comum elementos transgressores em relação aos espaços das casas convencionais, os quais terminam por valorizar as obras funcional e esteticamente, além de possibilitar enriquecer existencialmente a vida e as relações entre seus moradores.

Para Friedman, que analisou várias residências de mulheres - projetadas por elas ou não - as concepções espaciais dos projetos são até semelhantes, porém apresentam diferenças principalmente em significação social e política. Ela atribui dois fatores explicativos para isso: o primeiro é que quase todas elas trabalhavam profissionalmente tanto fora quanto dentro da casa e o segundo é que suas relações eram frequentemente representadas por grupos semelhantes, requerendo assim tanto vida privada quanto comunitária. Os projetos sempre incluíam dois ou mais dormitórios ou estúdios de aproximadamente mesma área, uma ampla área comum e uma cozinha pequena. Ethel Powel, comentando sobre o projeto de Eleonor, esclarece:

“deve-se levar em consideração que em uma casa que não é masculina (onde não moram homens), as necessidades são definidas e incomuns. Os espaços foram planejados para a conveniência de três mulheres, mulheres profissionais, que precisavam não só de uma casa confortável e atraente, mas que pudesse ser automatizada o mais possível em relação aos serviços domésticos”.⁴⁵⁰

⁴⁵⁰ Citado em FRIEDMAN (1998) p.20.

A redução dos espaços de refeições e da cozinha tem como principal razão o fato de que elas não cozinhavam e quando o faziam era por entretenimento. Para Friedman, essa era a essência de uma casa “não masculina”: Elementos de etiqueta e costumes e comportamentos sociais estruturados por hierarquias de classe e gênero poderiam ser dispensados, desde que as mulheres só cuidavam de si próprias e o faziam como iguais.

Certamente foi a convicção compartilhada entre os arquitetos e suas clientes mulheres de que a essência da modernidade subtendia a alteração da casa - sua construção, materiais e espaço interior - que resultou em projetos distanciados em sua concepção daqueles convencionalmente aceitos.

As casas, aqui discutidas, revelam aspirações baseadas na redefinição de domesticidade e a poderosa fusão do feminismo (fossem as clientes feministas ou não) com as forças de mudança na arquitetura, as quais conduziram a projetos bastante originais. Do reino doméstico, onde sempre estiveram, as mulheres retiravam sua independência e sua singularidade na escolha de como viver suas vidas.

Casa Melnikov

Soluções originais, quanto à distribuição espacial e ao funcionamento da casa, podem ser encontradas, igualmente, em exemplos que não tiveram influência direta ou exclusivamente de mulheres aspirando novas formas de morar. A casa de Konstantin Melnikov e sua família (mulher e casal de filhos), em Moscou, projetada pelo arquiteto, no período de maior ebulição criativa dos modernistas russos, pode ser um exemplo.

O projeto de Melnikov é uma expressão da tensão dialética presente nos projetos de habitação de alguns arquitetos da vanguarda russa, que é representada pela contradição entre considerá-la ora como permanência e continuidade, conservadora portanto, ora como portadora de uma imagem mais dinâmica trazida pelo pensamento moderno.⁴⁵¹

Esse caráter dialético, segundo Blanca Lleó, é expresso na própria forma da casa de Melnikov, dois cilindros conjugados de alturas desiguais, figuras regulares, centrais e estáveis que, na sua dualidade, geram uma forma extremamente dinâmica de movimento contínuo e infinito. O círculo dinâmico e a forma rotatória associada à idéia de revolução estão presentes em todas as manifestações artísticas da vanguarda soviética, desde Tatlin a Rodchenko.⁴⁵² Outro aspecto de tensão, segundo Lleó, também está expresso na ordem simétrica aparente e

⁴⁵¹ LLEÒ (1998).

⁴⁵² HUDSON (1994) p. 38 a 43. Neste sentido o autor chama a atenção para o arquiteto Ivan Leonidov, o mais experiente na organização espacial de amplos complexos arquitetônicos, cujos projetos, a exemplo do Instituto Lênin (com seu auditório esférico) e do Palácio de Cultura do Proletariado (coberto com telhado de vidro hemisférico) são testemunhos do domínio dos russos no uso dessas formas.

sua transgressão, obtida principalmente a partir da modificação do projeto inicial de junho/1927, que era mais unitário. No projeto definitivo, de 1929, uma justaposição de geometrias diagonal, radial e ortogonal reforça a aludida tensão (Fig. 19).

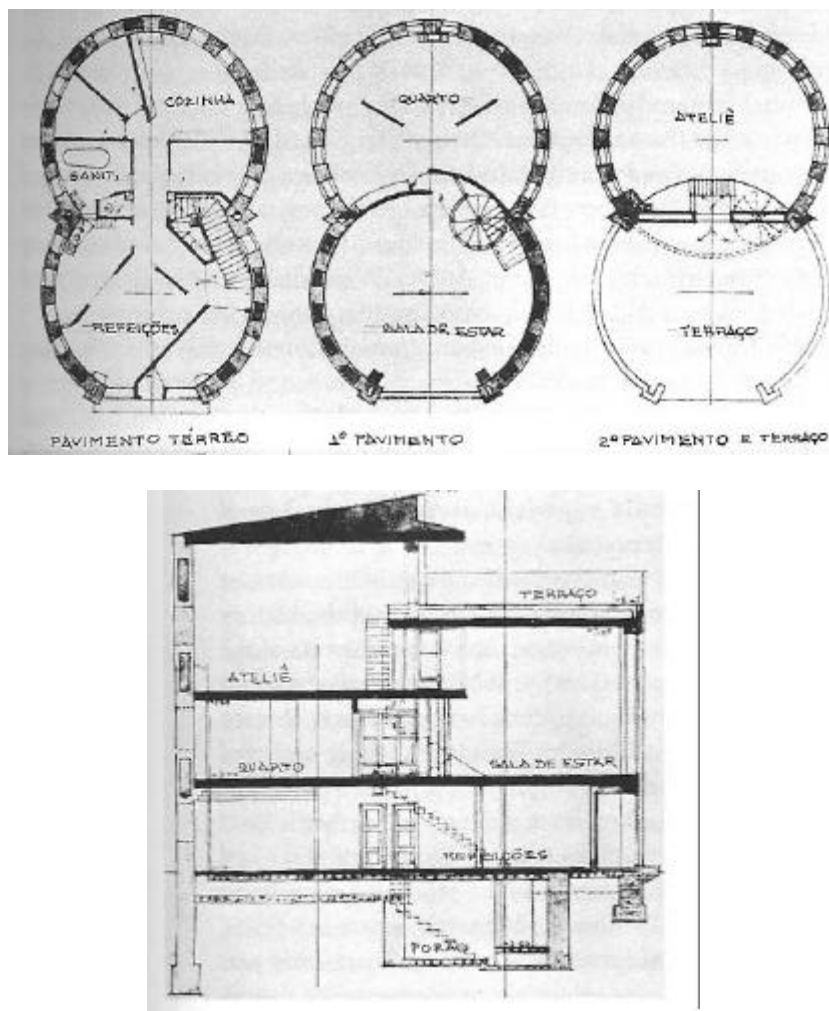


Fig.19 - Planta baixa e corte esquemático da Casa Melnikov (1929).
Fonte: Hudson Jr. (1994).

Embora a ênfase de Lleó seja dada na arquitetura e na construção da casa, exemplo da criatividade dos arquitetos modernos, no sentido da utilização racional da mão de obra, da tecnologia e dos materiais disponíveis⁴⁵³, aqui nos interessa mais a inversão da ordem convencional de habitar, ao fazer mais pública a vida familiar (espaço da sala de estar) e mais recolhido o trabalho do arquiteto, isto é, a localização do seu ateliê no último andar, sem muita facilidade de acesso. Ambos, a sala e o ateliê, se situam em espaços circulares iguais em sua forma.

⁴⁵³ Esses materiais, na recém nascida União Soviética, não foram aqueles da Europa ocidental, aço, vidro ou pré fabricados, mas basicamente o tijolo, usado na caixa de muros da casa Melnikov, mas que, para Lleó, funciona como uma solução artesanal de fachada livre, “no sentido da livre utilização de um minucioso e extenso entramado de vazios (as dezenas de aberturas hexagonais vedadas, ou não, de acordo com a necessidade)” LLEO (1998) p. 110

O perímetro da sala de estar, cego e curvo, rompido em um grande plano frontal de vidro na fachada principal, deixa penetrar na casa o sol, o ar e a vida da rua: “o salão da casa é um palco aberto para o mundo exterior”.⁴⁵⁴ Já o ateliê, perfurado com as janelas hexagonais, principal característica plástica da casa, transmite uma atmosfera intimista, quase mística, lugar secreto do trabalho do artista. Contudo, é possível, através de uma escada industrial e um mezanino, alcançar, passando por uma porta de vidro, o espaço aberto do terraço curvo, situado sobre a sala de estar, no topo da construção (Fig. 20).⁴⁵⁵

No conjunto percebe-se uma distribuição bastante peculiar das zonas social, íntima e de serviço: ao lado do vão de entrada encontra-se logo a sala de refeições, que através de um pequeno corredor em linha quebrada conduz à cozinha, a um sanitário e a três cômodos não identificados.⁴⁵⁶ A sala de estar no segundo pavimento está conectada ao quarto, zona íntima, dividida por paredes soltas e sem indicação de sanitário.

A sala de refeições, no andar intermediário (térreo, pois a casa dispõe de um subsolo, cujo uso não está explícito), único vão retangular da casa, espaço representativo enquanto ponto de convergência e referência da vida familiar, é aberto nos quatro cantos do retângulo, possibilitando uma fluidez do espaço da habitação para dentro e para fora da casa.

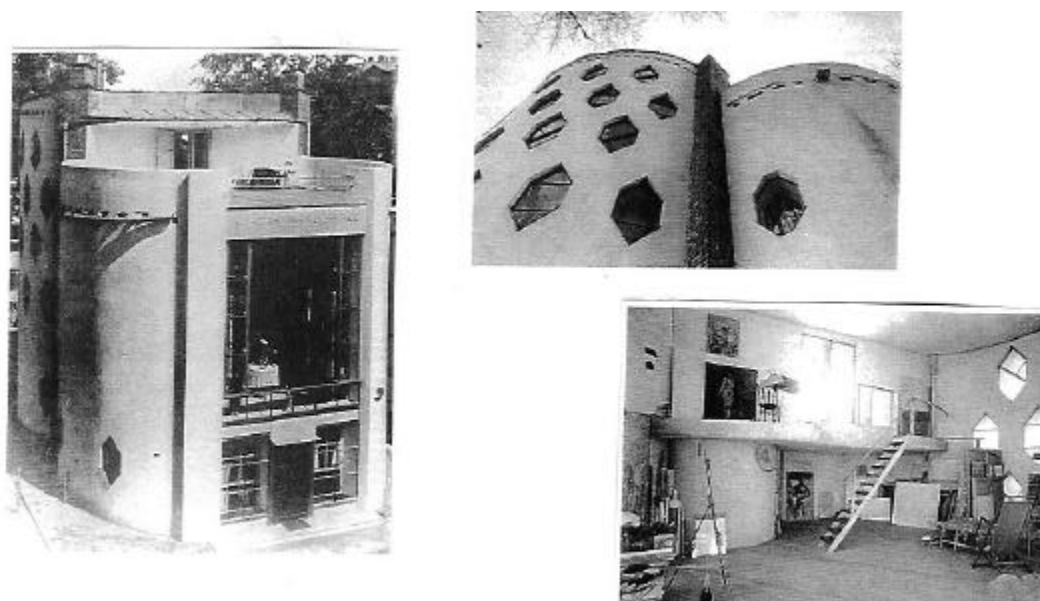


Fig. 20 - Vista da Casa Melnikov, detalhe dos cilindros e vista interna do ateliê.
Fonte: Hudson Jr. (1994) e Lleó (1998).

⁴⁵⁴ Idem, p. 109

⁴⁵⁵ Lleó atribui o uso da escada industrial por Melnikov à influência de Le Corbusier, cujo projeto para o ateliê de Ozenfant, de 1922, apresenta escada semelhante. Os dois arquitetos se conheceram em Paris na Exposição de Artes Decorativas, em 1925. Melnikov foi o realizador do Pavilhão Soviético desta exposição.

⁴⁵⁶ Não foi possível identificar os dormitórios para os filhos. Talvez sejam esses cômodos radiais do piso térreo, os quais não estão especificados nos livros consultados.

Os espaços curvos gerados pela inserção do retângulo poderiam ser utilizados livremente, de acordo com o desejo de cada um, dentro da crença de Melnikov que “formas cilíndricas proporcionam um espaço de guarda contra a disciplina social, arregimentação e controle”.⁴⁵⁷

Os quartos, ou quarto conjugado, também iluminado(s) pelas aberturas hexagonais, muito simples na sua nudez (Fig. 21), expressam a negação radical do interior burguês repleto de móveis e objetos do qual os arquitetos modernos russos, como também Hannes Meyer, quiseram definitivamente se afastar.

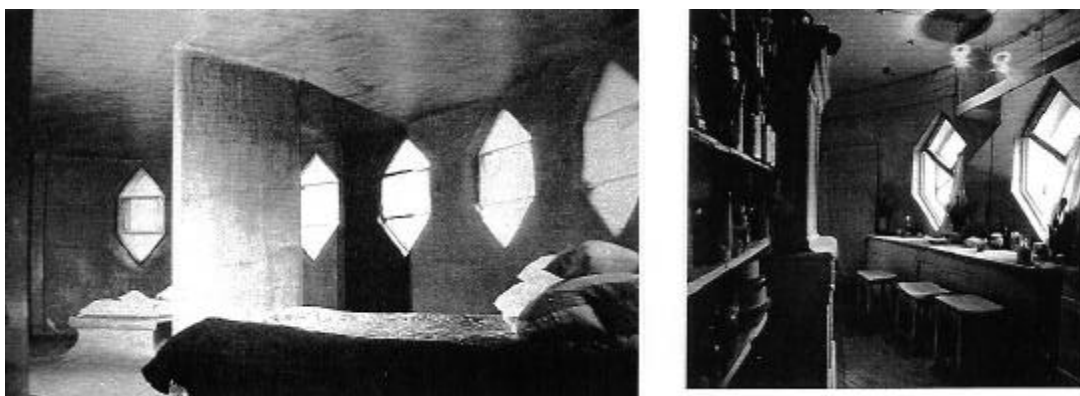


Fig. 21 - Vistas internas do quarto e da cozinha iluminados pelas janelas hexagonais.
Fonte: Lleó (1998)

A maioria dos projetos inovadores aqui apresentada teve mulheres -morando com parceiros (as), com amigos ou sozinha - como clientes ou a sua participação foi fundamental, o que não constitui surpresa, uma vez que a mesmas estão tradicionalmente ligadas à esfera doméstica. Por outro lado, desde a introdução do culto da domesticidade no século XIX, como observado, teorias de reforma doméstica formuladas por mulheres introduziram conceitos diferentes de lar e famílias ideais.

O papel tradicional e contraditório da mulher dentro da casa - escondendo o trabalho doméstico e a intimidade familiar e reforçando hierarquias de poder através do controle de acesso aos espaços privados - e fora da casa, exigindo dela os refinamentos de uma vida social, parece que forçaram-na a procurar novos papéis e redefinir a domesticidade em novos termos. Os projetos procuram então mudar o equilíbrio entre o espaço público e o espaço privado na casa, aspirando quebrar as fronteiras entre seus lares e as comunidades em que viviam, propondo atividades de trabalho e a presença e convivência de pessoas que não pertenciam às famílias, no espaço da casa.

⁴⁵⁷ Hudson Jr. (1994) p.49 e p.221. Para mais detalhes, Hudson Jr. sugere Starr, S. Frederick *Melnikov: Solo Architect in Mass Society*. Princeton: Princeton University Press, 1978.

Concluindo, parece que a afirmação de que a história da arquitetura moderna em geral ainda possui muitas áreas de sombra fica evidente quando novos dados e perspectivas de avaliação estão possibilitando visões esclarecedoras, como apreciamos no decorrer deste relato.

No caso da arquitetura residencial, a omissão de muitos aspectos relevantes - diante tanto da reforma doméstica americana e suas conseqüências, quanto das pequenas vitórias alcançadas na prática, durante os anos da produção em habitação social nos países europeus - pode reascender discussões importantes para a transformação de nossos conceitos em relação à habitação e ao habitar.

E se o esforço das feministas materiais, segundo análise de Hayden, e todo o empenho das feministas nos anos que antecederam a República de Weimar, não levaram a um resultado auspicioso, se comparado com as suas expectativas, foi possível identificar, tanto nos Estados Unidos como na Europa, várias oportunidades em que algumas mulheres privilegiadas puderam, nos projetos de suas residências, transgredir as regras que dominavam a produção nessa área.

5 MODERNISMO EM SALVADOR: GÊNESE E DESDOBRAMENTOS

5.1 Antecedentes no Brasil: contexto político e social

Os primeiros trinta anos do século XX se caracterizaram pelo esforço de vários setores da sociedade brasileira para incluir o Brasil no mundo moderno. Reconhecia-se que o Brasil estava muito atrás do estágio experienciado pela Europa e a América do Norte e que conquistas industriais e sociais eram urgentes, se não uma necessidade imediata.

A primeira “Semana de Arte Moderna”, em 1922; as manifestações e as greves dos trabalhadores contra as precárias condições de suas atividades, os baixos salários e uma longa jornada de trabalho; os movimentos feministas⁴⁵⁸; as intervenções radicais nas maiores cidades e os movimentos revolucionários estavam demonstrando o ritmo desta crescente busca da modernidade, a qual, ainda que tardiamente, deveria ser alcançada sem hesitação. Entre os últimos, o Tenentismo, um movimento revolucionário dos jovens oficiais do Exército Brasileiro, apoiado pela classe média, contra as oligarquias do café de São Paulo e de Minas Gerais, terminou na vitoriosa Revolução de 1930.⁴⁵⁹

Contudo, é interessante notar que a modernidade almejada pelo Brasil não era muito bem definida pelos seus defensores. O projeto político do Tenentismo, cujo principal objetivo era romper com o poder antigo e arcaico das oligarquias rurais, não implicava claramente uma dimensão ideológica: “Seu espírito era liberal, ele veio algumas vezes como um movimento reformista, atingindo aqui e ali um tom socialista. De fato ele representou, de maneira geral, as dúvidas e as incertezas do movimento.”⁴⁶⁰

A verdadeira noção de modernidade pode ser compreendida a partir do Programa de Governo do Movimento Tenentista. Modernidade representava administração competente, que conduzisse ao progresso e ao desenvolvimento, lemas já absorvidos pela República. Sem dúvida, a noção de modernidade era construída de um ponto de vista positivista, onde os conceitos de desenvolvimento e progresso eram muito bem vindos por uma população urbana de um Brasil agrário e subdesenvolvido.

Assim, dos anos trinta em diante, quando a indústria foi consolidada no sudeste do Brasil, principalmente no estado de São Paulo, ela causou também mudanças relevantes no

⁴⁵⁸ Com a integração das mulheres no mercado de trabalho, no início do século, começa a existir um maior incentivo para a luta feminista no Brasil. O movimento organizado foi definitivamente inaugurado em 1922 com a criação da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, no Rio de Janeiro. ALMEIDA (1986).

⁴⁵⁹ SILVA (1989). A ligação da modernidade ideal com o movimento Tenentista teve como referência este trabalho.

⁴⁶⁰ Carone, Edgard. *O Tenentismo* São Paulo, Difel 1975 p.15, citado em SILVA (1989). A ligação da modernidade ideal com o movimento Tenentista teve como referência este trabalho.

nordeste do país.⁴⁶¹ Embora São Paulo possuísse a principal força de trabalho, onde a migração do campo para a cidade era crescente, Salvador - como outras cidades do Brasil - tornou-se foco de muitos interesses. Atividades econômicas urbanas, como a construção de edificações diversas, o comércio, a especulação do solo, os sistemas de comunicação, alavancaram a participação de empresários que assumiram o poder local enquanto substituíam a figura rural dominadora do coronel, ainda atuante na cidade. Daí em diante, o discurso sobre a cidade tornou-se referência para todas as intervenções em seus espaços: como núcleo urbano, sede do governo, centro de negócios, símbolo de força e grandeza, caracterizando assim a postura e o ideário das classes hegemônicas.⁴⁶²

É essa dimensão ideológica da modernidade que interessa aqui, uma vez que o projeto das cidades brasileiras, incluindo Salvador, como também todas as coisas relacionadas à “modernização”, a exemplo da arquitetura moderna, serão influenciadas por essa idéia de modernidade. Esse fato torna-se ainda mais importante quando se observa que o urbanismo, enquanto uma técnica e uma disciplina, é um fenômeno do mundo moderno.⁴⁶³

O crescimento das cidades no Brasil, em maior ou menor escala, exigia novas soluções para seus problemas, demandando o desenvolvimento de técnicas específicas e apropriadas. Sem dúvida, entre as disciplinas que foram estabelecidas para enfrentar os primeiros problemas e que trouxeram efeitos de “modernidade” sobre as vidas das pessoas, o urbanismo foi a de maior impacto, seja pela natureza teórica de suas proposições ou pelas suas realizações concretas. O urbanismo tornou-se, de fato, uma disciplina - símbolo dos tempos modernos.

5.2 O Poder do Discurso Urbanístico

De acordo com Françoise Choay, o discurso urbanístico que orienta as intervenções na cidade, antes de ser técnico, é ideológico. Em seu livro “O Urbanismo: Utopias e Realidades. Uma Antologia”, Choay demonstra que há um falso problema de fundação na análise do urbanismo. Enquanto os teóricos insistem em situar o urbanismo no nível científico, ela advoga que esta idéia é um dos mitos da sociedade industrial. Através de uma análise histórica das idéias propostas para os “problemas” das cidades, da Revolução Industrial em diante, ela mostra que, por trás das propostas e racionalizações urbanas estão escondidas

⁴⁶¹ Vale notar que a Revolução de 30 foi denominada de “revolução madrasta” para a Bahia, por Clemente Mariani, primeiro pelo “soçobro político do Estado, que não tinha afinidade “com o movimento vitorioso, depois pela “instalação da vontade discricionária do Governo, sujeito apenas às influências dos que lhe giravam em torno (...)” citado em SAMPAIO (1999) p.96.

⁴⁶² SILVA (1989).

⁴⁶³ Vale lembrar que o mérito da fundação da disciplina urbanística, atribuída ao arquiteto catalão, Ildelfonso Cerda, é datada do século XIX.

tendências e sistemas de valores; em outras palavras, que os princípios de intervenção foram sempre guiados por ideologias inconfessadas. Como os urbanistas não o assumem, o governo local, enquanto intervém na cidade, utiliza como justificativa a autoridade da Ciência Urbanística. Para a autora, esses argumentos são raramente contestados pois as intervenções urbanas são feitas no sentido de aparentar modificações para melhor, para modernizar.

Isso não significa que a cidade não deva ser motivo de preocupações para seus habitantes ou para alguns dos seus grupos sociais, a exemplo dos urbanistas, profissionais e políticos, mas que o fenômeno urbano deve ser entendido como uma ação que envolve, na sua produção, variáveis de ordem política, cultural, social e ética, entre outras.

Apresentando o urbanismo como uma técnica da modernidade, Choay argumenta que, exceto para Marx e Engels, as soluções propostas para os problemas urbanos tomam como base principalmente o conceito de desordem à qual a cidade está submetida. Isto tornou possível perceber a nova ordem como o resultado dos novos tempos, isto é, como uma oposição àquela desordem existente.⁴⁶⁴

Uma outra questão analisada por Choay é que o urbanismo se auto-intitulou com uma condição de ciência, quando ele não tinha um corpo de conhecimento próprio que pudesse legitimá-lo; e se limitou a apropriar-se de resultados de outros campos e disciplinas, - em particular aqueles desenvolvidos pela medicina - enfatizando a higiene, a ventilação, a aeração, a insolação, etc. De fato, foi essa base “científica” do urbanismo que foi usada como argumento na “Primeira Semana do Urbanismo” em Salvador, no ano de 1935 (ver próxima sessão). Em uma série de artigos publicados posteriormente na *Técnica: Revista de Engenharia*, um artigo, extraído de uma conferência proferida pelo Prof. Walter Gordilho, na Escola de Belas Artes da Bahia, afirma:

“Esta é a razão pela qual o urbanismo, como uma ciência, incluindo a previsão de fatos, corrige erros do passado, não se ilude com o presente e tem o seu pensamento fixado no bem estar do futuro. Ele o faz quando institui espaços abertos e áreas verdes para a alegria das pessoas de hoje e a felicidade das futuras”.⁴⁶⁵

O artigo é ilustrado com sistemas de parques e *park-ways* com áreas verdes de ambos os lados. Eles serão depois projetados pelo Escritório de Planejamento Urbano da Cidade de Salvador (EPUCS), para o Plano de Salvador, como veremos adiante.

⁴⁶⁴ CHOAY (1979).

⁴⁶⁵ GORDILHO (1941).

5.3 A produção da cidade

Assim, sob o argumento do progresso, desenvolvimento e modernidade, cujo valor fundamental é defender o liberalismo como base, a cidade torna-se o novo centro de interesse econômico, e o urbanismo, o instrumento auspicioso e científico para sua realização. A cidade era o cenário para a exibição e a reprodução do capital e das relações sociais de produção. Em Salvador e outras cidades brasileiras, a mesma razão que promovia o incremento de melhorias urbanas e novas construções conduzia, dia a dia, à demolição de numerosas edificações e espaços considerados obsoletos, isto é, potencialmente lucrativos para o capital.

O conceito de “destruição criativa”, desenvolvido por David Harvey em “A Condição Pós-Moderna”, é importante para a compreensão do processo da absorção da ideologia da modernidade - forjada na Europa - pela sociedade brasileira, políticos e profissionais. Harvey utiliza, além das imagens da destruição criativa e da criação destrutiva de Nietzsche, a interpretação do economista Schumpeter, para compreender o desenvolvimento capitalista. O empresário era, na visão de Schumpeter, “um destruidor por excelência porque era preparado para empurrar as conseqüências das inovações técnicas e sociais a extremos vitais” e “a destruição criativa era o *leitmotiv* progressivo do desenvolvimento capitalista benevolente”.⁴⁶⁶ Progresso e desenvolvimento claramente não poderiam ser alcançados sem destruir muito do que já havia sido construído previamente.

Entre os anos 1910 e 1930, em Salvador, como assinalado no Capítulo 2, foi implementado um período de transformação espacial, quando quarteirões inteiros dos tempos coloniais foram destruídos - incluindo edificações monumentais, religiosas e seculares - o que vem sendo caracterizado como um movimento de des-construção da cidade colonial.

Em Salvador, os melhoramentos urbanos que, no transcurso do século XIX, gradativamente, transformaram a cidade (quando as principais preocupações eram relacionadas às doenças epidêmicas), foram acelerados entre 1912 e 1916, durante o primeiro governo de José Joaquim Seabra, dentro do terceiro momento da modernização de Salvador, segundo descrição anterior.

O projeto de Seabra, cujo principal objetivo foi facilitar o deslocamento, ligar pontos da cidade e facilitar a introdução de meios de transporte⁴⁶⁷, teve como modelo a renovação urbana do Rio de Janeiro, entre 1902 e 1906, como observado no Capítulo 3. Embora várias demolições para alargar ruas e ampliar praças tivessem lugar e diferentes expressões do estilo eclético empregado em diversas edificações mudassem a imagem da cidade nos anos

⁴⁶⁶ HARVEY (1993).

⁴⁶⁷ PINHEIRO (2002).

subseqüentes (além de vários melhoramentos urbanos e aberturas de novas vias)⁴⁶⁸, foi nos anos 30 que o discurso urbanístico tomou força: um grande evento público, denominado primeira “Semana de Urbanismo na Bahia”, tornou claro que o discurso científico do urbanismo foi bem vindo e que era imperativo difundí-lo.

Assim, a primeira “Semana de Urbanismo na Bahia”, pensada como uma grande iniciativa para popularizar as idéias do urbanismo, aconteceu sob um caráter didático e um esforço militante.⁴⁶⁹ A “Comissão do Plano da Cidade do Salvador”⁴⁷⁰, de Nível Municipal, e a “Sociedade de Amigos da Alberto Torres”⁴⁷¹, núcleo da Bahia, organizaram uma série de conferências cobrindo diversos temas relacionados à vida urbana.⁴⁷² A escolha desses temas, o conteúdo das palestras e a linguagem utilizada deixaram bastante claros os seus propósitos de “criar na Bahia uma consciência urbanística, sem a qual não seria possível expandir racionalmente e sistematicamente a nossa capital”. Segundo Silva, esse propósito de publicizar o urbanismo veio com a onda modernizante que se espalhou em todo o Brasil, após a República, e teve seu momento mais expressivo no movimento Tenentista de 1930. Se nós examinarmos, coloca o autor, o *background* dos responsáveis por essa campanha publicitária, podemos confirmar esta hipótese. Ambas, a Comissão e a “Sociedade de Amigos de Alberto Torres” foram inspiradas pelas propostas de organização administrativa e participação cívica, formuladas pelo Tenentismo.

O entendimento do urbanismo como uma disciplina capaz de produzir um modelo perfeito de cidade está presente na maioria das palestras proferidas durante a Conferência. A visão da cidade como um objeto desordenado e caótico - contudo capaz de ser modelado através de intervenções racionais, concebidas em termos de modelo e desconsiderando os

⁴⁶⁸ Pode-se citar a construção da Avenida Oceânica, ligando os “arrabaldes de Barra e Rio Vermelho”, terminada em 1922, no segundo governo de J. J. Seabra (1920-1924) e denominada de “Estrada Eterna”, por levar dez anos para ser concluída. *Jornal A Tarde*, de 21/03/1922 p. 02; a urbanização das praças Barão de Triunfo e Colombo (Rio Vermelho) e do bairro de Mont Serrat, “*arrabalde hospedaria de imigrantes*”, com luz elétrica e linha de bonde, no governo de Góes Calmon. *Jornal A Tarde*, de 22 e 23/02/1929, além da execução do projeto de Estética Urbana: paisagismo e iluminação do Pharol da Barra, Piedade e dos arredores do Bomfim, entre outros. Edição de 30/10 do mesmo ano.

⁴⁶⁹ SILVA (1989).

⁴⁷⁰ Silva esclarece que Comissão permitia a participação de qualquer “*cidadão digno, desinteressado e pronto a colaborar com o poder público em benefício coletivo enquanto abstendo-se de participar de partidos políticos*”. Foram então indicados representantes do Estado, da Municipalidade, da Associação Comercial, do Rotary Club, da Associação Bahiana de Imprensa, da Companhia de Energia Elétrica da Bahia e da Caixa Econômica Federal. Esta Comissão, para SUÁREZ (1995), “*era composta de ‘bem intencionados’ profissionais que defendiam a moral da comunidade, demonstrando ser bons cidadãos, paternalistas, civilistas e patriotas, os quais se achavam capazes de transformar suas associações técnicas em poder executivo na cidade*” (p. 242,243).

⁴⁷¹ Sociedade de caráter civil (extinta em 1945, com o fim do Estado Novo), foi fundada no Rio de Janeiro em 1932, por Rafael Xavier, Ari Barreiras e Juarez Távora, entre outros. Membros do Partido Integralista tinham atividades no campo sócio econômico. SUÁREZ (1995). Alberto Torres, um empresário do Rio de Janeiro, era o patrono da Sociedade, cujos participantes, segundo SILVA (1989) eram “*patriotas dedicados, pessoas que representavam a burguesia vitoriosa da Revolução de 30*”.

⁴⁷² Para interpretações detalhadas ver SUÁREZ (1995) e SAMPAIO (1999).

problemas sócio-econômicos que os determinaram - caracterizou o tipo de urbanismo almejado para Salvador.

Porém, se a intenção foi aplicar uma abordagem inspirada nos princípios que caracterizam o Urbanismo Progressista - como Choay o classifica em seu trabalho - o distanciamento da realidade local transmutou-a em visão romântica, como argumenta Suárez, a partir de um aprofundamento na leitura das propostas para, através das mesmas, entender a concepção de cidade então almejada.⁴⁷³ Essa visão refletia a própria contradição entre ‘moderno’ e ‘histórico’, presentes na Semana, pois, se nas comunicações se percebe um desejo de atualização, de viver em um espaço moderno, de ser moderno, a força da Bahia enquanto história, enquanto cidade construída - que permitiu, como capital do país, ser motivo de orgulho dos soteropolitanos -, foi também uma constante nas exposições.⁴⁷⁴

O clamor pela modernidade, baseado na idéia de progresso, fundamentou os principais princípios defendidos pelos palestrantes do evento. “Progressista e Grande! Grandes Planos, no lugar de pequenos, porque eles duram no tempo, ajustando-se às intenções dos criadores do Progresso”⁴⁷⁵, assinala um dos conferencistas.

O plano idealizado está assim muito próximo daqueles que, como observa Bermann, caracterizam a ‘burguesia em ação’:

“Uma imensa quantidade de dinheiro e energia alocadas na construção e o caráter monumental auto-consciente da maioria das edificações testemunham a sinceridade e a seriedade das alegações da burguesia de ser o ‘Partido da Ordem’ na política e na cultura modernas”.⁴⁷⁶

Ele também expressa claramente o traço ideológico da atividade liberal burguesa, da qual o urbanismo tornou-se um instrumento poderoso, teórico e prático.

De acordo com Silva, a despeito das interferências de ordem ideológica, a Semana de Urbanismo pretendeu principalmente transferir para o grande público esse novo conhecimento, isto é, vender o urbanismo ao público.⁴⁷⁷ Esse era um passo necessário devido à desconfiança de alguns segmentos tradicionalistas da sociedade e da reação popular contra

⁴⁷³ SUÁREZ (1995). Para a autora, os participantes não compunham um grupo homogêneo e sua proposta não era definida.

⁴⁷⁴ Idem p. 246. É importante o que SUÁREZ ressalta sobre as propostas: *“ainda que prevaleceram os ideais de cidade moderna, posição da maioria progressista da Semana, não chegou a haver nenhuma proposta de abandono da cidade existente”*, mas sobre ela devia se adaptar a nova feição. Admitiu-se conviver com a cidade existente, histórica, sempre mencionada com orgulho, *“tanto pelos progressistas quanto pelos historicistas”*. E completa, *“As referências utópicas a países distantes ficavam, assim, diminuídas, já que a rigidez dos modelos internacionais teve que adaptar-se à realidade soteropolitana no espaço da Semana”*. (p. 250, 251).

⁴⁷⁵ SALVADOR (1937) p.4.

⁴⁷⁶ BERMANN (1986).

⁴⁷⁷ Reforçando o argumento observamos que, com esse propósito, vários artigos foram publicados em A Tarde nas edições de 25/04, 05/05, 04/10 de 1935, este último intitulado “A Necessidade de um Plano Urbano”. Outros artigos sobre aspectos “deprimentes” da “nossa cidade”, como a falta de higiene e as casas de “barro armado” que proliferam nos morros (edição de 11/03) instavam no público a urgência de um plano urbanístico.

as intervenções urbanas pela administração pública em outras cidades do país. Portanto, para esclarecer o propósito do urbanismo, era preciso destruir entre as pessoas a idéia “sempre preconceituosa das massas, que o urbanismo era um pretexto para aumentar o valor dos impostos”.⁴⁷⁸

Assim, a primeira medida para capturar a opinião pública era explicar para as pessoas o conceito de urbanismo: além de ser uma disciplina científica, era uma questão de ordem e harmonia, isto é, os conceitos que pertencem, segundo Choay, à fundamentação teórica do urbanismo progressista.

Foi também enfatizado que a despeito das diferenças entre as diversas partes que compõem a totalidade urbana, com suas funções específicas, elas deveriam ser harmonicamente organizadas no sentido de chegar a uma cidade ordenada, uma cidade perfeita para o bem estar e felicidade de seus cidadãos: “Precisamos, portanto, conhecer primeiramente o que se tem de harmonizar. Evidentemente: as atividades sociais. E o que há para por em ordem? As conseqüências dessas atividades e os lugares em que se hão de ellas processar”, explicou Gama e Abreu, o principal dos conferencistas.⁴⁷⁹

A defesa do discurso higienista por Gama e Abreu, seja entre os estudantes da Escola de Engenharia - onde ele ensinou urbanismo, ou nos seus artigos publicados em revistas locais e nacionais - implicava a necessidade de estudar os costumes nocivos das pessoas “os quais têm de ser corrigidos, como hábitos atávicos, tradições e tais”.⁴⁸⁰

Entre os hábitos e costumes merecedores de correção certamente estavam incluídos aqueles da parcela feminina da sociedade pertencente aos segmentos sociais considerados inferiores, ou seja, pretos e pobres. Veremos adiante, neste capítulo, como a Federação Bahiana pelo Progresso Feminino (SBPF) - dirigida por Edith Gama e Abreu, esposa do urbanista baiano -, no seu caráter fechado e segregacionista, estigmatizava as mulheres de perfil social “duvidoso”.

Ainda na Conferência, o professor Gama e Abreu enfatizava a necessidade de “detectar os costumes que são toleráveis e aqueles que devem ser erradicados” (...) medida imperativa, do contrário, não seria possível o cumprimento da tarefa urbanística, definida como “ordem e harmonia entre os elementos estático e dinâmico de uma cidade (...)”

O ideal de ordem que deveria substituir a cidade desordenada e insalubre, ainda ameaçada por doenças e maus comportamentos, era baseado no discurso que defende a figura

⁴⁷⁸ Mariani, Ricardo. *A Cidade Moderna entre a História e a Cultura*. São Paulo: Nobel, 1986, p.4, citado em SILVA (1989) p. 81.

⁴⁷⁹ SALVADOR (1937) p. 42.

⁴⁸⁰ Idem Ibidem

de um sujeito universal, o homem racional de direito universal que incorpora os vários tipos de indivíduos - homens e mulheres - que viviam na cidade. Esse discurso assume que as pessoas têm as mesmas necessidades e expectativas, de modo que poderiam ser submetidas ao mesmo modelo de vida, forjando assim uma identidade comum para elas. Deve-se realçar a importância que o discurso urbanístico detinha enquanto expressão da formação dessas novas identidades sociais, do ponto de vista da classe burguesa, como colocado por Bresciani.⁴⁸¹ Assim, o largo espectro dos costumes sociais desqualificados por Gama e Abreu poderia também estar ligado àquelas atividades das pessoas que não possuíam propriedades e/ou especulavam em qualquer ramo, portanto pertencentes à outra classe, e representando uma ameaça para a organização aspirada pela burguesia.

Bresciani lembra que a elaboração da identidade burguesa se deu através de um longo processo desde os séculos anteriores, na Europa, e já tinha firmado uma ética que valorizava o isolamento do indivíduo. Daí, ela argumenta, para este homem individualizado pela sua condição de proprietário privado, lhe foi ofertado um lugar naquela comunidade perdida, isto é, conduziu-o a participar de uma comunidade imaginária de interesses universais.⁴⁸² Essa participação, entretanto, não é inescapável, ou seja, existem sempre as possibilidades de subordinação, por um lado, ou autonomia, por outro.

A importância dessa ruptura na identidade burguesa, conforme colocada por Bresciani, está, sem dúvida, relacionada à distinção entre esfera pública e esfera privada, tão crucial para o nosso objeto de estudo. Para a autora, a identidade burguesa “aprisionando a antiga noção grega de polis como um espaço público em oposição ao oikos, domínio privado”, re-elabora a esfera pública como “lugar da ação política de proprietários acionistas da sociedade política em oposição à vida privada, agora recolhida para a noção de **intimidade**”.⁴⁸³ Essa distinção, que divide as duas esferas, a pública, baseada na dinâmica da profissão (recursos econômicos, *status* social etc) e a privada, na vida familiar, que se assenta na própria casa, pode, no entanto, conter argumentos falaciosos, pois a casa, - como vimos no capítulo anterior, - passa a ser representada como um reduto livre de pressões, uma vez que está fora da esfera social, sem tensões exteriores e sem interferências da esfera pública.

Assim, o discurso urbanístico da Semana estava definindo como o espaço público deveria ser idealmente construído, enquanto legislações específicas definiam o espaço privado, lugar das práticas e representações familiares (embora não se deva descartar que

⁴⁸¹ BRESCIANI (1992).

⁴⁸² *Idem*, p.20.

⁴⁸³ *Idem*, *Ibidem*. O negrito está no original.

outras formas de construção e legitimação social, a exemplo das associações de mulheres, também os construiu e definiu ou que no processo de apropriação, pelos usuários, alterações acontecessem, tanto no espaço físico privado, como nas práticas). Veremos, no próximo capítulo, como essa ideologia implicada no discurso urbanístico irá se materializar no espaço doméstico das residências de Salvador

Permeada por essas idéias, a noção de progresso prevaleceu como o maior objetivo a ser alcançado e, para isso, o urbanismo foi o instrumento indispensável. Para exercê-lo, não houve hesitação em remover os obstáculos que não transmitissem a imagem de futuro, contemporaneidade e modernidade, mesmo se esses obstáculos representassem séculos de investimento, trabalho e cultura. Em Salvador, no que diz respeito ao nosso patrimônio construído, o exemplo mais contundente foi a brutal demolição da Catedral da Sé e seus arredores, em 1933, para dar lugar ao terminal de bondes - desde então denominado Praça da Sé. Enquanto a Catedral estava lá não havia praça; quando a praça foi aberta não havia mais Catedral...

Se observarmos o desenvolvimento do urbanismo na Bahia, podemos verificar que as noções urbanísticas apresentadas em 1935 foram retomadas a partir dos anos 40 em diante, após a criação do EPUCS (Escritório de Planejamento e Urbanismo da Cidade do Salvador). E se o poder público não implementou nenhum projeto sugerido na Semana do Urbanismo, o ideal progressista continuou presente no meio acadêmico, como pode ser observado no currículo da Escola Politécnica e nos textos das revistas e imprensa local.

Para alguns autores, os princípios da Carta de Atenas teriam sido uma opção desejada pelos governantes, profissionais e empresas, revelando o continuado abraço ao ideal progressista de pensar a cidade.⁴⁸⁴ Para Carlos Nelson Ferreira Santos:

“as propostas urbanísticas, racional e cultural, no Brasil, separaram-se curiosamente: a empresa privada apoiou o culturalismo (espalhando ‘jardins’ nas principais cidades brasileiras) e os governos, central e local, adotaram o urbanismo progressista como modelo oficial”.⁴⁸⁵

Parece mais correto sugerir que as variantes interpretativas sobre que corrente teria influenciado ou serviu de base para o pensamento urbanístico local estão vinculadas a lacunas ou omissões da historiografia na própria Europa, como observa Swenarton⁴⁸⁶, historiografia

⁴⁸⁴ Caso de SILVA (1989) e ARAÚJO (1992). No que concerne à aplicação de alguns argumentos contidos na Carta, nos discursos da Semana parece que investigações recentes apontam outras interpretações. Segundo Sampaio, como a Carta de Atenas só foi publicada em Salvador nos anos 40, é possível que os conferencistas da Semana nem a conhecessem. Sampaio (1999).

⁴⁸⁵ SANTOS (1983).

⁴⁸⁶ SWENARTON (1983).

que, baseada em uma narrativa contínua e cronológica, durante muito tempo, não deixou margem para interpenetrações entre abordagens nem sempre antagônicas.

Para Swenarton, que se debruçou em textos e material iconográfico relativo ao urbanismo europeu, é curioso que as obras clássicas de língua inglesa sobre a arquitetura e o urbanismo modernos não reconheçam a contribuição inglesa para a arquitetura moderna. Seus autores concordam que a liderança britânica, importante no século XIX, desfez-se depois de 1900.⁴⁸⁷ Swenarton argumenta que existe uma relação entre a teoria e a prática da nova arquitetura dos anos 20 - representada principalmente pela produção alemã nos CIAMs em 1929 (Frankfurt) e em 1930 (Bruxelas), - e aquela da arquitetura social do movimento Cidade Jardim do pré-guerra, representado principalmente pelos projetos e textos de Raymond Unwin. Para Swenarton, a diferença brutal em configuração e relação com o sítio - entre o pintoresco Hampstead Garden Suburb⁴⁸⁸, claramente inspirado em Camilo Sitte e a abstração racionalista dos projetos do CIAMs - esconde semelhanças que foram, inadvertidamente, omitidas pela historiografia. Swenarton chama a atenção para a preocupação de Unwin com a qualidade e a economia (para viabilizar a habitação social); com a criação de espaços verdes através de baixa densidade de ocupação; com a economia de custos na construção de vias e serviços principais e a separação de vias para veículos e pedestres (tornando desnecessário que as fachadas de todas as casas facessem as ruas), e finalmente com o cuidado no que diz respeito à orientação (na crença de que o sol era essencial para a saúde). Esses aspectos são minuciosamente analisados pelo autor, no sentido de mostrar o quanto o projeto e a construção de Hampstead Garden Suburb - bem conhecido dos arquitetos europeus -, foi tomado como referência e ponto de partida para o planejamento residencial do Continente, no início dos anos 20.⁴⁸⁹

⁴⁸⁷ Swenarton cita Pevsner, Giedion, Hichcock e Banham os quais, particularmente, omitiram a arquitetura social do movimento da Cidade Jardim, enquanto lembra que foi um crítico italiano, Manfredo Tafuri, que reconheceu esse traço na arquitetura inglesa. Tendo declarado que a arquitetura moderna deveria ser vista menos em termos de linguagem e mais em termos de produção, Tafuri destacou o arquiteto como reformador social e “gerenciador” urbano, anunciando Raymond Unwin como ponto de partida - depois vieram Stein e Henry Wright, na América, e Ernst May, Hannes Meyer e Martin Wagner, na Alemanha dos anos 1930. TAFURI e DAL CO (1980).

⁴⁸⁸ A tradição pintoresca (entendida “como uma pintura” e tida como diferente de pitoresco) foi reconhecida na obra “*Das Stadbau*” (“A construção das cidades sob princípios artísticos”) de Camilo Sitte. Interessado na forma da cidade analisou o que a história urbana pode fornecer como dados importantes para a formação de “belas cidades”.

⁴⁸⁹ Muitos arquitetos europeus visitaram Hampstead (como, por exemplo, durante a Town Planning Conference, em 1910) e a obra de Unwin, *Town Planning in Practice* (1909) foi publicada em alemão um ano após o original em inglês. Por outro lado, muitos exemplos de conjuntos residenciais no continente comprovam a absorção do ideário e da preocupação formal dos projetos urbanísticos de Unwin, pelos europeus. O autor cita e ilustra projetos parisienses (Henri Sellier e Paul Wolf); projetos em subúrbios-satélite alemães (inclusive um de Ernst May) e até um pequeno conjunto habitacional em St. Nicholas d’ Aliermont (também ilustrado no texto de Swenarton), projetado, em 1917, por ninguém menos que Charles Edouard Jeanneret, depois Le Corbusier. SWENARTON (1983) p.52, 53. Essa influência, do ponto de vista formal, teve uma repercussão expressiva no Brasil, principalmente com a vinda de Barry Parker, sócio de Unwin, durante a Primeira Guerra Mundial, quando se alastrou o conjunto de projetos dos “Jardins” em São Paulo e posteriormente em outras cidades brasileiras, inclusive Salvador, como veremos adiante neste capítulo.

O *Romerstadt Siedlung*, no Vale Nidda, projetado por Ernst May, já em 1927, é um dos planos que emprega com precisão princípios caros a Unwin, e que podem ter sido absorvidos no período em que May trabalhou em Hampstead com o urbanista inglês: o plano foi determinado pelo sítio; a paisagem da rua controlada e na margem do rio, um talude separa o subúrbio do campo, uma solução idêntica ao muro projetado por Unwin, para Hampstead.

A prática desenvolvida por Unwin foi, para Swenarton, a ortodoxia em urbanismo durante os anos 20, no fim dos quais uma outra ortodoxia foi estabelecida. No terceiro encontro do CIAM, em Bruxelas (1930), cujo tema, “Métodos Racionais em Planejamento Urbano” - no lugar dos ajustes ao sítio e de uma composição cuidadosa, que sugere o pinturesco - as edificações foram colocadas em fileiras paralelas, com orientação uniforme, e as ruas, igualmente uniformes, formando ângulos retos com as construções, configurando o tipo de *lay-out* denominado *Zeilenbau*.⁴⁹⁰ Swenarton argumenta assim que “A **racionalidade** dos esquemas de Raymond Unwin foi substituída pelo **racionalismo** dos *lay-outs* rigidamente geométricos dos alemães”. O *Zeilenbau*, com seus edifícios e ruas dispostos em malha retilínea, embora otimizasse a orientação e reduzisse custos, abdicou das particularidades do sítio - tão caras a Unwin.

Também foi desprezada a crença de que o bom senso do arquiteto era um guia suficiente para a interpretação dos dados para o projeto. Na visão dos arquitetos racionalistas, ao contrário, para a arquitetura ser válida ela tinha que se basear em descobertas imparciais e objetivas da ciência. A ênfase era dada na produção, aspecto mais importante para os defensores da *Neues Bauer*, segundo Swenarton, e a produção da habitação, como demonstrado no capítulo anterior, devia ser baseada nas mais modernas técnicas americanas, principalmente aquelas de F.W. Taylor e Henry Ford.⁴⁹¹

Assim, pode-se acordar com os autores que advogaram elementos das duas correntes, como partícipes do modelo urbanístico aspirado para Salvador, no entanto, o entendimento das questões ideológicas que estão embutidas em ambas, base para a classificação de Choay, e seu rebatimento na configuração física ainda podem se beneficiar dos esclarecimentos de novas aventuras historiográficas. O que é certo é que a preocupação com a habitação social comum às duas correntes indicadas por Swenarton, pinturesca e racionalista (que nos anos 30

⁴⁹⁰ Walter Gropius foi um dos principais protagonistas do Congresso defendendo a redução do número e o aumento das alturas das edificações. Foram dele diversos projetos inclusive o *Siemensstadt*, bastante difundido no Brasil. Em Salvador o projeto (1948) do Conjunto Habitacional IAPI, que deu o nome ao bairro, é o que mais se aproxima desse modelo.

⁴⁹¹ Uma parte do texto de Swenarton é dedicada à forma como os procedimentos racionais baseados em análises científicas e calculadas com o máximo de eficiência, presentes na obra de Taylor *Principles of Scientific Management* (1911), - como já explicitado no capítulo anterior - foi absorvida pelos arquitetos europeus e, em especial, pela Alemanha.

já estava enfraquecida mesmo na Europa⁴⁹²), não repercutiu nas discussões dos urbanistas baianos, pelo menos até a criação do EPUCS (Escritório de Planejamento e Urbanismo da Cidade do Salvador).

O que vai mesmo caracterizar as aspirações desses urbanistas envolvidos na Semana é o desejo de transformar a cidade desordenada em um exemplo de urbe civilizada, ordenada e aberta para o progresso, sem reconhecer as dificuldades ou impossibilidades de tal transformação. Por isso mesmo, nem o poderoso discurso utópico da Semana de Urbanismo nem o sonho projetado pelo EPUCS capturaram a cidade de Salvador, a qual, até os anos 1950, ainda estava alheia às grandes transformações quanto à implantação de projetos urbanos.

5.4 O EPUCS -Escritório de Planejamento e Urbanismo da Cidade de Salvador

Somente em 1943, um órgão oficial - o EPUCS - foi criado para colocar em prática as idéias desenvolvidas na primeira Semana de Urbanismo através da elaboração de um Plano Urbanístico para Salvador. Este Plano resultou, em 1949, no primeiro zoneamento pensado para a cidade.

O Plano do EPUCS para Salvador, cujo idealizador foi o engenheiro Mario Leal Ferreira, embora sendo considerado de vanguarda por alguns autores - na medida em que adota uma concepção inter-disciplinar de planejamento ao nível de uma proposta urbanística, usando como base as proposições de Patrick Geddes (conceito evolutivo de cidade)⁴⁹³ e o modelo de Burgess⁴⁹⁴ - teve somente parte dele executado, ainda assim não antes dos anos 50 e, compreensivelmente, muito alterado.⁴⁹⁵

O Plano respeitava, de alguma forma, a evolução histórica da Cidade de Salvador considerando sua relação com o Recôncavo, isto é, reconhecendo-o como um centro

⁴⁹² Swenarton argumenta que o exílio da nova arquitetura, devido à ascensão do nazismo, e seu enfrentamento à Grande Depressão, depois de 1930, podem explicar a razão das omissões dos historiadores - tanto em relação à contribuição da tradição inglesa como à importância da opção de "fordização" pelos alemães. Com a perda de interesse em habitação social por parte dos governos, que suspendem seus programas neste campo, a nova arquitetura é lançada no mercado internacional à procura de novo abrigo, sendo difícil então reconhecer abertamente seu fundamento no programa social da República de Weimar. A perda da dominância da Ford na indústria automobilística para a General Motors também é considerada por Swenarton, o qual aponta, principalmente, razões políticas para explicar os descuidos da historiografia: "*Quase no mesmo momento em que a nova arquitetura foi criada existiram boas razões para contar sua história diferentemente do que realmente foi*" (p.58). A transformação da arquitetura moderna de uma causa para um estilo, no dizer de Kopp, vai, aos poucos, arregimentando novos argumentos.

⁴⁹³ De acordo com SUMMERSON (1963), a obra de Patrick Geddes *Cities in Evolution* foi publicada em 1915 no sentido de propagar o movimento nascente *Town Planning*. Para SAMPAIO (1999, p.194), a visão urbanística de Mario Leal Ferreira, que estudou em Harvard, faz clara opção, do ponto de vista teórico e metodológico, pelo *Town Planning*, como observado no artigo do próprio Mario: "Urbanismo como estudo do processo evolutivo das cidades e projeto da sua adequada estrutura", publicado na *Revista Planejamento*, vol. 6, n° 2, abr-jun, Salvador (1978), citado por Sampaio.

⁴⁹⁴ Teoria das Zonas Concêntricas: a zona central, o CBD (Central Business District) e as demais zonas, portuária, residencial, industrial e rural.

⁴⁹⁵ De fato a implementação do plano era econômica e politicamente inviável: o fantasma do enigma baiano (o estado não industrializado) ainda estava presente. Até a criação - o desenvolvimento - das idéias do EPUCS, o Estado da Bahia ainda não apresentava as condições mínimas necessárias para o desenvolvimento industrial. ARAÚJO (1992).

polarizador da vida regional próximo das áreas que rodeiam a Baía de Todos os Santos. O Porto, a ferrovia e os bondes eram os meios de transporte predominantes e base para a estrutura proposta. Porém, se esta solução permitia algumas ligações com o passado colonial, isto não poderia existir em uma cidade com apenas um centro sem uma profunda ruptura do “novo” com o “velho”. Assim, uma transformação da malha urbana antiga da cidade foi proposta, com a previsão de novas vias adequadas para os veículos modernos, preservando apenas alguns monumentos isolados.⁴⁹⁶ Dessa forma, o Plano não teria se importado com a rica herança dos tempos coloniais, razão pela qual alguns o colocaram dentro do ideário do urbanismo progressista, defendido por Le Corbusier e os CIAMs.⁴⁹⁷

O modelo formal proposto para Salvador foi um meio-círculo, devido à localização excêntrica do primeiro assentamento da cidade (área central), às margens da Baía, guardando o respeito à geomorfologia, um sistema urbano adaptado, portanto, ao modelo radial-concêntrico⁴⁹⁸ que, para Suárez, se distanciou do ideário corbusiano, repondo um todo urbano, um modelo de cidade que surge desde a fundação das cidades portuguesas, incluindo Salvador: o relevo, o clima, o litoral; em definitivo, o próprio sítio⁴⁹⁹ (Fig. 1).

Por outro lado, segundo Sampaio, também se contrapondo à especulação de que o Plano teria inspiração nos CIAMs, sugere que a preocupação com a evolução histórica da cidade; com a investigação empírica de cunho sociológico; com a economia, no sentido de uma compreensão mais abrangente da realidade, conduzem à crença de que o Plano remete mais à vertente teórica do IFHP (International Federation of Housing and Planning).⁵⁰⁰ Assim, embora o sistema de zoneamento possa ter vinculação com o ideário da Carta de Atenas, sua concepção está longe de ser uma visão simplificada e pouco abrangente da cidade ideal corbusiana, “no geral reduzida a habitar, trabalhar, recrear e circular, como elementos estruturantes do espaço”.⁵⁰¹ As zonas concêntricas em torno do centro da cidade referem-se

⁴⁹⁶ O SPHAN, (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), criado em 1937, não se opôs ao plano desde que sua preocupação era então em preservar apenas edificações isoladas de valor histórico e artístico.

⁴⁹⁷ ARAÚJO e CARDOSO (1988) p. 39-49. É interessante notar que o exemplo mais citado da herança corbusiana é o *Plan Voisin*, para Paris, que vem sendo estudado mais profundamente no aspecto da preservação. Para Thordis Arrhenius é exatamente o *Plan Voisin* que mostra certa preocupação com a preservação por parte do Movimento Moderno. Sua investigação é baseada em registros arquivísticos como textos e *sketches* (inclusive uma versão colorida da planta mais conhecida do Plano que, parece, nunca foi mostrada na historiografia) e as idéias de Alois Riegl as quais, segundo os documentos encontrados, poderiam até ter sido utilizadas por Le Corbusier, como referencia teórica. ARRHENIUS (1999).

⁴⁹⁸ O modelo radial-concêntrico foi primeiramente teorizado por Eugène Henard em 1909 e por Ebenezer Howard que também se apoiou neste esquema. SAMPAIO (1999) p. 198.

⁴⁹⁹ SUÁREZ, (1996) p. 266. Em termos de proposta funcional a autora também observa a reafirmação, de maneira racionalizada, da estrutura herdada dos portugueses, na absorção dos altiplanos como zonas residenciais, otimizando o aspecto climático (p.261).

⁵⁰⁰ Para detalhes ver SAMPAIO (1999).

⁵⁰¹ Idem, p. 198. Para Sampaio a visão de Mario Leal Ferreira, é “organicista”, a preparação do plano requerendo uma prévia compreensão dos problemas, inclusive sociais -“para cuja solução a cidade deve estar preparada”. Essas idéias refletem a formação do urbanista no exterior, afirma Sampaio, “numa visão distante da utopia corbusiana”.

às duas zonas de transição e aos dois anéis de zonas residenciais, com densidades decrescentes do centro para a periferia.

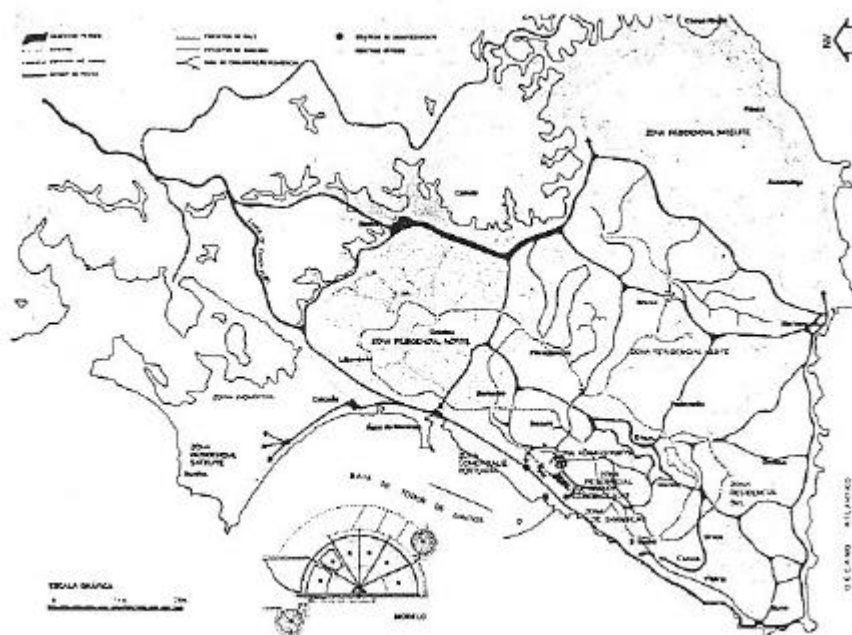


Fig.1 - Proposta do EPUCS: “o modelo adaptado ao sítio”.
Fonte: OCEPLAN. PLANDURB (1976)

O principal problema colocado para a implementação do Plano foi em relação a quem habitaria ali. Diferentemente dos movimentos anteriores - quando as pessoas mais ricas se deslocaram para as áreas mais afastadas (ocupação do Distrito da Vitória, por exemplo, na passagem do século XIX para o XX), a população alocada para viver nos subúrbios foi a mais pobre. Mas agora os subúrbios estão localizados além dos bairros ricos e das camadas médias, nas áreas fora da urbes, onde o próprio termo suburbano tem uma conotação negativa. Era o espaço reservado para o marginal no Brasil Colonial, onde a grande maioria dos escravos era enterrada, onde as casas mais pobres eram erigidas e onde atividades poluentes eram permitidas.⁵⁰²

Neste caso, o Plano assegurava a segmentação espacial anteriormente esboçada na Legislação 1146/26⁵⁰³, contudo de modo diferenciado, pois a sub-divisão territorial do Plano foi, para Araújo, um zoneamento funcional⁵⁰⁴.

Como narrado acima, mesmo que o Plano não tivesse uma base econômica regional para apoiar as transformações urbanas propostas, suas sugestões para a legislação

⁵⁰² ARAÚJO & CARDOSO (1988).

⁵⁰³ Para detalhes ver última seção do Capítulo 3.

⁵⁰⁴ ARAÚJO (1992)

ordenamento de uso e ocupação do solo (embora regulamentada apenas em 1948 - Decreto-lei 701/48) resistiram até 1966, quando a lei foi, pela primeira vez, modificada.⁵⁰⁵

Seja como for, a idéia do urbanismo como uma ciência a ser adotada foi claramente enunciada no discurso de Mario Leal Ferreira, o principal mentor do Plano. Ele deveria ser usado como um instrumento capaz de “consertar os defeitos da cidade, ordenar seu crescimento e melhorar a qualidade de vida da sua população” e ser baseado em uma doutrina capaz de estudar, de um modo “científico”, os verdadeiros fatos responsáveis pela configuração da cidade.⁵⁰⁶ Os problemas, cujo conhecimento prévio era indispensável conhecer, eram problemas sociais assim identificados: “os que dizem respeito à localização e distribuição dos vários estratos da sua população (*zoning*); os de saúde e higiene; os de economia e trabalho; os de habitação e alimentação, educação e instrução, os de interação social e bem estar (*welfare*)”⁵⁰⁷, caracterizando, portanto, uma idéia-força centrada no Estado de bem estar social.⁵⁰⁸ Embora a proposta de desenho urbano, de responsabilidade do prof. Diógenes Rebouças, devesse compatibilizar a concepção espacial do modelo adotado aos ‘princípios gerais’, definidos por Ferreira, um claro domínio da passagem dos dados levantados para a proposta espacial inexistiu. Este resultado, ainda segundo Sampaio, é inerente ao ‘*comprehensive planning*’, às dificuldades de articulação das partes ou etapas de elaboração dos trabalhos.⁵⁰⁹

A ousadia do Plano em relação às enormes avenidas (*park-ways*) viria a ser elogiada nos anos subseqüentes. As vantagens trazidas pela presença dos vales, até então sem ocupação (desde que os bondes não desciam as colinas devido à dificuldade que teriam para subir) e pelas estreitas passagens adequadas para a construção de túneis, tornaram possível a execução das “Avenidas de Vale” a partir dos anos 60.⁵¹⁰

Na verdade, as áreas estavam quase desocupadas somente se considerarmos a cidade como um todo, porque nas áreas centrais já havia aquilo que as autoridades chamavam de “a ameaça de uma outra cidade”: muitas casas pobres estavam crescendo em número no fundo dos vales e, para muitos, esta foi uma das razões para a criação do EPUCS.⁵¹¹

⁵⁰⁵ SAMPAIO (1992) p.161.

⁵⁰⁶ Idem p.160.

⁵⁰⁷ FERREIRA (1978), citado em SAMPAIO (1999) p. 194.

⁵⁰⁸ SAMPAIO (1999) p.196, 198.

⁵⁰⁹ Idem p. 198.

⁵¹⁰ O mesmo não se deu com o modelo do Plano, cuja utilização foi parcial. Demorando de ser executado estava como um todo distanciado da cidade em seu processo de industrialização, decorrente da descoberta do petróleo no município de Candeias. Para detalhes ver SUÁREZ (1995).

⁵¹¹ ARAÚJO (1992).

Araújo informa que, até 1940, devido às denúncias nos jornais de áreas insalubres e da presença de epidemias, a orientação foi mais do que clara: a destruição dos barracos como medida de segurança sanitária.⁵¹² A partir dos anos 40 a política implantada foi aquela que a socióloga Maria Brandão chamou de “produção ideológica da ilegitimidade”⁵¹³, isto é, a visão da “cidade certa” e da “cidade errada”, assumindo o barraco, a favela, como as bases do “erro” da cidade, causado por um crescimento desordenado, que já tinha inclusive sido uma preocupação na Semana do Urbanismo, em 1935.

O que aconteceu foi que o fluxo de migrantes que pressionou a expansão urbana e a redefinição das funções de Salvador e suas regiões na economia nacional resultaram no crescimento das atividades do governo e dos bancos assim como o surgimento de novos lotes residenciais - demandando novas edificações as quais, conduziram à migração da população mais pobre para a periferia.⁵¹⁴ Foi necessário, então, estabelecer uma divisão territorial, isto é, a ordenação do uso e ocupação do solo. Desse modo, os loteamentos para o uso residencial, que começaram a aparecer timidamente nos anos 30, aumentaram bastante nos anos 40, embora muitos tivessem ocupação rarefeita. São nesses loteamentos - alguns em áreas de expansão da cidade, outros em bairros já consolidados - que muitas casas de linguagem modernista - objeto do presente estudo - estão localizadas. A grande maioria dos loteamentos obedece à configuração do sítio, isto é, ao relevo acidentado típico da cidade, onde as ruas vão se adaptando organicamente aos variados níveis, em curvas e inclinações, seguindo uma configuração urbanística pinturesca que remete àquela das cidades-jardim e do subúrbio de Hampstead, embora outros atributos, como a separação de vias para veículos e pedestres esteja ausente (Fig.2). A aquisição de automóveis pelos soteropolitanos ainda era bastante rara, o que justifica, de certa forma, a largura reduzida das ruas e espaços laterais muitas vezes insuficientes para abrigar carros (garagens fechadas eram raras) nos projetos dos empreendimentos imobiliários de residências, como é o caso do Parque Cruz Aguiar, o qual avaliaremos posteriormente, o maior entre os demais.

⁵¹² Idem p.320. De fato, como confirmamos nos arquivos, ainda por volta de 1942, ações de repressão por parte da prefeitura contra as favelas atingem locais tão diversos quanto o Largo do Tanque, o porto do Mercado Modelo, a Conceição, a Estrada da Liberdade, o Morro do Cristo Redentor, entre outros. A Tarde 05/11/1942, p.04.

⁵¹³ BRANDÃO (1977).

⁵¹⁴ ARAÚJO (1992).

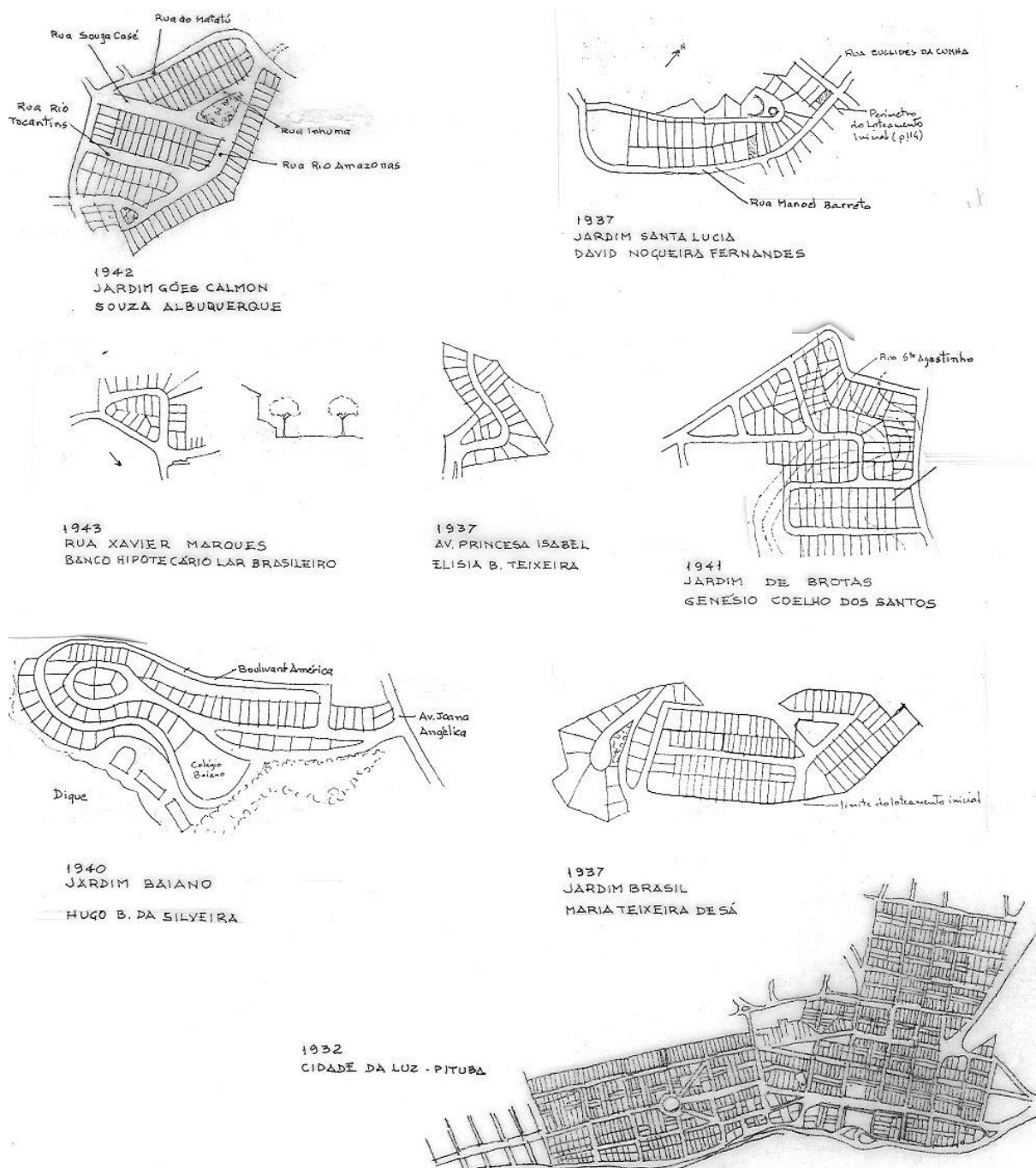


Fig.2 - Alguns loteamentos executados em Salvador, entre os anos 1930 e 1940.
Fonte: OCEPLAN. PLANDURB (1976)

As obras modernas então erigidas na cidade - umas datadas dos anos 40, outras dos 50 - também passaram a ser marcos do projeto modernizador, legitimando-o: o Estádio Olímpico (1942/ 51/ 71), o Hospital Santa Terezinha (1942), o Cine Roma (1948), a Escola Parque da Caixa d'Água (1950), o Edifício Sulacap (1946), a Associação Baiana de Imprensa (1945/51), o Ed. Sul América (1948 / 50) e o INPS (1955), ambos na Ajuda, o Hotel da Bahia (1949) e o Teatro Castro Alves (1957); foram realizações que aspiravam transformar Salvador em uma cidade moderna desde há tanto tempo sonhada. E se os prédios de apartamentos e as casas,

que tiveram um crescimento significativo a partir dos anos 40, deveriam ser ou foram construídos também naquela linguagem, será visto adiante.

5.5 O boom da construção

Como dito anteriormente, a especulação imobiliária aumentou a partir de 1935, mas o *boom* de edificações que se generalizou pelas capitais brasileiras em geral teve lugar no decorrer dos anos 40.

No caso de Salvador - cujo incremento nas construções se deu com mais intensidade na década seguinte, devido ao crescimento implementado pela indústria e pelo setor de serviços, consequência da descoberta do petróleo em 1939⁵¹⁵ - o que se observa, consultando os jornais da época, é que o estímulo dirigido à construção não se deu sem problemas. Desde o início de 1941, uma crise na atividade construtiva - devido à alta absurda de preços dos materiais, apresentando disparidades enormes se comparados com o Rio e São Paulo - levou a uma intervenção do governo no comércio de materiais de construção, em obediência, inclusive, às sugestões do Sindicato dos Engenheiros da Bahia, então pressionado pelos construtores baianos.⁵¹⁶

Por outro lado, os investimentos do Estado nas construções, segundo Melo⁵¹⁷, aumentou no início desta década. A guerra gerou *superavits* no comércio devido ao bloqueio das importações e, por outro lado, conduziu ao aumento nas ofertas de crédito. Este fato, juntamente com a onda especulativa generalizada que afetou todo o mercado - particularmente aquele de materiais de construção - criou a base para o *boom* na construção. Como os investimentos foram aplicados em habitação e escritórios para um grupo relativamente pequeno de pessoas, em um tempo em que a demanda habitacional era grande, esse comportamento levou a um dos maiores desajustes econômicos experienciados pela Grande Guerra no país. O que aconteceu então, para Melo, foi que o capital privado, fosse para construir ou para comprar edificações modernas, foi acrescido pela aplicação da poupança coletiva (fundos de previdência, caixas econômicas, etc) juntamente a bancos comerciais no financiamento - direto ou indireto -, de propriedades imobiliárias.⁵¹⁸

Dentro deste quadro, em Salvador, a partir de 1941, discute-se a ampliação das funções do Monte Pio dos Funcionários Públicos do Estado da Bahia, no sentido de criar a sua

⁵¹⁵ SUÁREZ (1995).

⁵¹⁶ Esses acontecimentos se encontram registrados no jornal A Tarde, em diversas edições entre 29/04 a 18/08 de 1941.

⁵¹⁷ MELO (1992). O artigo de Melo é um estudo de caso relacionado às experiências do Rio de Janeiro e Recife, mas o processo por ele analisado pode ser aplicado, com algumas especificidades, às principais cidades brasileiras.

⁵¹⁸ MELO (1992) p. 148.

carteira imobiliária⁵¹⁹. O Banco Hipotecário Lar Brasileiro aumenta suas transações, inclusive dirigidas a aluguéis⁵²⁰ e, em 1944, se dá a instalação do serviço imobiliário do IAPI, o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários, com financiamento para a aquisição de casas ou construções de casas para renda.⁵²¹ No mesmo ano, é inaugurada a Empresa de Créditos e Construções, sob a direção do engenheiro João Chrisóstomo Peixoto, fiscalizada pelo Governo Federal com a carta patente nº1, cujo mote “Economia e Casa Própria para Todos” (...) “denuncia ser a primeira organização em seu gênero no país”.⁵²²

João Chrisóstomo construiu edifícios de apartamentos para renda desde o início da década. Dois de seus empreendimentos, o Edifício Judith e o Edifício Lea, vizinhos e em linguagem modernista, tiveram suas fotos publicadas na contra-capla da *Técnica* n. 10, de 1942, revista já citada, publicada pelo Sindicato dos Engenheiros.

A criação de novos loteamentos - muitos deles batizados com o nome de Jardins, comprovando a afirmação de Santos⁵²³ na escolha do urbanismo culturalista, pela iniciativa privada - respeitava a geomorfologia pretendida pelo plano do EPUCS (o qual se transforma, posteriormente, em Comissão). As intervenções urbanísticas planejadas e a abertura de ruas foram ações que também possibilitaram o aumento do estoque habitacional da cidade, onde a estética modernista terá chances de se desenvolver.⁵²⁴ Diversos abrigos de ônibus no centro da cidade, no Campo Grande, na Calçada e outros bairros também são construídos entre 1940

⁵¹⁹ Na coluna “Notas Diversas” do jornal A Tarde lê-se que “*O problema da construção de casa deve ser estudado com interesse. Por que não se constrói um arranha-céu de apartamentos?, em ponto acessível para vendê-los aos funcionários? (...) Tais residências seriam de preço mais módico, porque sua construção é evidentemente mais barata e o juro mais reduzido (...) Atende ao problema demográfico da capital, dotando-a de prédios magníficos, realizando-se a fórmula clássica latina de unir o útil ao agradável*”. A Carteira Predial do Monte Pio, pelo Decreto Lei 12.831/1943, estende o financiamento para casas baratas destinadas à venda ou aluguéis (A Tarde, 18/08/1943). Os registros do jornal A Tarde, correspondentes aos anos de 1940 a 1944, foram levantados por Selma Passos e Patrícia Reis como parte da pesquisa sobre Arquitetura Moderna em Salvador, coordenada pela professora Anna Beatriz Ayrosa Galvão. Participaram da pesquisa: Naia Álban Suárez, Olívia Oliveira e Anete Araujo.

⁵²⁰ A Tarde, 12/05/1940.

⁵²¹ A Tarde 18/10/1944 p.03. Não foi encontrado registro posterior para confirmar a data de implantação desta última modalidade.

⁵²² Jornal A Tarde de 01/04/1944 p.12. A matéria traz um dos modelos de casa, tipo *bungalow*. Elas eram construídas e sorteadas, em uma espécie de consórcio. Muitos dos processos consultados nos arquivos da SUCOM, solicitando licença para construção, foram financiados por esta empresa.

⁵²³ SANTOS (1983). Ver nota 484.

⁵²⁴ Essas ações estão detalhadas nos Relatórios da Administração do prefeito Engrº. Durval Neves da Rocha, até 1942. As intervenções incluíram alargamentos e pavimentações de ruas no centro da cidade, como também nos mais diversos bairros de Salvador. Foram beneficiados, entre outros, os bairros da Barra (Rua Afonso Celso e Ladeira da Barra entre outras, principalmente pavimentações) do Rio Vermelho (Praça Colombo e construção da balastrada da praia de Santana) e Amaralina. De Nazaré à Lapinha, dos Mares ao Bomfim e à Ribeira, do Largo Dois Leões à Brotas, seja em praças ou ruas, incluindo construções, alargamento ou nova iluminação, o fato é que as intervenções incentivaram novas edificações nesses bairros, quase todos residenciais. Nos relatórios constam fotografias de todas essas intervenções. No centro da cidade incluíram desapropriações e demolições para alargamentos das ruas Carlos Gomes, Ajuda, Taboão e Lapinha. Todos os imóveis demolidos também estão documentados em fotografias. Prefeitura Municipal de Salvador: *Relatório* de 12/04/1940 a 31/12/1941, apresentado ao interventor Exmo. Sr. Dr. Landulfo Alves, pelo prefeito engº Durval Neves de Rocha. Bahia: 1942. No relatório do Prefeito Elísio Lisboa, de 1944, o mesmo esclarece que as obras efetuadas e planejadas não afetam a essência do plano de urbanização do EPUCS. A Tarde 14/10/1944.

e 1941. É interessante observar que uma estética modernista, de linhas curvas expressionistas, - ou para alguns, *art déco*, - está presente na maioria deles.

Todo esse processo não era desconhecido pelos profissionais ligados à prática de projeto e construção de edificações. Pelo contrário, examinando a *Técnica*⁵²⁵ -, onde os artigos eram assinados por engenheiros e arquitetos (os quais também eram professores das Escolas de Engenharia e de Belas Artes) - pode-se observar não somente que transformações e especulação imobiliária estavam se desenvolvendo na cidade como também sua vinculação com o ensino e a prática profissional, todos eles contribuindo para o processo da construção da paisagem edificada da urbes, onde algum espaço havia para a linguagem modernista se desenvolver.

5.6 As primeiras manifestações modernistas no Brasil

É muito recente e ainda incipiente a literatura sobre a arquitetura moderna na Bahia e em Salvador.⁵²⁶ Como as cidades de São Paulo e principalmente do Rio de Janeiro foram os centros de irradiação da nova arquitetura, os estudos sempre estiveram concentrados nesses estados em detrimento do restante do Brasil. De fato, quando Salvador estava envolvida no debate sobre modernizar a cidade ou não, a arquitetura moderna estava sendo introduzida e altamente discutida no sul do país. Publicações das vanguardas européias foram trazidas a partir dos anos 20 e a primeira casa modernista foi construída, “para o espanto” de todos, em 1926, em São Paulo, pelo arquiteto russo Gregori Warchavchik. Ele também foi autor de um manifesto - publicado em um jornal carioca, em 1925 - um ano depois que imigrou para o Brasil.⁵²⁷

O arquiteto brasileiro Rino Levi, que havia estudado na Itália, também teve um papel importante na introdução da arquitetura modernista no país. Seu “Manifesto sobre a Arquitetura Moderna”, também publicado em 1925, significou um apoio claro à nova arquitetura.

Contudo, para a maioria dos historiadores da arquitetura, foi a influência direta de Le Corbusier em suas visitas ao Brasil - primeiramente em 1929, onde proferiu conferências no Rio e em São Paulo e, posteriormente, em 1935; para trabalhar com uma equipe brasileira, durante seis semanas, no projeto do Ministério de Educação e Saúde do Rio de Janeiro - que

⁵²⁵ Em entrevista a arquiteta e professora Naia Álban Suárez, o Prof. Walter Gordilho informou que o fundador da revista *Técnica* foi o engenheiro Fernando Caricchio, o qual incluía na revista, artigos de arquitetos para credenciá-la entre os mesmos, pois a mesma tinha como público maior os engenheiros.

⁵²⁶ Destacam-se os trabalhos elaborados pelo Núcleo DOCOMOMO e apresentados nos Seminários DOCOMOMO, os quais foram utilizados na presente tese e algumas dissertações de mestrado, como a de NASCIMENTO (1998) além de outras que estão sendo elaboradas.

⁵²⁷ O artigo foi publicado inicialmente em São Paulo, no jornal *Il Piccolo*, da comunidade italiana.

mais contribuiu para a difusão da arquitetura e do urbanismo modernos no país. Nesta época, ele proferiu cinco conferências naquela cidade cujos conteúdos resumiam seu pensamento revolucionário sobre a arquitetura moderna. Suas idéias e *performance* fascinaram a nova geração de arquitetos brasileiros. A partir de então, os defensores da nova arquitetura usariam como apoio a autoridade das sábias palavras do mestre arquiteto.

Por outro lado, as discussões sobre o modernismo e a arquitetura que deveria ser adotada no país, nos anos 30, estavam permeadas por preocupações em relação ao reconhecimento e análise do patrimônio arquitetônico nacional e seu significado social.

Se dois eventos marcam a entrada do modernismo no Brasil, a primeira sendo “A Semana de Arte Moderna” de 1922 e a segunda as numerosas produções do ano fértil de 1928 (em literatura, arte e filmes), dois problemas tinham que ser conciliados: manter a identidade nacional enquanto aceitando o novo modernismo. A produção artística estava rompendo com o academicismo, enquanto valorizava temas nacionais, naturais ou culturais. Fabio Lucas, referindo-se ao pai do modernismo nacional, o escritor Mario de Andrade, afirmou: “Acompanhar o mundo avançado e definir um espírito autêntico e genuinamente brasileiro são as tarefas mais importantes pressionando os intelectuais”.⁵²⁸ O livro de Mario de Andrade, “Macunaíma”, o herói nacional sem caráter, fusão das três raças brasileiras, causou grande impacto no meio intelectual e na burguesia, envergonhada das suas origens. O efeito de tudo isso foi, de alguma forma, paradoxal, pois um alimento estrangeiro estava nutrindo a expressão artística nacional. O “Manifesto Antropofágico”, que tinha trazido grande agitação, resumiu o sentimento de se estar engolindo a vanguarda européia com um espírito nativista.

Em relação à arquitetura, por muito tempo, a adoção de uma posição favorável ao Movimento Moderno, ou seja, a aceitação da “Nova Arquitetura” (prevalentemente a-histórica) foi vista como um “paradoxo” pois se deu em paralelo à valorização das expressões coloniais brasileiras (os arquitetos “modernos” mantiveram ligações com o patrimônio nacional apoiando a criação do SPHAN).⁵²⁹ As preocupações eram, portanto, ligadas à necessidade de enfrentar o questionamento moderno da produção arquitetônica, mas resolvendo os problemas com “alma brasileira”.

A estética das cidades, em contraste com o classicismo, devia enfrentar a nova era com um novo “espírito”. A arquitetura deveria ser prática e econômica, uma arquitetura de volumes e linhas simples, de poucos elementos decorativos. Tinha que ser racional, baseada

⁵²⁸ LUCAS (1987).

⁵²⁹ Na verdade, revisões posteriores já descartaram essa idéia de “paradoxo”, pois na Europa do século XIX, a defesa da “nova arquitetura” só pôde ocorrer em contraposição à antiga, tradicional. O caso é que no Brasil esse processo veio defasado de quase meio século.

na lógica; a distribuição interior deveria conter a racionalidade da forma da máquina, se era para a arquitetura progredir nesta nova era. Os industriais deveriam ser os propulsores do progresso e a arquitetura, através da ação projetual dos arquitetos, devia expressar essa presente condição da sociedade.⁵³⁰

Mais tarde, em 1936, em um artigo intitulado “Razões da Nova Arquitetura”, Lucio Costa, reconhecendo o período de transição em curso, enfatizou a importância das possibilidades de uma ordem social proposta pela nova arquitetura. Os edifícios atuais, ele argumentou:

“carecem completamente de uma rota, caracterizando uma ‘pseudo-arquitetura’ que deve ser posta de lado, pois existe uma nova técnica construtiva, paradoxalmente, ainda esperando uma sociedade a qual pertencer. Nosso pequeno drama profissional está indissolivelmente ligado ao grande drama social. (...) a arquitetura tem um sentido social utilitário, ela não pode permitir tendências individualistas”.⁵³¹

A autoridade da posição consolidada de Le Corbusier é citada: “a nova técnica clama por uma revisão nos valores plásticos. Suas características são a planta livre devido à estrutura independente, a ‘regularidade’ típica do esqueleto subjacente da arquitetura moderna, a simplicidade e a negação da decoração aplicada”.⁵³²

Destas características, a simplicidade e a ausência de ornamentos seriam as mais comuns em parte da arquitetura residencial que passa a ser edificada, em Salvador, nesse período, como veremos no próximo capítulo.

5.7 Arquitetura Residencial Modernista em Salvador

Nos fins dos anos 20 e início dos 30, Salvador dava mostras de um sensível crescimento urbano e uma intensa diversificação de serviços. Transitavam nas suas ruas dezenas de bondes elétricos e automóveis; assistia-se a transformações de ordem política e cultural, porém, diferentemente dos estados do sul, onde a industrialização podia apoiar as novas técnicas de construção, a Bahia tinha, de alguma forma, que improvisar em relação às demandas de nova arquitetura, a partir das velhas experiências do passado.⁵³³

No início da década de 20, por exemplo, os grandes vãos, apoiados por colunas espessas, necessários nos armazéns do Porto, conduziram ao emprego de concreto reforçado, antes de seu emprego nos outros estados. Mais tarde, algumas empresas - apoiadas pelo poder

⁵³⁰ SANTOS (1981).

⁵³¹ COSTA (1936), p. 33. Este artigo foi publicado pela primeira vez, na revista *PDF, Revista da Diretoria de Engenharia*, Rio de Janeiro, vol. 2, ano I, 1936, segundo a Profª Marta Camisassa. Posteriormente o artigo foi publicado no livro *Arquitetura Moderna Brasileira Depoimentos de uma Geração*. Xavier, Alberto (org.) São Paulo ABEA / FNA / PINI, 1987, p.27.

⁵³² Idem, *Ibidem*.

⁵³³ AZEVEDO (1989). p.14 a18.

público - trouxeram novas concepções estruturais e espaciais baseadas na versatilidade do concreto, permitindo as primeiras manifestações da arquitetura moderna na capital baiana.⁵³⁴

Porém, como assinalado antes, a realização de programas modernizantes em Salvador não teve como fator determinante a expansão industrial desde que a Bahia ainda não tinha recuperado sua produção neste setor. Contrariamente ao que aconteceu na Europa, onde a arquitetura moderna resultou de uma série de fatores - como um intenso processo de urbanização, a utilização de novas técnicas de construção devido à utilização de novos materiais, a possibilidade de produção em massa e uma transformação nas artes figurativas - em Salvador, a introdução da nova arquitetura parecia estar concentrada, segundo Azevedo, no desejo de romper com o passado ou, como coloca Suárez, “mais do que romper, de recuperar o *status* perdido de primeira capital”.⁵³⁵

Embora a afirmação, por parte de Azevedo, de que a adoção da nova arquitetura teve resultados concretos vinculados à ação de empresas particulares de vulto,⁵³⁶ observamos que uma outra contribuição importante, no caso da arquitetura residencial, foi a dos construtores independentes, cujos projetos serão analisados no Capítulo 6.

Assim, a maneira pela qual a arquitetura moderna foi implantada em Salvador mostrava-se desvinculada de qualquer tendência de envolvimento da cidade com a preocupação social inerente ao Movimento Moderno, embora acompanhasse as novas expressões artísticas modernistas que aconteciam nas principais capitais brasileiras. Desse modo, aspirações sociais, abrigando uma crença de emancipação decorrente das novas possibilidades técnicas - como de forma otimista acreditava Lucio Costa -, também não faziam parte da agenda baiana.⁵³⁷

Em relação à autoria dos projetos inspirados na arquitetura nova, Azevedo reforça que, em Salvador, eles não foram uma realização de arquitetos baianos os quais ainda eram treinados na tradição das Beaux Arts, na Academia de Belas Artes da cidade. Nas suas palavras: “esse processo é feito fundamentalmente por alguns homens públicos através da

⁵³⁴ *Idem* p. 15.

⁵³⁵ SUÁREZ (1995).

⁵³⁶ AZEVEDO (1989). O autor cita as empresas Companhia Brasileira Imobiliária de Construções S.A. e a Christiani Nielsen, norueguesa.

⁵³⁷ Na produção habitacional brasileira, em geral, existem argumentos a favor da presença da preocupação social, particularmente nos casos dos IAPs, trabalhados por Nabil Bonduki. BONDUKI, (1997). Em Salvador, no recorte temporal em questão, além dos estudos do EPUCS, como citado anteriormente, apenas um projeto, realmente construído, pode ser citado: o Conjunto Residencial Salvador do Instituto de Pensões e Aposentadoria dos Industriários (IAPI), datado de 1948. Ver capítulo seguinte.

criação de instituições de concepção inovadora e complexos programas aos quais buscavam associar uma arquitetura igualmente nova”.⁵³⁸

A confirmação desse enunciado é possível se considerarmos apenas as edificações especiais ou de exceção e os programas inovadores evocados, pois, na arquitetura doméstica, como citado acima, veremos, segundo os arquivos consultados, que surgiram vários exemplos de arquitetura residencial uni-domiciliar, assinados por profissionais ou técnicos que foram visivelmente influenciados pela estética da nova arquitetura, em anos tão recuados como os primeiros da década de 30. Conseqüentemente, a afirmação do mesmo autor - de que, até o final dos anos 30 a população não conhecia outra forma de habitação além dos sobrados coloniais, as casas menores isoladas nos setenta loteamentos aprovados pela Municipalidade durante aquela década⁵³⁹ e as ricas casas ecléticas do Distrito da Vitória - também não é exatamente correta, principalmente quando constatamos a existência de muitos dos referidos exemplares modernistas ainda presentes na cidade.

Por outro lado, ainda segundo Azevedo, a iniciativa privada, representada principalmente pela primeira empresa de construção da Bahia, a Companhia Brasileira Imobiliária e de Construções S.A., teve um papel decisivo na difusão da nova arquitetura. Blocos de escritórios e de apartamentos (o primeiro construído em 1936) aumentavam seus vãos e o número de pavimentos, onde a progressiva dimensão dos balanços em concreto armado era elogiada devido ao visível domínio da técnica construtiva.

A publicação, em 1936, do primeiro número da revista “Arquitetura e Urbanismo” pelo Instituto dos Arquitetos do Brasil - associação de classe fundada em 1921, no Rio de Janeiro - foi o passo seguinte para a difusão da arquitetura modernista no país e em Salvador.⁵⁴⁰

Examinando o conteúdo dos seus artigos, entre os anos 1936⁵⁴¹ e 1939, quando o Curso de Arquitetura da Escola de Belas Artes da Bahia ainda estava funcionando, é fácil

⁵³⁸ Entre outras, Azevedo destaca as seguintes edificações: o Correio Central, a Estação de hidro-aviões, o Centro Educacional Isaias Alves, o Instituto de Cacau, estabelecido para dar assistência e apoio financeiro para a industrialização e comercialização do produto, e o Elevador Lacerda enorme torre de concreto, de 73,50 metros de altura, ligando os dois níveis da cidade, cuja inspiração parece ter sido os desenhos futuristas de Sant'Elia. Idem, p. 15.

⁵³⁹ Idem, p. 17. A maioria dos lotes nesses loteamentos, segundo afirmação de Azevedo - a partir de dados levantados pelo PLANDURB Plano de Desenvolvimento Urbano, (1975-76) -, estava desocupada devido às dificuldades econômicas, embora construir casas para vender ou alugar representasse uma das alternativas para aplicar economias pela classe média local. Esta, entretanto, não se preocupava muito em pagar projetos para profissionais da área. Por outro lado, as casas isoladas de construtores individuais eram a maioria *bungalows* ou modelos inspirados nas revistas especializadas, de gosto neocolonial e/ou normando.

⁵⁴⁰ As principais capitais brasileiras tinham as suas seções do IAB. A seção da Bahia foi estabelecida em 1936.

⁵⁴¹ O artigo de Lucio Costa “Razões da Nova Arquitetura”, acima citado, foi publicado na AU de janeiro / 1936 (p. 3). Revista bi-mensal a AU publicava artigos pró e contra (Tribuna Livre) a arquitetura moderna. No número de maio-junho de 1937, embora reconhecendo que a nova tecnologia pedia um novo estilo, Julio Dantas, em relação à corrente da nova-objetividade escreve: “a vaga de fealdade que invadiu o mundo pede que os arquitetos pensem e repensem ‘depressa’ o novo

compreender porque alguns dos poucos arquitetos formados lá começaram a despertar interesse pelo novo método de conceber e projetar arquitetura. Além dos artigos sobre o impacto dos ensinamentos de Le Corbusier, a revista publicava obras modernistas para finalidades diversas. Em relação à habitação, no entanto, os projetos ou obras nas revistas consultadas apresentam estilos variados. Vale observar que a estética modernista é predominante apenas nos prédios de apartamentos, ilustrados invariavelmente nas propagandas⁵⁴², pois, nas casas, fossem térreas ou de dois pavimentos, a variedade estilística prestigiava o neo-colonial⁵⁴³ além dos estilos normando, americano e o das missões - também chamado espanhol - a maioria na forma de *bungalows*⁵⁴⁴ e ainda outros estilos indefiníveis e que têm como característica telhados aparentes de duas, quatro e, principalmente, várias águas.

No entanto, é interessante notar que, em relação aos interiores, desde os primeiros números da revista, prevalecem os de desenho moderno, particularmente na seção “Decoração e Mobiliário”. O que não a isentava de enunciados confusos, como confuso parecia aquele festival de estilos. No nº 3 (maio/junho) de 1939, lê-se: “As artísticas casas e decoração ‘modernas’ em pouco estão fora de moda. Nossa época exige simplicidade: importante que tudo esteja adaptado ao seu destino”.⁵⁴⁵

Por outro lado, uma série de textos sobre a arquitetura moderna residencial pluri-domiciliar alemã foi publicada, trazendo ilustrações de conjuntos habitacionais diversos. Presentes estão fotografias dos *Hochurs* de Berlim, Stuttgart, Hanover e Hamburgo, entre outras, além dos *Siedlungs* de Berlim, cujo desenho urbano e soluções arquitetônicas, segundo os autores, “eram, por todo o mundo, altamente elogiados”.⁵⁴⁶ As soluções arquitetônicas, seja do ponto de vista formal (representada, principalmente, pela utilização de perfis arredondados nas terminações de balcões ou varandas e utilização de esquadrias metálicas) ou espacial (particularmente na adoção de cozinhas de pequenas dimensões, com armários

estilo (p. 169) e Gerson Pompeu Pinheiro escreve sobre o emprego inadequado da ‘*estrutura livre*’, na AU de jul/ago de 1937, p. 173. (Acervo da Faculdade de Arquitetura / UFBA).

⁵⁴² As propagandas, além de elevadores incluem cimento, ferragens, impermeabilizantes, tintas, materiais de eletricidade, peças sanitárias, revestimentos entre outras.

⁵⁴³ A preferência pelo neocolonial em Salvador apresentou uma defasagem cronológica grande se compararmos com São Paulo, Rio de Janeiro e outras capitais brasileiras.

⁵⁴⁴ O *bungalow* pode ser definido como uma habitação térrea, solta no lote, com um pequeno pórtico frontal, e cobertura em duas ou mais águas.

⁵⁴⁵ Provavelmente o emprego do termo moderno aí está se referindo exatamente àquela variedade de estilos, e que a nossa época (“também “moderna”), exige construções mais funcionais.

⁵⁴⁶ A maioria desses artigos da AU foi assinada por Monteiro de Carvalho que visitou a Alemanha em 1936.

embutidos, inspiradas na cozinha de Frankfurt), causariam uma influência importante nos edifícios residenciais do Brasil e de Salvador na década seguinte⁵⁴⁷ (Fig 3).

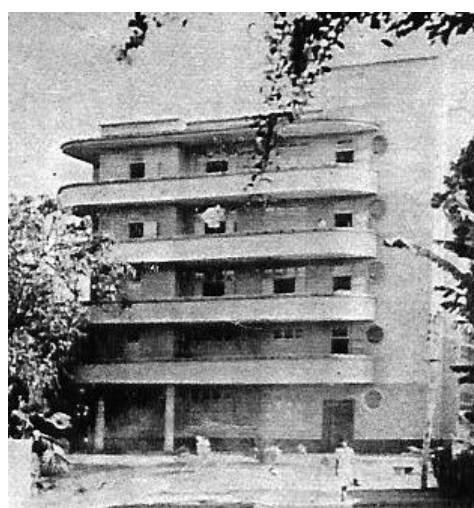


Conjuntos Habitacionais em Berlim. Arquitetos: Erwin Gutkind, Erich Mendelsohn e Bruno Taut.
Fonte: AU Arquitetura e Urbanismo (set/out de 1936)



Ed. Maíza - 1949
Foto: Anete Araujo (1994)

Ed. Barralândia - 1946
Foto: Anete Araujo (1994)



Ed. Braulio Xavier - 1938
Fonte: *Técnica*: números diversos

Fig. 3 - Vistas comparativas de prédios habitacionais na Alemanha e em Salvador.

E, tão cedo como maio de 1930, um artigo de Jorge Cabral intitulado “Casas para o povo” na revista popular carioca *A Revista da Semana* - com grande difusão em Salvador - também demonstra que o conteúdo social vinculado à habitação também era difundido. O artigo é ilustrado com algumas fotos da construção de 800 residências em Hamburgo (Fig.4) e cita mais 460 casas em uma cidade jardim, detalhando informações sobre hipotecas e cessão de terras. Numa sábia política, onde a área urbana não edificada pertence ao governo, sociedades cooperativas, construtoras e caixas econômicas (aplicando produtos de imposto

⁵⁴⁷ A referência aqui, em relação ao Brasil, está ligada à habitação social, principalmente aos conjuntos dos IAPs, referidos na nota 536, estudados por Nabil Bonduk. Em Salvador além do conjunto do IAPI, a referência também cobre edifícios particulares isolados cujos projetos foram localizados nos arquivos da PMS (SUCOM), analisados no capítulo a seguir.

sobre aluguéis) “constróem com sucesso sob a fiscalização do governo”, afirma o articulista.⁵⁴⁸



Fig. 4 - Residências coletivas em Hamburgo, Alemanha
Fonte: Revista da Semana, nº20, Maio, 1930

Por outro lado, nas casas uni-familiares, embora sob a influência de uma postura mais eclética, visível nas revistas em projetos ou propagandas, a estética modernista começa a surgir.

Vai ser possível observar, por exemplo, que a partir de 1933 - ano em que os arquitetos formados pela Escola de Belas Artes da Bahia foram autorizados a exercer a profissão - diversos projetos encaminhados aos arquivos da Prefeitura Municipal de Salvador vão ser inspirados na estética modernista do entre guerras na Europa. A autoria dos projetos era de arquitetos e engenheiros civis, mas principalmente de construtores - que assinavam como responsáveis técnicos - ou simplesmente como “construtor”.⁵⁴⁹

As casas, localizadas nos loteamentos novos acima mencionados, ou de maneira esparsa - em bairros diversos, a exemplo de Canela, Graça, Nazaré, Barris, Barra, Barra Avenida, Rio Vermelho, Brotas e nos Mares ou na Penha, vão assim expressar uma popularidade incipiente da nova arquitetura, a qual preconizava a solução funcional em planta, simplicidade de linhas nos volumes e ausência de ornamentos (Fig. 5).

⁵⁴⁸ Revista da Semana, nº20, Maio, 1930.

⁵⁴⁹ Esta é uma das razões que dificultam a identificação do profissional responsável pelos projetos encaminhados para a Prefeitura para obtenção de licença para construção. A outra é que, as assinaturas, algumas vezes ilegíveis, não eram acompanhadas dos nomes em letra de fôrma.

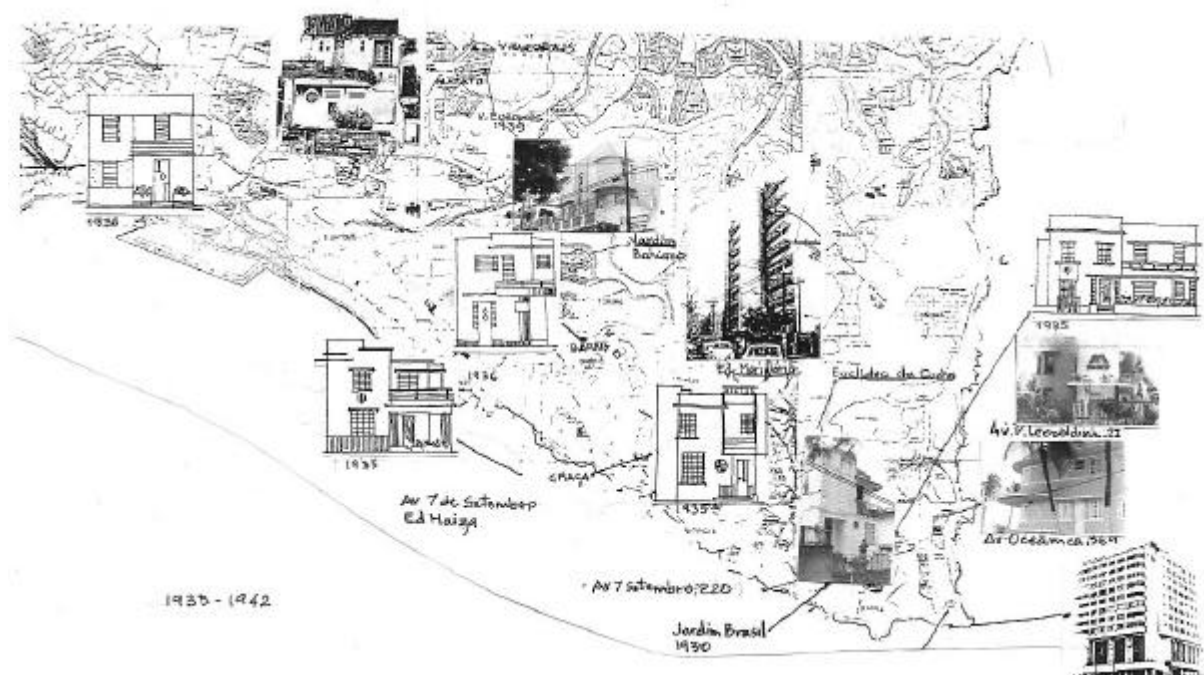


Fig. 5 - Alguns exemplos de casas e edifícios de apartamentos, na Salvador dos anos 30 e 40.
Desenho: Anete Araujo.

De concepção purista, alguns apresentam desenvoltura nas massas construídas e demonstram o interesse dos autores em diversificar as fachadas, embora os elementos constitutivos modernistas - as varandas frontais ou laterais, sempre muito estreitas, com terminações curvas, os parapeitos em tubos metálicos, as esquadrias “vigias de navio” e as platibandas, que escondem o telhado em águas - sejam invariavelmente os mesmos. Lajes planas de cobertura, outra regra da nova arquitetura, são raras, o que nos leva - em adição às observações anteriores - a reconhecer que, quando falamos aqui em arquitetura modernista, estamos nos referindo à mesma enquanto estilo, ou seja, reconhecendo a validade da interpretação de Kopp, abordada no capítulo anterior.

É interessante notar que, embora a importância da estrutura independente - que possibilitava a planta e a fachada livres na qualificação da nova arquitetura fosse enfática, como o próprio manifesto de Lucio Costa pregava - a maioria dessas casas apresentava estrutura auto-portante, o concreto armado sendo explorado apenas nas lajes, nas marquises, nas escadas e nos balanços mais ou menos ousados das varandas, invariavelmente presentes e denominadas de “terraço” nos projetos, apesar de sua pequena largura.

Não há dúvida de que alguns elementos arquitetônicos (como os balcões em balanço, os guarda-corpos em tubulares metálicos e as escotilhas) utilizados, reportam aos transatlânticos modernos da engenharia naval, tão admirados por Le Corbusier, e referidos - juntamente com os automóveis e aviões - com tanta ênfase no seu livro “Por uma

Arquitetura”. São elementos inspiradores da sua própria produção, não só pela elogiada racionalidade funcional das máquinas projetadas pelos engenheiros, senão pela simplicidade de suas formas (Fig.6) - visivelmente transferidas para as obras do arquiteto e seus seguidores. (Fig. 7).⁵⁵⁰

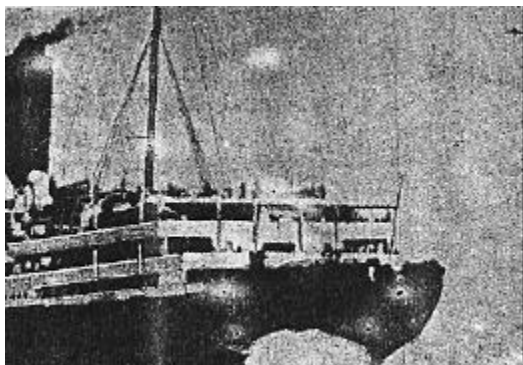


Fig.6 - Navio como inspiração formal e funcional
Fonte: Le Corbusier (1923)

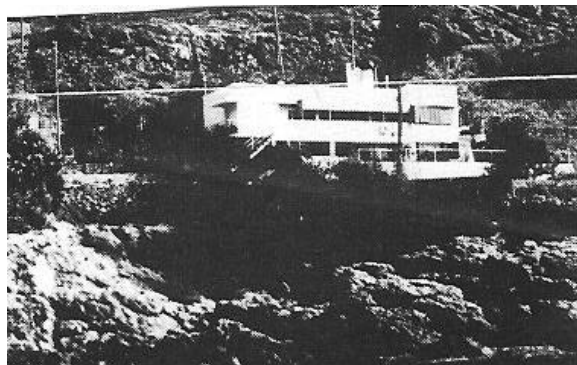


Fig. 7 - Casa E 1027, projeto de Eileen Gray
Fonte: AA Prospectus, nº 21, 1992.

Malgrado essas analogias, provavelmente a influência sobre a estética dessas residências no Brasil e em Salvador, não veio diretamente de Le Corbusier, mas sim da arquitetura alemã - que embora apresentasse pontos de contato em relação às escolhas estéticas e funcionais do mestre francês, produziu sua linguagem própria. Essa produção alemã, no diz respeito às habitações uni e pluri-domiciliares, certamente tem ligações com a produção brasileira (e, possivelmente, com a arquitetura baiana, do período em estudo).⁵⁵¹ É o que Weimer afirma no seu estudo sobre a arquitetura residencial de Porto Alegre⁵⁵² do mesmo período (Fig.8) - e o que podemos observar, examinando e comparando com alguns exemplos dos projetos para residências: em Dessau (Fig.9), da autoria de Walter Gropius⁵⁵³; em La Plata /Argentina (Fig.10),⁵⁵⁴ e em Budapeste, onde a influência alemã é reconhecida (Fig.11).⁵⁵⁵ O texto que acompanha esta última ilustração diz que os iniciadores desse tipo de projeto queriam demonstrar que os lotes pequenos (aproximadamente 360m²) também eram adequados para a construção de casas isoladas, afirmando que “os arquitetos também queriam popularizar pequenas casa modernas”.⁵⁵⁶ No caso de Salvador (mesmo em não se tratando de

⁵⁵⁰ Os terraços (inspirados nos *decks*), os balcões em tubulares metálicos, as janelas horizontais, os volumes cilíndricos nos terraços são todos elementos dos navios que vão estar presentes nas obras de Corbusier.

⁵⁵¹ A arquitetura alemã a que nos referimos é aquela que corresponde à primeira fase das atividades dos CIAMs, dominada pelos arquitetos da *Neues Bauen* entre 1928-1933. FRAMPTON (1996).

⁵⁵² WEIMER (1998).

⁵⁵³ WHITTICK (1955).

⁵⁵⁴ Casa modernista (vizinha à Casa Curutchet, de Le Corbusier, 1948), publicada no *DOCOMOMO Journal* 18 Fev./1998, p. 16.

⁵⁵⁵ Agradeço à Anna Beatriz Ayrosa Galvão a observação da influência alemã no Leste Europeu e sua semelhança com as casas modernistas em estudo.

⁵⁵⁶ DOCOMOMO (1996) p. 28.

casas projetadas por arquitetos), com certeza essa foi também a intenção dos projetistas baianos.

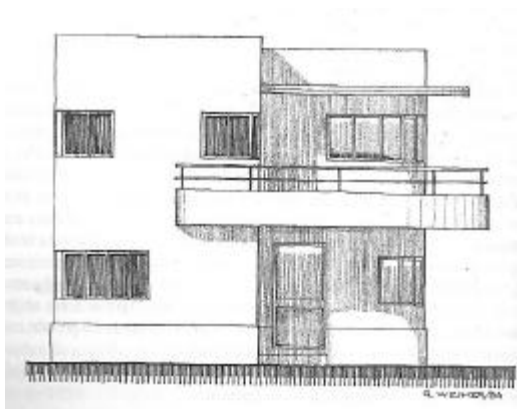


Fig. 8 - Casa em Porto Alegre, Brasil
Fonte: Weimer (1998).



Fig.9 - Casa de Gropius em Dessau
Fonte: Whittick (1955).

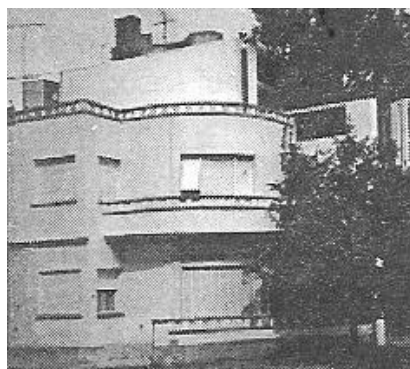


Fig. 10 - Casa em La Plata, Argentina
Fonte: DOCOMOMO (1998).



Fig.11 - Casa na Hungria, Budapeste
Fonte: DOCOMOMO (1996).

Por outro lado, a adoção dessa linguagem modernista em Salvador pode ter sido influenciada por um conjunto de residências em São Paulo, cuja existência é registrada por Reis Filho, embora com certo desdém, uma vez que sua implantação no lote ainda é a tradicional. Localizado no Jardim Paulista, são casas destinadas à classe média, datadas de 1933, de autoria do arquiteto Flávio de Carvalho. Situadas na então Vila América, podem ser uma pista, haja vista que, enquanto conjunto com 17 residências, certamente foi motivo de uma divulgação maior⁵⁵⁷ (Figs.12 e 13). Casas isoladas, projetadas por ele ou por outros arquitetos, em datas anteriores e em outras cidades, também não podem ser descartadas em um momento em que a arquitetura modernista estava ganhando terreno no país. Em Salvador,

⁵⁵⁷ DAHER (1982) p.52 a 63. Para o autor essas casas seriam “exemplares ‘mendelsohnianos’ do expressionismo de Flávio da Carvalho. Por outro lado, Camisassa, referindo-se ao solário e ao interior das casas da Alameda Lorena (uma das ruas do projeto de Flávio de Carvalho) defende a influência direta de Mallet-Stevens nas mesmas. O artigo de Camisassa, que trata das origens da arquitetura moderna brasileira nos anos 20 e 30, contesta, a partir de fontes primárias, a repetição recorrente, na nossa bibliografia, do nome de Le Corbusier como único a influenciar a arquitetura nacional neste período. Para detalhes ver CAMISASSA (1996).

elas começam a surgir nos primeiros anos da mesma década de trinta e apresentam características formais bem semelhantes



Fig. 12 - Perfis esquemáticos do conjunto de casas, do arquiteto Flávio de Carvalho, no Jardim Paulista.
Fonte: Daher (1982).

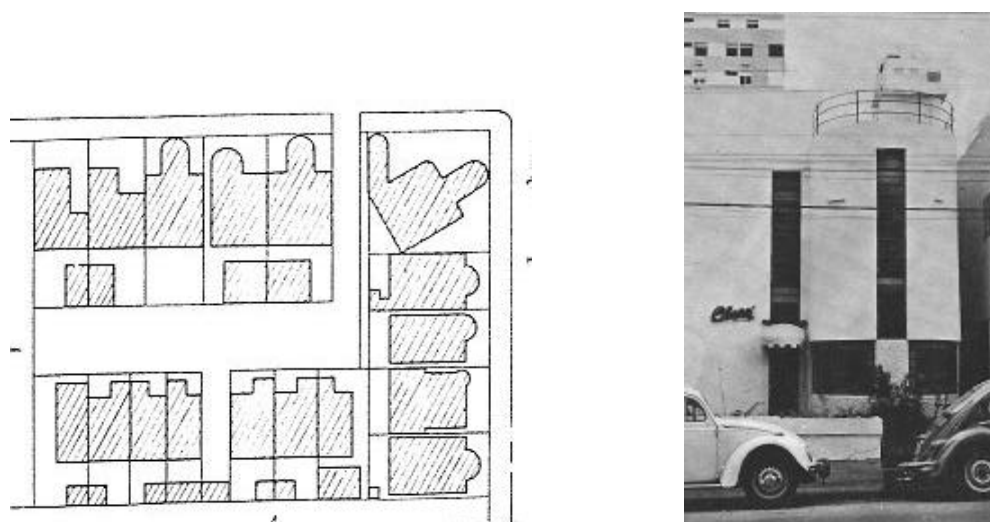


Fig.13 - Planta de situação do conjunto do Jardim Paulista e fachada de uma das casas do conjunto.
Fonte: Daher (1982)

Essas mudanças de ordem formal e estética não deixam de ser inovadoras se compararmos com a variedade de estilos que estava então em uso em Salvador. Apresentando ou não algumas características atribuídas ao chamado *art-déco*⁵⁵⁸ ou semelhanças com os exemplos encontrados em outras cidades do Brasil, sua linguagem pertence a uma nova estética, que poderíamos chamar de Primeiro Modernismo.⁵⁵⁹

⁵⁵⁸ Alguns autores propõem o uso do termo proto moderno. Aqui estamos seguindo a interpretação mais abrangente de modernismo adotada pelo DOCOMOMO, sem aprofundar nessa discussão até porque o presente trabalho não tem como objeto questões estilísticas.

⁵⁵⁹ Encontramos referências em alguns autores à denominação de Primeiro Modernismo (Luiz Carlos Daher, por exemplo) o qual se diferencia, no caso de Salvador, da produção que vai acontecer no início dos anos 50 (destes encontramos apenas três exemplos anteriores a 1950 nos arquivos da SUCOM, analisados no próximo capítulo) Essa produção vai incorporar uma composição flexível devido ao uso da planta livre, painéis de vidro e organização espacial variada.

Foram, pois, essas características: fachadas geometrizadas ortogonalmente, teto plano (ou simulação), guarda-corpos curvos maciços, ou em tubulares de metal, acompanhando as estreitas varandas, esquadrias metálicas e janelas “vigias de navio” (nas casas de Salvador são muito comuns) - que buscamos nos projetos pesquisados, consultando os processos de licenciamento nos órgãos municipais. Uma vez dispondo da distribuição espacial interna dos mesmos, partimos para sua análise, no sentido de viabilizar nosso objeto de estudo.

O que vamos observar é que, no agenciamento do espaço privado de uso uni-familiar, a planta predominante é aquela já consagrada desde a passagem do século XIX para o século XX, entre as residências de elite, isto é, aquela que ordena os espaços através de uma circulação vertical, localizando a área social na parte frontal e a de serviço nos fundos do pavimento térreo ou em edículas, enquanto a área íntima, quartos e banheiros - sempre distribuídos através de um *hall* - ficam no primeiro pavimento.⁵⁶⁰ Nos edifícios de apartamentos, a divisão tri-partite também é a regra embora algumas variações ocorram, o mais das vezes por razões de limitações do terreno ou necessidade especulativa no aproveitamento dos espaços.

⁵⁶⁰ É a implantação dessas casas nos lotes que faz Reis Filho subestimar essa produção de casas residenciais modernistas no Brasil. A referência do autor é sempre a arquitetura moderna que vai ter uma implantação mais flexível sem o paralelismo com a rua e subvertendo aquela disposição espacial, permitida pela nova tecnologia do concreto armado e tirando partido seja da topografia do terreno, da orientação ou do próprio programa.

6 ARQUITETURA MODERNISTA E ESPAÇO PRIVADO EM SALVADOR

“Não entendemos dela coisa alguma.
Dizemos, por enquanto,
porque ela é do futuro,
e nós ainda estamos no presente”.

A Tarde, 03/06/1926

6.1 A década de 30: o início da absorção da estética modernista

Vimos que, devido às características sócio-culturais de Salvador, as manifestações da experiência moderna - no que diz respeito às artes e particularmente à arquitetura - foram lentas e episódicas. Um primeiro momento de reflexão ou aceitação do modernismo, absorvido do sul do país, se deu inicialmente em literatura, mas não antes que em finais da década de 20. A Semana de Arte Moderna de 1922 (e o movimento inovador que ela representou em relação às artes)⁵⁶¹ foi recebida na Bahia com indiferença e, quando divulgada, até com certa hostilidade. E se a primeira conferência de Marinetti, no Rio de Janeiro, em 1926, com seu seletto público de intelectuais e de jovens, ainda pôde registrar “vaias e aplausos”⁵⁶², a imprensa baiana divulgou apenas os fiascos do “criminoso das letras e do bom senso”⁵⁶³. Em 24 de janeiro de 1928, a coluna de Carlos Chiacchio no jornal A Tarde, intitulada “Modernistas e ultra modernistas”, comentando sobre literatura, defende que “o matuto precisa é ser instruído e não poetizado”⁵⁶⁴.

A possibilidade de avançar tecnicamente nas edificações em concreto armado é que sinaliza um certo interesse pelas construções modernas, assim definida - porém - por adotar o novo material, e não pela nova linguagem estética. Em 1929, estando já em reforma e ampliação o Elevador Lacerda, o Sr. José Antonio Costa, ex-secretário da Agricultura, mostra as vantagens de construir edifícios de apartamentos, louvando a economia de tempo e de terreno, a possibilidade de aluguéis mais baixos e sugerindo a redução do pé direito das habitações de quatro metros para três metros, uma vez que “não há prejuízo na salubridade dos cômodos, visto que o importante é a circulação do ar, segundo estudos feitos na Inglaterra”. São citadas como vantagens do concreto armado: duração, ausência de cupins,

⁵⁶¹ Vinculação aliás mais “construída” que real. Mesmo no sul do país a Semana foi um acontecimento restrito embora elogiado pela imprensa, uma vez que seus patrocinadores eram leitores importantes, além de vinculados aos editores dos jornais e periódicos. O conjunto de atividades - representado pela publicação de revistas diversas e outras ações dos protagonistas da Semana, nos anos subseqüentes - é que fez com que o Movimento Modernista no país fosse reconhecido como resultado da Semana. Devo a Marta Camisassa esta observação, constante do seu Parecer de Examinador Externo, por ocasião do meu Exame de Qualificação.

⁵⁶² A Tarde 17/05/1926

⁵⁶³ A Tarde 21/05/1926

⁵⁶⁴ A Tarde 24/01/1928. É, no entanto, o próprio Carlos Chiacchio, médico e poeta, o fundador da revista *Arco & Flexa*, ainda em 1928. Primeira e mais conhecida revista do período, se aproxima das renovações propostas pelos modernistas no sul do país. Para detalhes sobre o tema (1920-1960) ver: OLIVEIRA (1999).

maleabilidade e a observação de que o novo material “se presta às mais arrojadas concepções arquitetônicas, permitindo fachadas com grande movimento de linhas, a gosto da época”. Certamente não é a estética modernista que expressa o gosto da época; como prova disso lê-se adiante: “É fora de dúvida o que se pode obter com o concreto armado, que se presta facilmente a todos os gêneros de construção e decoração, em estilo realmente original e artístico, seja nos arranha-céus ou nos *bungalows*”.⁵⁶⁵

Foi preciso ser construído o Elevador Lacerda, inaugurado em janeiro de 1930, para que os jornais veiculassem positivamente uma obra moderna e que, pela primeira vez, uma revista cultural da Bahia, *O Momento*, se preocupasse com a arquitetura moderna - estampando na capa de seu primeiro número, em julho de 1931, o novo e imponente ascensor da cidade.⁵⁶⁶

Diante do exposto, não deixa de ser interessante - e até surpreendente -, que, entre os projetos de residências encontrados nos arquivos municipais de Salvador, apareçam, a partir de 1930, casas apresentando características modernistas, como a assimetria em planta e elevação, varandas e paredes curvas, tubos metálicos no guarda-corpo e ausência de ornamentos. São alguns desses exemplos que examinaremos a seguir.

No projeto apresentado na Figura 1⁵⁶⁷, da autoria de João Borges Ferreira, o uso de colunas frontais, de lajes e da marquise sobre o terraço do primeiro andar, todos em concreto, denunciam a concepção inovadora da casa - se compararmos com aquelas residências ecléticas das duas primeiras décadas do século, analisadas no Capítulo 3. Os terraços curvos no primeiro andar - o da fachada principal, que acompanha a parede do quarto e o da fachada sul - e seus guarda-corpos em tubulares de metal são os elementos mais representativos da linguagem modernista, uma vez que a platibanda ainda apresenta elementos decorativos, embora geométricos, e que serão eliminados nos projetos posteriores. Varandas ou terraços (como são designados) na frente das residências, agora viabilizados pela nova tecnologia do concreto armado, não estavam presentes nas residências até então construídas na cidade, constituindo, portanto, um elemento diferenciador importante na nova concepção arquitetônica.

Observa-se, entretanto, que a disposição espacial interna segue aquela tradicional: a área social na frente e a de serviço na parte de trás do pavimento térreo. No primeiro andar,

⁵⁶⁵ A Tarde 28/02/1928 p. 1.

⁵⁶⁶ OLIVEIRA (1999) p.15.

⁵⁶⁷ Fonte: Arquivo Fundação Gregório de Mattos. Classificação 930/27. A folha de rosto e as primeiras páginas do processo estão faltando, portanto não foi possível indicar a localização e o nome do proprietário. Diferentemente da SUCOM, a classificação dos projetos neste arquivo não se dá através do número do processo de licenciamento para construção: o primeiro número se refere ao ano (1930) e o segundo ao de uma classificação interna do órgão.

contudo, o programa, neste exemplo, muda um pouco: aí estão o gabinete (que normalmente é localizado no andar inferior), uma capela (talvez reminiscência das residências tradicionais do período colonial e imperial) e um vestiário junto a um dos quartos. Dois armários em cada lado da porta do gabinete (que no caso não teria uso público) abrindo para o *hall*, de onde se distribuem os cômodos, representam uma solução prática e moderna pouco encontrada entre os demais projetos do período.

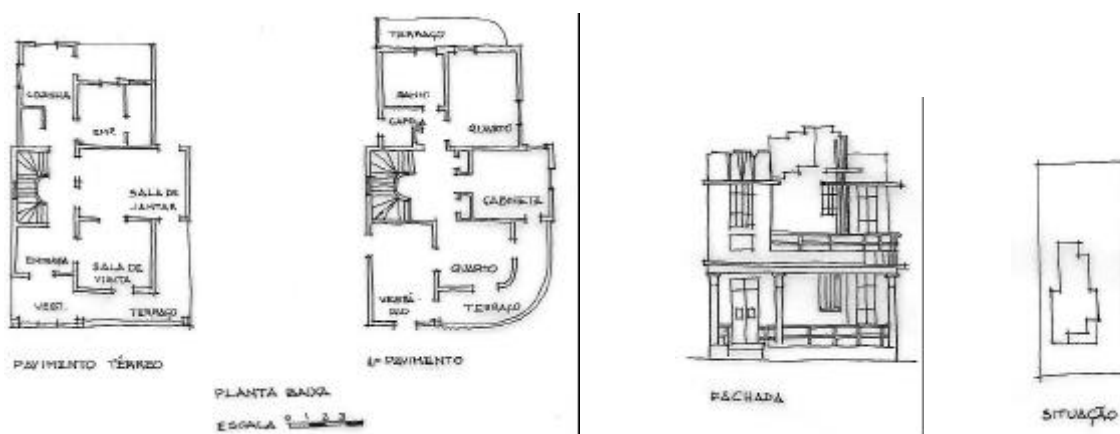


Fig. 1 - Casa na Vitória, datada de 1930, onde o terraço curvo e o guarda corpo metálico já estão presentes.

Fonte: Arquivo da Fundação Gregório de Mattos. Desenho: Anete Araujo.

A localização do gabinete / biblioteca no primeiro pavimento, embora rara, é encontrada em algumas residências. Um outro exemplo é a casa de propriedade de Frederico Edelweis, na Barra, em cuja solicitação para ampliação, requerida em 1934 (não foi identificado o ano do projeto) pode-se observar uma dotação espacial maior para a biblioteca. A ampliação corresponde aos dois volumes laterais (Fig. 2), garagem e cozinha, no térreo e um depósito, no primeiro pavimento (certamente de livros) junto à biblioteca e o banheiro (anteriormente localizado no quarto menor), que ficou distanciado dos quartos. Este é, portanto, um exemplo em que a importância de um cômodo da casa para seu proprietário interferiu na disposição convencional de maior cuidado com a privacidade.

A localização do gabinete e/ou biblioteca no primeiro pavimento pode reforçar a idéia, colocada por Weimar, de que estes, geralmente localizados no térreo, com fácil acesso público, podiam ser mais utilizados como uma sala para os homens⁵⁶⁸ (talvez substituindo todos aqueles espaços masculinos das amplas casas ecléticas do século anterior), isto é, uma sala de convivência masculina, sem necessariamente funcionar como gabinete de trabalho ou estudo. Podíamos assim levantar a hipótese de que nas casas onde o gabinete está situado no

⁵⁶⁸ WEIMAR (1998).

primeiro andar, seu uso deixa de ser social, reforçando o uso privado da atividade intelectual, mais apropriada à sua denominação.

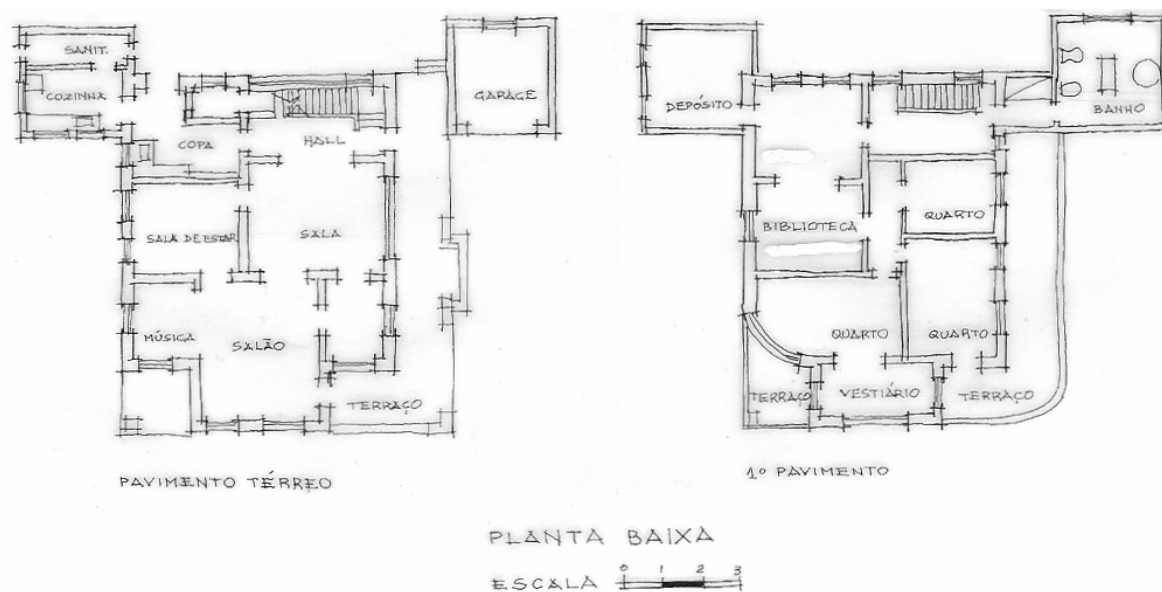


Fig. 2 - Casa de dois pavimentos, localizada na Barra, ampliada em 1934.
Fonte: Arquivo da Fundação Gregório de Mattos. Desenho: Anete Araujo

Sendo o processo consultado um pedido de ampliação, não consta o desenho da fachada; porém, a parede curva do dormitório maior - aberta em grande esquadria - e o guarda-corpo do terraço, também curvo, no lado oposto, podem ser indicações de “um toque” de gosto modernista.⁵⁶⁹

Já a casa térrea abaixo ilustrada (Fig. 3) - situada na Rua 8 de dezembro, lote 36, também datada de 1934⁵⁷⁰, e em cujo processo consta uma perspectiva - é um dos poucos exemplos em que foi proposto o teto plano (a grande maioria dos projetos apresenta telhados com duas, três ou mais águas, porém sempre escondidas por platibanda para simular o teto plano). O acesso ao terraço (onde a ausência de indicação de qualquer tipo de vegetação não recomenda nomeá-lo terraço jardim) se dá por uma escada exterior, na fachada principal, e um guarda corpo de tubos metálicos, cercando parte dele, revela a intenção de sua utilização, influência inquestionável do modernismo europeu. O lote, sendo de esquina, possibilitou localizar a entrada da garagem e da área de serviço pela rua lateral. O projeto é uma interpretação pessoal do engenheiro e arquiteto João Meirelles de Almeida Couto (o qual tem vários projetos assinados nos processos consultados), para um proprietário de origem alemã, Sr Fritz Kostich, que certamente influenciou na opção adotada.

⁵⁶⁹ Fonte: Arquivo Fundação Gregório de Mattos. Jaime Cerqueira Lima assina a reforma como engenheiro civil e construtor. Classificação 934/39.

⁵⁷⁰ Fonte: Arquivo da fundação Gregório de Mattos. Classificação: 934/23.

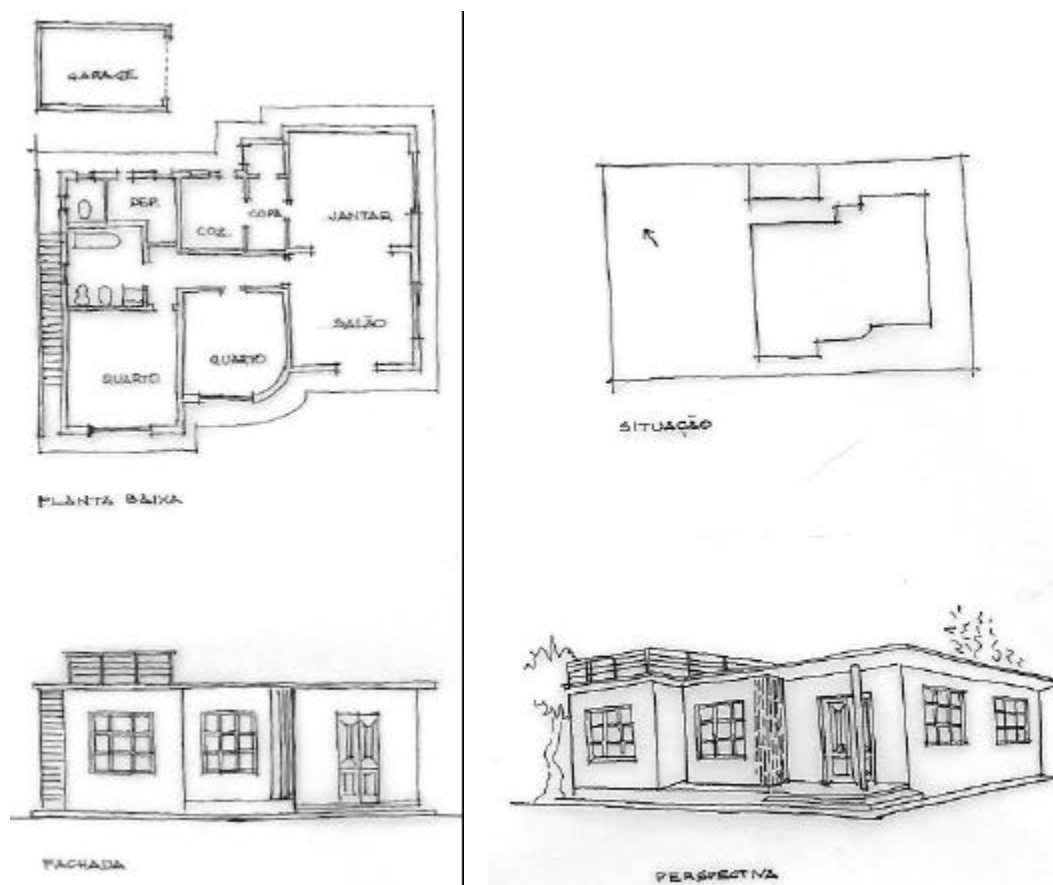


Fig. 3 - Casa térrea na Rua Oito de Dezembro, com teto plano e terraço, de 1934.
Fonte: Arquivo da Fundação Gregório de Mattos. Desenho: Anete Araujo.

A divisão espacial interna obedece aos três setores consagrados, a cozinha tendo acesso por uma pequena copa a partir da sala de jantar e os quartos localizados de frente para a rua principal, mas com recuo em relação ao limite do lote.

Projetos de casas maiores, datados de 1934, guardando também a assimetria, característica que as diferenciam bastante das mansões de expressão clássica, também foram encontrados nos arquivos. Uma delas, localizada no então chamado Dendezeiros do Canela (Fig. 4)⁵⁷¹, propriedade de Bernardino Carneiro e também com teto plano, é da autoria do engenheiro Durval Neves da Rocha, prefeito de Salvador entre 1938 a 1942. Numa disposição espacial generosa em relação à área social, que lembra as mansões ecléticas do início do século, a casa possui um quarto de costura, localizado estrategicamente no sentido de que a dona da casa possa controlar tanto a escada de acesso ao primeiro andar quanto a cozinha e a copa (que aqui já abandona a possibilidade de ser usada como sala de refeições, funcionando, pela exigüidade de seu espaço, para a lavagem de pratos ou talvez para abrigar um pequeno armário). O gabinete é mantido na frente com entrada independente. Em alguns casos, o

⁵⁷¹ Fonte: Arquivo da Fundação Gregório de Mattos. Classificação 934/40

gabinete poderia funcionar como escritório ou consultório, dependendo da atividade profissional do morador.

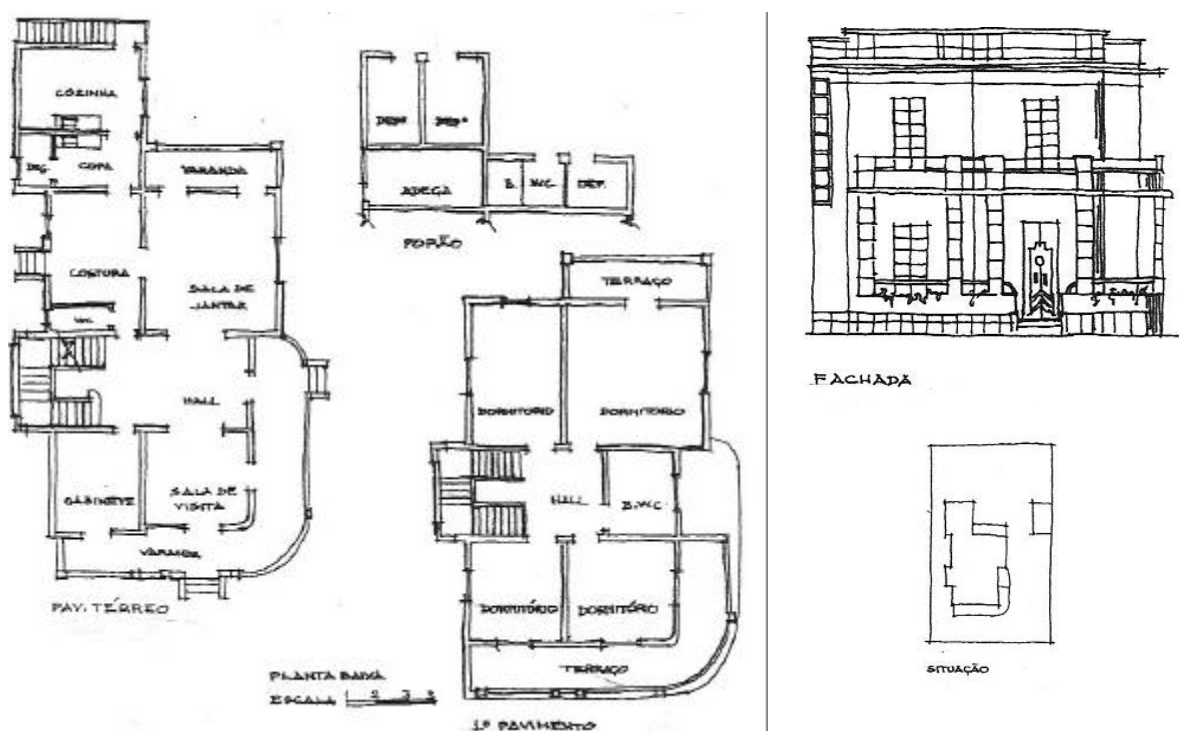


Fig 4. - Ampla residência, situada no Canela, projeto do engenheiro Durval Neves da Rocha, de 1934. Fonte: Arquivo Fundação Gregório de Mattos. Desenho: Anete Araujo.

Os dormitórios no primeiro pavimento são amplos, três deles com acesso às varandas denominadas “terraços”, como observado anteriormente. As dependências dos empregados estão no porão onde também se localiza uma adega.

Entre três exemplos escolhidos, datados de 1935, dois apresentam um cômodo denominado rouparia, no primeiro andar, e dois designam um outro cômodo como “depósito de malas”, na edícula que concentra a área de serviço e a garagem. Muitos projetos examinados possuem esse cômodo, confirmando que viagens - principalmente para o sul, Rio e São Paulo e, eventualmente, para o exterior - faziam parte das expectativas das famílias de classe média e média alta em Salvador.⁵⁷²

Situada no Parque da Graça, a casa de propriedade do Sr. Hermillo Afonso Guerreiro, abaixo ilustrada (Fig. 5), não define autoria nem do projeto e nem da construção.⁵⁷³

⁵⁷² Informações em depoimentos e textos de cartão postais, além de anúncios encontrados em revistas: preço de passagens para viagens por terra, mar ou ar e de casas especializadas em “artigos de viagens”, como “O Pelicano” (em diversos números da Revista *Renascença* e jornais da capital).

⁵⁷³ Fonte: Arquivo da Fundação Gregório de Mattos. Classificação 935/44.

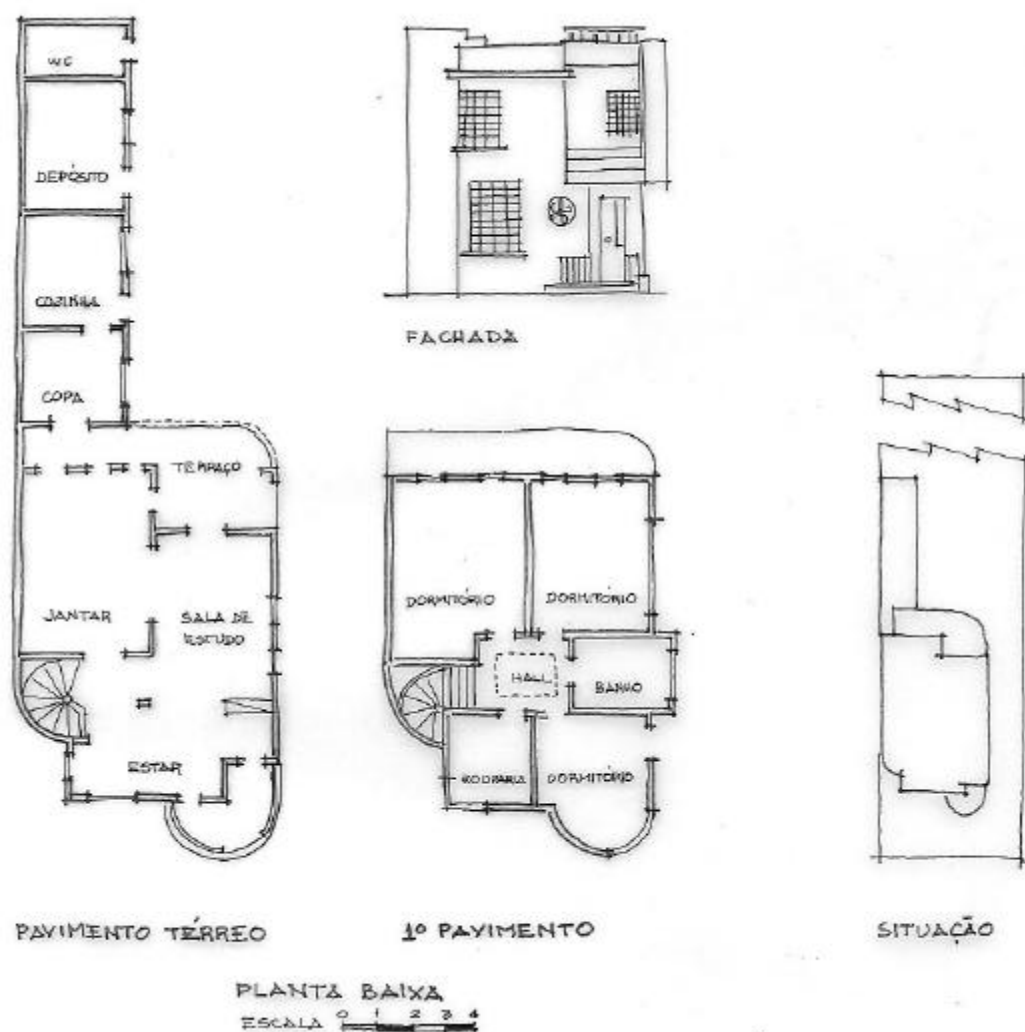


Fig. 5 - Casa na Graça, datada de 1935, apresentando sala de estudos no térreo, rouparia no primeiro pavimento e um puxado, reminiscência colonial então já abandonada.

Fonte: Arquivo da Fundação Gregório de Mattos. Desenho: Anete Araújo.

A fachada é de linguagem claramente modernista, incluindo a janela de canto no primeiro andar, que ilumina e ventila a rouparia. A varanda em semi-círculo no térreo, e seu acompanhamento no quarto, no andar superior, constituem elementos de destaque no projeto. Em São Paulo, como vimos no projeto do conjunto residencial da autoria de Flávio de Carvalho, no Jardim Paulista, essas casas eram chamadas de “barrigudinhas”. Essa intenção moderna na concepção da casa não impediu, entretanto, que o agenciamento da área de serviço seguisse o modelo tradicional, isto é, está localizada em um puxado, solução já abandonada nas residências do período. Por outro lado, fluidez espacial no térreo é permitida pelo uso de vigas de concreto, reduzindo o uso de paredes auto-portantes. A sala de estudos, separada por passagem larga para a sala de jantar e com continuidade espacial para a outra sala - aí denominada de estar, e não de visitas - sugere uma distribuição atípica do setor social.

Casos assim podem ser explicados pela demanda provocada pela ocupação de um ou mais membros da família. Lições de piano ou outros instrumentos musicais - normalmente ministradas pela dona da casa - eram comuns e podiam ter lugar na sala de estudos. Outra possibilidade é de que a mãe acompanhasse as lições de casa dos filhos, pois um dos seus deveres era complementar a educação dos mesmos.

A casa projetada pelo engenheiro civil Álvaro Pereira Rios, para Robert Keibel, na esquina da Rua da Paz com a Rua Alameda Rodrigues⁵⁷⁴, no bairro da Graça, em 1935 (Fig. 6), apresenta parede curva apenas na fachada posterior (correspondendo à copa, no térreo e ao banheiro, no pavimento superior) mas seu partido dinâmico em linhas ortogonais quebradas, resultam em uma composição abstrata moderna equilibrada no jogo de cheios e vazios, esses sendo preenchidos com esquadrias metálicas.

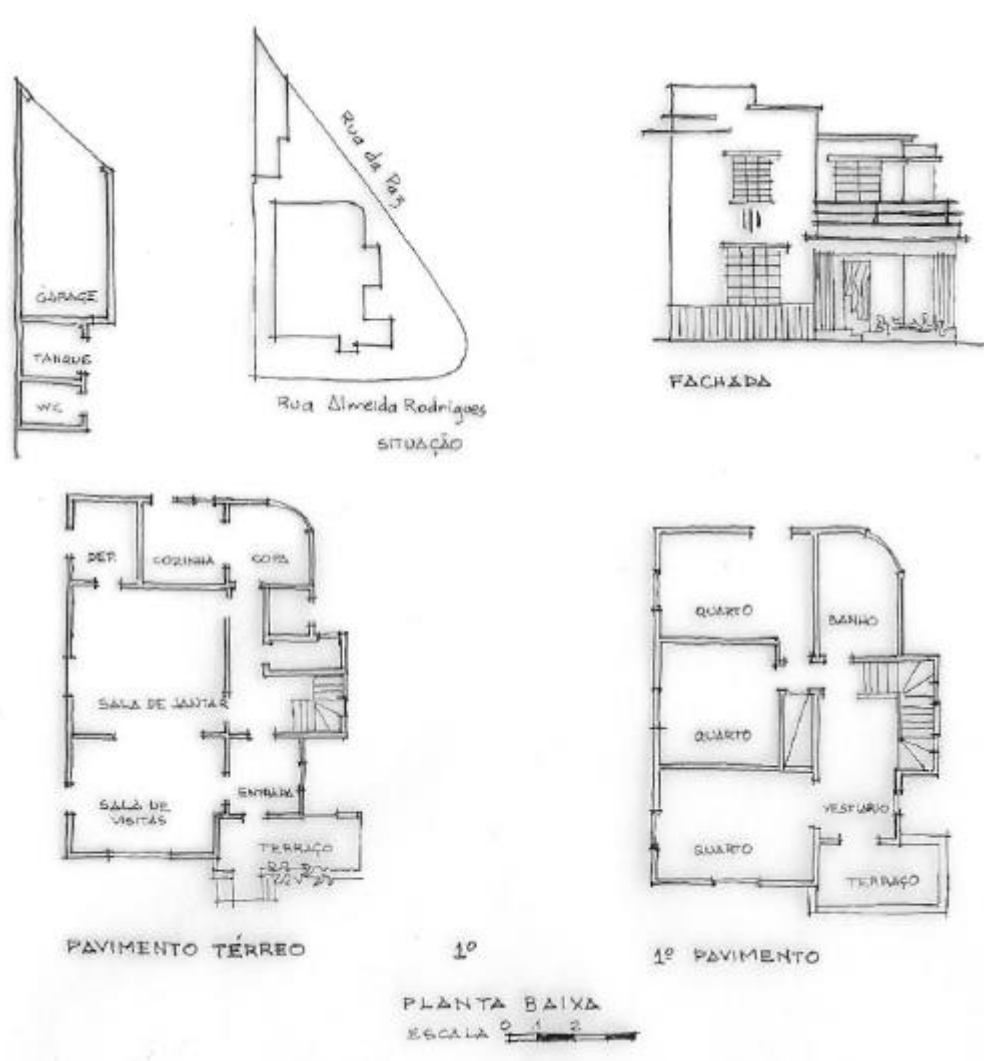


Fig. 6 - Situada na Graça, esta casa apresenta ampla área social e um vestiário na área íntima.
Fonte: Arquivo da Fundação Gregório de Mattos. Desenho: Anete Araújo.

⁵⁷⁴ Fonte: Arquivo da Fundação Gregório de Mattos. Classificação 935/47

Espacialmente, sua divisão é mais ou menos a convencional. A entrada principal, através de um pequeno pórtico, conduz a um vestíbulo (entrada) de onde, dobrando à esquerda estão as salas de visitas e de jantar e, seguindo em frente, chega-se a um *hall* que leva à copa-cozinha (passando por um pequeno cômodo não mencionado, talvez um lavabo) ou à escada de acesso ao primeiro pavimento. Neste, um *hall* pequeníssimo conduz a dois quartos e a um terceiro, intermediado por um cômodo denominado vestuário, numa distribuição pouco comum da área íntima.

O terceiro projeto, de 1935, situado no antigo Pharol da Barra (Rua Afonso Celso, 12) é mais um da autoria de João de Almeida Couto, que aproveitou o lado mais largo do lote triangular para implantar a casa, sendo sua proprietária Maria Bittencourt Menezes (Fig. 7).⁵⁷⁵

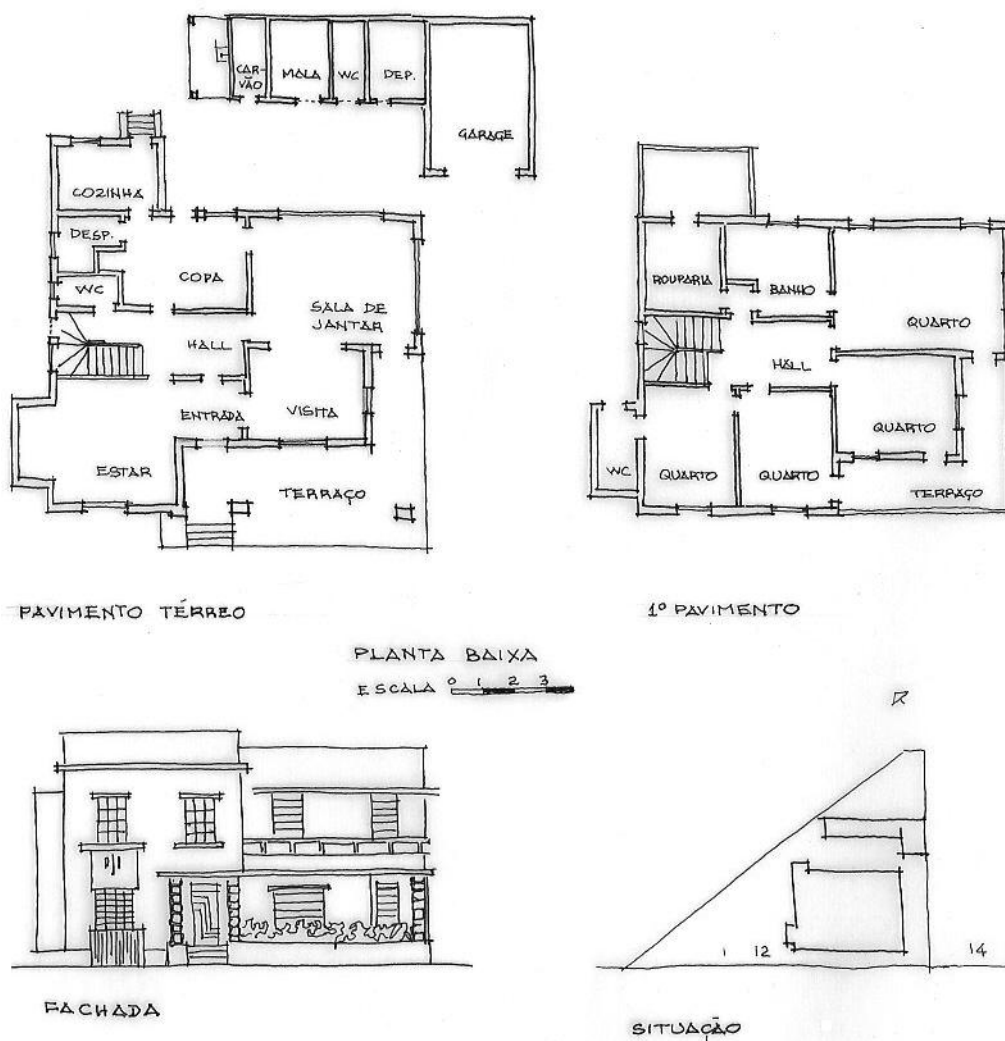


Fig. 7 - Casa na Rua Afonso Celso, datada de 1935, da autoria de João de Almeida Couto.
Fonte: Arquivo da Fundação Gregório de Mattos. Desenho: Anete Araujo.

⁵⁷⁵ Fonte: Arquivo da Fundação Gregório de Mattos. Classificação 935/?.

Estamos diante de outra casa dividida segundo os setores social, íntimo e de serviço, com salas espacialmente generosas, uma ampla varanda no térreo (que dá acesso direto à sala de jantar, solução encontrada algumas vezes nos projetos consultados) e quatro quartos, além de uma rouparia, a qual - pela exigüidade dos espaços na área de serviço - podia funcionar também como gomado. Observa-se que junto ao depósito de malas - signo de uma atividade cultural e do lazer modernos dos moradores - também aparece o “depósito de carvão”, demonstrando que o ferro elétrico e o fogão elétrico e a gás ainda não eram de uso comum nestas residências ou que os fogões a carvão, por alguma razão, ainda permaneceram.⁵⁷⁶

Este também é um dos poucos projetos onde, além do banheiro no primeiro andar, encontra-se um W.C., servindo a um dos quartos, além de um outro no térreo, ao lado do acesso ao primeiro andar. A área de serviço, mantendo o modelo de separação do corpo principal da casa, está localizada na parte dos fundos. Entre os cômodos convencionais está o mencionado depósito de malas em construção. A garagem, embora independente, está no mesmo bloco de serviço, solução também comum nos projetos levantados.

A fachada apresenta movimento de planos no térreo. O terraço possui pilares recuados em pedra aparente e, à exceção da porta de entrada, em madeira, todas as esquadrias são metálicas. O terraço superior tem o guarda corpo com terminações em tubulares de metal e como a maioria das casas uma platibanda esconde o telhado em águas.

Dois exemplos de 1936, ambos de propriedade de Francisco Pinto Machado e tendo como responsável técnico a Companhia Administração Garantida Baiana - uma das empresas de construção já operando na cidade e responsável por várias das construções de casas encontradas nos arquivos - foram possivelmente destinadas para venda ou aluguel. Elas apresentam a simplicidade característica dos outros exemplos da época e possuem esquadrias de ferro, tipo basculante.

Nos espaços vazios do lote, segundo a planta de situação, observa-se detalhes funcionais que revelam atividades domésticas que pareciam estar então esquecidas: criar galinhas, plantar hortaliças e colher frutos. Galinheiro, horta e pomar, teriam eles um apelo publicitário para aquisição? Seria comum, mas não de bom tom, constar dos projetos? Certo é que a disposição das dependências de empregada e da garagem no lote é aproveitada para zonestar aquelas atividades que, provavelmente como antes, cabia à mulher administrar. Nos

⁵⁷⁶ Existe a possibilidade de que a distribuição de eletricidade ou do gás sofresse interrupções e o carvão fosse estocado para imprevistos, pelo menos nas casas mais abastadas. Em outras, talvez a renda insuficiente dos moradores poderia leva-los a manter o uso do carvão. O fato é que já aparecem nas propagandas das revistas da época - e mesmo anteriormente - anúncios desses equipamentos. A General Electric, anuncia a “eficiência e a economia” do seu ferro elétrico no jornal A Tarde, a partir de 1930)

dois exemplos, embora as casas estejam encostadas nos lotes, não há indicação nos projetos de que sejam casas geminadas.

A primeira casa (Fig. 8)⁵⁷⁷ possui parede frontal em curva em ambos os pavimentos e varanda também curva na esquina do primeiro andar. A disposição dos espaços no térreo e primeiro pavimentos é a convencional, mas bastante simplificada. Um dos quartos da parte posterior possui um terraço amplo, pois aproveita a laje sobre a cozinha. Embora não haja um pórtico ou varanda na frente, como é comum, uma marquise sobre a porta de entrada (que conduz diretamente à sala de estar) e a projeção da varanda do pavimento superior protegem o acesso à casa. Na área de serviço, depósito e w.c. estão separados pela área onde fica a lavanderia. A garagem, como é comum, localiza-se no mesmo bloco.

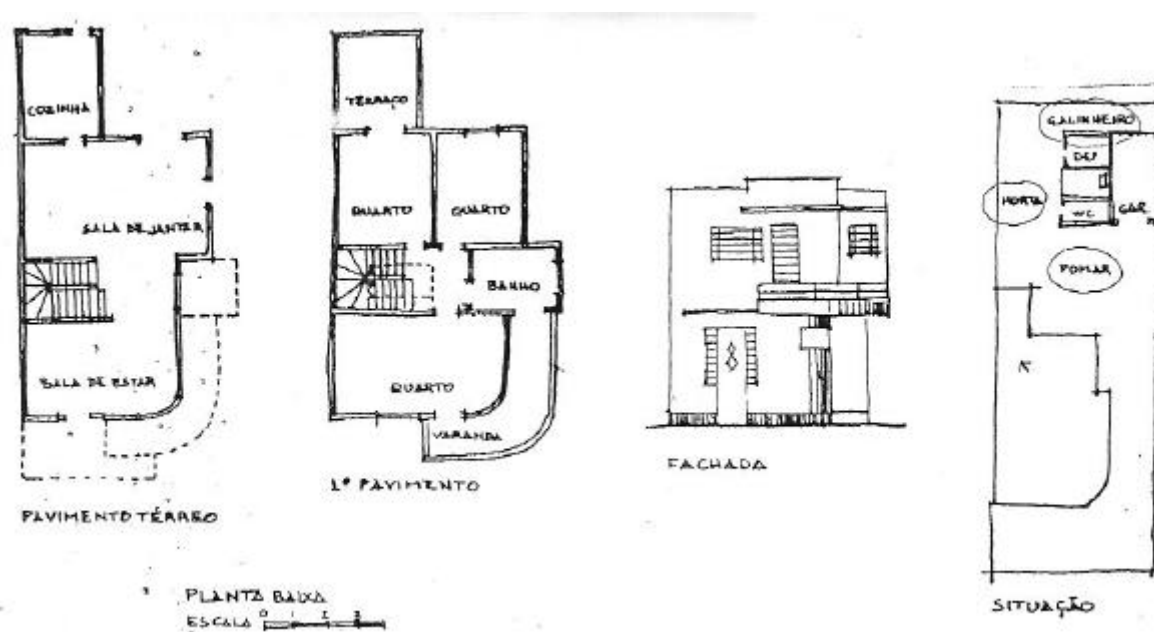


Fig. 8 - Casa construída em 1936, pela Companhia Administração Garantida Bahia, responsável pela construção de várias residências na cidade.

Fonte: Arquivo da Fundação Gregório de Mattos. Desenho: Anete Araujo.

Na fachada, muito simples, as curvas que caracterizam as residências analisadas estão presentes nos dois pavimentos; além das esquadrias em basculante de ferro, a porta de entrada, de madeira, também é ladeada por uma faixa de esquadria de ferro de cada lado e no parapeito da varanda superior estão presentes os tubulares metálicos. Sobre a varanda, uma marquise protege-a em toda sua extensão.

⁵⁷⁷ Fonte: Arquivo da fundação Gregório de Mattos. Classificação 936/14

Na outra casa (Fig. 9)⁵⁷⁸, as varandas com curvas menos acentuadas no pavimento térreo e no primeiro andar representam uma variante das casas “barrigudinhas” acima mencionadas.

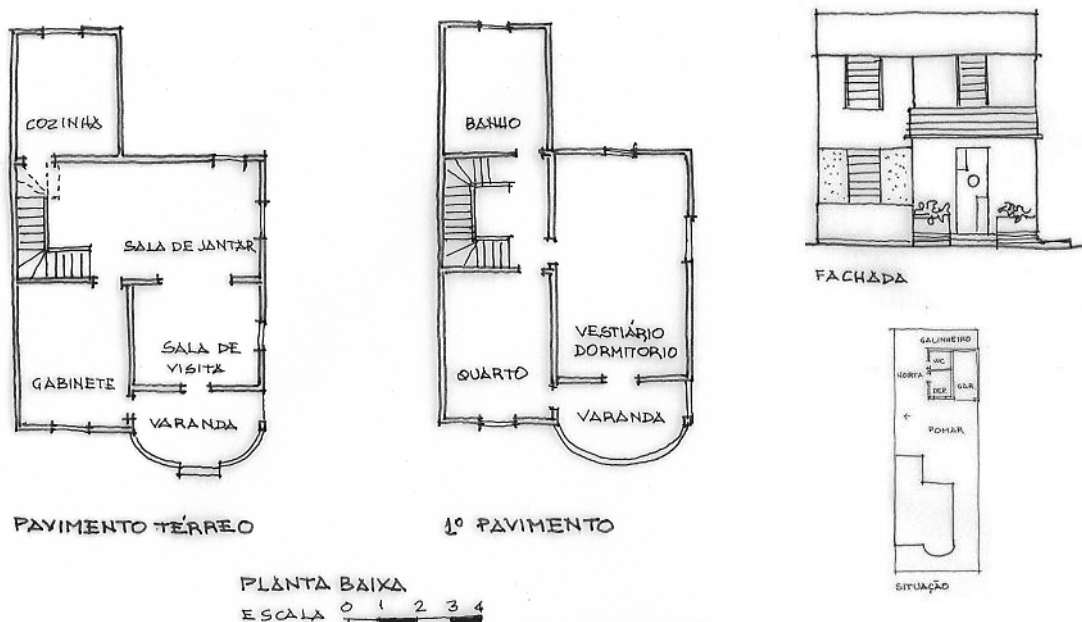


Fig. 9 - Detalhes funcionais especificados na planta de situação (pomar, horta, galinheiro), revelam a permanência de atividades domésticas executadas no século anterior.

Fonte: Arquivo da Fundação Gregório de Mattos. Desenho : Anete Araujo.

Os espaços internos da casa são convencionalmente divididos. No térreo, as salas se comunicam por uma ampla passagem e - no primeiro pavimento - um dos quartos, de grandes dimensões, denominado “dormitório vestiário”, ocupou uma área que, normalmente, é destinada para outro quarto.

Em 1937, aumenta o número de projetos modernistas encontrados nos arquivos da Fundação Gregório de Mattos, seja de casas menores ou mais amplas, embora o número de residências em estilos tradicionais também seja crescente nos pedidos de licença para construção. Entre os últimos, as casas térreas tipo *bungalow*, com pórtico frontal, são as mais comuns e dirigidas à classe média. As maiores, para famílias mais abastadas, possuem dois pavimentos, e apresentam elementos neo-coloniais com variações diversas. Adiante trataremos dessas tipologias que serão dominantes na década de 40.

Observa-se que a maioria das casas que utiliza a linguagem modernista continua sendo a de dois pavimentos (as casas térreas são raras), com a repetição da configuração espacial dividida em setores social e de serviço, no térreo, e o íntimo, no primeiro andar - solução ideal para separar a zona íntima evitando os corredores, comuns na segunda década do século XIX.

⁵⁷⁸ Fonte: Arquivo da Fundação Gregório de Mattos. Classificação 936/10.

Neste sentido é interessante observar que, quando a adoção da habitação vertical se torna comum como veremos adiante, os apartamentos (que têm uma divisão espacial análoga à das casas térreas), vão reincorporar os corredores. Nas salas, o uso do termo “sala de estar” é o mais comum; a denominação “sala de visita” porém, aparece algumas vezes enquanto vestígio do passado, pois certamente era utilizada no cotidiano. O sanitário, invariavelmente denominado de “banho”, tem suas peças raramente representadas. Embora em uma minoria dos projetos das casas esteja especificado os usuários dos quartos, o comum era o maior ou o da frente ser destinado ao casal e os demais aos filhos, normalmente separados por sexo.

Dando continuidade ao padrão de quartos individualizados das classes altas, comum na Primeira República (o qual vai sendo difundido entre os segmentos médios), esses quartos vão ganhando um perfil cada vez mais diferente das alcovas. Neles, segundo De Certeau, “o corpo dispõe de um abrigo fechado onde pode estirar-se, dormir, fugir do barulho, dos olhares, da presença de outras pessoas, garantir suas funções e seu entretenimento mais íntimo”.⁵⁷⁹ Individualidade e privacidade tinham como registro material as camas individuais, guarda-roupas, penteadeiras, cômodas, escrivaninhas, mesinhas, objetos decorativos e simbólicos, roupas de cama e banho com monogramas, sinais diversos de um domínio privativo⁵⁸⁰, como ilustram algumas fotos do *Annuário das Senhoras* (1938), revista publicada no Rio de Janeiro, e consumida nacionalmente (Fig. 10).

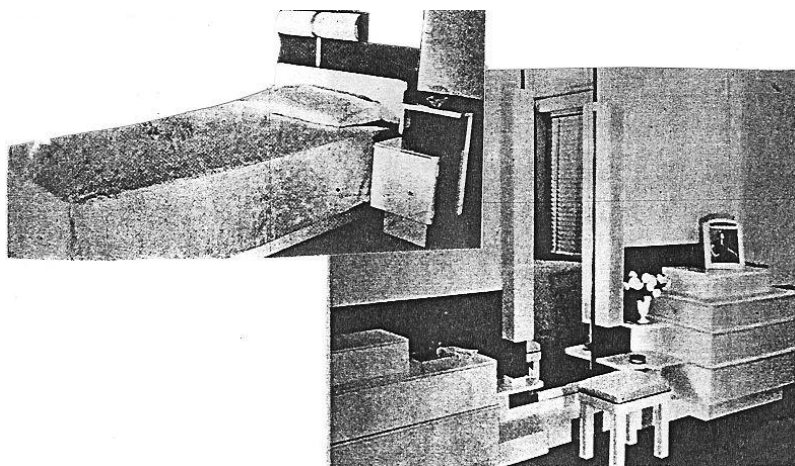


Fig. 10 - Exemplo de mobiliário utilizado na década de trinta.
Fonte: Annuário das Senhoras, 1938.

Na maioria dos projetos consultados, a maior dotação espacial continua sendo destinada para as salas - de visita ou de estar e de jantar. A última está sempre próxima à copa e a cozinha as quais, invariavelmente, se localizam na parte posterior ou na lateral. A mudança, nos projetos, da denominação da sala de visitas para sala de estar pode

⁵⁷⁹ Citado em SCHAPOCHNIK (1998) p. 509.

⁵⁸⁰ Idem, Ibidem.

corresponder a uma utilização mais freqüente desse espaço pela família que ia abandonando o costume de ter uma sala sem utilização no cotidiano, ao tempo em que hábitos de convivialidade entre seus membros se consolidavam. O advento do rádio, que congregava a família para ouvir as novelas, os programas de auditório, futebol e noticiários, poderia ser uma razão para o uso da sala, então denominada de estar, quando a copa não era suficientemente grande para essa função. As moças casadoiras aí namoravam, a maioria das vezes sob os olhares vigilantes dos pais ou da mãe.

Os móveis variavam de estilo. A casa, muitas vezes próxima ao purismo nas suas linhas, não abrigava necessariamente móveis modernos de desenho sóbrio e linhas simples, almejando uma unidade formal exterior/ interior. Para além da aceitação arquitetônica do modernismo e a suplantação do decorativismo, como sugere Schapochnik, uma tendência das famílias de posses era “imprimir um ‘ambiente brasileiro’ nos interiores com a ‘valorização’ de objetos decorativos e devocionais que citavam o passado colonial”.⁵⁸¹ No interior das casas ou apartamentos modernistas em Salvador, observa-se a mesma tendência de utilizar mobiliário de estilo, prática que certamente conferia mais *status*. A figura 11, por exemplo, ilustra o interior de um dos apartamentos do Edifício Braulio Xavier (1939), um dos mais importantes prédios modernos em Salvador, da autoria do arquiteto Hélio Duarte.

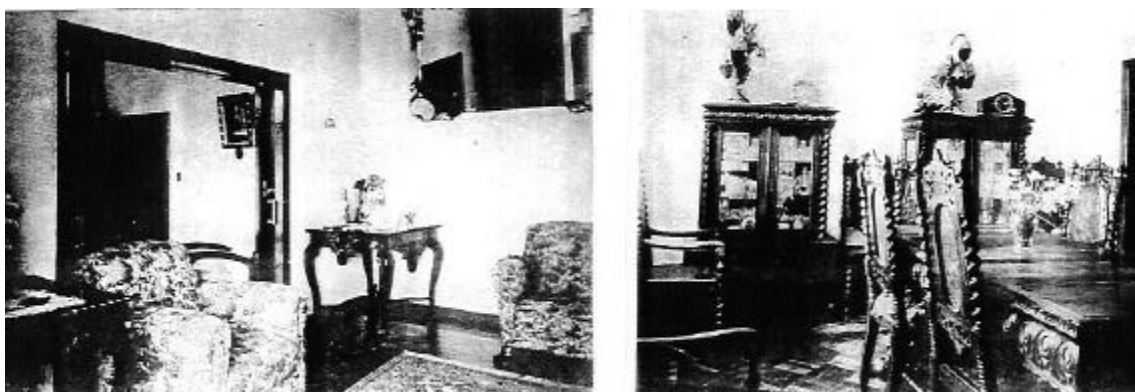


Fig. 11 - Interiores de um apartamento no Edifício Braulio Xavier apresentando mobiliário de estilo.
Fonte: Catálogo da Companhia Brasileira Imobiliária e de Construções S.A. (1945).

A garagem e as dependências de empregada, lavanderia e gomado continuam separados, sempre no fundo do lote, perpetuando o isolamento e o acesso diferenciado para a área de serviço, como ilustrado, mais uma vez, nos projetos dos engenheiros Carlos Simas e Manuel Bastos, datados de 1937, para duas casas, ambas na Rua dos Barris, distrito de São Pedro.

⁵⁸¹ Idem, p. 511.

A primeira casa tem implantação central no terreno, guardando o recuo de 1,50 m, exigido na época. Sua linguagem é extremamente simples, como se observa nas fachadas frontal e lateral (Fig 12).⁵⁸² O gabinete no térreo e o quarto acima apresentam o perfil arredondado típico, repetido na varanda superior que abraça o outro quarto frontal. A fachada lateral é movimentada não só pela presença da varanda do primeiro pavimento quanto pelo balanço do banheiro. As esquadrias são em basculante de ferro e todo o parapeito da varanda é executado em tubulares de metal.

A novidade em planta é a grande dimensão do gabinete se comparada à sala, certamente de estar e refeições, localizada no fundo (a nomenclatura diz apenas “sala”).

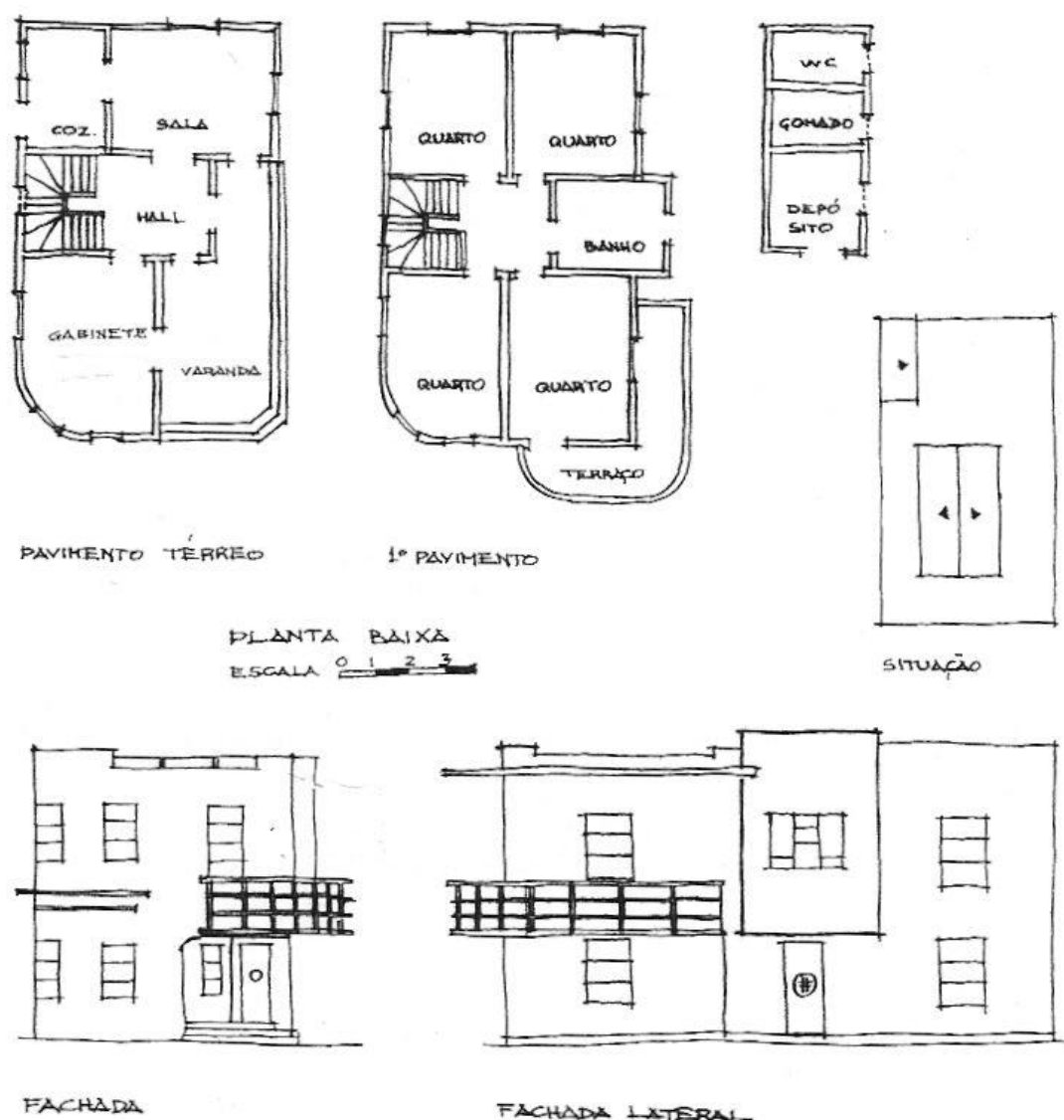


Fig. 12 Casa nos Barris, datada de 1937, da autoria do engenheiro Carlos Simas. Terraço de entrada e gabinete amplos contrastam com a sala comum para o estar e refeições.
Fonte: Arquivo da Fundação Gregório de Mattos.

⁵⁸² Fonte: Arquivo da fundação Gregório de Mattos 937/27.

A outra casa (Fig.13) ⁵⁸³, também de linha purista, é mais subdividida no pavimento térreo que a anterior, apresentando um vestíbulo e mais dois cômodos de “entrada”. A probabilidade é que o recurso da nomenclatura dos cômodos esteja ligado a uma desobediência das dimensões mínimas exigidas, no caso, a “entrada” junto à sala de estar, cuja intenção poderia ser de utilizá-la como uma saleta. O caso mais comum (e vergonhoso), ou melhor, já estabelecido na prática de projeto, ontem e hoje, é aquele de apresentar como depósito o cômodo que, todos sabem, é o quarto de empregada.

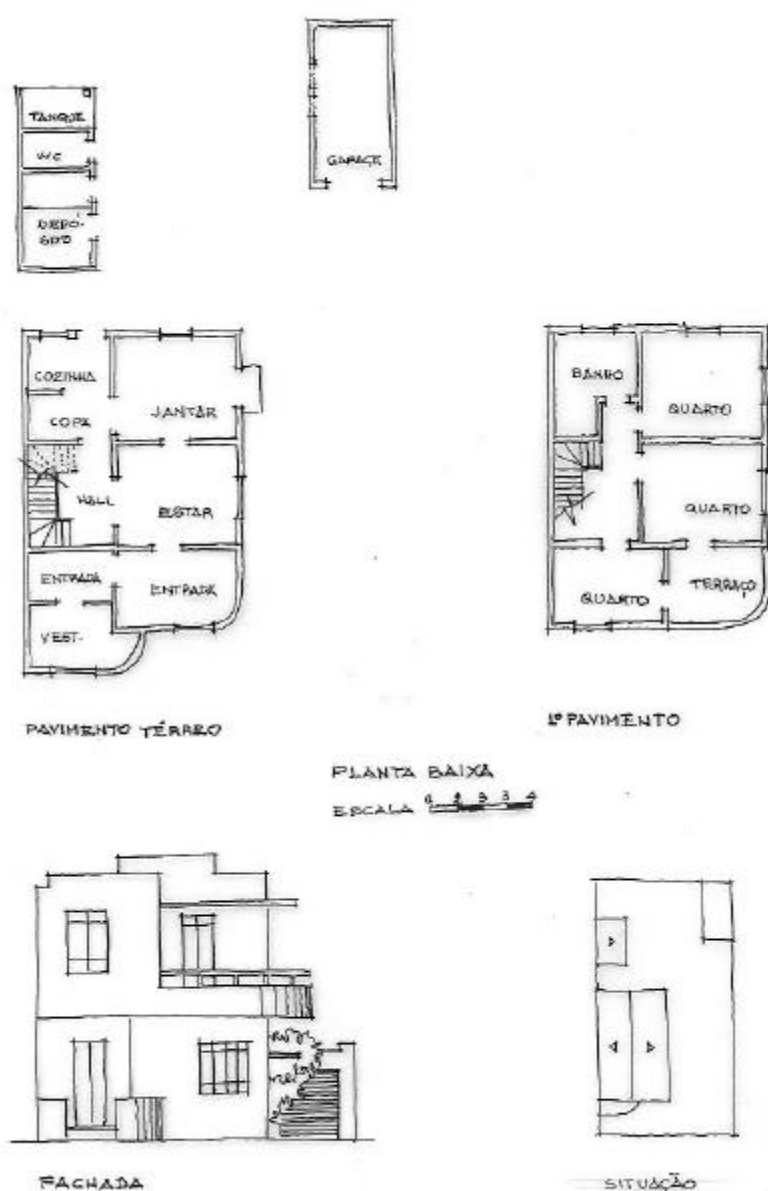


Fig. 13 - Casa em linguagem modernista, projetada por Manoel Bastos, localizada na Rua dos Barris, lote 47.

Fonte: Arquivo da Fundação Gregório de Mattos.

⁵⁸³ Fonte: Arquivo da Fundação Gregório de Mattos 937/16.

As duas casas dos Barris não existem mais. Contudo, seja nesse bairro ou em outros em Salvador, a exemplo do Canela, Barra, Barra Avenida, Jardim Brasil, Jardim Baiano, Matatú, Penha, alguns exemplos das casas que vimos mostrando ainda podem ser vistos (ou reconhecidos) e apreciados, hoje. Com certa diferenciação expressiva e apresentando maior ou menor riqueza plástica, elas ressaltam uma marcante interpretação pessoal no uso da linguagem moderna, plenamente válida e de bastante significação. São experiências estéticas de característica purista: marcações horizontais com extremidades curvas, ausência de cor e de elementos decorativos, janelas de canto - em alguns exemplos - todos encontrados na primeira fase do modernismo na Europa, presentes, principalmente, como vimos, na corrente alemã. São diversos projetos assinados por profissionais baianos sem aparecer, no entanto, qualquer nome com frequência suficiente para caracterizar uma influência pessoal digna de nota.

Em geral existe um ponto comum em relação ao agenciamento espacial nas casas aquiapresentadas: a escada se encontra sempre em uma das laterais da edificação e quase sempre na área central (entre a social e a de serviço). Este fato pode apontar para uma racionalização da construção que confirma o modelo, intervindo no reforço ao modelo tripartite.

Além do estilo neo-colonial - marcante em casas geminadas, conforme referido - a maioria das quais pertencia a um só proprietário que provavelmente as construía para alugar ou vender, a estética modernista também foi adotada em alguns projetos, o que deixa supor que também existia a expectativa de sua aceitação entre os que investiam em habitação.

Duas casas geminadas, de 1939 (Fig. 14)⁵⁸⁴, cujo projeto e construção são de Jorge Viana, localizadas na Rua Franklin Dórea, em Nazaré, mostram a escolha da estética modernista nesse tipo de habitação e o recurso inteligentemente utilizado para que, apesar da simetria interior, a aparência externa fosse assimétrica (em obediência a um dos princípios caros ao modernismo): linhas de massa salientes na fachada principal e pequenas marquises na platibanda direita.

O acesso para cada unidade é independente, e internamente a distribuição do espaço é a convencional. O declive do terreno é aproveitado para a localização da área de serviço no sub-solo, designado ainda - na planta baixa - como “porão”. Certamente aí se localiza um quarto de empregada, possivelmente para uso simultâneo de ambas as casas. Outra escada leva ao quintal, em nível ainda mais baixo.

⁵⁸⁴ Fonte: Arquivo da Fundação Gregório de Mattos. Classificação 939/06.

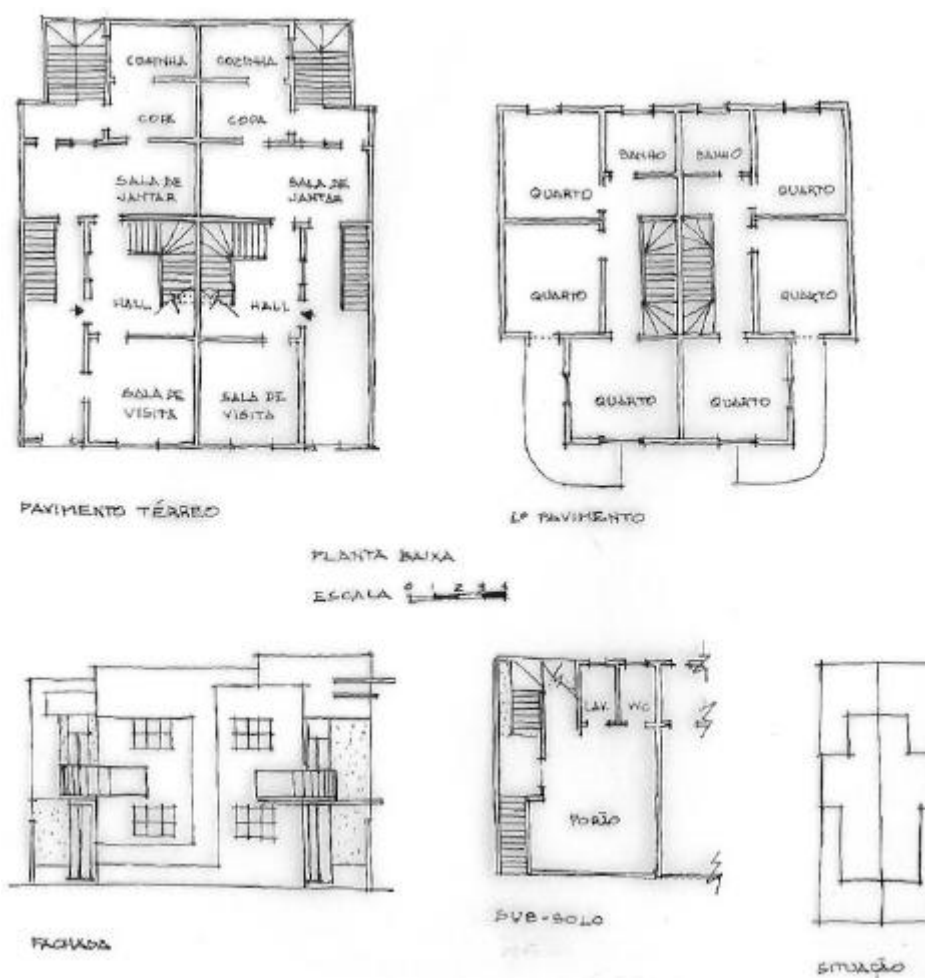


Fig. 14 - Casas geminadas em Nazaré, construídas em declive, com dois pavimentos e “porão”.
Fonte: Arquivo da Fundação Gregório de Mattos.

Projetos para residências de famílias tradicionais de Salvador, dentro da mesma linguagem, também eram solicitados a profissionais do sul, como a residência do engenheiro Carlos C. Costa Pinto, conhecida como “Casa da Barra Avenida”, projetada pela firma Freire & Sodré, do Rio de Janeiro, construída pela Companhia Brasileira Imobiliária de Construção S.A. e hoje demolida (Fig 15).



Fig. 15 - Fachadas anterior e posterior da “Casa da Barra Avenida”, 1938.
Fonte: Catálogo da Companhia Brasileira Imobiliária e de Construções S.A.

Essa empresa também foi responsável pela realização dos Edifícios Dourado (primeiro prédio de apartamentos na Graça, pronto em 1938) e do Edifício Oceania, no Farol da Barra (1942), além de prédios com outras funções, como o Edifício Chile e a Pupileira.

Certamente que estamos diante de uma arquitetura mais elaborada que as analisadas até aqui, a utilização do concreto armado possibilitando uma concepção ousada, introduzindo balanços antes impossíveis, explorando o jogo entre volumes construídos e vazios e empregando amplos panos de vidro. Também de linha purista, apresenta como um dos destaques o volume cilíndrico que salta da fachada lateral, dando-lhe movimento (Fig. 16). Soma-se a este o efeito luminoso e estético do vitral que se desenvolve de alto a baixo, iluminando a escada no interior - a qual se desenvolve em belíssima curva com seu guarda corpo metálico de grande leveza (Fig.17).



Fig.16 - Fachada lateral ilustrando a articulação dos volumes ortogonais e curvos.

Fonte: Catálogo da Companhia Brasileira Imobiliária e de Construções S.A.

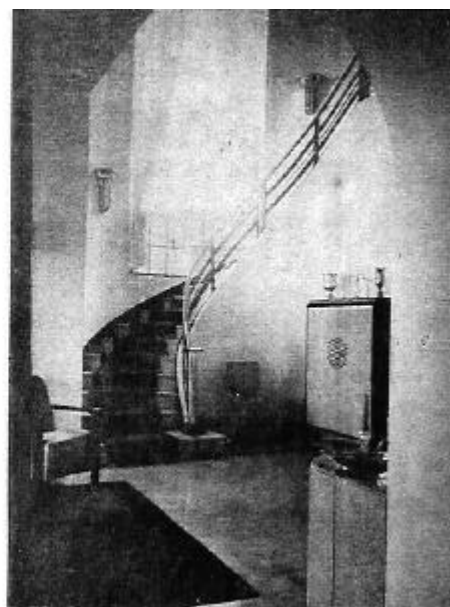


Fig. 17 - Um detalhe da escada.

Na fachada principal, a varanda curva do primeiro pavimento é ampla, se distanciando dos “terraços” estreitos dos exemplos anteriores e seu leve guarda corpo em ferro contribui para a percepção da predominância dos vazios sobre os cheios. Amplos panos de vidro nos dois pavimentos se aproximam mais da transparência (espaço interior / espaço exterior) que já caracterizava a produção brasileira da arquitetura moderna no período. No segundo pavimento, o pergolado que cobre o terraço também constitui um elemento moderno que propicia a criação de um microclima agradável e que estará presente em casas construídas posteriormente ou em terraços de prédios de apartamentos modernos em Salvador.

O arranjo espacial interno da Casa da Barra Avenida, segundo texto consultado também é o consagrado, embora a utilização de arcadas substituindo as paredes maciças para separar alguns ambientes,⁵⁸⁵ crie uma fluidez espacial ausente nas demais residências do período.

O piso é em mármore italiano cinza. No mobiliário, mais requinte: em bétula dinamarquesa, assinado pela Laubischirth, também do Rio de Janeiro. Móveis de junco compõem o jardim de inverno, novidade que se insere no programa residencial (Figs.18 e 29). A louça sanitária, em contraste com a ‘frieza’ predominante, é na cor azul royal. As luminárias também encomendadas no Rio são de aço inoxidável, com vidro jateado.⁵⁸⁶



Fig. 18 - Interior: jardim de inverno.



Fig. 19 - Interior: mobiliário.

Além da qualidade estética e funcional do projeto de Freire & Sodré e da unidade estilística entre exterior e interior, incluindo o mobiliário e objetos em geral, a importância de sua realização está na divulgação da arquitetura nova em Salvador, principalmente na revista *Técnica*, publicada a partir de 1941, como veremos adiante. Este conjunto de méritos, entretanto, não impediu a sua demolição, restando na busca de sua memória apenas a documentação iconográfica e as lembranças de amigos e familiares, como a da esposa do proprietário que, com simpatia, atendeu à entrevista solicitada pelo DOCOMOMO.⁵⁸⁷

⁵⁸⁵ Essa referência foi obtida no acervo do DOCOMOMO Brasil, organizado pela Profa. Anna Beatriz Ayrosa Galvão. As plantas da casa, infelizmente, foram extraviadas, impossibilitando sua análise espacial. As fotografias constam do Catálogo de comemoração de dez anos de fundação da Cia. Brasileira Imobiliária e de Construções S.A. (Biblioteca do CEAB - FAUFBA) o qual não está datado mas, supõe-se, seja de 1945.

⁵⁸⁶ Acervo DOCOMOMO.

⁵⁸⁷ Depoimento da Sra. Costa Pinto concedido a Ana Beatriz Ayrosa Galvão e Naia Álbán, que a entrevistaram em 1999.

Finalizando, o que se pode concluir do levantamento das casas modernistas encontrado nos arquivos⁵⁸⁸, é que seu número é reduzido, embora, comparativamente, muitos exemplares estejam presentes nas revistas especializadas, principalmente estrangeiras. O estilo não tem destaque ou predominância entre os demais, caracterizando um processo de certa forma tímido de difusão da arquitetura moderna na década em estudo.

Por outro lado, o fato de que a maioria dos projetos com características modernistas é datada da segunda metade dos anos 30, quando a influência alemã no país se dava tanto em termos políticos quanto culturais, reforça a idéia da influência da corrente alemã do *Neues Bauer*, na aparência da maioria deles, como observado no capítulo anterior.⁵⁸⁹

Para Weimer, que estudou as manifestações dessas tipologias residenciais modernistas em Porto Alegre, o que está particularmente presente nas mesmas é a influência do *Sachlichkeit*⁵⁹⁰, cujo conteúdo era caracterizado por um funcionalismo formal, contornando ou evitando os problemas mais profundos de organização espacial. Essa observação leva o autor a cometer dois equívocos em alguns dos projetos que analisa: criticar a ausência do zoneamento funcional dos espaços (separação dos três setores, social, íntimo e de serviço)⁵⁹¹, talvez uma interpretação contaminada pelo que já é considerado pelos arquitetos (e pelo segmento médio e alto da sociedade) como um dado “natural” na organização espacial doméstica. E segundo, sugerir que essas são novas determinações do ideário funcionalista, características que já estão presentes, como vimos, nas residências do século XIX.

Seja como for, uma conclusão importante no trabalho de Weimer é que a influência corbusiana - que na historiografia da arquitetura moderna brasileira, é a mais reforçada - só teria acontecido aqui posteriormente. Aliás esta é a idéia defendida por Camisassa. Argumentando que fatos novos não aparecem na historiografia dos anos 20 e 30 sobre as origens da arquitetura moderna brasileira, a autora questiona a influência única de

⁵⁸⁸ Foram levantados 38 imóveis da década de 30 no arquivo da Fundação Gregório de Mattos. A maior parte deles não consta desta tese mas o conjunto será utilizado na elaboração de um inventário sobre as casas e edifícios do período em questão. Em duas visitas ao Arquivo Gregório de Mattos, logo antes do fechamento deste trabalho, o projeto da Casa da Barra Avenida não foi localizado.

⁵⁸⁹ A presença de artigos e fotografias sobre a produção alemã também está presente na revista *Renascença*. No número 3, de março 1939, algumas páginas são dedicadas à Feira Internacional de Leipzig, discorrendo sobre os produtos alemães. Observe-se que o Instituto Isaias Alves, construído pela Christien Nielsen, uma das construtoras mais ativas na cidade mas cujo projeto ainda não tem autoria confirmada (a suposição é que seja de A. Budeus) também é um exemplo de influência alemã, próximo da concepção da Bauhaus. AZEVEDO (1989)

⁵⁹⁰ WEIMER (1998). O autor defende que, como uma tendência paralela ao funcionalismo, o *Sachlichkeit* (objetividade) foi mais representado na Alemanha, situando-se “entre os exageros da ‘arte decorativa,’ que tomava a massa arquitetônica como suporte da obra de arte propriamente dita e o radicalismo de Loos. Gerado “dentro de concepções sociais, na passagem do Império para a República, ao fim a 1ª Guerra, quando os velhos formalismos monárquicos deram lugar a procedimentos pragmáticos, a decoração era bem vinda apenas se explicitada sua razão de ser.”

⁵⁹¹ Por exemplo, observando a falta de funcionalidade de uma residência em que o vestibulo (*hall*) e o gabinete ficam distantes da sala de estar e que entre eles dois, estejam localizados os dormitórios e o banheiro (p. 88); ou que, em outro exemplo, junto à sala de estar se localize um dormitório (p. 89). Em um outro projeto, o autor estranha que não foi concebida uma ligação direta entre copa e cozinha (p.65/66)..

Le Corbusier, em um período quando ele era apenas uma parte da constelação de arquitetos que lutava para uma renovação da arquitetura, levantando novas hipóteses sobre as diferenças entre as escolas paulista e carioca e as influências que receberam.⁵⁹²

Ainda na década de trinta, a revista *A Casa*, que gozava de certa popularidade no Brasil, como também revistas estrangeiras do mesmo período - as quais deviam estar disponíveis aos profissionais em formação⁵⁹³ - reforçam, de alguma maneira, uma certa indiferença em relação à importância que a adoção da nova arquitetura detinha. Nos números 152, 158 e 162 de *A Casa*, correspondentes a janeiro, julho/agosto e novembro de 1937, habitações tradicionais e modernas estão alinhadas sem hierarquia, ou preferências. O número 161, de outubro do mesmo ano, apresenta na sua capa um “interessante projeto moderno”, de Vladimir Alves de Souza, arquiteto que então já abraçara a nova estética - observação que mostra o espírito ainda indeciso ou sem muito entusiasmo com o novo estilo.

As linhas do mobiliário e os objetos decorativos nos interiores, entretanto, são de linhas simples e modernas e apresentam uma certa variação ou personalização - demonstrando que a vivência doméstica, continuava sendo aspirada e valorizada pela mulher. (Fig. 20).



Fig. 20 - Trecho de sala de estar e mesa para almoço “servido na varanda, em dia de sol”
Fonte: Anuario da Senhoras. Anno V (1938).

Fosse na preparação do enxoval, atentando sempre para os infalíveis monogramas em peças de cama e mesa - ou em porta guardanapos - enquanto noivas, na confecção de roupas para os filhos, na escolha dos móveis, na decoração da casa ou na preparação das refeições, muitas mulheres encontravam diversão e prazer, principalmente quando percebiam seu talento e criatividade, em algumas dessas tarefas domésticas.

⁵⁹² CAMISSASSA (1995).

⁵⁹³ A referência aqui é às revistas mais especializadas que pertenciam ao acervo da Escola de Belas Artes onde funcionava o curso de Arquitetura e foram consultadas na FAUFBA, para onde foram transferidas após a criação desta última. Consultamos a *L'Architecture d'Aujourd'hui* e a *Architectural Record* (em seções ou artigos intitulados “Modern and Vernacular”, “How America builds: trends” e “Modern House in England”, entre os anos 1937 e 1939).

Por essa razão é que os artigos sobre como aprender a costurar, bordar, decorar ou cozinhar são recorrentes e que muitos dos objetos anunciados nas revistas constituirão os objetos de desejo da maioria das mulheres das classes alta e média, donas de casa que aspiram ser - também dentro dos seus lares - as mais modernas possíveis; morem elas em casas ou edifícios de apartamentos.

6.2 A Habitação Vertical em Salvador: década de trinta

6.2.1 Introdução

A verticalização das habitações ocorre no Brasil no momento em que a urbanização se mostra mais estável, ou seja, nas décadas de 30 e 40 - recorte temporal de nosso estudo. Nesse período, a multiplicação de prédios de apartamentos é aceita com certa relutância mas, certamente, no caso de Salvador - depois dos prédios tidos como *art déco*, como o Edifício Dourado e o Edifício Natal, ambos na Graça, e outros dispersos nos bairros mais valorizados - foi o modernismo a corrente arquitetônica que de fato generalizou a habitação vertical e os conjuntos habitacionais nesta e em outras cidades do país. Uma interpretação atribuída a esta escolha seria que o modernismo como um movimento social e antiditatorial - antagônico portanto, aos líderes fascistas europeus que eram adeptos do classicismo (estilo oficial da arquitetura do poder) - se apresentava como a escolha ideal, ainda mais por produzir prédios mais baratos, em decorrência da ausência de ornamentos e da maior facilidade para serem executados.

Aplicados nos conjuntos residenciais nos anos 30, os prédios de apartamentos chegam ao Brasil juntamente com a industrialização e a tendência internacional do Estado de produzir habitação social - seguida pelo governo populista de Getúlio Vargas, principalmente devido aos movimentos sociais - anteriores aos anos 30, que reclamavam as condições de degradação da vida do operariado no país.

Sem querer fazer uma apreciação crítica das obras publicadas sobre as formas de organização e mobilização do operariado nacional, é interessante distinguir as duas vertentes de pensamento que se opõem a partir da interpretação dada à Revolução de 30 como divisora de águas no processo político-social brasileiro - segundo explicitado no Capítulo 4. A primeira vertente, que dominava até os anos 1960, atribuía a Getúlio Vargas as melhores condições de vida e os benefícios substanciais concedidos à classe trabalhadora através da legislação trabalhista, independentemente das lutas anteriores travadas pelos operários.

A segunda, a de maior credibilidade atualmente, destrói o mito do “pai dos pobres”, que obscurecia o papel desempenhado pelas classes populares - anteriores mesmo a 1930.⁵⁹⁴

Em Salvador, as manifestações operárias na Primeira República tiveram seu apogeu em 1919, quando uma greve que paralisou todas as atividades da cidade resultou em aumento salarial, pagamento de horas extras e redução de jornada de trabalho. Em dez de junho de 1919 ficou estabelecido que as empresas sob controle do Estado - ou por ele subsidiadas - cumpririam os acordos. Na análise de Sampaio, entretanto, além das dúvidas levantadas sobre o cumprimento dos acordos por parte dos patrões, foi flagrante a discriminação por nacionalidade na composição social das empresas: cargos administrativos ficavam com estrangeiros enquanto a força de trabalho era local; a discriminação por sexo também era grave. O Primeiro Projeto de Código de Trabalho Feminino de 1917 (iniciado em 1912), quando primeiro se pensou em legislar o trabalho da mulher de maneira objetiva (pois ela poderia assinar contrato de trabalho independentemente da autorização do marido, lhe seria outorgado o direito de voltar ao trabalho depois do parto e receber, para trabalho igual, salário igual) ficou prejudicado, uma vez que a mulher continuou a ser explorada no trabalho.⁵⁹⁵

Dentro do quadro geral, Sampaio observa - em relação às conquistas obtidas - que se configurou um retrocesso maior nos quinze anos seguintes, quando as condições de trabalho e de vida foram se deteriorando principalmente devido à desmobilização, explicada pelo crescente controle exercido pelo Estado sobre as associações e sindicatos de classe.⁵⁹⁶

Uma certa coesão no posicionamento das classes dominantes na Bahia contra a Revolução de 30 (devido a circunstâncias históricas e à crise político-econômica do estado), tendo resultado na estabilidade política resolvida com alianças, promoveu a insatisfação popular atingida com o desemprego em massa. Os movimentos sociais reprimidos vão deflagrar greves e a ação dos “quebra bondes”, evidenciando o conflito entre o capital e o trabalho. Sampaio descreve diversas manifestações, entre 1930 e 1934, muitas delas violentas - como a de 1930, se comparada com as anteriores. Dirigidas, principalmente, contra a Companhia Linha Circular⁵⁹⁷ - que controlava a luz elétrica, telefones, bondes, o Elevador Lacerda e o Plano Inclinado - foram queimados dois terços de suas garagens, oficinas e

⁵⁹⁴ SAMPAIO (1982).

⁵⁹⁵ SÜSSEKIND (2003) p. 970. O autor informa que só em 1932 foi criada a primeira lei que cuidou da situação da mulher trabalhadora e que só em 1934 ela passou a receber auxílio maternidade (p. 972).

⁵⁹⁶ No interior desses grupos, conflitos ideológicos e cooptação de líderes por frações da burguesia em oposição (ou não) ao governo estabelecido, também foram causas da desmobilização. SAMPAIO (1982, p. 102).

⁵⁹⁷ Depois que a *Tramway Light & Power* absorveu a Carris Elétricas em 1903 (data da primeira luz elétrica) houve fusão e incorporação de companhias quando então se destacou a Companhia Linha Circular. Segundo artigo publicado na Edição de Comemoração dos 450 anos da fundação de Salvador do jornal A Tarde (29 de março de 1999) foram oitenta o número de bondes destruídos no que se chamou o “quebra bondes”.

depósitos em diversos bairros. No jornal A Tarde, também subsidiado por companhia americana, foram destruídas máquinas recentemente importadas.⁵⁹⁸

A versão oficial dessas ocorrências, divulgada em obra publicada pela Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, em 1997, observa que “A Revolução de 30 já se propagava em outros estados quando acontece na cidade manifestações populares generalizadas, com 84 bondes queimados em seis horas, motivadas pelo aumento de tarifas e de energia elétrica” e que também A Tarde sofre destruições “pelo apoio dado aos assuntos”.⁵⁹⁹ A omissão da existência de movimentos populares causados por inoperância de questões político-econômicas falseia os acontecimentos, atribuindo-lhes apenas causas episódicas.

Além do movimento de 1930, as greves de 1931 a 1934⁶⁰⁰ são as mais analisadas pelos pesquisadores baianos. Esse período foi marcado por certa abertura política entre o estado discricionário pelo Governo Provincial e a decretação do Estado de Sítio, pós-intentona comunista, de 1935, o qual fechou o ciclo de manifestações populares, vindas do primeiro período republicano, em 1919. Depois daquela data, o Estado passou a exercer mais eficientemente o controle social e político sobre as classes operárias.

Conforme concluíram os analistas que investigaram a segunda corrente de interpretação, acima referida, parece claro que - dado os acontecimentos ligados à Revolução de 30, no Brasil - a participação dos movimentos sociais no período foi inquestionavelmente parte ativa nos acontecimentos. No caso da Bahia, argumentam os estudiosos, o chamado governo pós-30 não fez mais que atualizar as leis trabalhistas existentes e adequá-las à estrutura do Estado Corporativo.

Analisando os documentos enviados pelos operários baianos aos diretores da Companhia Linha Circular, na greve de 1930, Sampaio inclui a habitação entre as necessidades mínimas de subsistência, identificadas por aqueles operários, enquanto afirma sua consciência de que viviam sob exploração, em condições sub humanas e vítimas de profundas desigualdades sociais.

Sabemos, contudo, que apenas no final dos anos 1930, o Estado vai passar a desenvolver alguns programas habitacionais populares no Brasil.⁶⁰¹ Utilizando fontes primárias, Bonduki chama atenção de que a idéia dos conjuntos habitacionais no Brasil,

⁵⁹⁸ Para BRANDÃO (1980), o prefeito da cidade, Francisco de Souza, e o delegado, Pedro Gordilho, inibiam a constituição de uma opinião pública vigilante e atuante devido ao suborno e a corrupção nas administrações que, aliás, eram constantes tanto na Bahia quanto no Brasil.

⁵⁹⁹ SALVADOR. Assembléia Legislativa da Bahia (1997) p. 134.

⁶⁰⁰ São paralisados os setores de transporte e utilidades públicas (julho/agosto) e, embora mais ou menos pacíficas, terminam com forte repressão policial, sem atendimento às reivindicações: a maioria delas estava ligada à cobrança do respeito aos seus direitos segundo as leis brasileiras já estabelecidas, isto é, em termos acordados desde 1919.

⁶⁰¹ BONDUKI (1997) p.221 a 250.

representados principalmente pelos IAPs (Institutos de Aposentadoria e Pensões) foi, no entanto, de Getúlio Vargas, conforme evidenciado em discurso proferido no aniversário da constituição do Estado Novo, em novembro de 1938, antes - portanto - da elaboração dos projetos dos IAPs. Na oportunidade, o ditador indicou soluções multi-familiares em substituição às unidades isoladas uni-familiares adotadas pelas caixas e institutos, até então.⁶⁰² O autor, entretanto, ressalta que, se por um lado os elementos formais defendidos pelos arquitetos europeus foram viabilizados, por outro lado, “o caráter conservador e elitista das forças políticas dominantes da sociedade brasileira, de alguma maneira pactuado pelos arquitetos envolvidos, reduziu o impacto e a abrangência dos pressupostos sociais que consubstanciaram a proposta moderna (européia)”⁶⁰³.

Este quadro porém não invalida a importância que os princípios da arquitetura moderna assumiram na implantação da habitação popular brasileira nos conjuntos dos IAPs, principalmente com a criação de áreas públicas, com o aproveitamento dos recursos na execução dos projetos e devido à expansão vertical - muito menos onerosa que a expansão horizontal.

Em Salvador, se comparado com as casas uni-familiares, foi realmente no edifício de apartamentos onde se registrou um apelo maior à arquitetura moderna - embora esse entusiasmo estivesse longe de captar a lição européia sobre a possibilidade da emancipação social através da solução coletiva para habitação ou os mecanismos que no sul do país possibilitariam um investimento maior na habitação popular. Os empreendimentos de conjuntos habitacionais são poucos⁶⁰⁴, o exemplo mais significativo sendo exatamente o projeto do Conjunto Habitacional do IAPI, já datado de 1948, e que deu o nome ao bairro onde o mesmo se localiza .

Não que o discurso sobre habitação social fosse desconhecido, pois, tanto periódicos especializados - a exemplo da revista *Arquitetura e Urbanismo*, que circulava nos meios acadêmicos em meados dos anos 30 - quanto revistas destinadas ao público em geral, como a *Revista da Semana*, anteriormente citada, veiculavam a informação sobre habitação social na Europa. Na própria *Técnica*, em 1941, o enfoque do arquiteto Hélio Duarte em relação à cidade, “que na ausência de um plano diretor reage sozinha”, leva-o a listar entre os males que atingem a mesma “a explosão das populações nas favelas”. No entanto, sua preocupação principal recai sobre a cobrança de uma legislação sobre o *zoning* do Comércio, Terreiro e

⁶⁰² Idem, p. 223.

⁶⁰³ Idem, p. 222.

⁶⁰⁴ Deve-se observar, contudo, que a população de Salvador permanece estável entre as décadas de 20 e 40.

São Pedro, distanciando-se portanto da questão da moradia popular.⁶⁰⁵ Aliás, é necessário observar que, entre todos os artigos publicados pela *Técnica*, entre 1941 e 1948, nenhum se detém na questão habitacional, embora projetos de casas para os segmentos médio e alto estejam presentes em praticamente todos os números. Definitivamente, não era do interesse dos profissionais vinculados ao projeto e construção de residências em Salvador a questão da habitação social.

Embora não sejam habitações verticais e não constituam exemplos de programas habitacionais, mas apenas um “serviço público” oferecido pela municipalidade, é importante registrar que, durante as duas décadas em estudo, a Prefeitura Municipal de Salvador oferecia projetos-padrão de casas proletárias para os segmentos de baixa renda na cidade. Pedreiros, garis, serventes, lavadeiras, domésticas, vendedores informais e outros, com pouca burocracia - preenchimento de formulário e identificação do modelo escolhido - recebiam alvarás de construção para erigir suas casas legalmente o que, eventualmente, poderia significar reivindicação posterior de infraestrutura, como encontrado em algumas solicitações (inclusive coletivas) dirigidas ao órgão. Os pedidos mais freqüentes - e eles são inúmeros, perfazendo cerca de 80% dos processos consultados na SUCOM - são de solicitação para “transformar o barraco em casa proletária, segundo modelo “nº tal”. Talvez possa se inferir que, naquele tempo, ainda seria possível ao poder público ter um certo controle sobre a proliferação de barracos nas favelas da cidade - até mesmo porque, para que a construção recebesse a aprovação, era localizada por um funcionário que desenhava *in loco*, em papel manteiga ou vegetal, o trecho da rua onde se situava o lote ou barraco em questão (Fig. 21) - e que, com vontade política, programas habitacionais abrangentes pudessem então ser viabilizados. Entre os 21 modelos de habitação mais solicitados pelos requerentes estão os de número 9, 11 e 14, abaixo ilustrados (Fig. 22)

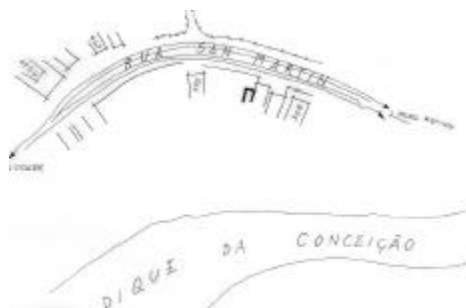


Fig. 21 - Planta de localização de uma casa proletária a ser construída em bairro popular.⁶⁰⁶
Fonte: desenho em papel vegetal (Arquivo da SUCOM)

⁶⁰⁵ DUARTE (1941).

⁶⁰⁶ Arquivo da SUCOM. Processo nº 17000 de 06/12/1945. Proprietária: Maria Ferreira de Souza.

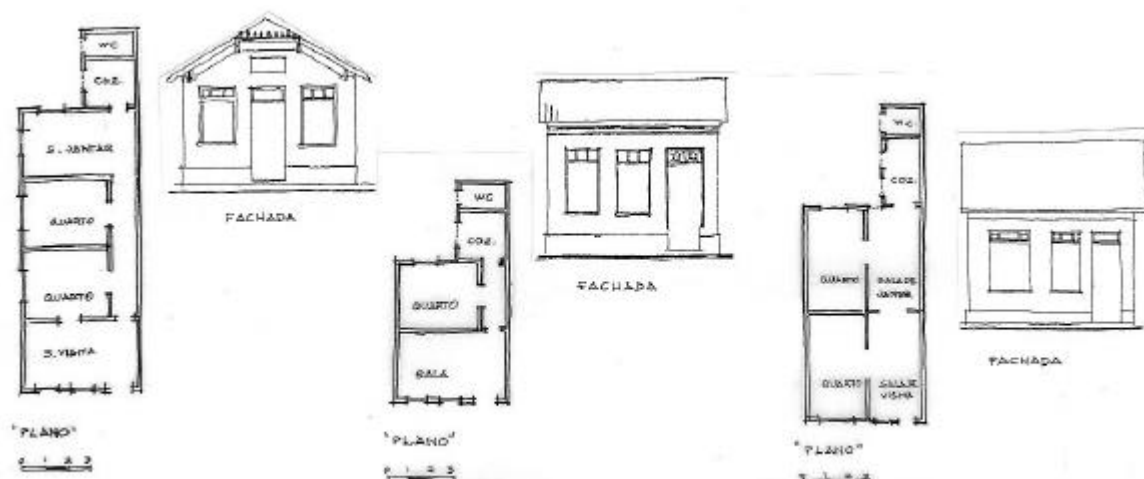


Fig. 22 - Três modelos de casa proletária, indicados pela municipalidade aos segmentos de baixa renda. Fonte: Arquivo da SUCOM. Desenho: Anete Araujo.

Em planta, os modelos apresentam soluções semelhantes, o programa constando de duas salas (ou uma). Em qualquer caso, a porta de entrada abre direto para a rua - quartos cujo número varia, cozinha e banheiro. Esses últimos estão localizados no puxado, repetindo o modelo colonial já abandonado pelos segmentos de renda mais alta. Aliás, dois dos modelos são réplicas do protótipo da casa colonial mais simples, com os quartos voltados para o corredor; em um deles, cada quarto abre para uma sala. As fachadas variam de acordo com a cobertura de duas águas, isto é, ou se apresentam com o beiral voltado para a rua ou para as laterais. Neste último caso, um arremate decorativo na parte superior da empena personaliza mais a casa.

Em cinco de abril de 1947, uma proposta de reduzir esses modelos (encontramos pedidos até “segundo o modelo 21”, embora o documento se refira a catorze) para apenas dois foi encaminhada pelo diretor da D.U.C.P., Sr. Quintino Ferreira Steinbach, ao prefeito da cidade (Fig.23). O indeferimento da mesma possivelmente ocorreu diante da dificuldade dos solicitantes em adquirir lotes de maior testada que o exigido pela nova proposta.



Fig. 23 - Ilustração dos dois modelos encaminhados à Prefeitura de Salvador em 1946. Fonte: Arquivo da SUCOM.

Embora as fachadas sejam semelhantes, ganhos qualitativos em planta - como os acréscimos das pequenas varandas de entrada e o abandono do puxado - podem ser observados. A aparência de *bungalow* reforça o gosto pitoresco que na época dominava os projetos de residências maiores, como será demonstrado adiante.

6.2.2 Edifícios de apartamentos: um empreendimento particular

Na segunda metade da década de trinta, talvez porque a infra-estrutura da cidade não fosse muito extensa ou porque o gosto pela habitação pluri-domiciliar já encontrasse adeptos que justificassem a sua existência, ou ainda porque, enquanto investimento para renda fosse menos oneroso, é que alguns blocos de apartamentos - seguindo a estética modernista, começam a aparecer em Salvador⁶⁰⁷. Azevedo enfatiza dois aspectos nessa escolha: os primeiros condomínios construídos pertenciam às ricas famílias tradicionais de Salvador e foram localizados em bairros já consolidados.

O primeiro deles, o Edifício Dourado, situado na Graça, de 1935 - 1938, é do arquiteto Arézio Fonseca e apresenta, enquanto massa edificada e tratamento da fachada simétrica, características que o aproximam do estilo denominado proto-moderno, por historiadores da arquitetura, explorando na entrada detalhes *art-déco* - portanto um “estilo de transição”. Internamente, os apartamentos não apresentam solução espacial alternativa, ou seja, a divisão dos setores em social, íntimo e de serviço segue o tipo convencional adotado nas residências térreas e o acesso para os apartamentos se dá pelos *halls* social e de serviço.

Já o Edifício Gordilho, construído em 1939 e situado em uma rua recém-aberta no bairro de Nazaré, marca, de certa forma, a visão idealista do arquiteto quanto à possibilidade de uma solução dentro dos princípios da arquitetura moderna internacional mostrar-se adaptável, sem restrições, às condições locais de Salvador. Considerado o primeiro edifício modernista da cidade (Figs. 24 e 25), foi projetado pelo engenheiro, arquiteto e professor Walter Veloso Gordilho e destinado para renda. Teve como primeiro inquilino um casal judeu-alemão pois “o pessoal (daqui) não assimilava uma moradia (cuja entrada) não desse para a rua, como também a conjunção do acesso da escada com a varanda”.⁶⁰⁸ A alusão diz respeito ao fato de que a porta de entrada de cada apartamento se dava por uma varanda comum, isto é, de uso semi-público - solução conhecida como circulação em galeria, onde a fronteira entre o acesso público e a varanda de possível uso privado se confundem, provocando a rejeição aludida. Compartilhar espaços comuns não parecia ser o desejo das famílias baianas sintonizadas com a valorização da privacidade individual e da família.

⁶⁰⁷ AZEVEDO (1989).

⁶⁰⁸ Entrevista, já citada, realizada pela arquiteta e professora Naia Alban.



Fig. 24 - Edifício Gordilho em Nazaré



Fig. 25. Pavimento Térreo

Porém, o edifício residencial de maior destaque na época foi o Braulio Xavier ⁶⁰⁹ (projeto do arquiteto Hélio Duarte, datado de 1939), pela sua localização em um grande terreno arborizado, por sua concepção inteiramente moderna e por ser o primeiro prédio de apartamentos em condomínio fechado na cidade (Fig.26). Duarte, arquiteto carioca que morou sete anos na Bahia, é considerado o maior protagonista da difusão do modernismo em Salvador, enquanto professor da Escola de Belas Artes (1938 a 1940), editor da revista *Técnica*, de 1940 a 1942 ⁶¹⁰ e arquiteto contratado por Carlos C. Costa Pinto, dono da Companhia Brasileira Imobiliária e Construções S.A. e também incentivador da arquitetura moderna na Bahia. ⁶¹¹

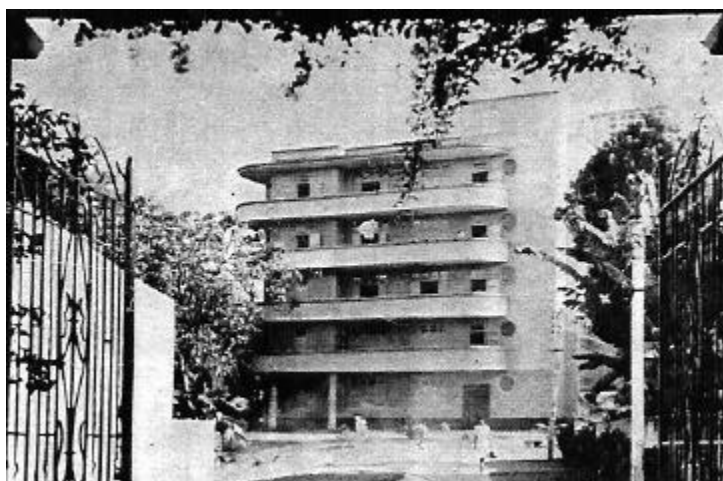


Fig. 26 - Edifício Braulio Xavier, visto desde o portão de entrada ao condomínio.
Fonte: *Técnica*, nº 1.

⁶⁰⁹ O prédio, hoje demolido, estava no sítio onde hoje se ergue o Orixás Center, em São Raimundo.

⁶¹⁰ Pertenciam à diretoria técnica da revista, Miguel Calmon du Pin Sobrinho, Leonardo Mario Caricchio e Numa Pompílio Corrêa da Cunha. Hélio Duarte era o redator para os temas de arquitetura e Walter Gordilho para os de urbanismo.

⁶¹¹ O resgate histórico da passagem de Hélio Duarte na Bahia se deve ao trabalho da Profa. Anna Beatriz Ayroza Galvão que orientou a pesquisa, elaborada em 1999/2000, pelo estudante Saulo Piton sobre o arquiteto e sua obra na cidade.

Com ampla área frontal, a vegetação emoldurava o prédio (“numa ampla fusão de claros e sombras, desde as formas estáticas da matéria bruta às formas ondulantes do arvoredo”), cujos detalhes construtivos, varandas e balcões em balanço, esquadrias, revestimentos e detalhes atestavam seu valor plástico (Fig. 27), exigência e orgulho de seus moradores - profissionais liberais sintonizados com a arquitetura moderna.⁶¹²

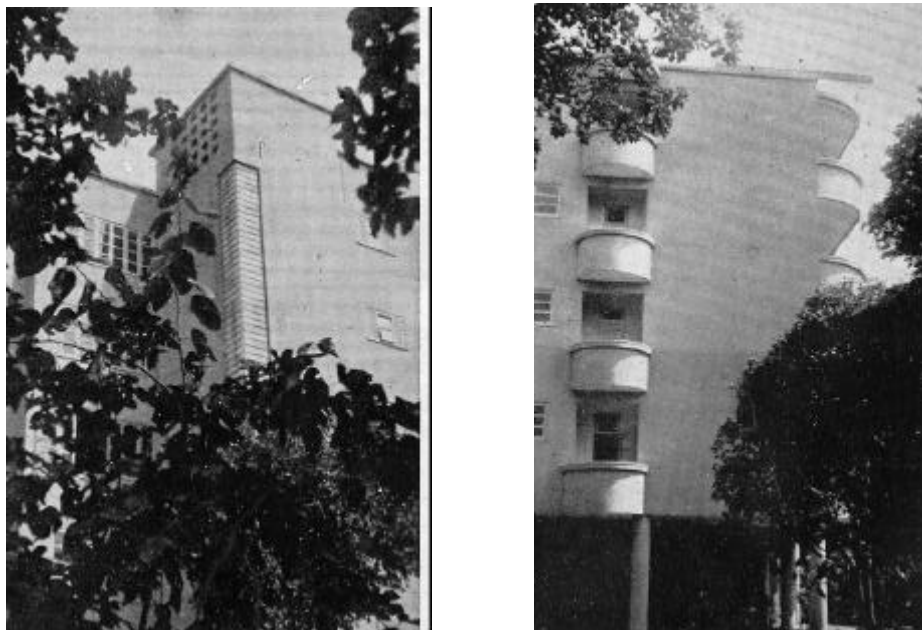


Fig. 27 - Dois detalhes do Edifício Bráulio Xavier. À esquerda a torre da escada em cuja aresta se desenvolve a esquadria metálica e à direita trechos curvos das varandas e os balcões.
Fonte: *Técnica* nº 1.

O edifício possui quatro andares com um apartamento por andar. O *play-ground*, cujo salão exhibe quatro colunas em cogumelo no salão, também possui uma peça anexa para a dança (“*rink*”) ou o descanso, duas salas para jogos, uma outra sala destinada a um museu de preciosidades artísticas e um W.C; ala esquerda, um pequeno consultório médico para crianças, de propriedade do Dr. Bráulio Xavier - espaço relativamente privado, em meio às áreas de uso comum. Dois elevadores SUWIS, com “motores potentes e silenciosos” completam as comodidades do prédio.

Nos apartamentos, o arquiteto adotou varandas “onde possível”, quatro salas, cinco quartos amplos e arejados onde apenas o acabamento interno variou, de acordo com a preferência dos proprietários. Ainda internamente, em cada apartamento, a inclusão de um jardim de inverno “assegura e conecta a circulação interna. O serviço isola-se na área lateral esquerda do prédio.” Não tivemos acesso às plantas dessa edificação exemplar na cidade;

⁶¹² DUARTE (1941) O autor do projeto diz que um bom efeito plástico foi a única solicitação dos clientes, o que lhe conferiu ampla liberdade no projeto mas, ao mesmo tempo, responsabilidade dobrada.

porém, a descrição é suficiente para sabermos que a divisão das zonas social íntima e de serviço está garantida.

Outros prédios de apartamentos foram erigidos em vários pontos da Salvador até o final da década de trinta em Salvador, conforme os projetos arquivados na SUCOM. Sem a assinatura de profissionais conhecidos, no entanto, registram uma aceitação da habitação vertical enquanto nova forma de morar e da arquitetura moderna enquanto expressão adequada para tal. A estrutura independente em concreto armado se estabelece enquanto solução construtiva e o número reduzido de pavimentos - na maioria dos edifícios, é indicador de preocupação com a economia, pois dispensa elevadores.

Um prédio de propriedade de Norberto Odebrecht, datado de 1937 (anterior, portanto, à construção dos Edifícios Gordilho e Bráulio Xavier), cujo projeto e construção foi de sua construtora (Construtora Norberto Odebrecht Ltda), situado na Rua Tuiuti, pode ser um exemplo (Fig. 28).⁶¹³ Com cinco andares (um no subsolo) e um apartamento por andar, o acesso ao prédio se dá por uma passarela elevada ao nível da rua. O *hall* de entrada conduz à escada de acesso aos outros pavimentos e ao apartamento do térreo. A divisão espacial interna é a convencional e se repete em todos os pavimentos. Diferentemente da maioria dos projetos encontrados no arquivo, pelo menos até esta data, as peças dos sanitários e da cozinha são representadas. Na fachada, as amplas janelas da sala, as aberturas circulares e o pano de vidro vertical que ilumina os *halls*, são elementos caracterizadores da linguagem moderna.

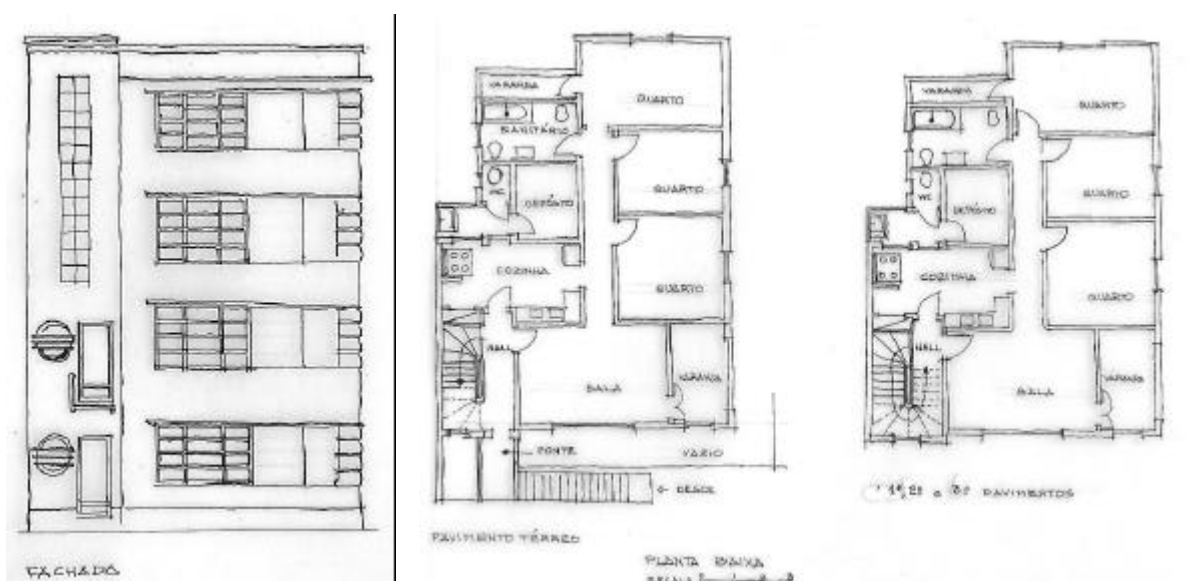


Fig. 28 - Edifício datado de 1937, propriedade de Emílio Odebrecht e executado por sua Construtora.
Fonte: Arquivo SUCOM: Processo nº 5564. Desenho: Anete Araujo.

⁶¹³ Fonte: Arquivo SUCOM. Processo nº 5564.

Observa-se que a disposição espacial, no sentido de isolar a zona íntima vai recorrer, como afirmado anteriormente, à adoção do corredor que, nas casas de dois pavimentos, era resolvido com sua localização no segundo andar.

6.3 A estética modernista nos anos 40 e o treinamento dos profissionais

O que podemos observar nos arquivos consultados é que os projetos modernistas de residências uni-familiares nos moldes daqueles da década de trinta, analisados acima, vão cada vez mais ficando raros, enquanto o número de edifícios de apartamentos utilizando a estética modernista aumenta no decorrer do tempo. A rejeição ou aceitação da concepção modernista no projeto vai, no entanto, em um caso e no outro, apresentar particularidades, que merecem ser consideradas antes de passarmos a analisar a produção do período.

É necessário, portanto, relatar como se deu o treinamento dos profissionais de arquitetura, visando esclarecer aspectos ligados à adoção da estética modernista e quais os canais de difusão de que a arquitetura moderna em Salvador dispunha, no sentido de compreender como se desenvolveu (ou não) a preferência pela mesma, nos projetos residenciais.

Embora um curso de arquitetura da Escola de Belas Artes tenha começado a funcionar desde a sua fundação, em 1877 (então Academia de Belas Artes)⁶¹⁴, somente em 1933 o Conselho Regional de Arquitetura e Engenharia permitiu aos arquitetos formados lá o exercício da profissão⁶¹⁵, fossem em seus escritórios ou como técnicos da Prefeitura Municipal.⁶¹⁶

Uma disciplina denominada Arquitetura⁶¹⁷ era ensinada na Escola Politécnica mas, em ambas as Escolas, o ensino de projeto ainda seguia os princípios das *Beaux Arts*, de modo que, como apontado anteriormente, a influência do modernismo era sentida de uma maneira

⁶¹⁴ A Academia de Belas Artes foi fundada em 17/12/1877 por Miguel Navarro e Canizares e funcionava no Prédio Escolar do Curato da Sé, no Caminho Novo do Gravatá, hoje Rua 28 de Setembro. As fontes se contradizem em relação ao ano de início do Curso de Arquitetura. Revista *Técnica* nº 4, 1941.

⁶¹⁵ Algumas limitações (como a altura das edificações) eram, contudo, colocadas ao exercício da construção a esses profissionais. Só em 1935 o CREA resolve que os arquitetos formados pela Escola de Belas Artes podem exercer a profissão sem as limitações anteriores. Revista *Técnica* nº 17, 1945.

⁶¹⁶ Detalhes sobre o tema, inclusive o que aconteceu entre esses anos, encontram-se em NASCIMENTO (1998).

⁶¹⁷ L. M. Caricchio, nos números 15 e 16 da *Técnica*, de 1944, assina artigos na coluna “Arquitetura” que, segundo ele, correspondem a um “curso” pela impossibilidade dos alunos terem acesso aos livros (a suposição é de que os livros, utilizados por ele, fossem em outras línguas). No primeiro, “Ciência e Arte”, ele discorre sobre vários conceitos de arquitetura, reforçando aquele de “arte de construir segundo proporções definidas” e uma classificação cronológica da História da Arquitetura, da pré-história à contemporânea. A esta última ele denomina de “Funcionalista: século XX”. No segundo, o “fenômeno arquitetônico” é visto enquanto influência de aspectos geológicos, geográficos, etnológicos, políticos etc e são definidos os princípios gerais de estética e composição (enfatizando a “harmonia”), centrados em Winckelmann. Definindo o “partido” como a “*exteriorização da idealização*”, o autor diz que “*o melhor partido resulta da escolha, a mais acurada possível, dentre o máximo de soluções aceitáveis*”, e que existem duas maneiras de orientar o partido: o simétrico e o irregular.

ainda muito tímida. Evidências dessa afirmação podem ser encontradas na revista *Técnica*, seja em textos ou em ilustrações de projetos.

A revista *Técnica*, que será a fonte mais apropriada a ser utilizada aqui ⁶¹⁸, editada a partir de 1941, era considerada pelos seus editores como o primeiro esforço feito pela classe profissional no sentido de contribuir para uma publicação baiana, incluindo temas que, de acordo com a classe, afetavam diretamente o estado baiano. A preocupação era sobretudo com o desenvolvimento de conhecimento técnico na atividade construtiva e a maioria dos artigos era relacionados a esse assunto. Outros diziam respeito à arquitetura e ao urbanismo havendo um redator para cada um desses campos. ⁶¹⁹ Projetos de casas, construídas ou não, aumentaram em número depois da contribuição da comunidade, arquitetos e estudantes - solicitada pela revista. Como a maioria das contribuições que vinham da Escola de Belas Artes eram *bungalows*, com características do estilo neo-colonial, missão e outros, julgamos que esses estilos eram ensinados na Escola. ⁶²⁰

Os discursos relacionados à modernização eram concentrados nos artigos sobre urbanismo - a arquitetura moderna não sendo objeto de destaque, exceto quando apresentava uma obra especificamente moderna (como a matéria sobre o Edifício Bráulio Xavier, de Hélio Duarte, anteriormente citada). Nos artigos intitulados “Arquitetura na Bahia” (números 3 e 4, de 1941), contudo, os redatores (não identificados) tratam da preocupação existente com a formação de profissionais. Sobre a “função do profissional”, por exemplo, o nº 3, traz trechos aspeados da autoria de Hélio Duarte, onde a preocupação com uma produção arquitetônica de uso social é clara:

“Parece, pois, que estamos em uma era das grandes construções; construções que interessarão sobretudo à vida da coletividade, e as nossas obras primas devem ser: cidades jardim, as gares, as escolas, as salas de reuniões e espetáculos, os quarteirões inteiros, enfim todos os monumentos úteis á vida material, espiritual e distração da coletividade”

Embora a influência dos arquitetos modernos europeus esteja evidente no discurso de Duarte, a questão da habitação social, de maior importância no ideário modernista, não merece destaque.

Duarte continua seu discurso desejando um “feliz retorno às grandes realizações, às audaciosas empresas (...)” e

⁶¹⁸ A lacuna existente nos arquivos da PMS, entre os anos 1940 a 1944, justifica uma análise mais detalhada da revista *Técnica* pois a mesma cobre todo este período. Sendo o período da Segunda Guerra Mundial poderia haver alguma ligação.

⁶¹⁹ Como visto anteriormente, Walter Gordilho era o redator para os temas relativos ao Urbanismo e Hélio Duarte para os de Arquitetura.

⁶²⁰ Já os edifícios comerciais eram de expressão moderna como o projeto de Ramiro da Fonseca, aluno do quinto ano (novembro 1940), publicado na *Técnica* nº4 (1941) e o de outro estudante, ilustrado no nº 10 (1942).

“ao verdadeiro destino do arquiteto que é exprimir sem prejuízo os fins humanos e utilitários os mais altos pensamentos do homem, a qualidade de sua civilização e de satisfazer por meio de criações duradouras ao sentido do desejo e do eterno que todo homem possui em si”.

Interessante que o artigo dos redatores segue dizendo que “não somos sem espírito, criação ou perfeição”, que seriam - “como dizem” - “privilégios de determinadas raças”, mas que “essas qualidades são proporcionais ao aprimoramento dos povos, daí terem escolas suficientes e bem servidas”, para então denunciar que este não é o caso da Escola de Belas Artes, a qual, em 63 anos de existência, diplomou apenas 30 arquitetos. Comparando este número com aquele dos diplomados em outras áreas. Finalmente, alegando que - no início - a Escola contratou professores franceses, lamenta que, em 1923, invejas e rivalidades causaram maior mal ao ensino, como “na época afirmou o Prof. Acácio França”. Sem especificar que rivalidades, mas continuando as queixas, o artigo termina com uma frase de efeito: “Arquitetura para arquitetos, pela lei, pela ordem e pelo direito”.

Embora a ênfase de Hélio Duarte tenha sido nas tipologias funcionais coletivas (aliás, dado indispensável para quem aderisse ao modernismo) e a citação vaga não esclareça a que “realizações” e que “empresas” ele se refere, seu discurso contém dados relativos a um posicionamento positivo em relação à arquitetura moderna. Aliás, sobre esse posicionamento Nascimento pontua que “a história da arquitetura moderna na Bahia passa necessariamente por ele (Hélio Duarte)”⁶²¹ Por outro lado, os redatores, se referindo às falhas do passado, além de estarem ainda alimentando uma disputa antiga (talvez protestando contra o abandono da Escola de Belas Artes em relação às melhores condições de ensino na Politécnica - que formava engenheiros aptos para o exercício da arquitetura), não conseguem articular propostas para atingir seus objetivos. O outro artigo, publicado no nº 4, ainda com o mesmo título e preocupação, não faz nada mais que um histórico sobre a criação da Escola, para novamente lamentar, seja a falta de interesse ou de recursos.⁶²²

O fato é que, enquanto os projetos de edificações destinadas a outras funções⁶²³ - como também os de edifícios de apartamentos - adotavam a estética modernista, as casas exibidas na *Técnica* - fossem projetos destinados à construção ou apenas modelos para serem copiados - privilegiavam uma expressão estilística variada, sem demonstrar preferência pela

⁶²¹ NASCIMENTO (1998) p.31.

⁶²² Essas observações não invalidam a possibilidade da existência dos problemas, nem a veracidade das dificuldades encontradas e que, mesmo sem assinar as matérias, o próprio Duarte, como redator de arquitetura, fosse o responsável por elas.

⁶²³ Destacamos o Edifício Chadler, da autoria de Hélio Duarte (*Técnica* nº 5, 1941) e o W. Overbeck (desenho de Antonio Ramos) ambos de escritórios (*Técnica* nº 23, 1947) e o Hospital Sanatório Santa Terezinha (*Técnica* nº 6, 1941)

linguagem moderna. O nº 8, de 1942, por exemplo, traz a planta baixa de uma casa com duas “variantes” de fachada - uma mais tradicional e a outra mais simples, “moderna” (Fig.29) - e o nº 2 (1941), do próprio Caricchio, traz uma única planta baixa com quatro (!) sugestões de fachadas tradicionais (o que aproxima, de certa forma, a concepção de atividade projetual de uma revista técnica dos “catálogos” de casas que então eram publicados).

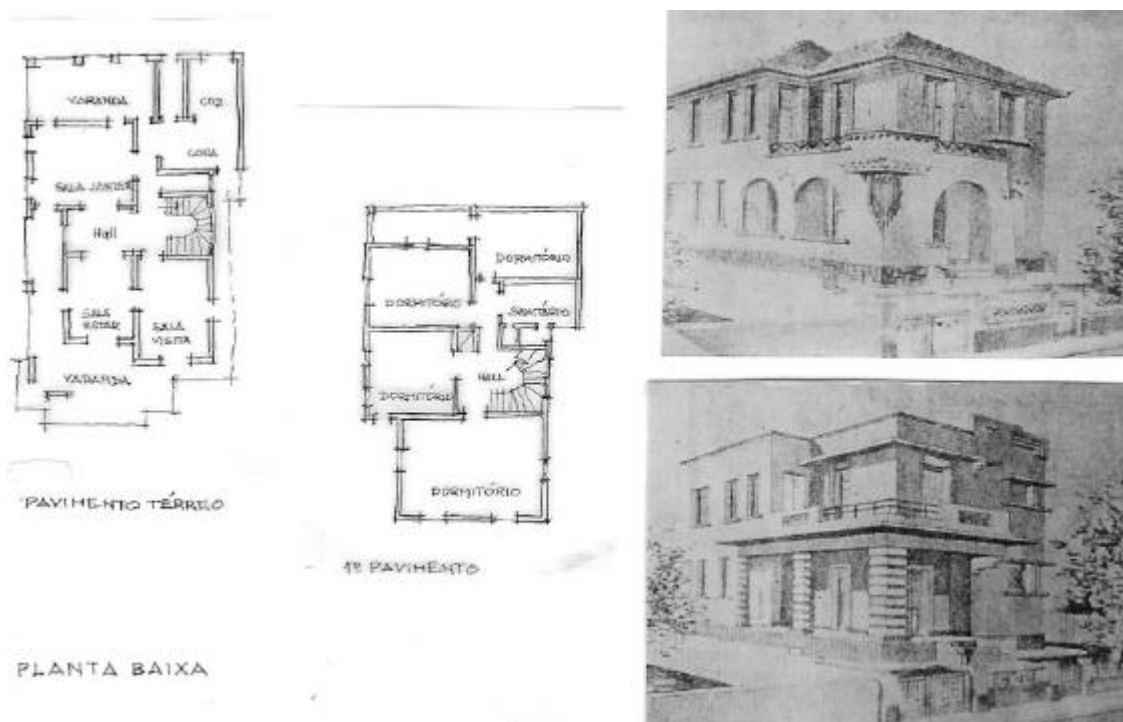


Fig. 29 - Projeto de casa publicado na *Técnica*: para a mesma planta, duas soluções para a fachada.
Fonte: *Técnica*, nº 8, 1942.

Já os números 3 e 4, do mesmo ano, trazem dois projetos de residências de dois pavimentos, ambas modernas, da autoria de Walter Gordilho. A de teto plano (Figs 30 e 31) apresenta, no primeiro pavimento, um quarto com parede curva projetada sobre a planta ortogonal do térreo sobre pilotis, uma versão local do emprego da planta livre, como também o é a janela em fita utilizada no referido quarto.

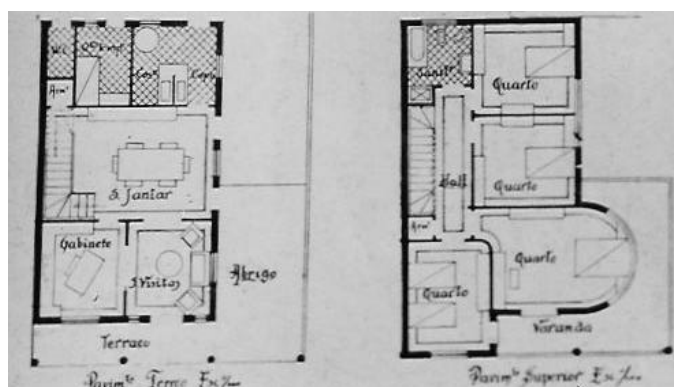


Fig. 30 - Planta Baixa de um projeto de autoria de Walter Gordilho.
Fonte: *Técnica* nº 3, 1942.

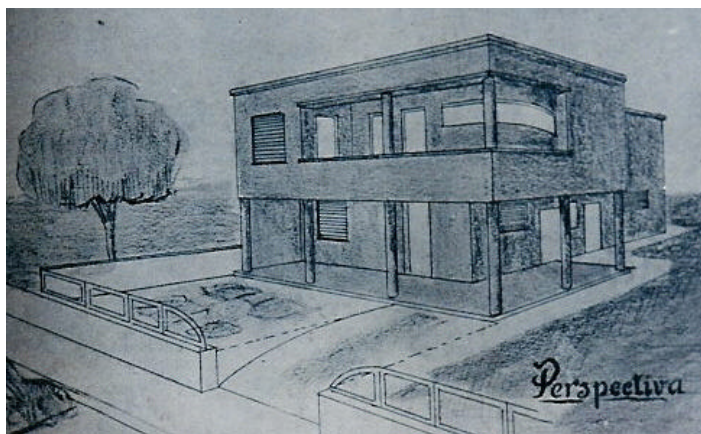


Fig. 31 - Perspectiva onde se observa, no quarto de parede curva, a presença de uma janela em fita.

Fonte: *Técnica* nº 3, 1942.

A utilização dos termos “funcional” e “funcionalista” é primeiramente adotada em um artigo do arquiteto argentino I. B. Stok, considerado pelo tradutor, Hélio Duarte, como “um dos altos expoentes da nova geração de arquitetos argentinos”.⁶²⁴

Vale a pena nos determos um pouco no conteúdo desse artigo, pois assim temos uma idéia de como a absorção da arquitetura moderna se dava em terras sul-americanas, além de vislumbrarmos algumas pistas sobre a razão da variedade de estilos utilizados nas residências, talvez resultado da confusão da própria prática projetual.

Stok, referindo-se à prática projetual, fala da “atual desorientação”, da “desacertada documentação estrangeira”, da “incompreensão e uma leve indiferença” que torceram a “evolução lógica da arte de construir”. Por outro lado, a aplicação de “quantos tecnicismos apareçam”, da “economia das ‘circulações’, sobretudo nas habitações”, das “analogias oriundas da simplificação das formas” e da expressão plástica da habitação privada através da introdução de “elementos característicos da arquitetura industrial” são vistas como imitações vãs. Também a tese moderna que empresta caráter internacional à habitação é rebatida por Stok “pela asseveração de que a arquitetura pode se realizar dentro do caráter nacional de cada país” embora “as produções destinadas a indústria e a administração pública, devido ao seu real e característico funcionalismo, poderá ter a mesma (internacional) solução”. A negação dos principais princípios da cartilha modernista - em relação à tecnologia, e à forma da habitação bem como à rejeição na adoção da estética simples e funcional da máquina - é clara, principalmente pela maneira como o autor encerra o artigo: “Temos a

⁶²⁴ *Técnica* nº 14, 1944. Vale lembrar que nos dois números seguintes, o “curso” de Caricchio também denomina a arquitetura do século XX de “funcionalista”.

obrigação de conservar o que é nosso, lancemos as bases para uma arquitetura nossa, a arquitetura dos argentinos”.

É estranho que Hélio Duarte, enquanto um dos principais protagonistas da difusão da arquitetura moderna em Salvador, e já tendo projetado três anos antes o edifício residencial Bráulio Xavier (tipologia funcional onde não se deveria aplicar a arquitetura moderna, segundo Stok) pareça endossar o artigo em questão, contudo, o conteúdo nacional do modernismo pode explicar seu apoio.

Assim, além da presença ainda forte da estética da *beaux arts*, a resistência à adoção do modernismo “internacional” na arquitetura residencial uni-domiciliar e a lealdade dos projetistas baianos ao estilo neo-colonial - combinado, algumas vezes, com exotismos quase irreconhecíveis - talvez possam explicar o esvaziamento no uso da estética modernista nas habitações em Salvador, na década de 40. Contudo, a posterior adoção de modelos estrangeiros, principalmente depois de 1945, termina por enfraquecer esta hipótese “nacionalista”.

O número 18, da *Técnica* (1946), mostra em sua capa uma ilustração colorida, com a legenda “Residência em Estilo Californiano” (Fig.32), destaque que reforça uma preferência estilística a ser levada em consideração. Adaptável aos mais variados *bungalows*, a casa térrea com um torreão circular, será uma das mais populares em Salvador a partir da segunda metade da década - como se verá adiante. Vários desenhos de *bungalows* publicados na revista, apresentando sempre uma planta baixa e uma fachada ou perspectiva, são assinados por projetistas diversos, entre os quais, Sátiro Brandão⁶²⁵ (Fig.33). E um prédio de apartamentos, também assinado por ele - embora em linguagem modernista - exibe um telhado em águas amplas, certamente referência colonial que se quer perpetuada.

A opção de estilos distanciados do modernismo era adotada inclusive por arquitetos que haviam abraçado a nova arquitetura há mais de uma década. Uma casa na Rua Barão de Macaúbas, projetada pelo Prof. Walter Gordilho, datada de 1947, encontrada no arquivo da SUCOM, , pode ser um bom exemplo (Fig.34).⁶²⁶ Com alguns elementos característicos do neo-colonial, o projeto demonstra a força de persuasão que esse estilo ainda exercia - se não sobre o arquiteto, sobre o proprietário.

⁶²⁵ Sátiro Brandão, desenhista, colaborou com inúmeros projetos de *bungalows* na *Técnica* e foi o autor da famosa Casa Navio, construída em Amaralina (reproduzida na *Técnica* nº 3, de 1941). Outros projetos de *bungalows* têm origem no “Escritório de Desenho Antônio Ramos”, outro desenhista colaborador (entre outros, *Técnica* nº 19, 1946).

⁶²⁶ Fonte: SUCOM. Processo nº 17.153/1947.



Fig. 32 - “Residência em Estilo Californiano”
um dos estilos difundidos pela *Técnica*.
Fonte: *Técnica* nº 18, 1946.



Fig. 33 - “Estudo de uma residência térrea colonial”

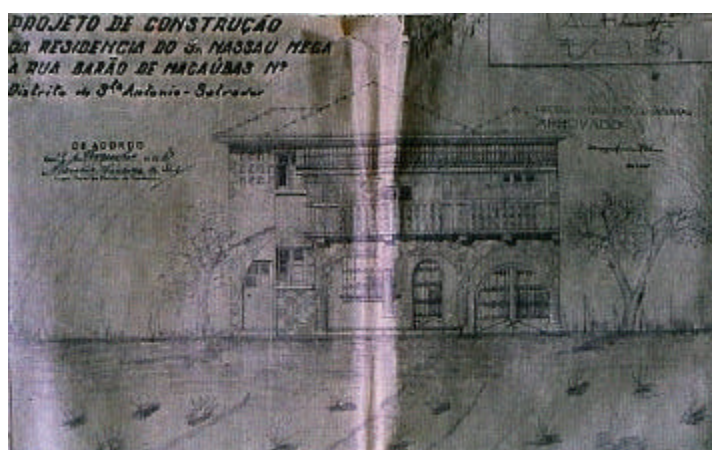


Fig. 34 - Fachada de uma residência no Barbalho, projetada por Walter Gordilho.
Fonte: Arquivo SUCOM, processo nº 17153 / 1947.

Outras duas casas, da autoria de Lev Smartcevsy - considerado como o autor da primeira casa modernista do pós 2ª Guerra em Salvador, a ser analisada adiante -, uma delas intitulada “Estudo de um pequeno bungalow para week-end” (Fig. 35), contemplada na capa do nº 20 da *Técnica* (1947) e outra, de esquina, apresentada como “vivenda em estilo californiano”, com seu torreão de ar romântico e desenho caprichoso (Fig. 36) demonstram que o prestígio da arquitetura de estilo era endossado por todos e que, ao menos nesses casos, não constituíram exigências de proprietários, e sim modelos a seguir.

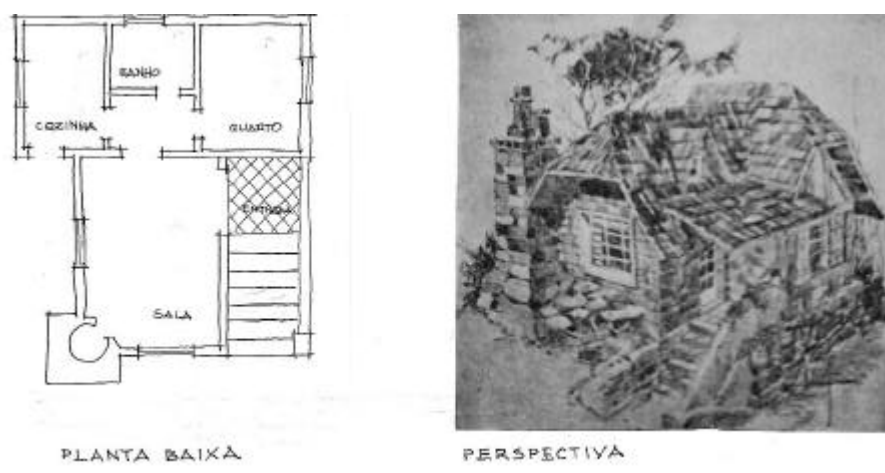


Fig. 35 - "Pequeno bungalow para week-end". Arquiteto: Lev Smarcevsky.
Fonte: *Técnica* nº 20, 1947.

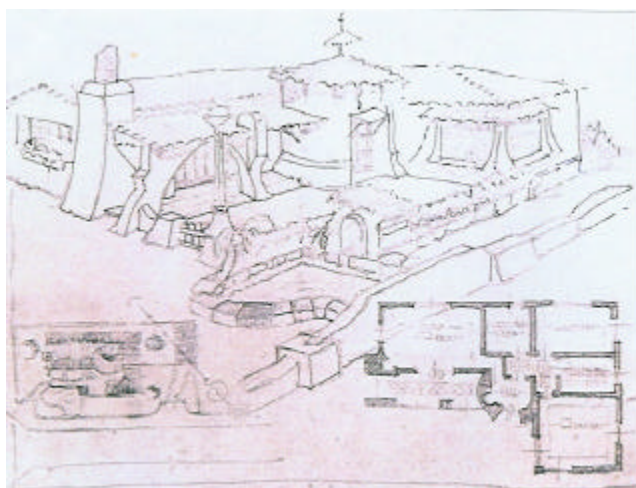


Fig. 36 - Apresentação da perspectiva e planta da casa em estilo californiano, da autoria de Lev Samarcevski.
Fonte: *Técnica*, nº 18, 1946.

O tratamento da área externa também expressa, no desenho, o tom romântico que está explícito na maioria dos projetos que a *Técnica* divulga durante a primeira metade da década de 40.

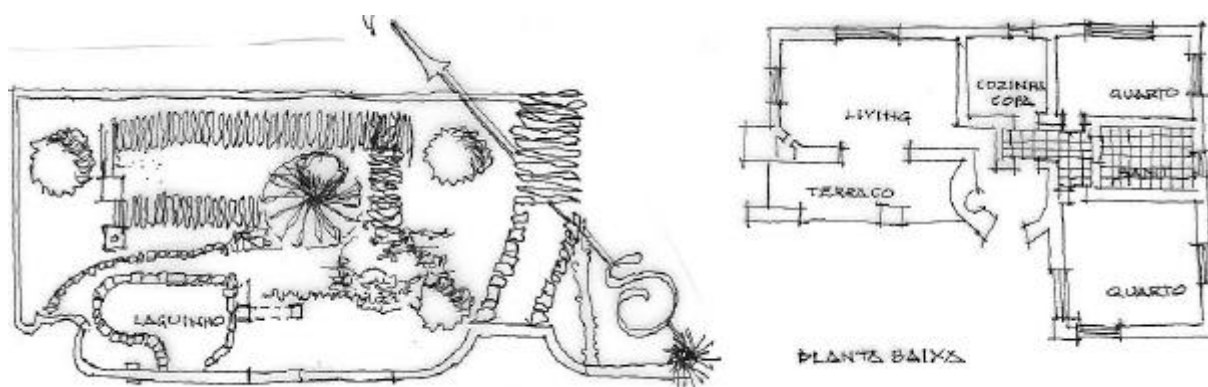


Fig. 37 - Estudo de paisagismo e planta baixa da casa em estilo californiano, autoria de Smarcevsky.
Fonte: *Técnica* nº 18, 1946.

O “Escritório de Engenharia e Arquitetura”, do engenheiro Humberto Lemos Lopes, também projetava casas de estilo, como o projeto da residência do próprio engenheiro em estilo neo-colonial, segundo a *Técnica* (Fig. 38). O projeto, na verdade, consta de duas residências conjugadas que, no entanto, não podem ser percebidas a partir da aparência exterior da edificação, cuja característica maior passa a ser a monumentalidade.



Fig. 38 - Bela residência colonial dos Srs. Humberto Lemos Lopes e Jorge Marques Valente, no Canela”.
Fonte: *Técnica* nº 19, na contra capa.

Para clientes mais abastados, essa monumentalidade era resultado direto do número e do tamanho dos cômodos, como no caso do palacete de Carlos Souto Maia, proprietário de uma das lojas mais sofisticadas de Salvador (Fig. 39).

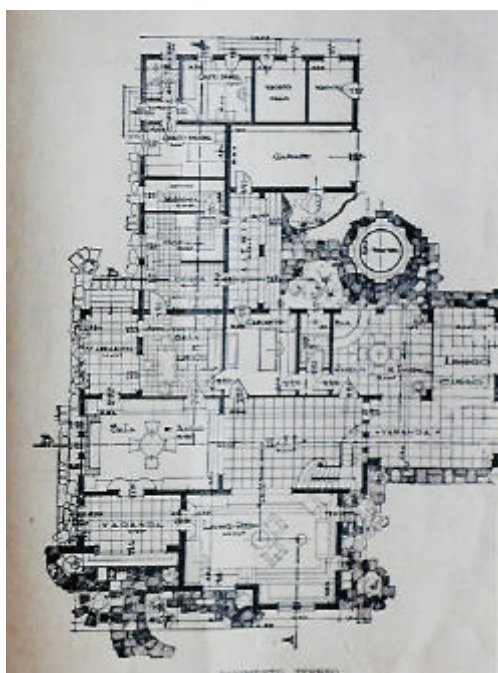


Fig. 39 - Residência do Sr. Carlos Souto Maia.
Fonte: *Técnica* , nº 25, 1948.

Por outro lado, fora dos periódicos especializados, arquitetos brasileiros também apelavam para as casas de estilo. Na *Revista da Semana*, de circulação nacional, nas primeiras

décadas dos anos 40, o arquiteto Oswaldo de Noronha assina, em diversos números, a seção “Como fazer sua casa? Colonial (!)”, onde casas térreas ou de dois pavimentos, com elementos coloniais mais ou menos presentes, oferecem várias opções para seus leitores, numa manifestação tardia do neo-colonial das décadas precedentes. Nos artigos, o arquiteto faz estimativas de custos e propõe, às vezes, certa flexibilidade nos usos dos cômodos como, por exemplo, usar a sala de estar para escritório, mostrando-se assim permeável a uma influência funcional modernista. Interessante que outra seção da mesma revista, intitulada “Ornamentação do Lar” abrisse mais espaço para sugestões de mobiliário moderno, embora opções pelos móveis antigos, papéis de paredes e sugestões tradicionais para o *fumoir* e o salão de jogos ainda estivessem presentes.

Também as empresas de financiamento para habitações, nos seus anúncios, utilizavam - em periódicos diversos - imagens de estilos variados, a exemplo da Caixa Econômica Federal, no caso uma instituição pública. Na *Técnica*, um anúncio da Caixa, reeditado diversas vezes, agrupa casas de estilo com outras do primeiro modernismo (Fig. 40), fenômeno que acontecia nos próprios bairros da cidade, a exemplo da ilustração abaixo, na Ladeira do Matatu, em Brotas (Fig.41). Já o Banco Lar Brasileiro, instituição privada, encorajava frequentemente, através de ilustrações, a estética modernista nos seus anúncios, em edifícios de apartamentos ou em casas (Fig.42).



Fig. 40 - Casas de estilos diversos, financiadas pela Caixa Econômica Federal.

Fonte: Propaganda encontrada em diversos números da revista *Técnica* (década de 40).



Fig. 41- Rua no Matatú onde a casa de expressão modernista se insere junto às de outros estilos.
Fonte: Foto do Arquivo Público Municipal (1942)



Fig.42 - Propagandas do Banco Hipotecário Lar Brasileiro utilizando ilustrações de edificações modernistas. O edifício de apartamentos é o Edifício Gordilho
Fonte: Diversos números da revista *Técnica*.

Aliás, vale a pena aqui transcrever o conteúdo de um anúncio da Associação de Crédito Hipotecário “Lar Brasileiro” - veiculado no mesmo ano em que o CREA reconheceu a profissão dos arquitetos formados na Escola de Belas Artes (coincidindo com a mesma época em que se deu a regulamentação da profissão de arquiteto no Brasil). Recomendando ao cliente a contratação de um arquiteto, o anúncio revela uma associação entre esse profissional e as edificações modernas. A Associação se coloca em sintonia com a vida moderna, seguindo os requisitos de **estrutura** confiável nas edificações, de **comodidade** (conforto) e de **beleza** artística, A tríade vitruviana, ou melhor, albertiana - saber adquirido pelo arquiteto - não poderia estar mais clara. Diz o artigo:

“Quando pensardes em construir vossa casa própria, lembrai-vos que, as mais das vezes, não sereis compreendido se vos limitar a entregar ao vosso construtor a execução do plano e os desenhos da fachada. Cada um tem sua maneira de viver e, portanto, não basta para nossa satisfação, que vos fabriquem uma casa: - é preciso que se saiba interpretar o vosso gosto e sentimento, para que o LAR PRÓPRIO TENHA UM CUNHO TODO PESSOAL.

A evolução social e outros fatores impõe preceitos na arte de construir que só o arquiteto pode compreender e executar.

NOSSO PLANO NOVO nasceu da evolução citada e a sua finalidade máxima é atender aos que almejam possuir um LAR PRÓPRIO que sempre lhe evoque as suas alegrias íntimas.

NOSSO PLANO não é somente uma elocubração financeira; é uma organização baseada nas exigências da vida moderna.

NOSSO PLANO NOVO serve àqueles que necessitam de auxílio financeiro e artístico para construir UM LAR próprio com todos os requisitos da ECONOMIA, ARTE, SOLIDEZ E CONFORTO.

NOSSO PLANO NOVO oferece todas as garantias e vantagens para a solução dos problemas da casa própria”.

Em seguida, o anúncio trata das modalidades de financiamento do contrato, das formas de pagamento - sem esquecer de advertir que o “capital investido numa propriedade é e sempre será o mais seguro”.⁶²⁷

Propagandas de materiais de construção em jornais e periódicos não especializados - baianos ou nacionais - como o *Correio da Manhã*, também utilizavam desenhos ou fotos de casas modernas nas suas páginas (Fig. 43).⁶²⁸

Fig. 43 - Casa moderna em anúncio da Companhia Nacional de Cimento Portland. Fonte: *Almanach* do *Correio da Manhã*.



“O cimento portland ‘MAUÁ’ torna possível a realização do seu ideal, oferecendo-lhe oportunidade para construir o seu próprio lar, com economia, durabilidade e conforto”

Observa-se, portanto, que jornais e periódicos (principalmente a *Técnica*, sendo um dos veículos do *boom* da construção em Salvador), difundiam propagandas de empresas construtoras, de materiais de construção e de casas e bancos financiadores. O apelo para o uso da revista *Técnica* como veículo de propaganda é sugestivo: “seus leitores são pessoas de condição liberal, que têm condições e adquirirão suas mercadorias ou materiais”.⁶²⁹

O que significava condição liberal? Os próprios nomes dos novos prédios de apartamentos, por exemplo, explicam, pois eram retirados dos nomes das famílias dos seus proprietários, que pertenciam às famílias tradicionais de Salvador, incluindo médicos, engenheiros, advogados, profissionais liberais, citados por Azevedo: “é interessante notar que

⁶²⁷ *Jornal A Tarde*, 13/02/1933, p.8.

⁶²⁸ *Almanach* do *Correio da Manhã*, p. 86, 1941.

⁶²⁹ *Revista Técnica*, nº1 e algumas seguintes.

foram as famílias baianas que começaram a construir, Edifícios Chadler, Dourado, Gordilho, Braulio Xavier”.⁶³⁰ Este último - como vimos, projeto do arquiteto Hélio Duarte - ocupou um lugar especial na *Técnica*, não só no longo artigo ilustrado com diversas fotografias, citado anteriormente, como também citado em várias propagandas.

É pertinente observar esta ênfase na escolha da arquitetura modernista, via mercado, nas edificações mais ricas para apontar, mais uma vez que, diferentemente da Europa, onde a arquitetura moderna desenvolveu-se ligada a soluções para a habitação social, (via Estado, portanto) em Salvador ela se estabeleceu enquanto *status*.⁶³¹ Seja como arquiteto ou como cliente, a aplicação do novo estilo contribuía para aquilo que muitos consideraram o engrandecimento da cidade, a possibilidade de demonstrar que finalmente Salvador se modernizara, progredira.

De fato, a ideologia do progresso e do papel do arquiteto e / ou engenheiro no reforço da mesma é uma preocupação expressa pelo editor da *Técnica*, em seu primeiro número: “Em um estado que tem por um longo tempo ocupado a frente de grandes iniciativas, hoje parece declinar deste papel, precisando portanto de uma reação enérgica e bem orientada, que depende principalmente da ação do engenheiro”.

O discurso pretensioso é, claramente, aquele do ideário moderno europeu: a busca do progresso, sem que a emancipação, entretanto, faça parte do mesmo - na prática ou na teoria.

Por outro lado, a adoção da linguagem modernista nos edifícios de apartamentos - adequada a esse ideal de progresso - e a preferência por estilos variados, no caso das residências uni-familiares na década de 40 (que vão aumentar visivelmente a partir da segunda metade desta década), certamente exigem outras explicações, as quais tentaremos desvendar adiante.

Porém, da mesma maneira que na década anterior, os arranjos espaciais do espaço doméstico - fosse nos edifícios de apartamentos ou nas casas ilustrados nos artigos dos periódicos ou constantes dos arquivos da SUCOM (em qualquer estilo apresentado) - eram concebidos de forma semelhante. Esses arranjos seguiram invariavelmente o modelo da casa moderna, com suas áreas de serviço, social e íntima, reforçando as divisões espaciais identificadas desde o final do século XIX. Maldita prisão...

⁶³⁰ AZEVEDO (1985)

⁶³¹ Como vimos, a comunidade de arquitetos certamente tinha conhecimento dos problemas habitacionais que a cidade sofria. Em 1936, segundo Araújo (1992), uma vez que a “modernização” implementada em Salvador, nos anos anteriores, optou pela demolição de muitas áreas nos sítios antigos, diversas famílias se encontravam ao relento. Como não havia programas de habitação em benefício das mesmas, elas passaram a ocupar as encostas próximas do centro da cidade, início da futura proliferação de barracos nos morros da cidade, a que se refere o artigo de Hélio Duarte, sobre o *zoning* do Comércio a São Pedro, acima comentado.

6.4 Edifícios pluri-domiciliares na década de 40

Dois edifícios, ainda de pé e - de certa forma - conservados no seu estado original, se destacam entre os diversos construídos no período.

O primeiro, o Edifício Natal (Fig 44 e 45), aprovado pela prefeitura em fevereiro de 1945, chama a atenção por um certo gosto *art déco* na fachada e pela localização: implantado em um terreno curvo, de esquina, na Rua Barão de Loreto, na Graça, se ajusta ao mesmo no sentido de otimizar a área interna dos apartamentos. O outro, o Edifício Maíza (1949) - projeto de Luis Arantes, localizado no Corredor da Vitória, no terreno onde antes estava situada a casa do proprietário do prédio - foi construído enquanto investimento para aluguel.

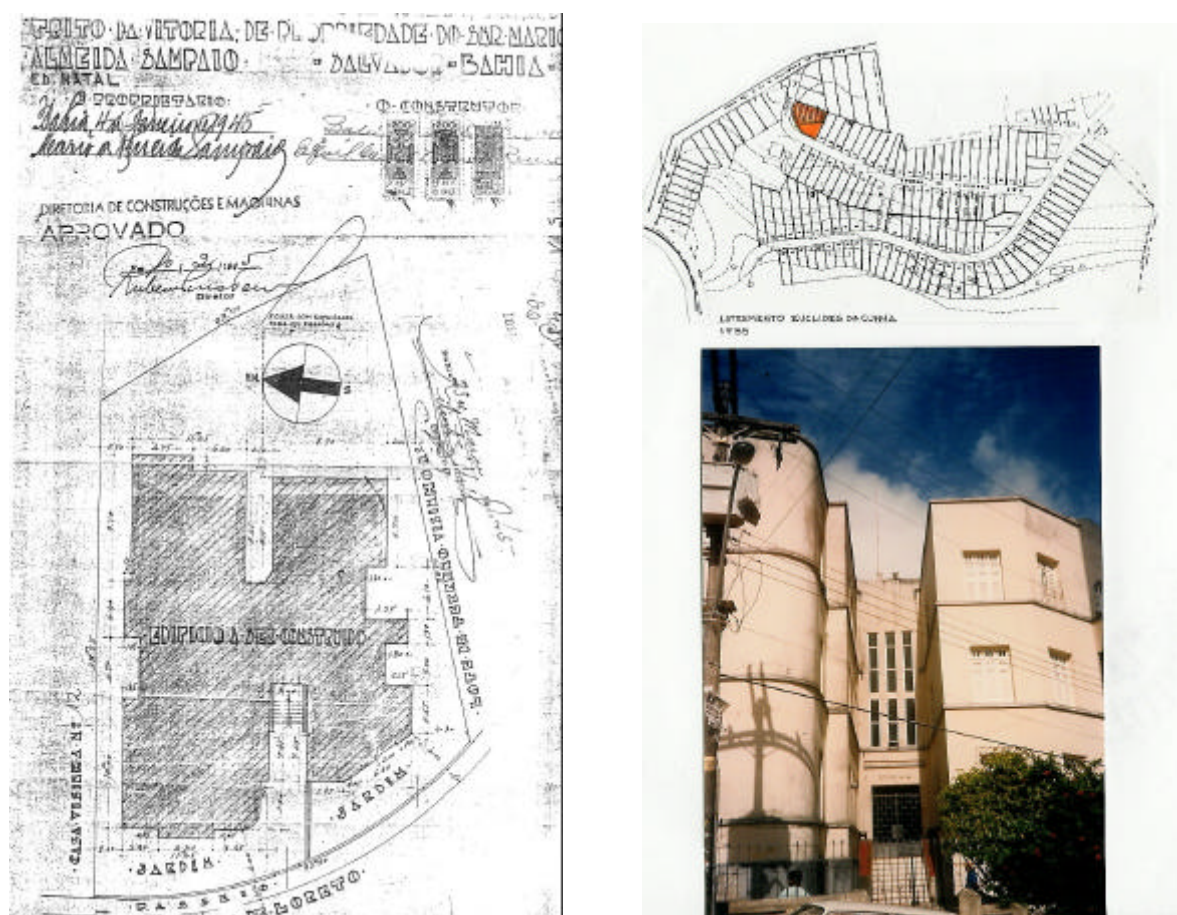


Fig. 44 - Planta de localização, de situação e entrada principal na fachada oeste, do Edifício Natal, situado na Graça.

Fonte: Acervo do Núcleo DOCOMOMO Brasil, PPGAU UFBA.

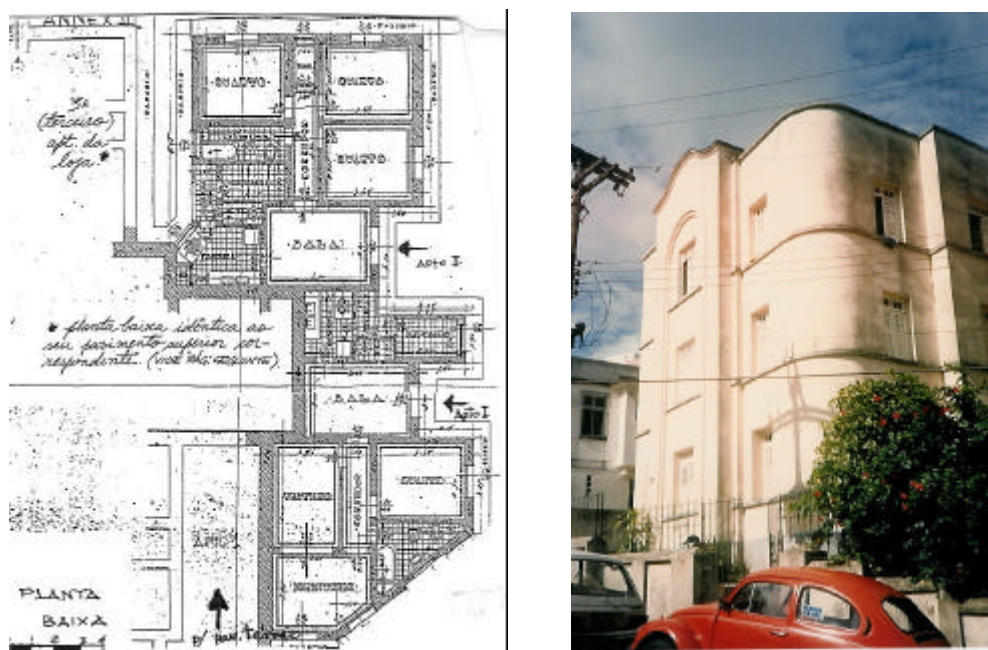


Fig. 45 - Planta baixa de dois dos apartamentos do Edifício Natal e sua fachada sudoeste.
Fonte: Arquivo do Núcleo DOCOMOMO Brasil, PPGAU UFBA.

O Edifício Natal possui quatro pavimentos e um sub-solo, apresentando quatro apartamentos por andar e outros dois no sub-solo. Em cada um deles, a partir da pequena e única sala, desenvolvem-se a cozinha e a área de serviço, de um lado, e a área íntima, do outro, sendo constituída por três quartos e o sanitário, na disposição convencional do corredor como mediador. O ajuste em planta à configuração do terreno possibilita que os apartamentos, em cada andar, apresentem distribuição espacial diferente, e contribui para uma fachada com saliências e reentrâncias que dão um certo movimento à massa edificada.

Inaugurado em 14 de setembro de 1946, o edifício mereceu destaque na imprensa, sendo referido no jornal *A Tarde* como “o maior da Bahia, no gênero”.

“(…) com 18 apartamentos, a inauguração do Edifício Natal, contou com a presença de autoridades, famílias e jornalistas e foi benzido pelo padre Belo S. J. Executado pelo engenheiro Carlos Barbosa Romeu, em concreto armado, é uma iniciativa particular a quem muito deve o progresso da nossa terra, merecendo pois, justos elogios, o proprietário do Edifício Natal”.⁶³²

O Edifício Maíza, propriedade de Walke Araripe, enquanto empreendimento imobiliário para aluguel, possui sete pavimentos, dois apartamentos confortáveis e espaçosos em cada andar e o número de quartos variando entre três e quatro. Para o último pavimento, foi projetado um único apartamento destinado ao proprietário e sua família, com cinco quartos e uma suíte. Equipado com dois elevadores Atlas, o prédio, que é um dos exemplos mais

⁶³² *A Tarde* de 22/07/1946, p.10

sugestivos da utilização de varandas arredondadas com esquadrias e guarda-corpo em tubulares metálicos e das “vigias de navio”, característicos do modernismo - mantém seu aspecto original quanto à aparência exterior, embora, interiormente, algumas modificações ocorreram ⁶³³ (Fig. 46).



Fig. 46 - Vistas do Edifício Maíza, datado de 1949, localizado no início do Corredor da Vitória. Fotografias da autora, 1999.

Sendo o primeiro prédio na área, não lhe foram poupadas diversas críticas ligadas à poluição urbana, veiculadas no jornal A Tarde, provavelmente uma reação contra a habitação vertical em uma área tão nobre da cidade - se avizinhando ao Largo do Campo Grande, como ilustrado na planta e na fotografia abaixo, esta última datada do início da década de 50 (Fig. 47)



Fig. 47 - Vista da Av. Sete de Setembro, trecho do Campo Grande e Corredor da Vitória, onde se destaca o Edifício Maíza, o primeiro a ser construído naquela área. (Foto da Década de 50).
Fonte: Acervo do Núcleo DOCOMOMO Brasil, PPGAU UFBA.

⁶³³ Entre elas a transformação das duas salas em um amplo *living* e a divisão do sanitário em dois, possibilitando a criação de uma suíte, substituindo um dos quartos. Esses dados foram pesquisados pelos estudantes Danilo Fortuna e Paula Murici, no primeiro semestre de 2001, para a disciplina “História e Teoria da Arquitetura e do Urbanismo II”, ministrada pela Profa. Anna Beatriz Ayrosa Galvão. A planta e parte das informações sobre o prédio em questão foram retiradas deste trabalho, que foi então incorporado ao acervo do DOCOMOMO.

Já o Diário de Notícias não poupa elogios ao prédio, considerando-o o mais moderno e luxuoso da cidade⁶³⁴, importante para a prosperidade da Bahia e “destinado a inquilinos mais exigentes de comodidade”.

O prédio possui dois *halls* de entrada laterais, o social e o de serviço, que não se comunicam, localizados centralmente - mas não simetricamente, uma vez que os apartamentos de frente para a rua, com quatro quartos, são maiores que os de fundo, de três quartos (Fig.48). Um pequeno lance de escadas conduz ao *hall* social, através de uma porta em ferro trabalhado em linhas modernas.

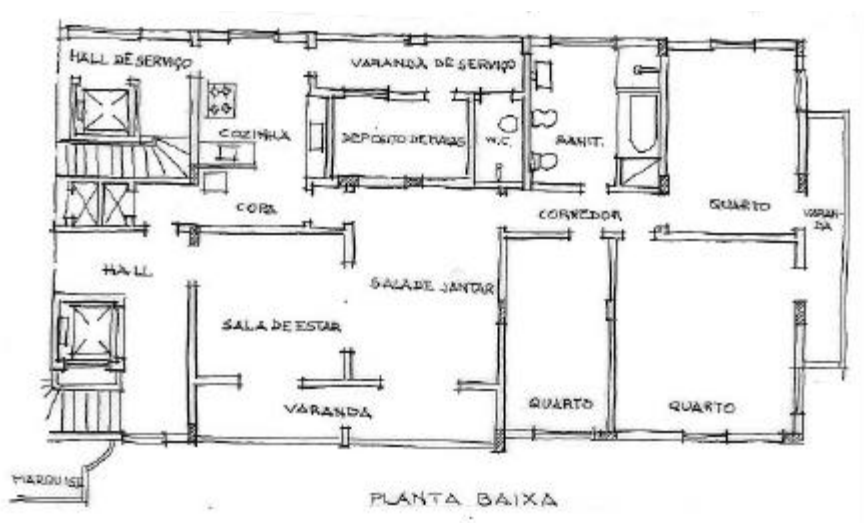


Fig. 48 - Edifício Maíza: planta baixa do apartamento tipo, localizado na parte posterior (fachadas norte e oeste) do prédio.

Fonte: Acervo do Núcleo DCOMOMO Brasil, PPGAU UFBA. Desenho: Anete Araujo.

Em ambos os apartamentos, diferentemente do Edifício Natal, a dotação espacial do setor social é privilegiado em relação aos outros dois. Conjugados em forma de “L”, as salas de estar e de jantar dão acesso direto para uma varanda alongada - cujo guarda corpo é arredondado nos apartamentos de frente e em ângulo reto nos de fundo. O acesso à área íntima, quartos e sanitário - nos dois casos - é feito através de um corredor. A área de serviço tem acesso através do *hall* principal pela copa (quase uma circulação, com armário e espaço para geladeira) e do *hall* de serviço, diretamente para a cozinha e daí para as dependências de empregada através da varanda de serviço. A denominação “depósito de malas” para o quarto de empregada (as) - que teria efetivamente acumulado ambas as funções - permite constatar que já vem de mais de meio século este faz-de-conta que arquitetos, proprietários, poder público e sociedade silenciam em cumplicidade. As malas certamente aí permaneciam, no

⁶³⁴ A comparação é feita com o edifício Oceania, que “certamente é maior, com seus 48 apartamentos, salões de cinema e de festas, boite, sorveteria e armazéns”. O teor do artigo parece caracterizar um ato publicitário para atingir inquilinos pois, certamente, o alto investimento (cada apartamento de quatro quartos custou setecentos mil cruzeiros,) como diz o próprio artigo, “não encontra compensação vantajosa no valor dos aluguéis”. Diário de Notícias 14/02/1951.

depósito de tudo, inclusive da criada. Não importa o montante de capital investido no prédio “mais moderno e luxuoso da cidade”; os arranjos espaciais são iguais àqueles da década anterior - apenas a qualidade artística da estética modernista é mais aprimorada.

O projeto tirou proveito da encosta para localizar um *play-ground* - na parte posterior do lote, voltada para a Baía de Todos os Santos (apresentando algumas garagens, construídas posteriormente, sobre o mesmo) - pavimentado com ladrilho hidráulico preto e branco, e uma escadaria de acesso ao mar, hoje desativada.

Outros projetos de edifícios de apartamentos encontrados nos arquivos da SUCOM apontam para a consolidação da concepção modernista na habitação pluri-domiciliar. Alguns apresentam solução mais simples, outros - possivelmente na tentativa de aproveitar ao máximo os espaços internos - são extremamente confusos em planta, se distanciando da própria concepção moderna de projetar. Um projeto de 1946, no Canela (Fig. 49)⁶³⁵, exemplifica o primeiro caso, e o outro, de propriedade de Jacob Gorges - também de 1946, situado em um lote muito estreito no bairro de Nazaré - exemplifica o segundo.

O edifício do Canela tem como característica mais marcante os parapeitos das varandas onde estrias abauladas nas terminações reforçam a horizontalidade da construção. As entradas social e de serviço são independentes, e a disposição espacial dos apartamentos é a convencional.

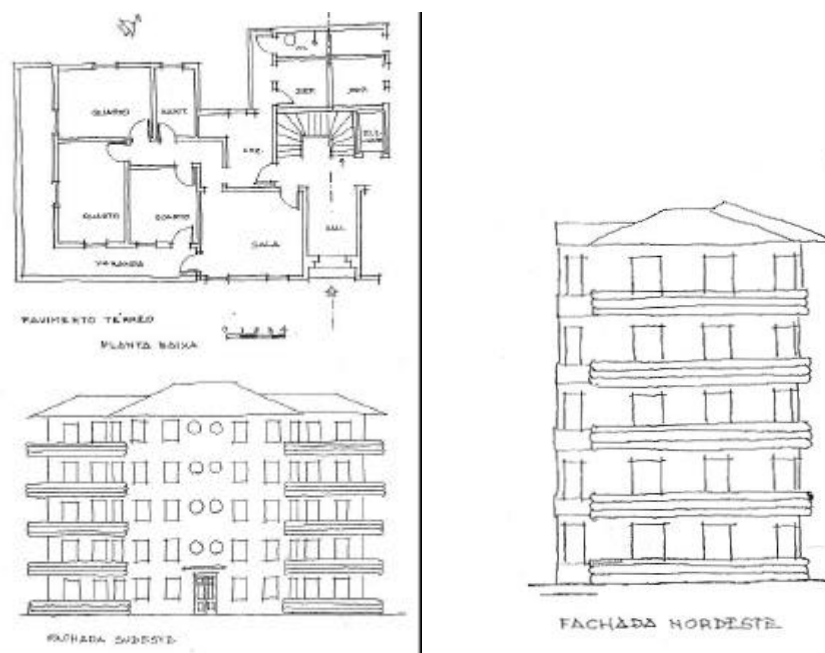


Fig.49 - Edifício no Canela, com características modernas, malgrado seu telhado em águas, de 1946.
Fonte: Arquivo da SUCOM. Desenho: Anete Araujo.

⁶³⁵ Fonte: SUCOM: processo nº 7638/1946.

Os parapeitos curvos e o telhado com platibanda ocultando o complicado telhado conferem um ar moderno à edificação.

Os dois últimos andares têm uma entrada frontal independente que conduz a um lance reto de escada - correspondente ao nível do pavimento térreo – havendo aí um outro lance para alcançar as unidades acima, sendo que se chega aos apartamentos posteriores através de um corredor. As varandas também servem aos dois apartamentos-tipo. Essa combinação de entradas independentes e varandas coletivas não deixa de ser uma solução onde as fronteiras entre público e privado implicam uma certa contradição: aqui evitando, ali estimulando os contatos. O que está definitivamente separada é a circulação vertical de serviço (escada), único elemento repetido em todos os andares.

A adoção da verticalização das habitações na cidade vai dividir as opiniões, divisão expressa nos jornais da época. Se, para alguns, o edifício de apartamentos contribuía para aliviar a crise de habitação - como argumentado no artigo do Diário de Notícias, acima citado - e, principalmente, representava um símbolo de progresso⁶³⁶, para outros o modelo da casa individual expressava com maior força os valores da família, os quais precisavam ser preservados e, certamente, os empreendimentos eram muito mais voltados para este tipo de moradia. Na maioria dos loteamentos da cidade, mesmo que os lotes viessem a ser ocupados em um tempo mais distendido, a preferência ainda recaía na casa individual.

6.5 Espaço Privado: casas uni-domiciliares a partir de 1945

A ideologia do progresso em Salvador não parece até o final da década de 40, portanto, incluir a estética modernista nos projetos de casas como fator importante para sua legitimação. A grande maioria dos projetos encontrados a partir de 1945, nos arquivos da SUCOM, vai abandonando as características formais da arquitetura moderna que foram aplicadas na década anterior, em benefício dos mais diversos modelos de casas. Os novos loteamentos⁶³⁷ (que têm como principal representante o Parque Cruz Aguiar, no Rio Vermelho - pelo porte do empreendimento) vão abrigar as mais variadas opções estilísticas nas residências (exceto a modernista, no caso do Parque Cruz Aguiar) embora a distribuição espacial dos cômodos - que caracteriza o espaço privado - permaneça, quase invariavelmente, dentro do modelo dos três setores em questão.

⁶³⁶ Exceção para Rosalvo Barbosa Romeu, vereador popular, pelo PTB, que declarou no jornal A Tarde: “*não há baiano que não deseje o progresso da sua terra (...) o crescimento da Bahia é para ao lados do Rio Vermelho e Amaralina*”, enquanto defendia a expansão horizontal e não vertical da cidade. A Tarde 03/05/1949.

⁶³⁷ Vários desses loteamentos, grandes ou pequenos, foram durante este período (e anterior a ele) denominados jardins. Nos arquivos os processos de licença para construção se referem ao Jardim Brasil, Jardim de Brotas, Jardim Santa Lucia, Jardim Salvador, Jardim Cruzeiro, Jardim Caramuru etc.

Antes de nos determos nessa variedade estilística que irá caracterizar a arquitetura doméstica em Salvador, até o final da década de 40, é importante - como observado acima, buscarmos uma explicação para a ocorrência do esvaziamento daquela nova estética adotada na década de 30 que, acreditava-se, representava uma busca por maior coerência com os novos materiais, os novos tempos e com o desejo de progresso.

Se na primeira fase do modernismo - em termos de Europa - o urbanizado trabalhador da fábrica foi o protagonista da cultura e, ao menos simbolicamente, fábricas e habitação social foram a inspiração dos programas exportados, no segundo pós-guerra, em termos de Estados Unidos -, as sedes das corporações e principalmente casas isoladas tradicionais para famílias se tornaram os exemplos definidores da arquitetura.

Tendo em vista que, após a Segunda Guerra Mundial, a influência dos Estados Unidos - tanto econômica como culturalmente - aumentou consideravelmente na maioria dos países e notadamente no Brasil, parece que é possível explicar o esvaziamento dos modelos modernistas nos projetos aqui desenvolvidos (segundo a preferência pelos *bungalows*, ilustrados na *Técnica* e comprovação arquivística) e sua substituição por aqueles tradicionais e “românticos”, acima referidos. Nesse quadro, sem dúvida, uma das maiores influências culturais foram os filmes produzidos em Hollywood, uma vez que sua difusão no país aconteceu com uma intensidade sem precedentes.

Do ponto de vista da arquitetura residencial, a América do Norte - que então tinha de volta seus veteranos de guerra - precisava de uma campanha (como aconteceu na Alemanha depois da Primeira Guerra) no sentido de “re-domesticar” a mulher que ganhara, por uma contingência, sua emancipação: transformada em mão-de-obra nas fábricas e escritórios durante a guerra, em substituição aos homens, se tornara economicamente independente.⁶³⁸ Muitas foram então as ações nesse sentido de reeducar a mulher, sendo o mais importante e maior deles a construção de Levittown⁶³⁹ - empreendimento de casas isoladas no subúrbio, encarnação da domesticidade familiar, visão de uma vida privada tradicional e esteticamente conservadora.⁶⁴⁰

⁶³⁸ OCKMAN (1996).

⁶³⁹ Situada em Long Island, cerca de 60 km a leste de Nova York, foi construída como um bairro residencial com a produção em massa de 17 mil casas por Levitt and Sons, entre 1947 e 1951. Projetada em 1945/46 para cerca de 62 mil habitantes se tornou símbolo nacional e incluía igreja, shoppings e equipamentos de lazer. Outros empreendimentos paralelos e posteriores, seguiram o modelo de Levittown. Enciclopédia Britânica, verbete Levittown.

⁶⁴⁰ Certamente que, no período, muitas residências modernas isoladas foram projetadas e/ou construídas nos Estados Unidos as quais, apesar de modernas, também abrigavam um modo de vida tradicional. Em 1947, por exemplo, um grande Concurso Nacional, promovido pela Pencil Points-Pittsburgh Plate Glass Company que premiou dez projetos (O 1º Prêmio foi do Fletcher's Associates e o 2º, de I.M. Pei e Fred Roth em 100 selecionados). Todos os projetos obedeceram aos critérios de seleção: que a casa fosse moderna, racional, simples, de planta livre e com grandes panos de vidro). O cliente (fictício) foi G. I. Joe (sua esposa e dois filhos), de 30 e poucos anos de idade, que servira na guerra, período em que sua esposa trabalhou em uma fábrica de munições. Uma vez que a guerra tinha acabado, Joe, então promovido no emprego, podia pagar por um

Em Salvador, é a preferência por uma enorme variação desta linguagem que os segmentos de maior poder aquisitivo vão priorizar para os projetos de suas residências, as quais serão erigidas não no subúrbio (área valorizada pelos norte-americanos)⁶⁴¹, mas nos diversos bairros da classe alta e média da cidade, tendência que será assimilada pelos segmentos menos privilegiados da população.

Em referência a fatores internos que podem também ter contribuído, podemos assinalar uma disposição maior para as novidades. Aqui aparentemente não tivemos a atitude de rejeição à tipologia do *bungalow*, diferentemente, por exemplo, do que aconteceu em Maceió. Como sugere Maria Angélica da Silva, citando Valdemar Cavalcanti: “os ricos não querem mais saber de conversa: se o chic é o bangalô, se é modelo mais em voga nas grandes cidades, toca a fazer o bangalô, em sistema americano, russo, britânico, escandinavo, sei lá”.⁶⁴² Resultado de uma reação que vinha desde a década de 20 - quando o Movimento Regionalista, sob o intenso apoio de intelectuais (contando entre os seus integrantes nomes como José Lins do Rego, Gilberto Freyre e Graciliano Ramos), criticava ou não via com bons olhos a importação do “Movimento Modernista”. Contra a importação de culturas alienígenas, Maceió não absorveu, com a mesma intensidade que Salvador, o estilo “bangalô”.

Em Salvador, são inúmeras as residências construídas tipo *bungalow* - às vezes com aparência eclética; algumas com elementos neo-coloniais - endossadas pelos próprios arquitetos e engenheiros, como no caso da casa (dupla) de Humberto Lemos Lopes e os projetos “californianos” de Lev Smarcevski, acima referidos. Outras podem ser identificadas com o estilo missão ou normando, algumas com simulações de estrutura entramada de madeira, executadas com massa - de inspiração inglesa - outras difíceis ou impossíveis de qualquer identificação. Entretanto, invariavelmente, a disposição espacial interna de todas essas residências é a convencional e raras soluções específicas apresentam um tratamento diferenciado quanto ao espaço doméstico.

Este é o caso da residência de Francisco de Espinheira Sá, construída pela Companhia Imobiliária Brasileira de Construções S.A., na Rua João das Botas, nº 14, no Canela (Fig.51). Possuindo dois pavimentos, a casa desenvolve-se em torno de um grande pátio, ao redor do

projeto. Mrs. Joe, escolhendo fazer todos os trabalhos do lar, anseia para que os mesmos sejam mais leves na nova casa “moderna”, para poder se “dedicar por mais tempo ao seu marido e seus filhos”. Prêmios e Menções Honrosas concedidos pelo Concurso foram publicados em diversos números da revista *Progressive Architecture*, durante o ano de 1947. KENNETH (1947). p.1 a p. 3.

⁶⁴¹ Esta adoção americana de moradia nos subúrbios vem sendo trabalhada pela teoria crítica feminista, uma vez que uma ampla série de associações simbólicas vinculam a mulher ao subúrbio e o homem à cidade. Para detalhes: SAEGERT, (1998) p.93 a 108. Entretanto não se pode esquecer, como apontou Marques que os americanos “sempre um gosto pela modernização periférica residencial”, na tradição ‘desurbanista’ defendida por Frank Lloyd Wright. MARQUES (1999).

⁶⁴² Cavalcanti, Valdemar. *A invasão do bangalô*. Alagoas, 1(3), out, 1938. Citado em SILVA (1991).

qual varandas ou cômodos são distribuídos com uma certa hierarquia e as passagens de um cômodo para outro são aproveitadas para a localização de armários embutidos. E, embora alguns espaços apresentem inovações, como a parede curva da sala, a fachada, no entanto, é mais uma das variações possíveis no elenco eclético do período.⁶⁴³

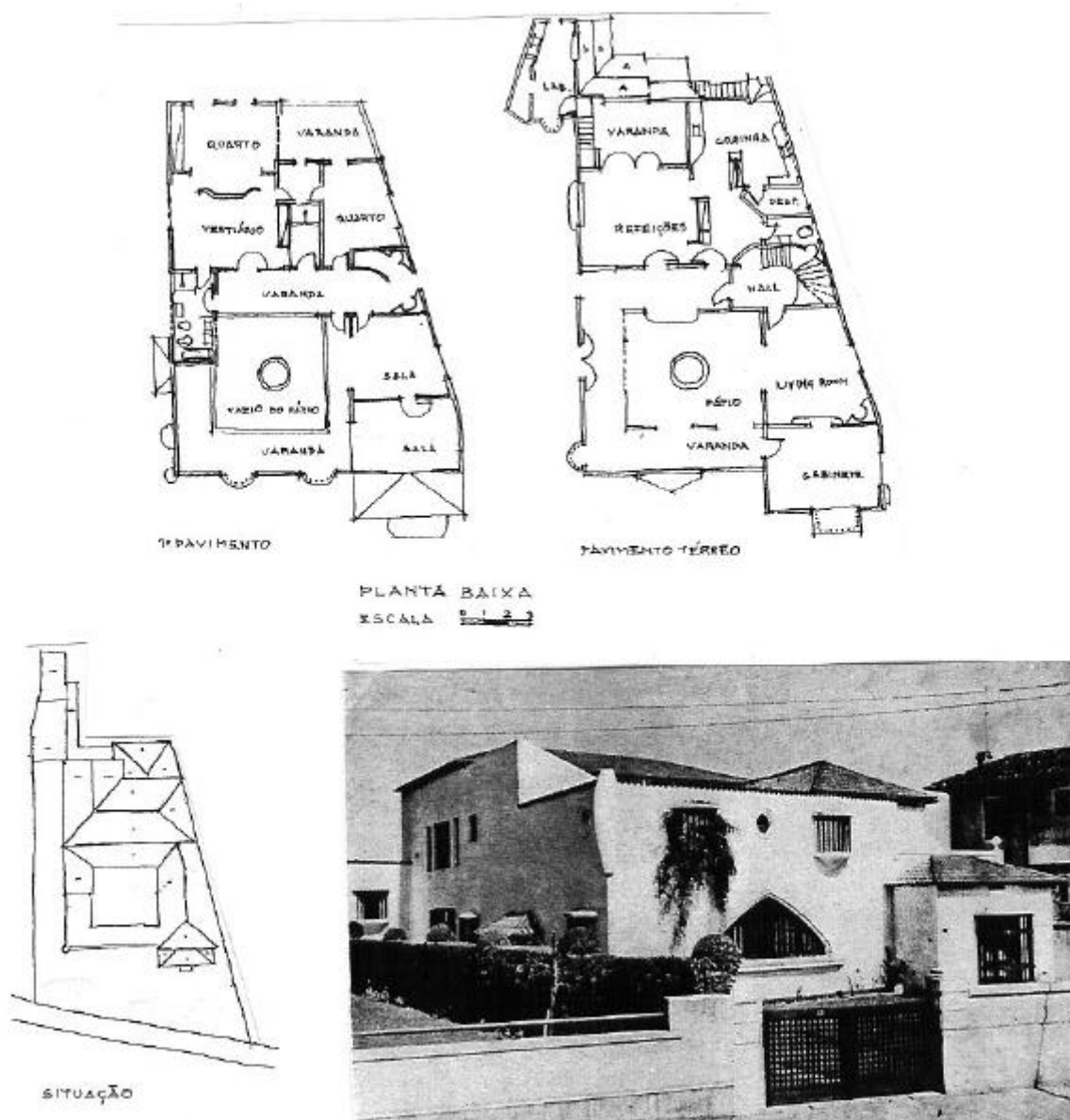


Fig. 51 - Casa do Sr. Francisco Espinheira Sá, na Rua João das Botas, Canela, construída pela Companhia Brasileira Imobiliária e de Construções S. A. e foto antes da reforma, em 1949. Fonte das plantas: Arquivo da SUCOM (1949). Desenho: Anete Araujo. Fonte da fotografia: Catálogo da Companhia Brasileira e de Construção S.A. (1945).

⁶⁴³ A sala sobre o gabinete do pavimento térreo foi um acréscimo construído em 1949, não aparecendo, portanto, na fotografia que foi publicada no Catálogo da Companhia Brasileira Imobiliária e de Construção S.A. (1945)

Esta nova valorização das residências, representada pela variação da sua aparência exterior, parece que constituía o principal apelo para a centralização do interesse na casa e na vida doméstica por parte das mulheres dos segmentos sociais médio e alto.

Ainda para Ockman, por exemplo, a ruptura entre o mundo do trabalho e a vida doméstica nos Estados Unidos, após a guerra, não caracterizou apenas a classe alta. Para a classe média, o domicílio tornou-se, se não um lugar para o ritual aprovado das boas maneiras e até do requinte, pelo menos a antítese da rotina do dia de trabalho e o repositório do conforto burguês. A cultura masculina da produção, nestas classes sociais, encontrou seu complemento na cultura feminina do consumo.⁶⁴⁴ Uma enorme quantidade de objetos domésticos, em uma economia que crescia, era agressivamente oferecida pela propaganda às novas gerações de donas de casa.

Certamente que no Brasil esta observação também explica o aumento visível das propagandas relativas à casa e aos objetos domésticos em uma série de revistas pesquisadas - particularmente anúncios de mobiliário e eletrodomésticos, tapetes, cortinas e objetos decorativos, além de cristais, louças, panelas e produtos de limpeza, a maioria com imagens da dona de casa, e não só nas revistas de arquitetura, nacionais e estrangeiras, como também nas revistas femininas em geral. As últimas, com artigos e itens publicitários relativos tanto à decoração quanto a objetos de uso pessoal (moda, jóias e enxovais) também passaram a ter uma tiragem bem maior que anteriormente. Se a principal revista anual feminina publicada no Rio de Janeiro - com distribuição em Salvador - o *Anuario das Senhoras*, especializada em arquitetura de interiores e na moda, nos anos anteriores à guerra, utilizava, em cada página, as estrelas de cinema para veicular a ideologia do consumo, na segunda metade dos anos 40, toda uma cultura hollywoodiana foi acionada no sentido de alcançar a plenitude da vida doméstica.

A cozinha americana - que aparece nos filmes manipulada pelas atrizes mais que familiares, uma vez que estão sempre presentes nos periódicos - é a mais popular, enquanto conjunto de acessórios indispensáveis no lar. No caso da *Revista da Semana* - uma das mais veiculadas nacionalmente - as atrizes aparecem em quase cada página, seja como protagonistas dos filmes (exibidos no Brasil ou não); vestindo o figurino da moda (social, esportiva, íntima); exibindo chapéus, penteados e acessórios ou em reportagens sobre sua vida pessoal e profissional.⁶⁴⁵ Interessante que em todos os números consultados da *Revista da*

⁶⁴⁴ OCKMAN (1996)

⁶⁴⁵ A revista publicava, inclusive, uma seção especial intitulada "A Semana em Hollywood". Sendo uma periódico de informação naturalmente que temas nacionais e internacionais, programas culturais e artísticos, teatro e rádio e reportagens

Semana, entre 1945 e 1949, enquanto a cozinha é “moderna”, os móveis, seja para salas ou dormitórios, são de estilo: Luis XIV, Chippendale ou românticos, enquanto os do “quarto de dormir da moça” são “em madeira fosca com guarnições cor de rosa”.⁶⁴⁶

Nos afazeres domésticos diários, a satisfação da dona de casa com o progresso - ligado aos novos avanços tecnológicos - é explorada em propagandas mais simples (desenhadas) - como a do gás engarrafado na ilustração veiculada pela *Técnica* (Fig. 52). O cenário da mulher é o lar, enquanto o homem experimenta esse mesmo progresso no mundo do trabalho. O anúncio das lâmpadas da G.E. (General Eletric), demonstrativo da eficiência do produto no ambiente doméstico e veiculado à exaustão tanto em revistas populares quanto em publicações técnicas (*Arquitetura e Urbanismo* e *Acrópole*) é exemplar no reforço à ideologia da casa romantizada, onde, feliz, a mulher trabalha e o homem, também feliz, descansa e lê (Fig. 53).

ULTRAGAZ
(o Gás engarrafado)

A Maravilha da Ciência moderna ao alcance de todos, proporcionando:

- Facilidade
- Comodidade
- Economia
- Satisfação

Superintendente na Bahia:
ENG. OSWALDO SILVA
Rua Visconde de S. Lourenço, 4
(Antiga Forte de São Pedro)
FONE 4452

Fig. 52 - Ilustração de propaganda do Gás Engarrafado, veiculada em números da revista *Técnica*: útil para mulher, no lar, e para o homem, no trabalho.

especiais também estão presentes. Contos românticos são assinados por mulheres (pseudônimos) e dos concursos literários participam homens e mulheres.

⁶⁴⁶ A revista não traz uma seção exclusiva de decoração. Os móveis são de propaganda entre aqueles disponíveis nas casas do ramo, principalmente da Casa Nunes.

**Torne o seu lar
mais bonito...**

Uma iluminação adequada proporciona boa visão, conforto e beleza!

As lâmpadas G.E. podem oferecer maior encanto e comodidade, proporcionando-lhe a quantidade de luz exigida pelos olhos. Encante o seu lar com a luz de qualidade das Lâmpadas G.E. Eis alguns conselhos:

ILUMINE A ENTRADA PRINCIPAL... Uma luz exterior aqui faz ver a sua casa aos amigos e parentes!

ELIMINE OS CANTOS ESCURECIDOS... Evite os possíveis acidentes.

LEVAR BOA LUZ PARA A SEXTA FEIRA... sem observar o resto do dia na penumbra isto prejudica a visão porque faz o olho fazer um grande esforço de adaptação dos olhos.

PROTEJA SUAS LUZES... permissões de movimento sem tropeços durante a noite.

OUÇA as
Feiras G.E. às
20:00 hs., Rádio Nacional e
Repito às 20:00 hs., Rádio Cultura, São Paulo

SRIA QUAL FOR O SEU PROBLEMA DE ILUMINAÇÃO
consulte o

GENERAL ELECTRIC

RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO - RECIFE -
SALVADOR - CURITIBA - PORTO ALEGRE

8.100

Fig. 53 - Anúncio das lâmpadas GE com cenas domésticas reforçando as relações sociais de gênero veiculado em diversos periódicos baianos e nacionais, especializados ou não.

Fonte: Arquitetura e Urbanismo, Acrópole, Cruzeiro, Revista da Semana, entre eles.

Sevcenko é outro autor que também chama a atenção do peso da cultura cinematográfica de Hollywood, através principalmente dos musicais, na ênfase das peripécias do par romântico e seu impacto sobre o consumo:

“Num mercado cuja competitividade obriga à inovação, variedade e sofisticação constante dos produtos o casal jovem é o alvo ideal. É fundamental para a indústria dos bens de consumo, usando dos recursos prodigiosos da publicidade, quebrar os elos de família e a cadeia de gerações”.⁶⁴⁷

⁶⁴⁷ SEVCENKO (1998), p. 608.

Qualificando os hábitos e o trabalho doméstico da mãe e da avó como superados, incompatíveis com a mulher moderna - depois do advento dos novos equipamentos elétricos, produtos de limpeza, móveis práticos e hábitos novos, mais atualizados, mais versáteis, mais identificadores da individualidade do jovem em relação à geração de seus pais - transformam a moça na principal portadora de fantasias relativas ao conforto, ao bem estar, e à decoração da casa, enquanto o “rapaz fica no papel de provedor e provador”.⁶⁴⁸

6.5.1 O Parque Cruz Aguiar

Em Salvador, o cenário para alcançar a idílica casa possuidora de todo este aparato - e que teve como estratégia de *marketing* a diversidade de “modelos” de casas, para nutrir o desejo de individualidade, pelo menos exteriormente - é representado pelas residências do Parque Cruz Aguiar (Fig 54)⁶⁴⁹ de modo mais concentrado e, mais esparsamente, em toda a cidade.



Fig. 54 -Loteamento do Parque Cruz Aguiar, datado de 1946.
Fonte: PLANDURB, Inventário de loteamentos, 1976.

Nas casas maiores, que possuem dependências, o modelo tri-partite é mantido e utilizado sem variações, como naquelas residências de linguagem modernista da década de trinta.

Dois exemplos, no Parque Cruz Aguiar, sendo uma casa térrea e uma de dois pavimentos, a térrea apresentando o torreão - elemento certamente definidor de *status*, cuja

⁶⁴⁸ Idem p.609

⁶⁴⁹ Vale ressaltar que o Parque Cruz Aguiar foi o primeiro loteamento na cidade entregue com infraestrutura completa e casas prontas para morar. Os proprietários das casas, vistos como novos ricos pelos moradores já estabelecidos no bairro, eram profissionais liberais, bancários, comerciantes, banqueiros e parlamentares. Os *bungalows* em estilo suíço ou francês eram “destinados à uma classe média selecionada, os grãfinos, como os antigos moradores passam a denominar os habitantes deste novo e elitizado núcleo”. PORTO FILHO (1991).

utilização variava de local do acesso vertical, *hall* de entrada, sala de estar e às vezes gabinete - e a outra, em “estilo chalé suíço”, segundo a publicidade na época da aquisição (1948), confirmam a hegemonia do modelo tri-partite jamais questionado (Figs. 55 e 56).

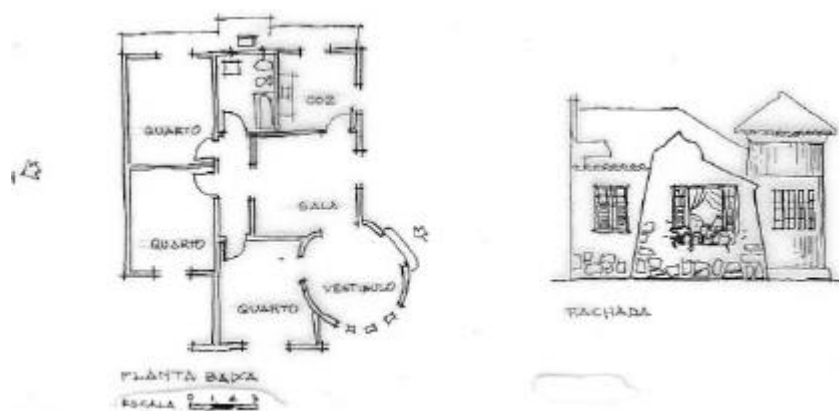


Fig. 55 - Planta baixa de casa térrea localizada no Parque Cruz Aguiar.
Fonte: Arquivo da SUCOM. Desenho: Anete Araujo.

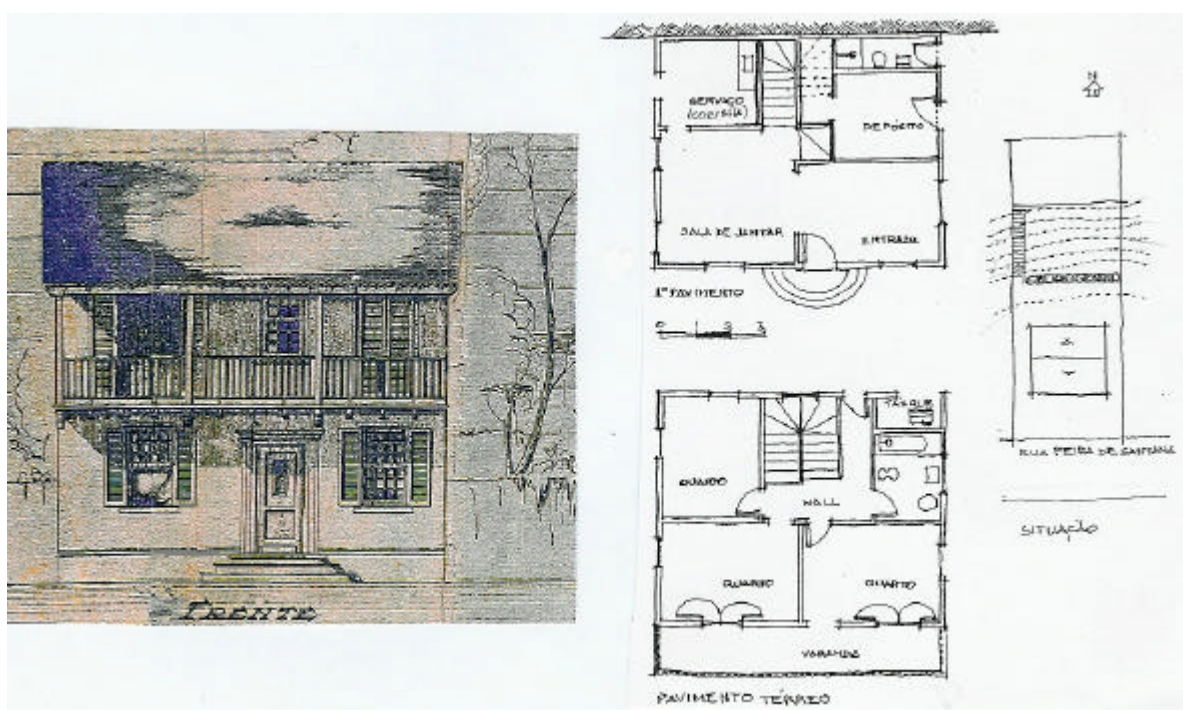


Fig. 56 - Casa em estilo “chalé suíço”, situada na Rua Feira de Santana, no Parque Cruz Aguiar.
Fonte: Cópia de plantas aprovadas pela SUCOM, oferecida pela proprietária.
Desenho: Anete Araujo.

Um dado que se observa nesta casa, e se repete em outras casas do Parque Cruz Aguiar que são implantadas nesses lotes de grande inclinação, é aí evidente: a área de serviço se apresenta segmentada, ou seja, a cozinha se localiza próxima ou ao lado da sala de jantar, as dependências de empregada (quarto e banheiro) estão no lado oposto (ambos no pavimento térreo) e a lavanderia no pavimento superior junto ao quintal, lugar ideal para a secagem de

roupas. No caso em questão, não existe a entrada de serviço a partir da rua, embora o acesso para as dependências fique, em relação à fachada principal, isolada na extrema direita do lote.

Se as plantas das casas mais espaçosas ou de dois pavimentos, possivelmente, por se destinarem a famílias maiores e/ou de maior posses, eram mais elaboradas na sua divisão interna, apresentando diferenciações entre as menores e mais simples, muitas eram idênticas ou espelhadas nas vizinhas sem nenhuma preocupação quanto à orientação solar ou ao relevo do terreno (Fig. 57). Sendo mais baratas, não possuíam dependências de empregada, embora, por menores que fossem, a área íntima ficasse sempre isolada, mesmo que apenas por um pequeníssimo *hall*.⁶⁵⁰

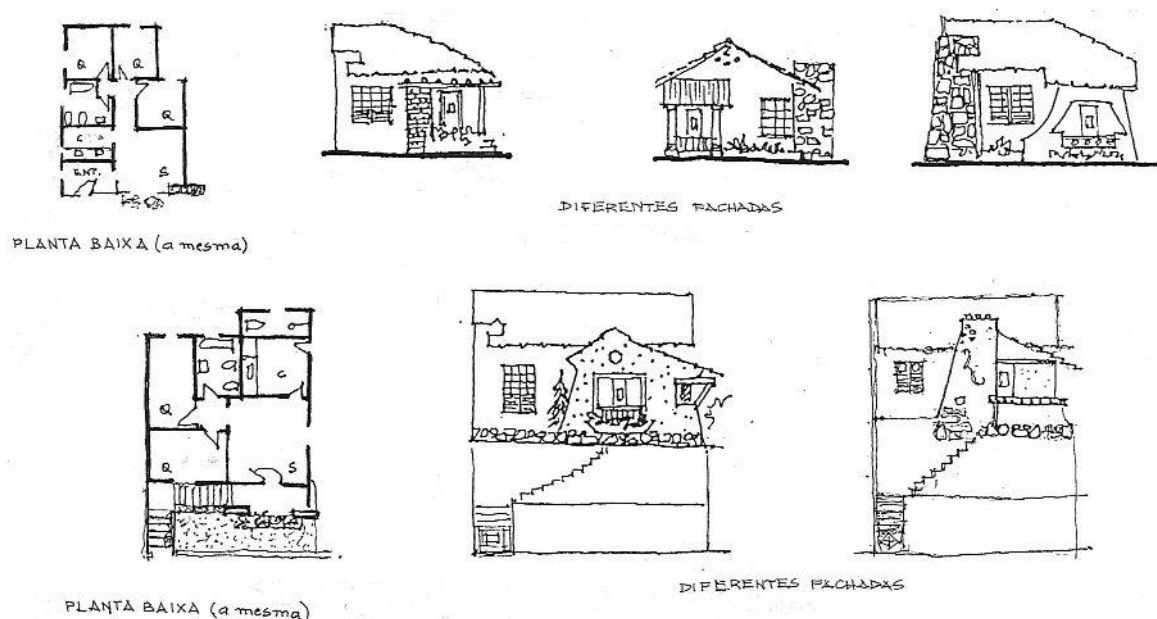


Fig. 57 - Casas térreas, localizadas no Parque Cruz Aguiar: fachadas diferenciadas para arranjos espaciais iguais.

Fonte: Arquivo da SUCOM. Desenho: Anete Araujo.

Do ponto de vista da aparência exterior, contudo, todas possuem um quê de romântico que reforça a influência hollywoodiana e a aspiração da sociedade de investir em uma vida doméstica conservadora.⁶⁵¹ A representação das fachadas nos projetos apresentados para aprovação, encontrados no arquivo, também enfatiza, através do desenho sombreado e da vegetação em torno, esse aspecto romantizado que, parece, caracteriza a própria cultura do período. Porém, como a cultura romântica do século XIX, as variações estilísticas são

⁶⁵⁰ Arquivo da SUCOM, processos nº 1506; nº 15327; nº 15079; nº 151198 e nº 117965, todos de 1948.

⁶⁵¹ Havia uma concentração de casas menores nas ruas localizadas além do Rio Camorogibe. Em março de 1949 o IPASE (Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado) adquiriu cinquenta dessas casas, “prontas para morar”, através de sorteios (talvez o tipo de financiamento que tornou possível a heterogeneidade aludida). Por essa razão o conjunto de ruas naquela área passou a ser conhecido como Conjunto Residencial do IPASE, separado do Parque Cruz Aguiar.

igualmente legítimas e a utilização de um ou de outro “estilo” tem uma finalidade expressiva e ideológica.

Na publicidade, o mesmo recurso romântico é utilizado, como por exemplo, na propaganda da loja de móveis “O Lar”, de Correia Ribeiro&CIA Ltda., veiculada em diversos números da *Técnica* (Fig. 58). Na loja, de desenho moderno, o casal pode tornar seu sonho realizável: adquirir os móveis (no primeiro plano) para a casa de estilo inglês (no segundo), com direito a lua cheia e palmeira ao fundo.



Fig. 58 - Anúncio dos móveis da Loja “O Lar”, propriedade da empresa Corrêa Ribeiro & Cia.Ltda, veiculado em diversos números da *Técnica*, na década de 40.

Julgamos que um mérito - talvez praticado sem intenção, pois o importante no empreendimento é que ele gere lucros, e certamente um estoque habitacional dirigido a vários segmentos da classe média fosse então rentável -, no caso do Parque Cruz Aguiar, foi reunir em um mesmo bairro segmentos sociais, de certa forma, heterogêneos. Casas enormes, principalmente de esquina, com seus altos torreões, se avizinhavam com casas térreas mais modestas, como as ilustradas abaixo, e outras de porte médio. Uma fotografia de 1947 - quando estava se iniciando a ocupação, mostra a Rua Canavieiras interceptando, em primeiro lugar, a Rua Ilhéus (casa de esquina com torreão, vista pelo lado posterior e lateral) em segundo, a Rua Feira de Santana, com dois pequenos *bungalows* e - mais além - um terceiro *bungalow*, na Rua Conquista - ilustra bem essa heterogeneidade (Fig. 59).



Fig. 59 - Rua Canaveiras, vendo a parte posterior da casa com torreão, na esquina com a Rua Ilhéus e ao longe duas casas térreas, na Rua Feira de Santana. Mais além, outra, na Rua Conquista.
Fonte: SALVADOR. FCEB (1988). Foto: 1947.

A partir de 1948, quando uma boa parte dos lotes já estava ocupada, seus moradores - particularmente os jovens, rapazes e moças que formavam grupos dos quais participavam também moradores mais antigos das áreas próximas -, a partir de contatos nos bondes, nas praias de Santana, da Avenida e da Mariquita, e no *footing* na “balaustrada” da Praia de Santana, organizavam jogos de *volley ball* nos terrenos ainda baldios do loteamento ou participavam dos festejos do bairro, cujo ponto culminante era o famoso Bando Anunciador do Rio Vermelho.⁶⁵² Essa vida social, propiciada por uma mudança trazida por um empreendimento dentro de um bairro - de certa forma mais pacato, quase ainda de veraneio - vai ter uma certa relevância na mudança de costumes, na percepção da contradição entre os valores e preconceitos difundidos nas escolas (principalmente nas femininas dirigidas por religiosas), e na possibilidade de novas experiências e contatos sociais, que terão lugar particularmente na década seguinte. Voltaremos a esse tema.

Retornando aos projetos residenciais nos anos finais da década de 1940 a incidência de casas de estilo continua, mas começam a aparecer outros projetos, embora poucos, no arquivo consultado, onde uma estética moderna, já diferenciada do primeiro modernismo dos anos 30, apresenta elementos que serão característicos de uma produção que se desenvolverá a partir dos anos cinquenta.

⁶⁵² Era prática, na Salvador de então, a formação de uma ou mais turmas nos bairros, cujos membros, eventualmente, mantinham contatos com os membros dos outros por estudarem nos mesmos colégios, jogarem nos mesmos clubes esportivos ou a partir dos inevitáveis “namoros”. As turmas do Rio Vermelho, da Barra e de Itapagipe praticavam *volley ball*, *basket ball*, natação, e regatas em clubes situados nesses bairros. O Rio Vermelho teve vocação para os esportes desde a primeira década do século XX, nas mais diversas modalidades. Na área onde foi construído o Loteamento do Parque Cruz Aguiar, antiga fazenda do português João Gomes, além do Hipódromo (Derby Club), havia quadras de tênis e campos de *football*, um deles, chamado de *Ground* do Rio Vermelho, o melhor da cidade, de 1903 a 1920, quando foi construído o Campo da Graça. Por sua vez, o Bando Anunciador do Rio Vermelho (onde rainha, princesas, moças e rapazes, com fantasias diversas, desfilavam em carros alegóricos ou em montarias, uma semana antes do Carnaval) e as festas de Santana e Iemanjá constituíam uma cultura festiva específica no bairro, que propiciava um contato maior entre moças, rapazes e pessoas de faixa etária e segmentos sociais diferentes. Para detalhes ver PORTO FILHO (1991).

6.5.2 A expressão modernista

Comentaremos dois dos projetos elaborados por arquitetos que, na historiografia das residências soteropolitanas, já podem ser considerados como protagonistas mais conhecidos. O primeiro, datado de 1949 (Fig. 60)⁶⁵³ de propriedade de Abel da Veiga Brasil, projetado pelo Prof. Walter Gordilho, agora reatado com alguns elementos ligados à arquitetura moderna e outro, de 1948, da autoria do arquiteto Lev Smarcevsky, para a residência de Jorge Cintra Monteiro, na rua Manoel Barreto, na Graça (Fig. 61).

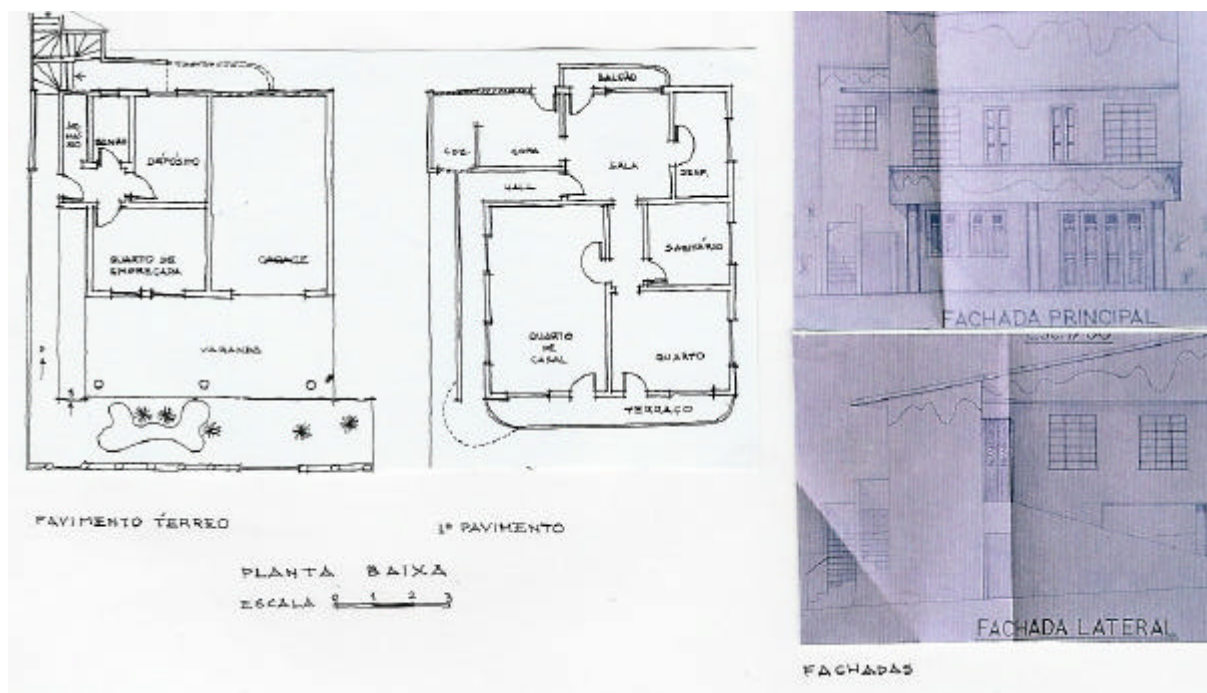


Fig. 60 - Residência projetada por Walter Gordilho, utilizando elementos característicos da arquitetura moderna: varanda com pilotis, terraço em curvas e teto plano (simulado).
Fonte: Arquivo da SUCOM, processo nº 18892/1949.

Certamente que, em planta, o projeto de Walter Gordilho possui peculiaridades em relação aos que vimos até agora, a principal representada por uma espécie de inversão entre a dotação espacial da área social e a de serviço. O quarto de empregada, com 11,60 m², é assumido, não sendo denominado 'depósito' e, espantoso, possui duas janelas de frente, enquanto o acesso à pequena sala, no primeiro andar, é feito através de uma rampa lateral.

Conjugada a uma pequena varanda, a sala está ligada à copa-cozinha de um lado e a uma despensa, colocada do outro lado. Uma pequena passagem leva aos dois quartos (um enorme com 25 m²) e ao banheiro. O acesso à área de serviço também se dá através de uma rampa descendente que, depois de uma passagem, sobe em degraus, pela direita, para a varanda no primeiro pavimento e, seguindo em frente, para o quintal, em descida.

⁶⁵³ Fonte: SUCOM. Processo nº 18892/1949.

A orientação para o poente justifica a grande varanda no térreo e - certamente devido à mesma - a garagem também se localiza na parte frontal.

É esta varanda sobre pilotis, a curva da marquise que cobre a varanda superior e talvez o laguinho, de formas curvas, no jardim em frente, que constituem os elementos mais explícitos referentes à arquitetura moderna. O resultado como um todo, entretanto, conduz mais àquela aparência formal denominada estilisticamente de “funcional”, não sendo possível identificar nem em planta, nem no aspecto formal, princípios modernos mais convincentemente aplicados, seja do ponto de vista estrutural, funcional ou estético.

O projeto de Smarcevski foi publicado na *Técnica*, nº 27, de 1948, em um artigo escrito pelo próprio arquiteto, acompanhado de fotografias, plantas e desenhos.

Apelidada de Casa Funcional, a contragosto do autor, o projeto de Smarcevski (Fig.61)⁶⁵⁴ é um exemplo de utilização dos princípios da arquitetura moderna residencial que já vinham sendo, há uma década, aplicados em outras cidades do país.⁶⁵⁵

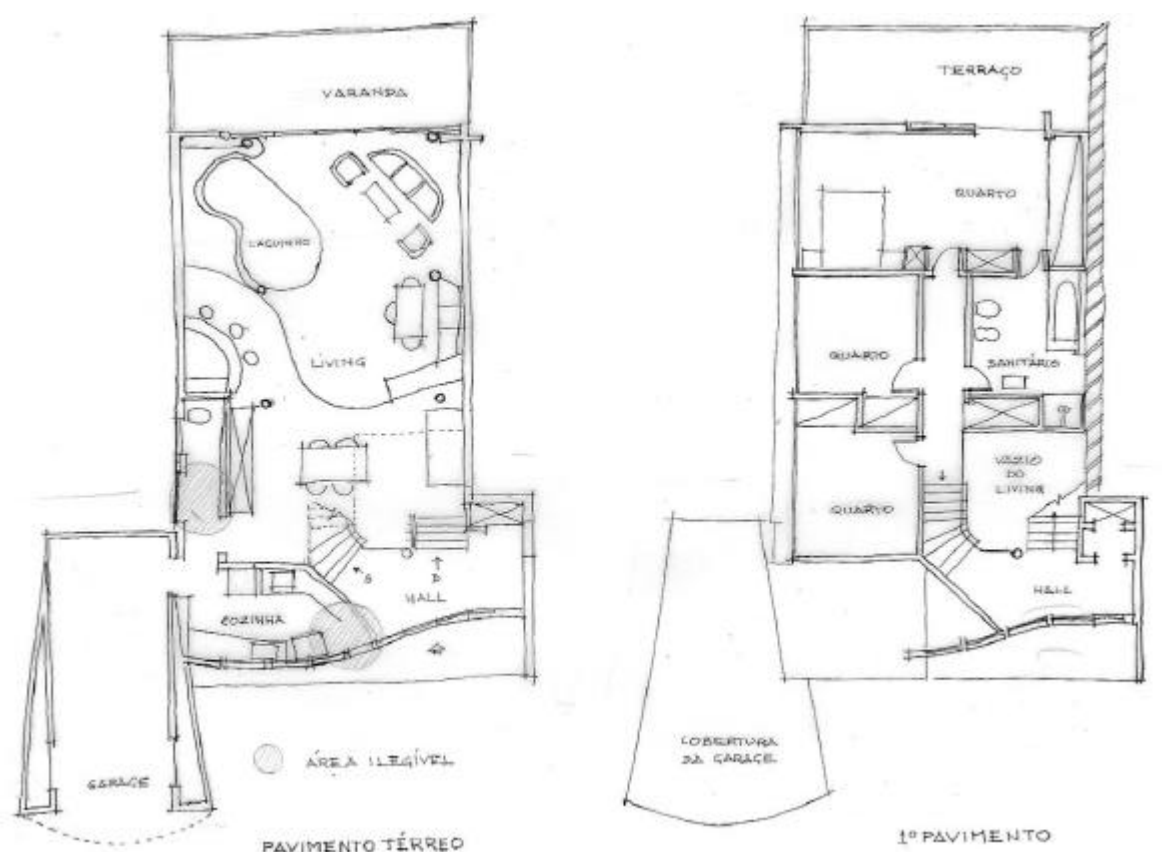


Fig. 61 - Planta baixa da casa projetada Lev Smarcevsky (1948), situada na Graça e demolida em 2001. Fonte: *Técnica* nº 27, 1948. Desenho: Anete Araujo.

⁶⁵⁴ Não foi possível identificar a disposição da área de serviço do projeto em questão. A planta está ilegível em alguns trechos e o pavimento térreo está invertido, defeito este facilmente sanado.

⁶⁵⁵ Ver BRUAND (1981) e SEGAWA (1998).

O projeto inclui dois pavimentos, e o acesso principal se dá a partir de um *hall* no piso ao nível da rua, o qual conduz, descendo um lance de escadas, para o setor social e de serviço (?) e, subindo, ao setor íntimo, com três quartos, um sanitário e o indispensável corredor como espaço mediador.

Caracteriza o partido: primeiro, a orientação binária frente-fundo presente nos projetos anteriores (que no exemplo acima já fora subvertido) desaparecendo a antiga conotação de valorização e desvalorização daquela dicotomia (salas na frente, cozinha atrás), e segundo, o jogo de volumes onde se destaca a forma trapezoidal correspondente à garagem, conseguida através de um artifício em planta.⁶⁵⁶ O autor se refere ao “cuidado com a composição estética, sua seção parabólica combinando, admiravelmente, com as linhas retilíneas do corpo principal”. As colunas inclinadas, de secção retangular variável, utilizadas na fachada voltada para o Chame-Chame - cuja paisagem então verde e exuberante, era descortinada a partir do *living*- ilustradas no artigo, “impressionam pela leveza e ousadia de detalhes” (Fig.62). Smarcevski não economiza as qualidades do modernismo aplicadas no projeto, procurando realizar “um estilo totalmente funcional, onde todas as formas de concreto, mesmo as que aparentemente são puramente ornamentais, tomam parte ativa na estrutura da casa” como, por exemplo, “a treliça da fachada que serve de apoio à laje inclinada” (Fig.63)⁶⁵⁷. A solução da casa como um todo, reforça ele, “foi a mais lógica, dispensando muros de arrimo, e tornando mínimo o movimento de terra”.

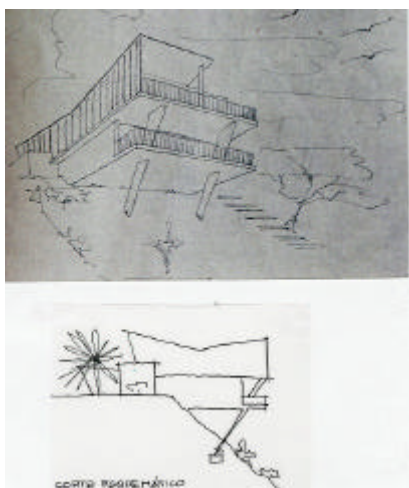


Fig. 62 - Fachada posterior dando para o vale do Chame-Chame

Fonte: Técnica nº 27, 1948. Foto: Acervo DOCOMOMO. Desenhos do autor.

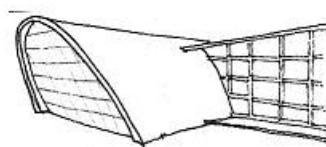


Fig. 63 - Articulação da garagem com o corpo da casa

⁶⁵⁶ Este artifício consta do projeto encontrado na Técnica e é representado por dois cômodos triangulares, muito estreitos. Parece que, durante a construção, os cômodos foram eliminados sendo substituídos por duas paredes laterais inclinadas, segundo foto tirada antes da demolição em 2001. A cobertura em curva parabólica e a parede frontal inclinada para frente, se não houve uma intervenção posterior, também parece que foi substituída por laje e parede planas.

⁶⁵⁷ A foto da fachada data de 2002; mostra, na entrada, propagandas da empresa imobiliária que demoliu a casa para construir um edifício de apartamentos.

A concepção espacial interna, correspondente ao *living room* envidraçado - espaço social de uso flexível, onde ambientes de estar, um bar, ambientes para refeição e descanso, sem faltar o “laguinho”... - vai constituir uma solução completamente inovadora em relação a tudo o que foi visto até agora. O projeto incorpora, pela primeira vez, o princípio da planta livre, o principal entre os cinco pontos da arquitetura moderna - segundo formulação de Le Corbusier. Também na representação do *living*, o arquiteto não deixa dúvidas quanto à influência que sofreu: no croquis de sua autoria, o ângulo de visão e até o traço e detalhes, remetem aos desenhos de interiores do arquiteto franco-suíço (Fig. 64).

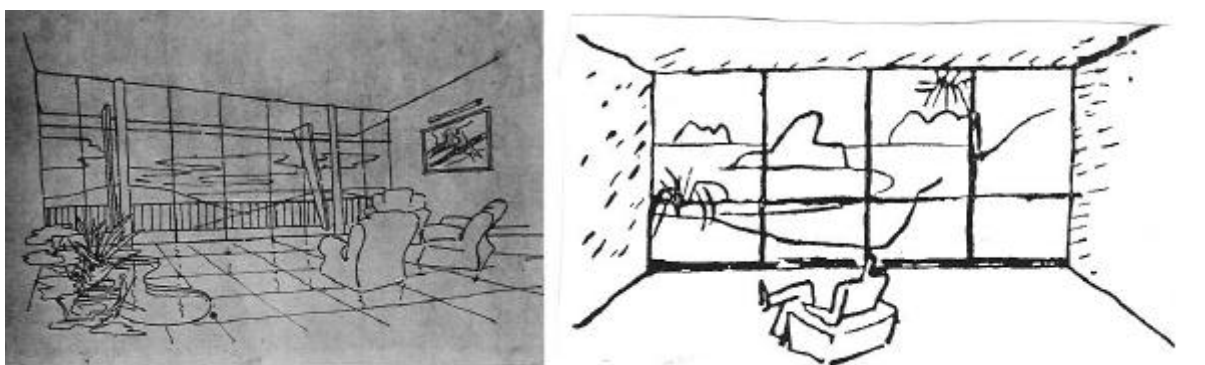


Fig. 64 - Transparência interior / exterior: a esquerda, desenho de Smarcesky e a direita, desenho de Le Corbusier, em “La Maison des hommes” (1942)
Fonte: Técnica nº 27 (1948) e Colomina, Beatriz (1992) p.118.

A incorporação do espaço exterior e da paisagem à arquitetura que, segundo Reis Filho, no Brasil, quebra um entrave de quatro séculos, foi absorvida - finalmente - com bastante atraso pela arquitetura residencial em Salvador.⁶⁵⁸

A cozinha também dispõe de aparato moderno, representado pelos armários e pela funcionalidade na localização dos equipamentos e na circulação para a área social. A zona íntima, isolada, à qual se chega por meio de um lance de escada, segue a disposição convencional, os armários embutidos constituindo também elementos de funcionalidade.

Além do aproveitamento máximo dos materiais - na expressão do autor, “tirando tudo que eles podem dar” - outras características fazem do projeto de Smarcevski o primeiro exemplo de casa, em Salvador, onde a arquitetura moderna quer se expressar por inteiro: além dos aspectos observados quanto à preocupação formal na articulação dos volumes que compõem a casa, o telhado em duas águas convergentes no centro e a utilização de amplos panos de vidro, treliças, *brise soleil* e espaços de uso flexíveis - foi projetado um o laguinho

⁶⁵⁸ REIS FILHO (1970), p.78.

no *living*, quase prosaico - o qual confirma a suspeita de que, de certa forma, o arquiteto quis fazer da casa uma mostruário da arquitetura moderna.

A casa de Smarcevsky por outro lado, na sua concepção espacial, vem indicar também um jeito novo de morar que, comparado com os exemplos anteriores, expõe, pela primeira vez, as mudanças sofridas no século XX, redimensionando a funcionalidade do espaço doméstico - particularmente no que diz respeito à área social: espaço flexível em que os membros da família podem exercer atividades diferentes ao mesmo tempo, onde visitas não são recebidas em salas especiais (embora exemplos anteriores já apontassem neste sentido) e onde os espaços interno e externo se confundem através da transparência permitida pelos panos de vidro. O setor íntimo e as dependências de empregada (que nem aparecem no projeto divulgado na *Técnica*), continuam, contudo, separados.

Mais ou menos do mesmo período, foram encontrados, no arquivo da SUCOM, projetos utilizando uma composição formal que lembram as casas modernistas dos anos 30, contudo sem a mesma qualidade plástica daquela. Escolhemos duas casas de dois pavimentos e outras duas térreas, geminadas, como ilustração.

As de dois pavimentos são datadas de 1947. Uma delas não dispõe de varanda e abriga duas unidades habitacionais enquanto a outra possui uma varanda em volta da casa, em forma de “U”.

A primeira, situada na Rua Machado Monteiro, nos Mares (Fig. 65), de propriedade de Francisco Assis, que certamente construiu as casas para aluguel (outros processos indicam seu nome como proprietário), é projeto do engenheiro civil Manoel Pontes Tanajura.

Com disposição espacial muito simples, os quartos encontram-se diretamente voltados para uma sala - uma exceção quanto ao ausência de isolamento da área íntima.⁶⁵⁹ Uma única dependência de empregada está isolada da casa e, por caberem duas camas, talvez fosse comum aos dois apartamentos.

Na fachada, também simples, vêem-se as duas portas, independentes, que conduzem aos *halls* de entrada. Janelas em basculantes de ferro, retangulares e circulares (escotilhas) dão o tom modernista enquanto a platibanda, com recortes em alturas diferentes, esconde o telhado de duas águas, visível - contudo - na sua parte mais alta.

⁶⁵⁹ Fonte: SUCOM. Processo nº 342...(ilegível) /47

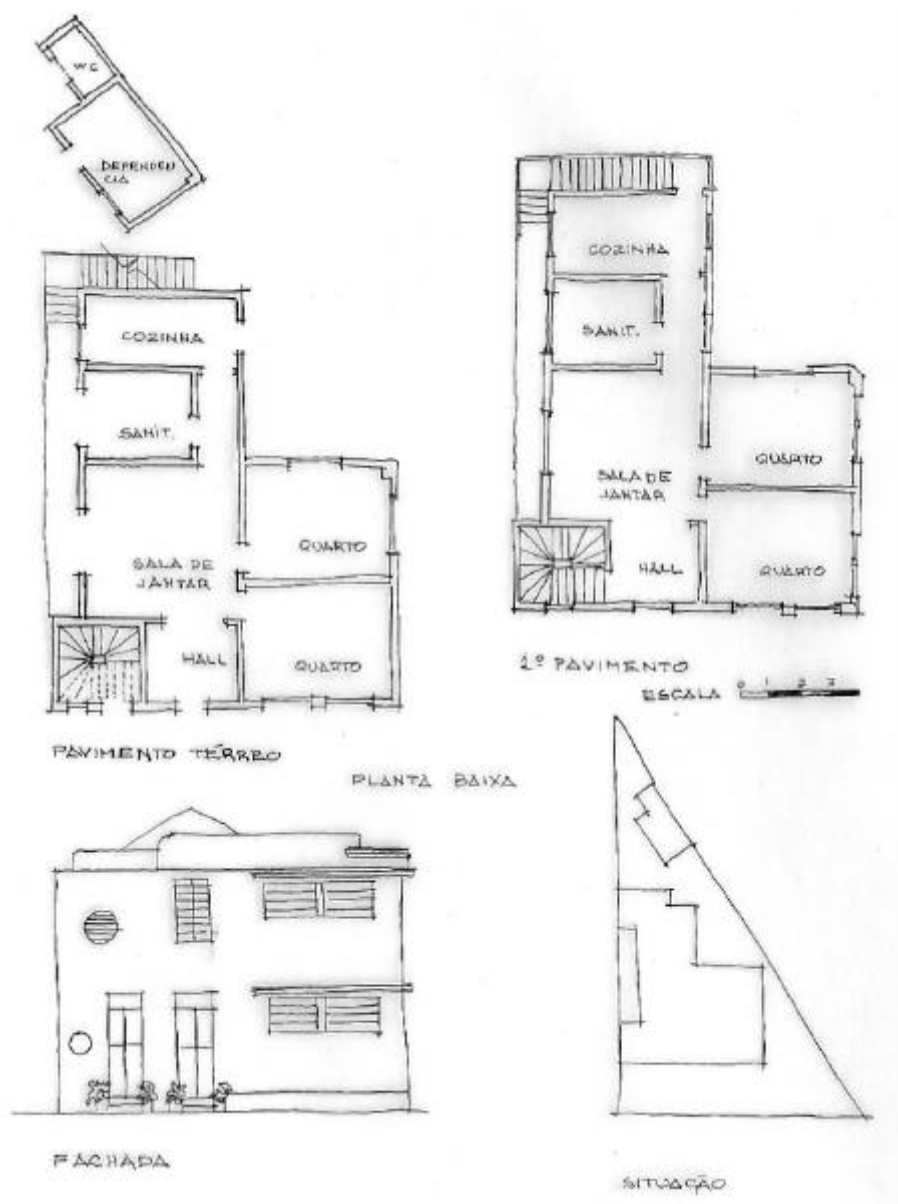


Fig. 65 - Casa com uma residência em cada pavimento, localizada nos Mares (1947).
Fonte: Arquivo da SUCOM. Desenho: Anete Araujo.

O outro projeto, bem maior, localizado na Rua Lord Cochrane, na Barra⁶⁶⁰ é da autoria de Higinio Correa.⁶⁶¹ Apresenta duas salas de visita, salas de jantar e de costura, além da copa-cozinha no pavimento térreo e quatro quartos no primeiro andar, distribuídos de um lado e do outro do *hall* da escada. Em frente ao *hall* está o sanitário, sem a indicação das peças, o que ocorre em muitos projetos. A localização do setor de serviços (e da garagem) repete o modelo convencional, isolada no fundo do lote, em uma edícula, perpetuando uma característica que - como vimos - vem do final do século XIX (Fig. 66).

⁶⁶⁰ Fonte: SUCOM. Processo 3258/1947

⁶⁶¹ Higinio Correa é um dos projetistas cujo nome aparece em dezenas de projetos de todos os tipos. Certamente ele foi um dos profissionais que adotou a prática de assinar projetos executados por pessoas não credenciadas para efeito de aprovação na Prefeitura.

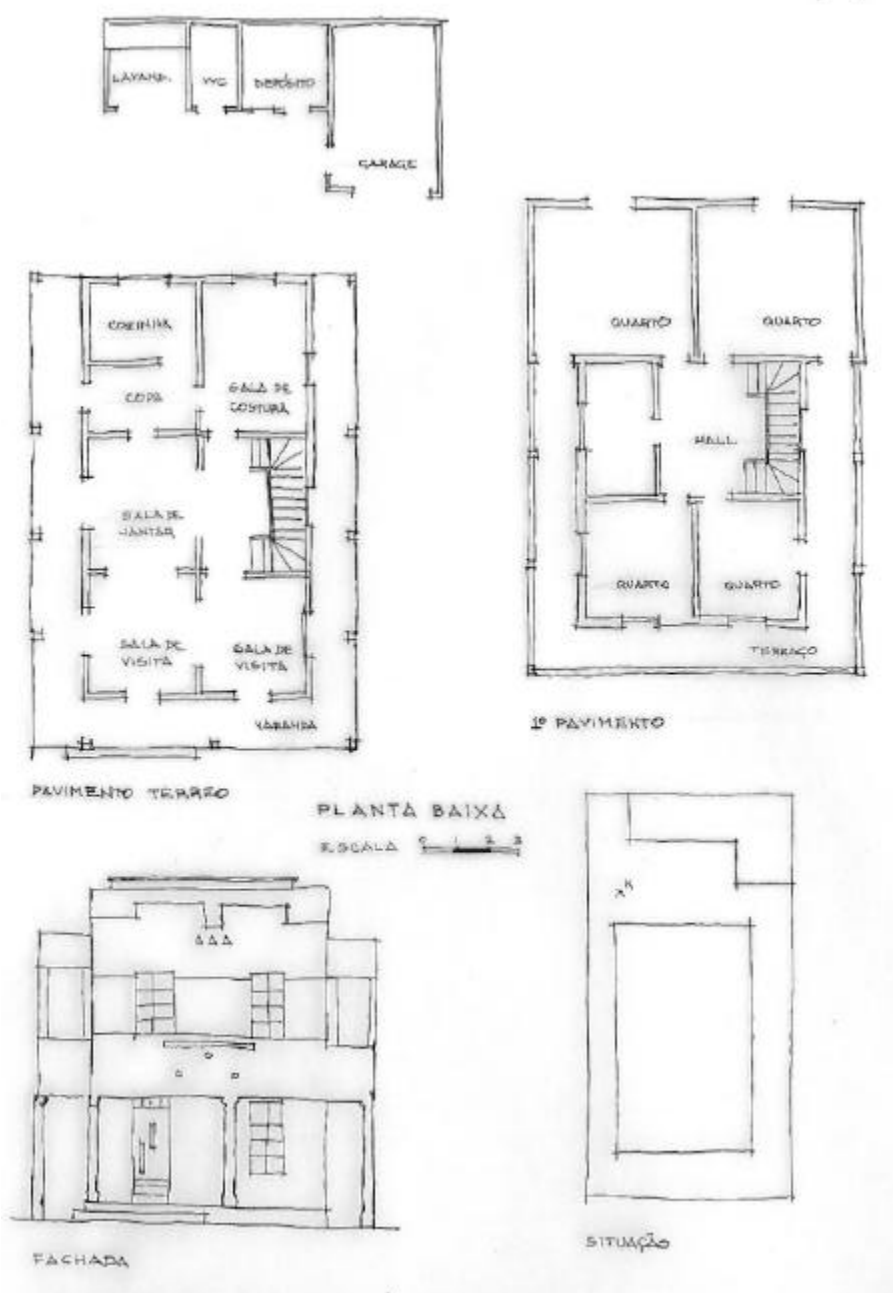


Fig. 66 - Casa situada na Rua Lord Cochrane, na Barra, da autoria de Higinio Correa.
 Fonte: Arquivo da SUCOM. Desenho: Anete Araujo.

A varanda, referida acima, em forma de “U”, se desenvolve nos dois pavimentos. O telhado se utiliza de laje plana, o pé direito do corpo da casa sendo mais alto que o da varanda. A fachada termina resultando em uma composição com certo movimento, devido ao corpo recuado da casa nas partes laterais e frontal, e as varandas dão uma aparência de casa de veraneio, solução pouco comum se comparadas com as demais.

As colunas de sustentação da varanda não são retas e lisas, ou seja, não podem ser consideradas como pilotis e sim como uma versão estilizada de colunas clássicas, com base e capitel.

Casas de veraneio aumentam em número nos últimos meses de 1949, principalmente no bairro de Amaralina (no trecho que ficou conhecido como Ubaranas) e na Pituba. Nos processos, algumas delas são identificadas como casas “*typo week end*” (sic). A utilização do termo em inglês certamente funcionava como símbolo de *status* que a casa de veraneio trazia para seu proprietário.

Geralmente dispendo de varandas em um ou mais lados, essas casas raramente apresentam elementos de expressão moderna, embora modelos híbridos aconteçam. A casa “*typo week end*” de Joaquim Netto, projetada por Afonso Rodamilans, e localizada na Rua Manuel Dias da Silva, na Pituba, Quadra XII, nº 6 (Fig. 67)⁶⁶² possui esquadrias de metal, linhas retas e telhado de pequeníssima inclinação (não dá para identificar o material).

É interessante notar que embora denominada de “veraneio” a casa possui gabinete e sala de costura. A característica principal é a grande sala -, aliás dado comum nas casas de veraneio - e a escada curva que se inicia na sala e desaparece por trás da parede até alcançar a zona íntima no primeiro andar.



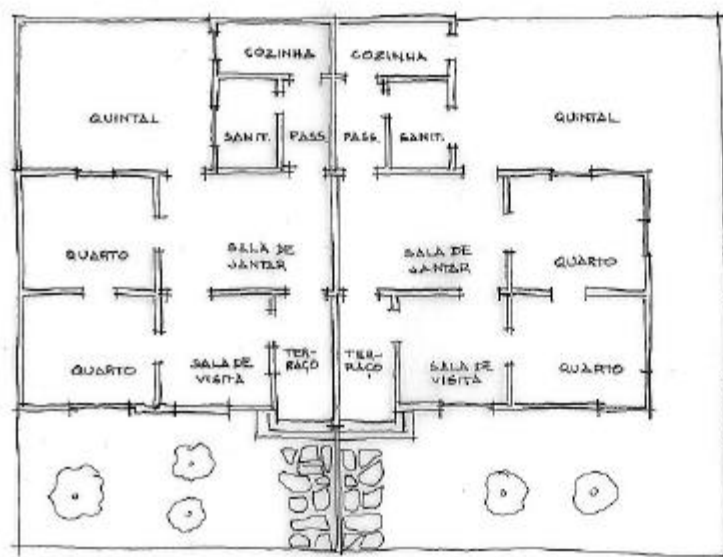
Fig. 67 - Casa de veraneio, na Rua Manuel Dias da Silva, Pituba, projeto de Afonso Rodamilans.
Fonte: Arquivo da SUCOM. Desenho: Anete Araujo.

A ocupação da Pituba, a partir do loteamento - referido no Capítulo 5 - vai ser principalmente de casas térreas ou de dois pavimentos. Em um período de tempo muito curto, para o lamento dos seus moradores, o bairro - de baixa densidade - passou a se transformar a partir da construção de inúmeros edifícios de apartamentos.

Entre as casas térreas geminadas, embora seja uma tipologia rara entre os processos consultados, merece menção a localizada na Rua Paraguassú, em Mont Serrat, tanto pelos elementos de composição abstrata na fachada e esquadrias metálicas que lembram as casas dos anos 30 -, como também por disfarçar a simetria do conjunto. O disfarce, sutil, deve-se à mudança da posição das esquadrias dos quartos, a pequenos detalhes retilíneos de massa na

⁶⁶² Fonte: SUCOM. Processo 17209/49

fachada e às alturas diferenciadas na platibanda. As casas apresentam quartos voltados para as salas e não possuem dependências (Fig. 68).⁶⁶³ De propriedade de Wanda Neli, a construção foi da Companhia Administração Garantida Bahiana que, conforme exposto, construía casas para venda ou aluguel em diferentes pontos diferentes da cidade.



PLANTA BAIXA



FACHADA



SITUAÇÃO

Fig. 68 - Residências geminadas em Monte Serrat, construção da Companhia Administração Garantida Bahiana.

Fonte: Arquivo da SUCOM. Desenho: Anete Araujo.

Vale acrescentar que, em alguns bairros centrais e nos bairros da Cidade Baixa, (como Penha, Mares e Ribeira), casas populares vão ser construídas nos lotes estreitos - herdados dos tempos coloniais, a partir de 1945. Elas continuam repetindo a disposição espacial tradicional, incluindo o puxado e a alcova. Contudo, por influência da simplicidade apregoada pela

⁶⁶³ Fonte: SUCOM. Processo nº 18025/1949.

arquitetura moderna, a maioria apresenta fachada simples com elementos geométricos cruzados, por vezes balcões curvos e algumas possuem vigias de navio - a exemplo da casa de José Porfírio de Souza, de 1945, projetada por Antonio Valentim Ferreira, situada na Rua Barão de Cotegipe, ilustrada abaixo (Fig. 69).⁶⁶⁴ Outras, ao contrário, construídas em lotes pouco profundos, como a ilustrada na Figura 70⁶⁶⁵, são compactas e aproveitam ao máximo o terreno disponível. Apresentando solução engenhosa na circulação, consegue - no exíguo *hall* central - manter a aspirada privacidade dos dormitórios, embora o banheiro seja externo. A fachada pretende representar algo de moderno, que a diferencie das casas de porta e janela do passado.

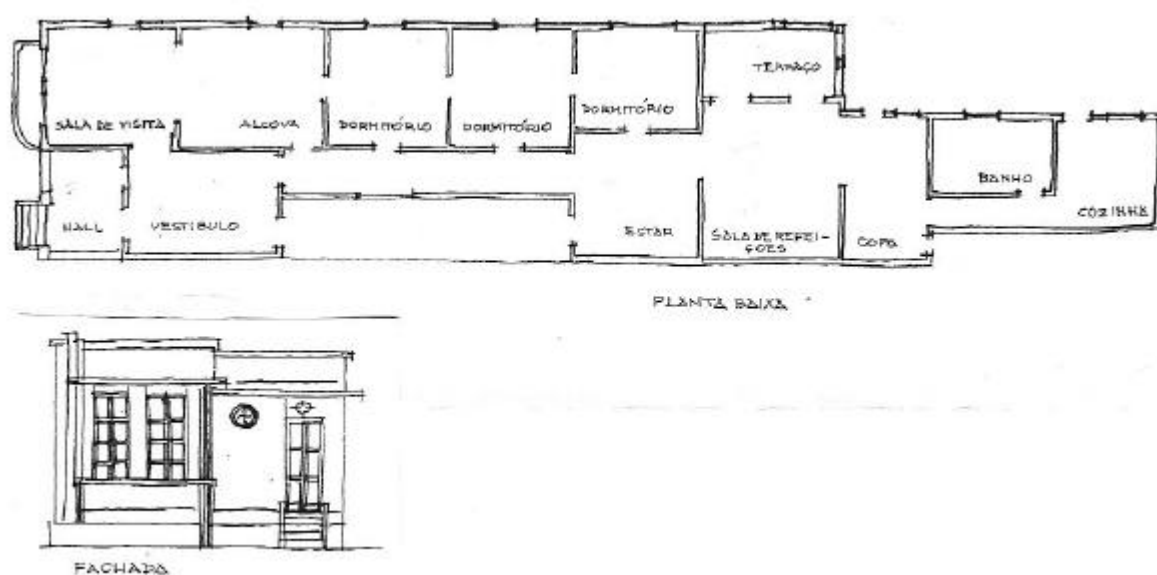


Fig. 69 - Casa térrea na Rua Barão de Cotegipe, versão popular da estética modernista.
Fonte: Arquivo da SUCOM. Desenho: Anete Araujo.

Esses lotes eram ainda comuns na cidade. Os mais estreitos, localizados nos bairros populares, eram ocupados, cada dia mais, pelas casas proletárias de tipos variados, indicados pela Prefeitura.

O Conjunto Residencial Salvador, para habitação popular, foi a realização de destaque, tendo sido o primeiro onde foram aplicados os princípios da arquitetura modernista em Salvador. Implantado pelo antigo IAPI - Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários - um dos IAPs que, em outras cidades do Brasil, constituíram grandes empreendimentos, seu projeto é de 1948.

⁶⁶⁴ Fonte: SUCOM. Processo nº 19001/1945.

⁶⁶⁵ Fonte: SUCOM. Processo nº (ilegível) 1949.

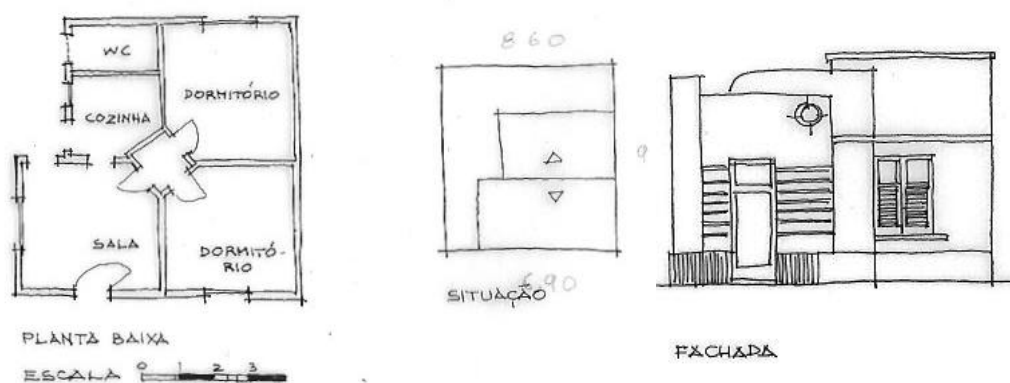


Fig. 70 - Casa popular, de gosto “moderno”, localizada em terreno de dimensões mínimas,
Fonte: Arquivo da SUCOM. Desenho: Anete Araujo.

Construído na época em uma grande área verde, ainda sem ocupação (hoje existem vários bairros populares em sua volta), abandonou a noção tradicional de rua, numa adequação ao modelo *Zeilenbau*, implantando paralelamente os cinco prédios de que é composto e agenciando paisagisticamente os espaços entre os prédios, onde inexistiam delimitações entre espaços público, semi-público e privado (Fig. 71).

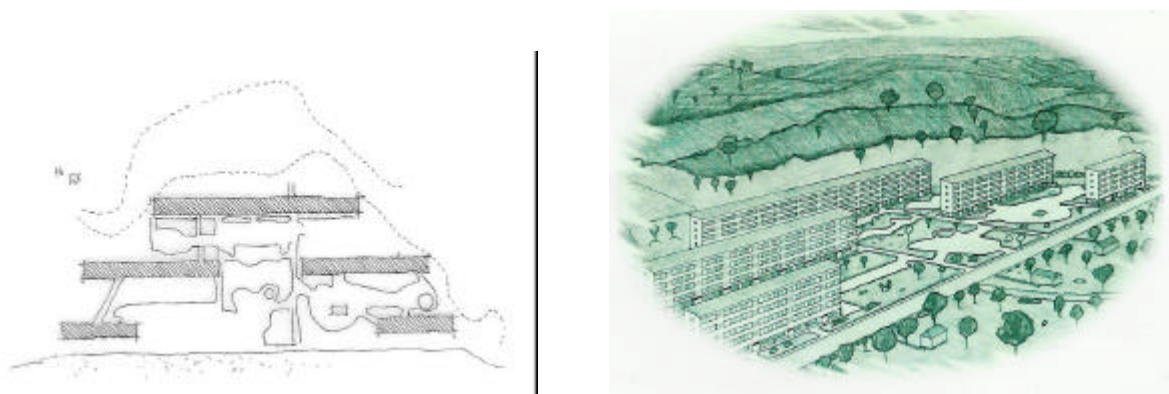


Fig. 71 - Planta de situação e perspectiva do projeto original do Conjunto Residencial Salvador (1948).
Fonte: Trabalho Final de Graduação de Luís Cláudio B. de Carvalho.

Embora as divisões internas dos apartamentos obedecessem às zonas tradicionais - dividindo as áreas social e íntima (com variação no número de quartos) - as lavanderias eram comuns, e localizadas alternadamente no eixo central do *play ground* de cada prédio.⁶⁶⁶

Do outro lado do espectro social, as residências uni-domiciliares ou pluri-domiciliares vão - até o final de 1949 - continuar repetindo os padrões de moradia e estética dos anos anteriores. É o que observamos no edifício moderno - construído na Avenida Presidente

⁶⁶⁶ Segundo depoimentos dos moradores do conjunto, que só foi inaugurado em 1951, essas lavanderias funcionaram durante um período e depois foram se esvaziando. Os moradores, aos poucos, iam incorporando tanques de lavar no interior de suas moradias. A fonte de informação foi o projeto de TFG de Luis B. de Carvalho, acima mencionado, sobre Recuperação Patrimonial do Conjunto Residencial Salvador (2000)

Vargas - um prédio de quatro apartamentos por andar⁶⁶⁷ (Fig. 72), de propriedade de Vidigal Freitas Guimarães e na mansão neo-colonial de Hermann Overbeck, localizada na rua Marquês de Caravelas, na Barra (Fig.73).

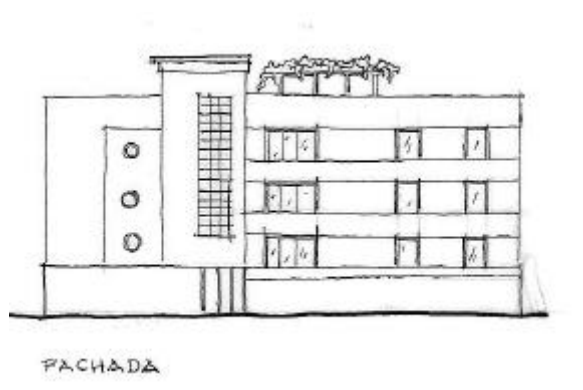


Fig. 72 - Edifício de apartamentos, situado na Avenida Presidente Vargas, construção de Adolfo Freire de Carvalho (1949).

Fonte Arquivo da SUCOM. Desenho: Anete Araujo.

O edifício - cuja construção teve Adolfo Freire de Carvalho como responsável técnico - possui, além dos elementos volumétricos e plásticos do modernismo, uma grande esquadria vertical (correspondente à caixa de escada) e uma pérgula na laje de cobertura - representada, no desenho, coberta por uma vasta trepadeira e elementos vegetais característicos do terraço-jardim.

A casa, projeto do engenheiro Humberto Lemos Lopes, apresenta dois pavimentos e segue a divisão tradicional em setores. No térreo, uma grande varanda com arcadas cerca a área social, enquanto a área de serviço fica isolada no lado sul. Uma escada em curva leva à zona íntima no primeiro pavimento, onde estão localizados os quartos, o banheiro e um *closet* - que serve ao quarto maior, certamente o dos pais (Fig. 73).⁶⁶⁸

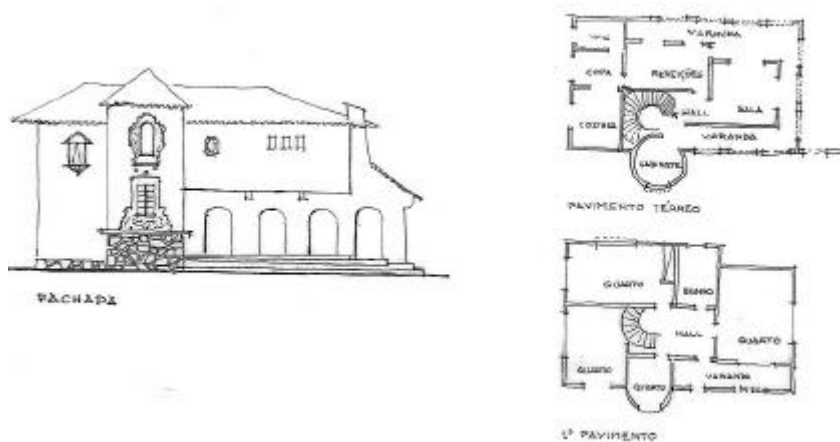


Fig. 73 - Mansão na Barra, projetada por Humberto Lemos Lopes (1949).

Fonte: Arquivo da SUCOM. Desenho: Anete Araujo.

⁶⁶⁷ Fonte: SUCOM. Processo nº 19569/1949

⁶⁶⁸ Fonte: SUCOM. Processo nº 17178/1949

Considerando a grande número de projetos residenciais para as classes média e alta, elaborados na segunda metade de 1940 - seja de casas de estilo, as quais continuam sendo construídas até o fim da década (e adentrando os anos 50), seja dos poucos exemplares de arquitetura moderna - observa-se que a disposição espacial interna ainda está em consonância com o modelo de divisão em três setores e apresenta as duas entradas - social e de serviço.⁶⁶⁹ Esse agenciamento confirma a tese de que, em Salvador, apesar da evolução dos modos de vida, a expressão modernista na arquitetura residencial reforçou os princípios programáticos e de funcionalidade da cultura arquitetônica burguesa, construída ao redor do paradigma da família nuclear, estabelecido no século XIX.

Diante do exposto, fica confirmada a idéia de que o lar da classe média, no seu espectro mais amplo, vai assumindo cada vez mais seu lugar como palco em que se consolidou o drama da diferenciação social e de gênero. Organizado para expor os bens materiais, como também a eficiência e a propriedade da casa, o lar da família nuclear além de esconder o trabalho doméstico e a intimidade familiar, reforçava hierarquias de poder e o controle de acesso ao espaço privado - a mulher exercendo um papel chave no sucesso desse empreendimento grupal. E se, dentro da casa, a manutenção de modelos de comportamentos e valores - em função dos papéis sociais e familiares - reforça a definição de espaços masculinos e femininos, no mundo público o acesso ao conhecimento pelas mulheres é bastante limitado, perpetuando as diferenças de *status* entre os gêneros.

A preparação daquela que vai ser educada para abdicar dos seus desejos, no sentido de cumprir, nos espaços privados, a tarefa que lhe cabe na sociedade - vai incluir a educação “formal” nos colégios religiosos e leigos da cidade.

6.6 O papel e a educação da mulher a partir de 1945

O processo de re-domesticação da mulher, ocorrido nos Estados Unidos e na Europa, segundo relato anterior, vai encontrar no Brasil a sua versão na forma de pressão ideológica, conduzida no sentido de reforçar a idéia da casa como o lugar da mulher - representada principalmente pela mãe em horário integral.

Para isso, contribui a campanha da imprensa escrita e falada – inspirada em grande parte em idéias científicas, embora vulgarizadas, representadas particularmente pela psicanálise freudiana que passa a ser difundida depois de 1945.⁶⁷⁰ Essa campanha se articulava em torno da noção de “natureza feminina” e tinha como fundamento básico a maternidade, ou seja, o destino biológico inescapável - uma vez que formulado em termos de

⁶⁶⁹ Ver Capítulo 2, p. 40.

⁶⁷⁰ COUTINHO (1994) p.95.

instinto maternal. Revistas e artigos em jornais difundiam a imagem da boa mãe, o anjo do lar, enquanto divulgavam os problemas e sofrimentos das crianças cujas mães trabalhavam fora de casa. Como essa pressão ideológica - que incidia sobre as mulheres do continente europeu e dos Estados Unidos - era exercida através de médicos, psicólogos e educadores, os quais publicavam livros sobre os cuidados com os bebês e as crianças, Coutinho chama a atenção de que as velhas idéias do papel e da posição da mulher na sociedade recebiam agora novas formulações científicas. Assim, se eram diplomadas, deviam exercer a profissão apenas enquanto solteiras, para evitar os estragos a que estariam sujeitas as “crianças abandonadas” por mães egoístas ou narcisistas, “mais preocupadas com suas vidas do que com as dos filhos”.⁶⁷¹ Para a autora, essas novas formulações das velhas posturas e atitudes a respeito do papel da mulher e da importância da mãe na criação dos filhos eram decorrentes da sua relação legal com os maridos, e não da sua escolha pessoal.⁶⁷²

Contudo, diante das evidências observadas na bibliografia consultada, parece difícil que ocorresse de outra maneira, pois um elemento indispensável para a obediência da mulher aos preceitos morais da sociedade que a forjava, era a educação que lhe era transmitida, primeiro pela família, depois pela escola e pela estrutura da própria sociedade à qual pertencia.

Foram as estratégias da Igreja dirigidas à família e à escola que viabilizaram a “construção” dessa mulher, em uma ação que remonta ao início da República e que resultou na definição de uma política educacional católica de amplo alcance, com a implantação de escolas confessionais em todo o país. O Padre Leonel Franca foi expoente do pensamento católico no debate nacional sobre educação naquela conjuntura. Com o passar das décadas a família “continuou recebendo um tratamento religioso católico, com fortes conotações europeizadas, calcadas na idéia de família-padrão, higienizada e patriarcal, com presença marcante do moralismo e do controle sexual típicos desta matriz ideológica.”⁶⁷³

Em Salvador, dos muitos estudos e pesquisas que foram feitos sobre a educação dos jovens em geral - e das moças em particular -, aqueles concentrados na educação ministrada nos colégios dirigidos por religiosas são exemplares na constatação de que “sair dos eixos” (quanto a pensamentos discordantes ou comportamentos rebeldes) era raro, embora não impossível, até porque estratégias de alianças eram montadas por aquelas mais “desobedientes” no sentido de, resistindo, se protegerem.⁶⁷⁴

⁶⁷¹ Idem p.98

⁶⁷² Idem p.99

⁶⁷³ NEDER (1994) p.26.

⁶⁷⁴ Os estudos contemporâneos, só muito recentemente, com a crise do Estado, têm se dedicado, sob a influência de Michel Foucault, à abordagem da família enquanto um dos micro-poderes, identificando essas resistências e a omissão historiográfica do seu registro.

Embora sem um aprofundamento maior, é interessante observar os efeitos que essa educação vai provocar na construção da identidade das baianas da classe média e alta.⁶⁷⁵ Aqui usaremos dois exemplos de educandários, um dirigido por religiosas: o Colégio Nossa Sra. das Mercês e outro leigo, mas calcado nos valores morais católicos e de importância fundamental na educação e preparação das jovens soteropolitanas: o Instituto Feminino da Bahia.

A escola, em geral, na Salvador dos anos 30 e 40, era vista como complemento importante na formação dos filhos. A educação das ursulinas, no Colégio Nossa Sra. das Mercês, por exemplo, transmitia o ideal de uma escola como sendo uma família espiritual, onde deviam ser praticadas as mesmas virtudes do lar, a família - apesar de responsável pela educação da prole - não se achava capaz de responder totalmente a ela. Como a sociedade civil só tinha meios para conduzir os homens ao bem temporal e material, só a Igreja, por ser sobrenatural e universal, seria capaz de conduzir os homens, sem erros, à salvação.⁶⁷⁶ Passos afirma que a mulher era vista como a redenção da sociedade, sendo educada para evitar a delinqüência e a dissolução das famílias. Sua formação pessoal era dada no sentido de instruir a inteligência, a vontade e o coração (resistindo aos perigos e às seduções do mundo), visando formar mulheres fortes, completas, íntegras e profundamente cristãs. No caso de “ato faltoso”, a vergonha da punição acabava identificando-o com o próprio castigo, evitando-se assim praticá-lo.

Por outro lado, o “Eco das Mercês”, jornal fundado em 1925 pelas alunas do Colégio - um espaço que poderia representá-las e que teve seu apogeu na década de 1940 -, nunca esteve sob o controle das mesmas. As professoras participavam do corpo editorial do jornal e o controle sobre o que deveria ser publicado ficava nas mãos das freiras.⁶⁷⁷

Nos demais colégios católicos, a educação das moças não era muito diferente. Nas entrevistas realizadas por Passos, com ex-alunas, uma constante nos depoimentos da maioria é

⁶⁷⁵ A maioria das famílias do extrato médio e alto aspirava matricular seus filhos em colégios dirigidos por religiosos, freiras ou padres. Entre os femininos destacavam-se o N. Sra. das Sacramentinas e N. Sra. das Mercês. Dentre os particulares e femininos, o Colégio Sophia Costa Pinto, o Colégio N. Sra. Auxiliadora, de D. Anfrísia Santiago e o Instituto Feminino da Bahia eram os preferidos da elite soteropolitana. O Colégio 2 de Julho, antes denominado Gymnasio Americano, pois foi fundado por missionários protestantes americanos, era misto mas também bastante procurado, até mesmo porque recebia, sem restrições, estudantes judeus, uma vez que não ministrava aulas de religião, só obrigando aos alunos e alunas internos a freqüentar rituais religiosos. Entre os colégios leigos mistos, a maioria era de ensino público, o Ginásio da Bahia sendo o melhor e mais procurado. O Instituto Normal (ICEIA) também público, formava as professoras baianas. Funcionava em Nazaré até 1940. Depois foi para o Largo do Barbalho onde, desde 1937, funcionava o Instituto de Educação. Essas informações estão principalmente em Costa Leal, Geraldo *Pergunte ao seu Avô. História de Salvador, Cidade da Bahia*. 1996

⁶⁷⁶ PASSOS (1995).

⁶⁷⁷ Idem p.45.

que ficavam sufocadas com a autoridade das religiosas, mas que se submetiam, mesmo porque a autoridade representava para a jovem daquele momento, como algo natural e necessário, mostrando-se consoante com os princípios defendidos em suas casas e certamente na sociedade. Namoro, sexo, virgindade eram assuntos tabu, só referidos quando inevitável, quando houvesse necessidade, escândalo, chamando então o médico e o pai da aluna. Sobre o corpo, o discurso não ultrapassava o biológico e antes dos anos 40, nem assim. A palavra virgem era substituída por pura, no sentido de intocada.

O espaço da escola - como também o espaço doméstico - é certamente um produto histórico e social complexo, onde se entrelaçam vários elementos e estratégias de controle social em relação às mulheres. Foucault apontou as estratégias de repressão do corpo - particularmente o feminino - nesses espaços chave de exercício de poder na constituição dos sujeitos. A confusão que se estabelecia entre o desconhecimento do desejo, - em termos da expressão natural da sexualidade - e o processo repressivo em ação pode facilmente ser lida em um dos depoimentos das entrevistadas de Passos: “No começo, a gente nem sabia que história era aquela”.

E não sabiam mesmo. As revistas femininas também eram pontuadas por conselhos de recato e bom comportamento, os conteúdos envolvendo o preparo das moças para o casamento (seções de enxovais, bordados, pensamentos e poemas românticos) ou assuntos recorrentes sobre moda, corte e costura, decoração, arte-culinária etc. Esses últimos tinham o mérito de nas famílias mais ricas, onde a mulher podia dispor de empregada para os afazeres domésticos mais pesados, estimular sua criatividade. Algumas, afastadas do trabalho no mundo público, trabalhavam em casa, ensinando corte e costura ou um instrumento musical - principalmente piano - ou dando “banca” às crianças com dificuldade de aprendizado. Todo o desenvolvimento da mulher era, portanto, sempre vinculado às tarefas do seu mundo feminino, ao interior da casa, à convivência com outras mulheres e com as crianças. Temas sobre sexualidade, problemas da adolescência e a possibilidade de realização de desejos que não fossem ligados ao casamento eram praticamente inexistentes.

Já a experiência educativa exercida pelo Instituto Feminino teve suas peculiaridades. Desde a sua fundação, em 1923, apresentava-se como inovadora, pois acenava para uma perspectiva de preparar as jovens para o mercado de trabalho - proposta possivelmente decorrente do que se passava no país e no estado, fazendo jus às influências européias.⁶⁷⁸

⁶⁷⁸ PASSOS (1993).

Naquele ano, inicia-se então o Curso Técnico de Contabilidade e cursos de pequena duração, de datilografia e estenografia.⁶⁷⁹ Contudo, como o Instituto seguia fielmente os princípios da Doutrina Católica, os ensinamentos científicos eram por eles norteados. Assim, para Passos, a prática pedagógica, as atividades extracurriculares como também o material didático conformavam normas morais rígidas, que visavam formar mulheres “moralmente fortes”. Analisando o currículo do curso técnico, a autora constata que os conteúdos eram pulverizados, o curso era muito teórico e que nenhuma das disciplinas técnicas foi desdobrada nos anos seguintes.⁶⁸⁰ O ensino mais positivo era concentrado na área de letras (português, inglês e francês eram ensinadas todos os anos), na formação religiosa e moral e nas atividades extracurriculares.⁶⁸¹

O curso ginásial era fundamentado em uma filosofia semelhante. O Ginásio Feminino da Bahia, fundado em 1946⁶⁸², seguia critérios rígidos no sentido de modelar o caráter das futuras cidadãs que, de acordo com os padrões que a sociedade de então exigia, significava ser boas esposas e mães.⁶⁸³

A biblioteca selecionava os livros que deviam ser lidos pelas jovens (entre eles, “Coleção Menina e Moça” e a “Biblioteca das Moças”)⁶⁸⁴ onde a orientação para as jovens era no sentido de serem dóceis, amigas e companheiras, moderadas nos gestos, recatadas no namoro, noivado e casamento. O prazer no sexo era pecaminoso, sua finalidade era a reprodução e sua prática devia ser exclusivamente dentro do casamento. Separação e divórcio eram desaconselhados, pois caracterizava o descumprimento do sacramento do matrimônio.

Desse modo, o ideal de oferecer um curso técnico profissionalizante - aspiração do Instituto Feminino - não se cumpriu, uma vez que o mesmo estava comprometido com a política de manutenção da estrutura social existente, evitando que contradições emergissem, pois que trariam, embutidas, o perigo da sua superação. Os anseios femininos, em decorrência

⁶⁷⁹ Na prática, dificuldades de clientela média e alta, que não precisava trabalhar para viver e, ideologicamente, carregava uma tradição cultural mais forte acerca do papel feminino na sociedade prejudicou as aspirações do Instituto.

⁶⁸⁰ Idem, p. 46 a 50. A formação deficiente foi comprovada nas entrevistas, diante da dificuldade encontrada pelas mulheres em desenvolver uma atividade profissional na área de contabilidade (só a partir de 1946 é que o curso enfatiza o ensino de contabilidade).

⁶⁸¹ Atividades informais como o “Círculo Social de Estudos” e o “Curso de Tradição da Bahia”, em 1948, foram de grande aceitação pela comunidade de ambos os sexos. A transcrição de livros em Braille para o Instituto de Cegos da Bahia e a criação do Museu (1935) para divulgar a cultura da mulher baiana (agulhas, rendas, flores, vestidos), depois de 1944, com três exposições por ano, são ações vistas positivamente pela autora.

⁶⁸² Porém, desde 1925 existia no Instituto o Curso Propedêutico, com três anos de duração, que equivalia ao ginásio.

⁶⁸³ As disciplinas focalizavam as áreas de comunicação e conhecimento gerais: prendas femininas, canto orfeônico, línguas, economia doméstica e trabalhos manuais, religião e educação física. Nas entrevistas e nos álbuns ilustrativos preparados pelas alunas foi confirmada a ênfase dada no ensino à vida no lar, desde o casamento, criação dos filhos e receitas culinárias. Disciplinas ligadas à filosofia ou sociologia que ajudassem a ter um entendimento da realidade de forma engajada e totalizada, como as oferecidas nos ginásios masculinos, estavam completamente ausentes.

⁶⁸⁴ Títulos como “Do amor ao casamento” (da autoria de um casal de médicos católicos), “Cartas à minha filha” e “Carta às Moças” são citados pela autora. O tom dos mesmos é aquele do conselho amigo, sobre a concepção, desvirginção, parto: “o amor é visto como panacéia ou poção mágica”.

da mudança por que passava a sociedade até o final da década de 40 - de acordo com Passos - não conseguiram mudar o papel das mulheres, que continuaram sendo formadas para serem boas mães e esposas.⁶⁸⁵

Contudo, podemos nos perguntar: qual a relação entre essa visão de mundo, por parte das mulheres, e o que algumas revistas populares, a partir de 1947, começavam a veicular? o que estava acontecendo em alguns bairros de Salvador? (como no Rio Vermelho, por exemplo, para ficarmos naquele recorte espacial onde se inseriu o Parque Cruz Aguiar).

Comparando os artigos do periódico carioca *Revista da Semana* - um dos mais difundidos entre aqueles de circulação nacional - observamos que uma mentalidade conservadora, evidente nas edições de 1945⁶⁸⁶, vai abrindo espaço para mudanças. No número 44 lemos, entre outros devaneios mais ou menos semelhantes, que “a constituição frágil das mulheres sugere repouso, doçura, placidez. Tudo é frágil e macio nas criaturas do sexo feminino: a epiderme, as mãos pequenas, a timidez da alma, a brandura do coração, tudo nas mulheres conduz à indolência”.

Que a mulher trabalhe nas tarefas domésticas, na administração da casa, na criação dos filhos ou - como inúmeras - já sejam trabalhadoras chefes de família parece irrelevante: é para as moças de elite, que se preparam para serem boas donas de casa, esposas obedientes e mães zelosas que os artigos seriam dirigidos. E mais, o argumento da “natural” fragilidade, maciez e doçura das moças fica “provado”, faz delas pessoas indolentes, incapazes, pois, para o trabalho.

Já em 1947, são freqüentes expressões como “a emancipação da mulher brasileira depende dela própria”, ou a afirmação de que as mulheres querem cada vez mais exercer uma profissão ou participar da política (citando a vereadora Maria Lúcia Bittencourt, depois deputada constituinte, em 1947 e a deputada Eloísa Prestes). A colaboração, na *Revista da Semana*, das escritoras Ruth Guimarães e Ondina Ferreira, e sua conseqüente influência, também vão mudar o teor de alguns artigos. No número 2, de 1947, a última escreve uma longa “Carta Aberta às Solteiras”, no qual instiga as jovens a se prepararem não somente para o casamento, mas para a vida, não considerando o trabalho como um interlúdio que o casamento - mais cedo ou mais tarde - encerrará; discorre sobre o número de mulheres já

⁶⁸⁵ Esse quadro naturalmente não é generalizável. Até ao anos 20, a maioria das mulheres freqüentava só o curso primário, onde a ênfase era em noções de língua francesa, canto, piano e prendas domésticas. No curso normal outros conteúdos foram acrescidos pois, a partir de 1930 já existia um mercado de trabalho feminino que exigia um preparo profissional. Costa Leal lembra que Heddy Cajueiro, em 1927, era professora de inglês no Ginásio da Bahia e Amábia Gramacho era datilógrafa do Estado. COSTA LEAL (1996) p. 54.

⁶⁸⁶ Outras revistas femininas como “Alterosa” e “Capricho”, segundo Passos, alimentavam a ideologia da submissão feminina nas suas fotonovelas: “...o sacrifício materno era incontestável, porque natural”.

envolvidas no serviço público, educação, jornalismo, rádio e negócios como também nas letras contemporâneas - citando os nomes das premiadas em concursos. E continua: “Não descreiam de sua capacidade, nem limitem suas aspirações” pois feliz é a época em que nasceram e “devem estar aptas a construir suas vidas com recursos próprios”.⁶⁸⁷ A luta pelos direitos civis das mulheres é outro tema abordado, e entre aquelas que batalham e batalharam pelos mesmos é citada Mary Wollstonecraft, a primeira feminista a publicar, em 1798, uma obra voltada para os direitos da mulher: *A Vindication of the Rights of Woman*.⁶⁸⁸

Por outro lado, não podemos esquecer as imagens sedutoras das artistas de cinema, nos seus *desabilleés* acetinados, e das propagandas de colônias e cosméticos, dos pós de arroz Yardley, do batom Van Ess “para convidar ao beijo” e de todo um arsenal que estava na contracorrente do discurso dos educandários.

Ora, todos esses temas estão em contraposição àqueles ensinados nas escolas, e a *Revista da Semana* - de grande tiragem nacional - certamente alcançava um número significativo de leitoras, até mesmo pelo interesse que tinham as jovens pelas fotos dos astros e estrelas de cinema reproduzidas aos montes na revista, pois as utilizavam para confeccionar os famosos “álbuns de artistas”, *hobby* que estava então na moda.

Por outro lado, para as jovens solteiras que estudavam nos colégios – religiosos ou não - a ida e a volta para casa nos bondes que se dirigiam para os diferentes bairros (carros ainda eram raros), o convívio com os jovens do bairro onde moravam; a prática de esportes como assinalada anteriormente; as idas ao cinema ou à sorveteria com as amigas significavam o contato com o mundo público, mas também com os pares: compartilhando segredos e descobrindo os mundos do amor nos namoros - muitos deles às escondidas. D. Stella Calmon Teixeira, comentando os namoros desse período declara que nos anos 30 era diferente:

“(...) o namoro era de longe, a pessoa passava, a gente ficava de cima, só olhando, não tinha negócio de porta, não tinha negócio de sair junto (...). Agora, lá no Rio Vermelho, o negócio já era diferente, o pessoal já passeava, já ficava conversando na balastrada, já estava mais adiantado”.⁶⁸⁹

⁶⁸⁷ O artigo de Ondina Ferreira traz também estatísticas sobre as “solteironas” em outros países e no Brasil, estimulando-as para que não entrem na ‘*classe melancólica das titias*’ as quais, antigamente, eram dignas de lástima, mas que agora têm um mundo à frente para exercerem seus potenciais, até porque ‘*a mulher que é absorvida excessivamente pela família, não utiliza todas as suas possibilidades, deixa mudas muitas cordas*’. Em outro artigo (nº 47, de 1946) a escritora se detém na questão habitacional, usa o termo “sem-teto” e, demonstrando sua preocupação com questões sociais, aborda os movimentos populares afirmando que os envolvidos estão certos de participarem de atos de justiça social.

⁶⁸⁸ O livro foi publicado em Londres pela Johnson, 1798. Existem inúmeras traduções em diversas línguas, a versão mais nova, em inglês, é de 1998 (Köln: Könnemann Ed.) Na primeira parte da obra, de 362 páginas, a autora escreve uma carta a Edmund Burke, respondendo ao seu *A Vindication of the Rights of Man*, ocasionado pelas suas reflexões sobre a Revolução na França.

⁶⁸⁹ Salvador. Fundação Cultural da Bahia. *Rio Vermelho* Projeto História de Bairros. Empresa Gráfica da Bahia 1988, p.92. O ano referido por D. Stella nesse último parágrafo é 1937, mas deve ter havido um lapso, pois a balastrada, referência de grande importância para os moradores do bairro, só foi concluída em 1939/1940 (Relatório do Município de Salvador ao Governador Landulfo Alves pelo engrº Durval Neves da Rocha. Bahia, 1940).

O fato era que a balaustrada sempre foi um ponto de encontro de grupos, amigos e namorados, local de onde se apreciava o belo pôr-do-sol sobre o mar, cenário romântico para as trocas amorosas.

Pequenas sorveterias e a Confeitaria Oceânica eram outros espaços de interação social dos moradores do bairro. A Confeitaria Oceânica localizava-se no conhecido “Sobrado da Pastelaria”, na entrada do o Parque Cruz Aguiar; para quem vinha do “Largo de Santana”, do lado direito. Possuía um bar - exibindo mesas redondas, com tampos de mármore europeu - o qual, embora freqüentado mais por homens, propiciava, entre os bares da época, um espaço mais requintado, comparável às confeitarias de cidade.⁶⁹⁰

Nos namoros, praticar ou não pequenos pecados, não parecia ser motivo de muitos comentários entre as jovens, talvez mesmo devido à educação repressora das escolas e certamente ao sentimento de culpa que lá lhes era inculcado. Todavia, isso não impedia que, mesmo raramente, o “grande pecado” fosse cometido, quando havia a possibilidade de fugir do controle dos pais ou de, literalmente, fugir: Glória “fugiu” com Antônio, Maria “fugiu” com Roberto, escândalo comentado e re-comentado no bairro, mas que, com o tempo, era finalmente absorvido principalmente, é claro, se a fuga terminasse em casamento oficializado.

Além de “fugir”, ação que antes de ser concretizada podia levar um tempo maior ou menor nas combinações (usando as estratégias possíveis - incluindo ou não a cumplicidade de outrem). Um outro termo, também vinculado ao tabu sexual era “programista”, alcunha atribuída às moças que assumiam seu comportamento mais permissivo, o qual constituía um mundo de mistério (mas não tanto) para as demais.

Dessa forma, se compararmos com aquela juventude idealizada pelos colégios católicos, nem tudo se passava como o formulado, exposto, sonhado, indicado e aspirado na sociedade que oprimia e reprimia a mulher fora e dentro de casa.⁶⁹¹ O espaço doméstico - de seguro, protetor, acolhedor - podia, assim, se tornar um lugar inseguro e até hostil para aquelas (e aqueles)⁶⁹² que viviam momentos de completo desamparo, principalmente quando seus sentimentos eram misturados ou confundidos com aquele da culpa, inculcado pelos pais e educadores. Sentimentos de solidão e outros associados à insegurança de serem “anormais” ou “diferentes” dos outros, em alguns casos, levaram tanto mulheres quanto homens - por

⁶⁹⁰ PORTO FILHO (1999) O autor registra também a presença da elite nesse espaço. No início, a freqüência era particularmente da colônia alemã a qual, com as mudanças ocorridas no período da guerra e o calor das discussões políticas, foi abandonando o lugar.

⁶⁹¹ Para os rapazes, porque para homens, a história era outra, embora - também para muitos - difícil de lidar.

⁶⁹² Aos rapazes, a proximidade com membros de grupos vistos como maus elementos, ou com pescadores ou moradores de áreas pobres vizinhas, vistos com preconceito, como o Buraco Doce, no limite do Camorugibe, ou até com uma turma de Itapagipe, considerada como “arruaceiros”, eram a principal razão da preocupação e controle dos pais.

motivos ligados ao controle da sexualidade ou de comportamentos considerados impróprios ou inaceitáveis - a distúrbios mentais e até - (em alguns casos) - a atos extremos.

6.7 Desfazendo “naturalismos”

Paralelamente à existência desse controle - que reprime atitudes e comportamentos tidos como impróprios ou indesejáveis e que esconde emoções e ações de sujeitos, os quais, constituídos e gerenciados no espaço doméstico, também se impõem através de resistências ou transgressões -, uma recusa em esconder aquilo que escondido deve permanecer também pode ser investigada.

Para Vidler e Rakatanski,⁶⁹³ que investigam conexões existentes entre espaços arquitetônicos e a constituição do sujeito, essas ações podem ser examinadas em termos de seu envolvimento em um tipo de “inconsciente arquitetônico reprimido”⁶⁹⁴ - ou seja, a repetição acrítica daqueles espaços portanto inconsciente - e que o exame desse inconsciente arquitetônico revela certas brechas e inconsistências dentro do campo social do qual narrativas críticas e estratégias podem emergir.

O projeto de arquitetura, como o campo social, abriga sempre algum deslize, algum vazio, algum resíduo que não pode ser abrigado, institucionalizado, escondido. Nesse sentido, Rakatanski sugere que a definição de arquitetura poderia ser “o gerenciamento do que pode ser ou não escondido”, citando entre as coisas que recusam ser escondidas, os comportamentos considerados anômalos, a sexualidade, os odores e - podemos acrescentar - os deslocamentos e / ou aproximações de grupos sociais heterogêneos.

Se lembrarmos que em Salvador a hierarquia dos grupos sociais, a variedade étnica existente e a repressão de expressões sexuais sempre permearam aspectos das relações humanas - carregadas de injustiças, preconceitos e repressões -, não fica difícil perceber a que comportamentos estabelecidos no corpo da sociedade os setores em que se divide o espaço doméstico (inibindo contatos e privilegiando convenções sociais) estiveram respondendo e correspondendo - enquanto repetidos inconscientemente. Transgressões e, portanto, falhas, seriam os comportamentos carregados de impropriedades que, muitas vezes, não foram possíveis esconder ou dissimular.

⁶⁹³ VIDLER (1992) e RAKATANSKI (1992). Vidler extrapola o espaço doméstico ampliando sua interpretação para o espaço urbano, afirmando que essa estória de fantasmas começa na casa, como um “*Unheimlich*” doméstico, mas se desloca, no século XIX, para um “estranho” metropolitano. O indivíduo acha que a cidade se volta contra ele, e ele reage com todo o medo e terror que caracteriza a claustrofobia e a agorafobia. Essas não são experiências de um estranho na cidade, mas do morador para quem a cidade se torna estranha - como coloca Vidler “*um distanciamento da realidade, forçado pela realidade*”. O movimento é sempre do familiar para o estranho. Para detalhes no mesmo tema, aplicado às experiências da mulher ver Meyer (1996) p.141/156.

⁶⁹⁴ Reprimido porque fundado no conceito “*Unheimlich*” que, para Freud, constituía o retorno do reprimido. Porque o reprimido não é o que é permanentemente excluído, mas o que retorna continuamente para colocar as coisas fora do lugar. Especialmente na casa. FREUD (1977) p. 278.

Por outro lado, como o que deve ser escondido recusa-se a assim permanecer, ele deve ser administrado com base em representações constantes de convenções de ordem arquitetônica e de propriedade⁶⁹⁵, mecanismos que são também muitas vezes mascarados - como assim o são as ideologias (sociais e institucionais) - que tendem a administrar a visibilidade de práticas próprias e de outros.

Esses autores têm utilizado o conceito “estranho familiar”, formulado por Freud em um pequeno texto intitulado *Das Unheimliche*,⁶⁹⁶ tomando-o como um termo para se referir àquilo que se recusa a permanecer escondido.⁶⁹⁷ Entendido como oposto a *Heimlich* (familiar), *Unheimlich* seria exílio - tudo o que está sem lar. Mas *Unheimlich* não é apenas a negação do lar: é o que está dentro da casa e começa a desfazer o lar. Definir o termo para Freud também é difícil e fazê-lo é parte da sua investigação. Freud parte de associações etimológicas e lexicográficas do que é *Heimlich*, encontrando, entre outras, aquilo que é íntimo, amigo, pertencente à casa, o prazer do ambiente de quietude, o provedor do sentimento de descanso, segurança e proteção (como o encontrado dentro das quatro paredes de casa) que, aliás, como vimos no capítulo introdutório, permeia quase todos os discursos da arquitetura e de sua gênese.

Todas essas associações realmente resumem o *topos* literário e filosófico da casa, segundo Freud. Porém, afirma ele, uma outra série oculta de significados, afastada da visão, está presente: comportar-se *Unheimlich* seria fazê-lo como se houvesse alguma coisa para esconder, lugares *Unheimlich* seriam os que as boas maneiras nos obrigam esconder, enquanto arte *Unheimlich* seria mágica. Há uma série de conotações que se transformam em *Unheimlich*. Longe de serem mutuamente exclusivos, *Heimlich* “torna-se” *Unheimlich*; *Unheimlich* contém *Heimlich* e *Unheimlich* a um só tempo⁶⁹⁸

⁶⁹⁵ Além de Catherine Ingrahan, autora trabalhada na parte introdutória da presente tese, outros autores a exemplo de EVANS (1998), VIDLER (1992), RAKATANSKI (1992), WIGLEY (1992) e FRIEDMAN, (1996) têm examinado, nos Estados Unidos e na Europa, a produção da arquitetura no tempo a partir de conceitos foucaultianos, freudianos e da filosofia contemporânea.

⁶⁹⁶ Em português o artigo de Freud é intitulado “O Estranho”. *Unheimlich* é traduzido em inglês por *uncanny*. Em francês o termo adotado é “estranheza inquietante” (*inquiétante étrange*). Para detalhes ver FREUD (1977)

⁶⁹⁷ O *status* do conceito é ainda, de certa forma, incerto. Não é uma categoria formal, nem histórica, nem cultural embora tenha referência em cada uma delas. Em alemão *Unheimlich* insiste em sua associação com a casa. Neste sentido constitui tudo o que desestabiliza a fantasia da casa (lar) e das relações imaginadas no seu âmbito. A literatura, a filosofia e os textos de arquitetura ocidentais são permeados pela fantasia autoritária da casa: é o próprio espaço do sujeito, na verdade é o sujeito como um lugar. Pensamentos de identidade, relações entre o dentro da identidade e o fora da identidade são pensadas como morada. Voltar é voltar para casa. Sentir-se bem é sentir-se em casa. Existe uma ampla base referencial que confia na ligação inconsciente entre a identidade do sujeito e a casa. E mesmo que o termo envolva sobreposições - a casa, a cidade, a nação - a casa é sempre uma versão do corpo, onde o “eu” vive. Cada uma das projeções reassegura “*minha coerência, minha identidade, meu corpo*”. RAKATANSKI (1992)

⁶⁹⁸ Os autores acima citados, na nota 135, têm trabalhado esses conceitos. EVANS (1978) observa como, na produção romântica do século XIX, a exemplo da *Red House*, (da autoria de Phillip Web e propriedade do reformador socialista William Morris), o medievalismo implicava apenas na forma, pois os espaços domésticos obedeciam a todos os requisitos que a casa burguesa deveria ter, principalmente naqueles ligados à possibilidade de contatos impróprios entre os moradores. VIDLER (1992) também analisa as casas do Romântico Sublime em “*The architecture of the Uncanny*”. O autor argumenta

Assim, *Unheimlich* não é, na verdade, nada de novo ou estranho, mas alguma coisa familiar e estabelecida na mente que se tornou estranha pelo processo de repressão, ou seja, *Unheimlich é Heimlich*, é o que já está dentro, o familiar que retorna como não familiar. Portanto, não deve surpreender que os mecanismos e convenções que disfarçam o trauma desta “estranheza” devam, eles próprios, tentar permanecer velados e reprimidos, para que a ideologia que mascaram pareça natural, estável, inalterável.⁶⁹⁹

Defendemos que, por trás do modelo de espaço doméstico que vimos questionando neste trabalho, estão representações constantes de convenções de ordem arquitetônica e de propriedade, que permaneceram veladas - conscientemente ou não - nos projetos arquitetônicos modernistas analisados e nos textos que contam sua história.⁷⁰⁰ Na verdade, obedecendo e reforçando aquele espaço doméstico do século XIX, esses projetos constituíram um dos processos mais contundentes de repetição em arquitetura. Como diz Colomina, a perpetuação do modelo se dá pela existência - paralela à história desse espaço, a história de sua interpretação - que o reforça na sua constituição. Trata-se de uma história dos mecanismos escondidos através dos quais esse espaço, depois de construído, é reconstituído e reforçado, inclusive pelos especialistas do espaço, os próprios arquitetos.⁷⁰¹ E sua grande ameaça, podemos agora identificar, é o que está dentro da casa e começa a desfazer o lar.

Diante do exposto até agora parece que podemos inferir que a questão fundamental em relação ao espaço privado corresponde não apenas às funções que ele deve prover em relação ao uso, atividades e estética, mas que outras funções básicas estão ligadas ao estereótipo institucionalizado, representado pelo modelo tri-partite. Isto é, o espaço doméstico teria como função mecanismos de gerenciamento para reforçar as relações sociais e psicológicas adequadas, “próprias” e mecanismos de defesa, para proteger contra relações sociais e psicológicas perigosas, “impróprias”, ou seja, tudo o que tem de permanecer escondido e secreto, como coloca Rakatanski⁷⁰².

que esta situação lingüística ambígua está presente na estrutura narrativa da casa mal assombrada do século XIX. Não que a mesma seja representativa de um tipo de edificação. É que desde que a casa é um lar, ela pode ser assombrada. Aquela que na primeira página aparece como uma imagem de segurança, se abre para o terror. Porém esse terror resulta não necessariamente da invasão de algo forasteiro, mas de um estranho duplo no qual um lugar de segurança torna-se um túmulo, onde o sujeito é ameaçado por sua réplica. Para ele, essas estórias de ‘fantasmas’ começam na casa, como um *Unheimlich* doméstico, mas se deslocam, no século XIX, para um “estranho” metropolitano. O indivíduo acha que a cidade se volta contra ele, e ele reage com todo o medo e terror que caracteriza a claustrofobia e a agorafobia. Essas não são experiências de um estranho na cidade, mas do morador para quem a cidade se torna estranha - como coloca Vidler “*um distanciamento da realidade, forçado pela realidade*”. O movimento é sempre do familiar para o estranho. Já WIGLEY (1992), desvenda as regras, convenções e transgressões, onde a dicotomia *Heimlich / Unheimlich*, relacionadas com as questões de gênero, também é desconstruída.

⁶⁹⁹ RAKATANSKI (1992)

⁷⁰⁰ É bom lembrar que essa organização espacial é elogiada enquanto preenchimento de atributos que a tornam funcional, isto é, enquanto obedece a princípios funcionalistas da arquitetura moderna do século XX, segundo, por exemplo, a interpretação de Gunther Weimer, estudando casas semelhantes em Porto Alegre.

⁷⁰¹ COLOMINA (1992).

⁷⁰² RAKATANSKI (1992).

Compreendemos, no entanto, que é difícilimo, se não impossível, como argumenta Rakatanski, escapar das instituições como também o é das ideologias. Entretanto, alguma coisa é possível, uma tarefa infindável: o desenvolvimento de habilidades para perceber e examinar a estruturação das instituições, esforço que o presente trabalho representa no que diz respeito particularmente às instituições ligadas à medicina, à família, à educação e à arquitetura.

7 CONCLUSÃO

A arquitetura é a expressão da própria alma da sociedade, mas é apenas a alma ideal da sociedade, que tem autoridade para comandar e proibir, (esconder e dissimular) que se expressa nas composições arquitetônicas.

George Bataille

A construção do espaço privado em Salvador, nas décadas de 30 e 40 do século XX, foi o resultado do processo sócio-histórico que envolveu as transformações por que passou a família, principalmente a partir do último quartel do século XIX.

O regime patriarcal - que dominou as relações sociais na família extensiva dos primeiros séculos da colonização, quando a casa ainda era uma unidade de produção e consumo -, embora atenuado no século XX, institucionalizou-se na família nuclear, que então passa a habitar a casa, comprometida com os papéis diferenciados entre seus membros. As características dessa casa, contudo, serão bem diferentes daquelas de uma outra casa que lhe antecedeu.

Essas diferenças podem ser observadas em duas dimensões: a pública e a privada. A primeira enfoca a inserção das habitações na cidade. Salvador possuía dimensões reduzidas e abrigava usos mistos na maioria das suas edificações. A maioria das atividades comerciais tinha lugar nas ruas e nos pavimentos térreos dos sobrados, cujas portas, abertas de par em par, tornavam-no um prolongamento das ruas, facilitando permanentemente o contato entre as pessoas - com exceção das sinhás - no seu isolamento doméstico. Do meado do século XIX em diante, deu-se um fenômeno de transposição residencial, inicialmente para o bairro da Vitória, reforçando a distinção entre ricos e as camadas médias inferiores e/ou os trabalhadores e trabalhadoras. Essa transformação e, em particular, o desaparecimento gradativo de certas formas de sociabilidade pública, mudou profundamente as regras da vida social. A sociabilidade e a intimidade dentro da casa - a dimensão privada, portanto - passa a ter importância cada vez maior, e esta transferência é traduzida na nova distribuição do espaço doméstico - o que irá reforçar as fronteiras entre o público e o privado.

Concorreu para o estabelecimento desse novo ideário não apenas os saberes ligados à medicina, ao direito e ao urbanismo, como normalmente admitido, mas também aquele relativo à arquitetura, tanto nos aspectos técnicos e estéticos quanto - ou até principalmente - no da sua adequação à nova sociedade: os profissionais eram formados no sentido de estimular, através das concepções espaciais que adotavam nos seus desenhos, condutas que eram consideradas as únicas “próprias” aos membros das famílias para quem projetavam.

A exclusão das mulheres na aquisição desses saberes - em uma sociedade que adotava tipos de conhecimento diferenciados, de acordo com o gênero - e sua obediência aos resultados que lhe eram impostos (via manutenção do sistema de valores) resultam na distinção do *status* por gênero, e o papel do espaço arquitetônico é manter essa condição.

Esses valores fundamentais foram representados principalmente pela doutrina do liberalismo como base - que no campo da arquitetura propiciou uma atitude de busca de liberdade criativa⁷⁰³ -, pelo aparecimento do sentimento do privado, pela necessidade crescente de espaço próprio, pela aspiração do que viria a ser denominado *comfort* e pelas exigências da higiene, os quais constituíram, todos eles, fatores decisivos para as transformações.

No fim do século XIX e início do século XX, as residências - nos bairros do Distrito da Vitória e em outros também valorizados - ficavam recuadas em relação à rua e aos vizinhos; exibiam jardins através de grades e portões, e seu espaço interno passou a ser distribuído segundo as três zonas claramente discerníveis: a social, a íntima e a de serviço. As relações na família eram inequivocamente espacializadas, e refletiam os papéis e os direitos atribuídos a cada um de seus membros.

Parece que uma redefinição da domesticidade como aconteceu nos Estados Unidos e na Europa, como apontado em alguns exemplos, no Capítulo 4, não aconteceu por aqui. Nesses exemplos, ocorreu uma fusão do feminismo com as forças de mudança na arquitetura, propiciando experimentos originais - como sinal de uma nova visão de vida.

Em Salvador, a repetição do zoneamento nas três áreas - malgrado a recepção da nova arquitetura - se manteve, expressando os valores morais e as regras de convivência que a burguesia incutiu sobre seus membros, eternizando desigualdades. Antes mesmo de entrar na casa, os empregados já são segregados com a introdução da entrada de serviço, enquanto a zona íntima - definitivamente compartimentalizada - reforça a separação entre pais e filhos e entre meninos e meninas.

No modelo de casa então perpetuado, a localização dos corpos, a distribuição dos indivíduos nas relações de um com o outro, a organização hierárquica, as regras a serem seguidas constituíam a instituição familiar que - combinada com a educação diferenciada entre homens e mulheres - formavam barreiras para o conhecimento. Diferentes opções de vida já se apresentavam para meninos e meninas - que internalizavam papéis apropriados de gênero, resultantes da interação dos pais com os filhos e filhas, iniciando um processo que

⁷⁰³ Na Europa, essa busca coincidiu com a crise do desenho acadêmico e do ensino da arquitetura (longe das normas e tradições). Henri Labrouste e Viollet le Duc, por exemplo, criam academias próprias.

reproduzia um *status* inferior para as mulheres -, as quais continuaram evidenciadas nas experiências das jovens nos educandários de Salvador. A superposição de duas instituições (familiar e educacional) conduziu à naturalização dos papéis - que regulava as relações de gênero.

Diretamente ligadas à socialização, estavam as tarefas domésticas (que eram responsabilidade das mulheres) e as atividades de produção - como pode ser observado desde os primeiros séculos da colonização até as décadas de 1930 a 1940, passando pelo início da industrialização do século XIX para o XX.

Contudo, sem pretender construir outro discurso no sentido de subverter o argumento até agora apresentado, não podemos esquecer que as relações de gênero são continuamente elaboradas de acordo com as variadas situações e hierarquias sociais. As mulheres eram sujeitos, agindo de acordo com os impasses que lhes eram postos, e assim procuravam equilibrar suas vidas, encontrando momentos prazerosos e usufruindo-os de acordo com as suas possibilidades. Vianna observa várias instâncias em que, cuidando de sua aparência na espera de visitas, preparando refeições - ou mesmo guloseimas -, costurando e bordando para si ou para os seus, as mulheres exerciam seus dotes culinários e artísticos, certamente ávidas para vê-los reconhecidos.⁷⁰⁴ O peso da responsabilidade no cuidado com os filhos também era compensado com o prazer em vê-los crescer, acompanhando de perto o seu desenvolvimento e seus progressos no dia a dia - certas da importância do seu papel na estruturação da sociedade.

A possibilidade das alunas exibirem suas qualidades intelectuais e artísticas nos eventos e exposições dos educandários - onde muito do seu potencial certamente se perdeu - também se apresentava como afirmação das suas capacidades, como exemplificado nos colégios referidos acima.

Por outro lado, observamos também que rituais, maneiras, linguagem, comportamentos e a separação de atividades - como registrado no decorrer do tempo que antecedeu e incluiu as décadas em estudo - funcionaram como mecanismos pelos quais sistemas de dominação e subordinação foram mantidos.

Além do mais, tratando das diferenças de gênero, outras particularidades, apontadas por Spain⁷⁰⁵, também foram importantes na estruturação desses sistemas. Para a autora, as questões do controle da propriedade, do trabalho remunerado e da participação política também estão associadas aos contextos espaciais, geográficos e arquitetônicos nos quais elas

⁷⁰⁴ VIANNA (1979)

⁷⁰⁵ Spain (1991)

ocorrem. A recorrência a Spain nos leva a considerar como a instituição jurídica, a idéia da inadequação ou incapacidade da mulher para o trabalho que não seja o doméstico (ou outros a ele análogos) e o próprio espaço doméstico perpetuam aquelas diferenças e como o acesso ao conhecimento diferenciado - como vimos nos educandários soteropolitanos - reforça as práticas tradicionais no interior do espaço privado. Essas práticas estão disseminadas no universo doméstico onde a mulher deve cumprir seu papel de esposa, mãe e dona de casa e o conhecimento que ela vai adquirir reforça seu papel tradicional. O *status* da mulher é inferior ao do homem - uma vez que distribuído desigualmente -, o que facilita a sua exclusão do mundo público e a ausência de reconhecimento do seu trabalho, principalmente aquele que ela conseguia realizar fora das fronteiras do mundo privado.⁷⁰⁶

Do ponto de vista da distribuição e disposição espacial interna das residências, fica evidente que elas refletem valores culturais e ideologias específicas. Enquanto a forma externa - como a das diferentes expressões estilísticas aqui analisadas, antes e mesmo durante a utilização da estética modernista - pode ser ditada pela limitação topográfica, pela moda, pelo gosto ou pelo custo de materiais, a forma interna é ditada pela combinação de tradição e relações culturais, sociais e políticas, ou seja, as casas não são formadas tão somente pelos materiais, ferramentas e técnicas construtivas ou de conforto ambiental, mas principalmente por idéias, valores e normas. Não podem ser vistas apenas como estruturas utilitárias, mas como um projeto de vida a ser consumado.

Essa concepção de projeto, segundo nossa investigação, é resultado de um programa que vem sendo repetido acriticamente, seja em casas ou em apartamentos. Como vimos, no decorrer da pesquisa, os modos críticos de interpretação das ciências humanas, de maneira geral, e os da teoria crítica feminista - na avaliação dos espaços privados das residências e nas leituras que deles foram e são feitas - ajudam-nos a ver outras dimensões da consciência e da estrutura sócio-política que afetam a forma e o conteúdo na arquitetura e, dentro delas, a construção do sujeito. A arquitetura, portanto, além de arte, é ato.

No seu exercício, a instituição e a institucionalização da repetição programática do espaço doméstico tornaram naturais conceitos que são construções mentais, não dando visibilidade aos preconceitos que esse espaço estimula e repete.

Na disciplina da arquitetura e no exercício do projeto, essa repetição está imbuída de naturalismos e razões simbólicas sedimentadas, representados, principalmente, pela segurança

⁷⁰⁶ Foi preciso que, depois do advento da Nova História e dos movimentos de emancipação da mulher já na segunda metade do século passado somados ao trabalho das feministas que a história da mulher e o reconhecimento de suas realizações se tornassem públicas.

e conforto, paz e harmonia - que o primeiro abrigo, metafórico mas poderoso, transformou a casa de todos nós.

REFERÊNCIAS

- ALENCASTRO, Luiz Fernando. “Vida Privada e Ordem Privada no Império”. In SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da Vida Privada no Brasil*, vol. 2, São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ALMEIDA, Maria Amélia. *Feminismo na Bahia 1930-1950*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. FFCH-UFBa, 1986.
- ALMEIDA, Maria do Carmo. *A Renascença Bahiana*. Dissertação de Mestrado. PPGAU - FAUFBa, 1997.
- AMORIM, Luis. “*House of Recife: from diachrony to synchrony*”. *Proceedings Volume X. Domestic Space*, Xerox. 2000.
- ANDERSON, Stanford. “Critical Convencionalism in Architecture” in *Assemblage*, 1. Mass: MIT Press, 1986.
- ANDERSON, Stanford. “The Fiction of Function” in *Assemblage*, 2. Mass: MIT Press, 1987, p. 19-31.
- ARANTES, Otilia. *O Lugar da Arquitetura depois dos Modernos*. São Paulo: EDUSP, 1993.
- ARAÚJO, Anete. “A Construção do Movimento Moderno: entre a arquitetura e a historiografia” in CARDOSO, Luis Antonio Fernandes e OLIVEIRA Olívia. (Orgs.). *(Re)Discutindo o Modernismo. Universalidade e diversidade do Movimento Moderno em arquitetura e urbanismo*. Salvador: Mestrado em Arquitetura e Urbanismo MAU-FAUFBa, 1997, p. 148-154.
- ARAÚJO, Anete. “Espaço Privado Moderno e o Raumplan de Adolf Loos”. In *RUA Revista de Arquitetura e Urbanismo*, nº 7. Salvador: Mestrado em Arquitetura e Urbanismo MAU-FAUFBa, 1999, p. 148-154.
- ARAÚJO, Anete. *Aspectos Físicos e Ambientais: Bairro da Saúde*. Xerox.1986.
- ARAÚJO, Heloísa. *Inventário de Legislação Urbanística de Salvador: 1920-1966: as novas regras do jogo para o uso e abuso do solo urbano*. Dissertação de Mestrado. MAU-FAUFBa, 1992.
- ARAÚJO, Heloísa; CARDOSO, Christina. *EPUCS - Uma Experiência de Planejamento Urbano*. Salvador: FAUFBa. Xerox, 1988.
- ARGAN, Giulio Carlo. “As Fontes da Arta Moderna”. In *Novos Estudos*. Cadernos CEBRAP, setembro, 1987, p.49-56.
- ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A. 1981.
- ARRHENIUS, Thordis. “Restoration in the Machine Age.Themes of Conservation in Le Corbusier’s Plan Voisin”. In *AA Files. Annals of the Architectural Association School of Architecture* nº 38, Spring, 1999.
- AUGEL, Moema Parente. *Visitantes estrangeiros na Bahia oitocentista*. São Paulo: Cultrix, 1980.

- AZEVEDO, Carlos. *Solares Portugueses*. Introdução ao Estudo da Casa Nobre. Lisboa: Livros Horizonte, 1969.
- AZEVEDO, Paulo Ormino. “Crise de Modernização Nova Arquitetura dos Anos 30 em Salvador”. In SEGAWA, Hugo *Arquitetura no Brasil / anos 80*. São Paulo: Projeto Editores Associados Ltda, 1989, p. 14-18.
- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BARONE, Ana Claudia. *TEAM 10. Arquitetura como crítica*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.
- BAUER, Catherine. *The Modern House*. London: George Allen & Unwin Ltda, 1935.
- BENEVOLO, Leonardo. *A História da Cidade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1983.
- BENEVOLO, Leonardo. *História da Arquitetura Moderna*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.
- BENTON, Tim. *Form and Function. A Source for the History of Architecture and Design 1890-1939*. London: Open University, 1975.
- BERMANN, Marshal. *Tudo que é Sólido se Desmancha no Ar*. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BONDUKI, Nabil. “Habitação Social e Arquitetura Moderna: a expressão dos conjuntos residenciais dos IAPs (1938/1954)” In CARDOSO, Luiz Fernandes; OLIVEIRA, Olívia (Orgs.). *(Re) Discutindo o Modernismo. Universalidade e Diversidade do Movimento Moderno em Arquitetura e Urbanismo no Brasil*. Salvador: Mestrado em Arquitetura e Urbanismo MAU-FAUFBa, 1997, p.221-250.
- BORNHEIM, Gerd. *Sartre*. 2.ed. São Paulo: Editora Perspectiva Coleção Debates, 1984.
- BRANDÃO, José. *A Revolução de 30 na Bahia*. Salvador: UFBA, 1980.
- BRANDÃO, Maria. “Origens da Experiência Periférica de Salvador”. *Revista Planejamento*. Vol nº 5, 1977.
- BRECIANI, Maria Stella. “Permanência e Ruptura no Estudo das Cidades”. In *Cidade e História. Modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX*. In FERNANDES, Ana; GOMES, Marco Aurélio Filgueiras (Orgs.). Salvador: Mestrado em Arquitetura e Urbanismo MAU-FAUFBa, 1992, p. 11-26.
- BUNCH, Charlotte. *Passionate Politics: Feminist Theory in Action*. New York: St. Martin’s Press, 1987.
- BRUAND, Ives. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- CAMISASSA, Maria Marta. “Desvelando alguns Mitos: as revistas modernas e a arquitetura moderna”. In *(Re)Discutindo o Modernismo. Universalidade e Diversidade do Movimento Moderno em Arquitetura e Urbanismo*. CARDOSO, Luiz Antonio; Oliveira, OLÍVIA (Orgs.). Salvador: Mestrado em Arquitetura e Urbanismo MAU-FAUFBa, 1997, p. 129-38.

- CAMISASSA, Maria Marta. “Problemas em Pesquisas Históricas: Le Corbusier e a Arquitetura Moderna no Brasil”. In *Revista Pós* (FAU-USP), Número Especial 2. Setembro, 1996.
- CARDOSO, Luiz Antonio Fernandes. *Entre Vilas e Avenidas*. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. MAU-FAUFBa, 1991.
- CARONE, Edgard. *O Tenentismo*. São Paulo: Editora Difel, 1975.
- CASTRO, Mary Garcia. “O Conceito de Gênero e as Análises sobre a Mulher e Trabalho: Notas sobre Impasses Teóricos. In *Gênero e Família*. Salvador Caderno CRH, nº 17.: Fator, jul / dez 1992, p. 80-105.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural. Entre práticas e representações. Coleção memória e Sociedade*. Lisboa: DIFEL, 1990.
- CHOAY, Françoise. *Utopias e Realidades. Uma Antologia*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.
- CIUCCI, Giorgio. “The Invention of the Modern Movement”. In *Oppositions*. New York. The Institute for Architecture and Urban Studies, nº 24, 1981, p. 69-91.
- COLOMINA, Beatriz. “Battle Lines” in *The Sex of Architecture*. In AGREST, Diana; CONWAY, Patrícia; WEISMAN, Leslie (Editors). *The Sex of Architecture*. New York: Harry N. Abrams, Inc. Publishers, 1996, p. 73-128.
- COLOMINA, Beatriz. “The Split Wall: Domestic Voyeurism”. In: Colomina, Beatriz (ed) *Sexuality & Space*. New York: Princeton Architectural Press, 1992, p. 73-134.
- COLLINS, Peter. *Changing Ideals in Modern Architecture 1750–1950*. London: Faber Faber, 1965.
- COSTA, Ana de Lourdes Ribeiro da. *Ekabó! Trabalho escravo, condições de moradia e reordenamento urbano em Salvador no século XIX*. Dissertação de Mestrado MAU-FAUFBa, 1989.
- COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- COSTA, Lúcio. “Razões da Nova Arquitetura”. In *AU Arquitetura e Urbanismo*. IAB, janeiro, 1936, p. 26 - 43.
- COSTA, Lúcio. *Sobre Arquitetura*. Porto Alegre: CEUA - Centro de Estudos Universitários de Arquitetura, 1962.
- COUTINHO, Maria Lucia Rocha. *Tecendo por trás dos Panos*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1994.
- CRITELLI, Dulce Mára. *Analítica do Sentido* São Paulo: Educ Editora Brasiliense, 1996.
- DAHER, Luis Carlos. *Flávio de Carvalho: Arquitetura e Expressionismo*. São Paulo: Projeto Editores, 1982.
- DALY, Cezar. *L’architecture privée sous Napoleon III*. Paris: R. Morel, 1864.
- DAMATTA, Roberto. *A Casa e a Rua. Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- DANTAS, Julio. Título (?). In *AU Arquitetura e Urbanismo*. Maio / junho, 1937.

- DE CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano*, 2ªed., São Paulo: Vozes, 1996.
- DEL PRIORE, Mary. *Ao Sul do Corpo; condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- DEL PRIORE, Mary. “Ritos da Vida Privada”. In: SOUZA, Laura de Mello (Org.). *História da Vida Privada no Brasil. Cotidiano e vida privada na América Portuguesa* vol. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 275-330.
- DOCOMOMO. *Modern Architecture in Hungary 1930-49*. Printed by PARKS Kft. 1996.
- DUARTE, Hélio. “O Primeiro Prédio de Apartamentos em Condomínio na Bahia”. In *Técnica. Revista de Engenharia*, nº 1, 1941.
- DUARTE, Hélio. Inquérito sobre a distribuição espacial do Comércio, Terreiro e São Pedro.” In *Técnica. Revista de Engenharia*, nº 7 set/out, 1941.
- EISENMAN, Peter. “The end of the classical, the end of the beginning, the end of the end.” In *Perspecta*, nº 21, 1984, p. 155 -172.
- ELEB-VIDAL; DEBARRE-BLANCHARD. *Architectures de la Vie Privee. Maisons et Mentalités XVII-XVIII siècles*. A Bruxelles: AAM Editions, 1989.
- ENCICLOPÆDIA BRITANNICA. Verbete Levittown (1967).
- EVANS, Robin. “Figures, Doors and Passages” in *Architectural Design*, April, 1978, p.267-278.
- FERNANDES, Ana; GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras. “Idealizações Urbanas e a Construção da Salvador Moderna: 1850-1920” In: FERNANDES, Ana; GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras (Orgs.). *Cidade e História. Modernização das Cidades Brasileiras nos séculos XIX e XX*. Salvador: UFBA. Mestrado em Arquitetura e Urbanismo; ANPUR, 1992, p. 53 - 69.
- FERRAZ, Fernando. *Poder Médico: da Urbe à Família (A emergência de um saber sobre a cidade)*. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. MAU-FAUBa, 1994.
- FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. *Salvador das Mulheres: condição feminina e cotidiano popular na Belle Époque imperfeita*. Salvador: Dissertação de Mestrado em História. FFCH-UFBA, 1994.
- FERREZ, Gilberto. *Bahia: Velhas Fotografias 1850-1900*. Rio de Janeiro: Kosmos Editora; Salvador: Banco da Bahia Investimentos, 1989.
- FONSECA, Raimundo. *Fazendo Fita: cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897-1930*. Salvador: Centro de Estudos Baianos, 2002.
- FOUCAULT, Michel. “An Interview with Foucault” in *History of the Present* 1, 1985.
- FOUCAULT, Michel. “Of Other Spaces”. In *Diacritics*, Vol.16, Spring, 1986. Tradução: Anete Araujo (Xerox) 1998.
- FOUCAULT, Michel. “Questions in Geography” in *Power/Knowledge*. New York: Pantheon, 1980.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir. História da violência nas prisões*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1977.
- FRAMPTON, Kenneth. *História Crítica de la Arquitectura Moderna*. 6.ed. ampliada. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli S. A., 1996.

- FRAZER, Nancy. “Que é Crítico na Teoria Crítica? O argumento de Habermas e Gênero”. BENHABIB, Seyla; CORNELL, Drucilla (Orgs.). in *Feminismo como Crítica da Modernidade: Releitura dos pensadores contemporâneos do ponto de vista da mulher*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos Ltda, 1987, p.38-65.
- FREUD, Sigmund. “O Estranho” in *Obras Completas*, vol. 17. Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Imago Editora. Coordenação: Jayme Salomão. 1977, p. 275-298.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos. Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora. Vol. 2, 1968.
- FRIEDMAN, Alice. *Women and the Making of Modern House. A social and architectural history*. New York: Harry N. Abrams, 1998.
- FRIEDMAN, Alice. “Not a Muse: the clients role at Rietveld’s Schröder House”. In Agrest, Diana; Conway, Patrícia; Weisman, Leslie (Editors) *The Sex of Architecture*. New York: Harry N. Abrams, Inc. Publishers, 1996, p. 217-232.
- GAMA e ABREU, Edith. *Problemas do Coração: considerações sobre o amor e o casamento*. Bahia Oficinas Graphics d’ Luva, 1930.
- GEA, Lúcia Segala. “Arquitetura residencial da elite porto-alegrense: 1893-1924”. In GÜNTHER, Weimer (Org.). *História, Teoria e Cultura*. Porto Alegre: Unisinos, 2000, p. 11-26.
- GINSBURG, Mosei. *Style and Epoch*. Oppositions Books. Cambridge, Massachusetts and London: MIT Press, 1982.
- GLÜPPEL, Griselda. “A Casa Urbana no Brasil Colonial”. In *Portugal/Brasil – Brasil/Portugal: duas faces de uma realidade artística*. Lisboa: Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses, 2000, p. 209-221.
- GORDILHO, Walter. “Espaços Livres e Áreas Verdes em Urbanismo”. In *Técnica. Revista de Engenharia*, nº 1. - Salvador, 1941.
- GREENHALGH, Peter. *Modernism in Design*. United Kingdom: Reaction Books, 1990.
- GROPIUS, Walter. *Bauhaus: A Nova Arquitetura*. 2.ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.
- GÜNTHER, Weimer. *Arquitetura Modernista em Porto Alegre entre 1930 e 1945*. Porto Alegre: Série Corona. Editorial Porto Alegre, 1998.
- HABERMAS, Jürgen “Arquitetura Moderna e Pós-moderna”. In *Novos Estudos*, nº 18. Cadernos CEBRAP, Setembro, 1987.
- HALL, Catherine White, *Male and Middle Class. Explorations in Feminism and History*. Cambridge: Plity, 1992.
- HARRISON, Charles. *Modernismo*. São Paulo: Cosac& Naift Edições, 2000.
- HARVEY, David. *A Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- HASELSTEINER, Edeltrat. “Espaços Femininos - espaços / sonhos de cozinhas” In *Architektur Theorie*, 2001, p. 132-139. Tradução: Marcio Campos. Xerox, 2001.
- HAYDEN, Dolores. *The Grand Domestic Revolution. A History of Feminist Designs for American Homes, Neighborhoods and Cities*. Cambridge, Mass. London: MIT Press, 1981.
- HAYS, Michael. *Modernism and the posthumanist subject. The Architecture of Hannes Meyer and Ludwig Hilberseimer*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1992.

- HEIDEGGER, Martin. "Building Dwelling Thinking". In Heidegger, *Poetry, Language, Thought*. New York: Harper, 1971.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Parte 1. Petrópolis: Editora Vozes. 5.^a edição, 1995.
- HENDERSON, Susan. "The Revolution in the Woman's Sphere: Grete Lihotzky and the Frankfurt Kitchen" In *Architecture and Feminism*. COLEMAN, Elizabeth; HENDERSON, Carol; Debra, DANZE, (Editors). Yale Publications in Architecture. Princeton Architectural Press, 1996, p. 221-253.
- HEYDEN, Hilde. "What belongs to Architecture? Avant-garde ideas in the Modern Movement" in *The Journal of Architecture*. Volume 4, Summer-1999, p. 129-143.
- HILLIER, William, HANSON, Juliette. *Decoding Houses and Homes*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- HILLIER, William, HANSON, Juliette. *The Social Logic of Space*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- HIRST, Paul. "Foucault and Architecture" In *AA Files. Annals of the Architectural Association School of Architecture*, nº 26. Autumn, 1993, p. 52-60.
- HITCHCOCK, Henry Russel. *Modern Architecture*, New York, Hacker Art Books, 2 ed. 1970.
- HOLLIER, Denis. *Against Architecture. The Writings of George Bataille*. Cambridge: the MIT Press, 1989.
- hooks, bell. *Talking Back*. Boston: South End Press, 1989.
- HUDSON JR., Hugh. *The Stalinization of Soviet Architecture 1917-1937*. New Jersey: Princeton University Press, 1994.
- HUYSEN, Andréas. *Memórias do Modernism.*, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.
- INGRAHAN, Catherine. "Animals 2: The Problem of Distinction" In *Assemblage 14*. May, 1992, p. 25- 29.
- INGRAHAM, Catherine. "The Faults of Architecture: Troping the Proper" In *Assemblage 7*. October, 1988 , p. 7-13.
- JACOBS, Jane. *The Death and Life of Great American Cities*. New York: Vintage Books, 1963.
- JOHNSON, Phillip; HITCHCOCK, Henry-Russell. *The International Style*. 3.ed. New York, London W.W.Norton & Company, 1996.
- KENNETH, Reid. *One Hundred Houses. A House for Cheerful Living*. New York: Reinhold Publishing Corporation, 1947.
- KERR, Robert. *The English Gentleman's House*. London: 1864.
- KOLLONTAI, Alexandra. *Marxismo e Revolução*. São Paulo: Global Editora, Teoria: Coleção Bases, 42, 1982.
- KOOP, Anatole. *Quando o Moderno não era um estilo e sim uma Causa*. São Paulo: Nobel, 1990.
- KOTTER, Fred. *The Harvard Architectural Review*. (Editorial). MIT Press vol. 1. Spring, 1980.

- LANDAU, Royston. "The History of Modern Architecture that still needs to be written. *In AA File.s Annals of the Architectural Association School of Architecture*, nº 21 London: 1991.
- LEAL, Geraldo Costa. *Pergunte ao seu avô. História de Salvador, Cidade da Bahia*, 1996.
- LE CORBUSIER. *Como Conceber el Urbanismo*. Buenos Ayres: Ediciones Infinito, 1959.
- LE CORBUSIER. *Por uma Arquitetura*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.
- LE CORBUSIER. *The Radiant City*. London: Faber and Faber Limited, 1967.
- LEITE, Márcia Maria da Silva Barreiros. *Lazer e Educação das Mulheres de Elite em Salvador: 1890-1930*. Dissertação de Mestrado. Mestrado em História FCHF-UFBA, 1997.
- LEITE, Rivaldo Costa. *A Bahia Civiliza-se. Ideais de civilização e cenas anti-civilidade em um contexto de modernização urbana. Salvador 1912-1916*. Salvador: Dissertação de Mestrado em História. FFCH-UFBa, 1998.
- LLEÒ, Blanca, *Sueño de Habitar*. Colección Arquithesis, nº 3. Madrid: Fundación Caja de Arquitectos, 1998.
- LEMOS, Carlos. *A República ensina a morar (melhor)*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- LEMOS, Carlos. *Cozinhas, etc. Um estudo sobre as Zonas de Serviço da Casa Paulista*. 6.ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.
- LEMOS, Carlos. *História da Casa Brasileira*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1996.
- LIMA, Lana Lage da Gama (org). *Mulheres, adúlteros e padres. História e Moral na sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987.
- LUCAS, Fábio. "Arquitetura Moderna Brasileira". *In Xavier, Alberto. Depoimentos de uma geração*. São Paulo: ABEA / FNA / PINI, 1987.
- MALUF, Marina e MOTT, Maria Lucia. "Recônditos do Mundo Feminino" In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da Vida Privada no Brasil. República: Da Belle Époque à Era do Rádio*. vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 367-421.
- MARINS, Paulo César. "Habitação e Vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópolis brasileiras" in SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da Vida Privada no Brasil*. vol. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MATTOSO, Kátia de Queirós. *Bahia: a cidade do Salvador e seu mercado no século XIX*. São Paulo: Editora Hucitec Ltda. Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978.
- MATTOSO, Kátia de Queirós. *Família e Sociedade na Bahia do século XIX*. São Paulo: Corrupio. Brasília: CNPq, 1988. (Tradução: James Amado).
- MARQUES, Sônia. "Arquitetura Brasileira, uma Pós-Modernidade mais do que Contraditória". *In RUA Revista de Arquitetura e Urbanismo nº 7*, julho-dezembro. Salvador Mestrado em Arquitetura e Urbanismo MAU-FAUFBA, 1999, p. 82 a 95.
- MCDOWEL, Linda. "Unsettling Naturalisms" in *Signs: Journal of Women in Culture and Society* Vol. 27, nº 31, 2002.
- MCLEOD, Mary. "Every Day and Other Spaces" in *The Sex of Architecture*. AGREST, Diana Diana; CONWAY, Patrícia e WEISMAN, Leslie (Editors). New York: N. Abrams, Inc Publishers, 1996, p. 15-28.

- MCLEOD, Mary. "Furniture and Femininity". In *AA Files Annals of the Architectural Association School of Architecture*, nº 15, January, 1987, p. 3-13.
- MELO, Marcos André B. C. "O Estado, o boom do século e a crise da habitação". In *Cidade & História: Modernização das Cidades Brasileiras nos séculos XIX e XX*. Salvador: UFBA. Mestrado em Arquitetura e Urbanismo; AMPUR, 1992, p. 147-168.
- MEYER, Esther da Costa. "La Donna è Móbile: Agoraphobia, Women, and Urban Space" in *The Sex of Architecture*. AGREST, Diana; CONWAY, Patrícia e WEISMAN, Leslie (Editors) New York: Harry N. Abrams, Inc Publishers, 1996, p. 141-160.
- MIKELIDES, Byron. *Architecture for People* London: Studio Vista, 1980.
- MONNIER Gérard "O lugar da França na História da Arquitetura Moderna do Século XX". Tradução: Maria Yêda F. S. de Filgueiras Gomes. In *RUA, Revista de Urbanismo e Arquitetura*, nº 07. Mestrado em Arquitetura e Urbanismo MAU/UFBA, 1999, p. 72-81.
- MURICI, Katia. *A Razão Cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo*. São Paulo Companhia das letras, 1988.
- MUTHESIUS, Hermman. *The English House*. Sharp, Dennis (Editor). London: Crosby Lockwood Staples, 1979.
- NASCIMENTO, Anna Amélia. *Dez Freguesias em Salvador*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1985.
- NASCIMENTO, Valdinei Lopes. *Diógenes Rebouças, Arquiteto Salvador na rota da modernidade (1942-16665)*. Dissertação de Mestrado MAU-FAUFBA, 1998.
- NEDER, Gislene. "Ajustando os Focos das Lentes: um novo olhar sobre a organização das famílias no Brasil". In *Família Brasileira a base de tudo*. Kaloustian Sílvio M. (Org.) 4ª edição. UNICEF. Editora Cortez, 1994, p. 26-46.
- NEEDELL, Jeffrey. *Belle Époque Tropical*. São Paulo. Companhia das Letras, 1993.
- NEVES, Berilo. "Opinião". In *Revista da Semana*, nº 4, De 11 de janeiro. Rio de Janeiro: Companhia. Editora Americana, 1930.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. *Existência, Espacio y Arquitectura*. Barcelona: Editorial Blume, 1975.
- NOVAES, Consuelo. *Bahia Antiga*. Salvador: UFBA, 1977.
- OCEPLAN. PLANDURB. *EPUCS - Uma Experiência de Planejamento Urbano*. Salvador: 1976.
- OCKMAN, Joan. "Mirror Images: Technology, Consumption and Representation of Gender in American Architecture since World Warr II". In CONWAY, Patrícia WEISMAN, Leslie (Editors), *The Sex of Architecture*. New York: Harry N. Adams, Inc. Publishers, 1996, p. 191-210.
- OLIVEIRA, Olívia. "Notas sobre algumas páginas mais ou menos modernas. O modernismo na Bahia através das revistas" In *RUA Revista de Arquitetura e Urbanismo* nº 7, julho-dezembro. Salvador Mestrado em Arquitetura e Urbanismo MAU-FAUFBA, 1999, p. 12-23.
- OLIVER, Paul. *Cobijo y Sociedad*. Madrid: H. Blume Ediciones, 1978.
- PASSOS, Elizete Silva *A Educação das Virgens: um estudo do cotidiano no Colégio N. Sra. Das Mercês*. Rio de Janeiro: Editora Universitária Santa Úrsula, 1995.

- PASSOS, Elizete Silva. *Mulheres Moralmente Fortes: o ideal perseguido pelo Instituto Feminino da Bahia: 1945-1955*. Salvador: Gráfica Santa Helena, 1993.
- PEDRO, Joana Maria. *Mulheres Honestas e mulheres faladas; uma questão de classe*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1994.
- PEIXOTO, Fernando. *Brecht: vida e obra. Notas reunidas nos escritos sobre teatro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- PERES, Fernando da Rocha. *Memórias da Sé*. Salvador: Macunaíma, 1974.
- PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História. Operários, Mulheres e Prisioneiros*. 2.ed Coleção Oficinas da História, Vol. 12. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- PEVSNER, Nikolaus. *Os Pioneiros do Desenho Moderno. De William Morris a Walter Gropius*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda. 1980.
- PINHEIRO, Eloísa Petti. *Europa, França e Bahia. Difusão e adaptação de modelos urbanos (Paris, Rio e Salvador)*. Salvador: EDUFBA, 2002.
- PINHEIRO, Gerson Pompeu. (Título?) In *AU Arquitetura e Urbanismo*. Julho / agosto, 1937.
- PINHO, Wanderley. *Salão e Damas do 2º Reinado*. Rio de Janeiro: Livraria Martins, 1942.
- PLANDURB. Inventário de Loteamentos. Prefeitura Municipal de Salvador, 1977.
- PORPHYRIOS, Demetri. "On Critical History". In *Architecture, Criticism, Ideology*. MCLEOD, Mary (Org.). Princeton: Princeton Architectural Press, 1985, p.16-21.
- PORTO FILHO, Ubaldo Marques. *Rio Vermelho*. Salvador: AMARV. Associação dos Moradores e Amigos do Rio Vermelho, 1991.
- PRADO, Maria Lígia Coelho "Lendo Novelas no Brasil Joanino". In *América Latina no Século XIX. Tramas, Telas e Textos*. 4.ed. São Paulo: Edusp 1999.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE SALVADOR. *Relatório de 12/04/1940 a 31/12/1941 apresentado ao Interventor Dr. Landulfo Alves, pelo Prefeito Durval Neves da Rocha*. Bahia: 1942.
- RAGO, Margareth. *Anarquismo & Feminismo no Brasil*. Departamento de História da UNICAMP.
- RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar. A Utopia da Cidade Disciplinar*. Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985
- RAKATANSKI, Spatial Narratives. In *Harvard Architecture Review*, nº 8. 1992, p.103-120.
- REIS, Adriana. *Um Tratado sobre a Educação de Cora*. Dissertação de Mestrado em História. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. FFCH - UFBA, 1998.
- REIS, João José. *A Morte é uma Festa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- REIS, João José "Cotidiano e Morte no Brasil oitocentista". SOUZA Laura de Mello (Org.). In *História da Vida Privada no Brasil. Cotidiano e vida privada na América Portuguesa* vol.1 São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- REIS, João José. *Rebelião Escrava no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. *Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial*. São Paulo: Edusp e Imprensa Oficial, 2000.

- REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da Arquitetura no Brasil*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.
- RIKWERT, Joseph. *La Casa de Adan en el Paraíso*. Colección Arquitectura e Crítica. Barcelona: GG Reprints, 1999.
- ROBERTS, Marion. *Living in a man made world. Gender assumptions in modern housing*. London: Rutledge, 1991.
- ROLNIK, Raquel. “Lar, doce lar...(a história de uma fórmula arquitetônica)”. In *AU Arquitetura e Urbanismo*, nov/1985, p. 112-113.
- ROSSI, Aldo. *A Arquitetura da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- ROWE, Collin. *The Mathematics of Ideal Villas and other essays*. Mass: MIT Press, 1976.
- RUDOFISKY, Bernard. *Architecture without Architects*. Connecticut: Connecticut Printers, 1964.
- RUGENDAS, João Mauricio. *Viagem Pitoresca através do Brasil*. São paulo: Livraria Martins Fontes, 1940.
- RYBCZYNSKI, Witold. *La Casa. História de una Idea*. Buenos Ayres: emecé Editores, 1993
- SAEGERT, Susan. “Masculine Cities and Feminine Suburbs: Polarized Ideas, Contradictory Realities”. In *Women and the American City*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1998, p. 93-108.
- SALVADOR. Assembléia Legislativa da Bahia. *Bahia de Todos os Fatos. Gente da Vida Republicana 1889-1991* Salvador: 1997
- SALVADOR. *Comissão do Plano da Cidade do Salvador*. Semana de Urbanismo (Conferências) Salvador: Cia Editora Graphica da Bahia, 1937.
- SALVADOR. Fundação Cultural do Estado da Bahia. *Rio Vermelho. Projeto História de Bairros*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1988.
- SALVADOR: *Inventário de proteção ao Acervo Cultural*. AZEVEDO, Paulo Ormino. (Org.). Secretaria de Indústria e Comércio IPAC-SIC , 1975.
- SAMPAIO, Consuelo Novaes. “Movimentos Sociais na Bahia de 1930” In *Universitas* nº 29 Salvador, jan/abr, 1982, p. 95-108.
- SAMPAIO, Antônio Heliodório. *(Outras) Carta de Atenas. Contextos e originais*. Salvador: Editora Quarteto, 2002.
- SAMPAIO, Heliodório. “A Ideologia do Movimento Moderno e a Cidade”. In CARDOSO, Luiz Antônio Fernandes; OLIVEIRA, Olívia (Org). *Re(Discutindo) o Modernismo. Universalidade e Diversidade do Movimento Moderno em Arquitetura e Urbanismo no Brasil*. Salvador: Mestrado em Arquitetura e Urbanismo MAU-FAUFBa, 1997, p. 57-69.
- SAMPAIO, Heliodório. *Formas Urbanas: cidade real & cidade ideal*. Salvador: Editora Quarteto, 2000.
- SAMPAIO, Heliodório. “Em Busca da Modernidade: três desenhos para Salvador”. In FERNANDES, Ana; GOMES, Marco Aurélio Filgueiras (Orgs) *Cidade e História: modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX..* Salvador: MAU-FAUFBa, 1992, p. 159-168.
- SANTOS, Carlos Nelson Ferreira. “Dizei-me cidade brasileira se alguma arquitetura há tão bela e tão altaneira”. São Paulo: Revista *Projeto*, nº 53, Julho / 1983, p. 36-40.

- SANTOS, Milton. *Território e Sociedade*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.
- SANTOS, Paulo. *Quatro Séculos de Arquitetura*. Rio de Janeiro. Coleção IAB, 1981
- SCHAPOCHNIK, Nelson. “Cartões Postais, Albuns de Família e Ícones da Intimidade”. In SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da Vida Privada no Brasil . República: da Belle Époque à Era do Rádio*. vol. 3, 1998..
- SCHPUN, Mônica Raiza. *Beleza em Jogo. Cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*. São Paulo: SENAC; Boitempo Editorial, 1997.
- SCOTT, Joan. “História das Mulheres” in *A Escrita da História*. Peter Burke (Org.). 2ª edição. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- SEGAWA, Hugo. *O amor ao Público. Jardins no Brasil*. São Paulo: FAPESP Studio Nobel, 1996.
- SENNET, Richard. *O Declínio do Homem Público. As tiranias da intimidade*. 6.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SEVCENKO, Nicolau. “A Capital Irradiante: técnica, ritmos e risos do Rio”. In SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da Vida Privada. República: da Belle Époque à Era do Rádio*. vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na Metrópole. Sociedade e Cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SHERWOOD, Roger. *Modern Housing Prototypes*. Cambridge, Massachussets, London:Harvard University Press, 1978.
- SILVA, Albérico. *Joazeiro e Petrolina: Ideologia e Desenho Urbano*. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Arquitetura e Urbanismo MAU-FAUFBa, 1989.
- SILVA, Maria Angélica. *Arquitetura Moderna. A Atitude Alagoana*. Maceió: UFA - Universidade Federal de Alagoas, 1991.
- SIMÓ, Trinidad. *Formación del Espacio Burgues*. In *Fragmentos* nº 15/16. Madrid, 1989.
- SMARCEVSKI, Lev. “Residência Cintra Monteiro”. In *Técnica Revista de Engenharia*, nº 27, 1948.
- SPAIN, Daphne. *Gendered Spaces*. Chapel Hill and London: University of North Carolina Press, 1991.
- SUÁREZ, Naia Álban. *Deconstrução do Modelo Epuciano* de Salvador.Trabalho apresentado no 7º Seminário de Arquitetura Latino Americano, São Carlos, agosto, 1995.
- SUÁREZ, Naia Álban. *Morfología Urbana en la Ciudad de Salvador / Brasil. Nuevos Barrios Proyectados y su Relación con la Ciudad Heredada*. Tesis Doctoral. Universidad Politécnica de Madrid. Escuela Técnica Superior de Arquitectura.
- SUMMERSON, John “The City as an Artefact”. In Handlin, Oscar and Burchard, John (orgs) *The Historian and the City*. Cambridge, Mass. and London: MIT Press, 1963.
- SÜSSEKIND, Arnaldo at al. *Introdução ao Direito do Trabalho*. Vol. 2.São Paulo: Ltr, 2003.
- SWENARTON, Mark. “Rationality and Rationalism: The theory and practice of city planning in Modern Architecture 1905-1930”. In *AAFiles. Annals of the Architectural Association School of Architecture*, 1983, p. 49-59.

- TAFURI, Manfredo; DAL CO, Francesco. *Modern Architecture*. London: Academy Editions, 1980
- TAFURI, Manfredo. *Teorias e História da Arquitetura*. Lisboa: Presença Ltda, 1979.
- TAFURI, Manfredo. *Architecture and Utopia. Design and Capitalist Development*. Cambridge, Massachusetts, and London: The MIT Press, 1982.
- TEIXEIRA, Manuel. "Portuguese Traditional Settlements: A result of cultural miscegenation" in *Journal of the International Association for the study of Traditional Environments*. Vol. 1. 1990.
- TEYSSOT, Georges "The Disease of the Domicile". iIn *Assemblage* nº 14, 1991.
- VALÉRY, Françoise Dominique "As Mulheres na Cidade Contemporânea". In MULHER, revista *Paradigmas*. Edição Especial. Natal: Universidade Potiguar. Março, 2000.
- VERGER, Pierre. *Notícias da Bahia - 1850*. Salvador: Corrupio. Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1981.
- VERÍSSIMO, Francisco Salvador e BITTAR, William S. Mallmann. *500 anos da Casa no Brasil. As transformações da arquitetura e a utilização do espaço de morar (melhor)*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- VEYNE, Paul. "Nem fatos, nem geometral, mas tramas". In *Como se Escreve a História*. Brasília: Edunb, 1982.
- VIANNA, Hildegardes *A Bahia já foi assim*. São Paulo: GDR; Brasília INL, 1979.
- VIDLER, Anthony. *The Architectural Uncanny: Essays in the Modern Unhomely*, MIT Press, 1992.
- VILHENA, Luis dos Santos. *A Bahia no século XVIII*. Salvador: Itapuã, 1969.
- VITRÚVIO. *Os Dez Livros da Arquitetura*. In Vitrúvio da Arquitetura. Tradução de Marco Aurélio Lagonegro. Introdução de Julio Roberto Katinsky. São Paulo: Editora Hucitec, 1999.
- WAISMANN, Marina. *La Arquitectura em la Era Posmoderna*. Cuadernos Escala, 19xx (?)
- WARD, James "Les Terraces" in *Architectural Review*. March, 1985, p. 63-68.
- WEIMER, Günther. *Arquitetura Modernista entre 1930 e 1945 em Porto Alegre*. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1998.
- WERNECK, Nelson. *Síntese da História da Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- WHITTICK, Arnold. *Arquitectura Europea del Siglo XX* (Tomo 2). Barcelona: Editorial AHR, 1955.
- WIGLEY, Mark. "Untitled: The House of Gender". In COLOMINA, Beatriz (Org.). *Sexuality & Space*. New York: Princeton Architectural Press, 1992, p. 327-389.
- WOLLSTONECRAFT, Mary. *A Vindication of the Rights of Woman*. Köln: Könemann Ed., 1998.
- XAVIER, Alberto. (Org.) *Depoimentos de uma Geração*. São Paulo ABEA / FNA / PINI, 1987.